BIBLIOTECA BRASILEIRA DE FILOLOGIA — N.º 14

ERNESTO FARIA

(Catedrático de Língua e Literatura Latinas da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Distrito Federal.)

Gramática Superior da Língua Latina

Editoração eletrônica:
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Esta edição é sem fins lucrativos e visa apenas ao uso acadêmico.

LIVRARIA ACADÊMICA
RIO DE JANEIRO
1958

Ao Professor Jacques Perret,

em homenagem de aprêço, estima e admiração

PREFÁCIO

O trabalho que ora apresentamos ao público destina-se, de um modo geral, a todos os que se dedicam ao estudo da língua latina: professôres do ensino médio, alunos dos cursos de letras das Faculdades de Filosofia, candidatos aos vestibulares das mesma Faculdades e das Faculdades de Direito, e até mesmo aos alunos das últimas séries do curso secundário, se bem orientados por seus competentes mestres. Ora, uma obra escrita para um tão extenso campo de leitores exige necessàriamente uma exposição prévia em que se indiquem com clareza, objetividade e franqueza, os fins colimados e, principalmente, o método adotado em sua elaboração.

A primeira finalidade visada foi oferecer ao leitor de língua portuguêsa uma explanação tão completa quanto possível dos fatos da língua latina, não só segundo o critério puramente normativo, mas também, na medida do possível, procurando atender, com rigor científico, às exigências do método histórico. Grande dificuldade, senão a maior, foi o limite imposto pelas próprias proporções do volume, que não deveria ultrapassar a média de umas quinhentas páginas de texto, com o que nos vimos constrangidos a eliminar do presente trabalho tôda uma parte, constituída pelas noções de estilística, e bem assim uma introdução ao estudo da métrica latina. Deixaremos para mais tarde a sua publicação que, sendo em volumes distintos, poderá ganhar um pouco em amplitude, permitindo assim melhor desenvolvimento da matéria. Aliás, tanto um assunto como o outro constituem disciplinas verdadeiramente autônomas e independentes do domínio gramatical, de sorte que não incluí-los aqui não chega a constituir falha grave para a qual não possamos contar com a benévola benignidade do leitor.

Julgamos sinceramente que com a elaboração desta obra viemos trazer nossa contribuição para o progresso dos estudos latinos em nosso país, preenchendo uma lacuna de há muito existente em nossa bibliografia especial da matéria. Feita exceção da Gramática Latina de Madvig, traduzida primorosamente da terceira edição alemã por Epifânio Dias, não há em português uma gramática realmente superior da língua latina. Mas, datando de 1872 a publicação portuguêsa da obra de Madvig, não só se tornou raríssima e de difícil aquisição, como também, pelo lapso de tempo decorrido, em muitos pontos se acha hoje ultrapassada.

Na explanação da matéria procuramos com a maior objetividade apresentar o estado da língua principalmente em seu período clássico, procurando sempre distinguir os empregos, quando divergentes, da prosa e da poesia, ou mesmo da língua familiar e da língua popular. Isto é o que constitui a parte meramente expositiva do trabalho. Segue-se a cada capítulo, sistemàticamente, um "Complemento", destinado a dar do assunto uma visão histórica, ou a discutir com maior

amplitude uma teoria controvertida, apresentando e discutindo as opiniões das mais abalizadas autoridades. Uma de nossas preocupações máximas, tanto numa parte como noutra, foi a de sempre apresentar uma documentação segura e abundante, colhida nos mais significativos autores latinos de tôdas as épocas da língua, incluídos, pois, os arcaicos, como principalmente Plauto e Terêncio, e os imperiais, como Tito Lívio, Sêneca, Tácito, etc. Tal riqueza e amplidão de citações poderia dar uma primeira impressão de ter sido o método histórico da exposição transgredido, pela confusão indiscriminada dos exemplos selecionados em autores pertencentes a vários períodos do latim. Entretanto, essa impressão seria mais aparente do que real, pois que os exemplos dados representam uma documentação imprescindível da explanação histórica, revelando de um lado como determinadas construções são antigas e persistentes na língua e não peculiares ùnicamente ao período clássico, e de outro servindo para mostrar a evolução sofrida por certas formações morfológicas ou sintáticas através da própria língua.

Enfim, cada capítulo vem igualmente sempre encerrado com as "Indicações Bibliográficas", onde são citados com as respectivas páginas os principais tratados referentes ao assunto estudado, especialmente os redigidos em francês, inglês e espanhol, línguas mais accessíveis aos nossos estudantes. Tais "Indicações Bibliográficas" são evidentemente sucintas, atendendo às finalidades da obra, limitando-nos, como dissemos, a citar ùnicamente os principais tratados, eliminando por isso sistemàticamente os artigos de revista, sempre mais dificilmente encontrados, como também alguns livros de mais restrita especialização e por isso mesmo de consulta mais difícil. Nosso intento aqui foi ùnicamente servir, oferecendo ao nosso leitor, discente ou docente, os meios de prover ao seu próprio aperfeiçoamento pela consulta facilitada às grandes autoridades filológicas citadas, e que mais amplamente trataram da matéria. A cada um dos trabalhos referidos, quando pela primeira vez citados, apusemos um curto mas incisivo juízo crítico, dando notícia de seu valor e dos principais méritos que encerra.

Resta-nos por fim ainda uma vez agradecer a esplêndida colaboração que nos prestaram as professôras Estella Glatt e Marlene de Almeida e Cruz, a primeira especialmente no ingrato trabalho da revisão das provas tipográficas e a segunda na elaboração dos índices que finalizam o volume.

Ernesto Faria.

INDEX

INTRODUÇÃO

PEQUENA HISTÓRIA DA LÍNGUA LATINA

I — *A Origem do Latim*

O latim pertence à grande família das línguas indo-européias, como numerosas outras línguas da Europa e da Ásia, entre as quais mencionaremos o grego, o sânscrito, o hitita, etc. Cumpre, porém, desde logo, notar que essa língua polida, manejada com mestria pelos vigorosos escritores da época áurea da literatura latina, não saiu já assim burilada do primitivo indo-europeu. Fruto sazonado de uma prolongada elaboração, representa êsse momento o seu maior esplendor, que no decurso de sua alongada história fôra precedido de vários estágios perfeitamente demarcados. Seguir-se-iam a êle também outros estágios subseqüentes, que iriam culminar na formação das línguas românicas, que nada mais são do que o próprio latim transformado através do tempo e do espaço.

Antes de nos ocuparmos com a história do latim pròpriamente dita, que em suma é a própria história de Roma, com tôdas as suas vitórias e vicissitudes, comecemos por estabelecer-lhe a pré-história, investigando-lhe as origens, tomando, assim, do indo-europeu o nosso ponto de partida.

Não tendo permanecido do indo-europeu nenhum documento escrito, nenhuma inscrição, devemos preliminarmente observar que o indo-europeu como idioma pròpriamente dito não existe. O que há é um sistema de correspondências entre as chamadas línguas indo-européias, correspondências essas que sugerem a pré-existência de uma unidade comum que se convencionou chamar de indo-europeu.

Entretanto, como julgam notáveis lingüistas e filólogos que têm estudado o assunto, não vai o latim prender-se diretamente ao primitivo indo-europeu, mas dêle está separado por outras unidades lingüísticas subseqüentes como o ítalo-céltico e o itálico.

De tal natureza são as particularidades comuns às línguas itálicas (latim, osco, umbro, etc.) e às línguas célticas (bretão, irlandês, gaulês, etc.) em contraposição com as demais línguas da família indo-

-européia, que modernamente já se admite a existência de uma unidade ítalo-céltica, intermediária entre o indo-europeu e as línguas itálicas e célticas. Tais particularidades se vão manifestar principalmente nos domínios da morfologia e da constituição do léxico (1).

Se a unidade ítalo-céltica pode considerar-se como muito provável pelo exame das particularidades comuns a que acima nos referimos, a existência de uma unidade itálica chega a parecer evidente. Isso porque para estabelecê-la há numerosos textos epigráficos dos dialetos itálicos, de cuja comparação com o latim transparece a sua origem comum (2).

Além do latim, os principais dialetos itálicos são o osco e o umbro. O osco era essencialmente a língua dos samnitas, sendo falado com pequenas diferenças regionais no *Samnium*, na *Campânia*, e em parte na *Lucânia*, no *Bruttium* e na *Sicília* norte-oriental. É uma língua de tendências arcaizantes, e nos é conhecido principalmente por duzentas e tantas inscrições, das quais a mais extensa é a *tabula Bantina*, assim chamada por ter sido encontrada em Bântia, cidade da *Apúlia*.

O umbro, ao contrário do osco, era um língua de tendências inovadoras, sendo falado no território da *Úmbria*. Além de algumas curtas inscrições e moedas, nos é principalmente conhecido pela inscrição das *Tábuas Iguvinas*, que são sete tábuas de bronze, onde está gravado o ritual de um colégio sacerdotal de Igúvio.

II — *História Externa do Latim*

Até aqui fizemos a pré-história do latim, estabelecendo, além da longínqua unidade indo-européia, as duas unidades subseqüentes que precederam o latim, isto é, o ítalo-céltico e o itálico (3). Chegou o momento de se traçar a sua história.

Sendo o latim a língua dos romanos, "a história política de Roma e a história da civilização romana explicam a história da língua latina", como com acêrto faz observar A. Meillet (4).

O relato, segundo a tradição, dos primeiros tempos de Roma é positivamente lendário. Dêles, porém, a arqueologia e o estudo das instituições romanas nos permitem uma visão, sem dúvida fragmentária e imperfeita, mas em compensação muito mais verídica. Assim,

---

1) V.E. Faria, Fonética Histórica do Latim, 2.ª ed., pg. 14-16.

2) V. E. Faria, op. cit., pg. 16-19.

3) Cumpre observar que tanto a unidade itálica, como, principalmente, a unidade ítalo-céltica, não são aceitas por vários lingüistas, como Stolz, Devoto e outros. Vide Indicações Bibliográficas.

4) A. Meillet, *Esquisse d'une Histoire de La Langue Latine*, 3.ª ed., pg. 5.

na judiciosa expressão de L. Homo, hoje "indubitàvelmente sabemos pouco, mas começamos a sabê-lo bem" (5).

Roma foi a princípio uma colônia fundada por pastores oriundos dos Montes Albanos, e instalada na parte ocidental do monte Palatino, no cume abrupto do Germal. Seguiu-se a criação de outras pequenas aldeias, que vieram coroar as elevações vizinhas, e que na ordem cronológica foram: a do Fagutal, a do Palatual (o segundo cume do Palatino), a do Querquetual, a do Vélio, a do Ópio e a do Císpio. Tôdas estas colônias eram latinas, havendo ainda uma outra de origem sabina, que só depois da conquista etrusca se fundiria com as precedentes: a do Quirinal-Viminal. Do X ao VIII século a.C., viveram tôdas essas aldeias como independentes e autônomas. Em princípios do VII séc. a.C., porém, com exceção única da colônia sabina, reunem-se numa federação, o *Septimontium* ou Liga Septimoncial, procurando em vão resistir aos etruscos que, vindos provàvelmente do Oriente, empreendiam a conquista sistemática da Itália, na direção do mar Tirreno para o Tibre.

Com a conquista etrusca terminou o primeiro período da história romana, período de vida obscura mas independente. Passando ao domínio dos invasores, cujas cidades eram autônomas e governadas por reis, Roma teve tiranos originários da Etrúria, os Tarquínios. Tarquínio Prisco adotou as insígnias etruscas — o cetro, a coroa de ouro, os doze litores, etc. — e foi, a um tempo, rei construtor e rei guerreiro. Tarquínio o Soberbo continuou a obra do fundador da dinastia, sendo por fim banido, quando se empenhava numa expedição militar fora da cidade.

O enfraquecimento dos etruscos permitiu aos romanos sacudir o jugo estrangeiro, sendo que a invasão dos gauleses, que concomitantemente atacavam os etruscos ao norte e os rechaçavam da planície do Pó, constituiu uma das causas principais do acontecimento. Mas é preciso não esquecer que a influência etrusca foi grande e duradoura. "A religião, a arte e a própria cultura literária, a vida familiar e social acusam em Roma a autoridade de seus primeiros educadores" (6). E antes do mais pode dizer-se que aos etruscos se deveria a fundação de Roma como uma cidade pròpriamente dita, como um verdadeiro estado: "os etruscos destroem a federação do *Septimontium*, anexam o Quirinal-Viminal e, pela unidade que impõem a seus diversos elementos, fundam a cidade de Roma, ao mesmo tempo que criam o estado romano" (7).

Após a independência, passou Roma por uma crise tremenda, devendo lutar por mais de cem anos com numerosos inimigos, luta em que por mais de uma vez estêve comprometido seu brilhante futuro.

---

5) L. Homo, *L'Italie Primitive*, Paris, 1925, pg. 29.
6) A. Grenier, *Le Génie Romain*, Paris, 1925, pg. 43.
7) L. Homo, *La Civilisation Romaine*, Paris, 1930, pg. 40.

Até 400 a.C., contava ela apenas com a anexação de pequenas povoações. Em 326 a.C. dá início às guerras contra os samnitas, que vão terminar com a vitória de Sentino (3.ª guerra contra os samnitas) e a criação da colônia de Venusa. Em 289 a.C., fundação em Hádria da primeira colônia romana no Adriático. Enfim, com as guerras contra Pirro (280-274 a.C.), e com a ocupação de Tarento em 272 a. C., estendiam os romanos o seu domínio ao sul da Península.

Vai iniciar-se a partir de então o período das conquistas externas.

Primitivamente, as relações de Roma com Cartago foram amistosas. A aliança de Roma com os mamertinos foi a causa da primeira guerra púnica (264-261): data de então a ocupação da Sicília, deixada, porém, uma parte da ilha a Hierão e aos mamertinos. Pouco depois eram ocupadas a Córsega e a Sardenha, em virtude da guerra líbica empreendida por Cartago.

Com a guerra gaulesa, o cônsul Flamínio atravessou o Pó, criando, pouco depois (220 a.C.), a via Flamínia que unia Roma à Cisalpina. Seguiram-se as guerras contra os piratas ilírios, após as quais os romanos ficaram com o protetorado da Apolônia, Epidauro, etc.

A tomada de Sagunto (219 a.C.) por Aníbal desencadeou a segunda guerra púnica (219-201), durante a qual foi empreendida a conquista da Espanha (218-206), ultimada por Cipião. A batalha de Zama (202 a.C.) pôs têrmo à segunda guerra púnica, sendo em 201 a.C. concluída a paz que foi, aliás, aconselhada pelo próprio Aníbal.

Entre a segunda e a terceira guerra púnica, houve as guerras contra o Império Macedônico, terminadas por Paulo Emílio com a batalha de Pidna (168 a.C.). Depois, em conseqüência de uma revolta dirigida por Pseudo-Filipe, a Macedônia era reduzida a província romana em 148 a.C., e, com a vitória de Leucoptra (146 a.C.), tôda a Grécia tornava-se também província romana.

Entrementes, empenhava-se Roma numa terceira guerra púnica (149-146 a.C.), sendo Cartago completamente destruída pelo segundo Cipião Africano em 146 a. C., e o estado cartaginês reduzido a província. Entretanto, não haviam com isto terminado as lutas na Espanha. A revolta dos celtiberos e dos lusitanos iria ainda exigir de Roma grandes esforços. Só depois da morte de Viriato, o heróico chefe dos lusitanos (139 a.C.), e da tomada e destruição de Numância (133 a.C.), é que seria definitivamente sumetida, sendo reorganizadas as duas províncias em que estava dividida.

Para socorrer os marselheses, seus aliados, e ligar a Hispânia à Itália por uma estrada, foi ocupada a Gália meridional, organizando-se a província Narbonense (118 a.C.).

INDEX

Após a guerra jugurtina (112-104), foi pacificado o norte da África. Por esta ocasião, (113-101) os teutões e os cimbros puseram Roma em sobressalto. Mário, porém, os esmagou em 102 e 101 a.C. sucessivamente.

De 91 a 88 a.C., com a chamada "questão itálica", correu perigo a unidade da Península, mas tendo sido concedido o direito de cidade a todos os habitantes da Itália, pôs-se fim ao dissídio.

Seguiram-se as guerras contra Mitridates (88-63 a.C.), organizando Pompeu as novas províncias do Ponto, da Bitínia, da Síria, bem como dilatando a da Cilícia.

De 58 a 51 a.C. Júlio César empreendeu a conquista da Gália, levando suas armas vitoriosas até a Grã-Bretanha, após o que Roma se torna senhora de todo o território que vai do Reno aos Pirineus. Em sua brilhante campanha, César se assenhoreia do Egito em 47 a.C., e da Numídia em 46 a.C.

Com a batalha de *Actium*, dando a vitória a Augusto, iria iniciar-se um novo período para Roma, que já estava prestes a alcançar o apogeu de sua expansão territorial.

Augusto assegurou por novas expedições a posse das antigas províncias. Em 30 a.C., o Egito se torna província romana, verificando-se, ainda sob Augusto, a submissão das chamadas províncias danubianas: Vindelícia, Récia, Nórico e Panônia.

Poucas foram, depois, as conquistas de Roma. Cláudio anexou o reino da Trácia, e a Bretanha meridional. Enfim, com Trajano, a conquista da Dácia (101-107 d.C.), e depois, embora sem caráter definitivo, com a anexação da Arábia Petréia, da Armênia e da Mesopotâmia, o Império Romano chegava ao máximo de sua expansão. Daí por diante iria começar a triste história de seu declínio, que culminaria com a ruína determinada pelas grandes invasões dos bárbaros que o esfacelariam.

III — *A Implantação do Latim*

Tratemos agora da implantação do latim no território da conquista, pesquisando a história da romanização das províncias.

Cumpre desde logo chamar-se a atenção para o fato de que nem sempre correu *pari passu* com a vitória militar a adoção da língua dos vencedores. Assim, a unidade latina é uma expressão que não tem o mesmo sentido lingüístico e político-social.

Com o fim das guerras contra Pirro tornava-se o latim, em 272 a.C., a língua oficial de tôda a Península Itálica. Entretanto, o osco e o umbro eram ainda falados, em várias regiões, até o primeiro século da era cristã.

Passando à Itália insular, ocupar-nos-emos em primeiro lugar da Sicília, cronològicamente a primeira província romana. Apesar da data remota da conquista e de sua vizinhança de Roma, nunca foi ela perfeitamente romanizada. Assim, muito teria de lutar o latim para se estabelecer na ilha, sendo de se notar que nunca o conseguiu de forma definitiva. Apuleio, no II° séc. de nossa era, ainda se refere aos *siculi trilingues* (Met. 11). O grego aí falado nunca foi inteiramente suplantado, conservando-se até a Idade Média. Só no IV° séc. d.C. o latim conseguiria na Sicília uma preponderância muito relativa.

A Córsega e a Sardenha passavam para o poderio romano já em 238 a.C. Consideradas, porém, insalubres, iriam antes servir de lugar de degrêdo. Mantendo-se os romanos no litoral, a romanização destas ilhas sempre foi imperfeita e precária, sendo que a língua de Cartago, bem como os cultos fenícios ainda se conservam nelas no tempo de Sula.

A *Hispânia,* cuja conquista e pacificação duraria mais de dois séculos, foi de grande docilidade quanto à romanização. Uma vez pacificada (e mesmo antes disto), lá fundaram os romanos numerosas colônias, e nestas em muitas escolas ensinava-se o latim, que era bem aprendido.

A conquista da Grécia, do ponto de vista lingüístico, não representaria uma vitória de Roma, pois não só o latim não conseguiu implantar-se no mundo grego, mas, ao contrário, veio ela concorrer para uma influência mais íntima do helenismo em Roma: *Graecia capta ferum uictorem cepit et artes intulit agresti Latio* (Hor. Ep. 2,1,156-7) "A Grécia vencida venceu o fero vencedor e introduziu as artes no agreste Lácio".

Como a da Grécia, seria também lingüisticamente estéril a conquista romana do Oriente: Ásia Menor, Síria, Palestina. E isto pela vizinhança e prestígio do grego.

Na Gália, a teoria de só ter havido um verniz de romanização está hoje inteiramente arcaizada. Assim, a instrução e a cultura, de caráter absolutamente romano e ministradas em latim, penetraram até o âmago dos campos, não se contentando em imperar apenas nos grandes centros urbanos, o que nos faz concluir que a romanização da Gália foi profunda.

A romanização da Bretanha fêz-se de uma forma imperfeita, muito limitada, e, além de tudo, sofrendo soluções de continuidade. Tôdas essas vicissitudes explicam o esquecimento, por parte da Bretanha, da língua de seus primeiros civilizadores, os romanos.

No Egito não houve romanização de espécie alguma, não só pela vizinhança e influência da Grécia, como principalmente por motivos de ordem étnica, climática, etc. Isto, aliás, também explica só ter havido no Egito uma helenização parcial e pouco duradoura.

Nas províncias do Danúbio, o latim não conseguiu fixar-se pela falta de vida urbana. Na Dácia, com a conquista de Trajano, não houve pròpriamente a adoção do latim, mas uma verdadeira substituição das populações locais por colonos romanos, oriundos de Roma e de tôdas as demais províncias: *Traianus, uicta Dacia, ex toto orbe Romano infinitas eo copias hominum transtulerat ad agros et urbes colendas* (Eutr. Breu. 7,6) "Vencida a Dácia, Trajano para lá transportara do mundo romano inteiro infinitas quantidades de homens, para habitarem os campos e as cidades". A existência do rumeno é, pois, uma feliz conseqüência desta colonização.

Na África, parece inexplicável a sorte do latim, e isto pelo seu desaparecimento, apesar da extraordinária difusão no norte do continente africano, principalmente com o cristianismo. Mas o latim não fizera esquecer os antigos falares locais, e, além de tudo, a mesma facilidade com que o adotaram usa-la-iam na adoção do árabe. Nisto, aliás, assenta a principal característica da África. Sob a aparência de uma receptividade passiva e total, sabem os seus naturais conservar as qualidades específicas de seu etnismo, o que Gaston Boissier admiràvelmente sintetizou na seguinte fórmula: "ela (a África) era pouco resistente e muito persistente".

Com o esfacelamento do Império Romano, o latim, que era falado em seu vasto território, passou a se desenvolver independentemente em cada região. Sem ter mais o poder centralizador e vivificador de Roma, veio a desaparecer principalmente no Oriente, mas no Ocidente transformou-se em outras línguas novas, que, sendo dêste modo o próprio latim continuado com as alterações impostas pelo tempo e pelas circunstâncias locais, se denominam *línguas românicas* ou *neolatinas*, cujas principais hoje são: o português, o espanhol, o francês, o provençal, o italiano e o rumeno.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

F. Stolz, *Geschichte der lateinischen Sprache*, (3.ª ed. refundida por A. Debrunner) Berlim, 1953 (tradução de Américo Castro da 1.ª edição alemã, Madri, 1922). Exposição sumária e clara.

J. Marouzeau, *Le Latin*, Paris, Didier, 1923 (refundido e atualizado sob o título *Introduction au Latin, Paris*, *Belles-Lettres*, 1941). Os capítulos VI, VII e VIII são os que mais interessam ao assunto, representando uma síntese segura e precisa.

A. Meillet, *Esquisse d'une Histoire de la Langue Latine*, 1.ª ed., 1928, 4.ª ed. 1938. Obra capital, de profunda erudição.

G. Devoto, *Storia della Lingua di Roma*, Bolonha, 1940. Obra fundamental, de segura orientação.

J. Cousin, *Évolution et Structure de la Langue Latine*, Paris, Belles-Lettres, 1944. Síntese bem feita.

J. Bourciez, *Éléments de Linguistique Romane,* 4.ª ed., Paris, 1946. Exposição clara e segura.

C. Tagliavini, *Le Origini delle Lingue Neolatine,* 2.ª ed., Bologna, 1952. Excelente trabalho, ótima orientação.

L. R. Palmer, *The Latin Language,* Londres, 1954, 1.ª parte, pág. 1-205. Exposição segura, inteiramente a par da ciência moderna.

E. Faria, *Fonética Histórica do Latim,* 2.ª ed., Rio de Janeiro, 1957, Introdução, págs. 11-49.

1.ª PARTE

F O N É T I C A

A FONÉTICA é a parte da gramática que estuda os sons da voz humana que entram na constituição das palavras de uma língua. Como êstes sons da voz humana se denominam fonemas, podemos definir a FONÉTICA como a ciência dos FONEMAS.

O estudo da Fonética, e também o das outras partes da gramática, como a Morfologia e a Sintaxe, pode ser encarado de um duplo ponto de vista. Ou êle tem por fim fazer a descrição dos fonemas da língua em uma dada época, ou, ao contrário, tem por objetivo estudar a evolução dêsses fonemas através do tempo, partindo-se de um estado antigo da língua, de seu período proto-histórico ou mesmo pré-histórico, até um dado momento, geralmente o atual, se se tratar de uma língua viva. No primeiro caso teremos um estudo de Fonética Estática, no segundo, de Fonética Evolutiva ou Histórica.

INDEX

INDEX

CAPÍTULO I

ALFABETO

"O conhecimento que se tem do fonetismo do grego e do latim depende naturalmente do modo pelo qual os sons foram grafados; isto é dizer que o estudo fonético destas línguas deve começar pelo exame do alfabeto" (1).

1. O alfabeto latino, no período clássico da língua, contava vinte e três letras, a saber:

A B C D E F G H I K L M N O P Q R S T V X Y Z.

2. O Y e o Z não eram pròpriamente letras latinas, tanto assim que não figuravam no antigo alfabeto, razão por que Cícero, ao se referir ao alfabeto latino, faz menção a vinte e uma letras: *unius et uigīnti formae litterārum* (Cíc. Nat. 2, 37,93). Pela influência, porém, sempre crescente do helenismo em Roma, passaram essas duas letras a se incorporarem ao alfabeto latino, sendo, pois, usadas ùnicamente em palavras gregas transcritas em latim.

Exs.: *Zopyrus physiognōmon* (Cíc. Fat. 5,10) "o fisionomista Zópiro"; *Eurum ad se Zephyrumque uocat* (Verg. En. 1,131) "chama para junto de si o Euro e o Zéfiro".

3. As letras *I* e *V* representam respectivamente o som do *i vogal* e do *i consoante*, do *u vogal* e do *u consoante*. Freqüentemente, nas edições modernas dos textos latinos, o *i consoante* vem representado pela letra *j*. Quanto ao *u* vogal, em caracteres maiúsculos é representado pela letra *U*, enquanto que o *u* consoante, em caracteres minúsculos é representado pela letra *v*. Cumpre observar que os romanos jamais conheceram tal dualidade de escrita. O emprêgo das letras *j* e *v* para representação dos valores consonânticos do *I* e do *V* latinos data da Renascença, tendo sido difundido por Pierre La Ramée (*Ramus*), donde a sua denominação de "letras ramistas".

---

1) A. Meillet-J. Vendryes, *Traité de Grammaire Comparée des Langues Classiques*, 2.ª ed., Paris, 1948, pg. 26.

INDEX

4. Em latim, êstes são os nomes das vinte e três letras que passaram a constituir, no período clássico, o alfabeto usado pelos romanos: *a, be, ce* (quê), *de, e, ef, ge* (guê), *ha, i, ka, el, em, en, o, pe, qu, er, es, te, u, ix, hy* ou *i graeca, zeta*.

Observação:

Os nomes das letras são todos indeclináveis [2].

5. Havia em Roma dois sistemas principais de escrita. A *escrita capital* era usada nos manuscritos de livros e documentos públicos, como geralmente nas inscrições de caráter oficial: só contava letras maiúsculas, geralmente iguais às nossas letras maiúsculas de imprensa. A *escrita cursiva*, cujo nome provém de se escrever ràpidamente, com menor cuidado, aparecia em documentos particulares, recibos, cartas, contratos, etc., como escrita usual, equivalente às nossas letras manuscritas, mas de forma muito diversa.

COMPLEMENTO AO ESTUDO DO ALFABETO

O alfabeto latino, pela sua origem, vai prender-se a um dos alfabetos gregos de tipo ocidental, provàvelmente o calcídico de Cumas, de onde provêm os alfabetos das inscrições venéticas, das inscrições sabélicas, e o antigo alfabeto etrusco de vinte e seis letras. É dêste antigo alfabeto etrusco que provàvelmente se origina o latino. Realmente, passando Roma, desde o VIII ou VII séc. a.C., para o domínio etrusco, e, de então até a expulsão dos Tarquínios, recebendo da Etrúria tôda a sua civilização, inclusive o sistema de numeração, nada mais natural do que terem também os romanos aprendido com os etruscos a arte da escrita, que, segundo os documentos epigráficos mais antigos, deve ter sido introduzida em Roma no decorrer do VII séc. a.C., ou, o mais tardar, em princípios do VI. Uma descoberta recente, o chamado alfabeto etrusco de Marsiliana, trouxe um argumento decisivo à teoria do intermediário etrusco na adoção do alfabeto em Roma. Trata-se de um alfabeto etrusco de tipo arcaico, que foi o empregado na Itália nos mais antigos documentos escritos, do qual provêm os alfabetos usados no *Latium* e em Roma, não só em etrusco como também em latim.

Como vimos, o primitivo alfabeto latino contava vinte e uma letras. Além de não possuir o *Y* e o *Z*, introduzidos nos fins da República para a transcrição dos nomes gregos, não tinha também o *G*; em compensação, nêle figurava o zê arcaico que, não tendo emprêgo na língua, foi proscrito.

O *C*, nos primeiros documentos escritos da língua, era empregado tanto para representar a oclusiva velar surda *(K)*, como a sua

2) V. E. Faria, *Fonética Histórica do Latim*, pg. 52.

homorgânica sonora (*G*). Posteriormente, passou-se a diferençar as duas oclusivas velares, acrescentando-se uma pequena barra horizontal à haste inferior do *C*, com o que se criou a letra *G*. Esta feliz inovação é atribuída por Plutarco a Espúrio Carvílio Ruga, por volta de 293 a.C. (Quaest. Rom. 54 e 59), sendo, porém, mais provável que o censor Ápio Cláudio tenha sido o autor da mesma. Entretanto, como vestígio do antigo estado de coisas, as abreviaturas dos nomes próprios *Gaius* "Gaio", e *Gnaeus* "Gneu" eram representadas no latim clássico e imperial por *C*. e *Cn*.

O digama do grego (F) passou a representar a fricativa surda *f*. Primitivamente costumava vir acompanhado de um *h*, como, por exemplo, na antiga inscrição da fíbula de Preneste: *Manios med fhefhaked Numasioi* (C.I.L. 1,3).

A letra *K* primitivamente era usada antes de *a* e de consoantes, caindo depois em desuso quase completo, restringindo-se o seu emprêgo a poucas palavras, geralmente estrangeiras, e em especial às abreviaturas: *K.* = *Caeso* "Cesão", nome próprio personativo; *Kal.* = *Kalendae* "calendas", o primeiro dia do mês romano; *KK.* = *castra* "acampamento".

O *Q* (copa), posteriormente abandonado pelo alfabeto grego, foi mantido em latim com o mesmo valor que tivera no primitivo alfabeto grego, sendo usado nas antigas inscrições antes das vogais *o* e *u* (*uego* = *uico*; *Merqurio*, *pequnia*, etc.). Pouco a pouco o *c* passou a se generalizar em tôdas as posições, em detrimento do *k* e *q*, mantendo-se êste ùnicamente no grupo *qu* mais vogal, vindo assim a constituir um verdadeiro dígrafo.

O *S* primitivamente representava apenas a sibilante surda. Posteriormente, pelo IV séc. a.C., sonorizou-se quando intervocálico. Mas, todo *s* sonoro passando a *r* pela lei do rotacismo, tornou o *s* a representar ùnicamente a sibilante surda. Segundo a tradição, referida por Cícero (Fam. 9,21,2), o ditador Papírio teria sido o primeiro a substituir em seu nome o *s* pelo *r*: *Papisius/Papirius*. Ápio Cláudio também é apontado como o autor desta reforma (Digesto, 1, 2, 2, 36).

Não possuindo o fonetismo latino as aspiradas do grego, as letras que as representavam foram tomadas como sinais de numeração. Assim o *teta* (θ) passou a representar o numeral cem, mais tarde sendo substituído pelo *C*, inicial de *centum*; o *fi* (φ), a representar o numeral mil, substituído também mais tarde por *M*, inicial de *mille*. Entretanto, a metade vertical do *fi*, depois identificada ao *D*, permaneceu como sinal de quinhentos. Finalmente o *psi* (ψ), que no alfabeto grego ocidental representava a oclusiva velar surda aspirada (*KH*), foi empregado para representar o numeral cinqüenta, sendo depois identificado ao *L*.

Enfim, o imperador Cláudio, que era um erudito, acrescentou três sinais ao alfabeto: o digama invertido (Ⅎ) para representar o som do *u* consoante (*w*); o antissigma (Ↄ) para representar o som *ps*; e o sinal ⊢ para o som intermediário entre *i* e *u*. Esta inovação, embora inteiramente justificável, não sobreviveu ao imperador.

Espalhando-se o alfabeto latino por todo o mundo ocidental, como um dos legados que a civilização romana nos deixou, é hoje o mais empregado em quase todos os países civilizados, tendendo a se generalizar cada vez mais.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

W. M. Lindsay, *The Latin Language*, Oxford, 1894, pág. 1 ss. Em parte envelhecido, mas ainda utilizável pela excelente documentação.

Fr. Stolz-J. H. Schmalz, *Lateinische Grammatik*, 5.ª ed., por M. Leumann-J. B. Hofmann, München, 1926-28, pág. 44 ss. Trabalho magnífico, rica bibliografia.

R. G. Kent, *The Sounds of Latin*, Baltimore, 1932, 3.ª ed., 1945, pág. 33 ss. Breve mas substancioso.

C. D. Buck, *Comparative Grammar of Greek and Latin*, Chicago, 1937, pág. 68 ss. Livro claro e metódico.

J. Février, *Histoire de l'Écriture*, Paris, pág. 437 ss (alfabetos etruscos e itálicos); pág. 471 ss. (alfabeto latino).

A. Meillet-J. Vendryes, *Traité de Grammaire Comparée des Langues Classiques*, 2.ª ed., Paris, 1948, pág. 25 ss. Síntese lúcida e profunda.

E. Faria, *Fonética Histórica do Latim*, págs. 51-63,

CAPÍTULO II

A PRONÚNCIA

1. Como vimos no capítulo precedente, o alfabeto usado pelos romanos é o mesmo de que nos servimos em português, que foi apenas aumentado das letras *j* e *v*. É natural, pois, que a maior parte das letras do alfabeto latino seja pronunciada igualmente no latim e no português.

2. As vogais latinas pròpriamente ditas são cinco: *a, e, i, o, u*, às quais se acrescentou o *y*, que só vai aparecer no período clássico em palavras gregas introduzidas no latim (cf. Cap. I. n.º 2).

3. Quanto à quantidade, as vogais latinas podem ser *longas* ou *breves*, sendo estas pronunciadas em uma unidade de tempo e aquelas em duas. Quintiliano informa-nos que até as crianças, em seu tempo, tinham conhecimento disto: *Longa esse duŏrum tempŏrum, breuem unīus etiam puĕri sciunt* (Inst. 9,4,47) "ser a vogal longa de duas unidades de tempo e a breve de uma só, até as crianças o sabem".

Nota:

Embora quantidade e timbre sejam fatos inteiramente distintos, observa-se certo paralelismo em se pronunciarem as vogais longas sempre como vogais fechadas, e as breves sempre como abertas.

4. No que diz respeito ao timbre, as vogais que apresentam maior diferença na pronúncia são o *e* e o *o*, fato êsse observado pelo gramático latino Sérvio: *Vocāles sunt quinque*, a, e, i, o, u. *Ex his duae*, e *et* o, *alĭter sonant prodūctae, alĭter corrēptae*... (Serv. in Don. 4,421) "as vogais são cinco: *a, e, i, o, u*. Duas destas, o *e* e o *o*, soam diferentemente quando longas ou quando breves". Assim, quando breves o *e* e o *o* são sempre abertos, e quando longos sempre se mantêm fechados.

Observações:

1) Além de Sérvio, outros gramáticos latinos fazem menção da diferença entre o *e* breve e longo, e o *o* breve e longo, deixando nas suas

explicações bem claro que as vogais breves são abertas e as longas fechadas. As línguas românicas também justificam esta diferença de pronúncia, sendo as vogais breves latinas continuadas por vogais abertas e as longas por vogais fechadas.

2) Pela descrição dos próprios gramáticos latinos, como pelo testemunho das línguas românicas, também o *i* e o *u*, quando breves, deveriam ser pronunciados mais abertos, com um som que os aproximava respectivamente do *e* fechado e do *o* fechado.

3) Mas o *a*, fôsse longo ou breve, tinha sempre o mesmo valor, devendo ser pronunciado como o nosso *a* oral aberto. O poeta Lucílio chama a atenção para a identidade de grafia e de pronúncia do *a* longo ou breve no seguinte passo:... *uno eodemque ut dicimus pacto/scribemus "pacem", "placide", "Ianum", "aridum" "acetum"* (Lucil. Marx, 9,353-4) "e, do mesmo modo como pronunciamos, escrevemos: *pacem, placide, Ianum, aridum, acetum*".

5. O y, sendo uma letra grega, era pronunciado com o mesmo valor que tinha em sua língua original, isto é, com o mesmo som do *u* francês atual: *cum quaedam in nostrum sermōnem Graeca nomĭna admĭssa sint, in quibus euidēnter sonus huius littĕrae exprimĭtur, ut HYPERBATON et HYMNUS et HYACĬNTHUS et simiIĭa, in eīsdem hac littĕra necessarĭo utĭmur* (Ter .Scaur. Keil, 7,25) "como algumas palavras gregas tenham sido admitidas em nossa língua, nas quais evidentemente se exprime o som desta letra, como em *hyperbaton*, em *hymnus* e em *hyacinthus* e em outras semelhantes, nelas necessàriamente empregamos esta letra".

6. No latim clássico, eram freqüentes ùnicamente dois ditongos: *ae* e *au*. O ditongo *oe* era relativamente raro, *eu* e *ui* absolutamente excepcionais. Os ditongos latinos eram pronunciados como verdadeiros ditongos, isto é, pronunciando-se ambas as vogais de que se constituiam, como observam os gramáticos latinos: *Diphthōngi autem dicūntur, quod binos phthongos, hoc est, uoces, comprehēndunt. Nam singŭlae uocāles suas uoces habent* (Prisc. Keil, 2,5,50) "chamam-se ditongos porque compreendem dois *phthongos*, isto é, vozes. Com efeito, cada uma das vogais tem a sua voz".

7. As consoantes *b, d, f, k, p, q, t* pronunciam-se exatamente como em português.

8. O *c* em latim tinha sempre o som de *k*, quer viesse antes de *a, o, u*, quer antes de *e* ou de *i*, ou dos ditongos *ae, oe*. Da pronúncia do *c* sempre como oclusiva velar surda há um testemunho de caráter negativo ou tácito e que consiste em jamais os gramáticos latinos se referirem a qualquer alteração de pronúncia do *c* antes desta ou daquela vogal. Além disso, nas inscrições latinas é freqüente a confusão do *c*, antes de *e* e de *i*, com o *k* e com o *q*, mas nunca com o *s* como deveria acontecer se nestes casos êle tivesse o valor de sibilante: *PAKE* (C.I.L. X, 7173); *QUIESQUET* (C.I.L. VIII, 1091). Enfim, em numerosas palavras latinas transcritas para o grego, o *c*

antes das vogais mencionadas e dos ditongos *ae, oe* é sempre representado pela letra grega *capa* (*k*), e nunca pelo sigma, como deveria ser se fôsse uma sibilante em latim: lat. *Cicĕro*, gr. *Kikéron;* lat *Caesar*, gr. *Kaísar*, etc.

9. O *g* mantinha igualmente o mesmo som de oclusiva velar tanto antes de *a, o, u*, como de *e* e de *i*. Comprova-o, além de outros fatos, o mesmo silêncio dos gramáticos latinos a respeito de qualquer alteração de pronúncia do *g* antes desta ou daquela vogal, como se deu com o *c*.

10. O *h* inicial deve ser ligeiramente aspirado. Prisciano, gramático dos fins do Império, ainda se refere ao *h* como simples sinal de aspiração: *H littĕram non esse ostendĭmus, sed notam aspiratiōnis* (Keil, 2,1,47) "mostramos que o *h* não é uma letra, mas o sinal da aspiração".

11. Os gramáticos latinos apontam para o *l* três valores, segundo a sua posição no vocábulo: *L triplĭcem, ut Pliniŏ uidētur, sonum habet: exīlem, quando gemĭnātur secūndo loco posĭta, ut "ille", "Metellus"; plenum, quando finit nomĭna uel syllăbas et quando alĭquam habet ante se in eādem syllăba consonāntem, ut "sol", "silua", "flauus", "clarus"; medium in aliis, ut "lectum", "lectus"* (Prisc. Keil, 2,1,38) "o *l*, como parece a Plínio, tem um tríplice som: tênue quando geminado, como *ille, Metellus;* cheio quando final de palavra ou de sílaba, ou quando na mesma sílaba venha precedido de uma consoante, como em *sol, silua, flauus, clarus;* médio nas outras posições, como em *lectum, lectus*". Para a sua boa articulação em português bastará que se preste atenção em pronunciá-lo em final de sílaba ou de palavra com seu verdadeiro valor de vibrante.

12. O *m* só apresenta dificuldade quando em final de palavra, onde deve ser dèbilmente pronunciado, como atestam os gramáticos latinos e a métrica. Nesta, um *-m* final não impede a elisão com a palavra seguinte que comece por vogal ou *h*. Prisciano distingue a pronúncia do *-m* final de palavra nos seguintes têrmos: *M obscūrum in extremitāte dictiōnum sonat, ut TEMPLUM; apĕrtum in principio, ut MAGNUS; mediŏcre in mediis, ut UMBRA* (Prisc. Keil, 2,29,15) "o *m* soa obscuro (quase imperceptível) no fim das palavras, como em *templum;* claramente no princípio, como em *magnus;* com um som médio no meio, como em *umbra*".

13. Igualmente o *-n* final deve ser proferido e não apenas nasalizar a vogal que o proceda. Além do *n* linguodental, havia também um *n* gutural ou velar, quando precedia o *c* e o *g*. Prisciano refere-se a essas duas modalidades de *n*: *N quoque plenĭor in primis sonat et in ultĭmis partĭbus syllabārum, ut NOMEN; STAMEN; exilĭor in mediis, ut AMNIS, DAMNUM... sequēnte G uel C, pro ea G scribunt Graeci, et quidem tamen uetustissĭmi auctōres romanōrum eu-*

phoniae causa bene hoc faciĕntes, ut AGCHĪSES, AGCEPS, AGGŬLUS, AGGENS (Prisc. Keil, 2,1,39) "o *n* também soa mais forte no princípio e no fim das sílabas, como em *nomen, stamen;* mais débil no meio, como em *amnis, damnum;* ... quando se segue um *g* ou *c* em lugar dela (isto é, do *n*) os gregos e os mais antigos escritores romanos escreviam *g*, bem o fazendo por causa da eufonia, como nos vocábulos *Agchises, agceps, aggulus, aggens*", por *Anchises, anceps, angulus, angens.*

14. O *r* latino era produzido pelas vibrações da ponta da língua, assemelhando-se ao rosnar de um cão, razão pela qual os romanos o chamaram de *littera canina* (Pérs. 1, 109-110) "letra canina".

15. Pelo rotacismo, todo *s* sonoro tendo passado a *r*, segue-se que em latim o *s* é sempre surdo, mesmo quando intervocálico.

16. O *x* em latim tem sempre o som de *cs*, razão por que é denominado letra dúplice: *X littĕra compŏsĭta, quam idĕo duplĭcem dicĭmus quoniam constat ex C et S littĕris* (Diom. Keil, 1,425-34) "a letra *x* é complexa, e por isso a denominamos dúplice, pois consta das letras *c* e *s*".

17. As informações dadas pelos gramáticos latinos a respeito da pronúncia do *z* reproduzem as discussões dos gregos, pelo que duas pronúncias são indicadas: *z* (pronunciando-se como o nosso *z*); ou como uma letra dúplice, *dz*, ou *zd*. Vélio Longo nega ser o *z* uma letra dúplice: *duplicem non esse* (Keil, 7,50,9), devendo valer como um simples *z*.

18. O *ch*, o *ph*, o *rh*, o *th* são transcrições das letras gregas (qui, fi, rô, teta), indicando o *h* em latim a aspiração com que eram pronunciadas em grego e, conseqüentemente, também em latim.

19. Sendo pronunciadas em latim tôdas as letras, por não haver consoantes nem vogais mudas, segue-se que nos grupos consonânticos soam tôdas as consoantes componentes do grupo. Isto, porém, não quer dizer que, quando houver consoantes geminadas, se pronunciem ambas da mesma maneira, isto é, repetindo-se na segunda os mesmos movimentos articulatórios realizados para a produção da primeira. Na pronúncia das geminadas, a primeira consoante soa essencialmente como uma implosiva, enquanto que a última soa como explosiva, o que resulta que elas tenham o valor de uma verdadeira consoante longa.

COMPLEMENTO AO ESTUDO DA PRONÚNCIA

Com o desenvolvimento da gramática comparada, criada por Bopp em princípios do século XIX, tornando-se a fonética uma de suas principais auxiliares, é natural que êsses estudos tomassem extraordinário desenvolvimento, alçando-se em breve tempo à cate-

goria de uma nova ciência. Não tardaram assim, no decurso do século passado, a aparecerem os primeiros trabalhos, empreendidos com método científico, a respeito da pronúncia do latim, que, até então, era praticada segundo os caprichos da adaptação do fonetismo latino aos hábitos glóticos locais, razão por que variava de país para país, havendo destarte uma pronúncia francesa, inglêsa, portuguêsa, etc. do latim.

Note-se, porém, que não data apenas do século XIX o reconhecimento e a verificação de que as chamadas pronúncias tradicionais não correspondiam ao ideal do perfeito conhecimento do latim. Já desde Carlos Magno, com a reforma do ensino então realizada em seu império por Alcuíno, verificada a má pronúncia do latim que era então tradicionalmente usada, se procurou, na medida do possível, corrigir defeitos, tentando restabelecer a pronúncia verdadeira. Em seu célebre "Tratado sôbre a Ortografia" procura Alcuíno corrigir a pronúncia e a escrita de numerosas palavras. Igualmente na Renascença, entre as preocupações dos humanistas, destacava-se a de bem pronunciar o latim, isto é, pronunciá-lo como o faziam os antigos romanos do período clássico. Datam desta época o *De Recta Latini Graecique Pronuntiatione* de Erasmo (1528) e as *Scholae Grammaticae* de Ramus. Mas, nesta ocasião faltava, como era natural, uma sólida preparação lingüística, bem como, em grande parte, a reunião e o inventário do material filológico referente ao assunto, os textos epigráficos e dos gramáticos latinos, e sua justa interpretação.

Por conseguinte, como dissemos acima, só no século XIX, passando a filologia clássica a se constituir numa verdadeira ciência, servida, aliás, por numerosas outras ciências auxiliares, é que os estudos de fonética latina passaram a ter uma base sólida. Assim, como observa o Prof. J. Marouzeau, "o advento da lingüística no século XIX, e particularmente a constituição da gramática comparada das línguas românicas fizeram pouco a pouco perceber a inconseqüência que havia em pronunciar o latim precisamente como se sabe que êle nunca foi pronunciado" ([1]).

Nos grandes centros culturais da Europa começaram a aparecer então trabalhos valiosos, nos quais a pronúncia clássica do latim era devidamente estudada. Empreendidos por verdadeiros especialistas no assunto, filólogos e lingüistas, muitos de renome universal, é evidente que êsses trabalhos não poderiam deixar de influir nos meios do ensino. E de fato, nos principais países cultos, é a pronúncia reconstituída não só adotada mas praticada por professôres e alunos. Recebendo a maioria do magistério secundário a sua preparação profissional nas Universidades, compreende-se que cada vez mais se generalize o uso da pronúncia restaurada do latim, como, aliás, veio

---

1) *La Prononciation du Latin*, 3.ª ed., Paris, 1943, pg. 12.

consignado no relatório da VIIª Conferência Internacional de Instrução Pública, reunida em Genebra em 1938: "Quanto à pronúncia, pode verificar-se que muitos países, principalmente os de língua inglêsa, põem-se a adaptar a pronúncia do latim à do latim da época clássica romana, como outros países já o fizeram há muito tempo" (2). E não se limitou a Conferência Internacional em verificar simplesmente o fato, mas, por um voto expresso da assembléia, passou a recomendá-la nos seguintes têrmos: *"Il serait désirable que la prononciation du latin fût unifiée, dans la mesure du possible, en fonction des découvertes linguistiques récentes"* (3).

Entre nós, a pronúncia reconstituída foi aconselhada pelas instruções pedagógicas que acompanharam os programas de ensino da reforma Campos, já agora muitos livros destinados ao ensino secundário a expõem, sendo cada vez mais numerosos os professôres de latim do ensino médio que a adotam e a praticam. Nas Faculdades de Filosofia do país, a exemplo da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, e, anteriormente, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, e da extinta Universidade do Distrito Federal, é a pronúncia restaurada exposta sistemàticamente nos cursos, sendo o seu estudo matéria de programa.

Enfim, passamos a enumerar as principais fontes para o estudo da pronúncia do latim, isto é, da pronúncia praticada pelas classes cultas de Roma, no período clássico da língua:

a) As informações diretas dos gramáticos latinos e escritores romanos como Cícero, Quintiliano, A. Gélio, e muitos outros.

b) A grafia das inscrições e dos manuscritos latinos.

c) A métrica latina, principalmente para o estudo da quantidade.

d) A transcrição de palavras latinas em línguas estrangeiras e vice-versa.

e) A pronúncia do latim vulgar e das línguas românicas.

f) O estudo da fonética histórica do latim, antigas etimologias, etc.

g) A gramática comparada das línguas indo-européias.

---

2) *L'Enseignement des Langues Anciennes*, Genebra, 1938, pg. 31.
3) Conferência Internacional de Instrução Pública, Genebra, 1938; *Recommendation concernant l'enseignement du latin.*

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

E. Seelmann, *Die Aussprache der Lateins*, Heilbronn, 1885. Obra capital, embora ultrapassada em vários pontos. Rica documentação, haurida nos gramáticos latinos e nos textos epigráficos.

W. M. Lindsay, *The Latin Language*, pgs. 13-147.

Vicente de Souza, *Reconstituição da Pronúncia Latina*, Rio, 1902. Primeiro trabalho na América Latina e em português sôbre o assunto.

A. Macé, *La Prononciation du Latin*, Paris, 1911. Bom trabalho.

E. H. Sturtevant, *The Pronunciation of Greek and Latin*, Filadélfia, 1920, 2.ª ed., 1940. Boa documentação, interpretações às vêzes pessoais.

J. Marouzeau, *La Prononciation du Latin*, Paris, 1931, 3.ª ed. 1943. Trabalho magnífico, com excelente orientação e selecionada bibliografia.

E. Faria, Manual de Pronúncia do Latim, Rio, 1938.

E. Faria, *Fonética Histórica do Latim*, 2.ª ed., Rio ,1957, págs. 65-133.

INDEX

INDEX

INDEX

CAPÍTULO III

ACENTO

Illa syllăba plus sonat in toto uerbo, quae accēntum habet (Pompeio, Keil, 5.126,31) "a sílaba que mais soa na palavra tôda é a que tem o acento".

1. Compreende-se por acento a ação de fazer ressaltar, em uma palavra, determinada sílaba, denominada tônica, em relação às demais, chamadas átonas. Isto pode ser conseguido de duas maneiras: 1.º) pronunciando-se a sílaba acentuada com maior fôrça, isto é, com mais intensidade; 2.º) pronunciando-se a sílaba acentuada numa nota mais alta, isto é, com maior altura.

Observações:

1) Assim, tôda palavra em latim, como também em português, é sempre provida de acento, fazendo exceção a isto apenas alguns vocábulos que na pronúncia se vão apoiar à palavra seguinte, ou à precedente. Denominam-se tais palavras, respectivamente, *enclíticas* e *proclíticas*.

2) Em latim, como em português, o acento não ultrapassa as três últimas sílabas da palavra. Ao contrário, porém, do português, nunca recai o acento na última sílaba da palavra, não havendo, pois, oxítonos de mais de uma sílaba. Do mesmo modo, todos os dissílabos são paroxítonos.

2. As palavras de três ou mais sílabas têm sua acentuação determinada pela quantidade da penúltima sílaba. Quando esta é longa, sôbre ela recai o acento, sendo o vocábulo paroxítono. Exs.: *amāre, imperātor*. Se a penúltima sílaba, porém, fôr breve, o acento recua para a precedente, sendo a palavra proparoxítona. Exs.: *calămus, digĭtus*.

Observações:

1) Note-se que aqui não se trata ùnicamente da quantidade da vogal, mas sim da quantidade da sílaba, razão por que veremos como esta se pode constituir. Em latim, como em português, a sílaba pode ser formada por uma só vogal, por um ditongo, ou por vogal ou ditongo acompanhados de uma ou mais consoantes. Exs. *a-la, au-rum, co-go, ca-rus, cau-sa, cas-ti-go, caus-ti-cus, stel-la, car-rus, ac-ci-pi-o, cons-ta-re, etc.*

2) De modo geral, a divisão de sílabas se faz como em português: quando uma consoante fica entre duas vogais, forma sílaba sempre com a vogal seguinte, como em *a*-la, *cau*-sa. Quando, porém, há duas consoantes, ou mais, só a última destas consoantes é que forma sílaba com a vogal seguinte, pertencendo as demais à sílaba precedente, como nos exemplos: *cas*-ti-*go*, *caus*-ti-*cus*, *cons*-ta-*re*. Tratando-se de consoantes dobradas, cada uma ficará numa sílaba, como nos exemplos: *stel*-*la*, *car*-rus, *ac*-ci-*pi*-*o*.

3) No caso de ser constituído o grupo de consoantes por uma oclusiva (b, c, g, p, t), ou da fricativa f, seguida de líquida ou vibrante (l, r) o grupo consonântico assim formado acompanha a vogal seguinte: *a*-grum, *te*-*ne*-brae, *dex*-tra, *re*-pli-*co*, etc.

3. Tôda sílaba constituída por uma vogal breve, ou por vogal breve precedida de uma ou mais consoantes, é breve. Exs.: *a-lă-crĭ-tas*, *re-plĭ-co*, *lŭ-pŭs*, *a-pĭs*, etc. Mas se a sílaba terminar por consoante, seguida imediatamente de outra consoante na sílaba seguinte, embora a vogal seja breve, a sílaba será longa. Exs.: *a-gĕl-lus*, *ĭp-se*. *cĭs-ta*. Em tôdas estas palavras, ainda que o *i* de *cista* e de *ipse*, e o *e* de *agellus* sejam breves, as respectivas sílabas são longas, por virem estas vogais seguidas de duas consoantes.

Observações:

1) Quando uma vogal breve vem seguida de um grupo consonântico formado de oclusiva mais *r* (br, cr, dr, pr, tr), a sílaba da vogal que precede qualquer dêstes grupos é sempre breve na prosa latina, sendo que em poesia poderá ser breve ou longa.

2) Costumava-se chamar a vogal breve seguida de duas consoantes de vogal *longa por posição*, enquanto que a longa pròpriamente dita, de vogal *longa por natureza*. Como vimos, a vogal breve seguida de duas consoantes ou mais continua sendo breve. A sílaba a que pertence a vogal é que é longa. Por isto, a denominação de *vogal longa por posição* está hoje condenada, pois sugere uma idéia falsa.

4. Tôda sílaba constituída por uma vogal longa, ou por ditongo, acompanhados ou não de consoantes, é longa.

Palavras Átonas

5. As principais palavras átonas, isto é, desprovidas de acento, são as chamadas proclíticas, que vão formar com a palavra seguinte um todo fonético. São proclíticas as preposições e os advérbios monossilábicos, os advérbios relativos e interrogativos, os pronomes relativos e interrogativos, as conjunções. Exs.: *per angústa ; ad augústa ; non ámat ; tam félix ; et páter ; dum tímeant ; quem ámas ; quale sít ; cur ábes ?; sic tránsit*. Em todos êstes exemplos, as expressões dadas formam um verdadeiro todo fonético, em que há ùnicamente um acento principal : *per angústa ; non ámat ; dum tímeant ; quem ámas ; cur ábes ? ;* etc.

Observações:

1) Note-se, porém, que as preposições e conjunções compostas são acentuadas segundo a regra geral da acentuação latina, deixando, pois, de ser átonas: *aduérsus hóstem; dúmmodo; étiam,* etc..

2) Quando as preposições vierem depois das palavras por elas acompanhadas, passam a ser acentuadas. O mesmo se dá com os pronomes e advérbios interrogativos, ou relativos, quando empregados nas exclamações, ou os pronomes e advérbios interrogativos nas interrogações diretas. Exs. *Nós ínter; égo véro; Quális orátor!; quám félix fúit!; Quis ést?*

6. As enclíticas são também palavras desprovidas de acento, e na pronúncia se apoiam ao vocábulo que as precede, com o qual formam um todo fonético. Mas diferentemente das proclíticas, também na escrita as enclíticas formam com a palavra precedente uma unidade vocabular, vindo apensas a ela. As enclíticas são as seguintes: as conjunções *-que* "e", e *-ue* "ou"; a partícula interrogativa *-ne*; as partículas reforçativas *-ce*; *-dem*; *-dum*; *-met*; *-nam*; *-pse*, *-pte*; *-te*; e a preposição *cum* posposta aos pronomes pessoais ou ao pronome relativo. Exs.: *nosque*; *eadem*; *quisnam*; *hosce*; *tute*; *taliamne*; *reapse*; *egomet*; *mecum*; *nobiscum*; *quocum*; *quibuscum*.

Observações:

1) Note-se que estas enclíticas unidas a uma palavra polissilábica fazem com que o acento recaia sempre sôbre a penúltima sílaba, isto é, a sílaba que as precede, seja qual fôr a quantidade da mesma: *utráque; taliáne; eádem; etc.*

2) Os gramáticos latinos consideram a preposição *cum* posposta aos pronomes pessoais como uma verdadeira enclítica, fazendo, pois, recair o acento sôbre a sílaba precedente. Mas, quando ela vem precedida do pronome relativo, mandam alguns que o acento incida sôbre a própria preposição: *mécum, nobíscum,* mas *quocúm, quibuscúm.*

7. Sendo as palavras compostas consideradas como um vocábulo único, só recebem um único acento, de acôrdo com as regras gerais da acentuação para as palavras simples: *ádeo, cóniunx, ínfero. malesánus,* etc.

8. As palavras gregas introduzidas no latim, se declinadas com as desinências gregas, eram também acentuadas de acôrdo com a acentuação grega; mas se declinadas à latina, seguiam as regras da acentuação latina.

COMPLEMENTO AO ESTUDO DO ACENTO

A Natureza do Acento Latino

A natureza do acento latino é, ainda hoje, uma das questões controvertidas da filologia clássica. Além das duas correntes antagô-

nicas e extremadas, para as quais o acento latino ou era ùnicamente intensivo ou exclusivamente musical, há várias outras, graças às quais êstes antagonismos se atenuam. Assim, por exemplo, passamos a citar as seguintes:

a) Embora fôsse principalmente intensivo, teria sido secundàriamente musical;

b) Principalmente musical, mas secundàriamente intensivo; Intensivo e musical a um tempo, sem contudo poder-se precisar qual dos dois elementos predominaria, se o intensivo ou o musical;

c) Compreendendo os dois elementos, intensidade e musicalidade, predominaria o elemento musical nas classes cultas e o elemento intensivo nas camadas populares;

d) Nas classes populares seria intensivo, mas nas classes cultas, por influência do ensinamento dos gregos, seria musical.

Tôda esta divergência de opiniões tem como causa principal a geral insegurança dos testemunhos dos gramáticos latinos e dos rétores sôbre o acento latino e sua natureza. Seguiam êles, neste particular, como em todo o seu ensino gramatical, as teorias dos gregos, que, em matéria de fonética principalmente, eram fraquíssimos, razão pela qual êstes estudos, durante tôda a antiguidade e até os primórdios do século XIX, permaneceram estacionários. Para confirmar êste fato basta citar-se que a divisão fundamental entre fonemas surdos e sonoros jamais foi dêles conhecida. E, além de tudo, cumpre ainda acentuar, essa documentação sôbre o acento latino é geralmente tardia, datando principalmente do quarto século de nossa era em diante.

Entretanto, estudos modernos vêm trazer a sua valiosa contribuição para o esclarecimento da questão, corroborando assim a teoria que procura explicar o acento latino como um compromisso entre a intensidade e a musicalidade, chamada altura. "Seja lá em que língua fôr", ensina Grammont, "cada fonema é dito em uma certa altura, e é excepcional que os fonemas sucessivos de uma frase estejam na mesma nota; continuamente a voz se eleva ou se abaixa". Na opinião do abade Rousselot, a teoria de um acento puramente musical, sem nenhuma intensidade, é "antifisiológica".

Examinando-se o mecanismo da produção da intensidade e da altura, embora a primeira impressão seja de sua absoluta independência, na prática verificar-se-á que uma como que condiciona a outra. Com efeito, se bem que a intensidade seja produzida por uma forte contração dos músculos abaixadores do tórax, e a altura pelas vibrações das cordas vocais, dependendo a freqüência destas vibrações do comprimento e da tensão das ditas cordas vocais, há que se notar a

chamada tensão passiva das mesmas. Quando a coluna de ar é expelida mais violentamente dos pulmões, para produzir a maior intensidade, pela sua pressão ao passar pelas cordas vocais estas ficam tensas e mais alongadas, produzindo-se assim a sua chamada tensão passiva. Segundo o ensinamento, pois, da fonética experimental, podemos concluir que o acento de intensidade tinha em si condicionado o acento de altura. Como, por outro lado, já vimos que êste pràticamente não se pode produzir sem trazer consigo também uma soma maior de energia, o que seria antifisiológico, para nos servirmos das palavras de Rousselot, chega-se à conclusão de que no acento latino dois elementos se combinaram, um de intensidade e outro de altura, deduzindo-se da própria história do acento latino, como do acento das línguas românicas, que neste acento, complexo pela sua própria natureza, deveria ter predominado a intensidade, ainda que num grau impossível de determinar com precisão.

Lançando um rápido olhar aos domínios da história do acento latino, verificamos que ao acento indo-europeu, que podia incidir em qualquer parte do vocábulo, se substituiu o acento itálico que recaía obrigatòriamente sôbre a primeira sílaba da palavra. Quanto à natureza predominantemente intensiva dêste acento itálico não há a menor dúvida, sendo êle denominado de *intensidade inicial*. Depois, de inicial passou o acento latino a final, naturalmente após um período de adaptação, que deixou vestígios ainda na língua de Plauto e Terêncio. Logo a partir do IIº séc. de nossa era, ou o mais tardar do IVº, o acento latino é incontestàvelmente intensivo, permanecendo como tal no romance e nas línguas românicas. Assim, o acento de altura do período clássico, como que impressado pelo acento intensivo dos períodos proto-histórico e post-clássico, se torna um hiato que a fonética histórica teria dificuldades em explicar. Daí a nossa conclusão referente ao acento latino: nêle se combinavam três elementos — intensidade, altura, quantidade. Não lhe negamos, pois, uma natureza musical. Entretanto, concluímos que êste não seria o caráter único, nem mesmo predominante do acento latino.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

E. Seelmann, op. cit. pgs. 15-61.

W. M. Lindsay, op. cit. pgs. 148-217.

J. Vendryes, *Recherches sur l'Histoire et les Effets de l'Intensité Initiale en Latin*, Paris, 1902, pg. 13 ss. Obra de excepcional valor, na qual a questão da natureza do acento latino é estudada meticulosamente.

F. F. Abbott, *The Accent in Vulgar and Formal Latin, Classical Philology*, 1907, pg. 444-460. Artigo importante, em que o autor procura conciliar as duas teorias, dando o acento latino como intensivo na língua popular e musical nas altas classes.

A. Macé, *La Prononciation du Latin*, Paris, 1911, pg. 13-31.

A. C. Juret, *Manuel de Phonétique Latine,* Paris, 1921, pg. 57-91. Obra fundamental, favorável ao acento musical no período clássico.

E. H. Sturtevant, op. cit. pgs. 177-189.

R. G. Kent, *L'Accentuation Latine: Problèmes et Solutions, Revue des Études Latines,* 1925, pg. 204-214. Artigo interessante. Ver a discussão do mesmo, na mesma revista pg. 91-92.

R. G. Kent, *The Sounds of Latin,* pg. 64-69. Síntese bem feita.

Stolz-Schmalz, *Lat. Grammatik,* pg. 180-189.

J. Marouzeau, *Traité de Stylistique Latine,* Paris, 1935, 2.ª ed., 1946, pg. 69-86. Trabalho fundamental; orientação magnífica.

M. G. Nicolau, *L'Origine du "cursus" rhythmique et les débuts de l'accent d'intensité en latin,* Paris, 1930. Livro bem feito; exposição clara.

M. Grammont, *Traité de Phonétique,* Paris, 1933, pg. 115-142. Fundamental.

E. Faria, *Manual de Pronúncia do Latim,* pg. 53-60.

E. Faria, *Fonética Histórica do Latim,* pgs. 134-165.

C. D. Buck, op. cit. pg. 161-167.

L. Laurand, *L'Accent Grec et Latin, Pour Mieux Comprendre L'Antiquité Classique,* 2.ª parte, Paris, 1939, pg. 263-281. Trabalho interessante, com uma visão geral do problema.

L. Nougaret, *Traité de Métrique Latine Classique,* Paris, 1948. Excelente.

A. Meillet-J. Vendryes, op. cit. pg. 123-150.

W. J. W. Koster, *Traité de Métrique Grecque, suivi d'un Précis de Métrique Latine,* 2.ª ed., Leyde, 1953. Trabalho fundamental.

L. R. Palmer, op. cit. pg. 211-214.

CAPÍTULO IV

ORTOGRAFIA

1. Pela relativa pouca importância dada no período clássico às questões de ortografia, não havia ainda, neste tempo, em latim, um sistema uniforme de escrita, seguido integralmente por todos os escritores. Segundo o testemunho de inscrições desta época, verificam-se variantes de grafia não só de uma epígrafe para outra, como até mesmo numa única e mesma inscrição.

2. Em geral, dois eram os critérios adotados em matéria ortográfica, como ainda hoje acontece. Ou se procurava grafar o vocábulo atendendo-se à sua origem, critério etimológico; ou se tinha a preocupação de reproduzir pura e simplesmente a pronúncia, critério fonético. Embora em latim a escrita sempre procurasse reproduzir o mais fielmente possível a pronúncia vigente, não raro fazia concessões à etimologia, preferindo, por vêzes, o critério etimológico em detrimento do fonético. Ex.: *obtineo* em vez de *optineo*, por se tratar de um composto formado com o prevérbio *ob-*, etc. (Veja-se a respeito: Quint. 1,7,7; e 1,7,30).

3. Sendo a grafia do tempo de Quintiliano mais conhecida, principalmente pelas inscrições, bem como por apresentar uma uniformidade relativamente maior, mesmo em comparação com o período clássico, é a geralmente seguida nas modernas edições dos clássicos latinos, embora nas partes da língua referentes às formas e à sintaxe se siga sempre a norma do tempo de Cícero e César.

4. Havia em latim uma repugnância manifesta para o grupo *ii* e *uu*. O primeiro era resolvido geralmente pela supressão de um *i*, como, por exemplo, nos vocábulos compostos de *iacio*: *abicio* e não *abiicio*, *adicio* e não *adiicio*, *conicio* e não *coniicio*, etc., fato êste atestado pelas inscrições da época e por Quintiliano (1,4,11).

5. O grupo *uu*, embora as inscrições também apresentem exemplos da supressão de um dêles, como na grafia *iuenis* por *iuuenis*, a regra geralmente seguida é a preservação da forma antiga do grupo *uo*, que permanece como grafia usual até a dinastia dos Flávios, em meados do primeiro século depois de Cristo. Assim se grafavam

durante todo o período clássico : *uolt, uolpes, uolnus, uolgus, quom,* bem como as terminações *-quos, -quom, -uos, -uont, -uontur, -quont, -quontur*. As grafias *quur* e principalmente *quum*, ainda freqüentes em edições escolares entre nós, são bárbaras e só aparecem excepcionalmente nas inscrições ou manuscritos a partir do VI° século.

6. O *s* geminado (*ss*), depois de vogal longa, era grafado *s: misi, diusīsi, diuisĭo*. O mesmo se verificava depois de um ditongo : *causa, plausus*. Entretanto, no período clássico, a grafia com a geminada era ainda freqüente, tendo sido usada por Cícero e Vergílio, como refere Quintiliano (1,7,20).

7. O critério etimológico se faz sentir de preferência nos compostos, restituindo-se a forma dos prevérbios em que a consoante final dêstes já fôra assimilada na pronúncia culta : *adlĭgo* e *allĭgo, adpēllo* e *appēllo, adripĭo* e *arripĭo, conlātus* e *collātus, submouēo* e *summouēo, submītto* e *summītto*, etc.

8. Passamos a chamar a atenção para a grafia das seguintes palavras, por vêzes escritas erradamente por causa de uma falsa etimologia : *ancora* e não *anchora* ; *artus, artāre* e não *arctus, arctāre* ; *caecus, caelebs, caelum* e não *coecus, coelebs, coelum* ; *cena* e não *coena* ; *condicĭo* e não *conditio* ; *contĭo* e não *concio* ; *erus, erīlis* e não *herus, herilis* ; *Esquilĭae, Esquilīnus* e não *Exquiliae, Exquilinus* ; *fecūndus, femĭna, fetus* e não *foecundus, foemina, foetus* ; *foedus, foeteo, foetor, foetĭdus* e não *fedus, feteo, fetor, fetidus* ; *harēna* e não *arena* ; *harūspex, haruspicium* e não *aruspex, aruspicium* ; *hedĕra* e não *edera* ; *incŏho* e não *inchoo* ; *intellĕgo, intellegentĭa* e não *intelligo, intelligentia*; *iucūndus* e não *iocundus* ; *Iuppĭter* melhor que *Iupiter* ; *lacrĭma* ou *lacrŭma* e não *lachrima* ou *lachryma* ; *littĕra* e não *litera* ; *litus* e não *littus* ; *maerēo, maestus* e não *moereo, moestus*; *multa* e não *mulcta*; *negotĭum, negotiātor* e não *negocium, negociator*; *nuntĭo, nuntĭus* e não *nuncio, nuncius* ; *oboedĭo, oboedientĭa* e não *obedio, obedientia* ; *Orcus* e não *Orchus* ; *paenĭtet, paenitentĭa* e não *poenitet, poenitentia*; *proelĭum* e não *praelium*; *saecŭlum* e não *seculum* ; *satĭra* e não *satyra* ; *sepūlcrum* e não *sepulchrum* ; *solacĭum* e não *solatium*; *stilus* e não *stylus*; *taeter* e não *teter*; *tribunicius* e não *tribunitius*; *tus* melhor que *thus*; *umĕrus* e não *humerus*; *umĭdus, umor* e não *humidus, humor* ; *Vergilĭus* e não *Virgilius* ; etc.

COMPLEMENTO AO ESTUDO DA ORTOGRAFIA

Evolução da Ortografia Latina

Muitos pontos referentes à evolução da grafia entre os romanos já foram tocados no estudo do alfabeto latino, sua introdução e adap-

tação, bem como no da pronúncia. Vamos aqui, ùnicamente, acrescentar um ponto ou outro ao que já foi dito de modo esparso.

A ortografia latina, como a de tôdas as línguas cultas, variou segundo os diferentes períodos da língua, sofrendo transformações sucessivas de época para época: *orthographĭa saepe mutāta est* (Quintiliano, 1,7,11) "a ortografia mudou muitas vêzes".

As principais fontes de que hoje nos podemos valer para o estudo da grafia latina são as inscrições e também as informações dadas a respeito pelos gramáticos latinos. Os manuscritos latinos, não sendo contemporâneos de seus autores, mas cópias dêles separadas, muitas vêzes por mais de dez séculos, e geralmente alteradas no decurso da transmissão, são testemunhos indiretos que se devem consultar, mas sempre com cuidado.

Ao receberem dos etruscos o seu alfabeto, não se demoraram os romanos em procurar adaptá-lo melhor ao gênio da língua. Logo de início, modificaram o sentido da escrita, passando a escrever da esquerda para a direita, ao contrário dos etruscos, que escreviam da direita para a esquerda. Isto se verificou, aliás, depois de terem passado os romanos por um período de hesitação, o que é atestado pela chamada escrita bustrofedônica, que consistia em escrever uma linha da direita para a esquerda e a seguinte da esquerda para a direita, e assim sucessivamente.

Como vimos ao tratar do alfabeto, logo das primeiras modificações introduzidas em Roma foi a supressão do *z* arcaico e o desdobramento do *c* (em *c* e *g*) para distinguir a oclusiva velar surda c de sua homorgânica sonora *g*. A substituição do *s* intervocálico, já rotacizado, por *r*, foi também das reformas efetuadas durante o período arcaico.

Teve ainda a escrita latina de inovar no que diz respeito às consoantes geminadas, como também com referência às vogais longas. Nos primeiros documentos da língua, até o II século a.C., não aparecem em latim as geminadas, sendo o decreto de Paulo Emílio, de 189 a.C., o primeiro texto em que vão aparecer consoantes dobradas, prática esta que é atribuída ao poeta Ênio pelo gramático Festo (374 L). Igualmente a princípio, não havia uma notação especial para as vogais longas. Atribui-se ao poeta Ácio a prática de dobrar a vogal longa (Ter. Escauro, Keil, 7,18,12), como era o hábito entre os oscos. Tal duplicação de vogais é atestada pela primeira vez em 132 a.C., numa inscrição em que se lê a forma *paastores* (C.I.L. I^2, 638). Cumpre, porém, acentuar que esta geminação da vogal longa sempre foi usada com parcimônia, sendo enfim inteiramente abolida pelo emprêgo do ápex (uma espécie de acento agudo colocado sôbre a vogal longa), isto, porém, já no período clássico ou imperial.

Como os ditongos que ainda apareciam em grande número no latim arcaico se reduziram a simples monotongos na pronúncia, é natural que na escrita se reduzissem também a simples vogais, como, por exemplo, *deico*>*dico*.

Por influência de César, segundo nos informa Quintiliano (1,7,21), passou-se a grafar com *i*, em vez de *u*, os superlativos como *optimus*, *maximus*, etc.

No tempo de Augusto algumas inscrições costumam apresentar, em vez da geminação das consoantes, um sinal que se colocava sôbre elas, semelhante ao nosso apóstrofo, e que se denomina *sicilicus*. Ex.: *sel'a*, *ser'a*, etc., por *sella*, *serra*, etc.

Primitivamente, os romanos, ao tomarem do grego palavras em que apareciam as consoantes aspiradas na língua de origem, limitavam-se a transcrevê-las sem a aspiração, substituindo, assim, o *fi*, o *teta*, o *qui*, por *p*, *t*, *c*, senão por *b*, *g*. Posteriormente, já no I séc. a.C., com os progressos do helenismo, passou-se a representar a aspirada grega escrevendo-se *ph*, *th*, *ch*.

Enfim, cumpre-nos observar que, embora a reforma tentada por Cláudio fôsse inteiramente justificável, senão mesmo necessária, não teve ela repercussão na opinião pública, não devendo por isto sobreviver ao imperador (V. Complemento ao Estudo do Alfabeto, pág. 16).

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

W. Brambach, *Die Neugestaltung der lateinischen Orthographie*, Leipzig, 1868. Único trabalho especial sôbre o assunto, mas envelhecido, como também o são o *Manuel de l'Orthographe Latine*, Paris, 1881, tradução de um resumo do mesmo; e o livro de G. Édon, *Écriture et Prononciation du Latin Populaire et du Latin Savant*, Paris, 1882. Resta, pois, um trabalho ainda a fazer sôbre o assunto.

CAPÍTULO V

TRANSFORMAÇÕES FONÉTICAS

A) *Vocalismo*

1. A evolução das vogais em latim é determinada principalmente por dois fatôres : a influência do acento ; adaptação a fonemas vizinhos.

2. As vogais não afetadas pelo acento nem por fonemas vizinhos, como se conclui do enunciado acima, geralmente se conservam, quer sejam breves, quer sejam longas.

3. Em sílaba inicial, com exceção do *a* que permanece sempre inalterado, as principais transformações sofridas pelas vogais latinas, por influência de fonemas vizinhos, são as seguintes:

a) O *e* breve seguido de *u* consoante, ou de *l* velar (isto é, o *l* seguido de qualquer consoante, exceto outro *l*, ou de qualquer vogal, exceto *i*) evolve para o. Exs.: o adjetivo *nouos*, bem como o numeral *nouem* originam-se de antigas formas hipotéticas **neuos*, **neuen* (comparem-se os radicais gregos de *novo* e de *nove* que aparecem em palavras portuguêsas como *neolatino, neófito, eneágono, eneapétalo*). O verbo *uolo* "querer", nas formas em que o *e* vem seguido de *l* velar, se transforma em *o*, como *uolo, uolunt, uolēbam*, etc.; mas quando isto não se dá, permanece como *e*: *uelle, uellem, uelim*, etc.

b) O *i* breve antes de *r*, proveniente de rotacismo, evolve para *e*: *Falerii* proveniente de *Falisii*, mas *Faliscus; cinis*, mas nos casos declives *cinĕris, cinĕri, cinĕre*, etc.

c) O *o* breve precedido de *u* consoante e seguido de *r* ou *s* mais consoante evolve para *e*. Exs.: *uorro>uerro ; uorsus>uersus ; uoster> uester ; uortex>uertex*, etc.

Contração de Vogais

4. Vogais semelhantes, em sílabas contíguas, seja qual fôr a quantidade das vogais, contraem-se na correspondente longa. Exs.: *lauabrum>*laabrum>lābrum ; ne hemo>nēmo ; diuitior> *diitior >ditior; filii>fili; co opia>cōpia; passŭum>passūm>passŭm*, etc.

Apofonia

5. As vogais breves em sílaba interna tendem geralmente a tomar o grau mínimo de abertura, isto é, tendem a se fecharem, passando assim a *i* ou a *u*. Tal fenômeno é denominado tradicionalmente em português *apofonia*. Assim, o *ă* breve, em sílaba interior aberta, evolve para *ĭ*, mas em sílaba interior fechada evolve para *ĕ*. Exs.: *facĭo :confĭcĭo, infĭcĭo, perfĭcĭo;* mas *factum :confĕctum, infĕctum, perfĕctum; capĭo :accĭpĭo, recĭpĭo;* mas *captus :accĕptus, recĕptus.*

6. O *ĕ* em sílaba interior aberta evolve para *ĭ*, mas em sílaba interior fechada conserva-se inalterado. Exs.: *tĕnĕo :abstĭnĕo, contĭnĕo; ĕmo: exĭmo, redĭmo;* mas *dens: bidens, tridens; sentĭo: consentĭo, dissentĭo.*

7. O *ĭ* breve em sílaba interior aberta ou fechada geralmente se conserva. Ex.: *uĭdĕo :peruĭdĕo, prouĭdĕo, prouĭdus;* e *disco :edisco, condisco, praedisco.*

8. O *ŏ* breve em sílaba interna aberta evolve para *ĭ*, mas em sílaba interior fechada evolve para *ŭ*. Exs.: *lŏcus :ilĭco;* mas *pondo: dupundus ; mons :promunturium.*

9. O *ŭ* breve em sílaba interior aberta evolve para *ĭ*, mas em sílaba interna fechada mantém-se inalterado. Exs.: *cornŭ :cornĭger;* mas *curuus :recuruus.*

10. Com relação à apofonia resta-nos ùnicamente examinar a evolução dos ditongos *ae* e *au* em sílaba interna, isto porque os demais ditongos latinos, como *ei ou*, etc. já se haviam monotongado antes do período clássico. Assim, o ditongo *ae* em sílaba interna evolve para *ī* (*i* longo), e *au* para *ū* (*u* longo). Exs.: *caedo : incīdo; laedo: elīdo;* mas *claudo :inclūdo; causa :recūso.*

Observação:

Os antigos ditongos *eu, ou* se reduzem a *u; ei* se reduz a *i; oi*, depois de passar a *oe* (de que há vestígios ainda no período clássico: *moenia, Poenus*), se reduz a *u*. Exs : *iouxmentum* (proveniente de uma forma hipotética *ieuxmentum*) > *iumêntum; deico* > *dico; oinos* > *oenus* > *unus; Poenus: Punicus; poena: punire.*

Síncope

11. A síncope é a queda ou supressão de um fonema interno ou medial em determinada palavra. Ocorre a síncope com muito maior freqüência no latim primitivo do que no período clássico, ou mesmo pré-clássico. Assim, no latim anterior a Plauto, tôdas as palavras ou grupos fonéticos de quatro ou mais sílabas, cuja segunda sílaba fôsse aberta e contivesse uma vogal breve, apresentavam a

INDEX

síncope desta vogal. Exs.: **quinquĕdecem>quindecim; *retĕtuli>rettuli; *contĕtendi>contendi; *arĭdorem>ardorem;* etc.

12. Em sílaba final, a síncope é relativamente rara em latim, aparecendo principalmente nas terminações *-ros*, *-ris*, bem como em palavras pertencentes à 3.ª declinação, quando a terminação *-is* vinha precedida de consoante oclusiva. Exs.: *sacros>sacer, *agros>ager, *pueros>puer, celeris>celer, acris>acer, *artis>ars, *urbis>urbs, *stirpis>stirps, *falcis>falcs* (grafado *falx*).

Observações:

1) Embora relativamente raros os exemplos de síncope no período clássico, pelo prestígio da tradição escrita e da cultura literária, não deixam, porém, de ser encontrados: *ualide* é a forma corrente no período arcaico, mas *ualde* é a única encontrável no período clássico; *laridum* é a forma normal em Plauto, mas *lardum* é empregada a partir do século de Augusto, sem contar os numerosos exemplos de síncope encontrados nas inscrições do primeiro século, especialmente nas de Pompéia.

2) A queda de vogais em final absoluta (apócope) é relativamente rara e impossível de reduzir a fórmulas gerais. Ocorre de preferência nos neutros em *-al*, e *-ar* (*animal, calcar* por *animale, calcare*), nos imperativos *duc, dic, fac*, em formas de pronomes ou advérbios como *hic, hacc, illic, illuc, istinc* (por *hice, haece, illice, illuce, istince*) etc..

Abreviamento de Vogais

13. O caso mais comum de abreviamento de vogais é o que costuma ocorrer nas chamadas palavras iâmbicas, isto é, nos dissílabos cuja primeira sílaba é breve e tônica, e a segunda longa e átona. Exs.: *cĭtō, nĭsī, mŏdō, ĕgō*, que passaram a *cĭtŏ, nĭsĭ, mŏdŏ, ĕgŏ*.

14. Tôda vogal, em sílaba final, seguida de *l, m, r, t*, no período clássico se abrevia. Exs.: *amăt*, mas *amāmus* ; *animăl*, mas *animālis* ; *amĕm*, mas *amēmus* ; *amŏr*, mas *amōris* ; etc.

15. Vogal longa antes de outra vogal se abrevia. Exs.: *debēre, debēmus*, mas *debĕo, debĕas, debĕat* ; *audīre*, mas *audĭo, audĭam*, etc.

B) *Consonantismo*

16. As consoantes em latim, quando iniciais, geralmente se conservam inalteradas, estando mais sujeitas a transformações em sílaba final ou medial, principalmente se estiverem entre vogais.

17. A semivogal *y* (grafada em latim *i*) quando inicial se mantém, mas quando intervocálica sofre a síncope. Exs.: *iecur, iugum* ; mas *tres*, proveniente de antiga forma hipotética **treyes*.

Observação:

Tôdas as palavras que aparecem em latim com um *i* intervocálico encerram pròpriamente um duplo *ii*, simplificado na escrita por mera tra-

dição ortográfica, como em *aio, maior, peior,* etc., sendo, aliás, freqüentemente grafados com os dois *ii*: *aiio, maiior, peiior,* etc..

18. A semivogal *w* (grafada em latim *u*) quando inicial se mantém, o mesmo acontecendo também quando intervocálica. Exs.: *uideo, praeuideo, ouis.*

Observação:

A semivogal *w* quando entre vogais do mesmo timbre, ou antes da vogal *u*, sofria a síncope. Exs.: *lauabrum* > *labrum; deleueram* > *deleram; secutus* proveniente de * *sequutus.*

19. As líquidas e nasais geralmente se conservam intactas. Exs.: *lux, colo, sol ; ruber, fero, mater ; nomen, funis,* etc.

20. A sibilante *s* mantém-se em tôdas as posições, exceto quando intervocálica, passando então a *r* pelo rotacismo. Exs.: *sum, est, genus,* mas *generis; flos,* mas *floris, florem, flores,* etc.; *honos,* mas *honoris, honorem,* etc.

Observação:

A forma *honor* e outras semelhantes não são fonéticas, devendo-se a presença do *r* não intervocálico à analogia com os demais casos, onde o *r* ficava entre vogais.

21. As oclusivas geralmente se conservam em latim, seja qual fôr a posição que ocupem no vocábulo. Exs.: *pater, super, septem ; baculum, trabs ; tres, pater ; decem, dedi, quod ; centum, dico ; genus, ager, ago, agrum ; quid, quis, neque,* etc.

Observação:

As antigas oclusivas sonoras aspiradas do indo-europeu (*bh, dh, gh*) quando iniciais evolvem em latim geralmente para *f*, mas quando mediais perdiam apenas a aspiração, evolvendo respectivamente para *b, d, g*. Exs.: *fero, frater,* mas *albus; fumus,* mas *medius; fundo* mas *lingo,* etc.

22. As consoantes finais de palavra tendiam em latim a sofrer a apócope. Assim o *-m* final e o *-s* final depois de vogais breves tendiam a ser suprimidos na antiga língua, tendo-se mantido nesta posição no período clássico por uma reação erudita, que antes as restabeleceu. O *-d* final, ao contrário disso, sofria a apócope depois das vogais longas, conservando-se, porém, depois das breves, donde : *quĭd, quŏd* no nominativo, mas dando-se sistemàticamente a apócope do *-d* no ablativo, por vir precedido de vogal longa — *quō, quā, lupō,* etc.

Grupos Consonânticos

As Geminadas

23. As chamadas consoantes geminadas, ou dobradas, devem sua denominação apenas ao aspecto gráfico que apresentam, formando, por assim dizer, um grupo em que aparece duas vêzes a mesma consoante: *pp, tt, dd*, etc. Do ponto de vista fonético, as geminadas não constituem pròpriamente um grupo de duas consoantes, mas são antes como que verdadeiras consoantes longas, não havendo, pois, um grupo de fonemas e sim um só fonema, do qual se indicam os dois tempos de sua articulação. Esta se distingue da articulação das demais consoantes simples por ser mais longa e mais forte, não se repetindo, porém, na segunda os mesmos movimentos articulatórios da primeira consoante. Aliás, até o II° séc. a.C. não costumavam os romanos geminar as consoantes, como vimos ao estudar a Evolução da Ortografia Latina (Cap. IV, Complemento).

24. Constitui uma característica particular das consoantes dobradas o processo denominado da geminação expressiva, pelo qual se formaram numerosos vocábulos da língua afetiva, como por exemplo, *atta* "papai", *buccae* "bochechas", *uorrus* "glutão", etc. Note-se ainda que as geminadas em latim nunca aparecem nem em princípio de palavra nem em sílaba final.

Grupos de duas ou mais consoantes

25. Em latim, os grupos consonânticos são geralmente constituídos de duas consoantes, havendo, porém, embora mais raros, grupos originais de três e até de quatro consoantes. Segundo o próprio gênio da língua, nem todos os grupos têm a mesma evolução, permanecendo uns intactos, enquanto outros se transformam. Por vêzes, a intercalação de um fonema parasita, ou epentético, vem desfazer o grupo consonântico (como em *mehercules* proveniente de *mehercle*, ou em *poculum*, latim arcaico *pocolom*, de **poclom*); outras vêzes, o vem reforçar, constituindo um grupo de três consoantes (como em *sumpsi*, perfectum de *sumo*, em que entre o *m* e o *s* se desenvolveu um *p*). No entanto, na maioria dos casos, quando duas consoantes na mesma palavra se acham contínuas tendem a se identificar uma à outra, adaptando-se a primeira à articulação da segunda. Esta adaptação, ou acomodação denomina-se *assimilação*, constituindo um dos fatôres mais operantes na evolução dos grupos consonânticos.

26. Os grupos constituídos de oclusiva mais a vibrante *r* geralmente se conservam intactos, bem como os constituídos de oclusiva bilabial ou velar mais *l*. Exs.: *quadraginta, abruptum, cribrum, crispus, agrestis, atrox, capra*, etc.; *blandus, plenus, clamo, gleba glans*.

Assimilação

27. A *assimilação*, como se disse, pode agir no sentido de se acomodar a primeira consoante à segunda, ou mais raramente no sentido inverso. No primeiro caso a *assimilação* é chamada *regressiva* por se realizar, por assim dizer, da frente para trás, sendo o fonema seguinte o assimilante e o precedente o assimilado, como em *com laboro>collaboro ; dis fero>differo*. No segundo caso, sendo a primeira consoante a assimilante e a segunda a assimilada, denomina-se *assimilação progressiva*, como em *ferre*, proveniente de *ferse;* ou *uelle* proveniente de *uelse*. Nos casos apontados, a assimilação se fêz inteiramente, isto é, o fonema assimilado se identificou integralmente ao assimilante, denominando-se por isto *assimilação total*. Mas isto nem sempre acontece, ocorrendo freqüentemente uma acomodação imperfeita, não atingindo a assimilação a totalidade do fonema assimilado, como em *actus*, proveniente de **agtus*, do mesmo radical do verbo *ago*, onde o *g* apenas perdeu a sua sonoridade antes da oclusiva dental surda *t*. Denomina-se *assimilação parcial* a assimilação que, não atingindo a totalidade do fonema assimilado, se limita em alterá-lo parcialmente, como no caso acima.

28. A assimilação total é particularmente freqüente, constituindo mesmo a regra nos seguintes grupos : *bc, bg, bf, bp, dc, dg, dl, dn, ds, dp, ts, pf, nl, nr, rl*. Exs.: *succŭrro*, de *sub curro ; suggĕro* de *sub gero; offĕro* de *ob fero; suppōno* de *sub pono; accŭrro* de *ad curro; sella*, do radical *sed* mais o sufixo *la; mercenarius*, do radical *merced*, de *merces, mercēdis ; suāsi*, escrito em vez de *suassi*, de **suadsi* do radical *suad*, de *suadeo; appŏrto* de *ad porto; messŭi*, do radical *met* de *meto ; summus*, do radical *sup* de *super ; homŭllus* de **homonlos*, diminutivo de *homo ; agellus* de **agerlos*, diminutivo de *ager*, etc.

29. Os casos mais freqüentes de assimilação parcial são os da assimilação da natureza da consonância, isto é, de sua sonoridade. Assim, uma oclusiva sonora se ensurdece antes de oclusiva surda ou fricativa surda. Do mesmo modo uma oclusiva surda, ou fricativa surda se sonorizam antes de uma sonora, especialmente antes das nasais e das líquidas. Exs. *scribo*, mas *scriptus, scripsi ; tego*, mas *tectus ; somnus*, do antigo radical *sop*, que ainda aparece em *sopor ; dignus*, do antigo radical *dec*, que aparece em *decet* ; etc.

Dissimilação

30. Consiste a *dissimilação* na tendência em se evitar a repetição dos mesmos movimentos articulatórios na mesma palavra, substituindo-se um dos dois sons vizinhos e idênticos por outro. Embora em princípio a dissimilação possa atingir qualquer fonema no caso supra indicado, em realidade a vemos atuar em latim principalmente

com relação às líquidas. Assim os sufixos *-alis, -lom, -clom* evolvem para *-aris, -rom, -crom*, quando na mesma palavra, em sua parte inicial, houver um outro *l*: **militalis>militāris*; **consulalis>consulāris*, proveniente de *consul*; **scalplom>scalprum*; **lauaclom>lauacrum, etc.*; *caeruleus*, de *caeluleus*, do radical de *caelus*; *pelegrinus*, forma atestada no latim vulgar, em vez de *peregrinus*, etc.

COMPLEMENTO AO ESTUDO DAS TRANSFORMAÇÕES FONÉTICAS

a) *Apofonia e Síncope*

Tanto a apofonia como a síncope são fenômenos fonéticos devidos principalmente à natureza intensiva do acento. Como tivemos oportunidade de ver, o acento latino no período pré-histórico, como também no proto-histórico, era fortemente intensivo, devendo incidir sôbre a primeira sílaba do vocábulo, razão por que se costuma denominá-lo de *intensidade inicial*. Não tendo a língua nessa ocasião uma bem estabelecida tradição escrita, bem como não existindo ainda uma distinção entre língua culta e língua vulgar, é natural que então a evolução fonética fôsse muito mais acelerada do que quando definitivamente fixada a escrita e especialmente criada uma literatura abundante e prestigiosa.

Relativamente à apofonia cumpre atentar bem em dois pontos. O primeiro é não confundir apofonia, (que atua ùnicamente sôbre as vogais breves e átonas e situadas em sílaba interna, sendo uma conseqüência do acento de intensidade), com as alterações determinadas por fonemas vizinhos, que, como vimos, atingem freqüentemente as vogais iniciais e tônicas. É necessário também distinguir os fenômenos da apofonia das alternâncias vocálicas, que são de data indo-européia e podem alcançar qualquer parte do vocábulo (raiz, sufixo ou desinência), tendo por função caracterizar uma forma nominal ou verbal. Tais alternâncias representam, em latim, meros vestígios de um sistema atuante em data indo-européia e que será estudado na morfologia.

Como a apofonia,a síncope atinge em latim ùnicamente as vogais breves e átonas, e, além disso, situadas na vizinhança da sílaba tônica. Conservando o latim pré-histórico e proto-histórico o primitivo acento itálico (a intensidade inicial), que sempre incidia sôbre a sílaba inicial do vocábulo, é natural que neste período da língua latina a síncope atingisse necessàriamente a segunda sílaba da palavra.

Representando a síncope, por assim dizer, o grau mínimo da abertura de uma vogal interna, que desta forma se reduz a zero, é

provável que antes dêsse desaparecimento total, último estágio de sua evolução, sofresse a vogal os efeitos da apofonia.

A relativa escassez de exemplos de síncope no período clássico é interpretada por vários foneticistas como conseqüência de uma modificação da natureza do acento latino, que então teria passado de intensivo a musical. Os casos de síncope nesse período, embora menos freqüentes, são ainda bastante numerosos, principalmente em palavras de uso corrente. Pode, porém, ser explicada a sua raridade pelo prestígio da tradição escrita e da cultura literária, tendentes cada vez mais a fixar a língua escrita, que assim se ia distanciando da língua falada.

Numerosas exceções são apresentadas à apofonia e à síncope, sendo devidas à ação da analogia, por vêzes difícil de vislumbrar, mas geralmente agindo ou no sentido de regularização dos quadros morfológicos, isto é, na declinação ou na conjugação, ou pela simples semelhança de forma dos vocábulos, em geral palavras cognatas. Assim, por exemplo, o nominativo *ardor* só se justifica por analogia com os demais casos do mesmo vocábulo (gen. *ardoris,* acus. *ardorem,* dat. *ardori,* etc.), onde a síncope do *i* era normal. Entretanto, a forma de nominativo *aridor,* que seria fonèticamente a normal, constituiria uma anomalia dentro do quadro da declinação de *ardor.* Outro exemplo é o perfeito *tuli,* proveniente de *tetuli,* que do ponto de vista fonético é a forma normal, uma vez que não se trata de palavra de quatro ou mais sílabas. O que produziu a forma *tuli* foi a comparação com todos os demais compostos de *fero,* que apresentavam a síncope normal do *e* da forma reduplicada de perfeito, pelo acréscimo do prevérbio que os tornava palavras de quatro ou mais sílabas, como *contuli,* proveniente de *contetuli; retuli* de *retetuli; detuli* de *detetuli,* etc. Assim também, com relação à apofonia, formas como *comparo,* proveniente de *paro, dedecus* de *decus, reuoco* de *uoco,* são devidas à analogia com as palavras simples de que se formaram, pois fonèticamente, segundo a apofonia, deveriam ter as formas *compero, dedicus, reuico,* etc.

b) *Abreviamento de vogais*

O abreviamento de vogal em sílaba final terminada por consoante (exceto *-s*) é provàvelmente uma extensão da lei das palavras iâmbicas. Assim, o abreviamento da vogal longa em sílaba final fechada teria tido o seu ponto de partida nas palavras iâmbicas, generalizando-se depois, de sorte a atingir tôdas as finais em consoante, excetuada a sibilante *s.* Isto se deduz principalmente do fato de que nos poetas arcaicos, como Plauto, Terêncio, etc., a quantidade longa permanece antes das consoantes finais *-l, -r, -t,* verificando-se o abreviamento da vogal ùnicamente nas palavras iâmbicas.

Os genitivos pronominais *istius, illius, ipsius, solius,* etc. primitivamente apresentavam apenas a quantidade longa, como prova a métrica de Plauto. Em Terêncio, a quantidade breve já começa a ser atestada. No período clássico, é de regra a quantidade longa dêstes genitivos, mas a poesia da época de Augusto admite tanto a quantidade longa quanto a breve, segundo a comodidade do verso. Afirma Quintiliano que a quantidade breve era uma licença poética (naturalmente justificada por uma pronúncia popular), não se encontrando fora da poesia (Inst. 1,5,18).

c) *Grupos Consonânticos*

Em latim, os grupos consonânticos são geralmente constituídos de duas consoantes. Entretanto, embora muito mais raros, há também grupos originais de três consoantes e até mesmo de quatro, que se reduzem, porém, via de regra, a duas consonâncias, senão mesmo a uma. Segundo o próprio gênio da língua, nem todos os grupos têm o mesmo tratamento e evolução, permanecendo uns intactos, enquanto outros se transformam. Cumpre notar-se que essas transformações podem atingir apenas a um dos elementos do grupo, ou a ambos, nos grupos de duas consoantes. Outras vêzes, é a intercalação de um fonema parasita que vem desfazer um primitivo grupo consonântico, como por exemplo em *mehercules,* proveniente de *mehercle;* ou *poculum,* arcaico *pocolom,* de **poclom.* Enfim, pode ainda acontecer que num primitivo grupo venha uma consonância adventícia reforçá-lo, constituindo-se um novo grupo de três consoantes, como em *sumpsi,* perfeito de *sumo,* formado do radical *sum-* mais o elemento *-si* de perfeito.

De um modo geral, quando duas consoantes, na mesma palavra, se acham contíguas, tendem a se identificar uma à outra, adaptando-se a primeira à articulação da segunda, ou, inversamente, procurando a segunda adaptar-se à articulação da primeira. Esta adaptação, ou acomodação, é de modo geral, na terminologia lingüística, denominada *assimilação,* constituindo um dos fatôres mais operantes na evolução fonética dos grupos consonânticos.

A assimilação é um fenômeno de fôrça, como bem observou Grammont (*Traité de Phonétique,* pág. 185 ss.). Isto explica que a assimilação regressiva seja muito mais freqüente do que a progressiva. Com efeito, na assimilação regressiva, sendo a consoante assimilante a segunda, isto é, a que inicia a sílaba seguinte, por sua própria natureza de consonância explosiva é a mais forte, com relação à consoante assimilada, que fecha a sílaba precedente, sendo pois uma consoante implosiva.

Aliás, é ainda esta idéia de fôrça que também explica os casos de assimilação progressiva, todos êles restritos aos grupos *rs, ls,* onde

um fonema débil como a sibilante entra em contato com consonâncias ricas em sonoridade como as vibrantes.

Numerosas exceções à assimilação devem-se à analogia, quer quando procura preservar a regularidade dos quadros morfológicos, como por exemplo no caso de *fers*, em que não há a assimilação do *-s*, por se tratar de uma desinência verbal de segunda pessoa do singular; quer quando procede a reconstituições etimológicas, como em formas como *adripio*, por *arripio*, ou *adloquor*, por *alloquor*, etc.

A dissimilação, da mesma forma que a assimilação, é também um fenômeno de fôrça, predominando sempre o fonema mais forte.

Ainda seguindo os ensinamentos de Maurice Grammont, um fonema pode ser mais forte do que outro ou mecânicamente ou psicològicamente. É mais forte mecânicamente quando protegido pelo acento tônico da palavra, quando na sílaba vem protegido por outra consoante, ou quando ocupa no vocábulo posição mais estável, por exemplo, não incidindo no fim da palavra. É mais forte psicològicamente quando incide num morfema conhecido e comum na língua, como por exemplo uma desinência, ou um sufixo muito freqüente. Quando o fonema dissimilante é mais forte mecânicamente, é comum chamar-se à dissimilação de *normal*. Mas quando o fonema dissimilante é mais forte psicològicamente, é costume denominar-se dissimilação *invertida*. Ainda como a assimilação, pode a dissimilação ser regressiva ou progressiva, parcial ou total, e ainda é muito mais comum na língua popular do que na língua erudita. Enfim, embora em princípio a dissimilação possa atingir qualquer fonema, em realidade a vemos atuar em latim principalmente com relação às líquidas (*R; L*).

A *haplologia* pode ser considerada como um caso especial de dissimilação. Consiste na supressão de uma sílaba, quando na mesma palavra duas sílabas próximas começam pela mesma consoante, ou quando a vogal centro da sílaba está fechada por duas consoantes idênticas: *consuetitudo*>*consuetudo*, *fastitidium*>*fastidium*, *occlusisti*>*oclusti*.

INDICAÇÕES BIBLIOGRAFICAS

F. Sommer, *Handbuch der Lateinischen haut-und Formenlehre*, Heidelberg, 2.ª ed., 1914, pg. 32-278. Trabalho fundamental.

W. M. Lindsay, *The Latin Language*, pg. 170-315.

W. M. Lindsay, *A Short Historical Latin Grammar*, Oxford, 1915, pg. 30-41.

A. C. Juret, *Manuel de Phonétique Latine*, Paris, 1921, pg. 96-359.

A. C. Juret, *La Phonétique Latine*, Strasbourg, 1929, pg. 17-57.

Stolz-Schmalz, *Lat. Grammatik* pg. 56-180.

C. D. Buck, *Comparative Grammar of Greek and Latin,* Chicago, Illinois, 1937, pg. 78-161.

R. G. Kent, *The Sounds of Latin,* 3.ª ed., Baltimore, Maryland, 1945, pg. 70-161.

J. Bourciez, *Éléments de Linguistique* Romane, 4.ª ed., Paris, 1946.

A. Meillet — J. Vendryes, *Traité de Grammaire Comparée des Langues Classiques,* 2.ª ed. por J. Vendryes, Paris, 1948, pág. 69-93; 108-150.

C. Tagliavini, *Fonetica e Morfologia Storica del Latino,* Bolonha, 1949, pág. 17-91. Síntese excelente.

C. Tagliavini, *Le Origini delle Lingue Neolatine,* 2.ª ed., Bolonha, 1952.

M. Niedermann, *Précis de Phonétique Historique du Latin,* 3.ª ed., Paris, 1953, pág. 18-177.

L. R. Palmer, *The Latin Language, Londres,* 1954, pág. 209-232.

E. Faria, *Fonética Histórica do Latim,* 2.ª ed., Rio, 1957, pág. 166-269.

INDEX

INDEX

II — PARTE

MORFOLOGIA

A Morfologia compreende o estudo das palavras e de todos os seus processos de formação, detendo-se especialmente no exame dos sistemas de flexão, isto é, da declinação e da conjugação.

INDEX

INDEX

CAPÍTULO VI

GENERALIDADES

1. A palavra, considerada em seus elementos mórficos ou formadores, compõe-se, em latim, geralmente de três partes: *raiz*, *sufixo* e *desinência*. Além disso, êstes três elementos costumavam vir sempre agrupados nesta mesma ordem, primeiramente vindo a raiz, à qual se seguiam os sufixos e as desinências. Assim, em *ductĭlis* "dúctil", *duc* é a raiz, —t—,—*ili*— os sufixos, —*s* a desinência.

2. A *raiz*, como em português, é o elemento que encerra a significação geral do vocábulo, o seu sentido fundamental (também chamado *semantema*). Por vêzes, dá-se numa palavra uma como que repetição da raiz, o *redôbro*, processo êsse relativamente freqüente nas formações do perfeito como: *do — dedi; cano — cecĭni; cado — cecĭdi*, etc.

3. O *sufixo* é um elemento que se pospõe à raiz, para a formação de derivados, tornando mais preciso o valor significativo da palavra. Assim, por exemplo, o sufixo —*tat*, formador de substantivos abstratos, juntado à raiz do adjetivo *uerus* "verdadeiro", forma o substantivo abstrato *uerĭtas* "verdade", qualidade do que é verdadeiro.

4. A raiz é destarte o elemento de correlação do sufixo e da desinência, mas nem sempre é fàcilmente isolável, razão por que a morfologia do latim prefere lidar com elemento mais objetivo, o *tema*, que, juntamente com a desinência, constitui seus elementos essenciais. Assim, *o tema é a forma da palavra que serve de base para a flexão*, podendo ser constituído apenas pela raiz, ou pela raiz acompanhada de um ou mais sufixos. Por outras palavras, poderíamos definir o tema como *tôda a palavra menos a desinência*.

Em *dux*, em que aparecem apenas a raiz *duc* e a desinência —*s*, o tema se confunde com a raiz; em *amabĭlis*, ou em *amabilĭtas*, além da raiz *am*—, o tema é constituído ainda pelos sufixos —*a*, —*bili*, —*tat*.

5. O *tema*, pois, indica pròpriamente uma noção; as categorias de gênero, número, e a função na frase, bem como as categorias de tempo, pessoa e número nos verbos são indicadas pela *desinência*,

a parte que finaliza a palavra. As desinências se dividem em *nominais*, as que funcionam nos sistemas de declinação, e *verbais*, as que aparecem na conjugação.

6. Em latim, nove são as chamadas partes do discurso:

I. SUBSTANTIVOS: nomes de pessoas ou de divindades, nomes de lugar são chamados *substantivos próprios;* ou nomes de sêres vivos, de coisas, ou de qualidades abstratas, que se aplicam indistintamente a todos os sêres, e denominados, por isso, *substantivos comuns*.

Exs.: *Cicĕro* "Cícero", *Caesar* "César", *Cornelĭa* "Cornélia", *Roma* "Roma", *Italĭa* "Itália", *Galĭa* "Gália", *templum* "templo", *mensa* "mesa", *fides* "fé", *amor* "amor".

II. ADJETIVOS: definem o substantivo, exprimindo-lhe uma qualidade, quer diretamente, a título de epíteto, quer a título de predicado.

Exs.: *hostis ferus* (Cíc., Verr., 2,51) "inimigo cruel"; *gloriōsa mors* (Cíc., Fin., 2,97) "morte gloriosa"; *quae omnĭa mihi iucūnda, hoc extrēmum etĭam gratum fuit* (Cíc., Fam., 10,3,1) "todos os quais me foram agradáveis, mas êste último me foi grato".

III. PRONOMES: exprimem uma determinação de pessoa, de lugar, de posse, ou mesmo certa determinação de modo vago, podendo acompanhar ou substituir o nome.

Exs.: *Ego et tu praesŭmus* (Cíc., De Or., 1,39) "Eu e tu presidimos"; *sollicĭtat me tua, mi Tiro, ualetūdo* (Cíc., Fam., 16,20) "preocupa-me a tua saúde, meu caro Tirão"; *Alliēnus noster est* (Cíc., Q., 1,1,10) "Alieno é nosso"; *hic est, ille Demosthĕnes* (Cíc., Tusc., 5,103) "êste é aquêle famoso Demóstenes"; *non suppĕtet nobis quod cotidĭe dicāmus* (Cíc., Arch., 12) "não nos sobrará de que falar todos os dias".

IV. NUMERAIS: os nomes de número.

Exs.: *unus* "um", *duae* "duas", *secundus* "segundo", *quaterni* "quatro cada um" ou "aos quatro", *decĭes* "dez vêzes".

V. VERBOS: exprimem essencialmente um processo, principalmente uma ação ou estado.

Exs.: *hoc se labōre durant* (Cés., B. Gal., 6,28,3) "fortificam-se com êste trabalho": *erigēbat anĭmum iam demissum et oppressum Oppianicus* (Cíc. Clu., 58) "Opiânico reerguia o seu ânimo já alquebrado e abatido".

VI. ADVÉRBIOS: modificam o sentido principalmente dos verbos, mas também de um adjetivo, ou de outro advérbio.

Exs.:*male reprehēndunt* (Cíc., Tusc., 3,24) "criticam injustamente"; *male sanus* (Cíc., At., 9,15,5) "mal são, isto é, demente"; *multo etĭam magis* (Cíc., De. Or., 2,139) "muito mais ainda".

VII. PREPOSIÇÕES: palavras adverbiais geralmente átonas, que se colocam, via de regra, antes do têrmo que acompanham (mas não sempre), para exprimir a relação em que se encontra êste têrmo relativamente ao resto do enunciado.

Exs.:*Belgae spectant in Septentrĭōnem* (Cés., B. Gal., 1,1, 6) "os belgas, ou melhor, a Bélgica olha (está situada) do lado do Septentrião"; *in eo portu pirātae nauigauērunt* (Cíc., Verr., 5,138) "os piratas navegaram nesse pôrto"; *ob ocŭlos uersāri* (Cíc., Sest., 47) "achar-se diante dos olhos"; *quos inter sociĕtas* (Cíc., Lae., 83) "uma aliança entre os quais".

VIII. CONJUNÇÕES: partículas por vêzes ligadas à categoria dos advérbios, que servem para ligar palavras, frases ou orações.

Exs.: *nec miror et gaudĕo* (Cíc., Fam., 10,1,4) "e não me admiro e me rejubilo"; *ne sim saluus si alĭter scribo ac sentio* (Cíc., At., 16,13,1) "não seja eu salvo se escrevo o que não sinto"; *non sibi se soli natum meminĕrit, sed patrĭae, sed suis* (Cíc., Rep., 2,45) "lembre-se que nasceu não sòmente para si, mas para a pátria, para os seus".

IX. INTERJEIÇÕES: palavras invariáveis que podem ser empregadas isoladamente e assim inseridas entre dois têrmos do enunciado, para exprimir um apêlo, ordem, ou para, de um modo geral, traduzir de modo vivo uma atitude da pessoa que fala.

Exs.: *Heus, tu, Rufĭo* (Cíc., Mil., 60) "Olá, tu, Rufião"; *heu, me misĕrum !* (Cíc., Phil., 7,14) 'ai ! pobre de mim !"; *age, nunc comparāte* (Cíc., Mil., 55) "eia, agora comparai".

7. Em latim não há artigos.

COMPLEMENTO AO ESTUDO DAS GENERALIDADES

A morfologia do latim, como a do antigo indo-europeu, tem como principal característica a multiplicidade de formas. Como vimos no n.º 1 dêste capítulo, compõe-se o vocábulo, em princípio, de três elementos agrupados sempre na mesma ordem : *raiz, sufixo, desinência.* Ocorre por vêzes, entretanto, que num determinado vocábulo a ausência do sufixo ou da desinência esteja caracterizando uma forma, como, por exemplo, em *dux, uox, da, lupe.* Nos dois primeiros exemplos, a desinência *–s* de nominativo singular juntou-se diretamente ao tema (*uoc–, duc–,* sendo o grupo *cs* representado em latim pelo *x*), constituindo um tipo especial de formações nominais denominado

de *palavras raízes*, ou *palavras radicais*. Em *da*, a ausência de sufixo temporal e da desinência pessoal está caracterizando o imperativo presente do verbo *dare*, na segunda pessoa do singular. Em *lupe* a falta de desinência caracteriza o vocativo singular dos temas em *o/e* (segunda declinação). Em todos êstes casos em que a ausência de sufixo ou desinência constitui uma característica morfológica, em vez de se dizer que não há sufixo, ou desinência, diz-se que tal vocábulo tem *sufixo zero*, ou *desinência zero*.

O redôbro, como vimos no n.º 2 dêste capítulo, é um processo de caracterização gramatical, consistindo numa reduplicação parcial da raiz, em que a primeira consoante da mesma vem seguida da vogal que geralmente toma o timbre *e*: *dedi, cecĭni, cecĭdi*. Êste é o tipo de redôbro que se denomina *normal*; mas no indo-europeu e no latim, havia ainda uma outra espécie de reduplicação da raiz, o chamado *redôbro expressivo*, ou *redôbro intensivo*, mais completo que o anteriormente por nós estudado. Além da repetição da consoante inicial da raiz acompanhada de uma vogal, compreendia ainda uma vibrante, ou um *–i*: *murmur, turtur*, ou o grego *daídalos*, em latim sob a forma *dedălus*. Distingue-se ainda do redôbro normal pelo fato de não ter por função caracterizar uma forma gramatical (nos temas do *perfectum*, como *dedi*, etc.), mas dar mais realce a um vocábulo, tornando-o mais cheio e mais sonoro, sendo, pois, de emprêgo antes estilístico.

Além do sufixo e da desinência, contava ainda o antigo indo-europeu, para caracterização de suas formas, com as alternâncias e a mudança de lugar do acento, ou do tom, como preferem chamá-lo os filólogos franceses. Marcando o itálico e o latim primitivo uma acentuação rígida na sílaba inicial de todos os seus vocábulos, é claro que não poderia constituir caracterização morfológica a mudança de lugar do acento, que, como acabamos de dizer, era imutável. Também as alternâncias vocálicas, em vista do caráter intensivo do acento itálico e latino, que determinou uma série de transformações no seu vocalismo, só vão aparecer na língua de Roma como vestígios de um antigo estado de coisas, de data indo-européia.

As alternâncias vocálicas, também chamadas por vêzes *apofonia*, são variações sofridas no timbre ou na quantidade (ou concomitantemente no timbre e na quantidade), num determinado sistema morfológico, podendo manifestar-se em qualquer dos elementos constitutivos do vocábulo, isto é, na raiz, no sufixo ou na desinência. No indo-europeu, as vogais que apareciam com mais freqüência constituindo em sua generalidade as alternâncias eram o *ĕ* breve, e o *ŏ* breve, podendo ainda a alternância ser indicada pela ausência da vogal, ou grau zero da vogal. A fórmula essencial das alternâncias era a seguinte: *e/o/zero*.

Em latim, apenas os temas da segunda declinação apresentam ainda bem viva esta alternância *o/e*, embora a língua não tivesse consciência do fato, sendo o *e* do vocativo singular considerado antes como uma verdadeira desinência casual do que como uma alternância da parte final do tema.

Quanto às alternâncias quantitativas, devemos observar que ainda se conservam em latim com certa vitalidade na terceira declinação, tipo *arbōs/arbŏris*, e mais claramente na conjugação, onde o grau breve caracteriza os temas do infectum, e o grau longo, os temas do perfectum como: *ĕmo/ēmi ; uĭdeo/uīdi ; fŭgio/fūgi*, etc.

As Partes do Discurso

A atual enumeração das partes do discurso ascende a Dionísio Trácio, autor da mais antiga gramática grega. Assim, os romanos enfecharam os substantivos e adjetivos na mesma denominação *nomen*. Não tendo, porém, artigos, suprimiram a denominação (*árthron*) e acrescentaram a denominação *interiectio*, com que designaram a interjeição.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

K. Brugmann, *Abrégé de Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes*, trad. francesa do original alemão, sob a direção de A. Meillet e R. Gauthiot, Paris, 1905, págs. 297-314.

F. Sommer, *Handbuch der Lateinischen Laut-Und Formenlehre*, 314 ss.

A. Meillet, *Introduction a l'Étude Comparative des Langues Indo-Européennes*, 8.ª ed., Paris, 1937, págs. 146-187.

A. Meillet — J. Vendryes, *Traité de Grammaire Comparée des Langues Classiques*, 2.ª ed., Paris, 1948, págs. 152-172.

Stolz — Schmalz, *Lateinische Grammatik*, págs. 190 ss.

R. G. Kent, *The Forms of Latin*, Baltimore, 1946, págs. 16-19. Exposição clara e metódica.

V. Pisani, *Grammatica Latina*, Torim, 1948, págs. 85-88. Bom trabalho.

V. Pisani, *Glottologia Indoeuropea*, 2.ª ed., Torim, 1949, págs. 99-107.

C. Tagliavini, *Fonetica e Morfologia Storica del Latino*, Bolonha, 1949, págs. 92-97.

A. Ernout, *Morphologie Historique du Latin*, 3.ª ed., Paris, 1953, págs. 10-13. Obra capital, pela clareza e segurança da exposição.

L. R. Palmer, *The Latin Language*, Londres, 1954, págs. 233-235.

INDEX

INDEX

INDEX

CAPÍTULO VII

AS CATEGORIAS DE GÊNERO, NÚMERO E CASO

1. A declinação, ou sistema de flexões nominais, indica três categorias : *gênero*, *número* e *caso*. Mas cumpre desde logo observar que estas três categorias são indicadas simultâneamente por uma única e mesma forma nominal. Assim por exemplo, uma forma como *iustus* "justo" indica que o adjetivo está no gênero masculino, em oposição aos gêneros feminino *iusta* e neutro *iustum;* está no singular, em oposição ao plural *iusti;* e está no caso nominativo, em oposição aos demais casos, como acusativo *iustum*, vocativo *iuste*, ablativo *iusto*, etc.

2. Em latim, além dos gêneros masculino e feminino, há ainda o gênero neutro, para as palavras que não são masculinas nem femininas. Aliás, a própria denominação *neutro* provém de uma forma pronominal latina, *neuter*, que significa "nem um nem outro". Assim, de um modo geral, os nomes que designam o homem, ou os animais do sexo masculino, são masculinos, como *homo* "homem", *puer* "menino", *taurus* "touro", *lupus* "lôbo"; os que designam a mulher, ou os animais do sexo feminino, são femininos, como *mulier* "mulher", *puella* "menina", *uacca* "vaca", *lupa* "lôba"; e os que se aplicam a sêres inanimados são neutros, como *templum* "templo", *bellum* "guerra", *calcar* "espora".

3. Nem sempre, porém, o gênero natural, que se baseia nas diferenças de sexo, corresponde exatamente ao gênero gramatical. Muitos substantivos que designam objetos e sêres inanimados pertencem ao gênero masculino ou feminino : *mensa* "mesa", *pirus* "pereira", *manus* "mão", *memoria* "memória", etc. são femininos; enquanto que *pes* "pé", *riuus* "regato", *ager* "campo", *mensis* "mês", etc. são masculinos. A forma da palavra também não é bastante para se determinar o gênero gramatical de um vocábulo. *Lupus*, *pirus* e *uirus* "veneno", todos da mesma forma e pertencentes à mesma declinação, à segunda, são, entretanto, de gêneros diferentes : *lupus* é masculino, *pirus*, feminino, e *uirus*, neutro. O *gênero gramatical é uma simples relação que une o substantivo ao adjetivo que a êle se refere*, sendo, pois, a concordância dêste adjetivo que determina

com precisão e clareza o gênero gramatical do substantivo. Assim, sabemos que os substantivos *lupus, pes, riuus, ager, mensis,* etc. são masculinos porque só podem vir acompanhados de uma forma masculina de adjetivo: *bonus lupus, bonus pes, bonus riuus, bonus ager, bonus mensis; pirus, mensa, manus, memoria* e mais *nurus* "nora" e *origo* "origem" são femininos porque só podem vir acompanhados de uma forma feminina de adjetivo: *bona pirus, bona mensa, bona manus, bona memorĭa, bona nurus, bona orīgo*. Assim, os substantivos *uirus, templum, bellum, calcar* são neutros porque só podem vir acompanhados de uma forma neutra de adjetivo: *malum uirus, bonum templum, pessĭmum bellum, paruum calcar*.

4. São do gênero masculino, além dos substantivos indicados no n.º 2 dêste capítulo, os nomes de rios, ventos, montanhas, o dos meses do ano e os das divindades a que se atribuía o sexo masculino. Exs.: *Tibĕris antĕa Tybris appellātus* (Plín. H. Nat. 3,5,9) "o Tibre antes chamado *Tybris*"; *Auster umĭdus* (Verg., Geo., 1,462) "o Austro que traz chuvas"; *quantus Athos aut quantus Eryx aut ipse... quantus pater Appenīnus* (Verg., En. 12, 701-703) "tão grande quanto o monte Atos, ou quanto o monte Érix, ou o próprio pai Apenino"; *acceptus Geniĭs December* (Ov. Fast. 3,58) "Dezembro amado pelos Gênios"; *huic ipsi Ioui Statōri, antiquissĭmo custōdi huius urbis* (Cíc., Cat. 1,11) "a êste mesmo Júpiter *Stator*, o mais antigo guarda desta cidade".

Observação:

Alguns nomes de rios e montanhas, porém, fazem exceção à regra, como, por exemplo, *Allia* "o rio Ália", *Styx* "o Estige", *Lethe* "o rio Lete", *Alpes* "os Alpes", que são femininos. Exs.: *Styx interfūsa* (Verg. Geo. 4, 480) "o Estige que corre por entre êles"; *aerĭas Alpes* (Verg. Geo. 3,474) "os Alpes aéreos"; *Soracte* "o monte Soracte" é neutro: *candĭdum Soracte* (Hor. Od. 1, 9, 1-2) "o branco Soracte".

5. São do gênero feminino, além dos substantivos indicados no n.º 2, em geral os nomes de cidades, países, árvores, divindades consideradas como do sexo feminino, etc.

Exs.: *magnae spes altĕra Romae* (Verg. En. 12,168) "outra esperança da grande Roma"; *quid cetĕra dicet Italĭa?* (Verg. En. 12, 40-41) "que dirá a restante Itália, isto é, o resto da Itália?"; *Alexandrēam reliquamque Aegyptum uisĕre* (Cíc. At. 2,5,1) "visitar Alexandria e o resto do Egito"; *durae corylī* (Verg. Geo. 2,65) "as duras aveleiras"; *tria uirgĭnis ora Diānae* (Verg. En. 4,511) "os três rostos da virgem Diana".

Observação:

Alguns nomes de cidades e países, e mesmo de árvores, contràriamente à regra, são do gênero masculino: *Coriŏlos* (T. Liv. 2,33,5) Coríolos"; *Sulmōnis aquōsi moenĭa* (Ov. Am. 3,15,11) "as muralhas da aquosa Sulmona"; *flexi... uimen acanthi* (Ver. Geo. 4,123) "a haste do flexível acanto".

6. Muitos nomes de animais, como sucede em português, são epicenos, isto é, têm um gênero fixo, masculino ou feminino, independentemente do sexo do animal. São sempre masculinos: *anser* "ganso", *corax* "corvo"; *aper* "javali", etc. São sempre femininos, entre outros: *uolpes* "rapôsa": *feles* "gato bravo" (e outros pequenos carnívoros), *aquila* "águia", etc.

Observação:

Muitos nomes de animais são comuns aos dois gêneros, empregando-se tanto como masculinos quanto como femininos, embora a língua muitas vêzes demonstre certa preferência por um dos dois gêneros: *canis* "cão ou cadela", *bos* "boi ou vaca", etc. Exs.: *canes uenatici* (Cíc. Verr. 4,31) "cães de caça"; *infernae canes* (Hor. Sát. 1,8,35) "as cadelas do inferno"; *bouem uiuum* (Cíc. C. M. 33) "um boi vivo"; *meas boues* (Verg. Buc. 1,9) "minhas vacas".

7. São do gênero neutro os nomes de frutos e metais, bem como as palavras indeclináveis, infinitivos verbais, e têrmos e frases usados como se fôssem substantivos.

Exs.: *fas* "permissão ou ordem dos deuses, direito divino"; *scire tuum* (Pérs. 1,27) "o teu saber"; *dulce et decōrum est pro patria mori* (Hor., Od., 3,2,13) "é doce e decoroso morrer-se pela pátria"; *mane nouum* (Verg., Geo., 3,325) "a fresca manhã".

8. Como em português, há em latim apenas dois números: o singular e o plural. Do antigo dual, que ainda aparece no grego clássico, há em latim um ou outro vestígio, como por exemplo o numeral *duo* "dois", e *ambo* "ambos", mas, ainda assim, só do ponto de vista etimológico, e isto porque eram tidos pela língua como verdadeiros plurais.

9. Diferentemente do que acontece em português, onde as palavras, como os substantivos e adjetivos, apresentam variações em sua parte final (desinências nominais) para indicarem apenas as categorias de gênero e número ,em latim, os substantivos, adjetivos e pronomes indicam ainda pelas mesmas desinências qual a função que desempenham na frase. Chama-se *caso* à forma tomada por uma palavra declinável para indicar precisamente qual a função que desempenha na frase. Teòricamente tôda palavra declinável possui seis formas para o singular e outras seis para o plural, uma vez que as desinências de singular não se deveriam confundir com as de plural, nem haver desinências idênticas para casos diferentes em cada um dos números. Entretanto, tal não acontece, havendo, às vêzes, mais de uma desinência para o mesmo caso, e, mais freqüentemente, ao contrário disso, servindo a mesma desinência a mais de um caso, como passaremos a ver.

10. Há em latim seis casos que damos a seguir, consignando-lhes os principais valôres significativos:

I. Nominativo — É o caso que designa a pessoa ou coisa de que trata a frase, vulgarmente chamado o caso do sujeito. Dêsse emprêgo, o mais comum no período clássico, decorrem, por uma questão de concordância, os empregos de predicativo do sujeito, apôsto do sujeito e apôsto do predicativo do sujeito. Entretanto, seu valor primitivo era mais vasto e mais vago: era o caso do nome considerado em si mesmo, fora do contexto da frase, como por exemplo nos títulos e enumerações, donde por vêzes ser usado pelo vocativo e nas exclamações.

Exs.:*Hunc ego non dilĭgam?* (Cíc. Arch. 18) "então eu não hei de admirá-lo?"; *Caesar mittit complūres equĭtum turmas* (Cés. B. Gal. 7,45,1) "César envia numerosos esquadrões de cavalaria"; *ad hanc te amentiam natūra pepĕrit, uolūntas exercŭit, fortūna seruāuit* (Cíc. Cat. 1,25) "é para esta loucura que a natureza te pôs no mundo, a tua vontade te preparou, e a sorte te protegeu"; *nunquam est fidēlis cum potēnti sociĕtas* (Fedr. 6,1) "nunca é seguro a aliança com o poderoso"; *uir amplissĭmus, P. Scipio, pontifex maxĭmus, Ti. Gracchum, mediocrĭter labefactantem statum reipublĭcae, priuātus interfēcit* (Cíc. Cat. 1,3) "uma importante personalidade, Públio Cipião, sumo pontífice, como simples particular matou Tibério Graco, que atentava ligeiramente contra a constituição do Estado"; *Orator* (Cíc.) "O Orador"; *Clamor Senatus, querēllae, preces, socer ad pedes abiēctus* (Cíc. Sest. 74) "o clamor do Senado, as queixas, as súplicas, o sogro lançado a seus pés"; *abin... a me, dignus domino seruus?* (Plaut. Amph. 857) "vai-te para longe de mim, escravo digno de teu senhor"; *o conseruāndus ciuis!* (Cíc., Phil. 13,37) "ó cidadão que deve ser poupado!".

II. Vocativo — É o caso da interpelação, sendo por isto independente de todo o contexto da frase, um caso à parte dos demais.

Exs.: *meminīsti, enim profēcto, Attĭce* (Cíc., Lael., 2) "com efeito, certamente te lembraste, Ático"; *o canis, merĭto iaces* (Fedr. 28,9) "ó cão, merecidamente estás morto".

III. Acusativo — É um caso difícil de enfeixar numa única fórmula, sendo o seu emprêgo mais geral o de indicar o objeto ou complemento direto do verbo. Note-se, porém, que êste não era o seu valor primitivo, tendo sido empregado, a princípio, independentemente do verbo, o que explica as suas construções com verbos intransitivos, ou como duplo acusativo. Outro emprêgo freqüente é indicar a extensão no tempo ou no espaço, bem como caracterizar o têrmo de um movimento, empregos êstes em que se generalizou o uso das preposições, embora se conserve uma ou outra construção que as dispense.

Exs.: *diuitĭas alĭi propōnunt* (Cíc. Lael. 20) "uns preferem as riquezas"; *eam tu nos docēbis* (Cíc. De Or. 2,216) "tu nos ensinarás essa (arte)"; *tutiōrem uitam uiuĕre* (Cíc. Verr. 2,118) "viver uma vida mais segura"; *bestiŏlae quaedam unum diem uiuunt* (Cíc. Tusc. 1,94) "certos animaizinhos vivem um dia"; *hic locus ab hoste circĭter passus sexcēntos abĕrat* (Cés., B. Gal., 1,49,2) "êste lugar distava do inimigo cêrca de seiscentos passos"; *in senătum uenit* (Cíc., Cat., 1,2) "vem ao senado"; *sexto die Delum Athēnis uenīmus* (Cíc. At. 5,12) "no sexto dia viemos de Atenas a Delos".

IV. Genitivo — É principalmente o caso do complemento terminativo do nome, *genitivo adnominal*, servindo também para indicar o todo de que se toma uma parte, *genitivo partitivo*. Como *genitivo adnominal* apresenta grande variedade de empregos, sendo que aqui apontaremos apenas os mais comuns, como o *genitivo possessivo*, ao qual se prendem o *genitivo patronímico*, o *genitivo de qualidade*, o de *preço* e o de *matéria*. O *genitivo partitivo* pode ser empregado junto ao verbo ou ao nome que indique idéia de divisão, depois de comparativos e superlativos, de alguns pronomes ou advérbios.

Exs.: a) Genitivo adnominal: *derēpit ad cubīle setōsae suis* (Fedr. 37,12) "desceu de rastos ao covil da eriçada javalina"; *Fausto Sullae* (Cíc., Clu., 94) "a Fausto, filho de Sula"; *maiestas consŭlis* (Cíc. Pis. 24) "a majestade do cônsul"; *ceruum uasti corpŏris* (Fedr. 6,5) "um veado de grande corpulência"; *cuius auctorĭtas in iis regionĭbus magni habebātur* (Cés. B. Gal. 4,421,7) "cuja autoridade nessas regiões era considerada de grande valor"; *auri uenas inuenīre* (Cíc. Nat. 2,151) "achar filões de ouro".

b) Genitivo partitivo: *eōrum una pars* (Cés. B. Gal. 1,1,5) "uma parte dêles"; *horum omnĭum fortissimi sunt Belgae* (Cés. B. Gal. 1,1,3) "de todos êstes os mais fortes são os belgas"; *oblītus sum mei* (Ter. Eun. 306) "esqueci-me de mim"; *quis omnium mortalĭum non intellĕgit* (Cíc. Verr. 5,179) "quem dentre todos os mortais não compreende"; *postridĭe eius diĕi* (Cés. B. Gal. 4,13,4) "no dia seguinte a êste dia"; *satis eloquentĭae, sapientĭae parum* (Sal. Cat. 5,4) "muito de eloqüência, pouco de sabedoria".

V. Dativo — É principalmente o caso da atribuição, indicando a pessoa ou coisa a quem um objeto é destinado e, daí, no interêsse de quem se faz uma coisa. Seu emprêgo mais comum e generalizado é indicar a função do objeto ou complemento indireto da oração.

Exs.: *Fatōrum arbitrĭo partes sunt uobis datae:*
Tibi formam, uires aquĭlae, luscinĭo melos,
Augurĭum coruo, laeua cornīci omĭna (Fedr. 62,10 12) "por deliberação dos fados, a vós são dadas as seguintes partes: para ti a beleza, as fôrças para a águia, a melodia do canto para o rouxinol, o augúrio para o corvo, os maus agouros para a gralha"; *castris locum delegit* (Cés. B. Gal. 3,29,1) "escolheu um local para o acampamento".

VI. Ablativo — É o caso em geral do adjunto circunstancial ou adverbial. Primitivamente indicava o ponto de partida, a origem. Mas, desaparecendo em latim dois outros casos, o *instrumental* e o *locativo*, passou também o ablativo a desempenhar cumulativamente as funções dêstes dois casos. O *instrumental* servia especialmente para indicar o instrumento, pessoa ou coisa com que ou com o auxílio de quem se fazia a ação indicada pelo verbo. O locativo indicava o lugar, e também o tempo em que se realizava a ação expressa pelo verbo. Assim, o ablativo latino representa a síntese dêstes três casos.

Exs.: *domo emigrāre* (Cés. B. Gal. 1,31,14) "emigrar da pátria"; *ex captīuo audiĕrat* (Cés. B. Gal. 6,37,9) "ouvira de um prisioneiro"; *insecūti gladĭis* (Cés. B. Gal. 2,23,1) "perseguidos à espada"; *summa erat in eo oppĭdo facŭltas* (Cés. B. Gal. 1,30,3) "havia grande abundância na referida cidadela"; *diēbus circĭter quindĕcim* (Cés. B. Gal. 2,2,6) "em cêrca de quinze dias".

Observação:

Note-se porém, que o locativo deixou em latim numerosos vestígios, aparecendo, mesmo no período clássico, muitos vestígios de seu emprêgo. Exs.: *domi nostrae* (Cíc. Fin. 5.42) "em nossa casa"; *ruri habitāre* (Cíc. Amer. 39) "morar no campo"; *heri uespĕri* (Cíc. De Or. 2,13) "ontem à tardinha".

11. Como já fizemos observar, a redução dos casos é uma verdadeira tendência da língua, que já se fazia sentir desde os primitivos documentos do latim, com o desaparecimento do instrumental e do locativo, e até durante o período clássico, onde, por exemplo, o vocativo já se identificara em tôdas as declinações (exceção feita ùnicamente aos nomes em *us* da segunda declinação no singular) com o nominativo, bem como o dativo com o ablativo no plural de tôdas as declinações. Tal redução ainda mais se acentuou no latim vulgar, pelo maior emprêgo dado ao uso das preposições, o que explica o desaparecimento quase completo dos casos nas línguas românicas, onde deixaram muito poucos vestígios.

12. Enfim, impõe-se uma conclusão ao terminar êste breve estudo do valor dos casos. Tendo a palavra em latim sua função na frase precisamente determinada pelo respectivo caso, segue-se que a própria ordem das palavras é muito mais livre em latim do que em qualquer das línguas românicas modernas, onde muitas vêzes uma simples inversão da ordem acarreta uma inversão do próprio sentido da frase.

COMPLEMENTO AO ESTUDO DAS CATEGORIAS

A Divisão dos Gêneros

A categoria de gênero é, sem dúvida, das categorias gramaticais a menos lógica e mais inesperada. A divisão dos substantivos em três gêneros, masculino, feminino e neutro, sugere-nos a idéia de ter sido feita segundo o que se costuma denominar o gênero natural: pertenciam ao gênero masculino todos os sêres do sexo masculino, ao feminino todos os sêres do sexo feminino, e, finalmente, os sêres inanimados, entre os quais não há machos nem fêmeas, deveriam constituir o gênero neutro. Entretanto, como vimos nos números 3, 4, 5, 6 e 7 dêste capítulo, a real divisão dos gêneros em latim muito se afasta dêste critério, sendo coisas inteiramente distintas *gênero natural* e *gênero gramatical*.

A primeira observação a fazer diz respeito à própria divisão nos três gêneros, masculino, feminino e neutro, que revela já um desenvolvimento secundário, não correspondendo, pois, ao primitivo estado de coisas. Com efeito, a causa determinante da diferenciação dos gêneros na antiga língua indo-européia não foi, em absoluto, a diferença dos sexos, mas a oposição entre os sêres animados e os sêres inanimados ou coisas. Assim, a primitiva divisão dos gêneros seria esta: os substantivos que designavam os sêres vivos, bem como os adjetivos ou pronomes que a êles se referissem, pertenciam ao gênero animado, enquanto que os substantivos que designassem coisas, ou os adjetivos ou pronomes que a êles se referissem, pertenciam ao gênero inanimado. Dêste modo, o gênero animado compreendia sem distinção o masculino e o feminino, enquanto que o inanimado, o neutro.

Aliás, cumpre notar que esta diferença entre o gênero animado e o inanimado não se verificava em tôda a declinação, mas ùnicamente em dois casos: o nominativo e o acusativo, sendo que tal distinção também se estendia ao vocativo, quando, excepcionalmente, e em linguagem figurada, neste caso era empregado um substantivo do gênero inanimado.

Já vimos que a existência do gênero feminino corresponde a uma inovação de algumas línguas indo-européias, entre as quais o latim,

cindindo-se assim o antigo gênero animado em masculino e feminino. No próprio latim, mesmo do período clássico, há ainda numerosas comprovantes disso. As mais eloqüentes, sem dúvida, são constituídas pelos nomes de parentesco e pelos nomes de animais, onde as diferenças de sexo são patentes. Com respeito aos nomes de animais, já vimos, no número 6 dêste capítulo, que muitos dêles têm apenas um único gênero, que se aplica indiferentemente aos dois sexos, como *coruus* ou *aquila*, enquanto que outros têm uma única forma empregada, quer como masculina, quer como feminina, como *bos*, *canis*. Igualmente os nomes de parentesco, a começar pelo do pai e da mãe, não apresentam diferenciação morfológica alguma que caracterize a distinção de masculino e feminino: *pater* e *mater* não apresentam na desinência nem no tema nenhuma particularidade que indique ser *pater* masculino e *mater* feminino. O mesmo se dá com as demais denominações de parentesco como: *frater*, *soror*, *socer*, *socrus*, *nurus* e, principalmente, *uir* e *uxor* "marido" e "mulher". Muitos adjetivos também não distinguem o masculino do feminino, como em geral os da chamada segunda classe, como *fortis,—e*, ou *audax* (os do tipo *acer*, *acris*, *acre* são raríssimos e além de tudo a diferença de masculino e feminino é de data recente, encontrando-se ainda exemplos de *acer* qualificando um feminino e *acris* um masculino). Os comparativos sintéticos também sempre enfechavam numa mesma forma o masculino e o feminino, como *fortior*, *acrior*, *melior*, *iustior*.

O neutro, como vimos, provém do antigo gênero inanimado, pertencendo a êle os nomes das coisas. Entretanto, se de um modo geral se pode dizer que todo substantivo neutro é denominação de um ser inanimado, a recíproca está longe de ser verdadeira, havendo muito nome que se aplica a objetos pertencendo, entretanto, ao gênero animado, masculino ou feminino. A razão dêste fato repousa em antigas concepções dos povos de civilização muito remota, como foram os que se serviam do indo-europeu como língua para transmissão do pensamento, sendo que não só tais concepções muitas vêzes diferem grandemente das concepções modernas, como também, em geral, já se tinham obscurecido ao tempo dos mais antigos textos latinos, o que vem constituir uma dificuldade a mais na compreensão da categoria gramatical do gênero, em latim.

Assim, de um modo geral, pode dizer-se que pertencem ao gênero animado todos os sêres animados considerados concretamente ou abstratamente, incluindo-se neste último grupo, por exemplo, os nomes de árvores, considerando-se a árvore como um ser produtivo, bem como as fôrças da natureza, os elementos, os astros (considerados como possuidores de um poder divino e por isso divinizados), os nomes das partes ativas do corpo, nomes relacionados a raízes verbais que exprimam um processo. Exs.: *pirus* "pereira", *ficus* "figueira", *humus* "terra" (e os nomes da terra), *aqua* "água" e *unda* "a água em movimento, água agitada, onda, vaga", *ignis* "fogo", *caelus*

"céu", *sol* "sol", *luna* "lua", *stella* "estrêla", *pes* "pé", *manus* "mão", *lingua* "língua", *dator* "o que dá, doador", *toga* "toga" do verbo *tego*, etc.

Esta consideração animística dos sêres determina, por vêzes, formas duplas de gênero, segundo se considere o ser em sua realidade concreta como uma coisa, ou em seu aspecto abstrato como um ser virtualmente animado ou personificado. Assim, por exemplo, *caelus* e *caelum* "céu", *somnus* "o sono", fôrça que submete os homens ao seu poder, enquanto que *somnum* "sonho" aparece como resultado do sono, sendo por isto do gênero inanimado. No que se refere aos nomes das partes do corpo é interessante notar-se que enquanto as partes consideradas ativas são do gênero animado, como vimos, as denominações dos órgãos internos, imóveis ou cujo movimento não se deixa perceber, pertencem ao gênero inanimado, o que explica os neutros latinos como: *iecur* "fígado", *uiscera* "vísceras" e até *cor* "coração", apesar da concepção latina que fazia do coração não só a sede do sentimento, como também da inteligência, donde as expressões românicas: de cór, *par coeur*, etc.

Nestas condições, a distinção dos gêneros animado e inanimado, isto é, do masculino-feminino e do neutro, não tinha uma estabilidade precisa, favorecendo destarte a passagem de um mesmo substantivo de um gênero para outro, segundo o critério subjetivo por que era encarado. Além disso, até quando esta distinção se fazia, ela se limitava aos dois casos nominativo-acusativo (sendo o vocativo de emprêgo excepcional no neutro), uma vez que nos outros casos não havia distinção alguma na declinação dos substantivos do gênero neutro. De mais a mais, enquanto que a distinção de masculino para feminino se fazia, via de regra, por meio de uma alteração do próprio tema (femininos geralmente pertencentes aos temas em *—a*), a diferença de masculino para o neutro só se efetuava pela desinência, caracterizando-se os neutros pelo uso da desinência zero no nominativo-acusativo. Isto explica que desde a época mais arcaica o neutro tendia a ser eliminado, sendo substituído principalmente pelo masculino, bem como muito mais raramente pelo feminino, isto pela identidade das desinências de nominativo singular da primeira declinação e do nominativo-vocativo-acusativo plural dos neutros, sempre em *—a*. Esta tendência, cada vez mais se acentuando, teve por resultado o completo desaparecimento do neutro nas línguas românicas.

Embora também tenha havido confusões entre femininos e masculinos, estas não foram tão numerosas e constantes para determinarem o desaparecimento da diferença dêstes gêneros, que tinham apoio em primeiro lugar numa sólida diferenciação morfológica, como também em precisa distinção semântica revigorada pela analogia das formas em que havia coincidência do gênero gramatical com o gênero natural. Assim, dadas essas circunstâncias, preservou-se a

diferença masculino-feminino, que determinou a conservação dêstes dois gêneros nas línguas românicas, onde, entretanto, se observa a resolução das anomalias constituídas pelos nomes femininos em *—us* (que ou foram incorporados ao gênero masculino, como choupo, freixo, etc., de *populus, fraxinus,* ou passaram para a declinação dos temas em —a, como nora, sogra, faia, provenientes de *nurus, socrus. fagus*).

A Categoria de Número

A categoria de número, primitivamente, além do singular e do plural, contava ainda o dual, que servia para indicar a dualidade, sendo de rigor o seu emprêgo sempre que se tratava de dois objetos. Já vimos que em latim o dual desapareceu inteiramente, deixando apenas um ou outro vestígio, vislumbrado ùnicamente pela ciência dos etimologistas. É a categoria de número a única que é comum ao nome e ao verbo.

Cumpre notar que o plural não representa sempre a noção de um singular repetido. Há o chamado plural não específico, o plural dos nomes próprios, aplicado aos membros de uma mesma família, ou mesmo apenas a pessoas que tenham a reuní-las uma qualidade comum que as distinga de outras. Do primeiro caso damos como exemplo a altiva resposta com que os membros da família dos Metelos responderam à audaciosa invetiva do poeta Névio: *Dabunt malum Metelli Naeuio poetae,* "os Metelos castigarão o poeta Névio"; do segundo, o célebre verso de Marcial: *sint Maecenātes, non deĕrunt, Flacce, Marōnes* (VIII, 56,5) "haja os Mecenas e não faltarão, ó Flaco, os Vergílios".

Por outro lado, também, muitas vêzes, o plural é empregado como simples designação de um objeto complexo ou sentido como tal, como *fores* "porta", *exuuiae* "despojos tomados ao inimigo", *tenebrae* "as trevas", etc.

Por vêzes, é o singular que é apenas empregado, quer pela própria significação do substantivo, como por exemplo é o caso dos nomes próprios de pessoa em seu sentido próprio, os nomes de ação em *—tus,* em geral os nomes abstratos em seu sentido próprio, ou então substantivos que no plural acabaram por tomar uma significação diferente da do singular. Exs.: *Cicero, Caesar, Liuia; rostrum* "bico, esporão de navio" e *rostra* "tribuna dos oradores no Forum", assim chamada por ser ornada com os esporões dos navios tomados aos volscos durante a guerra latina; *copia* "abundância, recursos" e *copiae* "recursos em homens, fôrças, tropas", por especialização da língua militar. Enfim, os substantivos abstratos que, como dissemos, geralmente só se empregam no singular, como *laus* "glória", *uirtus* "energia", podem ser empregados no plural como que para se concretizarem, indicando os atos que realizam a abstração: *laudes* "palavras gloriosas, elogios", *uirtutes* "atos enérgicos".

CAPÍTULO VIII

A DECLINAÇÃO

1. Como vimos no estudo do sistema de flexões nominais (cap. VI n.º 4), a palavra é constituída essencialmente de dois elementos: *tema e desinência.* As desinências são em geral as mesmas para cada caso, variando de declinação para declinação a parte final do tema, que se caracteriza pelo elemento que imediatamente precede a desinência. Assim, enquanto o tema encerra a significação da palavra e a característica da declinação a que a mesma pertence, a desinência indica simultâneamente as categorias gramaticais de *gênero, número* e *caso.*

2. Os substantivos em latim estão divididos em cinco grupos ou sistemas de flexão, chamados *declinações*. Estas cinco declinações são caracterizadas, como se disse, pela vogal que finaliza o tema, ou pela ausência de vogal, o que constitui o grupo dos chamados temas consonânticos, isto é, dos temas terminados em consoante.

I. Pertencem à primeira declinação os temas terminados em *–a*, como, por exemplo, *stella* "estrêla".

II. Pertencem à segunda declinação os temas terminados em *–o/–e*, como, por exemplo, *lupo–s*, e depois *lupu–s* "lôbo".

III. Pertencem à terceira declinação os temas terminados na soante *–i*, como, por exemplo, *oui–s* "ovelha", ou terminados em consoante, como, por exemplo, *princep—s* "príncipe".

IV. Pertencem à quarta declinação os temas terminados em *–u*, como, por exemplo, *manu–s* "mão".

V. Pertencem à quinta declinação os temas terminados em *–e*, como, por exemplo,*die–s* "dia".

3. A declinação dos adjetivos pouco difere da dos substantivos, estando êles, porém, divididos em dois grupos : *adjetivos de primeira classe*, os que seguem no masculino e no neutro a segunda declinação de substantivos e no feminino a primeira, como *bonus, bona, bonum;*

e adjetivos de *segunda classe*, os que seguem nos três gêneros a terceira declinação, como *celer, celĕris, celĕre*, ou *fortis, forte*, ou *audax*. Não há em latim adjetivos que sigam a quarta ou a quinta declinação.

4. As desinências casuais, para tôdas as declinações, são as seguintes:

SINGULAR

	Masc. – Fem.	Neut.
Nom.	*–s* (*zero*)	*–m* (*zero*)
Voc.	(em geral igual ao nominativo)	
Acus.	*–m, –em* (*zero*)	*–m* (*zero*)
Gen.	*–i, –is, –s*	
Dat.	*–i, –ei, –i*	
Abl.	–(d), *–e*	

PLURAL

	Masc. – Fem.	Neut.
Nom.	*–i, –es, –s*	*–a*
Voc.	(sempre igual ao nominativo)	
Acus.	(*–n*)*s*	*–a*
Gen.	*–rum, –um*	
Dat.	*–is, –bus*	
Abl.	*–is, –bus*	

5. Chama-se desinência *zero* a falta da desinência que serve para caracterizar um caso. Assim, por exemplo, nos temas consonânticos da terceira declinação, os que terminam em *nasal* (*–n*), ou *líquida* (*–l, –r*) não recebem desinência nenhuma no nominativo singular, em oposição a todos os demais casos. O que caracteriza, pois, nestes temas, o nominativo singular é precisamente a ausência de desinência, razão por que se diz que êles têm *desinência zero*.

6. Antes de passarmos ao estudo particular de cada declinação, vejamos a formação dos casos pela junção das desinências nominais aos temas das diversas declinações.

SINGULAR

I. Nominativo – Para os substantivos e adjetivos masculinos e femininos a desinência geral é *–s*. Fazem exceção a isto, ùnicamente, os temas terminados em *–a*, e alguns temas consonânticos (terminados em *–l, –r, –n*), que têm desinência *zero*.

INDEX

Exs.:*stella* "estrêla", *lupo–S* e depois *lupu–S* "lôbo", *oui–S* "ovelha", *princep–S* "príncipe", *consul* "cônsul", *mater* "mãe", *homo* (n) "homem", *manu–S* "mão", *die–S* "dia".

Os substantivos e adjetivos neutros de tema terminado em *–o/–e* fazem o nominativo com a desinência *–m* tomada ao acusativo, enquanto os demais neutros apresentam o tema puro, isto é, com desinência *zero*.

Exs.: *temploM* e depois *templuM* "templo", *mare* "mar" *nomen* "nome", *genu* "joelho".

II. VOCATIVO – É geralmente igual ao nominativo em tôdas as declinações, exceto na segunda. Nesta, os substantivos e adjetivos que fazem o nominativo em *–us* apresentam no vocativo a desinência *zero*, com a alternância da vogal final do tema *–o/–e*.

Exs.: *stella, lupe, templu–M, oui–S, princep–S, consul, mater, homo, mare, nomen, manu–S, genu, die–S*.

III. ACUSATIVO – Para os masculinos e femininos a desinência geral é *–m*. Os temas consonânticos, porém, têm a desinência *–em*.

Exs.: *stella—M, lupo—M* e depois *lupu—M, oui—M*, e depois *ou—EM, princp—EM, manu—M, die—M*.

Os substantivos e adjetivos neutros de tema em *–o/–e* fazem o acusativo em *–m;* os demais neutros não tomam desinência alguma no acusativo, apresentando o tema puro, com desinência *zero*.

Exs.: *templo–M* e depois *templu–M*, mas *nomen, mare, genu*.

IV. GENITIVO – Para os temas em *–a–, –o/e–, –e–* a desinência é *–i*.

Exs.: *stella–I* e depois *stella–E, lup–I, diē–I*.

Para os temas em *–i* e em *–u* a desinência é *–s*. Para os temas consonânticos a desinência é *–is*.

Exs.: *oui–S, manu–S, princip–IS*.

V. DATIVO — Para os temas em *—a—,—o/—e* e em *—e—* a desinência é *–i*. Para os temas sonânticos, consonânticos e em *–u–* a desinência é *–ei–*, que depois evolve para *–i*.

stella–I e depois *stella–E, lupo–I* e depois *lupo, diē–I, oui–ei* e depois *ouī, princip–EI* e depois *princip–I, manu–EI* e depois *manu–I*.

VI. Ablativo — Para os temas terminados em *—a—*, *—o/e—*, *—i—*, *—u—*, *—e—* a desinência geral era *—d*, que, precedida de vogal longa, sofria a apócope. Para os temas em consoante a desinência é *—ĕ*, que depois se estendeu em geral aos temas em *—i—*.

Exs.: *stella—D* e depois *stellā*, *lupo—D* e depois *lupo*, *oui—D* e depois *ou—E*, *manu—D* e depois *manu*, *die—D* e depois *diē*, *princip—E*.

PLURAL

VII. Nominativo — Para os substantivos e adjetivos de tema em *—a—* e em *—o/e—* a desinência é *—i*.

Exs.: *stella—I* e depois *stella—E*, *lupo—I* e depois *lupe—I* > *lup—I*.

Para os temas em *—i—*, em consoante, em *—u—*, e em *—e—* a desinência é *—es*.

Exs.: *oui—ES* e depois *ou—ES*, *princip—ES*, *manu—ES* e depois *manu—S* ,*die—ES* e depois *di—Es*.

Para os neutros, a desinência é *—ă*.

Exs.: *templ—A*, *mari—A*, *nomin—A*, *genu—A*.

VIII. Vocativo — Em tôdas as declinações é sempre igual ao nominativo.

IX. Acusativo — Para o masculino e feminino a desinência é *—ns*, dando-se, porém, sistemàticamente o desaparecimento do *n* antes de *s*.

Exs.: *stella—NS* e depois *stella—S*, *lupo—NS* e depois *lupo—S*, *oui—NS* e depois *oui—S*, *princip—NS* e depois *princip—ES*, *manu—NS* e depois *manu—S*, *die—NS* e depois *die—S*.

Para os neutros, a desinência geral é *—a*, como no nominativo.

Exs.: *templ—A*, *mari—A*, *nomin—A*, *genu—A*.

X. Genitivo — Para os temas em *—a—*, *—o/e—* e *—e—* a desinência é *—rum*, tomada de empréstimo aos demonstrativos.

Exs.: *stellā—RUM*, *lupō—RUM*, *diē—RUM*, *templō—RUM*.
Para os temas em *—i—*, em consoante e em *—u—* a desinência é *—um*.

Exs.: *ouĭ—UM*, *princip—UM*, *marĭ—UM*, *nomin—UM*, *manŭ—UM*, *genŭ—UM*.

XI. Dativo — Para os temas em *—a—* e em *—o/e—* a desinência é *—is*.

Exs.: *stella-IS* e depois *stell-IS*, *lupo-IS* e depois *lup-IS*.

Para os temas em *—i—*, em consoante, em *—u—* e em *—e—* a desinência é *—bus*.

Exs.: *oui—BUS*, *princip—ĭ—BUS*, *manu—BUS* e depois *mani—BUS*, *diē—BUS*.

XII. Ablativo — Sempre igual ao dativo.

COMPLEMENTO AO ESTUDO DA DECLINAÇÃO

Como o genitivo é o caso mais característico das declinações, é costume indicá-las pelo genitivo singular, processo êste puramente empírico, mas consagrado pela tradição. Assim, ao se mencionar uma palavra como *stella, —ae*, sabe-se que pertence à primeira declinação porque faz o genitivo singular em *—ae; lupus, —i*, à segunda, porque faz o genitivo singular em *—i*, e assim por diante. Aliás, cumpre observar que a própria divisão dos substantivos em latim pelas cinco declinações, embora tradicional e proveniente dos próprios gramáticos latinos, é também empírica e artificial. Acrescente-se ainda que esta divisão é tardia, uma vez que a quinta declinação não constituía um tipo à parte de declinação autônoma para os primeiros gramáticos e os que viveram no período clássico, como por exemplo Varrão. Na realidade, poder-se-iam dividir os substantivos latinos em dois grandes grupos, dos quais o primeiro seria constituído da primeira e segunda declinações (temas em *—a—* e em *—o/e—*), e o segundo da terceira e quarta (temas em consoante, em *—i—* e em *—u—*). Enfim, a quinta declinação (temas em *—e—*), aliás formada de elementos heterogêneos, constituiria um tipo misto, participando em alguns casos do sistema de flexões do primeiro grupo e, em outros, do segundo.

Terminando em vogal a maioria dos temas nominais em latim, freqüentemente se torna difícil, senão impossível, isolar-se a desinência do tema. Assim ,por exemplo, o dativo singular dos temas sonânticos *oui*, ou o dos temas em *—o/e—*, *lupo*. O nominativo plural dos temas em *—o/e—* como *lupi*, ou dos temas sonânticos em *—i—*, ou em *—u—: oues, manus*. O dativo e ablativo plural dos temas em *—a—* e em *—o/e—: stellis ,lupis*.

Por outro lado, as desinências, para exprimirem com clareza a função dos casos, deveriam ser rigorosamente distintas e precisas, isto é, não deveria haver casos diferentes com desinências iguais, nem desinências diferentes para o mesmo caso. Entretanto, como acaba-

mos de ver neste capítulo, as coisas se passam de modo muito diverso. Primeiramente, por vêzes, graças à evolução fonética, terminações diferentes tornam-se iguais. O dativo singular dos temas em —*o/e* — primitivamente deveria ter sido em —*i* (como ainda aparece numa inscrição de caráter dialetal, a fíbula prenestina: *Numasioi*, latim clássico *Numerio*); o ablativo singular dos mesmos temas era primitivamente em —*d*, como ainda aparece freqüentemente em inscrições do II° séc. a.C. Reduzindo-se o ditongo —*oi* a —*o*, e o —*d* final sofrendo a apócope por vir precedido de vogal longa, tanto o dativo como o ablativo singular dos temas em —*o/e* — tornaram-se idênticos, terminando ambos em —*o*. O genitivo singular da primeira declinação era primitivamente em —*s*, como ainda ocorre no período clássico nas expressões *pater familias, mater familias*, etc. Posteriormente, tomando a primeira declinação a desinência do genitivo singular da segunda —*i*, passou o seu genitivo a se fazer em —*i* que, unindo-se à vogal —*a* com que terminava o tema, originou um genitivo em —*ai* e depois em —*ae*, que se tornou idêntico ao dativo singular, também terminado em —*ae*. Ao contrário disso, caso característico como genitivo singular, além da desinência —*i* que acabamos de ver, e que evolve para —*e* na primeira declinação, permanecendo —*i* na segunda (*lupi*) e na quinta (*diei*), tem ainda as desinências —*is*, —*s* na terceira (*ouis, ducis*) e na quarta (*manus*).

Enfim, antes de entrarmos no estudo das declinações, é interessante passar em revista as principais denominações da nomenclatura latina, tomada quase tôda de empréstimo ao grego. Os nomes dos casos, *nominatiuus, uocatiuus, acusatiuus, genitiuus, datiuus*, são simples tradução, respectivamente, do grego: *onomastiké, kletiké, aitiatiké, geniké, dotiké*. Não havendo na declinação grega o ablativo, a denominação para êste caso foi uma criação latina, sendo que a separação foi considerada como a principal, ou uma das principais funções indicadas por êle, donde o latim *ablatiuus*. Por vêzes, também aparece a denominação de *sextus casus* para o ablativo. As expressões *caso, caso reto* e *caso oblíquo* também foram tomadas de empréstimo ao grego, respectivamente, *ptõsis* (*casus*), *ptõsis orthé* (*casus rectus*), *ptóseis plágiai* (*casus obliqui*). Para a designação dos gêneros também se valeram os romanos do grego: *genera, géne*; *masculinum, arsenikón*; *femininum, thelikón*; *neutrum, oudéteron*. Igualmente para os números: *singularis, henikós*; *pluralis, plethuntikós*.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

F. Sommer, Handbuch, págs. 319-322.

A. Meillet, *Introduction*, págs. 291-325.

A. Meillet — J. Vendryes, *Traité*, págs. 434-492.

INDEX

Stolz — Schmalz, Lat. Grammatik, págs. 255-280.

R. G. Kent, The Forms of Latin, págs. 16-23.

C. D. Buck, *Comparative Grammar*, págs. 169-174.

V. Pisani, *Grammatica Latina*, págs. 145-155.

A. Ernout, *Morphologie*, págs. 5-17.

Franz Blatt, *Précis de Syntaxe Latine*, Lyon, 1952, págs. 1-10.

INDEX

INDEX

INDEX

CAPÍTULO IX

1.ª DECLINAÇÃO

(Declinação dos temas em *–a–*)

+ o caso excepcional de neutro: indígena (m, f, n)

1. A primeira declinação é constituída quase exclusivamente de substantivos do gênero feminino. Possui, também, alguns substantivos masculinos, em geral nomes de homem, ou de profissões exercidas geralmente por homens. Muitos adjetivos no gênero feminino, todos pertencentes à denominada primeira classe de adjetivos, seguem a primeira declinação, como, por exemplo, *bona*.

Exs.: *stella* "a estrêla", *puella* "a menina", *mensa* "a mesa", *Cornelĭa* "Cornélia", *Messāla* "Messala", *nauta* "marinheiro", *aurīga* "cocheiro", *bona* "boa", *lucida* "luminosa, brilhante".

2. A primeira declinação não encerra substantivos do gênero neutro, nem adjetivos masculinos ou neutros. Todos os nomes que pertencem à primeira declinação têm o tema terminado em *–a–*.

3. Os nomes da primeira declinação se declinam pelo seguinte paradigma:

	SUBSTANTIVOS		ADJETIVOS	
	tema: *stella*		tema: *lucida*	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Nom.	*stellă*	*stellae*	*lucidă*	*lucidae*
Voc.	*stellă*	*stellae*	*lucidă*	*lucidae*
Acus.	*stellăm*	*stellās*	*lucidăm*	*lucidās*
Gen.	*stellae*	*stellārum*	*lucidae*	*lucidārum*
Dat.	*stellae*	*stellīs*	*lucidae*	*lucidīs*
Abl.	*stellā*	*stellīs*	*lucidā*	*lucidīs*

4. Na primeira declinação, o nominativo e vocativo singular são sempre iguais, terminando por um *–ă*, sempre breve; *stellă*. Como vimos (capítulo VIII, n.º 7, I), o *–a* do nominativo-vocativo

da 1.ª declinação não é pròpriamente uma desinência casual, mas a vogal do tema, havendo, pois, nestes casos, *desinência zero*.

Observação:

Primitivamente, o nominativo e o vocativo não eram idênticos, tendo o primeiro um *-ā* (com a quantidade sempre longa) e o segundo um *-ă*, cuja quantidade breve era original. Isto se conclui da comparação com outras línguas indo-européias, porque desde os primeiros textos latinos o nominativo já apresenta a quantidade breve. Os exemplos da quantidade longa do nominativo, aliás relativamente muito raros, são devidos a necessidades da métrica, ou à imitação do grego.

5. O antigo genitivo singular da primeira declinação era em *–s* (genitivo itálico), ainda usado com relativa freqüência pelos autores arcaicos, como, por exemplo: *Mercurius cumque eo filius Latōnas* (Lív. Andr. Odiss., 17) "Mercúrio e com êle o filho de Latona"; ou a expressão *dux ipse uias* (Ên. An. 441) "o próprio guia da estrada".

Observações:

1) No período clássico, êste genitivo é ainda usual nas expressões *pater familias, filius familias, mater familias.* Exs.: *qui sicut unus pater familias, his de rebus loquor* (Cíc. De Or. 1, 29.132) "eu falo destas coisas como um pai de família"; *cum de matre familias Tarquiniensi duo filios procreauisset* (Cíc. Rep. 2, 19) "como tivesse tido dois filhos de uma mãe de família de Tarquínios"; *illum filium familias patre parco* (Cíc. Cael. 15,36) "aquêle filho de família (originário) de um pai econômico"; *uxōris duae formae: una matrum familias* (Cíc. Top. 3,14) "há duas espécies de espôsa: uma, a das mães de família".

2) Note-se, porém, que, no período clássico, além dessas formas, eram ainda mais freqüentes as de genitivo em *-ae*. Exs.: *ut matres familiae eōrum* (Cés. B. Gál. 1.50,4) "que suas mães de família"; *ut pauci milites patresque familiae* (Cés. B. Ciu. 2,44,1) "como poucos soldados e pais de família"; *disciplina patris familiae rusticāni* (Cíc. Rosc. Am. 120) "a disciplina de um pai de família rústico".

6. Como vimos (Cap. VIII, n.º 7, IV), a desinência de genitivo singular dos temas terminados em *–a* era *–i*, que depois evolveu para *–e*, donde o genitivo clássico em *–ae*, como em *stellae*. Êste genitivo em *–āī* era primeiramente dissilábico, só posteriormente passando a ditongo. A antiga poesia latina conservou ainda numerosos exemplos dêste genitivo dissilábico, como: *olli respondit rex Albāī Longāī* (Ên. An. 33) "respondeu-lhe o rei de Alba Longa". Vergílio (e antes dêle Lucrécio) ainda usa, por afetação de arcaísmo e como recurso estilístico, dêste genitivo dissilábico: *diues equom, diues pictāī uestis et auri* (Verg. En. 9,26) "rico de cavalos, rico de veste bordada e de ouro"; *nec clarum uestis splendōrem purpureāī* (Lucr. 2,52) "nem o brilhante esplendor de uma veste de púrpura".

7. O dativo, formado com a desinência *–ī*, também era em *–ai*, no período arcaico. Diferia, porém, do genitivo singular por nunca ter sido dissilábico, embora se interprete geralmente como um dativo dissilábico o seguinte passo de Lucrécio: *pondus uti saxis, calor ignist, liquor aquāī* (Lucr. 1,453) "como o pêso está para as pedras, o calor para o fogo, o líquido para a água". Seja lá como fôr, esta forma, única em latim, e em Lucrécio, teria sido um artificialismo do poeta para atender apenas à necessidade da métrica.

8. Primitivamente, a desinência de ablativo dos temas terminados em *–a–* era *–d*, que se acrescentava à vogal final do tema, donde os ablativos arcaicos em *–ād*, ainda muito freqüentes nas inscrições da época republicana. Posteriormente, todo *–d* final precedido de vogal longa sofria a apócope, razão por que o ablativo da primeira declinação passou a terminar em *–ā*, desde os fins da república, e em todo o período clássico. Graças à sua quantidade longa não se confundia com o nominativo-vocativo, que terminava em *–ă*, cuja quantidade era sempre breve (Veja n.º 4 e obs.).

9. Como vimos (Cap. VII, 10,6), embora o antigo caso locativo tenha sido em latim absorvido pelo caso ablativo, ainda assim deixou numerosos vestígios, principalmente na primeira declinação. Sua antiga desinência era *–i*, que se unindo à vogal do tema *–a–* resultou no ditongo *–ai*, que evolveu para *ae*, sendo ainda corrente no período clássico nos nomes de cidade.

Exs.: *cura ut Romae sis* (Cíc. Át. 1,2,2) "procura estar em Roma"; *Apellae* (Cíc. Át. 5,19,1) "em Apela"; *Thessalonīcae* (Cíc. Át. 3,8,4) "em Tessalonica".

10. A antiga desinência de genitivo plural em tôdas as declinações era *–um*, proveniente da primitiva desinência *–om*. O genitivo plural da primeira declinação em *–ārum* é uma forma tomada de empréstimo à declinação dos pronomes demonstrativos. Entretanto, ainda ocorre o genitivo plural em *–um* no período clássico, nos compostos de *–gena* e *–cola*, nos nomes de moedas e medidas, tôdas palavras pertencentes a línguas técnicas.

Exs.: *Graiugenumque domus* (Verg., En. 3,550) "e as habitações dos gregos"; *et genus agricŏlum* (Lucr. 6,586) "e a classe dos agricultores"; *quod scribis ad me drachmum* C̄ (Cíc. Fam. 2,17,4) "o que me escreves a respeito das cem mil dracmas"; *naues onerarias, quarum minor nulla erat duum millium amphorum* (Cíc. Fam. 12, 15,2) "navios de carga, nenhum dos quais era menor do que de duas mil ânforas".

11. O dativo-ablativo plural em *–īs* foi formado por analogia com a desinência dêstes casos nos temas pertencentes à segunda declinação, e que era uma antiga desinência de instrumental. A verdadeira desinência de dativo-ablativo (*–bus*) aparece no período

clássico apenas nos substantivos *dea* e *filia*, na língua religiosa e na língua jurídica, como recurso para evitar a confusão com os masculinos *deus* e *filius*

Exs.: *ab Ioue Optĭmo Maxĭmo, ceterisque dis deabusque immortalĭbus* (Cíc. Rab. Perd. 5) "de Júpiter Ótimo Máximo e dos demais deuses e deusas imortais"; *ad penātes confūgit cum duābus filiābus* (T. Lív. 24,26,2) "fugiu para os penates com duas filhas"; *filiābus suis uel filiis* (Ulp. Dig. 26,2,5) "às suas filhas ou filhos".

COMPLEMENTO AO ESTUDO DA PRIMEIRA DECLINAÇÃO

A primeira declinação, como acabamos de ver, é constituída pelos nomes cujo tema termina em *–a–*, pertencendo assim a um antigo tipo atemático em que havia uma alternância vocálica —a/ə, de que trataremos a seguir.

Êste elemento pré-desinencial *–a* tem valôres diversos, segundo os vocábulos a que se junta, sendo que dos mais constantes é caracterizar o feminino, em contraposição ao masculino e neutro na declinação dos adjetivos: *bonus, bonum – bona*. Também nos substantivos, embora de modo secundário, serve muitas vêzes para indicar o feminino, em oposição ao masculino, como em *lupus – lupa* "lôbo – lôba", *magister – magistra* "mestre – mestra". Assim, os substantivos da primeira declinação, de um modo geral, são todos femininos, sendo masculinos apenas os nomes de profissões exercidas por homens, ou nomes próprios de homens. (Aliás, êstes masculinos, de formação popular, têm certo matiz pejorativo, sendo assim empregados para indicar ofícios humildes, geralmente desempenhados por escravos, como *auriga* "cocheiro", *scriba* "escrivão", *nacca* "pisoeiro" (palavra vulgar, sinônima de *fullo*), *uerna* "escravo nascido em casa", *aduĕna* "estrangeiro" (pròpriamente o emigrante de condição social inferior), *scurra* "paisano" (têrmo de desprêzo e injúria, donde os significados posteriores de "janota, parasita"), *assecla* "sequaz, bandido", etc. Além disso, aparece em um ou outro nome comum importado do grego, como *poēta* "poeta", *nauta* "marinheiro", e principalmente em nomes próprios, provindos de antigos apelidos, muitos dos quais faziam alusão a defeitos físicos, como *Pansa* "Pansa" (o que anda com as pernas arqueadas), *Agrippa* "Agripa" (o que nasce pelos pés, o que não é normal), *Bestia* "Béstia" (animal), etc.)

Do emprêgo constante dos nomes em *–a–* como femininos, contrapostos especialmente aos masculinos em *–o–*, resultou uma aproximação maior entre as duas declinações (1.ª e 2.ª), o que vem explicar a grande interinfluência exercida entre elas, como tivemos oportunidade de estudar com referência à primeira declinação: gen. sing. em *–ai>ae* (tendo a desinência *–i* sido tomada aos temas em

—o/e—); abl. sing. em *—d*, também originàriamente da segunda; nom. pl. *—ai>ae*, dat.-abl. pl. em *—is*, igualmente tomados à segunda declinação.

Primitivamente, no indo-europeu, os temas em *—a—* apresentavam uma alternância ā/ə, caracterizando o nominativo e o vocativo singular, devendo, pois, aquêle ter um *ā* longo e êste um *ă* breve. Entretanto, em latim, o nominativo singular sempre apresentou o *—ă* breve, sendo que os raros exemplos que se dão da quantidade longa do nominativo são antes devidos à métrica (ocorrendo geralmente na cesura). Entre as causas que se apontam para êste abreviamento, e que talvez tenham agido concomitantemente, cumpre salientar a analogia com os temas em *—o/e—*, principalmente partindo dos adjetivos da primeira classe, onde a quantidade do masculino e do neutro se teria estendido ao feminino, donde *—ŭs, —ă, —ŭm;* influência do vocativo, onde o *a* era breve originàriamente; a lei das palavras iâmbicas, estendendo-se depois a quantidade breve às demais palavras da primeira declinação com mais de duas sílabas; palavras formadas com o sufixo *—ia*, onde o *a* era sempre breve, generalizando-se daí aos demais vocábulos, etc.

Uma conclusão importante da predominância do feminino na primeira declinação é a sua especialização no latim vulgar como a declinação dos femininos, o que teve por conseqüência a generalização dos femininos em *—a* nas línguas românicas, como por exemplo em português.

As Palavras Gregas da Primeira Declinação

Pelas relações cada vez mais estreitas entre os romanos e os gregos, resultou que numerosos vocábulos pertencentes à língua grega passaram a ter curso no latim, sendo usados não só na língua familiar e popular, como também pelos poetas e prosadores em suas obras. Primeiramente, êstes empréstimos ao grego eram como qu submetidos a uma aclimatação rigorosa no latim, do ponto de vista fonético e morfológico, sendo enquadrados rigorosamente na declinação latina, que passavam a seguir regularmente. São dêsse tipo palavras como *poeta* "poeta", *nauta* "marinheiro", *machina* "máquina", etc. Tal processo, legítimo e verdadeiro sob o aspecto lingüístico, foi o que sempre se manteve na língua corrente. Entretanto, por influência dos gramáticos, graças a uma erudição afetada, introduziu-se mais tarde o uso de se transcreverem os nomes gregos segundo a forma original grega, declinando-os aproximadamente pela própria declinação grega, do que resultou uma espécie de declinação mista greco-latina. Observe-se, porém, que isto ocorria ùnicamente no singular, pois que no plural a regra geralmente seguida era observar-se a declinação latina. Aliás, mesmo no singular, as

formas gregas eram mais usadas em poesia, pois que na prosa clássica se dava sempre a preferência à forma pròpriamente latina.

Seguem a primeira declinação, em latim, as palavras gregas terminadas em —*e*, —*es* e —*as*, como *epitŏmē* "*epítome*", *comētēs* "cometa", *Aenēas* "Enéias". Vejamos como se declinam :

	Singular	Plural
Nom.	*epitŏmē*	*epitŏmae*
Voc.	*epitŏmē*	*epitŏmae*
Acus.	*epitŏmēn*	*epitŏmās*
Gen.	*epitŏmēs*	*epitŏmārum*
Dat.	*epitŏmae*	*epitŏmīs*
Abl.	*epitŏmē*	*epitŏmīs*
Nom.	*comētēs*	*comētae*
Voc.	*comētā*	*comētae*
Acus.	*comētēn* (—am)	*comētās*
Gen.	*comētae*	*comētārum*
Dat.	*comētae*	*comētīs*
Abl.	*comētā*	*comētīs*

	Singular	Singular
Nom.	*Aenēās*	*Anchīsēs*
Voc.	*Aenēā*	*Anchīsē*
Acus.	*Aenēān* (—am)	*Anchīsēn*
Gen.	*Aenēae*	*Anchīsae*
Dat.	*Aenēae*	*Anchīsae*
Abl.	*Aenēā*	*Anchīsē*

Os nomes gregos em —*ădēs* e —*ĭdes* fazem geralmente o genitivo plural em —*um*: *Dardanĭdēs, Aenēădēs,* gen. pl. *Dardanĭdum, Aenēădum*.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

W. M. Lindsay, *The Latin Language*, págs. 366-404.
W. M. Lindsay, *Latin Grammar*, págs. 48-53.
F. Sommer, *Handbuch*, págs. 323-333.
C. D. Buck, *Comparative Grammar*, págs. 175-179.
R. G. Kent, *The Forms of Latin*, págs. 24-27.
A. Meillet — J. Vendryes, *Traité*, págs. 443-451.
C. Tagliavini, *Fonetica e Morfologia*, págs. 97-101.
V. Pisani, *Grammatica Latina*, págs. 155-159.
A. Ernout, *Morphologie*, págs. 18-24.
L. R. Palmer, *The Latin Language*, págs. 241-242.

CAPÍTULO X

2.ª DECLINAÇÃO

(Declinação dos temas em —*o/e*—)

1. A segunda declinação é constituída, em sua maioria, por substantivos e adjetivos masculinos e neutros. Não há adjetivos do gênero feminino que sigam a segunda declinação. Embora em caráter excepcional, seguem-na alguns substantivos femininos, quase todos nomes de árvores, como *pirus* "pereira", *ficus* "figueira"; além de um ou outro nome isolado, como *humus* "terra", *colus* "roca", etc.

2. Os nomes da segunda declinação seguem os seguintes paradigmas:

I) Nomes que fazem o nominativo singular em *–us* (substantivos masculinos ou femininos, e adjetivos masculinos) e em *–um* (substantivos ou adjetivos neutros):

	SUBSTANTIVOS		ADJETIVOS	
	MASCULINOS-FEMININOS	NEUTROS	MASCULINOS	NEUTROS
temas:	*lupo–* "lôbo"	*bello–* "guerra"	*iusto–* "justo"	*iusto–* "justo"
		SINGULAR		
Nom.	*lupŭs*	*bellŭm*	*iustŭs*	*iustŭm*
Voc.	*lupĕ*	*bellŭm*	*iustĕ*	*iustŭm*
Acus.	*lupŭm*	*bellŭm*	*iustŭm*	*iustŭm*
Gen.	*lupī*	*bellī*	*iustī*	*iustī*
Dat.	*lupō*	*bellō*	*iustō*	*iustō*
Abl.	*lupō*	*bellō*	*iustō*	*iustō*
		PLURAL		
Nom.	*lupī*	*bellă*	*iustī*	*iustă*
Voc.	*lupī*	*bellă*	*iustī*	*iustă*
Acus.	*lupōs*	*bellă*	*iustōs*	*iustă*
Gen.	*lupōrum*	*bellōrum*	*iustōrum*	*iustōrum*
Dat.	*lupīs*	*bellīs*	*iustīs*	*iustīs*
Abl.	*lupīs*	*bellīs*	*iustīs*	*iustīs*

II) Nomes que fazem o nominativo singular em *–r* (todos do gênero masculino):

	SUBSTANTIVOS		ADJETIVOS	
temas:	*puero—* "menino"	*magistro—* "mestre"	*tenero—* "tenro"	*puchro—* "bonito"
		SINGULAR		
Nom.	*puer*	*magister*	*tener*	*pulcher*
Voc.	*puer*	*magister*	*tener*	*pulcher*
Acus.	*puĕrŭm*	*magīstrŭm*	*tenĕrŭm*	*pulchrŭm*
Gen.	*puĕrī*	*magīstrī*	*tenĕrī*	*pulchrī*
Dat.	*puĕrō*	*magīstrō*	*tenĕrō*	*pulchrō*
Abl.	*puĕrō*	*magīstrō*	*tenĕrō*	*pulchrō*
		PLURAL		
Nom.	*puĕrī*	*magīstrī*	*tenĕrī*	*pulchrī*
Voc.	*puĕrī*	*magīstrī*	*tenĕrī*	*pulchrī*
Acus.	*puĕrōs*	*magīstrōs*	*tenĕrōs*	*pulchrōs*
Gen.	*puerōrum*	*magistrōrum*	*tenerōrum*	*pulchrōrum*
Dat.	*puĕrīs*	*magīstrīs*	*tenĕrīs*	*pulchrīs*
Abl.	*puĕrīs*	*magīstrīs*	*tenĕrīs*	*pulchrīs*

3. Seguem a declinação de *lupus* todos os substantivos masculinos e femininos da segunda declinação que fazem o nominativo singular em *—us*. Seguem a declinação de *bellum* todos os neutros da segunda de nominativo singular em *—um*. Por *iustus, iustum* declinam-se todos os adjetivos masculinos e neutros da segunda declinação que fazem o nominativo singular em *—us, —um*.

4. Primitivamente, o nominativo e o acusativo singular dos nomes em *—us* e em *—um* eram respectivamente em *—os* e em *—om*, formados pelo acréscimo das desinências *—s* e *—m* ao *—o—* do tema. Aliás, ainda no período clássico, são conservadas essas terminações em *—os* e em *—om*, quando precedidas imediatamente por *-u-* consoante: *nouos, nouom, seruos*, etc.

Exs.: *saeuos ubi Aeacidae telo iacet Hector* (Verg. En. 1,99) "onde jaz o feroz Heitor pela lança do Eácida (i.é., do descendente de Éaco, Aquiles)"; *neque iam furtīuom Dido meditātur amōrem* (Verg. En. 4,171) "nem Dido cultiva mais um amor furtivo".

Observação:

A partir, porém, dos fins do III.º séc. a.C., a vogal pré-desinencial da segunda declinação geralmente evolve para *-u* no nominativo e acusativo singular, razão por que de regra geral êstes casos são em *-us* e em *um*, respectivamente: *lupus, lupum*.

Fenômeno chamado de Samprasarana: -ros > -rs > -rr -> -r > -er

5. Os nomes que fazem o nominativo em *–r* faziam-no primitivamente em *–ros*, tendo havido a síncope do *–o–* da terminação *–ros* (Veja capítulo V, n.º 12). Há a notar-se que uns conservam o *–e–* que precede o *–r* em tôda a declinação (como *puer, puĕri, puĕrum, puĕro,* etc), enquanto outros o perdem (como *magister, magistrum, magistri, magistro,* etc.). A razão é que nos primeiros o *–e–* fazia parte do tema (**puero–s*). Nos segundos (**magistro–s*), tendo havido a síncope do *–o–* que finalizava o tema, foi acrescentado posteriormente um *–e–* ao nominativo por não ser possível em latim (como também em português) ser constituída uma sílaba sem vogal. Por conseguinte, nas palavras como *magister* ou *pulcher*, que aliás são as mais numerosas, a evolução foi a seguinte : **magistro–s> *magistr–s >magister ; *pulchro–s> *pulchr–s>pulcher*.

Observação:

Seguem a declinação de *magister* e *pulcher* a grande maioria dos substantivos e adjetivos em *-er*. Seguem *puer* e *tener* alguns substantivos e adjetivos, geralmente pouco numerosos, como *gener* "genro", *socer* "sogro", *asper* "áspero", *miser* "infeliz", etc., e ainda *uir* "varão, marido" e seus compostos.

6. Com exceção dos nomes em *–us*, que fazem o vocativo singular em *–e*, *todos os demais nomes da segunda declinação fazem o vocativo igual ao nominativo*. Primitivamente, porém, os nomes terminados em *–r* faziam o vocativo singular em *–re*, tendo sido a vogal final (*e*) absorvida pelo *–r* que a precedia. Em Plauto, ainda aparece o vocativo *puere* como um vestígio do primitivo vocativo em *–re*: *Puere, nimium delicatu's* (Plaut. Most. 947) "ó rapaz, és atraente demais".

7. Os nomes terminados em *–ius* fazem o vocativo singular geralmente sempre em *–i*, como *filius*, voc. *fili*, *Publius Cornelius* voc. *Publi Corneli*, *Vergilius* voc. *Vergili*, *Mercurius* voc. *Mercuri*, etc.

Exs.: *Nulli flebilior quam tibi, Vergili* (Hor. Od. 1,24,10) "ninguém é mais lastimável do que tu, Vergílio"; *Mercuri, facunde nepos Atlantis* (Hor. Od. 1,10,1) "Mercúrio, facundo descendente de Atlas"; *quaerunt quidem, C. Laeli* (Cíc. Lael. 8) "realmente muitos perguntam, Gaio Lélio"; *tum magis id dicĕres, Fanni* (Cíc. Lael. 25) "então tu mais o dirias, Fânio".

Observações:

1) Primitivamente, os nomes em *-ius* deveriam fazer o vocativo singular em *-ie*, forma esta atestada em Lívio Andronico: *Pater noster, Saturni filie* (Odiss. 2. Warm.) "pai nosso, filho de Saturno"; *neque enim te oblitus sum, Laertie noster* (Odiss. 5. Warm.) "e com efeito não te esqueci, ó filho de Laércio".

[2]) O nome próprio *Darīus*, empréstimo grego, faz o vocativo em *-e* (*Darīe*), e assim outros personativos da mesma procedência que têm a terminação *-īus* com o *ī* longo: *Lyrcius*, voc. *Lyrcīe; Sperchīus*, voc. *Sperchīe*.

[3]) Note-se que o *-e* do vocativo singular da segunda declinação não é uma desinência, mas a transformação da própria vogal que finaliza o tema (alternância vocálica).

8. Os nomes terminados em *—ĭus* ou *—ĭum* no nominativo singular fazem o genitivo singular em *—ī*, que representa a contração dos dois *ĭĭ* (o do tema e o da desinência), conservando-se assim durante todo o período republicano. Vergílio e Horácio ainda o empregam no princípio do Império. Os genitivos com dois *ii* só começam a aparecer em Propercio e Ovídio, já nos fins do principado de Augusto, passando a se generalizar tão sòmente sob Domiciano, por influência analógica com os demais casos. Exs.: *diutūrni silēnti* (Cíc. Marc. 1) "do antigo silêncio"; *dicĭtur Afrāni togam conuenīsse Menāndro* (Hor. Ep. 2,1,57) "diz-se que a toga de Afrânio convinha a Menandro"; *et tenĕri possis carmen legīsse Propērti* (Ov. A. Am. 3,333) "e poderias ter lido os versos do terno Propércio"; *sub Ascanĭi diciōne* (Ov. Met. 14,609) "sob a jurisdição de Ascânio"; *uictrīcesque moras Fabĭi* (Prop. 3,3,9) "e as contemporizações vencedoras de Fábio".

9. Primitivamente, não havia identidade de formas para o dativo e ablativo no singular, terminando o dativo em *—ōi* e o ablativo em *—ōd*, pelo acréscimo das desinências características dêsses casos (*—i* do dativo e *—d* do ablativo) à vogal *—o* do tema da segunda declinação. O ablativo em *—od* aparece ainda freqüentemente nas inscrições arcaicas, até os fins do séc. III° a.C.; mas do dativo em *—ōi* só há um exemplo seguro, em inscrição de caráter dialetal, a fíbula prenestina: *Manios med fhefhaked Numasioi* (C.I.L. I^2, 3).

10. Deixou também o locativo numerosos vestígios na segunda declinação, acrescentando-se ao tema em *—e—* a desinência *—i* característica do locativo. Exs.: *quoniam Ephēsi est* (Cíc. Q. Fr. 1,2,14) "já que êle está em Éfeso".

Observação:

Ao contrário do que acontece com a desinência do genitivo singular (aliás de que difere pela quantidade, sendo a do genitivo longa *-ī*, e a do locativo breve *-ĭ*), a desinência do locativo jamais se contrai com a vogal do tema nas palavras terminadas em *-ius* ou *-ium*. Ex.: *te ille aut Dyrrachĭi aut in istis locis uspiam uisūrus esset* (Cíc. At. 1, 17,2) "êle te haveria de ver algum dia ou em Dirráquio ou nesses lugares em que estás".

11. O nominativo-vocativo plural dos masculinos e femininos apresenta a desinência *—ī* que, acrescentada ao *—o—* do tema, forma o ditongo *—oi*, que evolve para *—ei*, reduzindo-se posteriormente a

—ī. A forma *—ei*, para o nominativo-vocativo plural dos masculinos e femininos que seguem a segunda declinação, manteve-se até o IIº séc. a.C., aparecendo ainda nos fins da época republicana concorrentemente com *—ī*, e mesmo até mais tarde por influência dos gramáticos. Com efeito, êstes costumavam prescrever a forma *—ei* para o nominativo-vocativo plural a fim de se manter uma diferença entre êstes casos e o genitivo singular sempre em *—ī* (V. Quintiliano: 1, 7,15). Os nomes em *—ius* fazem o nominativo-vocativo plural sempre em *—iī*, mantendo-se os dois *—ii* em todo o período clássico: *fluuĭī* (Verg. En. 1,607) "rios".

12. A desinência de nominativo-vocativo-acusativo plural dos neutros *—ă* é idêntica à de nominativo singular da primeira declinação já estudada, não havendo nada a acrescentar ao que já foi dito. Os nomes terminados em *—ium* naturalmente farão êstes casos em *—ĭa*.

13. O genitivo plural, no período clássico, apresenta a terminação *—ōrum*, por analogia com o genitivo da primeira declinação em *—ārum* (cf. Cap. IX, n.º 10). Note-se, porém, que a primitiva desinência *—um* é ainda muito freqüente nesse período, em palavras pertencentes às línguas técnicas, como, também, em poesia muitas vêzes por afetação de arcaísmo, outras por simples comodidade da métrica.

Exs.: *praefĕctus fabrum* (Cés. B. Ciu. 1,24,4) "comandante do corpo de engenharia"; *cogit enim Scandilĭum quinque illa milĭa nummum dare* (Cíc. Verr. 3,140) "com efeito, obriga a Escandílio a dar cinco mil sestércios"; *relĭquias Danăum atque immitis Achĭlli* (Verg. En. 1,30) "restos dos gregos e do implacável Aquiles"; *insequĭtur clamorque uirum* (Verg. En. 1,87) "segue-se um clamor dos varões"; *Aeneădum genetrix, hominum diuomque uoluptas* (Lucr. 1,1) "ó mãe dos Enéadas, delícia dos homens e dos deuses"; etc.

14. Os nomes terminados em *—ius* ou *—ium*, até o período clássico, não apresentam a contração dos dois *ii* no dativo-ablativo plural, tendo, por conseguinte, a terminação *—iīs*. O dativo-ablativo contrato só se generalizará no império, sendo norma já a partir de Sêneca e Marcial.

15. O substantivo *deus* "deus" apresenta algumas particularidades em sua declinação, que passaremos a examinar. É do mesmo radical que deu a palavra latina *diuos* ou *diuus*, posteriormente, no império, usada como adjetivo, com referência especialmente ao imperador divinizado (cf. em Suetônio: *Diuus Iulius, Diuus Augustus, Diuus Claudius*). Do nominativo *deus* e do acusativo *deum* foram refeitos os demais casos: voc. *deus*, gen. *dei*, dat-abl. *deo*. No plural, além das formas *dii* ou *di* para o nom-voc., há a forma *dei* criada por analogia com o singular e com o acus. pl. *deos*. O gen. pl. *deum* é antigo e regular, e não uma contração de *deorum*, forma esta aliás

INDEX

muito menos atestada do que *deum* ou *diuum*. O dat-abl. plural apresenta, além das formas *diis* ou *dis*, a formação analógica *deis*.

Observação:

Do genitivo singular *diui*, que seria o normal, foi refeito o nominativo *diuus*, acus. *diuum*, etc., originando a declinação de *diuos*.

16. Três nomes neutros da segunda fazem o nominativo-vocativo-acusativo singular em *–us* : *pelăgus*, *uirus* e *uulgus* ou *uolgus*. O primeiro é a resultante de uma contaminação *uirus/uirum*. O segundo é um empréstimo recente do grego. O terceiro, além de também possuir uma forma *uolgum*, é, às vêzes, usado como masculino, como: *quod neque in uolgum disciplinam efferri uelint* (Cés. B. Gal. 6,14,4) "porque nem querem que sua doutrina seja difundida entre o povo"; *spargere uoces in uolgum ambiguas* (Verg. En. 2,99) "semear na multidão palavras ambíguas".

COMPLEMENTO AO ESTUDO DA 2.ª DECLINAÇÃO

A segunda declinação é constituída por substantivos e adjetivos cujo tema apresenta em sua parte final a alternância vocálica *o/e*. O grau *o* da alternância aparece no nominativo, acusativo, genitivo (só no plural), dativo e ablativo; o grau *e*, no vocativo singular e, às vêzes, nos raros vestígios do locativo ou instrumental. Êste último caso, como já vimos, absorvido pelo ablativo, apresenta a desinência dêste precedida do grau *o* da alternância. Entretanto, numerosos advérbios de modo terminados em *–e*, oriundos da segunda declinação, são interpretados como verdadeiros vestígios de instrumental: *certe* "certamente", *bene* "bem", *male* "mal", etc.

Terminando os temas da segunda declinação por vogal (*o/e*), dá-se com freqüência a contração dessa vogal com as desinências vocálicas, ou começadas por vogal, tornando-se, por vêzes, impossível separar-se nitidamente a desinência do tema. Estão neste caso, por exemplo, o locativo singular em *–i*, que resulta da simplificação do ditongo *–ei*, formado da parte final do tema em grau *e–* mais a desinência *–i* do locativo, donde as formas arcaicas de locativo em *–ei*, ainda encontradas em inscrições arcaicas, como a forma *Ladinei* (C.I.L. I²,25); ou o nominativo-vocativo plural em *–i*, proveniente de antigo ditongo *–oi*, que evolveu para *–ei* (forma esta encontrada com freqüência no latim arcaico); ou o dativo-ablativo plural em *–is*, originário de um ditongo *–ois*, que evolveu para *–eis*, ainda freqüente nas inscrições arcaicas, antes de se simplificar na forma clássica *–is*. Com relação a esta terminação *–is* cumpre ainda acrescentar que é uma antiga desinência de instrumental que passou a caracterizar o dativo-ablativo-locativo-instrumental na segunda declinação. donde se estendeu também para a primeira.

Caso à parte é o genitivo singular, em que o elemento pré-desinencial *o/e* foi substituído pela desinência *–i*, fato êste comprovado por não ter sido o *–i* do genitivo singular da segunda proveniente de antigo ditongo. Em inscrições arcaicas que anotavam sistemàticamente os ditongos, o genitivo singular dos temas em *—o/e—* aparece sempre grafado *–i*. Isto, aliás, vem também afastar a hipótese de que o genitivo singular da segunda declinação se tenha valido de antiga desinência de locativo, como já se pensou.

Como decorrência da íntima influência, a que já nos referimos, entre a primeira e segunda declinação, há a notar o genitivo plural em *–orum*, em substituição ao antigo genitivo em *–um*, o que se verificou pela analogia com a declinação dos temas em *–a*.

Com relação à síncope do *o*, nas palavras terminadas em *–ros*, cumpre acrescentar ao que foi dito no n.º 5 dêste capítulo que tal fato só se verifica no caso em que a terminação *–ros* tenha o *r* precedido de consoante, ou de vogal breve nas palavras de três ou mais sílabas, como nos casos apontados : *magist—ros*, *pulch—ros* (ou melhor *pulc—ros*), *puĕ—ros*, etc. Nos dissílabos em que o *r* vinha precedido de vogal, ou nos polissílabos em que vinha precedido de vogal longa não se dava a síncope do *o*. Exs.: *clarus*, *ferus*, *merus*, *austērus*, *matūrus*. O caso de *uir* ,proveniente de **uiros*, explica-se pela influência exercida sôbre êste substantivo pelos nomes de parentesco, muitos dos quais terminados em *r*, como *pater*, *mater*, *frater*, *soror*, e especialmente *uxor* e *mulier*.

Quanto ao gênero, já vimos que a segunda declinação encerra principalmente nomes masculinos e neutros. Existem femininos apenas entre os substantivos, e ainda assim são relativamente raros, sendo quase todos nomes de árvores. Com o tempo, foram todos êles sendo eliminados, de sorte que, ao chegarem às línguas românicas, quando conservavam o gênero, mudavam de declinação ; ou, ao contrário, quando mantinham a declinação, passavam para o gênero masculino. Comparem-se, por exemplo, os substantivos portuguêses : faia, oriundo de *faga* e não de *fagus ;* enquanto que os femininos latinos *populus*, *fraxinus* deram os masculinos portuguêses choupo e freixo. Isto vem provar que os substantivos femininos da segunda declinação já apareciam em latim como formas sobreviventes que cada vez mais tendiam a desaparecer, já no próprio latim falado dos últimos séculos do império.

As Palavras Gregas da 2.ª Declinação

Pela semelhança dos nomes gregos em *–os* com os substantivos da segunda declinação latina não é de admirar que êles tenham sido incluídos nesta, quando transcritos em latim, e por ela normalmente declinados. Entretanto, os poetas no período imperial costumavam

freqüentemente usar as terminações gregas *—os* para o nominativo e *—on* para o acusativo, contràriamente ao uso estabelecido pelos prosadores do período clássico: *non semĕl Ilĭos uexāta* (Hor. Od. 4,9, 18) "não só uma vez Ílio foi atacada"; *postquam alta cremāta est Ilion* (Ov. Met. 14,466-467) "depois que foi queimada a elevada Ílio". Em Vergílio, chega a aparecer um genitivo singular em *—o* de um nome contrato em *—eos: in forĭbus letum Androgeo* (Verg. En. 6,20) "nas portas, a morte de Androgeu".

Igualmente os substantivos em *—eus* foram primeiramente incorporados à segunda declinação latina por causa da terminação, sendo, porém, geralmente usado o vocativo em *—eu*. Entretanto, as formas da terceira declinação grega não são raras nos poetas, como o genitivo em *—os*, e principalmente o acusativo em *—a*.

Encontramos também o nominativo plural em *—oe*, como em *Adelphoe*, título da comédia de Terêncio, bem como o genitivo plural em *—on*, como *Georgĭcon*, ou *Bucolĭcon* "das Geórgicas", "das Bucólicas".

Como paradigmas da declinação dos nomes gregos que em latim seguem a segunda declinação, damos os nomes: *mythos, Athos, Ilion, Androgeus :*

Nom.	*mythŏs*	*Athōs*	*Iliŏn*	*Androgeōs*	ou *Androgeus*
Voc.	*mythĕ*	*Athōs*	*Iliŏn*	*Androgee*	ou *Androgeos*
Acus.	*mythŏn*	*Athōn* (-*um*)	*Iliŏn*	*Androgeum*	ou *Androgeōn*
Gen.	*mythī*	*Athō* (-*ī*)	*Iliī*	*Androgeī*	ou *Androgeō*
Dat.	*mythō*	*Athō*	*Iliō*	*Androgeō*	
Abl.	*mythō*	*Athō*	*Iliō*	*Androgeō*	

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

W. M. Lindsay, *The Latin Language*, págs. 366-404.

W. M. Lindsay, *Latin Grammar*, págs. 53-58.

F. Sommer, *Handbuch*, págs. 333-352.

C. D. Buck, *Comparative Grammar*, págs. 180-183.

R. G. Kent, *The Forms of Latin*, págs. 28-36.

A. Meillet — J. Vendryes, *Traité*, págs. 435-443.

C. Tagliavini, *Fonetica e Morfologia*, págs. 101-106.

V. Pisani, *Grammatica Latina*, págs. 159-164.

A. Ernout, *Morphologie*, págs. 24-35.

L. R. Palmer, *The Latin Language*, págs. 242-244.

INDEX

CAPÍTULO XI

3.ª DECLINAÇÃO

(Declinação dos temas em *—i* e em consoante)

1. A terceira declinação compreende substantivos e adjetivos masculinos femininos e neutros, que se dividem quanto ao tema em dois grandes grupos: 1.º) temas terminados na sonante *—i—*, por isso denominados *temas sonânticos*, como por exemplo *ciui—s* "cidadão"; 2.º) temas terminados em consoante, por isso denominados *temas consonânticos*, como por exemplo *princep—s* "príncipe".

Observação:

O genitivo plural é o caso que pràticamente melhor indica a separação entre os dois grupos de temas, os sonânticos e os consonânticos. Os primeiros, acrescentando a desinência de genitivo plural *-um* à soante *-i* que finaliza o tema, apresentam êste caso terminando em *-ium*, como *ciui-um;* os segundos, terminando numa consoante, e a esta juntando-se a mesma desinência *-um*, naturalmente farão o genitivo plural em *-um* não precedido de *-i-*, como *princip-um*, ou *duc-um*, ou *ped-um*, etc.

I) Declinação dos Temas *Sonânticos*

2. Os temas sonânticos são principalmente constituídos por substantivos masculinos e femininos que fazem o nominativo-vocativo singular em *—is* e raramente em *—ēs;* e ainda por substantivos neutros que fazem o nominativo-vocativo-acusativo singular em *—e*, em *—al* e em *—ar*. Exs.: *ciuis* "cidadão", *uolpes* "rapôsa", *mare* "mar", *animal* "animal", *calcar* "espora".

3. A maior parte dos adjetivos que se declinam pela terceira declinação é também constituída por temas sonânticos, que têm uma só forma para o masculino e feminino no nominativo-vocativo singular e outra para o neutro nos mesmos casos e número, como, por exemplo, o adjetivo *forti—s, forte* "bravo".

4. Os temas sonânticos da terceira declinação seguem os paradigmas seguintes:

A) Nomes masculinos e femininos que fazem o nominativo-vocativo em *–is*, ou em *–es* :

	SUBSTANTIVOS		ADJETIVOS
temas :	*ciui* (cidadão)	*uolpe* (rapôsa)	*forti* (bravo)
		SINGULAR	
Nom.	*ciuĭs*	*uolpēs*	*fortĭs*
Voc.	*ciuĭs*	*uolpēs*	*fortĭs*
Acus.	*ciuĕm*	*uolpĕm*	*fortĕm*
Gen.	*ciuĭs*	*uolpĭs*	*fortĭs*
Dat.	*ciuī*	*uolpī*	*fortī*
Abl.	*ciuĕ*	*uolpĕ*	*fortī*
		PLURAL	
Nom.	*ciuēs*	*uolpēs*	*fortēs*
Voc.	*ciuēs*	*uolpēs*	*fortēs*
Acus.	*ciuīs* (–es)	*uolpīs* (–es)	*fortīs* (–es)
Gen.	*ciuĭum*	*uolpĭum*	*fortĭum*
Dat.	*ciuĭbus*	*uolpĭbus*	*fortĭbus*
Abl.	*ciuĭbus*	*uolpĭbus*	*fortĭbus*

B) Nomes neutros que fazem o nominativo-vocativo-acusativo em *–e*, ou em *–al*, *–ar* (tema puro, com a desinência *zero*) :

	SUBSTANTIVOS			ADJETIVOS
temas :	*mari* (mar)	*animali* (animal)	*calcari* (espora)	*forti* (bravo)
		SINGULAR		
Nom.	*marĕ*	*anĭmăl*	*calcăr*	*fortĕ*
Voc.	*marĕ*	*anĭmăl*	*calcăr*	*fortĕ*
Acus.	*marĕ*	*anĭmăl*	*calcăr*	*fortĕ*
Gen.	*marĭs*	*animālĭs*	*calcārĭs*	*fortĭs*
Dat.	*marī*	*animālī*	*calcārī*	*fortī*
Abl.	*marī*	*animālī*	*calcārī*	*fortī*
		PLURAL		
Nom.	*marĭă*	*animālĭă*	*calcārĭă*	*fortĭă*
Voc.	*marĭă*	*animālĭă*	*calcārĭă*	*fortĭă*
Acus.	*marĭă*	*animālĭă*	*calcārĭă*	*fortĭă*
Gen.	*marĭum*	*animālĭum*	*calcārĭum*	*fortĭum*
Dat.	*marĭbus*	*animālĭbus*	*calcārĭbus*	*fortĭbus*
Abl.	*marĭbus*	*cnimālĭbus*	*calcārĭbus*	*fortĭbus*

5. Muitos dos substantivos que fazem o nominativo singular em *–ēs* costumam também apresentar, no mesmo caso, uma segunda forma em *–is*.

Ex.: *minor caedis* (T. Lív. 3,5,10) "menor morticínio".

Observação:

Êste nominativo em *-is* não representa, porém, uma forma primitiva, sendo antes uma inovação devida à analogia com a maioria dos substantivos pertencentes aos temas sonânticos. Aliás, êstes nominativos em *-ēs* são considerados como verdadeiros temas em *-e*, ou ainda, como nominativos plurais de temas em *-i*, construídos com o valor de um singular coletivo.

6. Vários temas sonânticos em *–ris*, como aconteceu com os nomes da segunda terminados em *–ros*, pela síncope do *–i–* passaram a fazer o nominativo singular em *–r–*, como por exemplo *imber* "aguaceiro", proveniente de **imbris*, ou *linter* "canoa", proveniente de **lintris*, etc.

7. Dos temas em *–ris*, os adjetivos não seguem exatamente a declinação dos precedentes, pois que a língua reservou a forma em *–er* ùnicamente para o nominativo-vocativo singular masculino, por influência dos adjetivos da primeira classe, como *tener, pulcher*. Para o feminino estabeleceu a forma *–is*, o que explica o aparecimento dos denominados adjetivos triformes da terceira declinação, como *acer, acris, acre* "agudo, penetrante" e poucos outros.

Observações:

1) Note-se, porém, que esta distinção entre o masculino e o feminino é artificial e por êste motivo nunca foi rigorosamente seguida. Assim é que Ênio emprega a forma *acer* para o feminino: *post acer hiems it* (Ên. An. 424) "depois vai o rigoroso inverno"; e *acris* para o masculino: *somnus ... mollissimus percŭlit acris* (Ên. An. 360) "um sono agradabilíssimo e penetrante prostrou-os"; *salūbris* é forma correntemente usada para o masculino, ao lado de *salūber*, que aliás parece menos freqüente — *salubrisne an pestĭlens annus futūrus sit* (Cic. Diu. 1, 130) "o ano irá ser salubre ou pestilento?"; Lucrécio emprega *celer* antes de um feminino: *celer origo* (Lucr. 4,160) "nascimento rápido"; como também já o empregara Lívio Andronico: *celer hasta uolans* (Odiss. 43-44) "a célere lança voando".

2) Provàvelmente, por influência dos adjetivos biformes, que são os mais numerosos da terceira declinação, alguns adjetivos terminados em *-ris* apresentam esta forma comum ao masculino e feminino no nominativo-vocativo singular, como *mediŏcris illūstris*. Note-se que, com relação a êste último, se encontra em Valério Máximo a forma *illuster*: *si quis hoc saecŭlo uir illuster* (4,3,11) "se algum varão ilustre neste século".

8. Os neutros têm o tema terminado em *–i*, como os masculinos e femininos, apresentando no nominativo-acusativo singular a desinência *zero*. Entretanto êste *–i*, em final absoluta, evolve para *–ĕ*,

donde as formas *marĕ, fortĕ*. Note-se, porém, que quando o —*i* vinha precedido de *l*, ou de *r*, como nos sufixos —*āli*—, —*āri*—, costumava sofrer a apócope, donde as formas *animăl, exemplăr, calcăr*.

Observações:

1) As formas em -*āle* e -*āre*, embora mais raras, costumam aparecer uma vez ou outra, talvez partindo do emprêgo como adjetivo, pelo menos com relação ao sufixo -*ale*: *animale genus* (Lucr. 1,227) "a raça animal"; *exemplum animale* (Cic. Inu. 2,2) "modêlo vivo"; *exemplare dare* (Lucr. 2,124) "dar um modêlo".

2) Embora a quantidade do -*a*- dos sufixos -*āli*- e -*āri*- fôsse longa, os neutros em -*al* e -*ar* apresentam no nominativo-vocativo-acusativo a quantidade breve por abreviar-se tôda vogal em sílaba final terminada em consoante (com exceção do -*s*). No resto da declinação, porém, não se achando mais o -*a*- em final absoluta, conserva a sua quantidade original, donde a diferença: *animăl, calcăr*, mas *animālis, animāli, calcāris, calcāribus*, etc.

9. O acusativo singular dos nomes masculinos e femininos dos temas sonânticos deveria ser em —*im*, pelo acréscimo da desinência de acusativo singular —*m* ao —*i*— final do tema. Por analogia com os temas consonânticos, que fazem o acusativo normalmente em —*em*, senão em obediência à própria evolução fonética, êste acusativo em —*em* se estendeu também aos temas sonânticos. Entretanto, algumas palavras pertencentes a línguas técnicas conservam, ainda no período clássico, a antiga forma —*im* do primitivo acusativo dos temas sonânticos: *buris*, acus. *burim* "rabiça do arado", *cucumis*, acus. *cucumim* "pepino", *messis*, acus. *messim* "ceifa", todos vocábulos da língua técnica da agricultura; *febris*, acus. *febrim* "febre", *sitis*, acus. *sitim* "sêde", *tussis*, acus. *tussim* "tosse", *rauis*, acus. *rauim* "rouquidão", todos têrmos da língua médica; *uis*, acus. *uim* "fôrça, violência" palavra usada em várias línguas técnicas (jurídica, médica, militar, etc.); e outras.

Observações:

1) Alguns dêstes substantivos, por influência da língua comum (onde o acusativo normal passara a ser -*em*), ao lado do acusativo em -*im*, costumam apresentar a forma -*em*. Exs.: *at si triticĕam in messem* (Verg. Geo. 1, 219) "mas se numa ceifa de trigo"; *nihilo plus quam lauatio tua ad messim* (Plaut. Most. 161) "nada mais do que o teu banho na ceifa".

2) Cumpre notar que todos os adjetivos, bem como os substantivos que têm o nominativo em -*ēs*, fazem o acusativo sempre em -*em*: *fortem, acrem, uolpem*, etc.

10. O ablativo em —*i* é muito mais freqüente do que o acusativo em —*im*. Assim, o ablativo em —*i* é de regra na declinação dos adjetivos com o nominativo — vocativo — acusativo neutro em —*e* e na dos substantivos neutros, onde não poderia haver influência do acusativo em —*em*. Paralelamente, os substantivos que têm sempre o acusativo em —*im*, ou os que têm esta forma alternada com —*em*, também apresen-

tam o ablativo sempre em *—i*, ou esta forma alternando com *—e*. Exs.: *cum febri redīre* (Cíc. De Or. 3,6) "voltar com febre"; e *cum febre* (Cíc. At. 7,1,1) "com febre"; *ubi hiulca sĭti findit Canis aestĭfer arua* (Verg. Geo. 2,353) "quando, com sêde ardente, a abrasadora canícula fende os campos".

Observação:

O substantivo *mare* apresenta, às vêzes, em poesia, o ablativo em *-e*, como, por exemplo em: *exiguum pleno de mare demat aquae* (Ov. Trist. 5,2,20) "tire um pouco d'água do pleno mar".

11. Até ao século de Augusto, os temas sonânticos, quer substantivos quer adjetivos, faziam o acusativo plural preferìvelmente em *—īs*, embora a forma em *—ēs* tivesse aparecido desde os fins do II° séc. a.C., por influência analógica dos temas consonânticos, que faziam o acusativo plural sempre em *—ēs*, bem como do nominativo plural também sempre em *—ēs*, tanto para os consonânticos como para os sonânticos.

12. O genitivo plural que, como dissemos, é o caso mais característico na divisão entre os temas sonânticos e consonânticos, se faz normalmente em *—ium*. Os genitivos plurais *canum, iuuenum, mensum, uatum* não contradizem pròpriamente a afirmação supra, por não se tratar de temas sonânticos, mas realmente de temas originàriamente consonânticos.

13. Numerosos temas sonânticos, principalmente os que tinham a sonante *—i—* precedida de uma oclusiva, costumam apresentar a síncope da vogal que finaliza o tema, fazendo por isso o nominativo-vocativo singular sem a terminação *—is*, característica dos temas sonânticos. Estão neste caso, entre outros, substantivos como *mors* "morte", de antiga forma hipotética **mortis; gens* "família", de antiga forma **gentis; urbs*, proveniente de **urbis; dos* "dote", de **dotis*, etc. São, pois, temas sonânticos sincopados ,fazendo, por isso, o genitivo plural sempre em *—ium*: *mortium, gentium, urbium, dotium*, etc. Como no singular mais se assemelham aos temas consonânticos, são geralmente classificados como temas mistos, seguindo no singular a declinação dos temas consonânticos e no plural a dos sonânticos a que realmente pertencem. Como paradigmas dêsses nomes, daremos o substantivo *urbs* "cidade", e o adjetivo *felix* "feliz" :

	Singular	Plural
Nom.	*urbs*	*urbēs*
Voc.	*urbs*	*urbēs*
Acus.	*urbĕm*	*urbīs* e *urbēs*
Gen.	*urbĭs*	*urbĭum*
Dat.	*urbī*	*urbĭbus*
Abl.	*urbĕ*	*urbĭbus*

INDEX

	Singular	Plural
Nom.	*felix*	*felicēs, felicĭa*
Voc.	*felix*	*felicēs, felicĭa*
Acus.	*felīcĕm, felix*	*felicīs (–es), felicĭa*
Gen.	*felīcĭs*	*felicĭum*
Dat.	*felīcī*	*felicĭbus*
Abl.	*felīcī*	*felicĭbus*

II) Declinação dos Temas *Consonânticos*

14. Os temas consonânticos são constituídos por substantivos masculinos e femininos, dos quais uns fazem o nominativo-vocativo singular em *–s*, como *princeps* "príncipe", e outros o fazem sem *–s*, como *sermo* "conversação"; e de substantivos neutros que apresentam no nominativo-vocativo singular o tema puro, terminando assim por uma consoante, como *caput* "cabeça".

Observação:

Os temas consonânticos contam relativamente poucos adjetivos, sendo que êstes mesmos, de um modo geral, sofrem freqüentemente a influência da declinação dos temas sonânticos. Ex.: *uetus* "velho".

15. Os temas consonânticos, masculinos e femininos, que fazem o nominativo em *–s*, seguem os seguintes paradigmas:

temas:	*princep–* (príncipe)	*milet–* (soldado)	*ped–* (pé)
	SINGULAR		
Nom.	*princeps*	*miles*	*pēs*
Voc.	*princeps*	*miles*	*pēs*
Acus.	*princĭpĕm*	*milĭtĕm*	*pedĕm*
Gen.	*princĭpĭs*	*milĭtĭs*	*pedĭs*
Dat.	*princĭpī*	*milĭtī*	*pedī*
Abl.	*princĭpĕ*	*milĭtĕ*	*pedĕ*
	PLURAL		
Nom.	*princĭpēs*	*milĭtēs*	*pedēs*
Voc.	*princĭpēs*	*milĭtēs*	*pedēs*
Acus.	*princĭpēs*	*milĭtēs*	*pedēs*
Gen.	*princĭpum*	*milĭtum*	*pedum*
Dat.	*princĭpĭbus*	*milĭtĭbus*	*pedĭbus*
Abl.	*princĭpĭbus*	*milĭtĭbus*	*pedĭbus*

tema:	*duc—* (chefe)	*reg—* (rei)	*flos—* (flor)

S I N G U L A R

Nom.	*dux*	*rex*	*flos*
Voc.	*dux*	*rex*	*flos*
Acus.	*ducĕm*	*regĕm*	*florĕm*
Gen.	*ducĭs*	*regĭs*	*florĭs*
Dat.	*ducī*	*regī*	*florī*
Abl.	*ducĕ*	*regĕ*	*florĕ*

P L U R A L

Nom.	*ducēs*	*regēs*	*florēs*
Voc.	*ducēs*	*regēs*	*florēs*
Acus.	*ducēs*	*regēs*	*florēs*
Gen.	*ducum*	*regum*	*florum*
Dat.	*ducĭbus*	*regĭbus*	*florĭbus*
Abl.	*ducĭbus*	*regĭbus*	*florĭbus*

16. Como acabamos de ver, todos êstes temas fazem o nominativo singular em *—s* (*x*=*cs*), estendendo-se ao vocativo singular a desinência do nominativo. Em alguns casos, a junção da desinência se faz sem alteração alguma do tema, e em outros, acarretando-lhe certas modificações que passaremos a examinar.

17. Os temas que terminam por oclusiva bilabial surda (*p*) recebem a desinência de nominativo-vocativo sem alteração alguma, como *princeps*. Mas os terminados por oclusiva bilabial sonora (b) apresentam o ensurdecimento da sonora antes da sibilante surda (assimilação parcial, veja cap. V n.º 25 e 27). Daí, um tema como *pleb—* fazer o nominativo-vocativo *pleps*, embora a analogia com os demais casos tenha, na escrita, concorrido para restabelecer a forma *plebs*.

18. Fato idêntico ao do n.º 17 verifica-se com os temas terminados em oclusiva velar (*c*, ou *g*). No primeiro caso, acrescenta-se a sibilante surda (*—s*) do nominativo, sem nenhuma alteração do tema: *ducs* (grafado *dux*); no segundo também, tendo havido preliminarmente, porém, o ensurdecimento da oclusiva sonora: *reg—s*> *recs* (grafado *rex*).

19. Os temas que terminam em oclusiva linguodental (*t*, ou d) já apresentam um tratamento diverso, por se verificar nêles a assimilação total da oclusiva à sibilante surda da desinência. Assim é que os temas terminados em linguodental surda (*t*) assimilam-na ao *—s* da desinência, e, não havendo em latim geminadas em final de palavra, estas se simplificam, donde a seguinte evolução: **mi-*

let–s>miles–s>miles. Os temas que terminam em linguodental sonora (*d*) apresentam primeiramente a assimilação parcial (com o ensurdecimento do *d–* antes de *–s*), seguindo-se a assimilação total do *t* ao *s*, e a resultante simplificação das geminadas em sílaba final **ped–s>*pet–s>*pes–s> pes*. (Veja cap. V, n.º 27-29).

20. Os temas terminados em *s–* apresentam uma alternância de quantidade (*longa/breve*), como também, em alguns casos, uma alternância vocálica semelhante à verificada na segunda declinação (*o/e*). A primeira só se dá com os nomes masculinos ou femininos, como *pubēs/pubĕris, Cerēs/Cerĕris, arbos/arbŏris*, etc. A segunda aparece em alguns neutros, como *opus*, proveniente de uma antiga forma *opos : opus/opĕris.*

Observações:

1) Alguns neutros generalizaram nos casos declives o timbre da vogal do nominativo, deixando assim de haver a alternância *o/e* acima referida: *corpus/corpŏris, corpŏre*, etc.

2) Nos casos declives, passando o *-s-* final do tema a ficar entre vogais, transforma-se em *r* por efeito do rotacismo, como acabamos de ver (Veja cap. V, n.º 20). Entretanto, muitas vêzes acontece que êste *r* proveniente do rotacismo, por analogia com os casos declives se vai estender ao nominativo-vocativo, suplantando inteiramente a forma primitiva em *s*, que por vêzes não deixa de si nenhum vestígio, como em *amor, decor* que são antigos temas em *s*.

3) Mais freqüentemente, porém, há formas duplas de nominativo, prevalecendo, no período clássico, o nominativo-vocativo ora em *-s*, ora em *-r*. Assim, *honos* é a forma que é mais usada por Cícero — *magnus honos popŭli Romāni rebus adiungitur* (Cíc. Arch. 22) "grande honra se acrescenta à história do povo romano"; enquanto *honor* é mais usado no tempo de Quintiliano, embora o deva ter sido também pelo próprio Cícero, ainda que raramente, segundo a lição dos manuscritos — *quanto et honor hic illo est amplior* (Cíc. At. 9a.1) "quanto esta honra é maior do que aquela"; *arbor* é a forma usada por Cícero — *arbor fici* (Cíc. Flac. 41) "a figueira"; *arbos* aparece nos poetas, principalmente em Vergílio — *arbos mali* (Verg. En. 5, 504) "a madeira do mastro"; *labor* é a única forma clássica, mas *labos* é a forma arcaica, ainda usada uma ou outra vez no período clássico — *Herculĕi labos est* (Catulo 55,13) "é um trabalho de Hércules"; embora apenas *uapor* seja a forma clássica, *uapos* ainda aparece em Lucrécio: *odor frigusque uaposque ignis* (Lucr. 6,952) "o odor e o frio, e o calor do fogo"; etc.

21. A passagem da vogal que precede a consoante final dos temas consonânticos para *–i–* verifica-se em obediência à apofonia (Veja cap. V, ns. 5,6,7,8,9,10).

22. Os temas consonânticos masculinos e femininos que não recebem a desinência *–s* de nominativo-vocativo são os terminados em líquida (*l,r*) e nasal (*n*). Declinam-se pelos paradigmas seguintes:

tema :	*soror–* (irmã)	*patr–* (pai)	*consul–* (cônsul)
	SINGULAR		
Nom.	*soror*	*pater*	*consul*
Voc.	*soror*	*pater*	*consul*
Acus.	*sorōr*em	*patr*ĕm	*consŭl*ĕm
Gen.	*sorōr*ĭs	*patr*ĭs	*consŭl*ĭs
Dat.	*sorōr*ī	*patr*ī	*consŭl*ī
Abl.	*sorōr*ĕ	*patr*ĕ	*consŭl*ĕ
	PLURAL		
Nom.	*sorōr*ēs	*patr*ēs	*consŭl*ēs
Voc.	*sorōr*ēs	*patr*ēs	*consŭl*ēs
Acus.	*sorōr*ēs	*patr*ēs	*consŭl*ēs
Gen.	*sorōr*um	*patr*um	*consŭl*um
Dat.	*sorōr*ĭbus	*patr*ĭbus	*consul*ĭbus
Abl.	*sorōr*ĭbus	*patr*ĭbus	*consul*ĭbus

temas :	*leon–* (leão)	*uirgon–* (virgem)	*caron–* (carne)
	SINGULAR		
Nom.	*leō*	*uirgō*	*carō*
Voc.	*leō*	*uirgō*	*carō*
Acus.	*leōn*ĕm	*uirgin*ĕm	*carn*ĕm
Gen.	*leōn*ĭs	*uirgĭn*ĭs	*carn*ĭs
Dat.	*leōn*ī	*uirgĭn*ī	*carn*ī
Abl.	*leōn*ĕ	*uirgĭn*ĕ	*carn*ĕ
	PLURAL		
Nom.	*leōn*ēs	*uirgĭn*ēs	*carn*ēs
Voc.	*leōn*ēs	*uirgĭn*ēs	*carn*ēs
Acus.	*leōn*ēs	*uirgĭn*ēs	*carn*ēs
Gen.	*leōn*um	*uirgĭn*um	carnĭum
Dat.	*leon*ĭbus	*uirgin*ĭbus	*carn*ĭbus
Abl.	*leon*ĭbus	*uirgin*ĭbus	*carn*ĭbus

23. O nominativo-vocativo dos temas terminados em *–r–*, masculinos e femininos, não recebe a desinência *–s*, mas, como nos terminados em sibilante, apresenta uma alternância quantitativa ***breve/longa***. Êste alongamento da vogal do nominativo ainda se verifica nos autores arcaicos. Mas, posteriormente, no período clássico, abreviando-se tôda vogal em sílaba final terminada por con-

soante (com exceção do *–s*), passou a ser breve, desaparecendo assim a antiga alternância (Veja cap. V, 14).

Observações:

1) Alguns temas terminados em *-r*, como por exemplo *augur, augŭris*, ou *memor, memŏris, Caesar, Caesăris*, mantêm nos casos declives a primitiva quantidade breve, de sorte que, com o abreviamento da vogal que precedia o *-r* no nominativo, desapareceu inteiramente a antiga alternância. Acontece, porém, que alguns outros temas em *-r-* apresentam nos casos declives a extensão da quantidade longa do nominativo, como *imperator, imperatōris*, ou *soror, sorōris*, etc. Verificando-se, como foi dito, o posterior abreviamento da primitiva quantidade longa da vogal do nominativo, o resultado foi que no período clássico se deu a completa inversão da antiga alternância.

2) Os nomes de parentesco, como *pater, mater, frater*, apresentam uma alternância *e/vogal zero*, donde o nominativo-vocativo *pater, mater, frater*, e os demais casos sem o *e*: *patris, patrem, matre, fratrum, fratribus*, etc.

24. Os temas em nasal, masculinos e femininos, apresentam no nominativo e desinência *zero*, com alongamento da vogal pré-desinencial, segundo a mesma alternância quantitativa estudada para os temas em *–r–*, dando-se, porém, talvez desde o indo-europeu, a queda do *–n* final precedido de vogal longa, donde as formas: *homō, uirgō, carō, leō*. Como fizemos notar relativamente aos temas em *–r–*, em que a primitiva quantidade longa do nominativo ora se estende aos casos declives, ora não, também, com relação aos temas terminados em *–on–*, verifica-se fato idêntico. Assim, em *homō, homĭnis, homĭnem*, etc., a longa do nominativo-vocativo não se estende aos demais casos, observando-se a apofonia do *–o–* breve interno. Mas, em *leō, leōnis, leōnem*, etc., a quantidade longa se comunica aos casos declives. Quanto a *carō* apresenta a alternância *–ō/zero* no nominativo singular e nos casos declives: *carnis, carnem, carne*, etc. É ainda de se notar que aparece um abl. sg. em *–i* (Plaut., Capt. 914) e um nom. sg. *carnis*, atestado em Liv. Andronico.

Observações:

1) Seguem a declinação de *leo* geralmente todos os masculinos, como também os femininos abstratos, como *natio, natiōnis*; e a declinação de *uirgo*, todos os femininos e alguns masculinos como *homo, homĭnis*. *Caro, carnis* apresenta a alternância *o/vogal zero*.

2) Os temas terminados em nasal precedida de *e*, ao contrário dos terminados em *-on*, conservam a nasal no nominativo -vocativo e estendem a quantidade longa aos casos declives, como por exemplo *liēn, liēnis, liēni*, etc. Entretanto, *flamĕn, -ĭnis* "flâmine" (sacerdote) e *pectĕn, -ĭnis*, "pente", ambos masculinos, apresentam até mesmo no nominativo-vocativo a quantidade breve da vogal final do tema, provàvelmente por se tratar de antigos neutros que posteriormente tenham passado para o gênero masculino.

25. Os neutros não encerram dificuldade alguma, apresentando todos êles no nominativo-vocativo-acusativo o tema puro sem desinência alguma, ou melhor, com desinência *zero*. No plural, caracteriza êstes casos a mesma desinência *–ă*, já por nós encontrada nas outras declinações. Os neutros consonânticos declinam-se pelos seguintes paradigmas:

temas:	*caput–* (cabeça)	*nomen–* (nome)	*corpus–* (corpo)	*opus–* (obra)	*cord–* (coração)

SINGULAR

Nom.	*caput*	*nomen*	*corpus*	*opus*	*cor*
Voc.	*caput*	*nomen*	*corpus*	*opus*	*cor*
Acus	*caput*	*nomen*	*corpus*	*opus*	*cor*
Gen.	*capĭtĭs*	*nomĭnĭs*	*corpŏris*	*opĕris*	*cordis*
Dat.	*capĭtī*	*nomĭnī*	*corpŏrī*	*opĕrī*	*cordī*
Abl.	*capĭtĕ*	*nomĭnĕ*	*corpŏrĕ*	*opĕrĕ*	*cordĕ*

PLURAL

Nom.	*capĭtă*	*nomĭnă*	*corpŏră*	*opĕră*	*cordă*
Voc.	*capĭtă*	*nomĭnă*	*corpŏră*	*opĕră*	*cordă*
Acus.	*capĭtă*	*nomĭnă*	*corpŏră*	*opĕră*	*cordă*
Gen.	*capĭtŭm*	*nomĭnŭm*	*corpŏrŭm*	*opĕrŭm*	*cordŭm*
Dat.	*capitĭbus*	*nominĭbus*	*corporĭbus*	*operĭbus*	*cordĭbus*
Abl.	*capitĭbus*	*nominĭbus*	*corporĭbus*	*operĭbus*	*cordĭbus*

26. Os neutros do tipo de *caput* e *nomen* apresentam nos casos declives a apofonia do *–u–* e do *–e–* (Veja cap. V, ns. 5, 6, 9). Os do tipo de *opus* encerram a mesma alternância *o/e* a que já nos temos referido (n.º 20 dêste capítulo), onde também se encontra a explicação do tipo *corpus, corpŏris*.

27. Os neutros em líquida ou nasal não apresentam nenhuma alternância de quantidade, tendo, pois, breve a quantidade que finaliza o tema: *marmŏr, nomĕn*.

28. Em *cor, cordis* não aparece no nominativo-vocativo-acusativo singular a consoante que finaliza o tema (*–d*), por não haver geralmente em latim grupos consonânticos em final de palavra. Isto explica outros nominativos como *os*, ou *lac* dos temas *oss–, lact–* "osso", "leite".

29. Os adjetivos de temas consonânticos seguem os mesmos paradigmas dos substantivos, havendo apenas a notar que dêles se afastam ùnicamente os que tomam no nominativo-vocativo singular,

mesmo para o gênero neutro, a desinência *–s*, característica do nominativo dos masculinos e femininos. Assim acontece, por exemplo, com *anceps, duplex*, etc. Aliás, esta observação também se deve estender aos adjetivos sonânticos do tipo *felix*.

III) Declinação dos *Substantivos Anômalos*

30. Os seguintes substantivos são de declinação irregular, não seguindo, por isso, nenhum dos paradigmas já por nós apresentados: *bos* "boi", *sus* "porco", *uis* "fôrça", *senex* "velho", *iter* "jornada", e *Iuppĭter* "Júpiter".

SINGULAR

Nom.	*bōs*	*sūs*	*uīs*	*senex*	*iter*	*Iuppĭter*
Voc.	*bōs*	*sūs*	*uīs*	*senex*	*iter*	*Iuppĭter*
Acus.	*bouĕm*	*suĕm*	*uĭm*	*senĕm*	*iter*	*Iouem*
Gen.	*bouĭs*	*suĭs*	*uīs*	*senĭs*	*itinĕrĭs*	*Iouĭs*
Dat.	*bouī*	*suī*	*uī*	*senī*	*itinerī*	*Iouī*
Abl.	*bouĕ*	*suĕ*	*uī*	*senĕ*	*itinerĕ*	*Iouĕ*

PLURAL

Nom.	*bouēs*	*suēs*	*uirēs*	*senēs*	*itinĕră*
Voc.	*bouēs*	*suēs*	*uirēs*	*senēs*	*itinĕră*
Acus.	*bouēs*	*suēs*	*uirēs*	*senēs*	*itinĕră*
Gen.	*boum*	*suum*	*uirĭum*	*senŭm*	*itinĕrŭm*
Dat.	*bōbus* *būbus*	*suĭbus* *sūbus*	*uirĭbus*	*senĭbus*	*itinerĭbus*
Abl.	*bōbus* *būbus*	*suĭbus* *sūbus*	*uirĭbus*	*senĭbus*	*itinerĭbus*

31. *Bos, bouis* é um tema em *–ou–*, como aliás também o é *Iouis*, que estudaremos adiante. O nominativo-vocativo *bōs* é forma tomada de empréstimo a qualquer linguajar campesino da Itália, uma vez que em latim o ditongo *ou* dever-se-ia reduzir a *ū* e não a *ō*. O acusativo *bouem* deve ter sido refeito do genitivo *bouis*. O dativo-ablativo plural *būbus* é a forma normal do latim de Roma, sendo que *bōbus* representa, como o nominativo singular, um tratamento dialetal do ditongo *ou* do tema.

32. *Sūs*, além do dativo-ablativo plural *sūbus*, também tinha a forma *suĭbus*, criada por analogia com o dativo singular *sui*. O abreviamento do *u*, que às vêzes aparece em *sŭbus*, é também devido à analogia com as formas em que o *u* vinha antes de vogal, como *suis, sui, sues*, etc.

33. O substantivo *uis* é o tema sonântico *ui–*, donde o seu acusativo em *–im* (*uim*) e ablativo em *–i* (*ui*). No singular, os casos mais freqüentes são o nominativo-vocativo, o acusativo e o ablativo. O genitivo e o dativo singulares são raríssimos. O genitivo *uis* aparece citado por Varrão; *dicŭntur... et recto et obliquo uocabŭlo VIS* (Varr. L. L. 8,7) "usam no nominativo e no genitivo *uis*"; como também Tácito, embora corrigido por alguns editôres para *bilis*: *plus uis habeat quam sanguĭnis* (Tác. Diál. Or. 26) "tenha mais violência do que vigor". O dativo, também muito raro, aparece no *De Bello Africano*, no seguinte passo: *equitĭbus suis hostium ui oppositis* (69,2) "tendo oposto ao embate dos inimigos a cavalaria romana". O plural *uires, uirium, uirĭbus* foi formado tomando-se o *–s* da desinência do nominativo singular como se fizesse parte do próprio tema *uis–*. Entretanto, em Lucrécio ainda aparece a primitiva forma de acusativo plural *uis*: *uīs multas possĭdet in se* (Lucr. 2, 586) "possui em si muitas virtudes"; forma esta também usada pelo mesmo autor para o nominativo plural: *quasi multae uis unius corpŏris* (Lucr. 3,265) "como muitas propriedades de um só corpo".

34. Apresentam um sistema de declinação semelhante ao de *iter* os substantivos *iecur, iecinŏris* "fígado", *femur, femĭnis* "coxa", vocábulos êstes que provêm de antigos temas em que havia uma alternância sonântica *-r/-n*, tendo, assim, como flexão normal *iter, itĭnis; iecur, iecĭnis; femur, femĭnis*. Por analogia com o nominativo *iter*, criaram-se as formas *itĕris*, etc., como *iecur, iecŏris;* como *femur, femŏris*, etc., resultando do cruzamento destas duas formações a declinação clássica *iter, itinĕris ; iecur, iecinŏris*.

35. *Senex, senis* possui dois temas: — o nominativo-vocativo singular origina-se de um antigo tema em *–o/–e*, ao qual se acrescentou um elemento sufixal *–c–* antes de receber a desinência *–s*. Nos casos declives, o tema não apresenta o elemento sufixal acima referido, sofrendo grandemente a influência de *iuuĕnis*, ao qual estava estreitamente ligado como antônimo.

36. *Iuppiter* é um composto de *Dieu* ,da mesma família de *dies*, e de *pater*, significando pròpriamente "o pai dia". O nominativo é devido à extensão de uma antiga forma de vocativo. Os casos declives provêm do primeiro elemento da composição (**Io – <*Dioui*–donde: *dat. Iou–i, abl. Iou–e*, gen. *Iou–is*, etc. Chegou a existir um nominativo analógico *Iouis*, que é atestado em Ênio (An. 63).

COMPLEMENTO AO ESTUDO DA 3.ª DECLINAÇÃO

De tôdas as declinações, é sem dúvida a terceira a mais complexa, não só pelo grande número de palavras que encerra, pertencentes a categorias diversas, como substantivos, adjetivos e particípios, masculinos, femininos e neutros, bem como elementos heterogêneos

(do ponto de vista estritamente morfológico), como sejam os temas sonânticos e consonânticos. Êstes dois grandes grupos, porém, admitem ainda subdivisões, a saber: os temas sonânticos se bipartem em *temas sonânticos pròpriamente ditos* (tipo *ciuis*, *fortis*, *mare*) e *temas sonânticos sincopados*, ou *apocopados* (tipo *urbs*, *felix*, *animal*, *calcar*); por sua vez os consonânticos subdividem-se em *consonânticos terminados em oclusiva* (tipo *princeps*, *miles*, *pes*, *dux* e *rex*), *temas em sibilante* (tipo *flos*), *temas terminados em líquida ou nasal* (tipo *soror*, *pater*, *consul*, *leo*, *uirgo*, *caro*). Além dessas divisões e subdivisões, onde os neutros têm ainda uma declinação com características próprias, há a considerar os substantivos anômalos cuja declinação se afasta dos sistemas regulares estudados.

Entretanto, embora sejam numerosas as dificuldades que se apresentam para o estudo da terceira declinação, pelo que ficou acima exposto, ainda assim não se reduzem apenas a isto. Os elementos heterogêneos, agrupados em tôrno de um mesmo sistema de flexão pela estreita conexão que lhes impunha êsse mesmo sistema, passaram a exercer, uns sôbre os outros, uma influência mútua, que muito concorreu para trazer novas alterações ao primitivo estado de coisas já tão complexo, e com isto se procedeu a uma aproximação maior entre os dois grandes grupos constituídos pelos temas sonânticos e consonânticos, como passaremos a ver.

O genitivo singular dos temas sonânticos deveria ter sido primitivamente em *—īs* (com *ī longo*), diferindo do nominativo, que tinha a terminação *—ĭs* com *—ĭ—* breve. Posteriormente, porém, por influência dos temas consonânticos, o genitivo dos temas sonânticos também passou a se fazer em *ĭs* (com o *ĭ* breve), não deixando vestígio algum o primitivo estado de coisas.

O acusativo singular dos temas sonânticos diferia primitivamente do acusativo dos temas consonânticos ,terminando o dos primeiros em *—im*, e o dos segundos em *—em*. Ainda no período clássico, êste acusativo em *—im* aparece em nomes técnicos. Mas, quer por efeito da própria evolução fonética, quer por analogia com os temas consonânticos, ou por ambos êstes fatôres conjugados, passaram os sonânticos, segundo a regra geral, a fazer o acusativo singular em *—em*, tornando-se desta forma a terminação *—em* comum aos dois grupos.

O ablativo singular em *—ī* dos temas sonânticos ainda deixou maiores vestígios do que o acusativo em *—im*. Provinha êste ablativo de antiga forma em *—īd*, ainda atestada em inscrições arcaicas. Mas também acabou por sofrer a influência dos temas consonânticos, cuja desinência *—ĕ* a êles se estendeu, tornando-se igualmente a desinência geral de ablativo singular da terceira declinação, exceção feita apenas aos adjetivos, onde os temas consonânticos eram relativamente raros.

No nominativo-vocativo plural, foi, ao contrário, a desinência dos temas sonânticos *—ēs* que se estendeu aos consonânticos, generalizando-se em tôda a terceira declinação, para os masculinos e femininos.

No período clássico, ainda se mantinha na língua culta a distinção entre sonânticos e consonânticos no acusativo plural dos nomes masculinos e femininos, terminando os sonânticos em *—īs* e os consonânticos em *—ēs*. Entretanto, desde os fins da república, a desinência *—ēs* começava a aparecer entre os nomes sonânticos, generalizando-se, em breve, como única desinência de acusativo plural no império.

Enfim, estendendo-se aos consonânticos a terminação do dativo-ablativo plural dos sonânticos (*—ibus*) em tôda a terceira declinação a única distinção precisa entre os dois grupos de temas era constituída pelo genitivo plural em *—ium* para os sonânticos e *—um* para os consonânticos. Mas ainda aí houve, embora excepcionalmente, casos de interinfluência, como, por exemplo, com os particípios presentes masculinos em *—ium*, ou, ao contrário, alguns genitivos plurais em *—um* para temas sonânticos, como *apum*, usado concomitantemente com *apium*, no genitivo plural de *apis*.

As Palavras Gregas da 3.ª Declinação

O que já observamos, com relação à primeira e segunda declinações, também se aplica à terceira : os substantivos gregos que a ela se filiam seguem normalmente o paradigma latino. Entretanto, nem todos os nomes da terceira declinação grega eram incorporados à terceira declinação latina. Assim, substantivos como *lampás*, acusativo *lampáda*, em sua maioria, foram introduzidos na primeira declinação latina e não na terceira, e isto, como é óbvio, pela identidade de forma dêste acusativo grego com o nominativo da primeira declinação latina. É curioso notar que os nomes de cidade, pertencentes exatamente ao mesmo tipo, não passaram nem para a primeira nem para a terceira declinação latina, mas para a segunda, como, por exemplo, *Táras*, acusativo *Táranta*, em latim *Tarēntum, —ī* "Tarento". Os nomes gregos em *—ma* (neutros), embora vez por outra tenham sido tratados como femininos da primeira declinação (como por exemplo *glacuma, —ae*), geralmente são declinados como neutros da terceira, como *poēma ,—ătis*.

Havendo também na terceira declinação grega grande número de temas, passaremos em revista os principais paradigmas dos nomes gregos que entraram para a declinação latina, onde passaram a constituir uma declinação mista, meio grega, meio latina:

I) NOMES COMUNS

SINGULAR

Nom.	*basis*	*tigris*	*herōs*
Voc.	*basis*	*tigris*	*herōs*
Acus.	*basin*	*tigrin(–ĭdă)*	*herōa*
Gen.	*baseōs(–ī)*	*tigris(–ĭdōs)*	*herōis*
Dat.	*basī*	*tigrī*	*herōi*
Abl.	*basī*	*tigrī(–ĭde)*	*herōe*

PLURAL

Nom.	*basēs*	*tigrēs*	*herōēs(–ēs)*
Voc.	*basēs*	*tigrēs*	*herōēs(–ēs)*
Acus.	*basīs*	*tigrīs(–ĭdăs)*	*herōăs(–ēs)*
Gen.	*basĭum(–eum)*	*tigrĭum*	*herōum*
Dat.	*basĭbus*	*tigrĭbus*	*heroĭbus*
Abl.	*basĭbus*	*tigrĭbus*	*heroĭbus*

SINGULAR

Nom.	*lampas*	*cratēr*	*poēma*
Voc.	*lampas*	*cratēr*	*poēma*
Acus.	*lampădă(–em)*	*cratēra(–em)*	*poēma*
Gen.	*lampădos(–is)*	*cratēros(–is)*	*poemătis*
Dat.	*lampădī*	*cratērī*	*poemăti*
Abl.	*lampădĕ*	*cratērĕ*	*poemăte*

PLURAL

Nom.	*lampadĕs*	*cratērĕs*	*poemăta*
Voc.	*lampadĕs*	*cratērĕs*	*poemăta*
Acus.	*lampadăs*	*cratērăs*	*poemăta*
Gen.	*lampădum*	*cratērum*	*poematōrum*
Dat.	*lampadĭbus*	*craterĭbus*	*poemătis*
Abl.	*lampadĭbus*	*craterĭbus*	*poemătis*

II) NOMES PRÓPRIOS

Nom.	*Socrătēs*	*Paris*	*Didō*	*Simoīs*	*Orpheus*
Voc.	*Socrătes(ē)*	*Pari*	*Didō*	*Simoīs*	*Orpheū*
Acus.	*Socrătem(–ēn)*	*Parĭdem* *Parim(-in)*	*Didōnem* *Dido*	*Simoēnta*	*Orphea* (*–um*)
Gen.	*Socrătis(–ī)*	*Parĭdis*	*Didōnis*	*Simoēntis*	*Orpheī* (-ō)
Dat.	*Socrătī*	*Parĭdī*	*Didōni*	*Simoēntī*	*Orpheī* (-ō)
Abl.	*Socrătĕ*	*Parĭde* *Parī*	*Didōne* (–o)	*Simoēnte*	*Orpheō*

Observações:

1) Relativamente aos paradigmas acima, cabem algumas observações. Assim, no acusativo singular, além das desinências *-in* e *-a dos* substantivos comuns masculinos e femininos, também costuma aparecer freqüentemente a desinência latina *-em*. O genitivo singular geralmente é *-is*, mas, principalmente em poesia, aparece o genitivo grego *-os*. O dativo singular é geralmente em *-i*, encontrando-se, porém, às vêzes a forma grega em *-o*. O neutro *poema* declina-se no plural geralmente pela segunda declinação latina.

2) Nos nomes próprios em *-es*, a coexistência dos genitivos em *-is* e em *-i* se explica pela existência em grego de nomes em *-es*, *-ous*, como *Aristophánes*, *-ous*, e em *-es*, *-ou*, como *Thoukydídes*, *-ou*. Alternam ainda o vocativo em *-es* ou em *-e*, o acusativo em *-em*, ou em *-en*. Os nomes em *-is* (tipo *Paris*), como na declinação dos nomes comuns (tipo *tigris*), podem seguir a declinação dos temas sonânticos ou consonânticos, fazendo o acusativo em *-im*, *-in*, *-ida*, ou *-idem*, e o genitivo em *-idos*, ou *-idis*. Os femininos em *-o* geralmente se declinam regularmente, como *Dido*, *-onis*, mas podem ter um acusativo em *-o*, e o genitivo em *-us*. Os masculinos, com o nominativo em *-o*, ou em *-on*, declinam-se regularmente, adotando as flexões latinas. Como *Simois* se declinam os temas em *-ant-* e em *-ent*, bem como alguns em *-unt-*, como por exemplo, *Atlas*, *-antis*, *Trapezus*, *-untis*, tendo os nominativos em *-as*, *-is*, *-us*.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

W. M. Lindsay, *The Latin Language*, pgs. 366-404.

W. M. Lindsay, *Latin Grammar*, pgs. 58-67.

F. Sommer, *Handbuch*, pgs. 352-387.

R. G. Kent, *The Forms of Latin*, pgs. 36-48.

A. Meillet-J. Vendryes, *Traité*, pgs. 451-455; 459-482.

C. Tagliavini, *Fonetica e Morfologia*, pgs. 106-113.

V. Pisani, *Grammatica Latina*, pgs. 164-179.

A. Ernout, *Morphologie*, pgs. 35-63.

L. R. Palmer, *The Latin Language*, pgs. 244-249.

INDEX

INDEX

XI

CAPÍTULO XII

4.ª DECLINAÇÃO

(Declinação dos temas em *—u—*)

1. A quarta declinação é constituída por um número relativamente pequeno de substantivos dos três gêneros: masculinos, femininos e neutros. Não diferem, na declinação, os substantivos masculinos e femininos, pois têm formas idênticas. Entretanto, os neutros formam um grupo à parte, com características próprias. A quarta declinação não possui adjetivos, declinando-se os seus substantivos pelos seguintes paradigmas:

	masculinos	femininos	neutros
temas:	*gradu—*	*manu—*	*genu—*
	(passo)	(mão)	(joelho)

SINGULAR

Nom.	*gradŭs*	*manŭs*	*genu*
Voc.	*gradŭs*	*manŭs*	*genu*
Acus.	*gradŭm*	*manŭm*	*genu*
Gen.	*gradūs*	*manūs*	*genūs* (*genu*)
Dat.	*gradŭī*	*manŭī*	*genŭī* (*genu*)
Abl.	*gradū*	*manū*	*genū*

PLURAL

Nom.	*gradūs*	*manūs*	*genŭa*
Voc.	*gradūs*	*manūs*	*genŭa*
Acus.	*gradūs*	*manūs*	*genŭa*
Gen.	*gradŭum*	*manŭum*	*genŭum*
Dat.	*gradĭbus*	*manĭbus*	*genĭbus*
Abl.	*gradĭbus*	*manĭbus*	*genĭbus*

2. Como vimos, a quarta declinação possui, em comparação com as precedentes, um pequeno número de vocábulos, entre os quais não se encontram adjetivos.

Observação:

Há um único adjetivo que segue a quarta declinação, o composto *anguimănus*, provàvelmente vocábulo criado por Lucrécio, que o emprega duas vêzes: *in genĕre anguimănus elephântos* (Lucr. 2,537) "no gênero do elefante de tromba em forma de serpente"; e *inde boues lucas ... anguimănus*, (Lucr. 5, 1302-1303) "depois os elefantes de tromba em forma de serpente". Lucrécio é o único autor a empregar o adjetivo no período clássico, e ùnicamente nestes dois passos.

3. Como os temas sonânticos da terceira declinação, os substantivos masculinos e femininos da quarta declinação fazem o nominativo e vocativo singular em *—s*, e os neutros apresentam nos mesmos casos, como também no acusativo singular, o tema puro com desinência *zero: genu.*

Observação:

Ainda com relação ao nominativo-vocativo-acusativo neutro, cumpre notar que a quantidade longa é bastante estranha e de difícil explicação. Supõe-se que o fato é devido a uma antiga desinência de plural coletivo, ou ainda à desinência de um dual. O que dificulta a resolução do problema é que os neutros da quarta declinação já são poucos e pouco aparecem nos textos, nestes casos. Um único exemplo claro da quantidade longa é encontrado em Vergílio; *nuda genū* (Verg. En. 1, 320) "nua relativamente ao joelho", num acusativo de relação.

4. O genitivo singular difere do nominativo-vocativo dos masculinos e femininos pela quantidade da vogal, que é breve nestes casos e longa no genitivo singular.

Observações:

1) Note-se que em todo o período republicano, bem como no século de Augusto e em grande parte do período imperial, o genitivo singular dos neutros era sempre em *-ūs* e não em *-u*.

2) Ao lado dêste genitivo em *-ūs*, havia a tendência, desde o período arcaico, em se dar a numerosos substantivos da quarta declinação o genitivo singular em *ī*, semelhante ao da segunda. O fato é atestado principalmente nos seguintes substantivos: *aestus* "ardor", *aspectus* "aparência", *exercitus* "exército", *fluctus* "onda", *fructus* "fruto", *gelu* "gêlo", *gemĭtus* "gemido", *luctus* "dor", *portus* "pôrto", *quaestus* "lucro", *senātus* "senado", *specus* "caverna", *sumptus* "despesa", *tumultus* "tumulto", *uictus* "alimento". Muito deveria ter concorrido para isto o fato de que muitos substantivos da quarta declinação, desde uma época muito remota, anterior ao próprio latim, tinham duplicidade de temas, um em *-o/e-* e outro em *-u-*, como por exemplo *domus*, que estudaremos adiante.

5. Ao lado do dativo singular em *—ŭī*, costuma também aparecer um dativo singular em *—ū*, principalmente em poesia, semelhante aos dativos da segunda declinação em *—ō*, e aos da terceira em *—ī*. Vergílio, por exemplo, o emprega várias vêzes: *concubĭtū* (Verg.

Geo. 4,198); *nam aliae uictū inuigĭlant* (Verg. Geo. 4,158) "pois umas estão atentas ao alimento"; *curruque uolans dat lora secundo* (Verg. En. 1,156) "e voando, dá rédeas ao rápido carro". Segundo Aulo Gélio (4,16,5), êste era o dativo usado por César.

Observação:

Embora no período clássico se preferisse ainda o dativo em *ŭī*, para os neutros, cumpre notar que já desde T. Lívio o dativo neutro em *-u* era geralmente empregado.

6. A identidade de terminações para o nominativo-vocativo-acusativo plural da quarta declinação é de data relativamente recente, não provindo do indo-europeu. Sem dúvida, é devida à analogia com os temas consonânticos da terceira declinação, em que êstes casos eram sempre iguais.

7. Ao lado do genitivo plural em *—ŭum* aparecem algumas formas em *—um*, por analogia com os genitivos da segunda declinação, como *nummum*, e provàvelmente também com os genitivos plurais da terceira em *—um*, principalmente dos temas consonânticos. Ex.: *quae gratia currum armorumque fuit uiuis* (Verg. En. 6,653-654) "o prazer dos carros e das armas que tinham quando vivos".

8. O dativo-ablativo plural era primitivamente em *—ŭbus*, que depois, por evolução fonética e influência dêstes mesmos casos da terceira declinação, passou a *—ĭbus*. Entretanto, alguns substantivos da quarta declinação ainda apresentam, no período clássico, a desinência *—ŭbus*, como, por exemplo, os seguintes: *arcus, arcŭbus* "arco"; *quercus, quercŭbus* "carvalho", *tribus, tribŭbus* "tribo"; etc. Exs.: *exquis homo ex quinque et triginta tribŭbus ad Hannibălem transfugĕrit* (T. Lív. 23,12,16) "acaso algum homem das trinta e cinco tribos se terá passado como trânsfuga para Aníbal?".

9. Já referimos, na observação 2 do n.º 4 dêste capítulo, que, mesmo desde época anterior ao latim, alguns nomes da quarta declinação tinham duplicidade de temas, hesitando entre a segunda e a quarta declinações. O substantivo *domus* "casa" atesta claramente êste fato, razão por que passamos a dar a sua declinação:

	Singular	Plural
Nom.	*domŭs*	*domūs*
Voc.	*domŭs*	*domūs*
Acus.	*domŭm*	*domōs* e *domūs*
Gen.	*domūs* e *domī*	*domōrum* e *domuum*
Dat.	*domŭī* e *domō*	*domĭbus*
Abl.	*domō* e *domū*	*domĭbus*
Loc.	*domī*	

COMPLEMENTO AO ESTUDO DA 4.ª DECLINAÇÃO

A quarta declinação encerra, como acabamos de ver, um número restrito de palavras, sofrendo, além disso, a concorrência principalmente da segunda declinação, como também em parte da terceira. Por êste motivo, desde os primórdios da tradição literária, apresenta ela a tendência a desaparecer, o que se ultimou no latim vulgar dos fins do império. Ainda mais concorreu para o desaparecimento da quarta declinação como que certa indecisão de vários de seus temas, que tomavam casos de outros sistemas de flexão, especialmente da segunda. Estudamos o caso de *domus*, onde as formas duplas da quarta e da segunda declinação se acumulam em quase todos os casos.

Os neutros também oferecem algo de semelhante, pela obscuridade de várias de suas formas, como pela dubiedade de outras. Vimos que a quantidade longa do nominativo-vocativo-acusativo singular é insólita, e que a gramática comparada das línguas indo-européias tem dificuldade em explicá-la. Aliás, a dificuldade se torna maior no latim pela escassez da documentação, agravada pelo fato de muitos dêstes neutros tomarem na quarta declinação o gênero animado: *gelus, —ūs* aparece como masculino em Catão (Agr. 40,4), em Ácio (390), em Pompônio Mela (3,5); *cornus* é atestado no gênero masculino por vários gramáticos latinos; *tonĭtrus* é a forma atestada em Lucrécio (6,164) e Vergílio (En. 4,122), mas a forma *tonĭtru*, neutra, é referida por Carísio. Todos os substantivos citados têm também farta atestação como se declinando também pela segunda declinação.

Além dos genitivos em *—ūs* e em *—ī* que estudamos, há uma forma em *—uis* que é usada por Varrão com absoluta exclusão das demais, segundo o testemunho de Aulo Gélio (4,16,5). Tal genitivo é sem dúvida devido à analogia com o genitivo em *—is* da terceira declinação. Podem citar-se ainda uma forma dialetal de genitivo singular em *—uos*, atestada no *Senatus consultum* das bacanais; e um genitivo em *—os* também de caráter dialetal usado por Augusto, segundo informação de Suetônio (Aug. 87), para o genitivo de *domus*.

Esta instabilidade de flexão da quarta declinação deverá também ter sido das causas principais do seu desaparecimento.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

W. M. Lindsay, *Latin Grammar*, pgs. 65-68.
F. Sommer, *Handbuch*, pgs. 387-394.
C. D. Buck, *Comparative Grammar*, pgs. 198-201.
R. G. Kent, *The Forms of Latin*, pgs. 48-52.
A. Meillet-J. Vendryes, *Traité*, pgs. 482-489.
C. Tagliavini, *Fonetica e Morfologia*, pgs. 113-115.
V. Pisani, *Grammatica Latina*, pgs. 179-191.
A. Ernout, *Morphologie*, pgs. 63-67.
L. R. Palmer, *The Latin Language*, pgs. 251-252

CAPÍTULO XIII

5.ª DECLINAÇÃO

(Declinação dos temas em *—e—*)

1. A quinta declinação é constituída ùnicamente de substantivos femininos, com exceção apenas de *dies* "dia", que pode ser masculino ou feminino, e de seu composto *meridies* "meio-dia", que é sempre masculino. Não há neutros na quinta declinação.

Observação:

Embora no singular *dies* apareça freqüentemente como feminino, o gênero masculino parece mais antigo e também mais freqüente, sendo o emprêgo feminino explicado como influenciado por *nox* "noite", ao qual se ligava em muitas expressões (por exemplo: *nocte dieque* "de dia e de noite"), como também por *lux* "luz". No plural, é quase sempre masculino.

2. Os substantivos da quinta declinação seguem os seguintes paradigmas:

temas:	*die—* (dia)	*re—* (coisa)	*materie—* (matéria)
		SINGULAR	
Nom.	*diēs*	*rēs*	*materĭēs*
Voc.	*diēs*	*rēs*	*materĭēs*
Acus.	*diĕm*	*rem*	*materĭĕm*
Gen.	*diēī*	*rēī*	*materiēi*
Dat.	*diēi*, diei	*rei*	*materiēi*
Abl.	*diē*	*rē*	*materiē*
		PLURAL	
Nom.	*diēs*	*rēs*	
Voc.	*diēs*	*rēs*	
Acus.	*diēs*	*rēs*	
Gen.	*diērum*	*rērum*	
Dat.	*diēbus*	*rēbus*	
Abl.	*diēbus*	*rēbus*	

3. Só *res* e *dies* são declináveis em todos os casos do singular e do plural. Sendo abstratos a maioria dos substantivos desta declinação, é natural que só se declinem no singular. Excepcionalmente, quando usados no plural, seguem, não raro, outra declinação, como a primeira, ou, mais raramente, a terceira.

4. Compõe-se a quinta declinação ,principalmente, de substantivos formados pelos sufixos *–ies* e *–ities*, como por exemplo : *materies, canities* "cabelos brancos". Êstes sufixos, desde época muito remota, tinham também uma outra forma em *–ia*, o que vem explicar que muitos substantivos dêste tipo pertencentes à quinta declinação tenham formas dúplices da primeira: *materia, canitia*. Exs.: *sua de materie grandescĕre* (Lucr. 1,91) "crescer por seus elementos próprios" *materia facilis est in te et in tuos dicta dicĕre* (Cic. Phil. 2,42) "é matéria fácil dizer ditos jocosos a teu respeito e a respeito dos teus"; *canities eadem est* (Ov. Met. 1,237) "a velhice é da mesma (côr)"; *canitia in uasis summa est* (Plín. H. Nat. 31,42,91) "nos vasos é branca a superfície".

5. *Dies* e *res* são dois antigos temas ditongados que se incorporaram à quinta declinação. *Dies* provém de um tema que deveria ter dado um nominativo *dius*, aliás atestado na expressão *nudius tertius* (Cíc. At. 14,11,1) "é agora o terceiro dia". *Res* é proveniente de um tema igualmente ditongado *reis*, refeito sôbre o acusativo *rem*, do qual se formou o nominativo *res*. Há ainda alguns substantivos que hesitam entre a terceira e a quinta declinação, como *plebes, –ei* (Cíc. Br. 54) e *plebs, –is* (Cíc. Mil. 95), etc.

6. Além do genitivo singular em *–ei*, havia outras formas atestadas para êste caso na quinta declinação. Assim, na língua arcaica se encontra um genitivo em *–ēs*, que ainda aparece em Lucrécio: *rabies unde illaec germĭna surgunt* (4, 1075) "donde surgem aquêles germens da raiva".

7 César, em seu tratado Da Analogia, aconselha um genitivo em *–ē* para os substantivos em *–iēs*, genitivo êste que aparece atestado no período clássico: *et iam die uesper erat* (Sal. B. Iug. 52,3) "e já era a tarde do dia, i.é, e já era de tarde"; *in sinistra parte acie* (Cés. B. Gal. 2,23,1) "na ala esquerda da linha de combate"; *Libra die somnique pares ubi fecĕrit horas* (Verg. Geo. 1,208) "quando a balança fizer iguais as horas do dia e do sono".

8. Segundo Aulo Gélio, os escritores do período republicano empregavam ainda um genitivo em *–ī* para os substantivos em *–iēs*, um dos quais, *pernicies*, apresenta o genitivo *pernicii* atestado em Cícero (Rosc. Amer. 131), embora nos manuscritos hoje existentes só se encontre a forma *pernicie*.

9. O dativo também contava uma forma em *–ē* que, segundo o mesmo Aulo Gélio (9,14,21), era a preferida dos puristas.

10. O ablativo em *—ē* provém provàvelmente de antiga forma em *—ed*, criada por analogia com os temas em *—o/e—* e em *—a*. Dela não há atestação em latim.

11. O vocativo singular igual ao nominativo, como em tôdas as declinações, e o acusativo em *—em*, onde o *—ē longo* se abrevia antes de *—m* final, são de formação normal, não reclamando nenhum reparo.

12. O nominativo-vocativo plural em *—ēs* é a resultante da contração da vogal temática *—e* mais a desinência *—es*. O acusativo, também em *—ēs*, provém do acréscimo da desinência *—ns* à vogal temática *—e—* e ensurdecimento do *n* antes do *s*.

13. O genitivo plural, que só aparece nos substantivos *res* e *dies*, foi criado por analogia com o genitivo plural dos temas em *—a*, e *—o/e—*.

14. O dativo-ablativo plural, que também só é empregado em *res* e *dies*, foi formado pelo acréscimo da desinência *—bus* à vogal temática *—e—*, provàvelmente por analogia com os nomes da terceira declinação.

COMPLEMENTO AO ESTUDO DA 5.ª DECLINAÇÃO

Assim como a quarta declinação, a quinta é uma declinação que conta um pequeno número de substantivos, tendo, além disto, um sistema de flexões bastante instável. De tôdas as declinações latinas, é sem dúvida a mais obscura e cuja história é mais discutida. Uma das dificuldades que apresenta o seu estudo é que quase não é representada nas demais línguas indo-européias, exceção feita do lituano, o que impede ou pelo menos restringe grandemente a comparação com outros ramos da família indo-européia. Até mesmo entre os demais dialetos itálicos, os vestígios dêste tipo de flexão nominal são bastante raros.

Quanto ao tema, a quinta declinação é constituída de elementos diversos e heterogêneos, a saber : temas ditongados, como *res* e *dies* (provenientes de *reis* e *dieus*) ; de temas em *—e—*, como *fides ;* de temas em *—ie—*, como *materies;* e de temas em *—itie*, como *canities*.

Sendo defectivos no plural a maioria de seus substantivos, e sofrendo a concorrência da primeira e da terceira declinações que lhe disputavam grande número de vocábulos, todos do gênero animado, fàcilmente se compreende que tendia ela a desaparecer, o que se verificou quase inteiramente no latim vulgar, no período imperial.

Os genitivos em *—ēs*, que ocorrem no latim arcaico, são formados por analogia com os antigos genitivos em *—ās* da primeira declinação.

O genitivo em *—ēī* era também analógico com o genitivo arcaico em *—āī* da primeira, razão por que era dissilábico primitivamente, mantendo-se como tal geralmente no período clássico. O genitivo em *—ĕī* (com *e breve*) se explica pelo abreviamento do *—e—* antes de vogal, sendo paralelo ao abreviamento do *—a—* antes da desinência *—i—* de genitivo singular na primeira declinação, donde a redução ao ditongo *—ae* na primeira e ao ditongo *—ei* na quinta. O genitivo em *—ē,* aconselhado por César, pode ser explicado como uma simples formação analógica que César teria substituído ao genitivo em *—iī,* para restabelecer neste caso a vogal *—e—* dos outros casos, ou também uma forma determinada pela evolução fonética do ditongo *—ei* com a primeira vogal longa e a segunda breve, donde a resultante apócope desta última vogal.

O dativo *—ei,* de emprêgo raro, ao contrário do genitivo, era sempre monossilábico. É verdade que Lucrécio foi o único a usar um dativo dissilábico *—ēī,* com as duas vogais longas na forma *rēī* (1,688), e Horácio, nas Odes, emprega uma única vez o dativo *rĕī,* mas com o abreviamento do *—ĕ—* (Hor. Od. 3,24,64).

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

W. M. Lindsay, *Latin Grammar,* pgs. 68-72.

F. Sommer, *Handbuch,* pgs. 394-401.

H. Pedersen, *La Cinquième Déclinaison Latine,* Copenhague, 1926. Trabalho minucioso e bem fundamentado em que o autor discute o problema da origem indo-européia da 5.ª declinação, concluindo pela afirmação de que ela "representa o paradigma dos temas regulares em *-e-*".

C. D. Buck, *Comparative Grammar,* pgs. 204-205.

R. G. Kent, *The Forms of Latin,* pgs. 52-55.

C. Tagliavini, *Fonetica e Morfologia,* pgs. 115-116.

V. Pisani, *Grammatica Latina,* pgs. 181-184.

A. Ernout, *Morphologie,* pgs. 67-72.

L. R. Palmer, *The Latin Language,* pgs. 250-251.

INDEX

CAPÍTULO XIV

O ADJETIVO E SEUS GRAUS DE COMPARAÇÃO

1. Como já vimos ao estudar as três primeiras declinações, a declinação dos adjetivos não difere da dos substantivos. Iremos agora não só sistematizar as noções que já foram dadas anteriormente, como também completá-las com o estudo dos graus de comparação.

2. Os adjetivos qualificativos em latim são geralmente divididos em dois grandes grupos:

a) adjetivos que seguem no masculino e no neutro a segunda declinação, e no feminino a primeira, denominados adjetivos de primeira classe, como *iustus, iusta, iustum* "justo"; *pulcher, pulchra, pulchrum* "bonito"; *tener, tenera, tenerum* "tenro";

b) adjetivos que seguem a terceira declinação, denominados adjetivos de segunda classe, como *fortis, forte* "bravo"; *felix* "feliz"; *acer, acris, acre* "agudo", *inops* "falto de".

3. Os adjetivos de primeira classe declinam-se pelos seguintes paradigmas:

I) *iustus, iusta, iustum*

SINGULAR

	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	*iustŭs*	*iustă*	*iustŭm*
Voc.	*iustĕ*	*iustă*	*iustŭm*
Acus.	*iustŭm*	*iustăm*	*iustŭm*
Gen.	*iustī*	*iustae*	*iustī*
Dat.	*iustō*	*iustae*	*iustō*
Abl.	*iustō*	*iustā*	*iustō*

PLURAL

	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	*iustī*	*iust*ae	*iustă*
Voc.	*iustī*	*iust*ae	*iustă*
Acus.	*iustōs*	*iustās*	*iustă*
Gen.	*iustō*rum	*iustā*rum	*iustō*rum
Dat.	*iustīs*	*iustīs*	*iustīs*
Abl.	*iustīs*	*iustīs*	*iustīs*

II) *pulcher, pulchra, pulchrum*

SINGULAR

	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	*pulcher*	*pulchră*	*pulchrŭm*
Voc.	*pulcher*	*pulchră*	*pulchrŭm*
Acus.	*pulchrŭm*	*pulchrăm*	*pulchrŭm*
Gen.	*pulchrī*	*pulchr*ae	*pulchrī*
Dat.	*pulchrō*	*pulchr*ae	*pulchrō*
Abl.	*pulchrō*	*pulchrā*	*pulchrō*

PLURAL

Nom.	*pulchrī*	*pulchr*ae	*pulchră*
Voc.	*pulchrī*	*pulchr*ae	*pulchră*
Acus.	*pulchrōs*	*pulchrās*	*pulchră*
Gen.	*pulchrō*rum	*pulchrā*rum	*pulchrō*rum
Dat.	*pulchrīs*	*pulchrīs*	*pulchrīs*
Abl.	*pulchrīs*	*pulchrīs*	*pulchrīs*

III) *tener, tenera, tenerum*

SINGULAR

	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	*tener*	*tenĕră*	*tenĕrŭm*
Voc.	*tener*	*tenĕră*	*tenĕrŭm*
Acus.	*tenĕrŭm*	*tenĕrăm*	*tenĕrŭm*
Gen.	*tenĕrī*	*tenĕr*ae	*tenĕrī*
Dat.	*tenĕrō*	*tenĕr*ae	*tenĕrō*
Abl.	*tenĕrō*	*tenĕrā*	*tenĕrō*

PLURAL

Nom.	*tenĕrī*	*tenĕrae*	*tenĕră*
Voc.	*tenĕrī*	*tenĕrae*	*tenĕră*
Acus.	*tenĕrōs*	*tenĕrās*	*tenĕră*
Gen.	*tenerōrum*	*tenerārum*	*tenerōrum*
Dat.	*tenĕrīs*	*tenĕrīs*	*tenĕrīs*
Abl.	*tenĕrīs*	*tenĕrīs*	*tenĕrīs*

4. Declinam-se por *iustus, —a, —um* todos os adjetivos da primeira classe que fazem o nominativo singular em *—us, —a, —um*. Os adjetivos da primeira classe que fazem o nominativo masculino singular em *—er* declinam-se por *pulcher, pulchra, pulchrum,* exceto *asper, —a, —um* "áspero", *liber, —a, —um* "livre", *prosper, —a, —um* "próspero", e todos os adjetivos compostos em *—fer* e *—ger*, que seguem a declinação de *tener, tenĕra, tenĕrum*.

5. Os adjetivos da segunda classe declinam-se pelos seguintes paradigmas:

A) TEMAS SONÂNTICOS

I) *fortis, —e*

	SINGULAR		PLURAL	
	Masc.-Fem.	Neut.	Masc.-Fem.	Neut.
Nom.	*fortĭs*	*fortĕ*	*fortēs*	*fortĭă*
Voc.	*fortĭs*	*fortĕ*	*fortēs*	*fortĭă*
Acus.	*fortĕm*	*fortĕ*	*fortīs* (*—ēs*)	*fortĭă*
Gen.	*fortĭs*	*fortĭs*	*fortĭum*	*fortĭum*
Dat.	*fortī*	*fortī*	*fortĭbus*	*fortĭbus*
Abl.	*fortī*	*fortī*	*fortĭbus*	*fortĭbus*

II) *felix*

	SINGULAR		PLURAL	
	Masc.-Fem.	Neut.	Masc.-Fem.	Neut.
Nom.	*fēlīx*	*fēlīx*	*felīcēs*	*felicĭă*
Voc.	*fēlīx*	*fēlīx*	*felīcēs*	*felicĭă*
Acus.	*felīcem*	*fēlīx*	*felīcīs* (*—ēs*)	*felicĭă*
Gen.	*felīcĭs*	*felīcĭs*	*felicĭŭm*	*felicĭŭm*
Dat.	*felicī*	*felicī*	*felicĭbus*	*felicĭbus*
Abl.	*felicī*	*felicī*	*felicĭbus*	*felicĭbus*

III) *acer, acris, acre*

SINGULAR

	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	*acĕr*	*acrĭs*	*acrĕ*
Voc.	*acĕr*	*acrĭs*	*acrĕ*
Acus.	*acrĕm*	*acrĕm*	*acrĕ*
Gen.	*acris*	*acrĭs*	*acrĭs*
Dat.	*acrī*	*acrī*	*acrī*
Abl.	*acrī*	*acrī*	*acrī*

PLURAL

	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	*acrēs*	*acrēs*	*acrĭă*
Voc.	*acrēs*	*acrēs*	*acrĭă*
Acus.	*acrīs*	*acrīs*	*acrĭă*
Gen.	*acrĭum*	*acrĭum*	*acrĭum*
Dat.	*acrĭbus*	*acrĭbus*	*acrĭbus*
Abl.	*acrĭbus*	*acrĭbus*	*acrĭbus*

B) TEMAS CONSONÂNTICOS

IV) *inops*

	SINGULAR		PLURAL	
	Masc.-Fem.	Neut.	Masc.-Fem.	Neut.
Nom.	*inops*	*inops*	*inŏpēs*	*inopă*
Voc.	*inops*	*inops*	*inŏpēs*	*inopă*
Acus.	*inopĕm*	*inops*	*inŏpēs*	*inopă*
Gen.	*inŏpĭs*	*inŏpĭs*	*inŏpum*	*inŏpum*
Dat.	*inopī*	*inopī*	*inopĭbus*	*inopĭbus*
Abl.	*inopĕ*	*inopĕ*	*inopĭbus*	*inopĭbus*

6. Como já ficou dito ao se tratar da terceira declinação, a maior parte dos adjetivos que a ela pertencem é constituída de temas sonânticos. Dêstes, os mais numerosos têm para o nominativo-vocativo singular a mesma forma para os gêneros masculino e feminino e outra para o neutro, sendo por isto denominados *adjetivos biformes*. Todos os biformes declinam-se por *fortis, —e*.

7. Menos numerosos do que os adjetivos biformes são os que têm uma só forma para os três gêneros no nominativo-vocativo singular,

e por isto chamados *adjetivos uniformes*. Declinam-se os adjetivos uniformes, em sua grande maioria, por *felix*, porque são quase todos temas sonânticos. Os consonânticos, em muito menor número, seguem a declinação de *inops*. Note-se que êstes adjetivos, mesmo no nom. e voc. neutro, têm a desinência *—s*.

8. Enfim, dos adjetivos que se declinam pela terceira declinação, os menos numerosos de todos são os que têm uma forma especial para cada gênero no nominativo singular, e chamados por isto *adjetivos triformes*, sendo que se reduzem a pouco mais de dez. Todos seguem a declinação de *acer, acris, acre*, com a exceção única de *celer, celĕris, celĕre* "célere", que conserva em tôda a declinação o *—e—* do tema. Aliás, *celer* faz o genitivo plural *celĕrum*, o que faz crer que seja antes um tema consonântico, *celes, celĕris*, semelhante a *flos, floris*.

9. Como já fizemos notar, os adjetivos, como os substantivos, só têm formas especiais para o neutro no nominativo, vocativo e acusativo. Nos demais casos nada há que diferencie os neutros dos masculinos e femininos.

GRAUS DO ADJETIVO

10. Como em português, tem o adjetivo em latim três graus: o positivo, o comparativo e o superlativo. No grau positivo, uma qualidade é simplesmente mencionada, sem outra idéia subsidiária qualquer: *iustus* "justo", *fortis* "bravo", *celer* "célere". No grau comparativo, a qualidade que é atribuída traz uma idéia subsidiária de comparação, podendo nesta comparação afirmar-se a sua superioridade sôbre outra (comparativo de superioridade); a sua igualdade (comparativo de igualdade); ou a inferioridade (comparativo de inferioridade). O grau superlativo de um adjetivo eleva ao máximo a noção de qualidade que êle encerra, quer se tome essa qualidade isoladamente, sem referência aos circunstantes (superlativo absoluto), quer tomando-se em conta os circunstantes, isto é, atribuindo-se a um ser uma qualidade no sumo grau, mas em relação aos demais sêres que também a possuam (superlativo relativo).

O COMPARATIVO

11. Os comparativos de igualdade e de inferioridade são formados analìticamente, por meio de advérbios, como em português. Assim, o comparativo de igualdade é formado com o advérbio *tam* "tão": *tam iustus quam* "tão justo quanto", *tam fortis quam* "tão bravo quanto". O comparativo de inferioridade também se forma analìticamente com o advérbio *minus* "menos": *minus iustus quam* "menos justo do que", *minus fortis quam* "menos bravo do que". Mas para o comparativo

INDEX

de superioridade havia em latim, além da formação perifrástica por meio dos advérbios *magis* "mais", ou *plus*, com a mesma significação do precedente, outra formação sintética por meio de um sufixo, que, aliás, ainda aparece em português, excepcionalmente, em alguns comparativos de superioridade, como *melhor, maior, pior, superior*, etc. Êste comparativo de superioridade sintético que, como se disse é excepcional em português, aplicando-se a um número restrito de adjetivos, era em latim de emprêgo muito freqüente e normal : *maior, melĭor, iustĭor, fortĭor*, etc.

12. Forma-se o comparativo de superioridade, sintèticamente, acrescentando-se à última consoante do tema do grau positivo do adjetivo o sufixo de comparativo de superioridade –ĭor, para o masculino e feminino, e –ĭus para o neutro, pertença o adjetivo à primeira ou à segunda classe. Exs.: *iustus, –a, –um*, comparativo de superioridade sintético: *iustĭor, iustĭus* "mais justo do que"; *pulcher, –chra, –chrum*, comp.: *pulchrĭor, pulchrĭus* "mais bonito do que"; *fortis, –e*, comp.: *fortĭor, fortius* "mais bravo do que"; *felix*, comp.: *felicĭor, felicĭus* "mais feliz do que".

13. O comparativo assim formado se declina como um adjetivo da segunda classe, biforme, mas do tipo consonântico. A título de exemplo, daremos a declinação de *iustior, –ius*, que servirá assim de paradigma da declinação do comparativo de superioridade :

	SINGULAR		PLURAL	
	Masc.-Fem.	Neut.	Masc.-Fem.	Neut.
Nom.	*iustĭor*	*iustĭus*	*iustiōrēs*	*iustiōră*
Voc.	*iustĭor*	*iustĭus*	*iustiōrēs*	*iustiōră*
Acus.	*iustiōrĕm*	*iustĭus*	*iustiōrēs*	*iustiōră*
Gen.	*iustiōrĭs*	*iustiōrĭs*	*iustiōrum*	*iustiōrum*
Dat.	*iustiōrī*	*iustiōrī*	*iustiōrĭbus*	*iustiōrĭbus*
Abl.	*iustiōrĕ*	*iustiōrĕ*	*iustiōrĭbus*	*iustiōrĭbus*

O SUPERLATIVO

14. Como vimos, há em latim um superlativo absoluto e um superlativo relativo. Ao contrário do que se verifica em português, onde o superlativo absoluto e o superlativo relativo têm formações diversas, em latim, tanto o superlativo absoluto quanto o relativo têm uma única e mesma forma sintética. Assim, uma forma como *iustissimus*, ou *fortissimus*, tanto pode significar em latim *justíssimo*, ou *bravíssimo*, como também "*o mais justo*", ou "*o mais bravo*", dependendo a sua interpretação do contexto da frase.

15. A regra geral para a formação do superlativo sintético em latim é acrescentar-se à última consoante do tema do adjetivo o sufixo formador de superlativos *—issĭmus, —issĭma —issĭmum*, quer se trate de um adjetivo da primeira ou da segunda classe. Exs.: *iustus, —a, —um*, superlativo: *iustissĭmus, iustissĭma, iustissĭmum*; *fortis, —e*, sup.: *fortissĭmus, fortissĭma, fortissĭmum; felix*, sup.: *felicissĭmus, felicissĭma, felicissĭmum*. Declina-se o superlativo assim formado exatamente como um adjetivo de primeira classe.

16. Nem todos os adjetivos, porém, têm esta formação para o superlativo. Por exemplo, os que terminam no nominativo singular em *—r* formam o superlativo acrescentando-se a esta terminação o sufixo *—rĭmus, —rĭma, —rĭmum*, pertençam êles à primeira ou à segunda classe de adjetivos. Exs.: *pulcher, —chra, —chrum*, superlativo: *pulcherrĭmus, pulcherrĭma, pulcherrĭmum; acer, acris, acre* sup.: *acerrĭmus, acerrĭma, acerrĭmum*; etc.

17. Seis adjetivos terminados em *—ĭlis*, embora os demais adjetivos assim terminados façam o superlativo regularmente em *—issĭmus, —a, —um* (como *amabilis, —e*, sup.: *amabilissĭmus*), formam o superlativo acrescentando-se-lhes à última consoante do tema a terminação *—lĭmus, —lĭma, — lĭmum*. São êles os seguintes:

Positivo	Superlativo
facĭlis, —e "fácil"	*facil*lĭmus, —a, —um "facílimo"
difficĭlis, —e "difícil"	*difficil*lĭmus, —a, —um, "dificílimo"
gracĭlis, —e "grácil"	*gracil*limus, —a, —um, "gracílimo"
humĭlis, —e "humilde"	*humil*lĭmus, —a, —um "humílimo"
simĭlis, —e "semelhante"	*simil*lĭmus, —a, —um, "semelhantíssimo"
dissimĭlis, —e "diferente"	*dissimil*lĭmus, —a, —um "diferentíssimo".

18. Todos êstes superlativos assim formados declinam-se pelos seguintes paradigmas:

I) *iustissĭmus, iustissĭma, iustissĭmum*:

SINGULAR

	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	*ius*tissĭmŭs	*ius*tissĭmă	*ius*tissĭmŭm
Voc.	*ius*tissĭmĕ	*ius*tissĭmă	*ius*tissĭmŭm
Acus.	*ius*tissĭmŭm	*ius*tissĭmăm	*ius*tissĭmŭm
Gen.	*ius*tissĭmī	*ius*tissĭmae	*ius*tissĭmī
Dat.	*ius*tissĭmō	*ius*tissĭmae	*ius*tissĭmō
Abl.	*ius*tissĭmō	*ius*tissĭmā	*ius*tissĭmō

INDEX

PLURAL

	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	*iust*issĭmī	*iust*issĭmae	*iust*issĭmă
Voc.	*iust*issĭmī	*iust*issĭmae	*iust*issĭmă
Acus.	*iust*issĭmōs	*iust*issĭmās	*iust*issĭmă
Gen.	*iust*issimōrum	*iust*issimārum	*iust*issimōrum
Dat.	*iust*issĭmīs	*iust*issĭmīs	*iust*issĭmīs
Abl.	*iust*issĭmīs	*iust*issĭmīs	*iust*issĭmīs

II) *pulcherrĭmus, pulcherrĭma, pulcherrĭmum*:

SINGULAR

	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	*pulcher*rĭmŭs	*pulcher*rĭmă	*pulcher*rĭmŭm
Voc.	*pulcher*rĭmĕ	*pulcher*rĭmă	*pulcher*rĭmŭm
Acus.	*pulcher*rĭmŭm	*pulcher*rĭmăm	*pulcher*rĭmŭm
Gen.	*pulcher*rĭmī	*pulcher*rĭmae	*pulcher*rĭmī
Dat.	*pulcher*rĭmō	*pulcher*rĭmae	*pulcher*rĭmō
Abl.	*pulcher*rĭmō	*pulcher*rĭmā	*pulcher*rĭmō

PLURAL

	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	*pulcher*rĭmī	*pulcher*rĭmae	*pulcher*rĭmă
Voc.	*pulcher*rĭmī	*pulcher*rĭmae	*pulcher*rĭmă
Acus.	*pulcher*rĭmōs	*pulcher*rĭmās	*pulcher*rĭmă
Gen.	*pulcher*rimōrum	*pulcher*rimārum	*pulcher*rimōrum
Dat.	*pulcher*rĭmīs	*pulcher*rĭmīs	*pulcher*rĭmīs
Abl.	*pulcher*rĭmīs	*pulcher*rĭmīs	*pulcher*rĭmīs

III) *facillĭmus, facillĭma, facillĭmum* :

SINGULAR

	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	*facil*lĭmŭs	*facil*lĭmă	*facil*lĭmŭm
Voc.	*facil*lĭmĕ	*facil*lĭmă	*facil*lĭmŭm
Acus.	*facil*lĭmŭm	*facil*lĭmăm	*facil*lĭmŭm
Gen.	*facil*lĭmī	*facil*lĭmae	*facil*lĭmī
Dat.	*facil*lĭmō	*facil*lĭmae	*facil*lĭmō
Abl.	*facil*lĭmō	*facil*lĭmā	*facil*lĭmō

INDEX

PLURAL

	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	*facillĭmī*	*facillĭmae*	*facillĭmă*
Voc.	*facillĭmī*	*facillĭmae*	*facillĭmă*
Acus.	*facillĭmōs*	*facillĭmās*	*facillĭmă*
Gen.	*facillimōrum*	*facillimārum*	*facillimōrum*
Dat.	*facillĭmīs*	*facillĭmīs*	*facillĭmīs*
Abl.	*facillĭmīs*	*facillĭmīs*	*facillĭmīs*

19. Entretanto, há alguns adjetivos que não admitem comparativo nem superlativo sintéticos, para os quais, porém, há a formação analítica por meio de advérbios: *magis* ou *plus* para o comparativo; e *maxĭmē* "màximamente", *multum, ualde* "muito", e outros de significação semelhante, para o superlativo. Assim, os adjetivos em cujo tema a vogal final vem precedida de outra vogal, como os terminados em *—eus, —ius, —uus,* costumam fazer o comparativo e o superlativo sempre anallticamente. Exs.: *magis idonĕus* e *maxĭmē idonĕus* "mais idôneo do que, muitíssimo idôneo", etc.

Observação:

Os adjetivos terminados em *-quus* (melhor grafado *-quos*) têm o comparativo e o superlativo regulares, uma vez que o *-u-* que se segue ao *-q-* não é vogal mas o índice da labialização do *-q-*. Ex.: *antiquus, antiqua, antiquum* (ou melhor *antiquos, antiqua, antiquom*) comp. *antiquĭor, antiquĭus;* sup. *antiquissĭmus, antiquissĭma, antiquissĭmum*.

ADJETIVOS DEFICIENTES EM GRAUS

20. Alguns adjetivos em latim, pela sua própria significação, não admitem os graus de comparação, não tendo por isso nem o comparativo nem o superlativo, o que geralmente acontece com os adjetivos de matéria, como *aurĕus, argentĕus,* etc.; e com os adjetivos locativos, como *Punĭcus, Romānus,* etc. Outros, em número limitado, são defectivos em alguns graus, faltando-lhes ora o positivo, ora o comparativo, ora o superlativo, ou mais de um dêsses graus concomitantemente.

21. Só aparecem no comparativo e no superlativo os seguintes adjetivos:

Comparativo	Superlativo
ocĭor, —ĭus "mais rápido"	*ocissĭmus, —a, —um,* "muito rápido"
potĭor, —ĭus "preferível"	*potissĭmus, —a, —um,* "o melhor"
citerĭor, —ĭus, "citerior"	*citĭmus, —a, —um,* "muito próximo"
deterĭor, —ĭus, "pior"	*deterrĭmus, —a, —um,* "o pior, péssimo"
exterĭor, —ĭus, "exterior"	*extrēmus, —a, —um,* "extremo"
inferĭor, —ĭus, "inferior"	*infĭmus (ĭmus), —a, —um,* "ínfimo"
interĭor, —ĭus, "interior"	*intĭmus, —a, —um,* "íntimo"
posterĭor, —ĭus, "posterior"	*postrēmus (postumus), —a, —um,* "último, póstumo"
prĭor, —ĭus, "anterior"	*primus, —a, —um,* "o primeiro"
propĭor, — ĭus, "mais perto"	*proxĭmus, —a, —um,* "próximo"
superĭor, —ĭus, "superior"	*suprēmus, —a, —um,* "supremo"
ulterĭor, —ĭus, "ulterior"	*ultĭmus, —a, —um,* "último"

Observação:

Muitos dêstes comparativos e superlativos se prendem a radicais de preposições e advérbios, como *cis, in, prope, ultra,* etc.. Outros são usados no positivo, mas principalmente (ou exclusivamente) em função de substantivos, como *infĕrus* e principalmente *infĕri* "os deuses inferiores", isto é, "os deuses infernais"; *supĕrus,* ou melhor *supĕri* "os deuses superiores, celestiais"; *extĕri* "os estrangeiros", etc..

22. Alguns adjetivos têm o positivo e o comparativo, mas são defectivos no superlativo. Estão nesse caso muitos adjetivos terminados em *—ĭlis,* ou *—bĭlis,* como : *agĭlis, —e* "ágil", *probabĭlis, —e* "provável", etc.

Observação:

Além dos adjetivos em *-ĭlis* ou *-bĭlis,* precedentemente citados, não têm superlativo os seguintes mais: *agrestis, -e* "agreste", *alăcer, -cris, -cre* "vivo", *arcānus, -a, -um* "oculto", *caecus, -a, -um* "cego", *ingens* "ingente, grande", *ieiūnus, -a, -um* "que está em jejum", *longinquos, -a, -um* "longínquo", *opīmus, -a, -um* "opimo", *satur, -a, -um* "saciado", *surdus, -a, -um* "surdo", *uicīnus, -a, -um* "vizinho". A êstes adjetivos devem-se acrescentar ainda dois, freqüentemente usados: *iuuĕnis* "jovem", e *senex* "velho", que não têm superlativo, fazendo o comparativo, respectivamente: *iunior* "mais jovem", e *senior* "mais velho".

23. Outros adjetivos são defectivos no comparativo, ou o apresentam muito raramente, como os seguintes : *falsus, —a, —um* "falso", *fidus, —a, —um* "digno de fé", *inuĭctus, —a, —um* "invicto", *nouos, —a, —om* "novo", *pius, —a, —um* "piedoso", *sacer, —cra, —crum* "sagrado", etc.

COMPARATIVOS E SUPERLATIVOS ANÔMALOS

24. Os adjetivos compostos cujo segundo elemento é *–dĭcus, –fĭcus, –uŏlus* têm o comparativo e superlativo, respectivamente, em *–dicentĭor, –ĭus; –dicentissĭmus, –a, –um; –ficentĭor, –ĭus; –ficentissĭmus, –a, –um; –uolentĭor, –ĭus; –uolentissĭmus, –a, –um,* como se fôssem particípios presentes terminados em *–ens, –entis*.

25. Alguns adjetivos tomam para o comparativo e superlativo palavras que pertencem a outros temas, ligando-se, pois, ao positivo ùnica e exclusivamente por seu valor semântico:

Posit.	Comp.	Sup.
bonus, -a, -um "bom"	*melĭor, -ĭus* "melhor"	*optĭmus, -a, -um* "ótimo"
malus, -a, -um "mau"	*peior, -us* "pior"	*pessĭmus, -a, -um* "péssimo"
paruos, -a, -um "pequeno"	*minor, -us* "menor"	*minĭmus, -a, -um* "mínimo".

Observação:

Magnus, -a, -um "grande" tem no comparativo e no superlativo a mesma raiz *mag-*, mas sem o sufixo *-no-* que aparece no positivo, donde o comparativo *maior, -ius* (proveniente de * *magios*) "maior", e o superlativo *maximus, -a, -um* (proveniente de * *magsomos*) "máximo".

26. O adjetivo *diues* "rico" faz o comparativo *ditĭor, –ĭus* e o superlativo *ditissĭmus, –a, –um,* bem como *diuitĭor, –ĭus,* e *diuitissĭmus, –a, –um,* sendo que estas formas dúplices são tôdas atestadas na língua clássica: *diuitĭor mihi et adfluentĭor uidētur esse uera amicitia* (Cíc. Lael. 58) "mais rica e mais opulenta me parece ser a verdadeira amizade"; *nec maior, nec sanctĭor, nec bonis exēmplis ditĭor fuit* (T. Lív. Praef. 11) "nem foi maior, nem mais santo, nem mais rico de bons exemplos"; *diuitissĭmum fore praedĭctum est* (Cíc. Diu. 1,78) "foi profetizado que seria riquíssimo"; *longe nobilissĭmus fuit et ditissĭmus Orgetŏrix* (Cés. B. Gal. 1,2,1) "foi Orgetorige de longe o mais nobre e o mais rico".

27. *Frugi* "sóbrio", palavra indeclinável, antigo dativo de *frux,* faz o comparativo *frugalĭor,* e o superlativo *frugalissĭmus, –a, –um* "frugalíssimo".

COMPLEMENTO AO ESTUDO DO ADJETIVO

No estudo do adjetivo, verifica-se uma tendência, já por nós assinalada ao estudarmos a categoria do gênero: a eliminação da distinção na forma entre masculinos e femininos. Tal distinção só

se mantém viva nos adjetivos da primeira classe. É, porém, eliminada no comparativo, que sempre apresenta uma forma comum par ambos os gêneros. Dos adjetivos da segunda classe, os que apresentam uma forma distinta para cada gênero, como *acer, acris, acre,* não só são os menos numerosos, como também tal distinção é puramente artificial, sendo que fonèticamente a forma normal de nominativo-vocativo singular deveria ter sido *acer,* isto por se tratar de um tema terminado em *–ri–*, como aconteceu com *linter* "canoa", ou *imber* "chuva", provenientes respectivamente de **lintri–s, *imbri–s* (veja quanto à evolução fonética cap. V, n.º 12). Encontram-se, aliás, indecisões e confusões no emprêgo dessas formas, principalmente por parte dos autores arcaicos ou arcaizantes. Assim, a forma *acer,* referindo-se a um feminino, aparece em Ênio (An. 424), e a forma *celer,* também referente a um feminino, em Lívio Andronico: *celer hasta* (43-44) "a célere lança"; e até na poesia de Lucrécio: *celer ... origo* (Lucr. 4,160). Ao contrário, aparece a forma *acris* qualificando um masculino em Ênio (An. 369); segundo Prisciano, *celeris* era empregado para qualificar o masculino pelos *uetustissimi* (Keil, 2,254,13).

Além dos adjetivos pròpriamente ditos, que estudamos neste capítulo, apareciam em latim, desempenhando a função de adjetivos, numerosos particípios, alguns dos quais acabaram por se especializar nessa função de epítetos, muitas vêzes nem sequer aparecendo na língua o verbo de que haviam provindo, como por exemplo *perītus, –a, –um,* "perito", particípio passado de um antigo verbo *perĭor,* que só é representado pelo composto *experĭor.* Os particípios passados são incorporados à primeira classe dos adjetivos, e os particípios presentes à segunda, como por exemplo *constans, –tāntis,* tendo uma dúplice terminação para o ablativo singular, em *–e,* ou em *–i.* Cumpre observar, aliás, que êsse duplo ablativo singular não era empregado indiferentemente: quando o particípio era usado em função participial conservava e desinência *–e,* mas, quando tinha emprêgo como adjetivo, apresentava a desinência *–i.* Acrescente-se que a desinência *–e* para o ablativo singular era também a geralmente usada quando o particípio era empregado em função substantiva, embora, excepcionalmente, também aparecesse a terminação *–i,* como no seguinte passo de Fedro: *nunquam est fidelis cum potenti societas* (Fedr. 6,1) "nunca é segura a aliança com o poderoso". Esta dupla forma de ablativo representa vestígio de uma antiga duplicidade de flexão, em que o masculino e o neutro se baseavam em antigo tema sem *–i–*, uma vez que êste *–i–* caracterizava ùnicamente o feminino. Mas, vindo o *–i–* a sofrer a síncope, passou a haver perfeita identidade de formas para o masculino e para o feminino. Fato curioso é a extensão dêste nominativo comum ao masculino e feminino também ao neutro, que passa a apresentar um nominativo em *–s,* como em *constans.* O mesmo fato, aliás, se observa com relação aos adjetivos uniformes, tipos *felix,* ou *inops,* como tive-

mos ocasião de observar no n.º 7 dêste capítulo. Esta duplicidade de temas, com *–i–* e sem *–i–* também explica certa flutuação que aparece no genitivo plural, em *–ium* ou em *–um*, sendo geralmente usado o primeiro. O nominativo-vocativo-acusativo plural neutro apresenta igualmente a mesma flutuação, em *–ia* ou em *–a*, predominando, porém, as formas em *–ia*. O emprêgo das formas em *–um* e em *–a* é freqüentemente devido a uma exigência da métrica.

O comparativo de superioridade é formado com o sufixo *–ios*, que apresenta uma alternância quantitativa da vogal *–o–*, longa no nominativo-vocativo masculino e feminino, e breve no neutro, fato êste já por nós considerado no estudo dos temas em *–s–* (Cap. IX, n.º 20). Como aconteceu freqüentemente na declinação dos substantivos, a vogal longa do nominativo se vai estender aos demais casos, exceção feita ao nominativo-vocativo-acusativo neutro singular, que mantém a quantidade breve. Por efeito do rotacismo, o *–s–* intervocálico passa a *–r–* nos casos declives, estendendo-se, por analogia ao nominativo-vocativo singular, para o masculino e feminino, dando-se o abreviamento da vogal em sílaba final seguida de *–r*: *–ŏr*.

Cumpre observar que, primitivamente, o sufixo de comparativo dever-se-ia acrescentar à própria raiz do adjetivo e não ao tema, fato êste que deixou alguns vestígios em comparativos ditos irregulares, como, por exemplo, *maior, maius* formado diretamente da raiz *mag–*, *de mag–no–s, mag–na*, e assim *senior* de *sen–*, em vista de *sen–ec–s*, *propior* de *prop–inquo–s*, etc.

Além do sufixo de comparativo *–yos–*, havia no indo-europeu um sufixo *–ero–*, *–tero–*, que servia para opor dois sêres entre si, do qual há vestígios em latim em alguns adjetivos e pronomes, como *inferus, superus, noster, uester*, e ainda nos substantivos *minister* "ministro", e *magister* "mestre".

Quanto ao seu valor semântico, resta dizer que o comparativo de superioridade era a princípio meramente intensivo, valor êste ainda conservado nas construções de comparativo sem complemento, como por exemplo na expressão *certiōrem facĕre*, comumente usada no período clássico: *eos certiōres facit quid opus esset* (Cíc. Verr. 1,66) "informa-os do que seria preciso fazer"; *milĭtes certiōres facit paulĭsper intermittĕre proelĭum* (Cés. B. Gal. 3,5,3) "comunica aos soldados de interromper um momento o combate".

O superlativo sintético em latim caracteriza-se principalmente pela multiplicidade de sufixos que emprega, contrastando, neste particular, com o comparativo, onde aparece uma formação única, com o sufixo *–yos–*. Como vimos, as formações em *–ero–* e *–tero–* não funcionam em latim como comparativos pròpriamente ditos, o que é evidenciado por receberem às vêzes sufixo de comparativo, como em *inferior, interior*, etc.

A característica permanente de todos os superlativos sintéticos latinos é o sufixo *—mo—*, que, entretanto, só excepcionalmente aparece isolada, como em *summus, supremus, postremus, extremus*, e no ordinal *primus*. Mais freqüentemente vem êste sufixo *—mo—* acompanhado de outros elementos sufixais, como o sufixo *—to—*, que aparece nos seguintes superlativos : *citĭmus* proveniente de **cis—to—mo—s*; *intĭmus* de **in—to—mo—s; optĭmus* de **opi—to—mo—s; postŭmus* de **pos—to—mo—s*; e ainda nos adjetivos *finitĭmus* e *maritĭmus*, formados dos substantivos *finis* e *mare*. Acompanhado do sufixo *—so—*, é particularmente freqüente na formação do superlativo dos adjetivos terminados no nominativo-vocativo masculino singular em *—er*, como *pulcher, acer*, donde os superlativos *pulcherrĭmus, acerrĭmus*, respectivamente oriundos de **pulcro—so—mo—s*, **acri—so—mo—s* (tendo havido a síncope das vogais *—o—* e *—i—* precedidas de *—r—*, com o posterior desenvolvimento de um *—e—* antes do *—r—*, e posterior assimilação progressiva do *—s—*) . Fato idêntico se verifica com os superlativos em *—lĭmus*, como *facilĭmus*, oriundo de **facil—so—mo—s*.

Enfim, a formação do superlativo mais freqüentemente usada em latim, e que por isto mesmo passou a constituir a verdadeira regra geral do superlativo, é a que se vale da terminação *—issĭmus*, onde se vê uma acumulação de sufixos : *—is—so—mo*, como por exemplo em *iustissĭmus*, ou *fortissĭmus*, respectivamente provindos de **iust—is—so—mo—s*, **fort—is—so—mo—s*.

Resta-nos examinar o caso dos comparativos e superlativos anômalos, como *bonus, melĭor, optĭmus* ; *malus, peior, pessimus* ; *paruos, mĭnor, minĭmus*. Preliminarmente começaremos por observar que são êstes casos mais de vocabulário do que de morfologia, ou da formação pròpriamente dos graus do adjetivo. *Melior* provém da mesma raiz de *multus*, tendo significado, provàvelmente, a princípio, "maior", ou "mais forte". *Optĭmus*, por sua vez, se vai prender ao adjetivo *ops*. *Peior, pessĭmus* prendem-se a uma raiz de onde também se deriva o latim *pessum* "no fundo, para o fundo, em baixo", de uma raiz *ped—*, que significaria a idéia de queda, e daí a de depreciação. Em *minor, minĭmus*, aparece a raiz *mĭnu—*, que se encontra no verbo *mĭnŭo "diminuir"*, sendo de se notar que no comparativo *mĭnor* não se encontra nem sequer o sufixo de comparativo *—yos—*.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

W. M. Lindsay, *Latin Grammar*, pgs. 73--77.

A. Burger, *Études de Phonétique et de Morphologie Latines*, Neuchatel, 1928, pgs. 16-21; 32-36. Trabalho bem feito e seguro, com interpretações por vêzes originais.

C. D. Buck, *Comparative Grammar*, pgs. 208-216.

R. G. Kent, *The Forms of Latin*, pgs. 56-61.

C. Tagliavini, *Fonetica e Morfologia*, pgs. 128-129.

V. Pisani, *Grammatica Latina*, pgs. 184-187.

E. Benveniste, *Noms d'Agent et Noms d'Action en Indo-Européen*, Paris, 1948, pgs. 144-168. Trabalho fundamental, de profunda e sólida erudição.

A. Ernout, *Morphologie*, pgs. 72-79.

L. R. Palmer, *The Latin Language*, pgs. 252-254.

INDEX

INDEX

CAPÍTULO XV

PRONOME

Há em latim, como em português, seis classes de pronomes, a saber: *pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, interrogativos* e *indefinidos*. Todos êstes pronomes são declináveis, sendo, porém, seu sistema de declinação diferente dos diversos sistemas de declinação nominal, muito embora freqüentemente dêles se aproxime.

Observação:

Dividem-se êstes pronomes, em latim, em dois grandes grupos, aliás inteiramente independentes um do outro. O primeiro grupo é constituído dos pronomes pessoais aos quais se acham intimamente ligados os pronomes possessivos; o segundo, pelos pronomes demonstrativos, relativos, interrogativos e indefinidos.

PRONOMES PESSOAIS E POSSESSIVOS

2. Os pronomes pessoais dividem-se pelas três pessoas gramaticais, sendo em número de cinco: um pronome para a primeira pessoa do singular *ego* "eu"; um para a segunda do singular *tu* "tu"; um para a primeira do plural *nos* "nós"; um para a segunda do plural *uos* "*vós*"; e finalmente um pronome reflexivo, comum à terceira pessoa do singular e do plural, *se* "se, si". Não havia pronome pessoal para a terceira pessoa do singular nem do plural.

3. Os pronomes pessoais têm ainda as seguintes características que lhes são próprias: assim como o verbo a que costumam acompanhar, não têm os pronomes pessoais nenhuma indicação para o gênero. Os temas da primeira e da segunda pessoas do plural são inteiramente distintos dos da primeira e segunda pessoas do singular, respectivamente; e, o que é mais de se notar, o tema do nominativo singular é diferente do tema dos outros casos.

4. Os pronomes pessoais declinam-se da seguinte forma:

SINGULAR

	I) 1.ª Pessoa	II) 2.ª Pessoa
Nom.	*ego*	*tū*
Voc.		*tū*
Acus.	*mē*	*tē*
Gen.	*meī*	*tuī*
Dat.	*mihī*	*tibī*
Abl.	*mē*	*tē*

PLURAL

	III) 1.ª Pessoa	IV) 2.ª Pessoa
Nom.	*nōs*	*uōs*
Voc.		*uōs*
Acus.	*nōs*	*uōs*
Gen.	*nostrī*, ou *nostrum*	*uestrī*, ou *uestrum*
Dat.	*nōbīs*	*uōbīs*
Abl.	*nōbīs*	*uōbīs*

V) Reflexivo, para as terceiras pessoas do singular e do plural:

Acus.	*sē*
Gen.	*suī*
Dat.	*sibī*
Abl.	*sē*

Observação:

Os nossos pronomes retos Eu, Tu, Nós, Vós vieram diretamente das formas nominativas latinas *ego, tu, nos, uos*. Do acusativo *me, te, nos, uos*, como também do acusativo do reflexivo *se* provieram as nossas variações pronominais Me, Te, Nos. Vos, e Se. Aos dativos *mihi, tibi, sibi* ligam-se as nossas variações *mim, ti, si*.

5. Os genitivos *meī, tuī, suī* foram tomados de empréstimo aos pronomes possessivos *meus, tuus, suus*, sendo que o emprêgo de *suī* como reflexivo para as terceiras pessoas é uma peculiaridade do latim. Êstes genitivos são geralmente usados como genitivos objetivos.

Observação:

Além dessas formas de genitivo, havia, no período arcaico, os genitivos *mis* e *tis*, usados ainda por Plauto e Ênio: *ingens cura mis* (Ên. An. 131) "minha grande preocupação, i. é: grande preocupação de mim"; *mei te rogandi et tis respondendi mihi* (Plaut. Pseud. 6) "de mim de te perguntar e de ti de me responder".

6. No período arcaico, também havia as formas de acusativo e ablativo em *–d*: *med, ted, sed*. Exs.: *per Iouem iuro med esse* (Plaut. Amph. 435) "juro por Júpiter que sou eu"; *sine ted arbitro* (Plaut. Cas. 90) "sem ti como testemunha".

7. As formas *mihi, tibi, sibi* de dativo apresentavam primeiramente a última vogal longa, por provir de antigo ditongo (*–ei*), ainda atestado no latim arcaico. Posteriormente, porém, em virtude da lei das palavras iâmbicas (veja cap. V. 13), tendo-se abreviado, os poetas usam tratá-las como comuns, isto é, como breves ou longas, segundo as necessidades da métrica. Em Vergílio, por exemplo, ocorre a quantidade longa no seguinte passo: *cuncta tibī Cerĕrem pubes agrēstis adōret* (Geo. 1, 343) "que a mocidade campesina junta a ti adore Ceres"; e a quantidade breve neste outro: *Mopse, nouas incīde faces: tibĭ ducĭtur uxor* (Buc. 8,30) "Mopso, corta novos fachos: para ti é conduzida a noiva".

Observação:

Além da forma *mihi*, havia também, no período clássico, a forma contrata *mi*, freqüentemente usada na língua familiar: *mi autem abiurāre certius est quam dependĕre* (Cíc. At. 1, 8, 3) "para mim, entretanto, é mais fácil renegar (a dívida) do que pagá-la".

8. Os pronomes da primeira e segunda pessoas do plural têm uma dupla forma de genitivo: *nostrum, nostri; uestrum, uestri*. *Nostrum* e *uestrum* foram tomadas de empréstimo aos possessivos *noster, uester* (gen. pl.), servindo de genitivos partitivos: "dentre nós", "dentre vós". *Nostri* e *uestri* são formas de genitivo singular dos mesmos pronomes possessivos, servindo de genitivos objetivos: "de nós", "de vós".

Observações:

1) No período arcaico, é atestada a forma *uostrum* (Plaut. Amph. 27), ao lado de *uostrōrum* (Plaut. Aul. 321?).

2) Paralelamente, ao lado de *nostrum* encontram-se no período arcaico os genitivos *nostrōrum* (Plaut. Poen. 540), *nostrārum* (Plaut. Truc. 251).

9. Freqüentemente se juntam aos pronomes pessoais as enclíticas reforçativas *–met, –pse, –pte, –te*, e ainda o demonstrativo intensivo *ipse*. Exs.: — *Quis te uerberāuit?* — *Egomet memet* (Plaut. Amph. 607) "— Quem te bateu? — Eu mesmo, em mim mesmo"; *omnis magis quam sepse dilĭgit* (Cíc. Rep. 3,12) "ama antes a todos do que a si mesmo"; *mepte potĭus fiĕri seruom* (Plaut. Men. 1059) "preferiria eu mesmo tornar-me escravo"; *sed tute tui pericŭlum fecīsti?* (Cíc. Caecil. 27) "mas tu mesmo fizeste experiência de tuas fôrças?"; *cariōrem nobis esse patrĭa quam nosmet ipsos* (Cíc. Fin. 3,64) "a pátria nos é mais cara do que nós mesmos".

10. O reflexivo (*sē, suī, sibī*) no acusativo e ablativo vem freqüentemente reduplicado (*sēsē*) para dar maior ênfase à expressão, podendo também vir reforçado pela enclítica —*met*. Exs.: *sese diutĭus sustinēre non posse* (Cés., B. Gal., 2,6,4) "não se poderem suster por mais tempo"; *aetērnas opes esse Romanōrum nisi inter semet ipsi seditionibus saeuiant* (T. Lív. 2,12,7) "eterno seria o poder dos romanos se êles não se dilacerassem a si mesmos pelas sedições".

11. Aos pronomes pessoais estão ìntimamente ligados os pronomes possessivos: *meus, mea, meum* "meu", "minha", para a primeira pessoa do singular; *tuus, tua, tuum* "teu", "tua", para a segunda do singular; *noster, nostra, nostrum* "nosso", nossa" para a primeira do plural; *uester, uestra, uestrum* "vosso", "vossa", para a segunda do plural; e *suus, sua, suum* "seu", "sua", para as terceiras pessoas singular e plural. Êstes pronomes possessivos declinam-se exatamente como adjetivos da primeira classe. *Meus, mea, meum, tuus, tua, tuum* e *suus, sua, suum* seguem exatamente o paradigma de *iustus, iusta, iustum*, e *noster, nostra, nostrum* e *uester, uestra, uestrum* o de *pulcher, pulchra, pulchrum*.

Observações:

1) Os possessivos geralmente não têm vocativo. Entretanto, o pronome *meus* apresenta freqüentemente um vocativo masculino *mi* e um vocativo feminino *mea*. Exs.: *sollicitat me tua, mi Tiro, ualetūdo* (Cíc. Fam. 16,20) "preocupa-me a tua saúde, meu Tirão"; *obsĕcro, mea Pythias* (Ter. Eun. 657) "suplico-te, minha Pítias".

2) Como os pronomes pessoais, também os possessivos podem vir acompanhados da enclítica -*pte*, que, porém, nos textos, só é encontrada com o ablativo. Exs.: *nunc non tam meapte causa* (Ter. Heaut. 686) "agora, não tanto por minha própria causa"; *suopte pondĕre* (Cíc. Nat. 1,69) "por seu próprio pêso"; *suomet ipsi more* (Sal. B. Iug. 31,6) "êles mesmos por seu próprio caráter".

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

12. Os pronomes demonstrativos são empregados para mostrar as pessoas ou os objetos. Quanto à declinação, seguem aproximadamente a dos adjetivos da primeira classe, tendo, porém, algumas características que lhes são próprias, como em geral um nominativo masculino singular em —*e* e neutro em —*ud*, um genitivo singular em —*īus*, comum aos três gêneros, um dativo singular em —*ī*, também comum aos três gêneros.

13. Para a primeira pessoa, o demonstrativo é *hic, haec, hoc* "êste", "esta", "isto":

SINGULAR

	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	*hic*	*haec*	*hoc*
Acus.	*hunc*	*hanc*	*hoc*
Gen.	*huius*	*huius*	*huius*
Dat.	*huic*	*huic*	*huic*
Abl.	*hōc*	*hāc*	*hōc*

PLURAL

	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	*hī*	*hae*	*haec*
Acus.	*hōs*	*hās*	*haec*
Gen.	*hōrum*	*hārum*	*hōrum*
Dat.	*hīs*	*hīs*	*hīs*
Abl.	*hīs*	*hīs*	*hīs*

14. Para a segunda pessoa, o demonstrativo é *istĕ, istă, istŭd* "êsse", "essa", "isso":

SINGULAR

	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	*istĕ*	*istă*	*istŭd*
Acus.	*istŭm*	*istăm*	*istŭd*
Gen.	*istīus*	*istīus*	*istīus*
Dat.	*istī*	*istī*	*istī*
Abl.	*istō*	*istā*	*istō*

PLURAL

	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	*istī*	*istae*	*istă*
Acus.	*istōs*	*istās*	*istă*
Gen.	*istōrum*	*istārum*	*istōrum*
Dat.	*istīs*	*istīs*	*istīs*
Abl.	*istīs*	*istīs*	*istīs*

15. Para a terceira pessoa, o demonstrativo é *illĕ, illă, illŭd* "aquêle", "aquela", "aquilo":

SINGULAR

	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	*illĕ*	*illă*	*illŭd*
Acus.	*illŭm*	*illăm*	*illŭd*
Gen.	*illīus*	*illīus*	*illīus*
Dat.	*illī*	*illī*	*illī*
Abl.	*illō*	*illā*	*illō*

PLURAL

	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	*illī*	*illae*	*illă*
Acus.	*illōs*	*illās*	*illă*
Gen.	*illōrum*	*illārum*	*illōrum*
Dat.	*illīs*	*illīs*	*illīs*
Abl.	*illīs*	*illīs*	*illīs*

16. Além dêsses três pronomes, que são os demonstrativos pròpriamente ditos, seguem aproximadamente a mesma declinação o anafórico *is, ea, id,* que serve para anunciar o relativo, "o", "a", "aquêle", "aquela", "aquilo" (que), e seu composto *idem, eadem, idem,* que é pròpriamente um pronome de identidade, "o precisamente... que", "aquêle mesmo... que"; e o pronome intensivo *ipse, ipsa, ipsum* "o mesmo", "a mesma", "o próprio", "a própria".

17. O pronome *is, ea, id* declina-se da seguinte forma:

SINGULAR

	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	*is*	*eă*	*ĭd*
Acus.	eum	eam	*id*
Gen.	eius	eius	eius
Dat.	eī	eī	eī
Abl.	eō	eā	eō

PLURAL

	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	iī, ī, eī	eae	eă
Acus.	eōs	eās	eă
Gen.	eōrum	eārum	eōrum
Dat.	iīs, īs, eīs	iīs, īs, eīs	iīs, īs, eīs
Abl.	iīs, īs, eīs	iīs, īs, eīs	iīs, īs, eīs

18. O pronome *idem, eadem, idem* declina-se do seguinte modo:

SINGULAR

	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	*idem*	*eadem*	*idem*
Acus.	*eūmdem*	*eāmdem*	*idem*
Gen.	*eiūsdem*	*eiūsdem*	*eiūsdem*
Dat.	*eīdem*	*eīdem*	*eīdem*
Abl.	*eōdem*	*eādem*	*eōdem*

PLURAL

	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	*īdem, eīdem*	*eaedem*	*eadem*
Acus.	*eōsdem*	*eāsdem*	*eadem*
Gen.	*eōrumdem*	*eārūmdem*	*eōrūmdem*
Dat.	*eīsdem, īsdem*	*eīsdem, īsdem*	*eīsdem, īsdem*
Abl.	*eīsdem, īsdem*	*eīsdem, īsdem*	*eīsdem, īsdem*

19. O pronome intensivo *ipsĕ, ipsă, ipsŭm* serve para pôr em relêvo uma pessoa, ou coisa, para opô-los a outros, ou ainda para afirmar a autenticidade ou a exatidão de uma coisa. Declina-se do seguinte modo:

SINGULAR

	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	*ipsĕ*	*ipsă*	*ipsŭm*
Acus.	*ipsŭm*	*ipsăm*	*ipsŭm*
Gen.	*ipsīus*	*ipsīus*	*ipsīus*
Dat.	*ipsī*	*ipsī*	*ipsī*
Abl.	*ipsō*	*ipsā*	*ipsō*

PLURAL

	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	*ipsī*	*ipsae*	*ipsă*
Acus.	*ipsōs*	*ipsās*	*ipsă*
Gen.	*ipsōrum*	*ipsārum*	*ipsōrum*
Dat.	*ipsīs*	*ipsīs*	*ipsīs*
Abl.	*ipsīs*	*ipsīs*	*ipsīs*

20. O demonstrativo da primeira pessoa *hic, haec, hoc* é formado pela junção da enclítica *—ce*, em sua forma reduzida *—c*, a um tema de origem obscura (*ho—* para o masculino e neutro, e *ha—* para o feminino). No período clássico, a enclítica só é usada na forma reduzida e nos casos monossilábicos do singular, e no nominativo-acusativo neutro do plural: *hic, haec, hoc, hac, haec*.

Observações:

1) A língua arcaica apresenta numerosos exemplos da forma plena da enclítica *-ce*, sendo que no próprio período clássico ela também costuma aparecer, embora excepcionalmente: *hosce ego non tam milites acris... arbitror* (Cic. Cat. 2,10,21) "a êstes eu não julgo tanto como soldados ardorosos"; *huiūsce modi requies* (Cic. De Or. 1, 224) "um repouso desta natureza"; *in orationibus hisce ipsis* (Cic. De Or. 1, 73) "nestes mesmos discursos".

2) O nominativo masculino singular *hic* é normalmente breve no latim arcaico. A quantidade longa representa uma pronúncia enfática, como, por exemplo, no seguinte passo de Vergílio: *Mezentius hīc est* (En. 11,16) "é êste Mezêncio".

3) No período arcaico encontra-se a enclítica *-c* empregada com outros casos, que não os supra assinalados: *horunc* (Plaut. Merc. 399); *harunc* (Plaut. Merc. 832); *hosce* (Plaut. As. 737); etc.

21. O pronome de segunda pessoa *istĕ, istă, istŭd* é formado de uma partícula *is—* e mais um antigo demonstrativo *—to*. Além do nominativo supramencionado, eram também encontradiças as formas *istic, istaec, istuc*, que ,embora raras no período clássico, ainda aparecem em Cícero : *quonam, inquam, istuc modo* (Br. 150) "como isto? disse eu" ; *primum tibi persuāde me istaec non curāre* (Cíc. At. 12, 18a,2) "primeiramente convence-te de que não cuido destas coisas".

Observações:

1) Em poesia, além do genitivo *istīus* (com *ī longo*), aparece também, por comodidade da métrica, a forma *istĭus* (com *ĭ breve*). Esta forma representa uma pronúncia vulgar e é devida ao abreviamento de vogal antes de vogal (veja cap. V n.º 15). Aliás, a influência analógica do genitivo *quoius*, ou *cuius*, deve também ter contribuído para o fato. Ex.: *istĭus inscia culpae* (Verg. En. 12,448) "inocente desta culpa".

2) Nos autores arcaicos, aparece um genitivo *isti* na expressão *isti modi*, também grafada numa palavra só *istimodi*. Ex.: *quae ames hominem isti modi* (Plaut. Truc. 930) "que ames um homem dêste modo".

3) Além do dativo *isti*, por analogia com os temas em *-o/e-* e em *-a-*, partindo principalmente dos adjetivos da primeira classe, houve, desde o período arcaico, um dativo masculino-neutro em *-o*, e feminino em *-ae*. Cumpre notar, porém, que a primeira atestação da forma masculina vai aparecer no império, em Apuleio (Met. 5,31), enquanto que a feminina já se encontra em Plauto: *istae dedi* (Plaut. Truc. 790) "dei a esta".

4) Cumpre ainda observar que, quanto à significação, êste demonstrativo, por influência da língua dos tribunais, que se estendeu à língua

comum, passou a ter um matiz pejorativo. Ex.: *quae est ista praetūra?* (Cic. Verr. 2,18,46) "que pretura é esta (que desempenhaste)?"; *non erit ista amicitia sed mercatūra* (Cic. Nat. 1, 44,122) "isto não será amizade mas comércio".

22. O demonstrativo *illĕ, illă, illŭd*, pronome da terceira pessoa, que se opõe a *hic* e a *iste*, talvez tenha vindo substituir um antigo demonstrativo *olle*. Como *iste*, também apresenta as formas providas da enclítica *–c*: *illic, illaec, illuc*: *sed Amphitruōnis illic est seruos Sosĭa* (Plaut. Amph. 148) "mas aquêle é Sósia, escravo de Anfitrião"; *qui illaec illi me donātum esse aurĕa patera sciat* (Plaut. Amph. 766) "para que êle saiba que lhe dei aquêles vasos de ouro"; *illunc* (Plaut. Capt. 593); *illanc* (Plaut. Cis. 123); etc.

Observações:

1) Como o demonstrativo da segunda pessoa, também *ille* tem um genitivo singular *illĭus* (com *i breve*), e ainda uma forma *illi* para o mesmo caso na expressão *illi modi*. Exs.: *Hic illĭus arma* (Verg. En. 1, 16) "aqui estiveram as armas dêle"; *ecquis illi modi esse uolt* (Catão) "acaso alguém quer ser daquela forma?".

2) Ao lado do dativo em *-i*, aparece nos autores arcaicos um dativo feminino em *ae*: *filiae illae dederat dotem* (Plaut. Stic. 560) "dera o dote para aquela filha".

3) Quanto à significação, ao contrário do que aconteceu com *iste*, costuma *ille* ter às vêzes um valor enfático, traduzindo-se por "o famoso", "o conhecido", como no seguinte exemplo: *Xenŏphon, Socraticus ille* (Cic. De Or. 2,14,58) "Xenofonte, o famoso discípulo de Sócrates".

23. Fizemos referência acima (n.º 22) a um antigo demonstrativo *olle*, que existiu na língua arcaica, e cujo tema se encontra no advérbio *olim* "outrora", de uso corrente na língua. Embora fora de uso, *olle* vai aparecer na língua dos poetas, por afetação de arcaísmo: *olli certamĭne summo* (Verg. En. 5,197) "aquêles no auge da emulação".

Observação:

Até mesmo em Cícero, em veneráveis textos jurídicos, aparecem as formas: dativo plural *ollis* (De Leg. 3,7); acusativo plural masculino *ollos* (De Leg. 2,22); e acusativo neutro plural *olla* (De Leg. 2,21).

24. O pronome *is, ea, id* não é pròpriamente um demonstrativo, servindo principalmente para anunciar um relativo que vai ser enunciado (ou que já o tenha sido anteriormente), podendo também referir-se a um substantivo empregado sem relativo. A declinação de *is* se baseia em um tema *i–*, que forneceu as formas de nominativo *is, id*, e outro em *eio–, eia–*, que forneceu os demais casos.

Observações:

1) O dativo *ei*, no período arcaico, aparece ora como dissílabo, constituído por duas vogais longas (*ēī*), ora como monossílabo formado por um ditongo. No período imperial, o dativo *ei* é geralmente dissilábico, formando, porém, um iambo *ĕī*. Exs.: *agri reliquit ĕī non magnum modum* (Plaut. Aul. 13) "deixou-lhe não grande extensão de campo"; *potius coniunctius ĕī* (Lucr. 3, 556) "ainda mais unido a êle"; semper *ĕī similis* (Ov. Hal. 34) "sempre semelhante ao supracitado".

2) Em Plauto, já aparece a escansão monossilábica, como no seguinte senário iâmbico: *quoniam ei qui me alĕret nihil uidĕo esse relicui* (Trin. 14) "pois que vejo que nada lhe resta para me alimentar".

3) A forma regular de nominativo plural é *iī*, donde, por contração, *ī*. O nominativo *ei* é, sem dúvida, devido à analogia com outras formas de plural, como *eos, eorum*. O mesmo se aplica às formas de dativo-ablativo plural *iīs, īs, eīs*. Quanto ao dativo-ablativo *ībus*, só aparece nos autores arcaicos: *ibus dinumĕrem stipendium* (Plaut. M. Glor. 74) "para que lhes pague o sôldo".

25. *Īdem, eadem, ĭdem*, composto de *is, ea, id* mais a enclítica *–dem*, segue exatamente a declinação de *is*, permanecendo a enclítica invariável. No nominativo singular, o masculino difere do neutro pela quantidade do *i*, longo no masculino *īdem*, e breve no neutro *ĭdem*. No acusativo singular o *–m–* se assimila parcialmente ao *–d–*, transformando-se em *–n–* : *eŭndem, eăndem*.

26. Também o pronome *ipsĕ, ipsă, ipsŭm* não é, como vimos, pròpriamente um pronome demonstrativo, mas que oferece as mesmas características flexionais dos demonstrativos. *Ipse* é formado de *i–*, nominativo sem desinência (forma paralela de *is*), mais uma partícula invariável *–pse*, que depois passou a ser considerada como elemento declinável, por analogia com os demonstrativos *istĕ* e *illĕ*. Na língua arcaica, ainda aparecem vestígios da antiga invariabilidade da enclítica *–pse* em formas como *eapse, eumpse, eampse, eopse*, etc. Exs.: *uxōrem quoque eampse* (Plau. Trin. 800) "também a própria mulher".

Observações:

1) O ablativo *eapse* é freqüente até no período clássico, na expressão *reapse* "efetivamente", "realmente", que é usada, por exemplo, por Cícero (Rep. 1, 2; e Diu, 1.81).

2) O nominativo masculino singular *ipsus* é muito freqüente no latim arcaico, sendo muito encontradiço em Plauto e Terêncio. Exs.: *sed estne ipsus de quo agēbam?* (Ter. Ad. 78) "mas não é aquêle mesmo de quem falava?"; *tute ipsus* (Plaut. Pseud. 1142) "tu mesmo em pessoa".

PRONOMES RELATIVO, INTERROGATIVO E INDEFINIDO

27. O pronome relativo *qui, quae, quod* "que", "qual", "quem", cuja declinação se aproxima, em vários casos, dos pronomes demonstrativos, declina-se da seguinte forma :

S I N G U L A R

	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	*quī*	*quae*	*quŏd*
Acus.	*quĕm*	*quăm*	*quŏd*
Gen.	*quoius*	*quoius*	*quoius*
Dat.	*quoī*	*quoī*	*quoī*
Abl.	*quō*	*quā*	*quō*

P L U R A L

	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	*qui*	*quae*	*quae*
Acus.	*quōs*	*quās*	*quae*
Gen.	*quōrum*	*quārum*	*quōrum*
Dat.	*quibus*	*quibus*	*quibus*
Abl.	*quibus*	*quibus*	*quibus*

28. Estreitamente ligado ao pronome relativo é o pronome interrogativo-indefinido *quis, quid* "quem?", "que?", "qual?", que se declina da seguinte forma :

S I N G U L A R

	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	*quis, quī*	*quis, quae, qua*	*quid, quod*
Acus.	*quem*	*quam*	*quid, quod*
Gen.	*quoius*	*quoius*	*quoius*
Dat.	*quoī*	*quoī*	*quoī*
Abl.	*quō*	*quā*	*quō*

P L U R A L

	Masc.	Fem.	Neut.
Nom.	*quī*	*quae*	*quae, qua*
Acus.	*quōs*	*quās*	*quae, qua*
Gen.	*quōrum*	*quārum*	*quōrum*
Dat.	*quibus*	*quibus*	*quibus*
Abl.	*quibus*	*quibus*	*quibus*

29. Primitivamente, as formas de nominativo singular do pronome interrogativo-indefinido eram *quis* para o masculino-feminino, e *quid* para o neutro. Aliás, ainda no período clássico, estas são as formas usadas quando êle é empregado como interrogativo absoluto, isto é, quando não vem acompanhando um substantivo. Exs.: *quid clarĭor in Graecia Themistŏcle?* (Cíc. Lael. 42) "quem, na Grécia, mais ilustre do que Temístocles?"; *quid mirum igĭtur ex spelūnca saxum in crura eius incidīsse?* (Cíc. Fat. 3,6) "que há, pois, de maravilhoso que um rochedo da caverna tenha caído em suas pernas?"; *quis illaec est mulĭer?* (Plaut. Epid. 533) "quem é aquela mulher?".

30. As formas *qui, quae, quod* do interrogativo-indefinido são empregadas quando vêm acompanhando um substantivo. Exs.: *qui enim cantus moderāta oratiōne dulcĭor inuenīre potest? quod carmen artificiōsa uerbōrum conclusiōne aptius?* (Cíc. De Or. 2,34) "com efeito, que música mais doce pode encontrar-se do que um discurso bem cadenciado? Que poesia mais harmoniosa do que um fim de período terminado com arte?"; *quae in me est facūltas?* (Cíc. Lael. 3) "que faculdade há em mim?".

31. O emprêgo de *quis, quid* como indefinido é o mesmo, sendo porém de se notar que para o feminino nunca é usada a forma *quis*, e sim *quae*. Raramente aparece também a forma *qua*; é principalmente usada quando o seu valor de indefinido vem sobreacentuado pela conjunção *si*, que a precede. Ex.: *si qua tui Corydōnis habet te cura, uenīto* (Verg. Buc. 7,40) "se tens alguma preocupação com o teu Coridão, vem".

32. Basta comparar-se a declinação do relativo com a do interrogativo-indefinido para se verificar que, no período clássico, só havia diferença de formas, entre ambos, no nominativo singular. Ainda assim, o emprêgo das formas *qui, quae, quod* como interrogativo-indefinido também era possível, como vimos nos exemplos acima.

33. A antiga forma de genitivo singular (*quoius*) é a que aparece em todo o período republicano, inclusive na época de César e Cícero. Embora os poetas arcaicos geralmente a considerem como monossilábica, no período clássico, via de regra, é considerada como dissilábica, escandindo-a os poetas com a primeira sílaba longa. O genitivo *cuius* só vai aparecer nos princípios do império, sendo que o poeta Venâncio Fortunato foi o primeiro a empregá-la sob a forma de um trissílabo num dáctilo (6,1,135).

34. O dativo singular, em todo o período clássico, sempre aparece sob a forma *quoi*, sendo de se notar que a grafia *cuī* data ùnicamente do tempo de Quintiliano (Inst. 1,7,27). *Quoī*, em todo o período clássico, foi sempre monossílabo. A escansão dissilábica data da baixa latinidade.

35. Além do ablativo singular *quō, quā, quō,* único usado no período clássico, tanto para o pronome relativo, como para o interrogativo-indefinido, havia no latim arcaico um ablativo *quī*, que se especializou como advérbio, deixando, porém, um ou outro vestígio até na língua clássica, como, por exemplo, a expressão *quicum*, equivalente a *cum quo : quidam socius et adfīnis meus, quicum mihi necessitūdo uetus* (Cíc. Quinct. 17, 54) "certo sócio e aliado meu, com o qual estou ligado por velha amizade"; *quicum familiarĭtas fuĕrat* (Cíc. Quinct. 6,25) "com o qual mantivera amizade".

Observação:

Nos autores arcaicos, êsse ablativo *quī* é usado até para o plural, na mesma expressão *quicum*, como se pode ver no seguinte passo de Plauto: *aut anătes, aut coturnīces dantur quicum lusĭtent* (Plaut. Capt. 1003) "dão-lhes patos ou codornizes com os quais brinquem".

36. O genitivo plural *quōrum, quārum, quōrum* foi a forma geralmente usada, desde o período arcaico. Entretanto, segundo Sérvio (En. 1,95), Catão usava para *quis* um genitivo *quium*. Excepcionalmente aparece a forma *quoium*, em Plauto (Trin. 534), criada por analogia com o genitivo singular.

37. No plural, *quibus* é a forma normal e corrente para o dativo-ablativo. Entretanto, a forma *quīs* é ainda freqüentemente usada no próprio período clássico : *disērti homĭnes Atheniēnses... in quis erat* (Cíc. De Or. 1,19,85) "os bem falantes atenienses... entre os quais se achava".

38. Há, em latim, numerosos pronomes indefinidos compostos do interrogativo-indefinido *quis*. São êles os seguintes :

I) *alĭquis, alĭqua, alĭquid* ou *aliquod* "qualquer um que não eu", "alguém", "alguma coisa". A parte inicial *ali–* fica invariável, declinando-se *quis*.

II) *ecquis, ecqua, ecquid* ou *ecquod* "há alguém que?", "há algum que ?", "há algo que ?", "acaso alguém ?", "quem há que ?". Só *quis* é declinável.

III) *quidam, quaedam, quiddam* ou *quoddam* "um certo", "algum". Declina-se *quis*, ficando a enclítica invariável.

IV) *quisnam, quaenam, quidnam* "quem, pois ?", "que, pois ?". Declina-se sòmente *quis*, ficando a enclítica invariável.

V) *quispĭam, quaepĭam, quidpĭam* ou *quippĭam* "qualquer um", "alguém", "alguma coisa". É um quase sinônimo de *alĭquis*, com um sentido um pouco mais vago, porém. Declina-se *quis*, ficando a enclítica invariável.

VI) *quisquam, quaequam, quidquam* ou *quicquam* "alguém", "alguma coisa", "algum"; é usado principalmente em frases negativas. Declina-se *quis*, ficando a enclítica invariável.

VII) *quisque, quaeque, quidque* ou *quicque* "cada um", "cada uma". Declina-se *quis*, ficando a enclítica invariável.

VIII) *quilĭbet, quaelĭbet, quidlĭbet* ou *quodlĭbet* "seja lá quem fôr", "quem quer que seja". Declina-se *quis*, ficando invariável a parte final verbal.

IX) *quisuis, quaeuis, quiduis* "qualquer que", "qualquer coisa que". Declina-se *quis*, ficando invariável a parte final verbal.

X) *quicŭmque, quaecŭmque, quidcŭmque* ou *quodcŭmque* "seja lá quem fôr", "todo aquêle que". Declina-se *quis*, ficando invariável a parte final.

XI) *quisquis, quaequae, quidquid* "quem quer que", "qualquer que", "seja o que fôr"; é uma forma reduplicada de *quis*, declinando-se, pois, ambas as partes. Entretanto, quase que só é usado no nominativo masculino, no nominativo-acusativo neutro e no ablativo masculino e neutro.

39. Os indefinidos que não são formados de *quis* são os seguintes:

I) *alĭus, alĭa, alĭud* "outro", "outra".

II) *alter, altĕra, altĕrum* "um (dos dois)", "outro" (tratando-se de dois).

III) *uter, utra, utrum* "qual dos dois", "aquêle dos dois que".

IV) *neŭter, neŭtra, neŭtrum* "nenhum dos dois"; "nem um, nem outro".

V) *utĕrque, utraque, utrŭmque* "um e outro". Declina-se *uter*, ficando a enclítica invariável.

VI) *uterlĭbet, utralĭbet, utrumlĭbet* "seja qual fôr dos dois". Declina-se *uter*, ficando a parte final verbal invariável.

VII) *utĕruis, utrauis, utrŭmuis* "qualquer dos dois que", "quem quer dos dois". Declina-se *uter*, ficando invariável a parte final verbal.

VIII) *unus, una, unum* "um", "uma".

IX) *ullus, ulla, ullum* "nenhum", "nenhuma", "algum" (sentido negativo).

X) *solus, sola, solum* "só".

XI) *totus, tota, totum* "todo", "tôda", "tudo", "inteiro", "inteira".

XII) *omnis, –e* "todo", "tôda", "tudo", "qualquer".

40. Todos êstes pronomes se declinam da mesma forma, tendo um genitivo singular em *–īus*, um dativo singular em *–ī*, e no resto da declinação seguindo a primeira classe dos adjetivos.

41. Há, ainda, dois indefinidos que se afastam dos moldes da declinação já por nós vista. *Nihil* "nada", que só aparece no nominativo e acusativo, nesta mesma forma *nihil*, ou *nil*, por contração; e *nemo* "ninguém", que se declina do seguinte modo:

Nom. *nemo*
Acus. *nemĭnem*
Gen. *nullīus*
Dat. *nemĭni*
Abl. *nullo*

No período imperial, aparecem as formas *nemĭnis*, de genitivo; e *nemĭne*, de ablativo.

COMPLEMENTO AO ESTUDO DO PRONOME

Dos dois grandes grupos em que se acham divididos os pronomes, isto é, os pronomes pessoais e os demonstrativos, relativo, interrogativos e indefinidos, os primeiros ficam como que à margem do sistema da flexão nominal. Com efeito, afastam-se êles inteiramente dos processos geralmente seguidos pela declinação dos substantivos e adjetivos. Os segundos ,ao contrário disso, embora apresentem algumas características que lhes são próprias, aproximam-se grandemente da declinação dos temas em *–a–*, e em *–o/e–*, aproximação esta que tendia a se tornar cada vez mais íntima pela atuação niveladora da analogia.

Como tivemos ocasião de acentuar, não trazem os pronomes pessoais nenhuma indicação de gênero, como também relação alguma do ponto de vista morfológico, nem mesmo semântico, entre as pessoas do singular e do plural. Além disto, o tema do nominativo diferia inteiramente do tema dos demais casos, porque, primitivamente, esta forma pronominal, que se empregava em aposição ao verbo com o fim de pôr em realce a pessoa verbal, não comportava flexão alguma. Efetivamente, em data indo-européia, os pronomes pessoais eram invariáveis, só mais tarde vindo a se constituir uma declinação para êles, por analogia com os demais sistemas de declinação nominal e pronominal. Esta invariabilidade das formas que vieram assim a constituir o caso nominativo dos pronomes pessoais, bem como outras formações em que aparece o tema puro, como o vocativo em *–e* dos nomes da segunda declinação, os nomes de número (de cinco a dez), etc., deixam entrever que o vocábulo indo-europeu primitivo, ou talvez até de data pré-indo-européia, tivesse sido de forma não flexionada, ou, pelo menos, de forma pouco flexionada. Entretanto, possuindo, ou tendo

vindo a possuir o indo-europeu uma flexão nominal, também os pronomes pessoais acabaram por adquirir um sistema de flexões, por analogia com os demais sistemas flexionados. Cumpre, porém, notar-se que esta declinação dos pronomes pessoais deve ter-se organizado independentemente nas diversas línguas indo-européias, pois divergem grandemente de língua para língua.

Passando a considerar os pronomes do segundo grupo, iremos nos deter em primeiro lugar nos pronomes demonstrativos, cuja declinação mais se aproxima dos paradigmas de flexão nominal. Como palavras que em geral são muito usadas, podendo com facilidade gravar-se na memória e assim se perpetuarem, têm como que certa predisposição para conservarem formas arcaicas. Por outro lado, do ponto de vista semântico, como palavras freqüentemente usadas, sofrem continuamente um enfraquecimento em seu valor expressivo. Isto determina que muitas vêzes venham acompanhados de elementos que se lhes acrescentam para torná-los mais expressivos, no caso de não serem inteiramente substituídos por vocábulos novos. Assim se explica o acréscimo da enclítica *—ce*, posteriormente reduzida a *—c*, aos demonstrativos pròpriamente ditos, bem como da partícula *—i—*, acrescentada ao nominativo feminino singular e plural e ao nominativo-acusativo neutro plural: *hic, hoc, huiusce, hosce, haec, hae*. A mesma explicação pode aplicar-se para as demais formas de pronomes que se vieram juntar aos demonstrativos pròpriamente ditos, acompanhadas de enclíticas, como *ipse, idem,* e ainda as formadas com o elemento *ecce*, como *eccillum, eccistum,* ou com o elemento *em—*, como *ellum*. Como é natural, dos pronomes demonstrativos derivaram-se muitos advérbios de lugar, como *illic, illinc, illuc, illac, istic, instinc, istuc, istac, hic, hinc, hac, ibi, inde, eo, ea,* etc. Todos êstes advérbios pronominais representam como que formas fossilizadas dos demonstrativos. Assim, são antigos locativos em *—i* os advérbios designativos de lugar *onde*; os designativos de lugar *donde* são provenientes do ablativo, apresentando a nasal *—n—* por analogia com *inde* e *unde* e não com a desinência nasal de acusativo singular; os que indicam lugar *para onde*, de origem obscura, talvez representem uma forma arcaica de acusativo; e finalmente os que indicam lugar *por onde* são provàvelmente um vestígio de antigo instrumental.

O relativo-interrogativo-indefinido representa em latim um antigo interrogativo-indefinido indo-europeu, que se encontra, aliás, em tôdas as demais línguas da família indo-européia. Mas o latim, como as outras línguas itálicas, apresenta uma grande inovação, que é o emprêgo dêste mesmo tema do interrogativo-indefinido para servir cumulativamente ao relativo. O indo-europeu apresentava para o interrogativo e para o indefinido dois temas *kwe—/kwo—, e kwei-*, entre os quais, porém, não havia nenhuma diferença semântica, a

não ser com relação ao acento tônico: ambos os temas supramencionados exprimiam o interrogativo, quando eram tônicos, e o indefinido, quando eram átonos. O itálico, como dissemos ,apresenta a inovação de empregar os dois temas para exprimir ainda a idéia do relativo, mas sem perderem, com isto, o seu valor antigo. Assim, no latim, nos casos em que ambos os temas se conservaram, passou-se a uma especialização secundária do tema *kwe–/kwo–* para o emprêgo do relativo, e *kwei–* para o emprêgo do interrogativo-indefinido. Mas como já tivemos ocasião de ver, a declinação de ambos os pronomes, relativo e interrogativo-indefinido, é o resultado da contaminação dos dois temas, diferindo, assim, no período clássico. ùnicamente no nominativo singular.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

W. M. Lindsay, *Latin Grammar*, pgs. 79-98.

F. Sommer, *Handbuch*, pgs. 407-477.

C. D. Buck. *The Forms of Latin*, pgs. 62-76.

C. Tagliavini, *Fonetica e Morfologia*, pgs. 117-129.

V. Pisani, *Grammatica Latina*, pgs. 190-203.

A. Ernout, *Morphologie*, pgs. 79-104.

L. R. Palmer, *The Latin Language*, pgs. 254-259.

INDEX

INDEX

CAPÍTULO XVI

OS NUMERAIS

1. Os *numerais*, em latim, dividem-se em quatro grupos: os *cardinais*, que, como seu nome indica, são os números, por excelência; e os *advérbios numerais*, também derivados dos cardiais.
de ordem numa determinada série. Além dêsses, há os *distributivos* e os *advérbios numerais*, também derivados dos cardiais.

CARDINAIS E ORDINAIS

2. Os cardinais e ordinais são os seguintes:

	CARDINAIS	ORDINAIS
I	*Vnus, una, unum*, um, uma	*Prīmus*, -a, -um, primeiro
II	*Duo, duae, duo*, dois, duas	*Secundus, -a, -um*, segundo
III	*Trēs, tria*, três	*Tertius, -a, -um*, terceiro
IIII-IV	*Quattŭor*, quatro	*Quartus, -a, -um*, quarto
V	*Quīnque*, cinco	*Quīntus, -a, -um*, quinto
VI	*Sex*, seis	*Sextus, -a, -um*, sexto
VII	*Septem*, sete	*Septĭmus, -a, -um*, sétimo
VIII	*Octō*, oito	*Octāuus, -a, -um*, oitavo
IX-VIIII	*Nouem*, nove	*Nōnus, -a, -um*, nono
X	*Decem*, dez	*Decĭmus, -a, -um*, décimo
XI	*Vndĕcim*, onze	*Vndecĭmus, -a, -um*, undécimo
XII	*Duodĕcim*, doze	*Duodecĭmus, -a, -um*, duodécimo
XIII	*Trēdĕcim*, treze	*Tertius decĭmus*, décimo terceiro
XIV-XIIII	*Quattuordĕcim*, quatorze	*Quartus decĭmus*, décimo quarto

XV	*Quindĕcim*, quinze	*Quīntus decĭmus*, décimo quinto
XVI	*Sēdĕcim*, dezesseis	*Sextus decĭmus*, décimo sexto
XVII	*Septemdĕcim*, dezessete	*Septĭmus decĭmus*, décimo sétimo
XVIII	*Duodēuīgīntī*, dezoito	*Duodēuīcēsĭmus*, décimo oitavo
XIX,XVIIII	*Vndēuīginti*, dezenove	*Vndēuīcēsĭmus*, décimo nono
XX	*Vigintī*, vinte	*Vīcēsĭmus*, vigésimo
XXI	*Vigintī ūnus* ou *ūnus et uīgintī*, vinte e um	*Vnus et uīcēsĭmus* ou *uīcēsĭmus prīmus*, vigésimo primeiro
XXVIII	*Duodetrīgīntā*, vinte e oito	*Duodētrīcēsĭmus*, vigésimo oitavo
XXIX,XXVIIII	*Vndetrīgīntā, vinte e* nove	*Vndētrīcēsĭmus*, vigésimo nono
XXX	*Trīgīntā*, trinta	*Trīcēsĭmus*, trigésimo
XL,XXXX	*Quadrāgintā*, quarenta	*Quadrāgēsĭmus*, quadragésimo
L	*Quinquāgīntā*, cinqüenta	*Quīnquāgēsĭmus*, qüinquagésimo
LX	*Sexāgīntā*, sessenta	*Sexāgēsĭmus*, sexagésimo
LXX	*Septuāgīntā*, setenta	*Septuāgēsĭmus*, septuagésimo
LXXX	*Octōgintā*, oitenta	*Octōgēsĭmus*, octogésimo
XC,LXXXX	*Nōnāgintā*, noventa	*Nōnāgēsĭmus*, nonagésimo
XCIX	*Nōnāgīntā nouem*, ou *nouem et nōnāgintā*, ou *ūndēcēntum*, noventa e nove	*Nōnāgēsĭmus nonus* ou *nonus et nōnāgēsĭmus*, ou *ūndēcentēsĭmus*, nonagésimo nono
C	*Centum*, cem	*Centēsĭmus*, centésimo
CC	*Ducēntī, -ae, -a*, duzentos	*Ducentēsĭmus*, ducentésimo
CCC	*Trecentī, -ae, -a*, trezentos	*Trecentēsĭmus*, trecentésimo
CD,CCCC	*Quadringentī, -ae, -a*, quatrocentos	*Quadringentēsĭmus*, quadringentésimo
D	*Quīngentī, -ae, -a*, quinhentos	*Quīngentēsĭmus*, qüingentésimo
DC	*Sescentī, -ae, -a*, seiscentos	*Sescentēsĭmus*, seiscentésimo
DCC	*Septingentī, -ae, -a*, setecentos	*Septingentēsĭmus*, septingentésimo

DCCC	*Octingentī, -ae, -a,* oitocentos	*Octingentēsĭmus,* octingentésimo
CM,DCCCC	*Nōngentī, -ae, -a,* novecentos	*Nongentēsĭmus,* nongentésimo
CIƆ,M	*Mīlle,* mil	*Mīllēsĭmus,* milésimo
MM	*Duomīlia,* dois mil	*Bis mīllēsĭmus*
$\overline{X}$	*Decem mīlia,* dez mil	*Deciēs mīllēsĭmus,*
C	*Centum mīlia,* cem mil	*Centiēs mīllēsĭmus*
$\lvert\overline{X}\rvert$	*Deciēs centēna mīlia,* um milhão	*Deciēs centiēs mīllēsĭmus,* milionésimo

3. *Vnus, –a, –um,* quanto à declinação, segue a primeira classe dos adjetivos, fazendo, porém, o genitivo em *–īus* e o dativo em *–ī* para os três gêneros, como os pronomes indefinidos. Não tem vocativo.

4. *Vnus* como numeral não tem plural.

5. *Duo, duae, duo* é declinado da seguinte forma:

Nom.	duŏ	duae	duŏ
Acus.	duōs	duās	duŏ
Gen.	duōrum	duārum	duōrum
Dat.	duōbus	duābus	duōbus
Abl.	duōbus	duābus	duōbus

Como *duo* se declina *ambo,* "ambos".

6. *Tres, tria* declina-se da seguinte forma:

	Masc.-Fem.	Neutro
Nom.	trēs	tria
Acus.	trēs	tria
Gen.	trium	
Dat.	trĭbus	
Abl.	trĭbus	

7. De *quattŭor* até *centum* os numerais cardinais são indeclináveis. As centenas, de *ducenti* a *nongenti,* declinam-se como adjetivos da primeira classe, não tendo, porém, singular.

8. *Mīlle* no singular é indeclinável. O plural *mīlia,* entretanto, geralmente considerado como substantivo, "um milheiro", declina-se da seguinte forma:

Nom. e Acus.	mīlia
Gen.	mīlĭum
Dat. e Abl.	mīlĭbus

9. Os ordinais declinam-se todos como adjetivos da primeira classe.

DISTRIBUTIVOS

10. Os numerais distributivos indicam como são agrupadas as coisas ou pessoas. Declinam-se pelo plural dos adjetivos de 1.ª classe, como *boni, —ae, —a*.

1	*singŭlī, -ae, -a,*	um cada um
2	*bīnī, -ae, -a*	dois cada um
3	*ternī, -ae, -a*	três cada um
4	*quatērnī, -ae, -a*	quatro cada um
5	*quīnī, -ae, -a*	cinco cada um
6	*sēnī, -ae, -a*	seis cada um
7	*septēnī, -ae, -a*	sete cada um
8	*octōnī, -ae, -a*	oito cada um
9	*nouēnī, -ae, -a*	nove cada um
10	*dēnī, -ae, -a*	dez cada um
11	*ūndēnī, -ae, -a*	onze cada um
12	*duodēnī, -ae, -a*	doze cada um
13	*ternī dēnī, -ae, -a*	treze cada um
14	*quatērnī dēnī, -ae, -a*	quatorze cada um
15	*quīnī dēnī, -ae, -a*	quinze cada um
16	*sēnī dēnī, -ae, -a*	dezesseis cada um
17	*septēnī dēnī, -ae, -a*	dezessete cada um
18	*octōnī dēnī* ou *duodēuīcēnī, -ae, -a*	dezoito cada um
19	*nouēnī dēnī* ou *ūndēuīcēnī, -ae, -a*	dezenove cada um
20	*uīcēnī, -ae, -a*	vinte cada um
21	*uīcēnī singŭlī, -ae, -a*	vinte e um cada um
22	*uīcēnī bīnī, -ae, -a*	vinte e dois cada um
28	*duodētrīcēnī, -ae, -a*	vinte e oito cada um
29	*ūndētrīcēnī, -ae, -a*	vinte e nove cada um
30	*trīcēnī, -ae, -a*	trinta cada um
40	*quadrāgēnī, -ae, -a*	quarenta cada um
50	*quīnquāgēnī, -ae, -a*	cinqüenta cada um
60	*sexāgēnī, -ae, -a*	sessenta cada um
70	*septuāgēnī, -ae, -a*	setenta cada um
80	*octōgēnī, -ae, -a*	oitenta cada um
90	*nōnāgēnī, -ae, -a*	noventa cada um
100	*centēnī, -ae, -a*	cem cada um
101	*centēnī singŭlī, -ae, -a*	cento e um cada um
102	*centēnī bīnī, -ae, -a*	cento e dois cada um
200	*ducēnī, -ae, -a*	duzentos cada um
300	*trīcēnī, -ae, -a*	trezentos cada um
400	*quadringēnī, -ae, -a*	quatrocentos cada um
500	*quīngēnī, -ae, -a*	quinhentos cada um
600	*sexcēnī, -ae, -a*	seiscentos cada um
700	*septingēnī, -ae, -a*	setecentos cada um
800	*octingēnī, -ae, -a*	oitocentos cada um

900	*nongēnī, -ae, -a*	novecentos cada um
1000	*singŭlia mīlĭa*	mil cada um
2000	*bīna mīlĭa*	dois mil cada um
3000	*terna mīlĭa*	três mil cada um
4000	*quaterna mīlĭa*	quatro mil cada um
10000	*dēna mīlĭa*	dez mil cada um
20000	*uīcēna mīlĭa*	vinte mil cada um
100000	*centēna mīlĭa*	cem mil cada um

11. Os distributivos seguem a primeira classe de adjetivos, não se declinando, porém, no singular.
12. Com substantivos que não têm singular, freqüentemente se empregam os distributivos com valor de cardinais.
13. Em português não há distributivos.

ADVÉRBIOS NUMERAIS

14. Os advérbios numerais indicam quantas vêzes um fato se realizou, ou uma multiplicação. São os seguintes:

1	*semel*	uma vez
2	*bis*	duas vêzes
3	*ter*	três vêzes
4	*quater*	quatro vêzes
5	*quinquĭēs*	cinco vêzes
6	*sexĭēs*	seis vêzes
7	*septĭēs*	sete vêzes
8	*octĭēs*	oito vêzes
9	*nouĭēs*	nove vêzes
10	*decĭēs*	dez vêzes
11	*ūndecĭēs*	onze vêzes
12	*duodecĭēs*	doze vêzes
13	*terdecĭēs (tredecĭēs)*	treze vêzes
14	*quaterdecĭēs*	quatorze vêzes
15	*quindecĭēs*	quinze vêzes
16	*sexiesdecĭēs*	dezesseis vêzes
17	*septiesdecĭēs*	dezessete vêzes
18	*duodeuicĭēs*	dezoito vêzes
19	*undeuicĭēs*	dezenove vêzes
20	*uīcĭēs*	vinte vêzes
21	*uīcĭēs semel*	vinte e uma vêzes
22	*uīcĭēs bis*	vinte e duas vêzes
23	*uīcĭēs ter*	vinte e três vêzes
24	*uīcĭēs quater*	vinte e quatro vêzes
25	*uīcĭēs quinquĭēs*	vinte e cinco vêzes
26	*uīcĭēs sexĭēs*	vinte e seis vêzes
27	*uīcĭēs septĭēs*	vinte e sete vêzes

28	*duodetricĭēs*	vinte e oito vêzes
29	*ūndetricĭēs*	vinte e nove vêzes
30	*trīcĭēs*	trinta vêzes
40	*quadragĭēs*	quarenta vêzes
50	*quinquagĭēs*	cinqüenta vêzes
60	*sexāgĭēs*	sessenta vêzes
70	*septuāgĭēs*	setenta vêzes
80	*octōgĭēs*	oitenta vêzes
90	*nōnāgĭēs*	noventa vêzes
99	*ūndēcentĭēs*	noventa e nove vêzes
100	*centĭēs*	cem vêzes
200	*ducentĭēs*	duzentas vêzes
300	*trecentĭēs*	trezentas vêzes
400	*quadringentĭēs*	quatrocentas vêzes
500	*quingentĭēs*	quinhentas vêzes
600	*sexcentĭēs*	seiscentas vêzes
700	*septingentĭēs*	setecentas vêzes
800	*octingentĭēs*	oitocentas vêzes
900	*nongentĭēs*	novecentas vêzes
1000	*mīllĭēs*	mil vêzes
2000	*bis mīllĭēs*	duas mil vêzes
3000	*ter mīllĭēs*	três mil vêzes
4000	*quater mīllĭēs*	quatro mil vêzes
5000	*quinquĭēs mīllĭēs*	cinco mil vêzes
10000	*decĭēs mīllĭēs*	dez mil vêzes
100000	*centĭēs mīllĭēs*	cem mil vêzes
500000	*quingentĭēs mīllĭēs*	quinhentas mil vêzes
1000000	*decĭēs centĭēs mīllĭēs*	um milhão de vêzes

15. Em português não há advérbios numerais.

COMPLEMENTO AO ESTUDO DOS NUMERAIS

O primeiro significado de *unus* era "só", "único", tendo sido por ìsto empregado como numeral. Quando *unus* é usado com seu valor adjetivo de "único", tem vocativo, e também é declinado no plural: *uni, unae, unos, una,* etc. Até mesmo como numeral pode ser usado no plural, quando vier acompanhando um nome só usado no plural *(pluralia tantum).*

Duo é um antigo dual, mas que tomou as desinências de plural, exceto no nominativo masculino e neutro. Aliás, *duo* segue uma declinação mista, tendo o acusativo e o genitivo, bem como o nominativo feminino, pela primeira e segunda declinação (*duōs, duās, duōrum, duārum, duae*); dativo e ablativo pela terceira (*duōbus, duābus, duōbus*). O acusativo masculino, além da forma *duōs*, que é a mais geralmente usada, apresentava também a forma *duo*, de emprêgo corrente

no período republicano, e ainda em Horácio (Sat. 1,7,15). *Ambō*, embora siga exatamente a declinação de *duo*, tem o *–o* longo, em oposição a *duŏ*, que o tem sempre breve. Mais tarde, porém, aparece, por influência de *duo*, a quantidade breve do *–o*. Também por influência de *duo* é que passou a ser usado o acusativo *ambōs*, pois a forma de acusativo *ambo* é comumente usada pelos autores arcaicos, aparecendo ainda em Tito Lívio (27,27,7).

Trēs é forma oriunda de antigo tema ditongado *treyes*, mas o neutro, bem como o genitivo e dativo-ablativo,origina-se de uma forma reduzida *tri–*, donde : *tria, trium, tribus*.

Quattuor, antiga forma declinável, tornou-se invariável e indeclinável em latim, pela confusão da forma do nominativo masculino-feminino com a do neutro, por efeito da evolução fonética : *quattuores* (antigo nominativo plural masculino-feminino) o evolveu para *quattuor*, como *pueros* para *puer*. *Quattuora* (a antiga forma neutra) passou a *quattuor*, pela apócope do *–a* final.

Quinque, sex, septem, octo, nouem, decem, invariáveis, como todos os numerais latinos de quatro a cem, poucas observações exigem. *Quinque* apresenta a primeira sílaba longa por analogia com o ordinal *quintus*, proveniente regular de *quinctus*. *Nouem* deve o seu *–m* final à analogia com *septem* e *decem*, pois normalmente deveria terminar em *–n* (*nouen*), como provam as formas *nonus, nonaginta*.

Os números de *onze* a *dezenove* são compostos de *decem* mais a unidade correspondente: *undĕcim* proveniente de **unodecem ; duodĕcim* de **duodecem ; tredĕcim* de **tresdecem ; quattuordĕcim* de **quattuordecem ; quindĕcim* de **quinquedecem*, com a síncope do *–ĕ–* breve medial ; *sedĕcim* de **sexdecem; septemdĕcim* de **septemdecem*. Para dezoito e dezenove as formas normais *octodĕcim, nouendĕcim* foram substituídas por *duo-de-uiginti, un-de-uiginti*.

O nome das dezenas é formado com o nome das unidades seguido de uma forma do nome que significava dezena no indo-europeu. *Vīgintī* provém de um elemento *ui–*, significando "dois" e de *–ginti*, uma forma de dual do antigo tema que significava dezena. Nos nomes das demais dezenas ocorre a forma neutra do plural, donde os numerais: *trīgintā, quadrāgintā, quinquāgintā, sexāgintā*, etc.

As centenas têm formação semelhante às dezenas. *Centum* é um antigo substantivo neutro que significa pròpriamente "uma centena", tendo-se tornado invariável. As demais centenas formam-se do nome da unidade seguido *do plural de centum*, declinável como um adjetivo de primeira classe, naturalmente no plural, pela sua própria significação : *ducentī, –ae, –a*, "duzentos"; *trecentī, –ae, –a*, "trezentos"; *quadringentī, –ae, –a*, "quatrocentos"; *quīngentī, –ae, –a*, "quinhentos"; etc. Para mil, o latim tomou um antigo neutro, *mīlle*, primitivamente declinável, significando "um milheiro". O ablativo *mīlli* é ainda

atestado, mas, como *centum*, tornou-se indeclinável, embora o plural *mīlia* mantivesse a sua declinação.

Com relação aos ordinais, temos a observar o seguinte: *primus* é pròpriamente o superlativo de *prior*, tomado como ordinal de *unus* pela sua significação; *secŭndus* é um antigo particípio de *sequor*, na forma em *–undus* que ocorre em *oriŭndus*, e excepcionalmente em formas verbais, significando pròpriamente "o seguinte", donde o seu aproveitamento como ordinal. Os demais ordinais originam-se dos cardinais: *tertĭus*, do radical *tri–* de *trēs, tria*; *quartus, quintus, sextus* são formados com um sufixo *–to–*; e os de sete a dez com o sufixo *–o–*: *septĭmus, octauos, nonus, decĭmus*. De onze a dezessete formam-se pela junção do ordinal da unidade a *decĭmus* (exceto *undecĭmus, duodecimus*, formados diretamente de *unděcim, duoděcim*): *tertius decĭmus, quartus decĭmus, quintus decĭmus*, etc. De vinte a mil todos os ordinais são formados por meio do sufixo *–esĭmus*, que tem a mesma formação dos sufixos de superlativo *–tomo–* e *–somo–*.

O distributivo *singŭlī* e o advérbio numeral *semel* apresentam uma raiz *sem–*, que aparece em latim em *semper e simul*. De *bīnī* em diante, todos os distributivos se formam com o plural do sufixo *–no–*, isto é, com a terminação *nī–*: *ternī, quatĕrnī, dēnī, undēnī, centēnī, ducēnī*, etc.

Os advérbios numerais, com exceção de *semel, bis, ter, quater*, são todos formados por meio do sufixo *–iens*, que aparece em *totĭens, quotĭens*, tendo havido o ensurdecimento da nasal antes de *s*, donde a forma *–iēs*: *quinquiēs, sexiēs, deciēs, centiēs, mīliēs*. Aliás, principalmente no período republicano, a forma *–iens* é grandemente usada nos advérbios numerais: *quinquiens, deciens, uiciens, centiens*, etc.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

W. M. Lindsay, *Latin Grammar*, pgs. 77-78.

F. Sommer, *Handbuch*, pgs. 464-477.

C. D. Buck, *Comparative Grammar*, pgs. 229-236.

R. G. Kent, *The Forms of Latin*, pgs. 76-83.

C. Tagliavini, *Fonetica e Morfologia*, pgs. 129-132.

V. Pisani, *Grammatica Latina*, pgs. 203-209.

A. Meillet-J. Vendryes, *Traité*, pgs. 510-516.

A. Ernout, *Morphologie*, pgs. 104-112.

L. R. Palmer, *The Latin Language*, pgs. 259-261.

CAPÍTULO XVII

O VERBO

PRELIMINARES

1. Quanto a sua estrutura, o *verbo latino* se divide em três partes distintas: *radical, sufixo temporal* e *desinências pessoais*. Cumpre notar que estas partes aparecem agrupadas sempre na mesma ordem.

2. O *radical verbal* é tôda a parte inicial do verbo, que encerra a sua significação geral, terminando pela vogal característica da conjugação (–ā– se pertencer à 1.ª, –ē– se à 2.ª, –ĭ– ou –ŭ– se à 3.ª, –ī– se à 4.ª), ou por consoante, como é o caso de grande número de verbos pertencentes todos à 3.ª conjugação. Exs.: *laudā–re, monē–re, fac–ĕre* (de *faci–o*), *minu–ĕ–re, dic–ĕ–re, audī–re*.

3. O *sufixo temporal* segue-se ao radical verbal, e indica o tempo, e, implicitamente, o modo, em que está o verbo. Daí se conclui que cada tempo terá o seu sufixo especial, que por isso mesmo variará de um tempo para outro, como também de um modo para outro.

4. As *desinências pessoais* indicam especialmente as pessoas do verbo, sendo assim as mesmas para todos os tempos. Há a notar que as desinências pessoais indicam, além da pessoa em que está o verbo, a voz, ativa ou passiva, em que êle estiver.

5. Para o verbo latino, como para o verbo português, há duas vozes: a *voz ativa* e a *voz passiva*. Ambas as vozes latinas correspondem exatamente às portuguêsas. Na voz ativa a ação indicada pelo verbo é praticada pelo sujeito: a forma verbal *lego*, em português "leio", indica que a ação de ler é praticada pelo sujeito. Na voz passiva *a ação indicada pelo verbo já não é praticada, mas sofrida pelo sujeito*: a forma verbal *legor*, em português "sou lido", indica que a ação verbal é sofrida pelo sujeito e não praticada por êle. Além disso, porém, pode também a voz passiva em latim corresponder à nossa voz médio-reflexa, indicando que a ação verbal não é sòmente

sofrida pelo sujeito, mas também praticada por êle : *uehor*, em português "transporto-me". Pode ainda representar um impessoal em —*r*: *uiuĭtur*, em português "vive-se".

6. Uma particularidade da forma passiva latina, que não aparece em português, é a constituída pelos chamados verbos *depoentes* que, embora tenham forma passiva, por haverem deposto ou abandonado a forma ativa, quanto ao significado são verdadeiramente ativos. É o caso, por exemplo do verbo *sequor*, que significa "sigo" e não "sou seguido".

7. Como em português, o verbo tem em latim três modos finitos, ou com formas pessoais: o MODO INDICATIVO, o MODO IMPERATIVO e o MODO SUBJUNTIVO. Tem ainda o verbo latino, como o verbo português, um MODO INFINITIVO, que não tem formas pessoais.

8. A significação dos modos em latim é a mesma do português. Assim, o INDICATIVO é o *modo da realidade*, isto é, indica apenas o fato expresso pelo verbo. O IMPERATIVO é o *modo da ordem* ou da *súplica*. O SUBJUNTIVO é em geral o *modo da subordinação*. O INFINITIVO é o *modo das formas chamadas nominais* do verbo, em que a ação verbal não é atribuída a pessoas.

9. O MODO INDICATIVO tem seis tempos : o PRESENTE, o IMPERFEITO, o PERFEITO, o MAIS-QUE-PERFEITO, o FUTURO IMPERFEITO e o FUTURO PERFEITO. O IMPERATIVO tem PRESENTE e FUTURO. O SUBJUNTIVO tem quatro tempos : o PRESENTE, o IMPERFEITO, o PERFEITO e o MAIS-QUE-PERFEITO. Não há em latim o chamado condicional do português, nem o futuro do subjuntivo.

10. As formas impessoais do verbo são: o INFINITIVO, o GERÚNDIO e o SUPINO, que equivalem a substantivos verbais ; e os PARTICÍPIOS, que equivalem a adjetivos, sendo, aliás, freqüentemente empregados como tais.

11. As formas pessoais do verbo, como em português, têm três pessoas e dois números: *singular* e *plural*.

12. O verbo latino é constituído como que de dois radicais : o radical do *infectum*, que serve de base para a formação dos tempos de ação incompleta ; e o radical do *perfectum*, ao qual está ligado o adjetivo verbal em —*tō*—, que serve de base para a formação dos tempos de ação completa na voz passiva.

FORMAÇÃO DOS TEMPOS

13. TEMPOS DE AÇÃO INCOMPLETA: *Infectum*

I. Os tempos de ação incompleta são os seguintes : INDICATIVO PRESENTE, IMPERFEITO e FUTURO IMPERFEITO ; IMPERATIVO PRESENTE e

FUTURO; SUBJUNTIVO PRESENTE e IMPERFEITO; INFINITIVO PRESENTE, GERÚNDIO, PARTICÍPIO PRESENTE. Todos êstes tempos são formados com o radical do presente, ou do *infectum*. Acha-se o *radical do infectum* tomando-se o verbo no Indicativo presente, 2.ª pessoa do singular, tirando-se-lhe a desinência *–s*. Ex.: (1.ª conjugação) *laudas*, (2.ª) *mones*, (3.ª) *leg(i)s*, (4.ª) *audis*, donde os radicais: *lauda–*, *mone–*, *leg–*, *audi–*. Todo dicionário latino dá a 2.ª pessoa do singular do presente do Indicativo dos verbos.

II. As *desinências pessoais*, sempre as mesmas para os tempos do *infectum*, servem para indicar a pessoa gramatical em que está o verbo, como também o número, singular ou plural. As desinências pessoais da voz ativa e da voz passiva são as seguintes:

VOZ ATIVA		VOZ PASSIVA	
SINGULAR		*SINGULAR*	
1.ª Pessoa	*–o, –m*	1.ª Pessoa	*–r*
2.ª "	*–s*	2.ª "	*–ris, –re*
3.ª "	*–t*	3.ª "	*–tur*
PLURAL		*PLURAL*	
1.ª Pessoa	*–mus*	1.ª Pessoa	*–mur*
2.ª "	*–tis*	2.ª "	*–mĭni*
3.ª "	*–nt*	3.ª "	*–ntur*

III. Sendo a mesma a formação dos tempos na voz ativa e na passiva, basta trocarem-se as desinências ativas pelas passivas para se formar qualquer tempo da voz passiva.

IV. O INDICATIVO PRESENTE é formado juntando-se diretamente ao radical do *infectum* as desinências pessoais. Caracteriza-se o presente do Indicativo pela ausência de sufixo temporal:

1.ª CONJUGAÇÃO		2.ª CONJUGAÇÃO	
Voz Ativa	*Voz Passiva*	*Voz Ativa*	*Voz Passiva*
laud-*o*	laud-*or*	monĕ-*o*	monĕ-*or*
lauda-*s*	laudā-*ris*	mone-*s*	monē-*ris*
lauda-*t*	laudā-*tur*	mone-*t*	monē-*tur*
laudā-*mus*	laudā-*mur*	monē-*mus*	monē-*mur*
laudā-*tis*	lauda-*mĭni*	monē-*tis*	monē-*mĭni*
lauda-*nt*	laudā-*ntur*	mone-*nt*	monē-*ntur*

3.ª Conjugação		4.ª Conjugação	
Voz Ativa	*Voz Passiva*	*Voz Ativa*	*Voz Passiva*
leg-*o*	leg-*or*	audĭ-*o*	audĭ-*or*
leg-i-*s*	leg-ĕ-*ris*	audi-*s*	audī-*ris*
leg-i-*t*	leg-ĭ-*tur*	audi-*t*	audī-*tur*
leg-ĭ-*mus*	leg-ĭ-*mur*	audī-*mus*	audī-*mur*
leg-ĭ-*tis*	leg-i-*mĭni*	audī-*tis*	audi-*mĭni*
leg-u-*nt*	leg-ū-*ntur*	audĭ-u-*nt*	audi-ū-*ntur*

Observações:

1) Como se vê, a voz passiva é formada pela simples troca das desinências ativas pelas desinências passivas.

2) Na primeira pessoa do singular da primeira conjugação a vogal do tema -*a*- foi assimilada pela desinência -o: *ama-o* = amo.

3) A vogal -*i*- dos verbos da terceira conjugação é devida às transformações fonéticas da vogal temática com alternância e/o. Assim -*e*- (que evolveu para -*i*-) deveria aparecer nas 2.ª pessoas e na 3ª do singular e -*o*- nas demais.

4) Na quarta conjugação, antes da desinência da 3.ª pessoa do plural há a intercalação da vogal -*u*-, como na terceira conjugação: audi-*u*-nt, audi-*u*-ntur.

5) Na primeira pessoa do singular da voz passiva, não houve pròpriamente troca da desinência ativa pela passiva, mas esta se acrescentou à desinência ativa -o: laud-*o-r*, monĕ-*o-r*, leg-*o-r*, audi-*o-r*.

6) O presente do indicativo ativo passou para o português, mas para a passiva usamos uma conjugação perifrástica, com o auxiliar "ser".

V. O Imperfeito do Indicativo é formado juntando-se ao radical do *infectum* o sufixo —*ba*— e a êste sufixo as desinências pessoais ativas ou passivas :

1.ª Conjugação		2.ª Conjugação	
Voz Ativa	*Voz Passiva*	*Voz Ativa*	*Voz Passiva*
laudā-*ba-m*	laudā-*ba-r*	monē-*ba-m*	monē-*ba-r*
laudā-*ba-s*	lauda-*bā-ris*	monē-*ba-s*	mone-*bā-ris*
laudā-*ba-t*	lauda-*bā-tur*	monē-*ba-t*	mone-*bā-tur*
lauda-*bā-mus*	lauda-*bā-mur*	mone-*bā-mus*	mone-*bā-mur*
lauda-*bā-tis*	lauda-*ba-mĭni*	mone-*bā-tis*	mone-*ba-mĭni*
lauda-*bā-nt*	lauda-*bā-ntur*	monē-*ba-nt*	mone-*bā-ntur*

3.ª Conjugação		4.ª Conjugação	
Voz Ativa	*Voz Passiva*	*Voz Ativa*	*Voz Passiva*
leg-ē-*ba-m*	leg-ē-*ba-r*	audi-ē-*ba-m*	audi-ē-*ba-r*
leg-ē-*ba-s*	leg-e-*bā-ris*	audi-ē-*ba-s*	audi-e-*bā-ris*
leg-ē-*ba-t*	leg-e-*bā-tur*	audi-ē-ba-t	audi-e-*bā-tur*
leg-e-*bā-mus*	leg-e-*bā-mur*	audi-e-*bā-mus*	audi-e-*bā-mur*
leg-e-*bā-tis*	leg-e-*ba-mĭni*	audi-e-*bā-tis*	audi-e-*ba-mĭni*
leg-ē-*ba-nt*	leg-e-*bā-ntur*	audi-ē-*ba-nt*	audi-e-*bā-ntur*

Observações:

1) Na terceira conjugação e na quarta, entre o sufixo *-ba-* e o radical do *infectum* houve o alongamento da vogal temática *-e-* dos verbos da 3.ª.

2) O imperfeito do Indicativo ativo passou para o português.

VI. O Futuro Imperfeito do Indicativo tem um sufixo para a primeira e segunda conjugações (–b–), e outro para a terceira e quarta (–*e*–).

Na primeira e segunda conjugações forma-se o futuro imperfeito acrescentando-se ao radical do *infectum* o sufixo –b– ; na terceira e quarta o sufixo –*e*–, e a êstes sufixos as desinências pessoais :

1.ª Conjugação		2.ª Conjugação	
Voz Ativa	*Voz Passiva*	*Voz Ativa*	*Voz Passiva*
laudā-*b-o*	laudā-*b-or*	monē-*b-o*	monē-*b-or*
laudā-*b-i-s*	lauda-*b-ĕ-ris*	monē-*b-i-s*	mone-*b-ĕ-ris*
laudā-*b-i-t*	lauda-*b-ĭ-tur*	monē-*b-i-t*	mone-*b-ĭ-tur*
lauda-*b-ĭ-mus*	lauda-*b-ĭ-mur*	mone-*b-ĭ-mus*	mone-*b-ĭ-mur*
lauda-*b-ĭ-tis*	lauda-*b-i-mĭni*	mone-*b-ĭ-tis*	mone-*b-i-mĭni*
laudā-*b-u-nt*	lauda-*b-ū-ntur*	monē-*b-u-nt*	mone-*b-ū-ntur*

3.ª Conjugação		4.ª Conjugação	
Voz Ativa	*Voz Passiva*	*Voz Ativa*	*Voz Passiva*
leg-*a-m*	leg-*a-r*	audĭ-*a-m*	audĭ-*a-r*
leg-*e-s*	leg-*ē-ris*	audĭ-*e-s*	audi-*ē-ris*
leg-*e-t*	leg-*ē-tur*	audĭ-*e-t*	audi-*ē-tur*
leg-*ē-mus*	leg-*ē-mur*	audi-*ē-mus*	audi-*ē-mur*
leg-*ē-tis*	leg-*e-mĭni*	audi-*ē-tis*	audi-*e-mĭni*
leg-*e-nt*	leg-*ē-ntur*	audi-e-*nt*	audi-*ē-ntur*

Observações:

1) As vogais *-i-*, *-u-* e *-e-*, que estão entre o sufixo e as desinências, na 1.ª e 2.ª conjugações, são vogais de ligação.

2) Nas primeiras pessoas do singular da terceira e quarta conjugações, há a substituição do sufixo *-e-* pelo sufixo *-a-*.

3) O futuro imperfeito latino não passou para o português.

VII. O Presente do Subjuntivo tem um sufixo para a primeira conjugação (*—e—*) e outro para a segunda, terceira e quarta (*—a—*).

Na primeira conjugação, forma-se o presente do Subjuntivo juntando-se ao radical do *infectum* o sufixo *—e—*; na segunda, terceira e quarta, acrescentando-se ao radical do *infectum* o sufixo *—a—*, e a êsses sufixos as desinências pessoais:

1.ª Conjugação		2.ª Conjugação	
Voz Ativa	*Voz Passiva*	*Voz Ativa*	*Voz Passiva*
laud-*e-m*	laud-*e-r*	monĕ-*a-m*	monĕ-*a-r*
laud-*e-s*	laud-*ē-ris*	monĕ-*a-s*	mone-*ā-ris*
laud-*e-t*	laud-*ē-tur*	monĕ-*a-t*	mone-*ā-tur*
laud-*ē-mus*	laud-*ē-mur*	mone-*ā-mus*	mone-*ā-mur*
laud-*ē-tis*	laud-*e-mĭni*	mone-*ā-tis*	mone-*a-mĭni*
laud-*e-nt*	laud-*ē-ntur*	monĕ-*a-nt*	mone-*ā-ntur*

3.ª Conjugação		4.ª Conjugação	
Voz Ativa	*Voz Passiva*	*Voz Ativa*	*Voz Passiva*
leg-*a-m*	leg-*a-r*	audĭ-*a-m*	audĭ-*a-r*
leg-*a-s*	leg-*ā-ris*	audĭ-*a-s*	audi-*ā-ris*
leg-*a-t*	leg-*ā-tur*	audĭ-*a-t*	audi-*ā-tur*
leg-*ā-mus*	leg-*ā-mur*	audi-*ā-mus*	audi-*ā-mur*
leg-*ā-tis*	leg-*a-mĭni*	audi-*ā-tis*	audi-*a-mĭni*
leg-*a-nt*	leg-*ā-ntur*	audĭ-*a-nt*	audi-*ā-ntur*

Observações:

1) Na primeira conjugação, a vogal *-a* do tema do *infectum* é assimilada pela vogal do sufixo do Presente do Subjuntivo: laud*a-e-m* = laud-*em*.

2) O Presente do Subjuntivo ativo passou para o português, com os mesmos sufixos que tem em latim.

VIII. O Imperfeito do Subjuntivo é formado acrescentando-se ao radical do *infectum* o sufixo *—re—*, e a êste juntando-se as desinências pessoais:

1.ª Conjugação		2.ª Conjugação	
Voz Ativa	*Voz Passiva*	*Voz Ativa*	*Voz Passiva*
laudā-*re-m*	laudā-*re-r*	monē-*re-m*	monē-*re-r*
laudā-*re-s*	lauda-*rē-ris*	monē-*re-s*	mone-*rē-ris*
laudā-*re-t*	lauda-*rē-tur*	monē-*re-t*	mone-*rē-tur*
lauda-*rē-mus*	lauda-*rē-mur*	mone-*rē-mus*	mone-*rē-mur*
lauda-*rē-tis*	lauda-*re-mĭni*	mone-*rē-tis*	mone-*re-mĭni*
laudā-*re-nt*	lauda-*rē-ntur*	monē-*re-nt*	mine-*rē-ntur*

3.ª Conjugação		4.ª Conjugação	
Voz Ativa	*Voz Passiva*	*Voz Ativa*	*Voz Passiva*
leg-ĕ-*re-m*	leg-ĕ-*re-r*	audī-*re-m*	audī-*re-r*
leg-ĕ-*re-s*	leg-e-*rē-ris*	audī-*re-s*	audi-*rē-ris*
leg-ĕ-*re-t*	leg-e-*rē-tur*	audī-*re-t*	audi-*rē-tur*
leg-e-*rē-mus*	leg-e-*rē-mur*	audi-*rē-mus*	audi-*rē-mur*
leg-e-*rē-tis*	leg-e-*re-mĭni*	audi-*rē-tis*	audi-*re-mĭni*
leg-ĕ-*re-nt*	leg-e-*rē-ntur*	audī-*re-nt*	audi-*rē-ntur*

IX. O Imperativo, em latim, tem formação própria, dividindo-se ainda em Imperativo presente e futuro.

A) O Imperativo presente, que só tem a segunda pessoa do singular e do plural, é formado tomando-se para a segunda pessoa do singular o tema puro do verbo, sem sufixo nem desinências pessoais, e para a segunda do plural, acrescentando-se ao tema do *infectum* a desinência *—te* :

VOZ ATIVA

1.ª Conj.	2.ª Conj.	3.ª Conj.	4.ª Conj.
lauda	mone	leg-e	audi
laudā-*te*	monē-*te*	leg-ĭ-*te*	audī-*te*

Observação:

Como em português, o Imperativo lògicamente não pode ser conjugado na voz passiva. Entretanto, como em latim os verbos depoentes têm significado ativo, damos a formação passiva do Imperativo, que, aliás, como em português, poderá aparecer excepcionalmente numa construção estilística do autor.

O Imperativo na voz passiva é formado acrescentando-se para a segunda pessoa do singular a desinência *-re*, e, para a segunda do plural, a desinência *-mĭni*:

VOZ PASSIVA

1.ª Conj.	2.ª Conj.	3.ª Conj.	4.ª Conj.
laudā-*re*	monē-*re*	leg-ĕ-*re*	audī-*re*
lauda-*mĭni*	mone-*mĭni*	leg-e-*mĭni*	audi-*mĭni*

B) O Imperativo futuro, aliás de emprêgo raro, tem segunda e terceira pessoas do singular e do plural. A segunda e terceira pessoas do singular são formadas acrescentando-se ao radical do *infectum* a desinência *—to*, a segunda do plural, a desinência *—tote*, e a terceira do plural, a desinência *—nto*:

1.ª Conj.	2.ª Conj.	3.ª Conj.	4.ª Conj.
laudā-*to*	monē-*to*	leg-ĭ-*to*	audī-*to*
laudā-*to*	monē-*to*	leg-ĭ-*to*	audī-to
lauda-*tōte*	mone-*tōte*	leg-ĭ-*tōte*	audi-*tōte*
laudā-*nto*	monē-*nto*	leg-ū-*nto*	audi-ū-*nto*

Observações:

1) A voz passiva é formada acrescentando-se a desinência *-r*, característica da passiva, ao tema, observando-se, porém, que a segunda pessoa do plural não é usada.

2) O Imperativo presente ativo passou para o português.

X. O Infinitivo presente forma-se acrescentando-se ao radical do *infectum* o sufixo *—re*. Como já foi dito, é uma forma impessoal.

VOZ ATIVA

1.ª Conj.	2.ª Conj.	3.ª Conj.	4.ª Conj.
laudā-*re*	monē-*re*	leg-ĕ-*re*	audī-*re*

Observação:

A voz passiva é formada trocando-se o sufixo do Infinitivo ativo *-re* por *-ri*, exceto na 3.ª conjugação, em que em vez do sufixo *-re* aparece um sufixo *-i*, que, sendo representado por uma vogal, liga-se diretamente ao radical verbal, sem intercalação da vogal de ligação *-e-*:

VOZ PASSIVA

1.ª Conj.	2.ª Conj.	3.ª Conj.	4.ª Conj.
laudā-*ri*	monē-*ri*	leg-*i*	audī-*ri*

XI. O PARTICÍPIO PRESENTE é um verdadeiro adjetivo da segunda classe, sendo também declinável. É formado acrescentando-se ao radical do *infectum* o sufixo *—nt* e a êste as desinências dos temas sonânticos do tipo *gens*.

1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO
lauda-*ns*, -*ntis*	mone-*ns*, -*ntis*
3.ª CONJUGAÇÃO	4.ª CONJUGAÇÃO
leg-e-*ns*, -*ntis*	audi-e-*ns*, -*ntis*

Observação:

Em português, o Particípio presente, em geral, aparece como substantivo ou adjetivo e não como verbo.

Ex.: lente, ouvinte, atraente, etc.

XII. O GERÚNDIO é um verdadeiro substantivo verbal que só tem singular, sendo declinado em todos os casos, exceto no nominativo e vocativo. É formado juntando-se ao radical do *infectum* o sufixo *—nd*, seguindo a segunda declinação:

VOZ ATIVA

	1.ª CONJ.	2.ª CONJ.
Gen.	laudā-*nd-i*	monē-*nd-i*
Dat.	laudā-*nd-o*	monē-*nd-o*
Acus.	laudā-*nd-um*	monē-*nd-um*
Abl.	laudā-*nd-o*	monē-*nd-o*
	3.ª CONJ.	4.ª CONJ.
Gen.	leg-ē-*nd-i*	audi-ē-*nd-i*
Dat.	leg-ē-*nd-o*	audi-ē-*nd-o*
Acus.	leg-ē-*nd-um*	audi-ē-*nd-um*
Abl.	leg-ē-*nd-o*	audi-ē-*nd-o*

Observações:

1) O gerúndio tem apenas sentido ativo. Na voz passiva há o GERUNDIVO ou adjetivo verbal, de sentido passivo, que é formado com o sufixo *-nd-* seguido das desinências nominais da primeira classe de adjetivos:

VOZ PASSIVA

1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO
lauda-*nd-us*, *-a*, *-um*	mone-*nd-us*, *-a*, *-um*

3.ª Conjugação	4.ª Conjugação
leg-*e-nd-us, -a, -um*	audi-e-*nd-us, -a, -um*

2) Para o português passou o gerúndio em *-o*.

14. TEMPOS DE AÇÃO COMPLETA: *Perfectum*

I. Os tempos de ação completa são os seguintes: Indicativo perfeito, Mais-que-perfeito e Futuro perfeito; Subjuntivo perfeito e Mais-que-perfeito; Infinitivo perfeito. Todos êsses tempos são formados do radical do *perfectum*, na voz ativa, tendo na voz passiva uma formação diferente por recorrerem a uma conjugação perifrástica, que tem como auxiliar o verbo *sum*. Acha-se o radical do *perfectum* tomando-se a primeira pessoa do pretérito perfeito do Indicativo do verbo e tirando-se-lhe a desinência *—i*.

Ex.: *laudaui, monui, legi, audiui,* donde os radicais do *perfectum: laudau—, monu—, leg—, audiu—*.

II. O Pretérito perfeito do Indicativo da voz ativa é formado acrescentando-se ao radical do *perfectum* as terminações *—ī, —ĭsti, —it —ĭmus, —ĭstis, —ērunt,* ou *—ēre*:

VOZ ATIVA

1.ª Conj.	2.ª Conj.	3.ª Conj.	4.ª Conj.
laudāu-ī	monŭ-ī	leg-*ī*	audīu-ī
laudau-*ĭsti*	monu-*ĭsti*	leg-*ĭsti*	audiu-*ĭsti*
laudāu-*it*	monŭ-*it*	leg-*it*	audīu-*it*
laudau-*ĭmus*	monu-*ĭmus*	leg-*ĭmus*	audiu-*ĭmus*
laudau-*ĭstis*	monu-*ĭstis*	leg-*ĭstis*	audiu-*ĭstis*
laudau-*ērunt*	monu-*ērunt*	leg-*ērunt*	audiu-*ērunt*
ou	ou	ou	ou
laudau-*ēre*	monu-*ēre*	leg-*ēre*	audiu-*ēre*

Observações:

1) O Pretérito perfeito do Indicativo na voz passiva, é formado pelo Particípio passado do verbo que se está conjugando mais o Indicativo presente do verbo *sum*:

VOZ PASSIVA

1.ª Conjugação	2.ª Conjugação
laudātus, —a, —um sum	*monĭtus, —a, —um sum*
laudātus, —a, —um es	*monĭtus, —a, —um es*
laudātus, —a, —um est	*monĭtus, —a, —um est*

laudāti, —ae, —a sumus	*moniti, —ae, —a sumus*
laudāti, —ae, —a estis	*moniti, —ae, —a estis*
laudāti, —ae, —a sunt	*moniti, —ae, —a sunt*

3.ª Conjugação	4.ª Conjugação
lectus, —a, —um sum	*audītus, —a, —um sum*
lectus, —a, —um es	*audītus, —a, —um es*
lectus, —a, —um est	*audītus, —a, —um est*
lecti, —ae, —a sumus	*audīti, —ae, —a sumus*
lecti, —ae, —a estis	*audīti, —ae, —a estis*
lecti, —ae, —a sunt	*audīti, —ae, —a sunt*

2) Tendo o português estendido o auxiliar *sum* a tôda a voz passiva, o presente do Indicativo do verbo "ser" passou a auxiliar do presente do Indicativo do verbo conjugado na passiva, tomando-se para o pretérito perfeito êste mesmo tempo do auxliar.

3) O pretérito perfeito ativo passou para o português.

III. O Pretérito mais-que-perfeito do Indicativo, na voz ativa, é formado acrescentando-se ao radical do *perfectum* o sufixo *—ĕra—*, e a êste as desinências pessoais da voz ativa:

VOZ ATIVA

1.ª Conj.	2.ª Conj.	3.ª Conj.	4.ª Conj.
laudau-*ĕra-m*	monu-*ĕra-m*	leg-*ĕra-m*	audiu-*ĕra-m*
laudau-*ĕra-s*	monu-*ĕra-s*	leg-*ĕra-s*	audiu-*ĕra-s*
laudau-*ĕra-t*	monu-*ĕra-t*	leg-*ĕra-t*	audiu-*ĕra-t*
laudau-*erā-mus*	monu-*erā-mus*	leg-*erā-mus*	audiu-*erā-mus*
laudau-*erā-tis*	monu-*erā-tis*	leg-*erā-tis*	audiu-*erā-tis*
laudau-*ĕra-nt*	monu-*ĕra-nt*	leg-*ĕra-nt*	audiu-*ĕra-nt*

Observações:

1) O Pretérito mais-que-perfeito do Indicativo da voz passiva é formado pelo Particípio passado do verbo que se está conjugando mais o pretérito imperfeito do Indicativo do verbo *sum:*

VOZ PASSIVA

1.ª Conjugação	2.ª Conjugação
laudātus, —a, —um eram	*monitus, —a, —um eram*
laudātus, —a, —um eras	*monitus, —a, —um eras*
laudātus, —a, —um erat	*monitus, —a, —um erat*
laudāti, —ae, —a erāmus	*moniti, —ae, —a erāmus*
laudāti, —ae, —a erātis	*moniti, —ae, —a erātis*
laudāti, —ae, —a erant	*moniti, —ae, —a erant*

3.ª CONJUGAÇÃO	4.ª CONJUGAÇÃO
lectus, —a, —um eram	*audītus, —a, —um eram*
lectus, —a, —um eras	*audītus, —a, —um eras*
lectus, —a, —um erat	*audītus, —a, —um erat*
lecti, —ae, —a erāmus	*audīti, —ae, —a erāmus*
lecti, —ae, —a erātis	*audīti, —ae, —a erātis*
lecti, —ae, —a erant	*audīti, —ae, —a erant*

2) O mais-que-perfeito ativo passou para o português.

IV. O FUTURO PERFEITO DO INDICATIVO, na voz ativa, é formado acrescentando-se ao radical do *perfectum* o sufixo *—ĕri—*, e a êste as desinências pessoais da voz ativa:

VOZ ATIVA

1.ª CONJ.	2.ª CONJ.	3.ª CONJ.	4.ª CONJ.
laudau-*ĕro*	monu-*ĕro*	leg-*ĕro*	audiu-*ĕro*
laudau-*ĕri-s*	monu-*ĕri-s*	leg-*ĕri-s*	audiu-*ĕri-s*
laudau-*ĕri-t*	monu-*ĕri-t*	leg- *ĕri-t*	audiu-*ĕri-t*
laudau-*erĭ-mus*	monu-*erĭ-mus*	leg-*erĭ-mus*	audiu-*erĭ-mus*
laudau-*erĭ-tis*	monu-*erĭ-tis*	leg-*erĭ-tis*	audiu-*erĭ-tis*
laudau-*ĕri-nt*	monu-*ĕri-nt*	leg-*ĕri-nt*	audiu-*ĕri-nt*

Observações:

1) Na primeira pessoa do singular, a vogal *-i* que finaliza o sufixo *-eri-* é assimilada pela desinência pessoal da primeira pessoa do singular *-o*.

2) O FUTURO PERFEITO DO INDICATIVO, na voz passiva, é formado pelo particípio do verbo que se está conjugando mais o futuro imperfeito do verbo *sum*:

VOZ PASSIVA

1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO
laudātus, —a, —um ero	*monĭtus, —a, —um ero*
laudātus, —a, —um eris	*monĭtus, —a, —um eris*
laudātus, —a, —um erit	*monĭtus, —a, —um erit*
laudāti, —ae, —a erĭmus	*monĭti, —ae, —a erĭmus*
laudāti, —ae, —a erĭtis	*monĭti, —ae, —a erĭtis*
laudāti, —ae, —a erunt	*monĭti, —ae, —a erunt*

3.ª CONJUGAÇÃO	4.ª CONJUGAÇÃO
lectus, —a, —um ero	*audītus, —a, —um ero*
lectus, —a, —um eris	*audītus, —a, —um eris*

lectus, —a, —um erit	*audītus, —a, —um erit*
lecti, —ae, —a erĭmus	*audīti, —ae, —a erĭmus*
lecti, —ae, —a erĭtis	*audīti, —ae, —a erĭtis*
lecti, —ae, —a erunt	*audīti, —ae, —a erunt*

3) O futuro perfeito ativo deu origem, em português, ao futuro do Subjuntivo.

V. O Pretérito perfeito do Subjuntivo, na voz ativa, é formado acrescentando-se ao radical do *perfectum* o sufixo *—ĕri—*, e a êste as desinências pessoais da voz ativa:

VOZ ATIVA

1.ª Conj.	2.ª Conj.	3.ª Conj.	4.ª Conj.
laudau-*ĕri-m*	monu-*ĕri-m*	leg-*ĕri-m*	audiu-*ĕri-m*
laudau-*ĕri-s*	monu-*ĕri-s*	leg-*ĕri-s*	audiu-*ĕri-s*
laudau-*ĕri-t*	monu-*ĕri-t*	leg-*ĕri-t*	audiu-*ĕri-t*
laudau-*erĭ-mus*	monu-*erĭ-mus*	leg-*erĭ-mus*	audiu-*erĭ-mus*
laudau-*erĭ-tis*	monu-*erĭ-tis*	leg-*erĭ-tis*	audiu-*erĭ-tis*
laudau-*ĕri-nt*	monu-*ĕri-nt*	leg-*ĕri-nt*	audiu-*ĕri-nt*

Observações:

1) O perfeito do Subjuntivo só se diferencia do futuro perfeito do Indicativo na primeira pessoa do singular.

2) O Pretérito perfeito do Subjuntivo, na voz passiva, é formado pelo Particípio passado do verbo que se está conjugando mais o presente do Subjuntivo do verbo *sum*:

VOZ PASSIVA

1.ª Conjugação	2.ª Conjugação
laudātus, —a, —um sim	*monĭtus, —a, —um sim*
laudātus, —a, —um sis	*monĭtus, —a, —um sis*
laudātus, —a, —um sit	*monĭtus, —a, —um sit*
laudāti, —ae, —a simus	*monĭti, —ae, —a simus*
laudāti, —ae, —a sitis	*monĭti, —ae, —a sitis*
laudāti, —ae, —a sint	*monĭti, —ae, —a sint*

3.ª Conjugação	4.ª Conjugação
lectus, —a, —um sim	*audītus, —a, —um sim*
lectus, —a, —um sis	*audītus, —a, —um sis*
lectus, —a, —um sit	*audītus, —a, —um sit*
lecti, —ae, —a simus	*audīti, —ae, —a simus*
lecti, —ae, —a sitis	*audīti, —ae, —a sitis*
lecti, —ae, —a sint	*audīti, —ae, —a sint*

VI. O MAIS-QUE-PERFEITO DO SUBJUNTIVO, na voz ativa, é formado acrescentando-se ao radical do *perfectum* o sufixo *–isse–*, e a êste as desinências pessoais da voz ativa :

VOZ ATIVA

1.ª CONJ.	2.ª CONJ.	3.ª CONJ.	4.ª CONJ.
laudau-*īsse-m*	monu-*īsse-m*	leg-*īsse-m*	audiu-*īsse-m*
laudau-*īsse-s*	monu-*īsse-s*	leg-*īsse-s*	audiu-*īsse-s*
laudau-*īsse-t*	monu-*īsse-t*	leg-*īsse-t*	audiu-*īsse-t*
laudau-*issē-mus*	monu-*issē-mus*	leg-*issē-mus*	audiu-*issē-mus*
laudau-*issē-tis*	monu-*issē-tis*	leg-*issē-tis*	audiu-*issē-tis*
laudau-*īsse-nt*	monu-*īsse-nt*	leg-*īsse-nt*	audiu-*īsse-nt*

Observações:

1) O PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO SUBJUNTIVO, na voz passiva, é formado com o particípio passado do verbo que se está conjugando mais o imperfeito do Subjuntivo do verbo *sum*:

VOZ PASSIVA

1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO
laudātus, –a, –um essem	*monĭtus, –a, –um essem*
laudātus, –a, –um esses	*monĭtus, –a, –um esses*
laudātus, –a, –um esset	*monĭtus, –a, –um esset*
laudāti, –ae, –a essēmus	*monĭti, –ae, –a essēmus*
laudāti, –ae, –a essētis	*monĭti, –ae, –a essētis*
laudāti, –ae, –a essent	*monĭti, –ae, –a essent*

3.ª CONJUGAÇÃO	4.ª CONJUGAÇÃO
lectus, –a, –um essem	*audītus, –a, –um essem*
lectus, –a, –um esses	*audītus, –a, –um esses*
lectus, –a, –um esset	*audītus, –a, –um esset*
lecti, –ae, –a essēmus	*audīti, –ae, –a essēmus*
lecti, –ae, –a essētis	*audīti, –ae, –a essētis*
lecti, –ae, –a essent	*audīti, –ae, –a essent*

2) O pretérito mais-que-perfeito do Subjuntivo da voz ativa passou para o português, dando origem ao nosso imperfeito do Subjuntivo.

VII. O INFINITIVO PERFEITO, na voz ativa, é formado acrescentando-se ao radical do *perfectum* o sufixo *–isse* :

VOZ ATIVA

1.ª Conj.	2.ª Conj.	3.ª Conj.	4.ª Conj.
laudau-*isse*	monu-*isse*	leg-*isse*	audiu-*isse*

Observação:

O Infinitivo perfeito, na voz passiva, é formado acrescentando-se ao Particípio passado neutro do verbo que se está conjugando o Infinitivo presente do verbo *sum*:

VOZ PASSIVA

1.ª Conj.	2.ª Conj.	3.ª Conj.	4.ª Conj.
laudātum esse	*monitum esse*	*lectum esse*	*audītum esse*

VIII. Estreitamente ligado ao *perfectum* está o supino, ao qual se juntam as formas verbais que dêle se derivam. Acha-se o radical do supino tomando o Particípio passado neutro do verbo e tirando-se-lhe a desinência *—um*.

Exs.: *laudātum* = *laudat—*, *monitum* = *monit—*, *lectum* = *lect—*, *audītum* = *audit—*.

IX. Os Supinos I e II são formados acrescentando-se ao radical do Supino as terminações *—um* para o I e *—u* para o II:

	1.ª Conj.	2.ª Conj.	3.ª Conj.	4.ª Conj.
Sup. I	laudāt-*um*	monit-*um*	lect-*um*	audīt-*um*
Sup. II	laudāt-*u*	monit-*u*	lect-*u*	audīt-*u*

X. O Infinitivo Futuro é formado acrescentando-se ao radical do Supino as terminações *—ūrum*, *—ūram*, *—ūrum*:

1.ª Conjugação	2.ª Conjugação
laudat-*ūrum*, *-ūram*, *-ūrum*	monit-*ūrum*, *-ūram*, *-ūrum*
3.ª Conjugação	**4.ª Conjugação**
lect-*ūrum*, *-ūram*, *-ūrum*	audit-*ūrum*, *-ūram*, *-ūrum*

XI. O Particípio Futuro é formado acrescentando-se ao radical do supino as terminações *—ūrus*, *—ūra*, *—ūrum*:

1.ª Conjugação	2.ª Conjugação
laudat-*ūrus*, *-ūra*, *-ūrum*	monit-*ūrus*, *-ūra*, *-ūrum*

3.ª Conjugação	4.ª Conjugação
lect-*ūrus, -ūra, -ūrum*	audit-*ūrus, -ūra, -ūrum*

P A R A D I G M A S

15. Primeira Conjugação: *laudare* "louvar"

(Tema verbal terminado em *–a–*)

MODO INDICATIVO

PRESENTE

Voz Ativa

S. 1. laud–*o*	louvo
2. laud*a*–*s*	louvas
3. laud*a*–*t*	louva
P. 1. laud*ā*–*mus*	louvamos
2. laud*ā*–*tis*	louvais
3. laud*a*–*nt*	louvam

Voz Passiva

S. 1. laud–*or*	sou louvado
2. laudā-*ris*	és louvado
3. laud*ā*–*tur*	é louvado
P. 1. laud*ā*–*mur*	somos louvados
2. laud*ā*–*mini*	sois louvados
3. laud*ā*–*ntur*	são louvados

IMPERFEITO

Voz Ativa

S. 1. laud*ā*–*ba*–*m*	louvava
2. laud*ā*–*ba*–*s*	louvavas
3. laud*ā*–*ba*–*t*	louvava
P. 1. laud*a*–*bā*–*mus*	louvávamos
2. laud*a*–*bā*–*tis*	louváveis
3. laud*ā*–*ba*–*nt*	louvavam

Voz Passiva

S. 1. laud*ā*–*ba*–*r*	era louvado
2. laud*a*–*bā*–*ris* (–re)	eras louvado
3. laud*a*–*bā*–*tur*	era louvado

P.	1. lauda–*bā–mur*	éramos louvados
	2. lauda–*ba–mĭni*	éreis louvados
	3. lauda–*bā–ntur*	eram louvados

FUTURO IMPERFEITO

Voz Ativa

S.	1. lauda–*bo*	louvarei
	2. laudā–*bi–s*	louvarás
	3. laudā–*bi–t*	louvará
P.	1. lauda–*bĭ–mus*	louvaremos
	2. lauda–*bĭ–tis*	louvareis
	3. laudā–*bu–nt*	louvarão

Voz Passiva

S.	1. laudā–*bor*	serei louvado
	2. lauda–*bĕ–ris* (–re)	serás louvado
	3. lauda–*bĭ–tur*	será louvado
P.	1. lauda–*bĭ–mur*	seremos louvados
	2. lauda–*bi–mĭni*	sereis louvados
	3. lauda-*bŭ–ntur*	serão louvados

PRETÉRITO PERFEITO

Voz Ativa

S.	1. laudā*u–i*	louvei
	2. laud*au–īs–ti*	louvaste
	3. laudā*u–it*	louvou
P.	1. laud*au–ĭ–mus*	louvamos
	2. laud*au–īs–tis*	louvastes
	3. laud*au–ĕ–runt* ou laud*au–ēre*	louvaram

Voz Passiva

S.	1. *laudā–tus, –a, –um sum*	fui louvado
	2. *laudā–tus, –a, –um es*	fôste louvado
	3. *laudā–tus, –a, –um est*	foi louvado
P.	1. *laudā–ti, –ae, –a sumus*	fomos louvados
	2. *laudā–ti, –ae, –a estis*	fôstes louvados
	3. *laudā–ti, –ae, –a sunt*	foram louvados

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

Voz Ativa

S. 1. laud*au–ĕra–m*	tinha louvado
2. laud*au–ĕra–s*	tinhas louvado
3. laud*au–ĕra–t*	tinha louvado
P. 1. laud*au–erā–mus*	tínhamos louvado
2. laud*au–erā–tis*	tínheis louvado
3. laud*au–ĕra–nt*	tinham louvado

Voz Passiva

S. 1. *laudā–tus, –a, –um eram*	fôra louvado
2. *laudā–tus, –a, –um eras*	fôras louvado
3. *laudā–tus, –a, –um erat*	fôra louvado
P. 1. *laudā–ti, –ae, –a erāmus*	fôramos louvados
2. *laudā–ti, –ae, –a erātis*	fôreis louvados
3. *laudā–ti, –ae, –a erant*	foram louvados

FUTURO PERFEITO

Voz Ativa

S. 1. laud*au–ĕro*	terei louvado
2. laud*au–ĕri–s*	terás louvado
3. laud*au–ĕri–t*	terá louvado
P. 1. laud*au–erī–mus*	teremos louvado
2. laud*au–erī–tis*	tereis louvado
3. laud*au–ĕri–nt*	terão louvado

Voz Passiva

S. 1. *laudā–tus, –a, –um ero*	terei sido louvado
2. *laudā–tus, –a, –um eris*	terás sido louvado
3. *laudā–tus, –a, –um erit*	terá sido louvado
P. 1. *laudā–ti, –ae, –a erĭmus*	teremos sido louvados
2. *laudā–ti, –ae, –a erĭtis*	tereis sido louvados
3. *laudā–ti, –ae, –a erunt*	terão sido louvados

MODO IMPERATIVO

PRESENTE

S. 2. laud*a*	louva
P. 2. laud*ā–te*	louvai

FUTURO

S. 2. laud*ā–to*	louva
3. laud*ā–to*	louve
P. 2. laud*a–tōte*	louvai
3. laud*ā–nto*	louvem

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE

Voz Ativa

S. 1. laud–*e*–*m*	louve
2. laud–*e*–*s*	louves
3. laud–*e*–*t*	louve
P. 1. laud–*ē*–*mus*	louvemos
2. laud–*ē*–*tis*	louveis
3. laud–*e*–*nt*	louvem

Voz Passiva

S. 1. laud–*e*–*r*	seja louvado
2. laud–*ē*–*ris* (–*re*)	sejas louvado
3. laud–*ē*–*tur*	seja louvado
P. 1. laud–*ē*–*mur*	sejamos louvados
2. laud–*e*–*mĭni*	sejais louvados
3. laud–*ē*–*ntur*	sejam louvados

IMPERFEITO

Voz Ativa

S. 1. laudā–*re*–*m*	louvasse
2. laudā–*re*–*s*	louvasses
3. laudā–*re*–*t*	louvasse
P. 1. lauda–*rē*–*mus*	louvássemos
2. lauda–*rē*–*tis*	louvásseis
3. laudā–*re*–*nt*	louvassem

Voz Passiva

S. 1. laudā–*re*–*r*	fôsse louvado
2. lauda–*rē*–*ris* (–*re*)	fôsses louvado
3. lauda–*rē*–*tur*	fôsse louvado
P. 1. lauda–*rē*–*mur*	fôssemos louvados
2. lauda–*re*–*mĭni*	fôsseis louvados
3. lauda–*rē*–*ntur*	fôssem louvados

PRETÉRITO PERFEITO

Voz Ativa

S. 1. laud*au*–*ĕri*–*m*	tenha louvado
2. laud*au*–*ĕri*–*s*	tenhas louvado
3. laud*au*–*ĕri*–*t*	tenha louvado

P. 1.	laud*au–erī–mus*	tenhamos louvado
2.	laud*au–erī–tis*	tenhais louvado
3.	laud*au–ĕri–nt*	tenham louvado

Voz Passiva

S. 1.	*laudā–tus, –a, –um sim*	tenha sido louvado
2.	*laudā–tus, –a, –um sis*	tenhas sido louvado
3.	*laudā–tus, –a, –um sit*	tenha sido louvado
P. 1.	*laudā–ti, –ae, –a simus*	tenhamos sido louvados
2.	*laudā–ti,–ae, –a sitis*	tenhais sido louvados
3.	*laudā–ti, –ae, –a sint*	tenham sido louvados

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

Voz Ativa

S. 1.	laud*au–īsse–m*	tivesse louvado
2.	laud*au–īsse–s*	tivesses louvado
3.	laud*au–īsse–t*	tivesse louvado
P. 1.	laud*au–issē–mus*	tivéssemos louvado
2.	laud*au–issē–tis*	tivésseis louvado
3.	laud*au–īsse–nt*	tivessem louvado

Voz Passiva

S. 1.	*laudā–tus, –a, –um essem*	tivesse sido louvado
2.	*laudā–tus, –a, –um esses*	tivesses sido louvado
3.	*laudā–tus, –a, –um esset*	tivesse sido louvado
P. 1.	*laudā–ti, –ae, –a essēmus*	tivéssemos sido louvados
2.	*laudā–ti, –ae, –a essētis*	tivésseis sido louvados
3.	*laudā–ti, –ae, –a essent*	tivessem sido louvados

MODO INFINITIVO

PRESENTE

Voz Ativa		*Voz Passiva*	
laud*ā–re*	louvar	laud*ā–ri*	ser louvado

FUTURO

m. laud*a–tūrum*
f. laud*a–tūram*
n. laud*a–tūrum*
} *esse* { que há de louvar

laudā–tum iri { haver de ser louvado

PERFEITO

Voz Ativa		Voz Passiva	
laudau–îsse	ter louvado	laudāt–um, –am, –um esse	ter sido louvado

PARTICÍPIOS

PRESENTE

Nom.	lauda–ns	que louva
Gen.	lauda-ntis	

PASSADO

laudā–tus, –a, –um — louvado, louvada

FUTURO

lauda–tūrus, –a, –um — que está para louvar

GERÚNDIO

Gen.	lauda–nd–i	de louvar
Dat.	lauda–nd–o	a louvar
Acus.	(ad) lauda–nd–um	para louvar
Abl.	lauda–nd–o	com louvar, ou louvando

GERUNDIVO

lauda–ndus, –nda, –ndum — que há de ser louvado

SUPINO I		SUPINO II	
laudā–tum	a ou para louvar	laudā–tu	a ou para louvar

16. Segunda Conjugação: *monēre* "lembrar, advertir"

(Tema verbal terminado em *–e–*)

MODO INDICATIVO

PRESENTE

Voz Ativa

S. 1. monĕ–*o*	lembro
2. mone–*s*	lembras
3. mone–*t*	lembra
P. 1. monē–*mus*	lembramos
2. monē–*tis*	lembrais
3. mone–*nt*	lembram

Voz Passiva

S. 1. monĕ–*or*	sou lembrado
2. monē–*ris*	és lembrado
3. monē–*tur*	é lembrado
P. 1. monē–*mur*	somos lembrados
2. mone–*mini*	sois lembrados
3. monē–*ntur*	são lembrados

IMPERFEITO

Voz Ativa

S. 1. monē–*ba*–*m*	lembrava
2. monē–*ba*–*s*	lembravas
3. monē–*ba*–*t*	lembrava
P. 1. mone–*bā*–*mus*	lembrávamos
2. mone–*bā*–*tis*	lembráveis
3. monē–*ba*–*nt*	lembravam

Voz Passiva

S. 1. monē–*ba*–*r*	era lembrado
2. mone–*bā*–*ris* (–*re*)	eras lembrado
3. mone–*bā*–*tur*	era lembrado
P. 1. mone–*bā*–*mur*	éramos lembrados
2. mone–*ba*–*mini*	éreis lembrados
3. mone–*bā*–*ntur*	eram lembrados

FUTURO IMPERFEITO

Voz Ativa

S. 1. monē–*bo*	lembrarei
2. monē–*bi–s*	lembrarás
3. monē–*bi–t*	lembrará
P. 1. mone–*bĭ–mus*	lembraremos
2. mone–*bĭ–tis*	lembrareis
3. monē–*bu–nt*	lembrarão

Voz Passiva

S. 1. monē–*bor*	serei lembrado
2. mone–*bĕ–ris* (*–re*)	serás lembrado
3. mone–*bĭ–tur*	será lembrado
P. 1. mone–*bĭ–mus*	seremos lembrados
2. mone–*bi–mĭni*	sereis lembrados
3. mone–*bū–ntur*	serão lembrados

PRETÉRITO PERFEITO

Voz Ativa

S. 1. monŭ–*i*	lembrei
2. monu–*īsti*	lembraste
3. monŭ–*it*	lembrou
P. 1. monu–*ĭmus*	lembramos
2. monu–*īstis*	lembrastes
3. monu–*ērunt* ou monu–*ēre*	lembraram

Voz Passiva

S. 1. *monĭ–tus, –a, –um sum*	fui lembrado
2. *monĭ–tus, –a, –um es*	fôste lembrado
3. *monĭ–tus, –a, –um est*	foi lembrado
P. 1. *monĭ–ti, –ae, –a sumus*	fomos lembrados
2. *monĭ–ti, –ae, –a estis*	fôstes lembrados
3. *monĭ–ti, –ae, –a sunt*	foram lembrados

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

Voz Ativa

S. 1. monu–*ĕra–m*	tinha lembrado
2. monu–*ĕra–s*	tinhas lembrado
3. monu–*ĕra–t*	tinha lembrado

P. 1. monu–*erā–mus*	tínhamos lembrado
2. monu–*erā–tis*	tínheis lembrado
3. monu–*ĕra–nt*	tinham lembrado

Voz Passiva

S. 1. *monĭ–tus, –a, –um eram*	fôra lembrado
2. *monĭ–tus, –a, –um eras*	fôras lembrado
3. *monĭ–tus, –a, –um erat*	fôra lembrado
P. 1. *monĭ–ti, –ae, –a erāmus*	fôramos lembrados
2. *monĭ–ti, –ae, –a erātis*	fôreis lembrados
3. *monĭ–ti, –ae, –a erant*	foram lembrados

FUTURO PERFEITO

Voz Ativa

S. 1. monu–*ĕro*	terei lembrado
2. monu–*ĕri–s*	terás lembrado
3. monu–*ĕri–t*	terá lembrado
P. 1. monu–*erĭ–mus*	teremos lembrado
2. monu–*erĭ–tis*	tereis lembrado
3. monu–*ĕri–nt*	terão lembrado

Voz Passiva

S. 1. *monĭ–tus, –a, –um ero*	terei sido lembrado
2. *monĭ–tus, –a, –um eris*	terás sido lembrado
3. *monĭ–tus, –a, –um erit*	terá sido lembrado
P. 1. *monĭ–ti, –ae, –a erĭmus*	teremos sido lembrados
2. *monĭ–ti, –ae, –a erĭtis*	tereis sido lembrados
3. *monĭ–ti, –ae, –a erunt*	terão sido lembrados

MODO IMPERATIVO

PRESENTE

S. 2. mon*e*	lembra
P. 2 monē–*te*	lembrai

FUTURO

S. 2. monē–*to*	lembra
3. monē–*to*	lembre
P. 2. mone–*tōte*	lembrai
3. monē–*nto*	lembrem

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE

Voz Ativa

S. 1. monĕ–*a*–*m*	lembre
2. monĕ–*a*–*s*	lembres
3. monĕ–*a*–*t*	lembre
P. 1. mone–*ā*–*mus*	lembremos
2. mone–*ā*–*tis*	lembreis
3. mone–*a*–*nt*	lembrem

Voz Passiva

S. 1. monĕ–*a*–*r*	seja lembrado
2. mone–*ā*–*ris* (–*re*)	sejas lembrado
3. mone–*ā*–*tur*	seja lembrado
P. 1. mone–*ā*–*mur*	sejamos lembrados
2. mone–*a*–*mĭni*	sejais lembrados
3. mone–*ā*–*ntur*	sejam lembrados

IMPERFEITO

Voz Ativa

S. 1. monē–*re*–*m*	lembrasse
2. monē–*re*–*s*	lembrasses
3. monē–*re*–*t*	lembrasse
P. 1. mone–*rē*–*mus*	lembrássemos
2. mone–*rē*–*tis*	lembrásseis
3. monē–*re*–*nt*	lembrassem

Voz Passiva

S. 1. monē–*re*–*r*	fôsse lembrado
2. mone–*rē*–*ris* (–*re*)	fôsses lembrado
3. mone–*rē*–*tur*	fôsse lembrado
P. 1. mone–*rē*–*mur*	fôssemos lembrados
2. mone–*re*–*mĭni*	fôsseis lembrados
3. mone–*rē*–*ntur*	fôssem lembrados

PRETÉRITO PERFEITO

Voz Ativa

S. 1. mon*u*–*ĕri*–*m*	tenha lembrado
2. mon*u*–*ĕri*–*s*	tenhas lembrado
3. mon*u*–*ĕri*–*t*	tenha lembrado

P. 1. monu–*erĭ–mus*	tenhamos lembrado
2. monu–*erĭ-tis*	tenhais lembrado
3. monu–*ĕri–nt*	tenham lembrado

Voz Passiva

S. 1. *monĭ–tus, –a, –um sim*	tenha sido lembrado
2. *monĭ–tus, –a, –um sis*	tenhas sido lembrado
3. *monĭ–tus, –a, –um sit*	tenha sido lembrado
P. 1. *monĭ–ti, –ae, –a simus*	tenhamos sido lembrados
2. *monĭ–ti, –ae, –a sitis*	tenhais sido lembrados
3. *monĭ–ti, –ae, –a sint*	tenham sido lembrados

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

Voz Ativa

S. 1. monu–*īsse–m*	tivesse lembrado
2. monu–*īsse–s*	tivesses lembrado
3. monu–*īsse–t*	tivesse lembrado
P. 1. monu–*issē–mus*	tivéssemos lembrado
2. monu–*issē–tis*	tivésseis lembrado
3. monu–*īsse–nt*	tivessem lembrado

Voz Passiva

S. 1. monĭ–*tus, –a, –um essem*	tivesse sido lembrado
2. monĭ–*tus, –a, –um esses*	tivesses sido lembrado
3. monĭ–*tus, –a, –um esset*	tivesse sido lembrado
P. 1. monĭ–*ti, –ae, –a essēmus*	tivéssemos sido lembrados
2. monĭ–*ti, –ae, –a essētis*	tivésseis sido lembrados
3. monĭ–*ti, –ae, –a essent*	tivessem sido lembrados

MODO INFINITIVO

PRESENTE

Voz Ativa		*Voz Passiva*	
monē–*re*	lembrar	monē–*ri*	ser lembrado

FUTURO

Voz Ativa			*Voz Passiva*	
m. monit–ūrum *f. monit–ūram* *n. monit–ūrum*	*esse*	que há de lembrar	*monĭ–tum iri*	haver de ser lembrado

PERFEITO

Voz Ativa

monu–*isse* ter lembrado

Voz Passiva

monĭ–tum
monĭ–tam } *esse* ter sido lembrado
monĭ–tum

PARTICÍPIOS

PRESENTE

Nom.	mone–*ns*	que lembra
Gen.	monē–*ntis*	

PASSADO

monĭ–*tus, –a, –um* lembrado

FUTURO

monit–ūrus, –a, –um *que está para lembrar*

GERÚNDIO

Gen.	mone–*ndi*	de lembrar
Dat.	mone–*ndo*	a lembrar
Acus.	(ad) mone–*ndum*	para lembrar
Abl.	mone–*ndo*	com lembrar, ou lembrando

GERUNDIVO

mone–*ndus, –a, –um* que há de ser lembrado

SUPINO I		SUPINO II	
monĭ–tum	a ou para lembrar	*monĭt–u*	a ou para lembrar

17. Terceira Conjugação: *legĕre* "ler"

(Tema verbal em consoante *–g–*)

MODO INDICATIVO

PRESENTE

Voz Ativa

S. 1. leg–*o*	leio
2. leg–*i–s*	lês
3. leg–*i–t*	lê
P. 1. leg–*ĭ–mus*	lemos
2. leg–*ĭ–tis*	lêdes
3. leg–*u–nt*	lêem

Voz Passiva

S. 1. leg–*o–r*	sou lido
2. leg–*ĕ–ris (–re)*	és lido
3. leg–*ĭ–tur*	é lido
P. 1. leg–*ĭ–mur*	somos lidos
2. leg–*i–mĭni*	sois lidos
3. leg–*ŭ–ntur*	são lidos

IMPERFEITO

Voz Ativa

S. 1. leg–*ē–ba–m*	lia
2. leg–*ē–ba–s*	lias
3. leg–*ē–ba–t*	lia
P. 1. leg–*e–bā–mus*	líamos
2. leg–*e–bā–tis*	líeis
3. leg–*ē–ba–nt*	liam

Voz Passiva

S. 1. leg–*ē–ba–r*	era lido
2. leg–*e–bā–ris (–re)*	eras lido
3. leg–*e–bā–tur*	era lido
P. 1. leg–*e–bā–mur*	éramos lidos
2. leg–*e–ba–mĭni*	éreis lidos
3. leg–*e–bā–ntur*	eram lidos

FUTURO IMPERFEITO

Voz Ativa

S. 1. leg–*a–m*	lerei
2. leg–*e–s*	lerás
3. leg–*e–t*	lerá
P. 1. leg–*ē–mus*	leremos
2. leg–*ē–tis*	lereis
3. leg–*e–nt*	lerão

Voz Passiva

S. 1. leg–*a–r*	serei lido
2. leg–*ē–ris (–re)*	serás lido
3. leg–*ē–tur*	será lido
P. 1. leg–*ē–mur*	seremos lidos
2. leg–*e–mĭni*	sereis lidos
3. leg–*ē–ntur*	serão lidos

PRETÉRITO PERFEITO

Voz Ativa

S. 1. leg–*i*	li
2. leg–*isti*	lêste
3. leg–*i–t*	leu
P. 1. leg–*i–mus*	lemos
2. leg–*istis*	lêstes
3. leg–*ē–runt*	leram

Voz Passiva

S. 1. *lec–tus, –a, –um sum*	fui lido
2. *lec–tus, –a, –um es*	fôste lido
3. *lec–tus, –a, –um est*	foi lido
P. 1. *lec–ti, –ae, –a sumus*	fomos lidos
2. *lec–ti, –ae, –a estis*	fôstes lidos
3. *lec–ti, –ae, –a sunt*	foram lidos

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

Voz Ativa

S. 1. leg–*ĕra–m*	tinha lido
2. leg–*ĕra–s*	tinhas lido
3. leg–*ĕra–t*	tinha lido

INDEX

P. 1. leg—*erā—mus*	tínhamos lido
2. leg—*erā—tis*	tínheis lido
3. leg—*ĕra—nt*	tinham lido

Voz Passiva

S. 1. *lec—tus, —a, —um eram*	tinha sido lido
2. *lec—tus, —a,— um eras*	tinhas sido lido
3. *lec—tus, —a, —um erat*	tinha sido lido
P. 1. *lec—ti, —ae, —a erāmus*	tínhamos sido lidos
2. *lec—ti, —ae, —a erātis*	tínheis sido lidos
3. *lec—ti, —ae, —a erant*	tinham sido lidos

FUTURO PERFEITO

Voz Ativa

S. 1. leg—*ĕro*	terei lido
2. leg—*ĕri—s*	terás lido
3. leg—*ĕri—t*	terá lido
P. 1. leg—*erĭ—mus*	teremos lido
2. leg—*erĭ—tis*	tereis lido
3. leg—*ĕri—nt*	terão lido

Voz Passiva

S. 1. *lec—tus, —a, —um ero*	terei sido lido
2. *lec—tus, —a, —um eris*	terás sido lido
3. *lec—tus, —a, —um erit*	terá sido lido
P. 1. *lec—ti, —ae, —a erĭmus*	teremos sido lidos
2. *lec—ti, —ae, —a erĭtis*	tereis sido lidos
3. *lec—ti, —ae, —a erunt*	terão sido lidos

MODO IMPERATIVO

PRESENTE

S. 2. leg—*e*	lê
P. 2. leg—*ĭ—te*	lede

FUTURO

S. 2. leg—*ĭ—to*	lê
3. leg—*ĭ—to*	leia
P. 2. leg—*i—tōte*	lede
3. leg—*ū—nto*	leiam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE

Voz Ativa

S. 1.	leg—*a—m*	leia
2.	leg—*a—s*	leias
3.	leg—*a—t*	leia
P. 1.	leg—*ā—mus*	leiamos
2.	leg—*ā—tis*	leiais
3.	leg—*a—nt*	leiam

Voz Passiva

S. 1.	leg—*a—r*	seja lido
2.	leg—*ā—ris (—re)*	sejas lido
3.	leg—*ā—tur*	seja lido
P. 1.	leg—*ā—mur*	sejamos lidos
2.	leg—*a—mĭni*	sejais lidos
3.	leg—*ā—ntur*	sejam lidos

IMPERFEITO

Voz Ativa

S. 1.	leg—*ĕ—re—m*	lesse
2.	leg—*ĕ—re—s*	lesses
3.	leg—*ĕ—re—t*	lesse
P. 1.	leg—*e—rē—mus*	lêssemos
2.	leg—*e—rē—tis*	lêsseis
3.	leg—*ĕ—re—nt*	lessem

Voz Passiva

S. 1.	leg—*e—re—r*	fôsse lido
2.	leg—*e—rē—ris (—re)*	fôsses lido
3.	leg—*e—rē—tur*	fôsse lido
P. 1.	leg—*e—rē—mur*	fôssemos lidos
2.	leg—*e—re—mĭni*	fôsseis lidos
3.	leg—*e—rē—ntur*	fôssem lidos

PRETÉRITO PERFEITO

Voz Ativa

S. 1.	leg—*ĕri—m*	tenha lido
2.	leg—*ĕri—s*	tenhas lido
3.	leg—*ĕri—t*	tenha lido

P. 1. leg–*erĭ–mus*	tenhamos lido
2. leg–*erĭ–tis*	tenhais lido
3. leg–*ĕri–nt*	tenham lido

Voz Passiva

S. 1. *lec–tus, –a, –um sim*	tenha sido lido
2. *lec–tus, –a, –um sis*	tenhas sido lido
3. *lec–tus, –a, –um sit*	tenha sido lido
P. 1. *lec–ti, –ae, –a simus*	tenhamos sido lidos
2. *lec–ti, –ae, –a sitis*	tenhais sido lidos
3. *lec–ti, –ae, –a sint*	tenham sido lidos

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

Voz Ativa

S. 1. leg–*īsse–m*	tivesse lido
2. leg–*īsse–s*	tivesses lido
3. leg–*īsse–t*	tivesse lido
P. 1. leg–*issē–mus*	tivéssemos lido
2. leg–*issē–tis*	tivésseis lido
3. leg–*īsse–nt*	tivessem lido

Voz Passiva

S. 1. *lec–tus, –a, –um essem*	tivesse sido lido
2. *lec–tus, –a, –um esses*	tivesses sido lido
3. *lec–tus, –a, –um esset*	tivesse sido lido
P. 1. *lec–ti, –ae, –a essēmus*	tivéssemos sido lidos
2. *lec–ti, –ae, –a essētis*	tivésseis sido lidos
3. *lec–ti, –ae,–a essent*	tivessem sido lidos

MODO INFINITIVO

PRESENTE

Voz Ativa

leg–*ĕ–re* — ler

Voz Passiva

leg–*i* — ser lido

FUTURO

Voz Ativa		*Voz Passiva*	
m. lec–*tūrum* / *f.* lec–*tūram* / *n.* lec–*tūrum* } *esse*	que há de ler	*lec–tum iri*	que há de ser lido

INDEX

PERFEITO

Voz Ativa

leg–*i*–*sse*	ter lido

Voz Passiva

lec–*tum, –am, –um esse*	ter sido lido

PARTICÍPIOS

PRESENTE

Nom.	leg–*e*–*ns*	que lê
Gen.	leg–*e*–*ntis*	

PASSADO

lec–tus, –a, –um	lido

FUTURO

lec–tūrus, –a, –um	que está para ler

GERÚNDIO

Gen.	leg–*e*–*ndi*	de ler
Dat.	leg–*e*–*ndo*	a ler
Acus.	(ad) *leg–e–ndum*	para ler
Abl.	leg–*e*–*ndo*	com ler, ou lendo

GERUNDIVO

leg–*e*–*ndus, –a, –um*	que há de ser lido

SUPINO I

lect–um	a ou para ler

SUPINO II

lect–u	a ou para ler

17 (bis). Terceira Conjugação: *capĕre*, "tomar"

(Tema verbal terminado em –ĭ–)

MODO INDICATIVO

PRESENTE

Voz Ativa

S. 1. capi–*o*	tomo
2. capi–*s*	tomas
3. capi–*t*	toma
P. 1. capĭ–*mus*	tomamos
2. capĭ–*tis*	tomais
3. capi–*unt*	tomam

Voz Passiva

S. 1. capĭ–*or*	sou tomado
2. capĕ–*ris (–re)*	és tomado
3. capĭ–*tur*	é tomado
P. 1. capĭ–*mur*	somos tomados
2. capi–*mĭni*	sois tomados
3. capi–*ŭ–ntur*	são tomados

IMPERFEITO

Voz Ativa

S. 1. capi–*ē–ba–m*	tomava
2. capi–*ē–ba–s*	tomavas
3. capi–*ē–ba–t*	tomava
P. 1. capi–*e–bā–mus*	tomávamos
2. capi–*e–bā–tis*	tomáveis
3. capi–*ē–ba–nt*	tomavam

Voz Passiva

S. 1. capi–*ē–ba–r*	era tomado
2. capi–*e–bā–ris (–re)*	eras tomado
3. capi–*e–bā–tur*	era tomado
P. 1. capi–*e–bā–mur*	éramos tomados
2. capi–*e–ba–mĭni*	éreis tomados
3. capi–*e–bā–ntur*	eram tomados

FUTURO IMPERFEITO

Voz Ativa

S. 1. capĭ—*a—m*	tomarei
2. capĭ—*e—s*	tomarás
3. capĭ—*e—t*	tomará
P. 1. capi—*ē—mus*	tomaremos
2. capi—*ē—tis*	tomareis
3. *capĭ—e—nt*	tomarão

Voz Passiva

S. 1. capĭ—*a—r*	serei tomado
2. capi—*ē—ris*	serás tomado
3. capĭ—e—~~nt~~ tur	será tomado
P. 1. capi—*ē—mur*	seremos tomados
2. capi—e—*mĭni*	sereis tomados
3. capi—*ē—ntur*	serão tomados

PRETÉRITO PERFEITO

Voz Ativa

S. 1. cep—*i*	tomei
2. cep—*ĭsti*	tomaste
3. cep—*it*	tomou
P. 1. cep—*ĭmus*	tomamos
2. cep—*ĭstis*	tomastes
3. cep—*ē—runt*	tomaram

Voz Passiva

S. 1. *cap—tus, —a, —um sum*	fui tomado
2. *cap—tus, —a, —um es*	fôste tomado
3. *cap—tus, —a, —um est*	foi tomado
P. 1. *cap—ti, —ae, —a sumus*	fomos tomados
2. *cap—ti, —ae, —a estis*	fôstes tomados
3. *cap—ti, —ae, —a sunt*	foram tomados

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

Voz Ativa

S. 1. cep—*ĕra—m*	tinha tomado
2. cep—*ĕra—s*	tinhas tomado
3. cep—*ĕra—t*	tinha tomado
P. 1. cep—*erā—mus*	tínhamos tomado
2. cep—*erā—tis*	tínheis tomado
3. cep—*ĕra—nt*	tinham tomado

INDEX

Voz Passiva

S.	1. *cap–tus, –a, –um eram*	tinha sido tomado
	2. *cap–tus, –a, –um eras*	tinhas sido tomado
	3. *cap–tus, –a, –um erat*	tinha sido tomado
P.	1. *cap–ti, –ae, –a erāmus*	tínhamos sido tomados
	2. *cap–ti, –ae, –a erātis*	tínheis sido tomados
	3. *cap–ti, –ae, –a erant*	tinham sido tomados

FUTURO PERFEITO

Voz Ativa

S.	1. cep*–ĕro*	terei tomado
	2. cep*–ĕri–s*	terás tomado
	3. cep*–ĕri–t*	terá tomado
P.	1. cep*–erĭ–mus*	teremos tomado
	2. cep*–erĭ–tis*	tereis tomado
	3. cep*–ĕri–nt*	terão tomado

Voz Passiva

S.	1. *cap–tus, –a, –um ero*	terei sido tomado
	2. *cap–tus, –a, –um eris*	terás sido tomado
	3. *cap–tus, –a, –um erit*	terá sido tomado
P.	1. *cap–ti, –ae, –a erĭmus*	teremos sido tomados
	2. *cap–ti, –ae, –a erĭtis*	tereis sido tomados
	3. *cap–ti, –ae, –a erunt*	terão sido tomados

MODO IMPERATIVO

PRESENTE

S.	2. cap*–e*	toma
P.	2. cap*–ĭ–te*	tomai

FUTURO

S.	2. cap*–ĭ–to*	toma
	3. cap*–ĭ–to*	tome
P.	2. cap*–i–tōte*	tomai
	3. cap*–i–ūnto*	tomem

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE

Voz Ativa

S.	1. capĭ*–a–m*	tome
	2. capĭ*–a–s*	tomes
	3. capĭ*–a–t*	tome

P.	1. capi–*ā–mus*	tomemos
	2. capi–*ā–tis*	tomeis
	3. capĭ–*a–nt*	tomem

Voz Passiva

S.	1. capĭ–*a–r*	seja tomado
	2. capi–*ā–ris*	sejas tomado
	3. capi–*ā–tur*	seja tomado
P.	1. capi–*ā–mur*	sejamos tomados
	2. capi–*a–mĭni*	sejais tomados
	3. capi–*ā–ntur*	sejam tomados

IMPERFEITO

Voz Ativa

S.	1. capĕ–*re–m*	tomasse
	2. capĕ–*re–s*	tomasses
	3. capĕ–*re–t*	tomasse
P.	1. cape–*rē–mus*	tomássemos
	2. cape–*rē–tis*	tomásseis
	3. capĕ–*re–nt*	tomassem

Voz Passiva

S.	1. cape–*re–r*	fôsse tomado
	2. cape–*rē–ris*	fôsses tomado
	3. cape–*rē–tur*	fôsse tomado
P.	1. cape–*rē–mur*	fôssemos tomados
	2. cape–*re–mĭni*	fôsseis tomados
	3. cape–*rē–ntur*	fôssem tomados

PRETÉRITO PERFEITO

Voz Ativa

S.	1. cep–*ĕri–m.*	tenha tomado
	2. cep–*ĕri–s*	tenhas tomado
	3. cep–*ĕri–t*	tenha tomado
P.	1. cep–*erĭ–mus*	tenhamos tomado
	2. cep–*erĭ–tis*	tenhais tomado
	3. cep–*ĕri–nt*	tenham tomado

Voz Passiva

S.	1. *cap–tus, –a, –um sim*	tenha sido tomado
	2. *cap–tus, –a, –um sis*	tenhas sido tomado
	3. *cap–tus, –a, –um sit*	tenha sido tomado
P.	1. *cap–ti, –ae, – a simus*	tenhamos sido tomados
	2. *cap–ti, –ae, –a sitis*	tenhais sido tomados
	3. *cap–ti, –ae, –a sint*	tenham sido tomados

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

Voz Ativa

S.	1. cep–*īsse–m*	tivesse tomado
	2. cep–*īsse–s*	tivesses tomado
	3. cep–*īsse–t*	tivesse tomado
P.	1. cep–*issē–mus*	tivéssemos tomado
	2. cep–*issē–tis*	tivésseis tomado
	3. cep–*īsse–nt*	tivessem tomado

Voz Passiva

S.	1. *cap–tus, –a, –um essem*	tivesse sido tomado
	2. *cap–tus, –a, –um esses*	tivesses sido tomado
	3. *cap–tus, –a, –um esset*	tivesse sido tomado
P.	1. *cap–ti, –ae, –a essēmus*	tivéssemos sido tomados
	2. *cap–ti, –ae, –a essētis*	tivésseis sido tomados
	3. cap–*ti, –ae, –a essent*	tivessem sido tomados

MODO INFINITIVO

PRESENTE

Voz Ativa		*Voz Passiva*	
cap–*ĕ–re*	tomar	cap–*i*	ser tomado

FUTURO

m. cap–*tūrum* *f.* cap–*tūram* *n.* cap–*tūrum*	*esse*	que há de tomar	*cap–tum iri*	que há de ser tomado

PERFEITO

Voz Ativa		*Voz Passiva*		
cep–*is–se*	ter tomado	*cap–tum* *cap–tam* *cap–tum*	*esse*	ter sido tomado

PARTICÍPIOS

PRESENTE		FUTURO	
Nom. capi–*e–ns*	que toma	cap–*tūrus*	
Gen. capi–*e–ntis*		cap–*tūra*	que está para tomar
		cap–*tūrum*	

PASSADO

cap–tus, –a, –um tomado

GERÚNDIO

Gen.	*capi–e–ndi*	de tomar
Dat.	capi–*e–ndo*	a tomar
Acus.	(ad) capi–*e–ndum*	para tomar
Abl.	capi–*e–ndo*	com tomar, ou tomando

GERUNDIVO

capi–*e–ndus, –a, –um* que deve ser tomado

SUPINO I		SUPINO II	
cap–tum	a ou para tomar	*cap–tu*	a ou para tomar

18. Quarta Conjugação: *audīre* "ouvir"

(Tema verbal terminado em –ī–)

MODO INDICATIVO

PRESENTE

Voz Ativa

S. 1. *audĭ–o*	ouço
2. audi–*s*	ouves
3. audi–*t*	ouve
P. 1. audī–*mus*	ouvimos
2. audī–*tis*	ouvis
3. audĭ–*u*–*nt*	ouvem

Voz Passiva

S. 1. audĭ–*o*–*r*	sou ouvido
2. audī–*ris* (–*re*)	és ouvido
3. audī–*tur*	é ouvido
P. 1. audī–*mur*	somos ouvidos
2. audi–*mĭni*	sois ouvidos
3. audi–*ŭ*–*ntur*	são ouvidos

IMPERFEITO

Voz Ativa

S. 1. audi–*ē*–*ba*–*m*	ouvia
2. audi–*ē*–*ba*–*s*	ouvias
3. audi–*ē*–*ba*–*t*	ouvia
P. 1. audi–*e*–*bā*–*mus*	ouvíamos
2. audi–*e*–*bā*–*tis*	ouvíeis
3. audi–*ē*–*ba*–*nt*	ouviam

Voz Passiva

S. 1. audi–*ē*–*ba*–*r*	era ouvido
2. audi–*e*–*bā*–*ris* (–*re*)	eras ouvido
3. audi–*e*–*bā*–*tur*	era ouvido
P. 1. audi–*e*–*bā*–*mur*	éramos ouvidos
2. audi–*e*–*ba*–*mĭni*	éreis ouvidos
3. audi–*e*–*bā*–*ntur*	eram ouvidos

FUTURO IMPERFEITO

Voz Ativa

S. 1. audĭ–*a–m*	ouvirei
2. audĭ–*e–s*	ouvirás
3. audĭ–*e–t*	ouvirá
P. 1. audi–*ē–mus*	ouviremos
2. audi–*ē–tis*	ouvireis
3. audĭ–*e–nt*	ouvirão

Voz Passiva

S. 1. audi–*a–r*	serei ouvido
2. audi–*ē–ris (–re)*	serás ouvido
3. audi–*ē–tur*	será ouvido
P. 1. audi–*ē–mur*	seremos ouvidos
2. audi–*e– mĭni*	sereis ouvidos
3. audi–*ē–ntur*	serão ouvidos

PRETÉRITO PERFEITO

Voz Ativa

S. 1. audīu–*i*	ouvi
2. audiu–*īsti*	ouviste
3. audīu–*it*	ouviu
P. 1. audiu–*ĭmus*	ouvimos
2. audiu–*īstis*	ouvistes
3. audiu–*ērunt*	ouviram

Voz Passiva

S. 1. *audī–tus, –a, –um sum*	fui ouvido
2. *audī–tus, –a, –um es*	fôste ouvido
3. *audī–tus, –a, –um est*	foi ouvido
P. 1. *audī–ti, –ae, –a sumus*	fomos ouvidos
2. *audī–ti, –ae, –a estis*	fôstes ouvidos
3. *audī–ti, –ae, –a sunt*	foram ouvidos

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

Voz Ativa

S. 1. audiu–*ĕra–m*	tinha ouvido
2. audiu–*ĕra–s*	tinhas ouvido
3. audiu–*ĕra–t*	tinha ouvido

P. 1. audiu—erā—mus	tínhamos ouvido
2. audiu—erā—tis	tínheis ouvido
3. audiu—ĕra—nt	tinham ouvido

Voz Passiva

S. 1. audī—tus, —a, —um eram	tinha sido ouvido
2. audī—tus, —a, —um eras	tinhas sido ouvido
3. audī—tus, —a, —um erat	tinha sido ouvido
P. 1. audī—ti, —ae, —a erāmus	tínhamos sido ouvidos
2. audī—ti, —ae, —a erātis	tínheis sido ouvidos
3. audī—ti, —ae, —a erant	tinham sido ouvidos

FUTURO PERFEITO

Voz Ativa

S. 1. audiu—ĕro	terei ouvido
2. audiu—ĕri—s	terás ouvido
3. audiu—ĕri—t	terá ouvido
P. 1. audiu—erĭ—mus	teremos ouvido
2. audiu—erĭ—tis	tereis ouvido
3. audiu—ĕri—nt	terão ouvido

Voz Passiva

S. 1. audī—tus, —a, —um ero	terei sido ouvido
2. audī—tus, —a, —um eris	terás sido ouvido
3. audī—tus, —a, —um erit	terá sido ouvido
P. 1. audī—ti, —ae, —a erĭmus	teremos sido ouvidos
2. audī—ti, —ae, —a erĭtis	tereis sido ouvidos
3. audī—ti, —ae, —a erunt	terão sido ouvidos

MODO IMPERATIVO

PRESENTE

S. 2. audi	ouve
P. 2. audī—te	ouvi

FUTURO

S. 2. audī—to	ouve
3. audī—to	ouça
P. 2. audi—tōte	ouvi
3. audi—ū—nto	ouçam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE

Voz Ativa

S. 1. audĭ–*a*–*m*	ouça
2. *audĭ*–*a*–*s*	ouças
3. audĭ–*a*–*t*	ouça
P. 1. aud*i*–*ā*–*mus*	ouçamos
2. aud*i*–*ā*–*tis*	ouçais
3. audĭ–*a*–*nt*	ouçam

Voz Passiva

S. 1. audĭ–*a*–*r*	seja ouvido
2. aud*i*–*ā*–*ris* (–*re*)	sejas ouvido
3. aud*i*–*ā*–*tur*	seja ouvido
P. 1. aud*i*–*ā*–*mur*	sejamos ouvidos
2. aud*i*–*a*–*mĭni*	sejais ouvidos
3. aud*i*–*ā*–*ntur*	sejam ouvidos

PRETÉRITO IMPERFEITO

Voz Ativa

S. 1. audī–*re*–*m*	ouvisse
2. audī–*re*–*s*	ouvisses
3. audī–*re*–*t*	ouvisse
P. 1. aud*i*–*rē*–*mus*	ouvíssemos
2. aud*i*–*rē*–*tis*	ouvísseis
3. audī–*re*–*nt*	ouvissem

Voz Passiva

S. 1. aud*i*–*re*–*r*	fôsse ouvido
2. aud*i*–*rē*–*ris* (–*re*)	fôsses ouvido
3. aud*i*–*rē*–*tur*	fôsse ouvido
P. 1. aud*i*–*rē*–*mur*	fôssemos ouvidos
2. aud*i*–*re*–*mĭni*	fôsseis ouvidos
3. aud*i*–*rē*–*ntur*	fôssem ouvidos

PRETÉRITO PERFEITO

Voz Ativa

S. 1. aud*iu*–*ĕri*–*m*	tenha ouvido
2. aud*iu*–*ĕri*–*s*	tenhas ouvido
3. aud*iu*–*ĕri*–*t*	tenha ouvido

P. 1. audi*u*—*erĭ*—*mus*	tenhamos ouvido
2. audi*u*—*erĭ*—*tis*	tenhais ouvido
3. audi*u*—*ĕri*—*nt*	tenham ouvido

Voz Passiva

S. 1. *audī—tus, —a, —um sim*	tenha sido ouvido
2. *audī—tus, —a, —um sis*	tenhas sido ouvido
3. *audī—tus, —a, —um sit*	tenha sido ouvido
P. 1. *audī—ti, —ae, —a simus*	tenhamos sido ouvidos
2. *audī—ti, —ae, —a sitis*	tenhais sido ouvidos
3. *audī—ti, —ae, —a sint*	tenham sido ouvidos

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

Voz Ativa

S. 1. audi*u*—*īsse*—*m*	tivesse ouvido
2. audi*u*—*īsse*—*s*	tivesses ouvido
3. audi*u*—*īsse*—*t*	tivesse ouvido
P. 1. audi*u*—*issē*—*mus*	tivéssemos ouvido
2. audi*u*—*issē*—*tis*	tivésseis ouvido
3. audi*u*—*īsse*—*nt*	tivessem ouvido

Voz Passiva

S. 1. *audī—tus, —a, —um essem*	tivesse sido ouvido
2. *audī—tus, —a, —um esses*	tivesses sido ouvido
3. *audī—tus, —a, —um esset*	tivesse sido ouvido
P. 1. *audī—ti, —ae, —a essēmus*	tivéssemos sido ouvidos
2. *audī—ti, —ae, —a essētis*	tivésseis sido ouvidos
3. *audī—ti, —ae, —a essent*	tivessem sido ouvidos

MODO INFINITIVO

PRESENTE

Voz Ativa		*Voz Passiva*	
audī—*re*	ouvir	*audī—ri*	ser ouvido

FUTURO

Voz Ativa			*Voz Passiva*	
m. audi—tūrum *f. audi—tūram* *n. audi—tūrum*	*esse*	que há de ouvir	*audī—tum iri*	haver de ser ouvido

PERFEITO

Voz Ativa		*Voz Passiva*	
audiu–*isse*	ter ouvido	*audī–tum* / *audī–tam* / *audī–tum* } *esse*	ter sido ouvido

PARTICÍPIOS

	PRESENTE		PASSADO	
Nom.	audi–*e–ns*	que ouve	*audī–tus, –a, –um*	ouvido
Gen.	audi–*ē–ntis*			

FUTURO

m. audi–tūrus
f. audi–tūra
n. audi–tūrum } que está para ouvir

GERÚNDIO

Gen.	audi–*ē–ndi*	de ouvir
Dat.	audi–*ē–ndo*	a ouvir
Acus.	(ad) audi–*ē–ndum*	para ouvir
Abl.	audi–*ē–ndo*	com ouvir, ou ouvindo

GERUNDIVO

audi–*ē–ndus, –a, –um* — que há de ser ouvido

SUPINO I		SUPINO II	
audī–tum	a ou para ouvir	*audī–tu*	a ou para ouvir

19. CONJUGAÇÃO DEPOENTE

Como vimos, chamam-se *verbos depoentes* aquêles que têm forma passiva e significado ativo. Esta é a sua única particularidade, seguindo assim o paradigma da voz passiva da conjugação a que pertencerem.

Primeira conjugação: *miror*, "admirar"; segunda conjugação: *uereor*, "respeitar" ; terceira conjugação: *utor*, "usar"; quarta conjugação: *partior*, "repartir".

MODO INDICATIVO

PRESENTE

miror	uerĕor	utor	partĭor
mirāris (-re)	uerēris (-re)	utĕris (-re)	partīris (-re)
mirātur	uerētur	utĭtur	partītur
mirāmur	uerēmur	utĭmur	partīmur
miramĭni	ueremĭni	utimĭni	partimĭni
mirāntur	uerēntur	utūntur	partiūntur

IMPERFEITO

mirābar	uerēbar	utēbar	partiēbar
mirabāris (-re)	uerebāris (-re)	utebāris (-re)	partiebāris (-re)
mirabātur	uerebātur	utebātur	partiebātur
mirabāmur	uerebāmur	utebāmur	partiebāmur
mirabamĭni	uerebamĭni	utebamĭni	partiebamĭni
mirabāntur	uerebāntur	utebāntur	partiebāntur

FUTURO IMPERFEITO

mirābor	uerēbor	utar	partiar
mirabĕris (-re)	uerebĕris (-re)	utēris (-re)	partiēris (-re)
mirabĭtur	uerebĭtur	utētur	partiētur
mirabĭmur	uerebĭmur	utēmur	partiēmur
mirabimĭni	uerebimĭni	utemĭni	partiemĭni
mirabūntur	uerebūntur	utēntur	partiēntur

PRETÉRITO PERFEITO

mirātus, —a, —um sum	uerĭtus, —a, —um sum
mirātus, —a, —um es	uerĭtus, —a, —um es
mirātus, —a, —um est	uerĭtus, —a, —um est
mirāti, —ae, —a sumus	uerĭti, —ae, —a sumus
mirāti, —ae, —a estis	uerĭti, —ae, —a estis
mirāti, —ae, —a sunt	uerĭti, —ae, —a sunt

INDEX

usus, –a, –um sum	partītus, –a, –um sum
usus, –a, –um es	partītus, –a, –um es
usus, –a, –um est	partītus, –a, –um est
usi, –ae, –a sumus	partīti, –ae, –a sumus
usi, –ae, –a estis	partīti, –ae, –a estis
usi, –ae, –a sunt	partīti, –ae, –a sunt

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

mirātus, –a, –um eram	uerĭtus, –a, –um eram
mirātus, –a, –um eras	uerĭtus, –a, –um eras
mirātus, –a, –um erat	uerĭtus, –a, –um erat
mirāti, –ae, –a erāmus	uerĭti, –ae, –a erāmus
mirāti, –ae, –a erātis	uerĭti, –ae, –a erātis
mirāti, –ae, –a erant	uerĭti, –ae, –a erant
usus, –a, –um eram	partītus, –a, –um eram
usus, –a, –um eras	partītus, –a, –um eras
usus, –a, –um erat	partītus, –a, –um erat
usi, –ae, –a erāmus	partīti, –ae, –a erāmus
usi, –ae, –a erātis	partīti, –ae, –a erātis
usi, –ae, –a erant	partīti, –ae, –a erant

FUTURO PERFEITO

mirātus, –a, –um ero	uerĭtus, –a, –um ero
mirātus, –a, –um eris	uerĭtus, –a, –um eris
mirātus, –a, –um erit	uerĭtus, –a, –um erit
mirāti, –ae, –a erĭmus	uerĭti, –ae, –a erĭmus
mirāti, –ae, –a erĭtis	uerĭti, –ae, –a erĭtis
mirāti, –ae, –a erunt	uerĭti, –ae, –a erunt
usus, –a, –um ero	partītus, –a, –um ero
usus, –a, –um eris	partītus, –a, –um eris
usus, –a, –um erit	partītus, –a, –um erit
usi, –ae, –a erĭmus	partīti, –ae, –a erĭmus
usi, –ae, –a erĭtis	partīti, –ae, –a erĭtis
usi, –ae, –a erunt	partīti, –ae, –a erunt

MODO IMPERATIVO

PRESENTE

mirāre	uerēre	utimĭni	partīre
miramĭni	ueremĭni	utĕre	partimĭni

FUTURO

mirātor	uerētor	utĭtor	partĭtor
mirāntor	uerēntor	utūntor	partiūntor

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE

mirer	uerĕar	utar	partĭar
mirēris (-re)	uereāris (-re)	utāris (-re)	partiāris (-re)
mirētur	uereātur	utātur	partiātur
mirēmur	uereāmur	utāmur	partiāmur
miremĭni	uereamĭni	utamĭni	partiamĭni
mirēntur	uereāntur	utāntur	partiāntur

PRETÉRITO IMPERFEITO

mirārer	uerērer	utĕrer	partīrer
mirarēris (-re)	uererēris (-re)	uterēris (-re)	partirēris (-re)
mirarētur	uererētur	uterētur	partirētur
mirarēmur	uererēmur	uterēmur	partirēmur
miraremĭni	uereremĭni	uteremĭni	partiremĭni
mirarēntur	uererēntur	uterēntur	partirēntur

PRETÉRITO PERFEITO

mirātus, –a, –um sim	uerĭtus, –a, –um sim
mirātus, –a, –um sis	uerĭtus, –a, –um sis
mirātus, –a, –um sit	uerĭtus, –a, –um sit
mirāti, –ae, –a simus	uerĭti, –ae, –a simus
mirāti, –ae, –a sitis	uerĭti, –ae, –a sitis
mirāti, –ae, –a sint	uerĭti, –ae, –a sint
usus, –a, –um sim	partītus, –a, –um sim
usus, –a, –um sis	partītus, –a, –um sis
usus, –a, –um sit	partītus, –a, –um sit
usi, –ae, –a simus	partīti, –ae, –a simus
usi, –ae, –a sitis	partīti, –ae, –a sitis
usi, –ae, –a sint	partīti, ae, –a sint

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

mirātus, –a, –um essem	uerĭtus, –a, –um essem
mirātus, –a, –um esses	uerĭtus, –a, –um esses
mirātus, –a, –um esset	uerĭtus, –a, –um esset
mirāti, –ae, –a essēmus	uerĭti, –ae, –a essēmus
mirāti, –ae, –a essētis	uerĭti, –ae, –a essētis
mirāti, –ae, –a essent	uerĭti, –ae, –a essent
usus, –a, –um essem	partītus, –a, –um essem
usus, –a, –um esses	partītus, –a, –um esses
usus, –a, –um esset	partītus, –a, –um esset

usi, —ae,—a essēmus	partīti, —ae, —a essēmus
usi, —ae,—a essētis	partīti, —ae, —a essētis
usi, —ae,—a essent	partīti, —ae, —a essent

MODO INFINITIVO

PRESENTE

mirāri	uerēri	uti	partīri

PERFEITO

mirātum esse	uerĭtum esse	usum esse	partītum esse

FUTURO

miratūrum esse	ueritūrum esse	usūrum esse	partitūrum esse

PARTICÍPIOS

PRESENTE

mirans	uerens	utens	partĭens

PASSADO

mirātus, —a, —um	uerĭtus, —a, —um
usus, —a, —um	partītus, —a, —um

FUTURO

miratūrus, —a, —um	ueritūrus, —a, —um
usūrus, —a, —um	partitūrus, —a, —um

I. Como acabamos de ver, os depoentes têm os particípios de ambas as vozes: *mirans, uerens, utens, partiens,* e *mirātus, uerĭtus, usus, partītus*; bem como o gerúndio e o gerundivo: *mirandi, uerendi, utendi, partiendi,* e *mirandus, uerendus, utendus, partiendus.*

II. A maioria dos verbos depoentes pertence à primeira conjugação, sendo todos regulares. Passaremos a mencionar os depoentes que se afastam dos paradigmas regulares vistos acima:

adsentĭor, —i, adsensus sum, dar seu assentimento;
apiscor, —scī, aptus sum, atingir;
defetiscor, —scī, defessus sum, fatigar-se;
expergiscor, —scī, experrectus sum, despertar;
experĭor, —īri, expertus sum, experimentar;
fatĕor, —ēri, fassus sum, confessar;

fruor, —i, fructus e *fruĭtus sum,* gozar de ;
gradĭor, —i, gressus sum, caminhar ;
irascor, —i, irātus sum, enraivecer-se ;
labor, —i, lapsus sum, cair ;
loquor, —i, locūtus sum, falar ;
metĭor, —īri, mensus sum, medir ;
morĭor, —i, e *—īri, mortŭus sum,* morrer ;
nanciscor, —i, nactus e *nanctus sum,* achar ;
nascor, —i, natus sum, nascer ;
nitor, — i, nisus sum, e *nixus sum,* apoiar-se ;
obliuiscor, —sci, oblītus sum, esquecer-se ;
opperĭor, —īri, oppertus sum, esperar ;
ordĭor, —īri, orsus sum, urdir ;
orĭor, —īri, ortus sum, levantar-se ;
paciscor, —sci, pactus sum, fazer um pacto ;
patĭor, —i, passus sum, sofrer ;
proficiscor, —sci, profectus sum, partir ;
queror, —i, questus sum, queixar-se ;
reor, reri, ratus sum, pensar ;
reuertor, —i, reuersus sum, voltar ;
sequor, —i, secutus sum, seguir ;
tuĕor, —ēri, tuĭtus e *tutus sum,* olhar ;
ulciscor, —sci, ultus sum, vingar ;
utor, —i, —usus sum, usar.

III. Alguns verbos têm nos tempos do *infectum* as formas ativas, seguindo no *perfectum* a conjugação dos depoentes, razão por que são geralmente denominados *semi-depoentes*. São êles os seguintes:
audĕo, —ēre, ausus sum, ousar ;
fido, —ĕre, fisus sum, fiar-se ;
gaudĕo, —ēre, gauīsus sum, regozijar-se ;
solĕo, —ēre, solĭtus sum, estar habituado.

IV. Os verbos *uapŭlo, —āre, —āui, —ātum,* "ser batido", e *uenĕo, —ire, uenĭi,* "ser vendido", por terem sentido passivo e forma ativa, são chamados imprópriamente de depoentes ativos, ou neutro-passivos.

20. VERBOS IRREGULARES

I. *Verbos irregulares* são aquêles que se afastam dos paradigmas regulares de sua conjugação. Observa-se, entretanto, que êstes mesmos verbos irregulares, de um modo geral, obedecem às normas de formação dos tempos, deixando de segui-las, muitas vêzes, apenas aparentemente, numa forma ou noutra.

Começaremos pelo estudo do verbo *sum* e de seus compostos, os quais se conjugam por êle.

II. Verbo *Sum* "ser ou estar";

MODO INDICATIVO

PRESENTE	IMPERFEITO	FUTURO IMPERF.
sum	eram	ero
es	eras	eris
est	erat	erit
sumus	erāmus	erĭmus
estis	erātis	erĭtis
sunt	erant	erunt

PRET. PERF.	PRET. M. Q. PERF.	FUTURO PERF.
fui	fuĕram	fuĕro
fuīsti	fuĕras	fuĕris
fuit	fuĕrat	fuĕrit
fuĭmus	fuerāmus	fuerĭmus
fuīstis	fuerātis	fuerĭtis
fuērunt	fuĕrant	fuĕrint

MODO IMPERATIVO

PRESENTE	FUTURO
es	esto
este	esto
	estōte
	sunto

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	IMPERFEITO	PERFEITO
sim	essem	fuĕrim
sis	esses	fuĕris
sit	esset	fuĕrit

simus	essēmus	fuerĭmus
sitis	essētis	fuerītis
sint	essent	fuĕrint

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

fuīssem	fuissēmus
fuīsses	fuissētis
fuīsset	fuīssent

MODO INFINITIVO

PRESENTE	PERFEITO	FUTURO
esse	fuīsse	futūrum
		futūram
		futūrum

PARTICÍPIO

FUTURO

futūrus, futūra, futūrum

a) Composto de *sum*: *possum* "poder".

MODO INDICATIVO	MODO SUBJUNTIVO	MODO INFINITIVO
	PRESENTE	
possum	possim	
potes	possis	
potest	possit	posse
possŭmus	possīmus	
potēstis	possītis	
possunt	possint	
	IMPERFEITO	
potĕram	possem	
potĕras	posses	
potĕrat	posset	
poterāmus	possēmus	
poterātis	possētis	
potĕrant	possent	

MODO INDICATIVO	MODO SUBJUNTIVO	MODO INFINITIVO
	FUTURO IMPERFEITO	
potĕro		
potĕris		
potĕrit		
poterĭmus		
poterĭtis		
potĕrunt		
	PRETÉRITO PERFEITO	
potŭi	potuĕrim	
potuīsti	potuĕris	
potŭit	potuĕrit	potuīsse
potuĭmus	potuerĭmus	
potuīstis	potuerĭtis	
potuērunt ou potuēre	potuĕrint	
	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	
potuĕram	potuīssem	
potuĕras	potuīsses	
potuĕrat	potuīsset	
potuerāmus	potuissēmuss	
potuerātis	potuissētis	
potuĕrant	potuīssent	
	FUTURO PERFEITO	
potuĕro		
potuĕris		
potuĕrit		
potuerĭmus		
potuerĭtis		
potuĕrint		

Observações:

1) Os demais compostos de *sum* são os seguintes:
absum, abes, abesse, afui — estar ausente;
adsum, ades, adesse, adfui — estar presente;
desum, dees, deesse, defui — faltar;
insum, ines, inesse, infui — estar dentro;

INDEX

intersum, interes, interesse, interfui — participar;
obsum, obes, obesse, offui — obstar;
praesum, praees, praeesse, praefui — estar à frente, presidir;
prosum, prodes, prodesse, profui — ser útil;
subsum, subes, subesse, subfui — estar abaixo;
supersum, superes, superesse, superfui — restar.

2) *Insum, intersum, praesum, subsum* e *supersum* conjugam-se exatamente como *sum*.

3) *Absum*, de *ab* e *sum*, nas formas do verbo *sum* em que há *f*, isto é, nos tempos de ação completa, perde o *b*: *afui, afueram, afuero, afuerim, afuissem*. Mas *obsum* o assimila ao *f*, donde: *offui, offueram, offuero*, etc.

4) *Prosum*, composto de *prod* e *sum*, nas formas do verbo *sum* começadas por vogal, conserva o *d*, nas outras o perde: *prosum, prodes, prodest, prosumus, prosim*, etc.

5) De todos os compostos de *sum* só *possum* passou para o português, dando o nosso verbo "poder", cujo infinitivo se formou de uma forma popular *potēre*.

6) No presente do subjuntivo, o verbo *sum* apresentava ainda as seguintes formas, no latim arcaico: *siem, sies, siet, sient;* e *fuam, fuas, fuat, fuant*. No imperfeito do subjuntivo, até no período clássico, eram freqüentes as seguintes formas: *forem, fores, foret, forent*.

III. *Volo* "querer"; *nolo* "não querer"; *malo* "preferir":

MODO INDICATIVO

PRESENTE

uolo	nolo	malo
uis	non uis	mauis
uult	non uult	mauult
uolŭmus	nolŭmus	malŭmus
uultis	non uultis	mauūltis
uolunt	nolunt	malunt

IMPERFEITO

uolēbam	nolēbam	malēbam
uolēbas	nolēbas	malēbas
uolēbat	nolēbat	malēbat
uolebāmus	nolebāmus	malebāmus
uolebātis	nolebātis	malebātis
uolēbant	nolēbant	malēbant

FUTURO IMPERFEITO

uolam	nolam	malam
uoles	noles	males
uolet	nolet	malet

uolēmus	nolēmus	malēmus
uolētis	nolētis	malētis
uolent	nolent	malent

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE

uelim	nolim	malim
uelis	nolis	malis
uelit	nolit	malit
uelīmus	nolīmus	malīmus
uelītis	nolītis	malītis
uelint	nolint	malint

IMPERFEITO

uellem	nollem	mallem
uelles	nolles	malles
uellet	nollet	mallet
uellēmus	nollēmus	mallēmus
uellētis	nollētis	mallētis
uellent	nollent	mallent

MODO IMPERATIVO

PRESENTE	FUTURO
noli	nolīto
nolīte	nolitōte

MODO INFINITIVO

PRESENTE

uelle	nolle	malle

PARTICÍPIO

PRESENTE

uolens (nolens)

Observações:

1) Os tempos de ação completa são formados regularmente (segundo as normas estudadas na formação de tempos) dos radicais de *perfectum* *uolu-i, nolu-i, malu-i.*

2) Nos tempos de ação incompleta, formados do radical do *infectum*, o verbo *uolo* apresenta as seguintes formas irregulares: Indicativo presente, 2.ª pessoa do singular, *uis*, 3.ª do singular *uult* ou *uolt* e 2.ª do plural *uultis* ou *uoltis;* Subjuntivo presente com um sufixo *-i-*, que também aparece no verbo *sum* e seus compostos, e mudança da vogal do radical de *-o-* para *-e-* *uelim*, *uelis*, etc. Imperfeito do Subjuntivo *uellem*, *uelles*, etc., com mudança da vogal do radical como no presente do Subjuntivo. Infinitivo presente: *uelle*, com a mesma mudança de vogal do radical. Não tem Imperativo.

3) Os verbos *nolo* e *malo* seguem exatamente a conjugação de *uolo*, observando-se apenas que *nolo* apresenta formas de Imperativo.

IV. *Fero, fers, ferre, tuli, latum* "levar ou trazer".

MODO INDICATIVO

PRESENTE

Voz Ativa	*Voz Passiva*
fero	feror
fers	ferris
fert	fertur
ferĭmus	ferĭmur
fertis	ferimĭni
ferunt	feruntur

IMPERFEITO

ferēbam	ferēbar
ferēbas	ferebāris
ferēbat	ferebātur
ferebāmus	ferebāmur
ferebātis	ferebamĭni
ferēbant	ferebāntur

FUTURO IMPERFEITO

feram	ferar
feres	ferēris
feret	ferētur
ferēmus	ferēmur
ferētis	feremĭni
ferent	ferentur

PRETÉRITO PERFEITO

tuli	latus, –a, –um sum
tulisti	latus, –a, –um es
tulit	latus, –a, –um est

tulĭmus	lati, —ae, —a sumus
tulistis	lati, —ae, —a estis
tulērunt	lati, —ae, —a sunt

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

tulĕram	latus, —a, —um eram
tulĕras	latus, —a, —um eras
tulĕrat	latus, —a, —um erat
tulerāmus	lati, —ae, —a erāmus
tulerātis	lati, —ae, —a erātis
tulĕrant	lati, —ae, —a erant

FUTURO PERFEITO

tulĕro	latus, —a, —um ero
tulĕris	latus, —a, —um eris
tulĕrit	latus, —a, —um erit
tulerĭmus	lati, —ae, —a erĭmus
tulerĭtis	lati, —ae, —a erĭtis
tulĕrint	lati, —ae, —a erunt

MODO IMPERATIVO

PRESENTE	FUTURO
fer	ferto
ferte	ferto
	fertōte
	ferunto

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE

Voz Ativa	*Voz Passiva*
feram	ferar
feras	ferāris
ferat	ferātur
ferāmus	ferāmur
ferātis	feramĭni
ferant	ferāntur

IMPERFEITO

ferrem	ferrer
ferres	ferrēris
ferret	ferrētur
ferrēmus	ferrēmur
ferrētis	ferremĭni
ferrent	ferrēntur

PRETÉRITO PERFEITO

tulĕrim	latus, —a, —um sim
tulĕris	latus, —a, —um sis
tulĕrit	latus, —a, —um sit
tulerĭmus	lati, —ae, —a simus
tulerĭtis	lati, —ae, —a sitis
tulĕrint	lati, —ae, —a sint

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

tulīssem	latus, —a, —um essem
tulīsses	latus, —a, —um esses
tulīsset	latus, —a, —um esset
tulissēmus	lati, —ae, —a essēmus
tulissētis	lati, —ae, —a essētis
tulīssent	lati, —ae, —a essent

MODO INFINITIVO

PRESENTE

Voz Ativa	*Voz Passiva*
ferre	ferri

PERFEITO

tulisse	latum esse

FUTURO

latūrum esse	latum iri

PARTICÍPIOS

PRESENTE	PASSADO	FUTURO
ferens, ferentis	latus, —a, —um	laturus, —a, —um

GERÚNDIO

ferendi, —ndo, — ndum, —ndo

GERUNDIVO

ferendus,—a,—um

Observações:

1) Os tempos de ação completa, formados na voz ativa do radical do *perfectum tul-* e na passiva com o Particípio *latus, -a, -um*, obedecem normalmente às normas gerais da formação de tempos. Dos tempos de ação incompleta só as 2.ª e 3.ª pessoas do singular e a 2.ª do plural do Indicativo presente, Imperativo, Imperfeito do Subjuntivo e Infinitivo presente se afastam dos paradigmas regulares.

2) Seguem a conjugação de *fero* todos os seus compostos.

V. *Eo, is, ire, itum* "ir".

MODO INDICATIVO	MODO SUBJUNTIVO	MODO INFINITIVO
	PRESENTE	
eo	eam	ire
is	eas	
it	eat	
imus	eāmus	
itis	eātis	
eunt	eant	
	PRETÉRITO IMPERFEITO	
ibam	irem	
ibas	ires	
ibat	iret	
ibāmus	irēmus	
ibātis	irētis	
ibant	irent	
	PRETÉRITO PERFEITO	
ii (iui)	iĕrim	
isti	iĕris	
iit, it	iĕrit	
iimus	ierĭmus	isse
istis	ierĭtis	
iērunt	iĕrint	
	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	
iĕram	issem	
iĕras	isses	
iĕrat	isset	
ierāmus	issēmus	
ierātis	issētis	
iĕrant	issent	
FUTURO IMPERFEITO		
ibo		
ibĭs		
ibit		
ibĭmus		
ibĭtis		
ibunt		
FUTURO PERFEITO		
iĕro		
iĕris		
iĕrit		

ierĭmus
ierĭtis
iĕrint

MODO IMPERATIVO

PRESENTE	FUTURO
i	ito
ite	itōte

GERÚNDIO

Gen. eundi
Dat.-Abl. eundo
Acus. (ad) eundum

SUPINO I	SUPINO II
itum	itu

PARTICÍPIOS

PRESENTE	FUTURO
iens, euntis	itūrus, —a, —um

MODO INFINITIVO

FUTURO

itūrum, —am, —um esse

Observações:

1) Nos tempos do perfectum as formas em *-iu-* são raras, embora atestadas. Nos compostos de *eo,* porém, não são usadas, exceto *ambio,* que tem o perfeito *ambiui.*

2) Seguem a conjugação de *eo* os seus compostos: *abĕo* "ir-se embora", *adĕo* "ir para", "aproximar-se", *antеĕо* "ultrapassar", *circumĕo* "cercar", *coĕo* "ir junto", "reunir-se", *exĕo* "sair", *inĕo* "entrar", "começar", *interĕo* "perder-se", "morrer", *obĕo* "encontrar", *perĕo* "desaparecer", "morrer", *praeĕo* "preceder", *praeterĕo* "passar", "ultrapassar", "omitir", *redĕo* "voltar", *subĕo* "aproximar-se", *transĕo* "ir além", "passar".

3) *Ambio* "ir em volta de" conjuga-se como um verbo regular da quarta conjugação, tendo, porém, mais comumente, o pretérito imperfeito do indicativo *ambibam,* em vez de *ambiēbam.*

4) Os verbos *queo* "poder", e *nequĕo* "não poder", talvez também compostos de *eo,* nas formas em que são empregados, seguem a conjugação dêste verbo. Note-se que não têm imperativo.

VI. O verbo *do* "dar", além do perfectum reduplicado (*dedi*), apresenta o *–a–* breve em tôda a conjugação, exceto na segunda pessoa do singular do indicativo presente e na segunda do singular do imperativo presente: *dās, dā*. Quanto ao mais, segue exatamente as regras da formação de tempos. Seus compostos, em geral, seguem a terceira conjugação: *abdo* "pôr de lado", "afastar", *condo* "reunir", "fundar", *dedo* "dar sem condições", *dido* "repartir", *edo* "publicar", *perdo* "perder", *prodo* "trair", *reddo* "restituir", *trado* "entregar", "trair".

VII. *Edo* "comer", além da conjugação regular (*edo, edis, edĕre, edi, esum*), apresenta as seguintes formas irregulares :

Indicativo presente : *ēs, ēst, ēstis ;* imperativo: *ēs, ēste, ĕsto, estōte ;* presente do subjuntivo: *edim, edis, edit, edīmus, edītis, edint;* imperfeito do subjuntivo: *essem, esses, esset, essēmus, essētis, essent;* infinitivo presente: *esse*.

VIII. *Fio* "tornar-se, ser feito".

MODO INDICATIVO	MODO SUBJUNTIVO	MODO INFINITIVO
	PRESENTE	
fio	fiam	
fis	fias	
fit	fiat	fiĕri
(fimus)	fiāmus	
(fitis)	fiātis	
(fiunt)	fiant	
	PRETÉRITO IMPERFEITO	
fiēbam	fiĕrem	
fiēbas	fiĕres	
fiēbat	fiĕret	
fiebāmus	fierēmus	
fiebātis	fierētis	
fiēbant	fiĕrent	
	FUTURO	
fiam		
fies		
fiet		
fiēmus		
fiētis		
fient		

INDEX

Observações:

1) O verbo *fio* serve de passiva ao verbo *facio*, só sendo conjugado nas formas do *infectum*, como acima. Nos tempos de ação completa, é suprido pelas formas passivas do verbo *facio*, que por seu turno também não tem conjugação passiva própria para os tempos de ação incompleta. Assim, o perfeito e os demais tempos do *perfectum* são formados com o Particípio passado do verbo *facio* e o auxiliar *sum*: *factus, -a, -um, sum, es, est*, etc.

2) O verbo *fio* não tem Imperativo.

21. VERBOS CUJO TEMA DO PERFEITO E DO SUPINO SE AFASTA DOS PARADIGMAS REGULARES

Os seguintes verbos, chamados impròpriamente irregulares, afastam-se no Perfeito e no Supino da formação dos temas dos paradigmas regulares. Alguns apresentam esta anomalia apenas com relação ao perfeito, outros ùnicamente com relação ao supino. Há os que são defectivos no perfeito, ou mais freqüentemente no supino, ou em ambos. E, finalmente, há os que além das formas ditas irregulares de perfeito e de supino também, por efeito da analogia, são usados nas formas regularmente formadas segundo os paradigmas de suas conjugações. Note-se, porém, que, no que diz respeito à formação dos tempos pròpriamente dita, êles seguem exatamente as regras de formação mencionadas nos ns. 13 e 14 dêste capítulo. Assim, daremos aqui as formas ditas primitivas: primeira e segunda pessoas do singular do Indicativo presente, Infinitivo presente, primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do Indicativo, supino. Quando o verbo fôr defectivo em qualquer destas formas, o que determina que também o seja nas que se derivam delas, assinalaremos o fato por um simples travessão. No caso de serem usadas formas duplas, isto é, além das chamadas irregulares, as que se moldaram pelo paradigma da respectiva conjugação, consignaremos ambas as formas. Enfim, só constarão da presente lista os verbos simples, sendo excluídos aquêles que já tiverem sido estudados nos ns. 20 e 22 dêste capítulo. Qualquer dúvida a respeito dos verbos, principalmente dos compostos, será fàcilmente resolvida com a consulta ao dicionário.

acĕo, –es, –ēre, acŭi, –, ser picante ou agudo.
acŭo, –is, –ĕre, acŭi, acūtum, tornar agudo.
aegrĕo, –es, –ēre, –, –, estar doente.
ago, –is, –ĕre, ēgi, actum, impelir, fazer avançar.
albĕo, –es, –ēre, –, –, alvejar.
algĕo, –es, –ēre, alsi, –, ter frio.
alo, –is, –ĕre, alŭi, altum e *alitum*, alimentar.
amarēsco, –is, –ĕre, –, –, tornar-se amargo.

ango, –is, –ĕre, anxi, anctum, apertar.
arcĕo, –es, –ēre, arcŭi, –, conter, reter.
ardĕo, –es, ēre, arsi, –arsum, arder.
arĕo, –es, –ēre, arŭi, –, estar sêco.
argŭo, –is, –ĕre, argŭi, argūtum, indicar.
battŭo, –is, –ĕre, battŭi, –, bater.
beto, –is, –ĕre, –, –, caminhar.
bibo, –is, –ĕre, bibi, bibĭtum, beber.
bullo, –as, –āre, –, –, ferver.
cado, –is, –ĕre, cecĭdi, casum, cair.
caedo, –is, –ĕre, cecīdi, caesum, cortar.
calĕo, –es, –ēre, calŭi, –, estar quente.
callĕo, –es, –ēre, callŭi, –, ter calos, estar calejado.
candĕo, –es, –ēre, candŭi, –, estar inflamado, queimar.
canĕo, –es, –ēre, –canŭi, –, encanecer.
cano, –is, –ĕre, cecĭni, cantum, cantar.
capēsso, –is, –ĕre, capessīui, capessītum, procurar tomar.
capĭo, –is, –ĕre, cēpi, captum, agarrar.
carĕo, –es, –ēre, carŭi, –, não ter.
cauĕo, –es, –ēre, caui, cautum, acautelar-se.
cedo, –is, –ĕre, cessi, cessum, ir, andar.
censĕo, –es, –ēre, censui, censum ou *censĭtum,* declarar alto e bom som.
cerno, –is, –ĕre, creui, cretum, separar, peneirar.
cingo, –is, –ĕre, cinxi, cinctum, cingir.
claudĕo, –es, –ēre, –, –, coxear.
claudo, –is, –ĕre, clausi, clausum, fechar.
clepo, –is, –ĕre, clepi e *clepsi, cleptum,* roubar.
colo, –is, –ĕre, colŭi, cultum, cultivar.
como, –is, –ĕre, compsi, comptum, prender o cabelo, pentear.
coquo, –is, –ĕre, coxi, coctum, cozer, cozinhar.
crebesco, –is, –ĕre, crebŭi, –, tornar-se freqüente.
crepo, –as, –are, crepŭi, crepĭtum, estalar.
cresco, –is, –ĕre, creui, cretum, brotar, nascer, crescer.
cubo, –as, –āre, cubŭi, ou *cubāui, cubĭtum,* estar deitado.
cudo, – is, –ĕre, cudi ou *cusi, cusum,* malhar, forjar.
curro, –is, –ĕre, cucurri, cursum, correr.
dico, –is, –ĕre, dixi, dictum, dizer, proclamar.
disco, –is, –ĕre, didĭci, –, aprender.
ditesco, –is, –ĕre, –, –, tornar-se rico.
diuĭdo, –is, –ĕre, diuīsi, diuīsum, dividir, separar.
docĕo, –es, –ēre, docŭi, doctum, ensinar.
dolĕo, –es, –ēre, dolŭi, –, sentir dor, sofrer.
domo, –as, –āre, domŭi, domĭtum, domesticar, domar.
duco, –is, –ĕre, duxi, ductum, conduzir.

ĕmo, –is, –ĕre, ēmi, emptum, tomar, comprar.
facĭo, –is, –ĕre, fēci, factum, fazer.
fallo, –is, –ĕre, fefelli, falsum, enganar.
fatĕor, –ēris, –ēri, fassus sum, confessar.
făuĕo, –es, –ēre, fāui, fautum, favorecer.
ferĭo, –is, –īre, –, –, ferir, bater.
feruĕo, –es, – ēre, ferui e *ferbui,* – ferver.
figo, –is, –ĕre, fixi, fixum, pregar.
findo, –is, –ĕre, fidi, fisum, fender, abrir.
fingo, –is, –ĕre, finxi, fictum, modelar, esculpir, representar.
flammesco, –is, –ĕre, –, –, abrasar-se.
flauĕo, –es, –ēre, –, –, ser amarelo.
flecto, –is, –ĕre, flexi, flexum, curvar.
fligo, –is, –ĕre, –flixi, flictum, ferir, bater.
fluo, –is, –ĕre, fluxi, fluxum, correr, escorrer.
fodĭo, –is, –ĕre, fodi, fossum, cavar.
fouĕo, –es, –ēre, foui, fotum, aquecer.
frango, –is, –ĕre, fregi, fractum, quebrar.
fremo, –is, –ĕre, fremŭi, fremĭtum, fazer ruído ou estrondo.
frigĕo, –es, –ēre, frixi ou *frigŭi,* ter frio.
fulgĕo, –es, –ēre, fulsi, –, brilhar.
fundo, –is, –ĕre, fudi, fusum, derramar.
gero, –is, –ĕre, gessi, gestum, levar, ter consigo.
gigno, –is, –ĕre, genui, genĭtum, gerar, produzir.
glubo, –is, –ĕre, –, –, descascar.
gradĭor, –ĕris, gradi, gressus sum, caminhar.
habĕo, –ēs, –ēre, habŭi, habĭtum, ter.
haerĕo, –es, –ēre, haesi, haesum, estar unido, estar pegado.
horrĕo, –es, –ēre, horrŭi, –, estar arrepiado, tremer (de mêdo).
ico, –is, –ĕre, ici, ictum, bater, ferir.
imbuo, –is, –ĕre, imbŭi, imbūtum, impregnar.
iacĕo, –es, –ēre, iacŭi, –, jazer.
iacĭo, –is, –ĕre, ieci, iactum, arremessar.
iubĕo, –es, –ēre, iussi, iussum, mandar.
iungo, –is, –ĕre, iunxi, iunctum, jungir.
iŭuo, –as, āre, iūui, iutum, agradar, ajudar.
labor, –ĕris, labi, lapsus sum, escorregar.
lacesso, –is, –ĕre, lacessīui, lacessītum, provocar.
laedo, –is, –ĕre, laesi, laesum, ferir.
languĕo, –es, –ēre, langui, –, estar lânguido.
latĕo, –es, –ēre, latŭi, –, estar escondido.
lăuo, –is, –ĕre, lāui, lautum, e lotum, lavar.
lăuo, –ās, –āre, lāui, lauātum, lavar-se.
lingo, –is, –ĕre, linxi, linctum, lamber.
lino, –is, –ĕre, leui ou *liui, litum,* untar.
linquo, –is, –ĕre, līqui, –, deixar.
lucĕo, –es, –ēre, luxi, –, luzir.

ludo, —is, —ĕre, lusi, lusum, jogar.
lugĕo, —es, —ēre, luxi, luctum, estar de luto.
luo, —is, —ĕre, lui, —, pagar.
macĕo, —es, —ēre, —, —, estar magro.
madĕo, —es, —ēre, madŭi, —, estar molhado.
maerĕo, —es, —ēre, —, —, estar triste.
manĕo, —es, —ēre, mansi, mansum, ficar.
marcĕo, —es, —ēre, —, —, estar murcho.
medĕor, —ēris, —ēri, —, tratar.
mergo, —is, —ĕre, mersi, mersum, mergulhar.
metĭor, —iris, —īri, mensus sum, medir.
meto, —is, —ĕre, messŭi, messum, ceifar, fazer a colheita.
mico, —as, āre, micŭi, —, tremer, agitar-se.
minĕo, —es, ēre, —, —, fazer saliência.
mingo, —is, —ĕre, minxi ou *mixi, mictum* ou *minctum*, urinar.
minŭo, —is, —ĕre, minŭi, minūtum, diminuir.
miscĕo, —es, —ēre, miscŭi, mixtum, misturar.
mitesco, —is, —ĕre, —, —, tornar-se mole.
mitto, —is, —ĕre, misi, missum, deixar ir.
molo, —is, —ĕre, molŭi, molĭtum, moer.
mordĕo, —es, —ēre, momordi, morsum, morder.
morĭor, —īris, —īri, mortuus sum, morrer.
mŏuĕo, —es, —ēre, mōui, motum, mover.
mucĕo, —es, —ēre, —, —, ter môfo.
mulcĕo, —es, —ēre, mulsi, mulsum, apalpar, acariciar.
mulgĕo, —es, —ēre, mulsi, mulsum, ordenhar.
nanciscor, —ĕris, —i, nanctus e *nactus sum*, encontrar, obter.
neco, —as, —āre, necāui e *necŭi, necātum*, matar.
necto, —is, —ĕre, nexŭi e *nexi, nexum*, ligar, atar.
neo, —es, —ēre, nēui, netum, fiar.
nicto, — as, —āre, —, —, pestanejar.
nigrĕo, —es, —ēre, —, —, estar escuro.
nitĕo, —es, —ēre, nitŭi, brilhar.
nocĕo, —es, —ēre, nocŭi, nocitum, prejudicar.
olĕo, —es, —ēre, olŭi, —, ter cheiro.
ordĭor, —īris, —īri, orsus sum, urdir.
orĭor, — īris, —iri, ortus sum, levantar-se.
ouo, —as, —āre, —, ouātum, soltar gritos de alegria.
paciscor, —ĕris, —i, pactus sum, fazer um tratado.
pando, —is, —ĕre, pandi, passum, estender.
pango, —is, ĕre, pepĭgi e *panxi, pactum*, fixar.
parco, —is, —ĕre, pepersi e *parsi, parcĭtum* ou *parsum*, poupar.
parĕo, —es, —ēre, parŭi, parĭtum, aparecer, obedecer.
parĭo, —is, —ĕre, pepĕri, partum, dar à luz.
patĭor, —ĕris, —i, passus sum, sofrer.
pauĕo, —es, —ēre, —, —, estar apavorado.

pecto, —is, —ĕre, pexi ou *pexŭi, pexum,* pentear.
pello, —is, —ĕre, pepŭli, pulsum, impelir, ferir.
pendĕo, —es, —ēre, pepēndi, pensum, estar pendurado.
plango, —is, —ĕre, planxi, planctum, bater em, lamentar-se.
plaudo, —is, —ĕre, plausi, plausum, bater um contra o outro, bater palmas.
plecto, —is, —ĕre, castigar.
plico, —as, —āre, plicăui e *plicŭi, plicătum* e *plicitum,* dobrar.
posco, —is, —ĕre, popōsci, —, reclamar, pedir.
potĭor, —īris, —īri, potītus sum, apoderar-se de.
poto, —as, —āre, potāui, potātum e *potum,* beber.
prandĕo, —es, —ēre, prandi, pransum, almoçar.
prehendo, —is, —ĕre, prehēndi, prehēnsum, tomar, segurar.
premo, —is, —ĕre, pressi, pressum, apertar.
proficiscor, —ĕris, —i, profēctus sum, partir.
pubesco, —is, —ĕre, pubŭi, —, cobrir-se de pêlos, chegar a puberdade.
pungo, —is, —ĕre, pupŭgi, punctum, picar, atormentar.
quaero, —is, ĕre, quaesĭui, quaesītum, procurar.
quiēsco, —is, —ĕre, quiēui, quiētum, repousar.
rado, —is, —ĕre, rasi, rasum, raspar.
rapĭo, —is, —ĕre, rapŭi, raptum, arrebatar, roubar.
rego, —is, —ĕre, rexi, rectum, dirigir, comandar.
reor, reris, reri, ratus sum, calcular.
repo, —is, —ĕre, repsi, reptum, rastejar.
ridĕo, —es, —ēre, risi, risum, rir.
rigĕo, —es, —ēre, rigŭi, —, ser rijo.
rodo, —is, —ĕre, rosi, rosum, roer.
rubĕo, —es, —ēre, —, —, estar vermelho.
rumpo, —is, —ĕre, rūpi, ruptum, romper.
ruo, —is, ĕre, rui, rutum, derrubar.
saepio, —is, —ĕre, saepsi, saeptum, rodear com sebe.
salĭo, —is, —īre, salŭi, saliui e *salii, saltum,* saltar.
sancĭo, —is, —īre, sancīui e *sanxi, sanctum,* tornar sagrado.
sapĭo, — is, —ĕre, sapĭui e *sapii, —,* ter sabor.
sarcĭo, —is, —īre, sarsi, sartum, tornar a coser.
sarpo, —is, —ĕre, sarpsi, sarptum, podar a vinha.
scalpo, —is, —ĕre, scalpsi, scalptum, raspar.
scando, —is, —ĕre, —, —, subir, escalar.
scatĕo, —es, —ēre, brotar, jorrar.
scindo, —is, —ĕre, scidi, scissum, rasgar.
sculpo, —is, —ĕre, sculpsi, sculptum, esculpir.
scribo, —is, —ĕre, scripsi, scriptum, escrever.
seco ,—as, —āre, secŭi, sectum, cortar.
sĕdĕo, —es, —ēre, sēdi, sessum, sentar-se, estar sentado.
senesco, —is, —ĕre, senŭi, —, envelhecer.
sentĭo, —is, —ire, sensi, sensum, sentir.

sepelĭo, —is, —īre, sepelīui ou *sepelĭi, sepultum,* sepultar.
sequor, —ĕris, —i, secūtus sum, seguir.
sĕro, —is, —ĕre, sēui, satum, semear.
serpo, —is, —ĕre, serpsi, serptum, rastejar.
sido, —is, —ĕre, sedi e *sidi, sessum,* assentar-se.
silĕo, —es, —ēre, silŭi, —, calar-se.
sĭno, —is, —ĕre, sīui, sĭtum, deixar, permitir.
sono, —as, —āre, sonŭi, sonĭtum, soar.
sorbĕo, —es, —ēre, sorbŭi, sorpsi, —, engolir.
sordĕo, —es, —ēre, —, estar sujo.
spargo, —is, —ĕre, sparsi, sparsum, espalhar, espargir.
specio, —is, —ĕre, spexi, —, avistar.
sperno, —is, —ĕre, spreui, spretum, afastar.
spondĕo, —es, —ēre, spopōndi, sponsum, tomar um compromisso
squalĕo, —es, —ēre, squalŭi, —, estar coberto de placas ou escamas.
statŭo, —is, —ĕre, statŭi, statūtum, fazer ficar direito ou firme.
sterno, —is, —ĕre, straui, stratum, estender, aplanar.
stingŭo, —is, —ĕre, stinxi, stinctum, extinguir.
sto, stas, stāre, steti, stātum, estar de pé.
stringo, —is, —ĕre, strinxi, strictum, apertar.
strŭo, —is, —ĕre, struxi, structum, levantar.
studĕo, —es, —ēre, studŭi, —, ter gôsto por.
stupĕo, —es, —ēre, stupŭi, —, estar entorpecido.
suadĕo, —es, —ēre, suāsi, suāsum, aconselhar.
suēsco, —is, —ĕre, suēui, suētum, acostumar-se.
sumo, —is, —ĕre, sumpsi, sumptum, tomar, encarregar-se.
tabĕo, —es, —ēre, —, —, fundir-se.
tango, —is, —ĕre, tetĭgi, tactum, tocar.
tego, —is, —ĕre, texi, tectum, cobrir.
temno, —is, —ĕre, —, —, desprezar.
tendo, —is, —ĕre, tetēndi, tensum, estender.
tenĕo, —es, —ēre, tenŭi, tentum, ter, segurar.
tergĕo, —es, —ēre, tersi, tersum, enxugar.
tero, —is, —ĕre, trīui, tritum, esfregar.
timĕo, —es, —ēre, timŭi, —, temer.
tingo ou *tinguo, —is, —ĕre, tinxi, tinctum,* mergulhar num líquido.
tollo, —is, —ĕre, sustŭli, sublātum, levantar, erguer.
tondĕo, —es, —ēre, totōndi, tonsum, tosquiar.
torquĕo, —es, —ēre, torsi, torsum, fazer andar a roda, dar volta.
torrĕo, —es, —ēre, torrŭi, tostum, secar, fazer secar.
traho, —is, —ĕre, traxi, tractum, arrastar.
trudo, —is, —ĕre, trusi, trusum, impelir, empurrar.
tundo, —is, —ĕre, tutŭdi, tunsum ou *tusum,* bater, malhar em.
turgĕo, —es, —ēre, tursi, —, estar duro e inchado.
ulciscor, —ĕris, —i, ultus sum, vingar-se.

ungo, —is, —ĕre, unxi, unctum, untar, ungir.
urgĕo, —es, —ēre, ursi, —, apertar.
uro, —is, —ĕre, ussi, ussum, queimar.
utor, —ĕris, —i, usus sum, usar.
uado, —is, —ĕre, —, —, ir, caminhar.
ualĕo, —es, —ēre, ualŭi, ualĭtum, ser forte.
uapŭlo, —as, —āre, uapulāui, —, ser açoitado.
uegĕo, —es, —ēre, —, —, animar.
ueho, —is, —ĕre, uexi, uectum, transportar.
uĕnĭo, —is, —īre, uēni, uentum, vir, chegar.
uerto, —is, —ĕre, uerti, uersum, voltar, virar.
uĭdĕo, —es, —ēre, uīdi, uisum, ver, olhar.
uigĕo, —es, —ēre, uigŭi, —, estar cheio de vida.
uincĭo, —is, —īre, uinxi, uinctum, atar.
uinco, —is, —ĕre, uici, uictum, vencer.
uiuo, —is, —ĕre, uixi, uictum, viver.
uŏuĕo, —s, —ēre, uōui, uotum, fazer um voto.

VERBOS DEFECTIVOS

22. Chamam-se verbos defectivos aquêles a que, em sua conjugação, faltam pessoas, tempos, ou modos. Nisto apenas consiste a sua irregularidade. Começaremos o nosso estudo dos verbos defectivos pelos quatro seguintes, que só apresentam as formas de perfectum na voz ativa: *memĭni* "lembrar-se", *odi* "odiar", *coepi* "começar" e *noui* "conhecer".

MODO INDICATIVO

PRETÉRITO PERFEITO

memĭni	odi	coepi	noui
meminīsti	odīsti	coepīsti	nouīsti
memĭnit	odit	coepit	nouit
meminĭmus	odĭmus	coepĭmus	nouĭmus
meminīstis	odīstis	coepīstis	nouīstis
meminērunt	odērunt	coepērunt	nouērunt

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

meminĕram	odĕram	coepĕram	nouĕram
meminĕras	odĕras	coepĕras	nouĕras
meminĕrat	odĕrat	coepĕrat	nouĕrat
memineērāmus	oderāmus	coeperāmus	nouerāmus
meminerātis	oderātis	coeperātis	nouerātis
meminĕrant	odĕrant	coepĕrant	nouĕrant

FUTURO PERFEITO

meminĕro	odĕro	coepĕro	nouĕro
meminĕris	odĕris	coepĕris	nouĕris
meminĕrit	odĕrit	coepĕrit	nouĕrit
meminerĭmus	oderĭmus	coeperĭmus	nouerĭmus
memineritĭs	oderĭtis	coeperĭtis	nouerĭtis
meminĕrint	odĕrint	coepĕrint	nouĕrint

MODO SUBJUNTIVO

PERFEITO

meminĕrim	odĕrim	coepĕrim	nouĕrim
meminĕris	odĕris	coepĕris	nouĕris
meminĕrit	odĕrit	coepĕrit	nouĕrit
meminerĭmus	oderĭmus	coeperĭmus	nouerĭmus
meminerĭtis	oderĭtis	coeperĭtis	nouerĭtis
meminĕrint	odĕrint	coepĕrint	nouĕrint

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

meminīssem	odīssem	coepīssem	nouīssem
meminīsses	odīsses	coepīsses	nouīsses
meminīsset	odīsset	coepīsset	nouīsset
meminissēmus	odissēmus	coepissēmus	nouissēmus
meminissētis	odissētis	coepissētis	nouissētis
meminīssent	odīssent	coepīssent	nouīssent

MODO IMPERATIVO

FUTURO

memento
mementōte

MODO INFINITIVO

PERFEITO

meminīsse	odīsse	coepīsse	nouīsse

PARTICÍPIOS

FUTURO	PASSADO
coeptūrus, —a, —um	coeptus, —a, —um

Observação:

A única particularidade dêsses verbos é não terem as formas de ação incompleta, seguindo, no mais, exatamente as normas regulares da formação dos tempos do *perfectum*.

Aio "falar", só é usado nas seguintes formas:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	IMPERFEITO	PRET. PERF.
aio	aiēbam	
ais	aiēbas	
ait	aiēbat	ait
	aiebāmus	
	aiebātis	
aiunt	aiēbant	

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE

aiat

PARTICÍPIO PRESENTE

aiens, aientis

Observações:

1) As formas de indicativo são as mais usadas, principalmente a terceira pessoa do singular do indicativo presente (*ait*) com valor de presente e pretérito perfeito.

2) No período arcaico, para o pretérito imperfeito do indicativo, são atestadas as formas: *aībam, aības, aībat, aībant.*

3) Além da forma *aiat* de subjuntivo presente, que é atestada em Cícero (Cíc. Fin. 2, 22, 70), aparece no latim arcaico a forma *aias*, e no latim post-clássico a forma *aiant*. Ocorre ainda no latim arcaico o imperativo *ai*.

Inquam "dizer" é principalmente empregado nas incisas, nas seguintes formas:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	IMPERFEITO	FUT. IMPERF.	PRET. PERF.
inquam			*inquii*
inquis		*inquies*	*inquīsti*
inquit	*inquibat*	*inquiet*	*inquit*
inquĭmus	ou *inquiēbat*		
inquĭtis			
inquiunt			

Observações:

1) As três pessoas do singular e a terceira do plural do indicativo presente, a segunda e terceira do singular do futuro imperfeito, e a terceira do singular do pretérito perfeito do indicativo são as formas mais freqüentemente usadas do verbo *inquam*.

2) *Inquimus* é forma atestada em Horácio (Sát. 1,3,66), mas *inquitis*, só no latim da decadência.

3) A primeira e segunda pessoas do singular do pretérito perfeito do indicativo, embora relativamente raras, são atestadas no período clássico, a primeira em Catulo (10,27), e a segunda, em Cícero (De Or. 2,64,259).

4) No latim arcaico, as formas de imperativo são atestadas: *inque* (Plaut. Bacch. 883), *inquito* (Plaut. Trin. 427).

Fari "falar" é um verbo raro e poético.

Observação:

As formas que são mais empregadas são as seguintes: infinitivo presente *fari* (Hor. Od. 4, 6, 18) e *farier* (Verg. En. 11, 242); indicativo presente *fatur* (Lucr., 3, 464); futuro imperfeito *fabor* (Verg. En. 1, 261); presente do imperativo *fare* (Verg. En. 6, 389); particípio presente *fanti* (Verg. En. 6,46), e *fantem* (Prop. 3,5,19); particípio passado *fatus* (Verg. En. 2,50).

Os verbos *auēre, saluēre, ualēre*, raros e poéticos, quase que só se usam no imperativo presente, como fórmulas de saudação: *aue, auēte; salue, saluēte; uale, ualēte*.

Observações:

1) Além do imperativo presente e do infinitivo presente (êste raramente empregado, como na expressão *auēre iubēo* "enviar saudações", "enviar o bom dia"), no período clássico, aparece ainda no imperativo futuro *auēto* (Sal. Cat. 35,5). A grafia sem h era a corrente na república, mas, tendo-se generalizado no império a pronúncia com aspiração *haue*, a primeira grafia passou a ser considerada como uma afetação erudita. Note-se ainda que *aue, auēte* é a saudação pronunciada pelos que chegam.

2) O verbo *saluēre*, além das formas do imperativo presente, é também usado no infinitivo presente, na expressão *saluēre (te) iubēo* "envio-te saudações"; e na segunda pessoa do singular do futuro imperfeito *saluēbis*, nas saudações que se mandam por escrito.

3) O verbo *ualēre*, como fórmula de saudação dos que se despedem, só é usado no imperativo presente. Nas demais acepções, porém, não é defectivo.

Cedo, cette, "dá", "dai", ou "dize", "dizei", verbo essencialmente da língua falada, só é usado nestas formas.

Quaeso, antigo desiderativo de *quaero*, só é empregado nas incisas (ou incidentes), e na primeira pessoa do singular e do plural do

presente do indicativo, nas fórmulas de polidez: *quaeso, quaesŭmus* "por favor", "peço-vos".

VERBOS IMPESSOAIS

23. Chamam-se verbos impessoais aquêles cuja ação não é atribuída pròpriamente a um sujeito animado ou inanimado, sendo conjugados apenas nas terceiras pessoas do singular dos diferentes tempos, e no infinitivo. Naturalmente, tais verbos não têm imperativo.

Dentre os verbos impessoais, cumpre salientar os que exprimem fenômenos da natureza, como, por exemplo: *fulget* (perfeito: *fulsit*) "relampejar"; *fulgŭrat*, com o mesmo sentido do precedente; *grandĭnat* "granizar", "saraivar"; *ningit*, ou *ninguit* (perfeito *ninxit*) "nevar"; *pluit* "chover"; *tonat* "trovejar". Acrescentem-se ainda, na mesma categoria, os incoativos: *lucēscit* "amanhecer"; e *uesperăscit* "entardecer".

São ainda impessoais os seguintes verbos, todos da segunda conjugação, e muitos dos quais exprimem sentimento: *libet* ou *lubet* (perfeito *libŭit*, ou *lubŭit*, ou *libitum est*) "agradar", "ter vontade de"; *misĕret* (sem perfeito) "ter compaixão de"; *piget* (perfeito *piguit*, ou *pigitum est*) "custar", "lamentar"; *paenĭtet* (perfeito *paenitŭit*) "arrepender-se"; *pudet* (perfeito *pudĭtum est*, e *pudŭit*) "ter vergonha de"; *taedet* (perfeito *taedŭit*) "estar farto", "estar aborrecido"; *decet* (perfeito *decuit*) "convir", "ser mister"; *dedĕcet* (perfeito *dedecŭit*) "não convir"; *licet* (perfeito *licitum est*, ou *licŭit*) "ser lícito", "ser permitido"; *opŏrtet* (perfeito *oportŭit*) "convir", "ser necessário", "ser preciso".

COMPLEMENTO AO ESTUDO DO VERBO

O verbo no indo-europeu apresentava um sistema de extraordinária complexidade, que nenhuma das línguas indo-européias, hoje conhecidas, pôde conservar, nem mesmo as mais antigas, como o sânscrito, o grego, o hitita ou o latim. Tôdas elas, seguindo aliás uma tendência que deveria provir da própria língua mater, procuram simplificar êste complexo sistema verbal, embora diferentemente, cada uma no sentido de sua própria índole. Assim, o verbo latino irá simplificar grandemente êste sistema complexo do verbo indo-europeu, constituindo-se em dois temas principais: um que lhe fornece as formas do *infectum*, e o outro, as do *perfectum*. Tôda a conjugação latina repousa na oposição dêstes dois temas. A oposição antigos, como por exemplo por Varrão, sendo êstes dois temas inde-entre os temas de *infectum* e de *perfectum* já fôra percebida pelos

pendentes um do outro, procurando, porém, a língua latina aproximá-los, sempre cada vez mais. Isto só se veio a ultimar nos verbos derivados, onde os temas do *infectum* e do *perfectum* já aparecem ligados. Nos verbos denominados primários, tal normalização, porém, nunca chegou a têrmo, como bem mostram as formas de *infectum* e *perfectum* de *sum, fero,* etc., razão por que, em muitos verbos, se torna absolutamente impossível deduzir-se de uma forma de *infectum* qual a sua correspondente no *perfectum* e vice-versa.

Os temas verbais do indo-europeu exprimiam a noção de aspecto, indicando o verbo o processo verbal em vias de realização (aspecto imperfectivo), ou o processo como inteiramente realizado (aspecto perfectivo), ou ainda excluindo-se tôda a idéia de duração (aspecto pontual), o que era representado pelo aoristo. Entretanto, o latim constituiu para si um sistema de conjugação perfeitamente original, passando a desenvolver uma série de inovações que lhe são próprias, não encontráveis em outras línguas da família indo-européia, nem mesmo naquelas que lhe são mais próximas, como as do grupo ítalo-céltico, ou mesmo do ramo itálico, por exemplo, o osco ou o umbro.

Uma das grandes inovações realizadas pela conjugação latina foi substituir a noção de aspecto, peculiar, como vimos, ao verbo indo-europeu, pela noção de tempo, que vai aparecer tanto no *infectum* como no *perfectum,* em seus diversos modos. Assim, apresenta o *infectum,* no modo indicativo, um presente, um passado e um futuro, respectivamente representados pelo Indicativo Presente, Pretérito Imperfeito do Indicativo e Futuro Imperfeito, ou também chamado Futuro Primeiro. Igualmente apresenta o *perfectum* um presente, um passado e um futuro no modo indicativo, respectivamente representados pelo Pretérito Perfeito do Indicativo, Mais-que-Perfeito do Indicativo, e Futuro Perfeito, também chamado Futuro Segundo. O modo subjuntivo apresenta no *infectum* e no *perfectum* um presente e um passado, respectivamente representados pelo Presente e Imperfeito do Subjuntivo para o *infectum;* e Perfeito e Mais-que-Perfeito do Subjuntivo para o *perfectum.* O subjuntivo não possui, porém, o futuro em nenhum dos temas. O imperativo, por seu próprio valor semântico, só possui presente e futuro do *infectum.* Ao tema do *infectum* pertencem ainda o Infinitivo Presente, o Particípio Presente e o Gerúndio e Gerundivo ou particípio em *—ndus,* também por vêzes chamado particípio de obrigação. Ao do *perfectum,* o *Infinitivo Perfeito.*

Além dos temas do *infectum* e *perfectum,* havia ainda em latim um particípio em *—tus,* ou *—sus,* inteiramente independente de ambos, mas que pelo sentido se ligava estreitamente ao *perfectum,* desempenhando um papel considerável na formação da voz passsiva, cujos tempos do *perfectum* tinham uma conjugação perifrástica, consti-

tuída pelo auxiliar *sum* e o particípio passado em *–tus*, ou *–sus*. A êste particípio ligam-se o supino em *–tum* e em *–tu*, o Infinitivo Futuro em *–tūrum*, e a êste último, o Particípio Futuro em *–tūrus*.

AS DESINÊNCIAS PESSOAIS

As desinências pessoais indicam não só a pessoa verbal, mas também o número, servindo ainda para estabelecer a diferença entre a voz ativa e passiva, no *infectum*. As desinências são sempre as mesmas para todos os tempos e modos, exceção feita, ùnicamente, do imperativo e pretérito perfeito do indicativo, que têm desinências próprias. Cumpre ainda acentuar que as desinências pessoais do singular não tinham relação alguma com as suas correspondentes do plural, como acontece com relação aos pronomes pessoais (Cap. XV, Complemento).

Na voz ativa, como vimos, as desinências pessoais, comuns a todos os tempos, são as seguintes: *–o*, ou *–m* para a primeira pessoa do singular (*–o*, *–m*) é um vestígio do antigo estado indo-europeu, a primeira do plural, *–tis* para a segunda, e *–nt* para a terceira. Enquanto o indo-europeu mantinha uma distinção entre as desinências primárias e secundárias, segundo os tempos em que eram empregadas, o latim manifestava uma tendência oposta, vindo a se eliminar, já mesmo antes do período clássico, tôda diferença entre ambas, com exceção ùnicamente da primeira pessoa do singular. Com efeito, a dualidade de desinências que ainda aparece na primeira pessoa do singular (*o–*, *–m*) é um vestígio do antigo estado indo-europeu, sendo *–o* uma desinência primária dos verbos temáticos, que se estendeu a tôda a conjugação latina, (no presente do indicativo e futuro imperfeito em *–bo*, e em todos os futuros perfeitos); e *–m*, antiga desinência secundária, que ocorre nos demais tempos. A antiga desinência primária *–mi* dos verbos atemáticos ocorre provàvelmente apenas no indicativo presente do verbo *sum* e seus compostos.

A segunda pessoa do singular já aparece unificada em latim, desde os mais antigos documentos da língua, o mesmo ocorrendo nas demais línguas itálicas conhecidas. Representa assim a convergência, ou melhor, a unificação das duas desinências indo-européias: **–si* (primária), e **–s* (secundária).

A terceira pessoa do singular, desde os fins do terceiro século antes de Cristo, ou princípios do segundo, já se unificara na forma **–ti* (primária) e **–t* (secundária). A antiga língua latina, no período proto-histórico, ainda mantém a distinção entre as desinências primária e secundária, representada a primeira por *–t*, e a segunda por *–d*, atestada em formas como *fhefhaked* (da fíbula prenestina), *sied*, *feced* (do vaso de Duenos), etc.

A primeira pessoa do plural generalizou a antiga desinência primária indo-européia *–*mos* (alternância de **mes*), que evolveu normalmente para –*mus*.

A segunda pessoa do plural apresenta em latim a desinência –*tis*, proveniente de uma forma hipotética *–*tes*, oriunda da primitiva desinência indo-européia *–*te* (que ocorre no imperativo), à qual se juntou um –*s* por analogia com a segunda pessoa do singular e ainda com a primeira do plural.

A terceira pessoa do plural –*nt*, como a terceira do singular, representa a convergência da desinência primária do indo-europeu *–*nti* e da secundária *–*nt*. Embora outras línguas itálicas mantenham a distinção das duas desinências, no latim não há atestação segura dêste fato.

O imperativo latino tem, como vimos, dois tempos, um presente e um futuro. Distingue-se o imperativo em parte pelas desinências, não sendo aliás conjugado nas primeiras pessoas. A segunda pessoa do singular do imperativo presente, que é a forma do imperativo por excelência, e que constitui verdadeiramente uma forma à parte da conjugação (cf. na declinação o vocativo), é representada geralmente pelo tema puro do verbo: *ama, habe, lege, audi*. A segunda pessoa do plural é formada com a desinência –*te*, a que nos referimos acima. O imperativo futuro, que tem segunda e terceira pessoas para o singular e plural, apresenta no singular uma desinência comum –*to* para a segunda e terceira pessoas, e no plural, as desinências –*tote* para a segunda pesssoa, e –*nto* para a terceira. A característica geral do imperativo futuro, é, pois, êste elemento –*to*, que se origina de antiga forma de ablativo pronominal *tod*, de um tema *to*–, que significa pròpriamente: *a partir dêste momento*. A segunda pessoa do plural é formada com o acréscimo da desinência –*te*, característica da segunda pessoa do plural do imperativo presente latino. A terceira pessoa do plural é formada por analogia com as demais terceiras pessoas do plural, acrescentando-se –*n*– à característica –*to*, donde a forma –*nto*.

As desinências características da voz passiva são comuns à conjugação depoente. Aliás, os verbos depoentes, desde o período arcaico da língua, tendiam a desaparecer, tomando as formas da conjugação ativa, o que determinou o seu desaparecimento completo nas línguas românicas. Quase tôdas as desinências passivas apresentam em latim uma característica –*r* finalizando-as, e apenas não encontrável na segunda pessoa do singular e do plural. Esta característica –*r* era uma antiga desinência indo-européia de impessoal, encontrável em latim em expressões como *uiuitur* "vive-se", *itur* "vai-se", etc.

A primeira pessoa do singular é formada em latim pelo acréscimo da característica *—r* à desinência ativa *—o* (com o conseqüente abreviamento do *—o* seguido de *—r* em sílaba final); ou substituindo-se a desinência *—m* por *—r*: *mone—o—r, audi—o—r; mone—ba—r, audi—a—r.*

As terceiras pessoas do singular e do plural são formadas pelo acréscimo da característica *—r* às desinências médio-secundárias **—to* para o singular e **—nto* para o plural, donde as formas latinas: *—tur, —ntur.*

A primeira pessoa do plural é formada pela substituição do *—s* da antiga desinência ativa **—mos* por *—r*, donde a forma latina *—mur.*

A segunda pessoa do singular é formada por meio da desinência média *—se*, forma alternante de *—so*, donde a desinência latina *—re*: *sequĕre*. Mas, por analogia com a desinência ativa *—s*, desenvolveu-se posteriormente uma desinência complexa *—ris*, formada da primitiva desinência *—se* mais o *—s* característico da segunda pessoa do singular da voz ativa. No latim arcaico, a desinência *—ris* é de emprêgo restrito. Terêncio não a conhece, e Plauto dela nos apresenta, em tôda a sua obra, apenas nove exemplos seguros. Posteriormente, porém, passou a ser empregada com freqüência, principalmente por uma questão de clareza, passando a predominar no uso da língua a partir do século de Augusto. Cícero a emprega, de um modo geral, no presente do indicativo, para evitar a confusão com o imperativo passivo e com o infinitivo presente ativo.

A segunda pessoa do plural apresenta uma desinência *—mĭni* de explicação difícil e controvertida. Não corresponde ela a nenhuma desinência pessoal indo-européia, sendo provável que se vá prender a uma antiga forma nominal, quer a um particípio, quer a um infinitivo.

O imperativo presente passivo-depoente é formado das seguintes pessoas do indicativo presente passivo: segunda pessoa do singular *—re* proveniente de *—se;* segunda pessoa do plural *—mĭni*. Note-se, porém, que jamais aparece no imperativo a desinência *—ris* da segunda pessoa do singular. Com base na desinência *—mĭni*, criou-se, no período arcaico, uma desinência *—mĭno*, comum à segunda e terceira pessoas do singular, ainda encontrável em Plauto: *arbitramĭno* (Epid. 695).

No imperativo futuro passivo só aparecem a segunda e terceira pessoas do singular e terceira do plural. Primitivamente, no latim, o imperativo futuro passivo apresentava as mesmas desinências das formas ativas respectivas, isto é, sem a característica *—r*. Isto fàcilmente se compreende por não ser a desinência *—to* originàriamente uma desinência verbal, como vimos acima. Posteriormente,

porém, passou a predominar a formação em que à desinência considerada como especial da voz ativa se acrescentou a característica *—r* da voz passiva.

FORMAÇÃO DOS TEMPOS E SUFIXOS TEMPORAIS

I — *Infectum*

O indicativo presente, como vimos, caracteriza-se pela ausência de sufixo temporal, ou melhor, tem sufixo temporal zero, juntando-se, pois, diretamente ao radical do *infectum* as desinências pessoais ativas ou passivas.

O imperfeito do indicativo era representado no indo-europeu pelo tema do *infectum* com o aumento (ou, às vêzes, sem êle), seguido das desinências secundárias. O latim apresenta uma formação diversa, proveniente de inovação do itálico, valendo-se de um sufixo complexo *—ba—*, formado de um elemento *—a—* precedido de *—b—*, que provém da mesma raiz que deu origem ao *f—* que se encontra nos temas do *perfectum* do verbo *sum*: *fui*, *fuĕram*, *fuĭssem*, etc. Aparece no sufixo de imperfeito do indicativo sob a forma *—b* por se ter sonorizado, uma vez que estava intervocálico. O elemento *—a—* do sufixo *—ba—*, e que iremos ainda encontrar nas formações do *perfectum*, é que encerra a verdadeira característica do pretérito. No latim ,o verbo *sum* e seus compostos são os únicos que formam o imperfeito do indicativo apenas com o sufixo simples *—a—*: *eram*, *poteram*, etc. O motivo de ter a língua recorrido a êsse sufixo complexo *—ba—* para o imperfeito do indicativo foi uma necessidade de clareza: unindo-se ao radical do *infectum* apenas o sufixo *—a—*, não se distinguiria na primeira conjugação o imperfeito do indicativo do indicativo presente, exceção feita apenas da primeira pessoa do singular pelo emprêgo da desinência primária ou secundária. Por outro lado, nas outras conjugações haveria identidade de formas para o imperfeito do indicativo e o presente do subjuntivo.

O futuro latino, quanto à sua origem, prende-se ao subjuntivo indo-europeu, modo que, exprimindo o desejo ou a intenção de fazer alguma coisa, se prestava fàcilmente a traduzir a idéia de futuro. Aliás, é o futuro uma forma verbal de emprêgo recente nas línguas indo-européias. Assim, é de se notar que as línguas mais antigas, ou mais antigamente atestadas do domínio indo-europeu, ou não o empregam em seus primeiros textos, ou o empregam muito parcamente. Há em latim duas formações principais de futuro: o futuro em *—b—*, e o futuro em *—a/e—*, às quais se vem juntar uma terceira, de uso muito restrito, o futuro em *—s—*, ou *futuro sigmático*. O futuro em *—b—*, comum à primeira e segunda conjugações, e que também por vêzes aparece na quarta, representa uma antiga for-

mação perifrástica do itálico, em que se acrescentava ao tema do *infectum* o subjuntivo do aoristo radical da mesma raiz que deu o elemento *—b—* do imperfeito do indicativo, e que aparece sob a forma *f—* no *perfectum* do verbo *sum*. A língua recorreu a esta formação também pela necessidade de clareza, uma vez que com o sufixo *—e—* haveria confusão com o presente do subjuntivo na primeira conjugação e com o presente do indicativo na segunda. A terceira e quarta conjugações formam o futuro por meio dos sufixos *—a—* e *—e—*, ambos característicos do subjuntivo. O sufixo *—e—* generalizou-se para tôdas as pessoas, com exceção da primeira para a qual se impôs o uso do sufixo *—a—*, para evitar a confusão com o presente do indicativo *lego*. Aliás, mesmo do ponto de vista semântico, esta distinção entre a primeira pessoa do singular e as demais pessoas do futuro se justifica, sendo ainda de se notar que na língua arcaica há exemplos do emprêgo do subjuntivo presente com valor aproximado de futuro em verbos da segunda conjugação, na primeira pessoa do singular: *taceam* (Plaut. Bacch. 1058). O futuro sigmático aparece em latim como um simples vestígio, sendo a forma *faxo* a mais usada.

O subjuntivo latino representa a fusão do subjuntivo e do optativo do indo-europeu, e, como observa judiciosamente Buck, em sua forma e em seus empregos. Assim, o subjuntivo presente latino apresenta três formações sufixais: o Subjuntivo Presente em *—a—*, o Subjuntivo Presente em *—e—*, que aparece na primeira conjugação, e finalmente alguns vestígios de um Subjuntivo Presente em *—i—*, que só se encontra em alguns verbos irregulares, como *sum, uolo*, etc. O Subjuntivo Presente em *—a—*, a que já nos referimos ao tratarmos do Futuro ,era primitivamente uma forma independente dos temas do *infectum* e do *perfectum*, como o provam certas formações arcaicas como *aduenat* (Plaut. Pseud. 1030), *peruenant* (Plaut. Trin. 93), etc. Como havia freqüentemente identidade entre os temas do *infectum* e êstes subjuntivos, a analogia estendeu a todos os verbos esta identidade, fixando-se desta forma o Subjuntivo Presente em *—a—* no sistema do *infectum*. Na primeira conjugação recorreu-se ao sufixo *—e—*, uma vez que o sufixo *—a—* determinaria a identidade do Subjuntivo Presente com o Indicativo Presente. O sufixo *—e—*, como vimos ao tratar do futuro, era um sufixo primitivo de subjuntivo, havendo, porém, alguns filólogos e lingüistas, como Michel Breal e Wackernagel, que vêem neste sufixo *—ē—* um antigo desenvolvimento do optativo indo-europeu de tipo atemático. O latim arcaico apresentava ainda um Subjuntivo Presente em *—i—*, que deixou vestígios no período clássico em alguns verbos atemáticos, como *sim, uelim, edim*, etc. Êste *—i—* é um sufixo de optativo e o iremos novamente encontrar na formação do subjuntivo perfeito da voz ativa.

O Imperfeito do Subjuntivo é formado pelo acréscimo de um sufixo complexo *—sē—*, onde o *—s—*, passa a *—r—* quando se acha intervocálico por efeito do rotacismo. É esta uma formação recente, sendo provàvelmente uma criação itálica, uma vez que fora do itálico não se encontra nenhuma equivalente a ela. Como aconteceu com o presente do subjuntivo em *—a—*, o tema verbal do Imperfeito do Subjuntivo era primitivamente independente dos temas do *infectum* e do *perfectum*, como o provam formas ainda encontráveis na língua, como *forem*, *fores*, etc. A constituição do sufixo *—sē—* é bastante discutida, sendo provável que se trate de um sufixo complexo formado de um *—s—* indicador de aoristo, acrescido do sufixo *—e—* do subjuntivo.

II — *Perfectum*

Enquanto o tema do *infectum* é comum à formação das vozes ativa e passiva, o do *perfectum* é de uso exclusivo das formas ativas. Para a voz passiva a língua latina recorre a uma formação perifrástica constituída por meio do verbo *sum* e do adjetivo verbal em *—to—* (particípio passado). O tema do *perfectum* é constituído de formas diversas, que se podem reduzir a três tipos distintos: *perfectum* de tipo radical, de tipo sigmático e de tipo em *—u—*.

O tipo radical é constituído de antigos perfeitos e de antigos aoristos radicais, sendo que suas formas em latim não passam de simples vestígios do antigo estado de coisas que a língua procurava eliminar. Como no indo-europeu, os perfeitos radicais latinos se apresentam sob um duplo aspecto: perfeitos radicais com redôbro (*cado / cecĭdi, cano / cecini, curro / cucūrri, spondeo / spopōndi*); e perfeitos radicais sem redôbro (*ĕmo / ēmi, sĕdĕo / sēdi, uĕnio /uēni, ăgo / ēgi, făcio / fēci*). O *perfectum* com redôbro é freqüente nos casos em que não há alternâncias vocálicas da raiz, sendo de se notar que nos verbos compostos pelo acréscimo de um prevérbio é freqüente não aparecer a reduplicação ocorrida no verbo simples. Assim, ao lado do perfeito com redôbro de *curro/cucūrri*, ocorre o perfeito sem redôbro dos compostos de *curro*, como: *decūrri, incūrri, occūrri; tutŭdi*, mas *contŭdi, extŭdi, obtŭdi*, etc. As exceções a isto são raras e encontráveis quase que exclusivamente nos autores arcaicos.

O tipo sigmático desenvolveu-se grandemente em latim, embora só aparecendo nos verbos radicais. Trata-se de um antigo aoristo sigmático. A influência que êste perfeito em *—si* exerceu sôbre o particípio em *—tus* foi grande, comunicando-lhe a nasal característica de alguns presentes, e que êles haviam conservado, como em: *iungo*, perfeito *iunxi*, particípio *iunctus*; *sancio*, perfeito *sanxi*, particípio *sanctus; lingo*, perfeito *linxi*, particípio *linctus*, etc. Por

outro lado, também ocorre que muitas vêzes a própria forma dos particípios se refêz segundo o modêlo do perfeito, como em : *mersus*, particípio de *mergo*, refeito segundo o modêlo do perfeito *mersi*; *fixus*, particípio de *figo*, refeito sob o modêlo de *fixi*, etc.

O tipo de *perfectum* formado com o acréscimo da sonante *—u—* é o mais difundido em latim, sendo que se trata de uma formação pròpriamente latina, não tendo por isso correspondente em nenhuma língua indo-européia, nem mesmo itálica, como o osco ou o umbro. A sonante *—u—*, que entra na formação dêste tipo de *perfectum* comum a todos os verbos cujo elemento radical é terminado por uma vogal, ora funciona como consoante, ora como vogal. Assim, quando a vogal que termina o radical do verbo é longa, a sonante *—u—* tem o valor de consoante (*—v—*), como, por exemplo, em : *amāui (amavi)*, *delēui (delevi)*, *finīui (finivi)*. Mas quando a vogal final do radical é breve, toma o timbre *u* antes da sonante *—u—* do *perfectum*, que sofre a síncope apresentando, pois o *perfectum* apenas esta vogal breve *u* do radical do verbo : *domŭi*, *genŭi*, *monŭi*, *sonŭi*, etc. Êste tipo de *perfectum* sofre às vêzes, modificações em sua forma determinadas por transformações fonéticas. Assim, quando o *—u— consoante (v)* ficava entre vogais semelhantes, tendia a sofrer a síncope, donde os perfeitos da quarta conjugação em *—īui* aparecerem sob a forma *—ii*, ou mesmo *—ī*, pela posterior contração das duas vogais. Do mesmo modo os perfeitos em *—ēui* apresentavam em certas formas a síncope do *—u— consoante (v)* quando êste ficava entre vogais semelhantes, como em todo o Pretérito Mais-que-Perfeito do Indicativo, Futuro Perfeito, Pretérito Perfeito do Subjuntivo, etc.: *delēuĕram* e daí *delēram*, como *delēuĕro e delēro*, *delēuĕrim e delērim*. Por analogia com êstes verbos da segunda conjugação, a primeira apresenta fenômeno semelhante, embora fonèticamente aí não se justificasse a síncope do *u*, que não estava entre vogais semelhantes : *amāuĕram* e *amāram*, *amāuĕro* e *amāro*, etc. Aliás, tal formação contrata não se limitou a estas formas apenas, tendo-se estendido a quase todo o *perfectum* : *amāsti*, *amāstis*, *amāssem*, *amāsse*, etc.

O Pretérito Perfeito do Indicativo possui algumas desinências que lhe são próprias. Assim, a primeira pessoa do singular tem a desinência *—ī*, no período arcaico *—ei*, proveniente de antiga desinência média **—ai*. A segunda pessoa do singular *—īsti* é formada da desinência *—ti* (proveniente de **—te*), onde o *—i* seria analógico ao —i da primeira pessoa do singular, sendo precedida de um elemento *—is—*, característico do antigo aoristo, e que se vai encontrar muito freqüentemente nas formações do *perfectum* que veremos pouco adiante. A segunda pessoa do plural apresenta a mesma característica de aoristo (*—is*) precedendo a desinência *—tis*, já por nós estudada no *infectum*. A terceira pessoa do singular é representada por uma antiga desinência *—d*, secundária, já por nós estudada no

infectum, substituída depois por —*t*, que se generalizou em tôdas as terceiras pessoas do singular na voz ativa. A primeira pessoa do plural apresenta também a mesma desinência do *infectum*. Finalmente, a terceira pessoa do plural tinha primitivamente duas desinências: —*ērunt*, —*ēre*, cujo cruzamento deu origem a uma terceira —*ĕrunt*. A forma —*ĕrunt* provém do mesmo sufixo característico do aoristo que encontramos na segunda pessoa do singular e do plural, cujo —*s*— passou a —*r*— por efeito do rotacismo, passando o —*i*— a —*e*— por vir antes de —*r*—. A êste elemento se acrescentou a terminação —*unt*, comum às terceiras pessoas do plural. A forma —*ēre* faz parte de um grupo de desinências em —*r*—, aliás bem representado em algumas línguas indo-européias. É uma forma de emprêgo relativamente raro. Da contaminação destas duas formas é que se veio a criar a desinência —*ērunt*, com o —*e*— longo, que teve um largo emprêgo principalmente na poesia dactílica. Dessas três formas, cumpre observar, a de emprêgo normal e comum na língua falada era a forma —*ĕrunt*, como provam em geral as línguas românicas.

Na voz passiva, como tivemos oportunidade de ver, o verbo latino se vale de uma conjugação perifrástica, constituída do particípio em —*to*— mais o verbo *sum*, geralmente em suas formas do *infectum*.

Nos demais tempos do *perfectum*, na voz ativa, há uma formação sufixal, onde os tempos, além do sufixo temporal, apresentam um elemento infixal —*is*—, já por nós estudado nas desinências das segundas pessoas do Pretérito Perfeito, e na terceira do plural do mesmo tempo. Como vimos, êste infixo —*is*—, nas formas em que o *s* fica intervocálico, evolve para —*er*—, por efeito do rotacismo.

Já tendo sido por nós estudado o pretérito perfeito do indicativo, passemos aos demais tempos do *perfectum*.

O Mais-que-Perfeito do Indicativo é formado com o sufixo —*a*—, característico do passado, que já encontramos ao estudar o Imperfeito do Indicativo. Êste sufixo —*a*— é acrescentado ao radical do perfectum acrescido do infixo —*is*—, que, intervocálico, evolve para —*er*—.

O Futuro Perfeito do Indicativo, com exceção da primeira pessoa do singular, confunde-se com o Perfeito do Subjuntivo, durante o período clássico. Originàriamente, porém, não se dava tal, pois o Futuro Perfeito provém de antigo Subjuntivo, enquanto o Perfeito do Subjuntivo se prende a um antigo Optativo. Assim, o Futuro Perfeito é formado acrescentando-se ao radical do *perfectum*, seguido do infixo —*is*—, o sufixo do antigo subjuntivo —*ĭ*— (com *ĭ breve*), o mesmo sufixo que aparece no futuro do indicativo

do verbo *sum*. O Perfeito do Subjuntivo forma-se pela junção ao radical do *perfectum*, acrescido do infixo *—is—*, do sufixo do optativo *—ī—* (com *ī longo*), que assim se distinguia do Futuro Perfeito pela quantidade longa da vogal. Entretanto, a analogia com o Futuro Perfeito fêz com que se generalizasse também no Subjuntivo Perfeito a quantidade breve do sufixo. Cumpre observar, porém, que a poesia arcaica ainda conservou muitos vestígios da primitiva distinção entre os dois tempos, apresentando numerosos exemplos da quantidade longa do sufixo no Perfeito do Subjuntivo. A passagem de *—is—* para *—er—* por efeito do rotacismo já foi explicada.

O Mais-que-Perfeito do Subjuntivo forma-se com o radical do *perfectum*, mais o infixo *—is—* ao qual se segue o mesmo sufixo complexo *—sē—*, formador do Imperfeito do Subjuntivo, já estudado.

O infinitivo presente, tanto na voz ativa como na passiva, é constituído por antigas formas casuais. Na voz ativa, caracteriza-se por um sufixo *—sĕ*, que aparece intacto no infinitivo presente do verbo *sum (es—se)* e nas formações do *perfectum (amau—is—se, leg—is-se*, etc.) Por efeito do rotacismo, êste sufixo *—se*, no *infectum*, aparece sob a forma *—re (ama—re, habe—re, audi—re)*. Tratando-se de uma formação própria do latim, não encontrável em outras línguas indo-européias, nem mesmo nos dialetos itálicos, não é possível afirmar-se com certeza a sua origem, sendo, porém, geralmente considerada como uma antiga desinência de locativo singular de tema em *—s—*, com a posterior evolução do *—i* para *—e*, dando a forma *—se*, donde *—re*; ou talvez um antigo ablativo-instrumental do tipo *ped—e*. Para o infinitivo presente da conjugação depoente passiva há uma formação em *—i*, ou em *—ri*, além de uma forma arcaica em *—ier*, ou *—rier*. Os infinitivos em *—i*, ou em *—ri* são geralmente considerados como antigos dativos de um tema raiz na terceira conjugação *(ag—i)* e de um tema em sibilante nas demais, ou simplesmente refeito do infinitivo ativo em *—re*. Esta é a forma comum no período clássico, sendo, porém, de se notar que na época arcaica havia uma forma em *—ier* para a terceira conjugação e outra em *—rier* para as demais: *mendicarier* (Plaut. Capt. 13), *censerier* (Plaut. Capt. 15), e *adnitier* (Plaut. Amph. 13). Note-se ainda que, mesmo nos textos arcaicos, êstes infinitivos em *—ier*, ou em *—rier* eram raros e excepcionais, o que determina que Plauto os empregue quase que ùnicamente em fim de verso, ou, raríssimamente, no fim do hemistíquio. Estas formas de infinitivo quando aparecem no período clássico, o que aliás é muito raro, e só ocorre em poesia, são determinadas por simples exigência da métrica, ou então como um recurso estilístico. É mister ainda lembrar que êstes infinitivos se explicam como sendo formados dos mesmos infinitivos passivos normais em *—i*, ou em *—ri*, a que se teria juntado a terminação *—er* (C. D. Buck, *Comparative Grammar*, pág. 306). Mas a explicação é um tanto simplista, e se por um lado poder-se-ia compreender o *—r* como a característica

geral das formações passivas latinas, o *—e—* que o precede continua obscuro. Poder-se-á também lembrar a terminação *—er*, que ocorre na passiva impessoal osco-umbro.

Completam as formas nominais do verbo derivadas do tema do *infectum* o particípio presente, o gerúndio e o gerundivo, também chamado particípio de obrigação. O particípio presente, formado com o sufixo *—nt—*, ou melhor, *—e/—ont*, generalizou o vocalismo *—e—*, exceto nos verbos da primeira conjugação, cujo particípio é em *—ant—* (tipo *amans)*, podendo-se explicar o fato pela contração das duas vogais, o *—a—* do tema e *o—e—* do particípio. O particípio presente é comum à conjugação ativa e depoente, aparecendo, até, excepcionalmente com valor passivo (Verg. En. 1,238).

Para o gerúndio e gerundivo vale-se o latim de um sufixo *—e/ ond—*, que se junta ao tema do *infectum*, tendo predominado o vocalismo *—e—*, principalmente por influência do particípio presente, embora algumas formas em *—undus* se tenham conservado na língua com valor de adjetivo pròpriamente (*oriundus, secundus*,) ou mesmo com valor verbal *(deferundo, repetundae)*. O gerúndio e o gerundivo são formações itálicas, razão por que não são encontráveis em outras línguas indo-européias. O gerúndio fornece ao infinitivo presente os casos flexionados, e por isso é declinado no acusativo, genitivo, dativo e ablativo. Como vimos acima, na época arcaica, ao lado das formas com vocalismo em *—e—*, aparecem também na terceira e quarta conjugações gerúndios com o vocalismo *—o—*, representado em latim por *—u— : scribundi, deferundo*, etc. O gerundivo tem dois valores: exprime a idéia de ação, quer ativa, quer passiva; exprime a idéia de obrigação *(delenda est Carthago*, "Cartago deve ser destruída"), donde também chamar-se particípio de obrigação.

Completam as formas nominais do verbo o particípio passado em *—tus*, ou em *—sus* ; o supino em *—tum*, ou em *—tu* ; o infinitivo futuro em *—tūrum;* e o particípio futuro em *—tūrus*. É, sem dúvida, uma das maiores inovações do latim introduzir no sistema de sua conjugação essas formas nominais, entre as quais se salientam a de um substantivo em *—tu*, e a de um adjetivo em *—to*, ambas formadas por meio de um sufixo *—t—*. Como vimos, êste adjetivo em *—to* forma-se independentemente dos temas do *infectum* e do *perfectum*, sendo que no indo-europeu o vocalismo do radical apresentava grau zero, do que há vestígios em latim, como por exemplo os particípios *satus*, ou *status*, dos verbos *sero* "semear", e *sto* "estar de pé", em que o *—a—* representa o grau zero do vocalismo da raiz. Os particípios *tostus, doctus*, dos verbos *torreo* "secar", *doceo* "ensinar", ainda demonstram mais claramente o grau zero do vocalismo *(—e—)* da raiz. Mas, desde que o adjetivo em *—to—* passou a fazer parte da conjugação, manifestou-se no latim a tendência de se amoldar inteiramente ao verbo, o que explica que, muitas vêzes, as formas

de presente com infixo nasal tenham estendido êste infixo nasal ao particípio em *—to*, como por exemplo o verbo *iungo* "jungir", que apresenta um particípio *iunctus*. Por outro lado, o sufixo *—to—* sofre a evolução fonética para *—so—* ao se juntar a um radical verbal terminado em linguodental, donde os particípios *risus*, *sensus* dos verbos *rideo* "rir", e *sentio* "sentir". Outras vêzes, o *perfectum* em *—si* leva, por analogia, o particípio a tomar a forma *—sus*, como, por exemplo, os particípios *merus*, *fluxus*, *flexus*, de *mersi*, *fluxi*, *flexi*, perfeitos dos verbos *mergo*, *fluo*, *flecto*, respectivamente "mergulhar", "escorrer", "dobrar".

Ao lado do adjetivo em *—to—*, havia um substantivo em *—tu—*, que entrou para a conjugação para dar uma flexão ao infinitivo, só sendo empregado, porém, no acusativo, no dativo e no ablativo. Os gramáticos latinos posteriores denominam-no supino, e esta denominação permanece até nossos dias. Distinguia-se primitivamente do adjetivo em *—to—*, no que diz respeito à sua formação, por ser precedido não do grau reduzido do vocalismo da raiz, como acontecia no particípio passado, mas do seu grau pleno. Disso, aliás, ficaram raros vestígios no latim, como por exemplo *genĭtum*, em oposição ao particípio *natus*. Mas esta diferença primitiva não se manteve na língua, passando o supino a se formar do mesmo modo que o adjetivo em *—to—*, e segundo o seu modêlo. O acusativo do supino, geralmente chamado Supino I, é usado com os verbos de movimento (*eo* 'ir", *uenio* "vir"). O ablativo, que passou a sintetizar também na mesma desinência o dativo, denominado em geral Supino II, só é usado com adjetivos em expressões como *mirabĭle dictu* "coisa admirável de dizer", etc. Na língua arcaica, ainda aparecia o dativo inteiramente distinto do ablativo, como no seguinte passo de Plauto: *lepĭda memoratui* (Bac. 62) "coisas interessantes para lembrar".

O infinitivo futuro e o particípio futuro formaram-se provàvelmente do particípio em *—to—* mais o sufixo *—ro—*, donde as formas como *amatūrum*, *amatūram*, *amatūrum* para o infinitivo futuro, e *amatūrus*, *amatūra*, *amatūrum* para o particípio futuro. Segundo outro modo de ver, estas formas se iriam prender ao substantivo em *—tu—*, sendo que o infinitivo futuro teria sido uma verdadeira formação perifrástica constituída pelo supino em *—tu* mais uma forma **esom* de infinitivo itálico, que se manteve no osco-umbro, e que nada mais é do que o infinitivo do verbo *ser*. Dêste infinitivo futuro ter-se-ia formado por analogia o particípio futuro.

AS CONJUGAÇÕES

Resta-nos agora apenas tratar da divisão clássica dos verbos latinos em quatro conjugações. Aliás, esta divisão é inteiramente falha, não só por não se poder aplicar em geral às formas do *per-*

fectum, como também, mesmo no que diz respeito ao *infectum*, por reunir verbos com características diversas.

Os temas verbais do indo-europeu dividiam-se em dois grupos: o dos verbos radicais, ou atemáticos, que eram os mais numerosos; e o dos verbos temáticos, assim chamados por se derivarem de temas de formas já existentes na língua, quer fôssem elas nominais ou verbais. Do primeiro grupo em latim há, apenas, alguns vestígios, dentre os quais o mais claro é o verbo *sum*, que por isso fica como que à parte das conjugações. Assim, em latim, pode dizer-se que só há pròpriamente verbos temáticos formando conjugação, uma vez que os raros vestígios da conjugação atemática do indo-europeu não chegam a formar um sistema perfeitamente constituído.

Seguindo a divisão clássica das quatro conjugações latinas, comecemos pela primeira, que é a mais produtiva em latim, e ainda se conserva como tal nas línguas românicas.

A *primeira conjugação* divide os seus verbos em três grupos:

I) Verbos *Denominativos*, derivados de substantivos ou adjetivos, primeiramente só de temas em *–a–*, e depois oriundos dos demais temas de flexão nominal, como, por exemplo: *planto* "plantar", de *planta* "planta"; *seruo* "guardar", de *seruus* "escravo"; *laudo* "louvar", de *laus* "louvor"; *fluctŭo* "flutuar", de *fluctus* "onda"; *glacĭo* "gelar", de *glacĭes* "gêlo"; *caeco* "cegar", de *caecus* "cego"; *celĕbro* "freqüentar", de *celĕber* "freqüentado". Constituem os denominativos a grande maioria dos verbos da primeira conjugação, e o tipo de derivação que mais se desenvolveu, sendo o mais simples e que veio constituir o paradigma, por assim dizer, mais regular. O *perfectum* dos denominativos é sempre em *–āui*, e o particípio em *–ātus*.

II) Os *Iterativos*, ou *Freqüentativos*, em *–to*, ou *–so*, que indicam ação repetida, sendo também, às vêzes, puramente intensivos. Derivando-se do particípio em *–to–*, os iterativos são pròpriamente denominativos: *canto* "cantar", de *cantus* particípio de *cano*; *dicto* "dizer muitas vêzes", de *dictus* particípio de *dico* "dizer"; *curso* "correr sem cessar", de *cursus* particípio de *curro* "correr". Os iterativos em *–ito* tiveram origem nos verbos cujo particípio era em *–itus*, como por exemplo: *habĭto* "habitar", de *habĭtus* particípio de *habĕo* "ter"; *dormĭto* "ter sono", de *dormītus* particípio de *dormĭo* "dormir". Sendo êstes verbos essencialmente iterativos uma criação popular da língua falada, acontece que sofriam em geral um enfraquecimento em seu valor semântico primitivo, passando a substituir inteiramente os verbos primitivos de que se haviam derivado. Êste fato explica não só virem êles substituir os primeiros nas línguas românicas, como também servirem de base para a formação de outros freqüentativos em latim, como *cantĭto* "cantar muitas vêzes,

cantarolar", de *canto*; ou *cursito* "correr por um lado e por outro", de *curso*, etc.

Ao grupo dos iterativos geralmente se junta o dos verbos intensivos durativos, que, porém, têm outra formação, apresentando freqüentemente o vocalismo radical de grau zero, como *dico*, *dicāre* "proclamar", de *dico* "dizer"; *educo*, *educāre* "educar", de *duco* "conduzir". Quase todos êles vêm acompanhados de prevérbios, o que se explica pelo fato de indicarem geralmente o processo verbal em vias de chegar a um têrmo, e a ação completamente realizada.

III) Enfim, o terceiro grupo é constituído pelos vestígios de alguns verbos atemáticos do indo-europeu, como *flo* "soprar"; *no* "nadar"; *aro* "arar"; *calo* "chamar". A êstes verbos se vêm juntar os verbos primários que apresentam *—a—* ùnicamente nos temas do presente, como *crepo* "fazer barulho"; *domo* "domar"; *seco* "cortar"; *ueto* "proibir"; *iuuo* "agradar"; *lauo* "lavar-se".

A *segunda conjugação* compreende quatro tipos de presente:

I) *Verbos Denominativos* oriundos primitivamente dos temas em *—o/e—*, e posteriormente também provindos das outras declinações: *albĕo* "alvejar", de *albus* "branco"; *ardĕo* "arder", de *aridus* "sêco"; *nigrĕo* "estar negro", de *niger* "negro"; *frondĕo* "ter fôlhas", de *frons* "folhagem"; *senĕo* "estar velho", de *senex* "velho"; *sordĕo* "estar sujo", de *sordes* "imundície"; etc. Os denominativos são em geral intransitivos, e indicam quase sempre estado.

II) *Verbos Causativos*, ou *Factivos Iterativos*, que indicam que o sujeito faz cumprir a ação expressa pelo verbo, sendo, pelo seu próprio sentido, geralmente transitivos, como: *docĕo* "fazer aprender, ensinar"; *monĕo* "fazer pensar, advertir"; *mordĕo* "fazer sofrer",e daí: "morder"; *torquĕo* "fazer dar volta"; *augĕo* "fazer crescer, aumentar"; *suadĕo* "tornar agradável" (cf. *suauis*) e daí: "persuadir"; *terrĕo* "fazer tremer" (cf. *tremo*, da mesma raiz). Êstes verbos apresentam o vocalismo geralmente em *—o—*.

III) *Verbos de Estado*, geralmente intransitivos, possuindo algumas formas duplas transitivas que seguem a terceira conjulgação, como: *iacĕo* "estar estendido" e *iacio* "atirar"; *pendĕo* "estar pendurado, pender" e *pendo* "*pendurar*". Quase todos êstes verbos de estado, porém, são isolados, havendo ainda alguns que são empregados com sentido transitivo e intransitivo, como: *habĕo* "ter" em sentido transitivo, e "habitar" em sentido intransitivo; *uegĕo* "animar" em sentido transitivo, e "estar animado" em sentido intransitivo; etc. Êstes verbos de estado são provàvelmente formados de antigos temas de aoristo, dos quais se tiraram os presentes que apresentam freqüentemente o vocalismo radical em grau zero, só conservando o *—e—* no tema do *infectum*. Por isso a maior parte dêsses verbos faz

o *perfectum* em *—ui*, por influência de *monĕo*, embora alguns dêles conservem tipos mais antigos de *perfectum* ,como: *manĕo* "permanecer", *perfectum mansi* ; *pendĕo*, *perfectum pepēndi*, etc.

IV) Alguns verbos atemáticos primários com a raiz em *—e—*, que se conservam nos tempos do *perfectum*, como: *fleo* "chorar"; *neo* "tecer"; *pleo* "encher" (mas que só aparece em compostos, como *implĕo*, etc.), aos quais cumpre acrescentar *delĕo* "destruir", cujo presente parece refeito do *perfectum delēui*.

A *terceira conjugação* é a que conta com o maior número de formações, sendo, além disso, a que reune o maior número de verbos temáticos. Vejamos os principais grupos em que se divide :

I) *Verbos Temáticos* com vogal radical breve ou longa, ou com ditongo. Geralmente apresentam o vocalismo *—e—* da raiz :

a) verbos com vogal radical *—e—* (breve ou longa): *emo* "comprar"; *gemo* "gemer"; *gero* "levar"; *lego* "ler"; *pendo* "pesar"; *peto* pelir"; *alo* "nutrir"; *cado* "cair"; *cano* "cantar"; *lauo* "lavar"; *parco* "arrastar-se"; *cedo* "retirar-se"; etc.

b) verbos com vogal radical *—a—* (breve ou longa): *ago* "impelir"; *alo* "nutrir"; *cado* "cair"; *cano* "cantar"; *lauo* "lavar"; *parco* "poupar"; *scalpo* "raspar"; *traho* "puxar"; *labor* "escorregar"; *rado* "raspar"; *uado* "caminhar"; etc.

c) verbos com vogal radical *—i—* (breve ou longa): *diuido* "separar";*mitto* "enviar"; etc., e *dico* "dizer"; *fido* "confiar"; *nitor* "apoiar-se"; *figo* "pregar"; *frigo* "assar"; *scribo* "escrever"; *uiuo* "viver"; *irrīdo* "rir"; etc.

d) verbos com vogal radical *—o—* (breve ou longa): *olo* "cheirar" (arcaico); *sorbo* "absorver"; *uomo* "vomitar"; *colo* "cultivar"; loquor "falar"; etc., e *rodo "roer"*; etc.

e) verbos com vogal radical *—u—* (breve ou longa): curro "correr"; *fulgo* "brilhar"; *sculpo* "esculpir"; etc., e *duco* "conduzir"; *nubo* "casar-se"; *uro* "queimar"; *utor* "servir-se"; *sugo* "sugar"; etc.

f) verbos com ditongo *—ae—*, ou *—au—*: *caedo* "cortar"; *quaero* "procurar"; *plaudo* "aplaudir"; etc.

II) Verbos Temáticos com redôbro: *bibo* "beber"; *gigno* "engendrar"; *sero* "semear"; *sido* "sentar-se"; *sisto* "suster".

III) Verbos com infixo nasal: *findo* "fender"; *frango* "quebrar"; *linquo* "deixar": *rumpo* "romper"; *tango* "tocar"; *uinco* "vencer". Nestes verbos, a nasal só aparece no tema do *infectum*. Em outros, porém, se estende, por vêzes, aos tempos do *perfectum* ou ao particípio, quando não a ambos simultâneamente, como por exemplo: *fingo, finxi, fictum* "modelar no barro"; *tundo, tutŭdi, tunsus* "ba-

ter"; e *iungo, iunxi, iunctus* "jungir"; etc. Em alguns verbos, a nasal pertence à raiz, como em *ango* "apertar"; *cingo* "cingir"; *ungo* "ungir"; etc.

IV) Verbos com o sufixo *–no–* (geralmente em pequeno número): *cerno* "discernir"; *sino* "deixar"; *pono* "pôr"; etc.

V) Verbos Incoativos, com o sufixo *–sco–*: *cresco* "crescer"; *disco* "aprender"; *durēsco* "endurecer"; *obdormīsco* "adormecer"; etc.

VI) Verbos em *–do–*, e em *–to–*: *dīdo* "distribuir; credo *"crer"*; *flecto* "curvar"; *pecto* "pentear"; etc. Por vêzes, o *–d–* sofre a assimilação regressiva em contato com um *–l–* seguinte, donde a forma *–ll–*: *sallo*, proveniente de *saldo* "salgar"; etc.

VII) Verbos Desiderativos em *–sso* (ou em *–so*, depois de vogal longa, ou ditongo): *capēsso* "procurar apanhar", de *capĭo; facēsso* "desejar fazer", de *facĭo; quaeso* "ir procurar", de *quaero; uiso* "querer ver", de *uidĕo;* etc.

VIII) Verbos Denominativos em *–uo*, derivados dos temas nominais em *–u–: acŭo* "aguçar", de *acus* "agulha"; *metŭo* "temer", de *metus* "mêdo"; *tribŭo* "distribuir entre as tribos", de *tribus* "tribo"; etc.

Os verbos em *–io* serão estudados com a quarta conjugação.

A *quarta conjugação* compreende quatro tipos de presente:

I) Verbos Radicais, formados por meio do sufixo *–ye/yo–*. O sufixo geralmente se apresenta com a forma longa, representado por um *–ī– longo*, como em *audĭo* "ouvir" (cf. as formas: *audīs, audīmus, audīre); dormĭo* "dormir"; *aperĭo* "abrir"; como os verbos de raiz monossilábica: *scio, scis* "saber"; *fio, fis*, "tornar-se". O sufixo *–yo/ye–*, porém, é breve, sendo representado por um *–ĭ–* breve, quando vem logo depois de sílaba inicial breve; e ainda quando o referido sufixo é imediatamente precedido de uma oclusiva. É de se notar que os verbos assim formados são imprópriamente classificados como pertencentes à terceira conjugação. Aliás, a confusão entre êstes dois grupos sempre foi freqüente, em especial com os verbos *morĭor* "morrer", e *orĭor* "originar-se" (cujo infinitivo é sempre *orīri*), que apresentam formas com *–ī–* longo, principalmente no latim arcaico: *si uiuimus siue morīmur* (Ên. An. 392) "se vivemos ou se morremos"; *non morīri certĭus* (Plaut. Capt. 32) "não é mais certo morrer"; *cupĭdusque morīri* (Ov. Met. 14,215) "desejoso de morrer".

III) *Verbos Denominativos*, primeiramente originários apenas dos temas em *–i–*, como: *finĭo* "acabar", de *finis* "fim"; *febrĭo* "estar com febre", de *febris* "febre"; etc. Posteriormente, por analogia com esta formação, começaram a aparecer denominativos prove-

INDEX

nientes de temas consonânticos, como: *custodĭo* "guardar", de *custos* "guarda", daí se estendendo para outros temas, como: *hostĭo* "usar de represálias", provàvelmente de *hostĭa* "vítima"; *superbĭo* "ser soberbo", de *supĕrbus* "soberbo"; *gestĭo* "gesticular", de *gestus* "gesto"; etc.

III) Verbos Desiderativos em *–turĭo*, e *–surĭo*, como: *empturĭo* "ter vontade de comprar"; *esurĭo* "ter vontade de comer, estar com fome"; etc.

IV) Um único verbo causativo: *sopĭo* "fazer dormir".

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Madvig — Epiphanio Dias, *Gramática Latina*, págs. 74-139.

L. Job, *Le Présent et ses Derivés dans la Conjugaison Latine*, Paris, 1893. Trabalho excelente, ainda de consulta aconselhável pela segurança da doutrina e rica documentação, apesar da data de sua publicação.

D. Barbelenet, *De l'Aspect Verbal en Latin Ancien*, Paris, 1913. Bom trabalho, erudição segura.

W. M. Lindsay, *Latin Grammar*, págs. 99-134.

F. Sommer, *Handbuch*, págs. 478-618.

A. Burger, *Études de Phonétique et de Morphologie Latines*, Neuchatel, 1928, págs. 101-134.

Stolz — Schmalz, *Lat. Grammatik*, págs. 301-344.

C. D. Buck, *Comparative Grammar*, págs. 237-310.

R. G. Kent, *The Forms of Latin*, págs. 92-137.

A. Meillet — J. Vendryes, *Grammaire Comparée*, págs. 173-196; 261-363.

V. Pisani, *Grammatica Latina*, págs. 228-302.

C. Tagliavini, *Fonetica e Morfologia*, págs. 132-211.

A. Traglia, *La Flessione Verbale Latina*, Torim, 1950. Bom trabalho, síntese e exposição crítica das principais teorias sôbre a conjugação latina.

A. Ernout, *Morphologie*, págs. 113-232.

L. R. Palmer, *The Latin Language*, págs. 261-281.

INDEX

INDEX

CAPÍTULO XVIII

ADVÉRBIO

O *advérbio* é uma palavra invariável que se junta principalmente ao verbo para modificar-lhe o sentido, sendo que também, às vêzes, pode acompanhar o adjetivo ou outro advérbio, para acrescentar-lhe uma determinação ou noção acessória. Sendo invariáveis, não comportam os advérbios nenhuma flexão, mas os que se derivam de adjetivos qualificativos, quase todos advérbios de modo, costumam admitir os graus de significação.

1. ADVÉRBIOS DE MODO

I. Em latim, como em português, a maioria dos advérbios de modo se deriva de adjetivos qualificativos, havendo, entretanto, um certo número dêles que não têm esta formação. Comecemos pelos primeiros.

II. Dos adjetivos da primeira classe se derivam geralmente advérbios terminados em *–e*, enquanto que os que se derivam de adjetivos da segunda classe geralmente terminam em *–ter*. Assim, de *iustus, –a, –um* "justo", é formado o advérbio *iust–e* "justamente", de *malus, –a, –ŭm*, o advérbio *mal–e* "mal"; de *breuis, –e* o advérbio *breuĭ–ter* "brevemente", de *audax*, o advérbio *audac–ter* "audazmente".

Observações:

1) Além dos advérbios em *-e*, também correspondem a adjetivos da primeira classe alguns advérbios em *-o*, dentre os quais citamos os seguintes: *certo* "certamente", *crebrō* "freqüentemente", *continŭō* "imediatamente", *falsō* "falsamente", *sedŭlō* "francamente", *subito* "sùbitamente", *fortuĭtō* "fortuitamente", *manifēstō* "às claras", *merĭtō* "merecidamente", *necessariō* "necessàriamente", *tutō* "em segurança", *necopinātō* "inesperadamente", *rarō* "raramente".

2) Cumpre notar que a divisão em advérbios derivados da primeira classe de adjetivos em *-e*, e da segunda em *-ter*, não é absolutamente rígida. Há advérbios em *-ter* formados de adjetivos da primeira classe, como

advérbios em *-e* derivados da segunda classe de adjetivos, e ainda advérbios que admitem ambas as formações. Exs.: De *opulēntus* "opulento", de *uiolēntus* "violento", se derivam os advérbios *opulēnter* "opulentamente", *uiolēnter* "violentamente"; de *facĭlis* "fácil", *impūnis* "impune", (raro: Apul., Met., III, 6) os advérbios *facĭle* "fàcilmente", *impūne* "impunemente". Dos adjetivos *firmus* "sólido", *humānus* "humano", *largus* "largo", os advérbios *firme e firmĭter* "firmemente", *humāne* e *humanĭter* "humanamente", e *large* e *largĭter* "com largueza".

Comparativo dos Advérbios de Modo

III. Os advérbios de modo, derivados de adjetivos qualificativos, como vimos, admitem graus de comparação. O comparativo dêstes advérbios é formado tomando-se ùnicamente o nominativo neutro singular do comparativo do adjetivo de que se derivar o advérbio. Assim, o comparativo de *iustus, —a, —um,* é *iustĭor, iustĭus;* por conseguinte o comparativo de *iuste* será *iustĭus,* como o de *breuĭter* será *breuĭus,* o de *falso* será *falsĭus,* o de *prudēnter, prudentĭus,* o de *firme* ou *firmĭter, firmĭus,* etc.

Superlativo dos Advérbios de Modo

IV. O superlativo dos advérbios de modo derivados de adjetivos qualificativos é também formado do superlativo do adjetivo de que se deriva o advérbio, trocando-se-lhe, porém, as desinências de adjetivo pela característica *—e,* quer o advérbio se derive de um adjetivo da primeira classe, quer se derive de um da segunda. Assim, o superlativo do advérbio *iuste* será *iustissĭme,* formado de *iustissĭmus,* como o de *breuĭter* será *breuissĭmē,* o de *prudēnter, prudentissĭmē,* o de *firme* ou *firmĭter, firmissĭmē.* Note-se, porém, que os advérbios que fazem o positivo em *—o* têm geralmente o superlativo também em *—o*: *tuto, tutissimo; falso, falsissimo.*

V. Os advérbios de modo derivados de adjetivos qualificativos que tenham o comparativo e o superlativo irregulares conseqüentemente terão o seu comparativo e superlativo formados dêsses comparativo e superlativo irregulares do adjetivo de que se derivem. Assim *bene,* derivado de *bonus,* terá o comparativo *melius* e o superlativo *optĭme;* da mesma forma *male, peius, pessĭmē; magnifĭcē, magnificentĭus, magnificentissĭmē; simĭlĭter, similius, simillĭmē; pulchrē, pulchrĭus, pulcherrĭmē,* etc.

VI. Derivados de substantivos há advérbios de modo formados com os sufixos *—ātim e —ĭtus;* de *caterua* "bando", o advérbio *cateruātim* "aos bandos", de *gradus* "passo", *gradātim* "gradativamente"; de *fundus* "fundo", "base", *fundĭtus,* "desde os alicerces", de *radix* "raiz", *radicĭtus* "desde a raiz". Êstes advérbios não têm os graus de comparação por não se derivarem de adjetivos qualificativos.

VII. Resta-nos mencionar os principais advérbios primitivos ou que não tenham tido a formação dos precedentes, sendo inútil acrescentar que nenhum dêles tem comparativo nem superlativo. *Adĕo* "de tal modo", *fere* "quase", *forte* "por acaso", *fortāsse* "talvez", *forsĭtan* 'talvez" *idĕo* "por isso", *ita* "assim"; *modo* "sòmente", *nequīquam* "inùtilmente", *prope* "quase", *quasi* "como se", *sic* "assim", *sponte*, "espontâneamente", *tantum* "sòmente", *tantummŏdo* "sòmente", *uelut*, "assim como", *ultro* "espontâneamente", *ut* "como", *paene* "quase", *frustra* "em vão".

2. ADVÉRBIOS DE LUGAR

I. Os advérbios de lugar em latim podem dividir-se em dois grupos: os que se derivam de pronomes (principalmente dos demonstrativos), e os que não se derivam de pronomes. Começaremos pelos primeiros.

II. Como o adjunto circunstancial de lugar em português, assim, em latim, os advérbios de lugar se dividem pelas quatro questões: *ubi* (lugar onde), *unde* (lugar donde), *quo* (lugar para onde) e *qua* (lugar por onde). No quadro que se segue daremos os pronomes e ao lado os advérbios dêles derivados:

Demonstrativos	ubi (lugar onde)	unde (lugar donde)
hic	*hic*, aqui	*hinc*, daqui
iste	*istīc*, aí	*istinc*, daí
ille	*illīc*, lá	*illinc*, de lá
is	*ibi*, aí	*inde*, daí
idem	*ibīdem*, aí mesmo	*indĭdem*, daí mesmo
alius	*alĭbi*, em outro lugar	*aliunde*, de outro lugar
aliquis	*alicŭbi*, em algum lugar	*alicūnde*, de algum lugar
quisquis	*ubiŭbi*, em qualquer lugar que	*undĭque*, de qualquer lugar
siquis	*sicŭbi*, se em algum lugar	*sicūnde*, se de algum lugar
nequis	*necŭbi*, para que em lugar nenhum	*necūnde*, para que de nenhum lugar

Demonstrativos	quo (lugar para onde)	qua (lugar por onde)
hic	*huc*, para cá	*hac*, por aqui
iste	*istūc*, para aí	*istāc*, por aí
ille	*illūc*, para lá	*illāc*, por lá
is	*eo*, para aí	*ea*, por aí

idem	*eōdem*, para aí mesmo	*eādem*, por aí mesmo
alius	*alio*, para outro lugar	*alia*, por outro lugar
aliquis	*alĭquo*, para algum lugar	*alĭqua*, por algum lugar
quisquis	*quoquo*, para qualquer lugar	*quaqua*, por qualquer lugar
siquis	*siquo*, se para algum lugar	*siqua*, se por algum lugar
nequis	*nequo*, para que para nenhum lugar	*nequa*, para que por nenhum lugar

III. Além dêstes, há os advérbios de lugar que não se derivam de pronomes e que passaremos a mencionar: *comminus* "de perto", *deorsum* "para baixo", *dextra* "à direita", *emĭnus* "de longe", *foras* "para fora", *foris* "fora", *intro* "dentro", *introrsum* "para dentro", *nequāquam* "por nenhum lado", *obuiam* "ao encontro", *procul* "longe", *prope* "perto", *prorsum* "para diante", *quaquam* "por qualquer lugar", *retrorsum* "para trás", *rursum* "de novo", *retro* "atrás", *sursum* "para cima", *sinistra* "à esquerda", *ubĭuis* "em qualquer lugar", *ubĭque* "em tôda parte", *undĭque* "de tôda parte", *utrinque* "de ambas as partes".

3. ADVÉRBIOS DE TEMPO

Os principais advérbios de tempo são os seguintes: *aliquando* "uma vez", *antĕa* "dantes", *adhuc* "ainda", "até agora", *alĭas* "outra vez", *breui* "breve", *cras* "amanhã", *dudum* "há tempo", *demum* "finalmente", *deinde* "depois", *denĭque* "finalmente", *diu* "muito tempo", *denŭo* "de novo", *extemplo* "logo", *heri* "ontem", *illico* "logo", *interdum* "às vêzes", *interdiu* "de dia", *initĭo* "a princípio", *iam* "já", *mox* "daqui a pouco", *mane* "de manhã", *nunquam* "nunca", *noctu* "de noite", *nondum* "ainda não", *nunc* "agora", *olim* "uma vez", *pridem* "há muito tempo", *postĕa* "depois", *protĭnus* "logo", *paulisper* "por algum tempo", *principio* "a princípio", *quondam* "uma vez", *quotannis* "cada ano", *repente* "repentinamente", *recens* "há pouco", *saepe* "muitas vêzes", *semper* "sempre", *simul* "simultâneamente", *statim* "imediatamente", *subito* "de súbito", *tandem* "finalmente", *tum* "então", *tunc* "então", *unquam* "algumas vêzes", *uespĕri* "de tarde".

4. ADVÉRBIOS DE QUANTIDADE

Os principais advérbios de quantidade são os seguintes: *magis* "mais", *multo* "muito", *multum* "muito", *minus* "menos", *paulum* "pouco", *quam* "quão", *quantum* "quanto", *tantum* "tanto", *tam* "tão".

5. ADVÉRBIOS DE NEGAÇÃO

Os principais advérbios de negação são os seguintes: *haud, haut* ou *hau* "não", *nec* (arcaico) "não", *ne* "não", *non* "não", *haudquāquam* "de modo nenhum", *neutĭquam* "de nenhum modo".

6. ADVÉRBIOS DE AFIRMAÇÃO

Os principais advérbios de afirmação são os seguintes: *certe* "certamente", *equidem* "sim, certamente", *etiam* "com certeza", *omnīno* "inteiramente", *plane* "perfeitamente", *profecto* "realmente", *quidem* "verdadeiramente", *sane* "sem dúvida", *uero* "positivamente".

7. ADVÉRBIOS INTERROGATIVOS

Os principais advérbios interrogativos são os seguintes: *cur?* "por que?", *quamobrem?* "por que razão?", *quare?* "por que?", *quomŏdo?* "como?".

COMPLEMENTO AO ESTUDO DO ADVÉRBIO

Quanto a sua origem, muitos advérbios são simples formas casuais, fixadas em determinados casos, como que assim fossilizadas, e que passaram a ser usadas advèrbialmente, destacando-se, desta forma, do sistema da declinação. Outras vêzes, são formados de certas terminações que lhe são características, geralmente provenientes de antigas desinências nominais, conservadas ou não pela língua comum. Finalmente, alguns representam verdadeiras locuções prepositivas que acabaram por ser compreendidas como um único vocábulo. Passaremos, pois, à consideração de cada um dêsses casos, começando pelo primeiro, que, como tivemos oportunidade de ver, constitui a grande maioria dos advérbios.

Em princípio, todos os casos, com exclusão apenas do vocativo, podem ser usados como advérbio, mas, em realidade, dois casos, o acusativo e o ablativo, são os que mais freqüentemente se encontram empregados adverbialmente.

O acusativo usado em função de advérbio, o que na sua essência é uma peculiaridade da sintaxe do indo-europeu, aparece, além da forma do neutro singular que é a mais usual, também na do feminino singular, e ainda na do feminino plural. Assim, *primum* "primeiramente", *multum* "muito", *uerum* "verdadeiramente"", *plus* "mais", bem como os advérbios de tempo (e conjunções) formados de temas pronominais, como *tum* "então", *nunc* "agora", *cum* (for-

ma arcaica *quom)* "quando", etc. são todos antigos acusativos neutros. *Tam* "tão", *iam* "já", etc. representam um antigo acusativo feminino singular. Igualmente os advérbios em *—tim* ou em *—im* representam provàvelmente o antigo acusativo singular dos temas sonânticos, como *statim* "imediatamente", *partim* "em parte", *furtim* "furtivamente", etc. *Foras* "do lado de fora" é um antigo acusativo feminino plural. Embora mais raros, há também exemplos de advérbios provenientes de antigo acusativo neutro plural, como por exemplo *quia* "porque", etc.

A característica *—e* dos advérbios de modo, geralmente provenientes de adjetivos de primeira classe, como *male, bene*, etc., bem como o superlativo dêsses advérbios, como *pessime, optime*, etc., é uma antiga desinência de instrumental, ou, segundo alguns autores, pròpriamente de ablativo singular, como a dos advérbios em *—o*, como *modo*, "apenas", *certo* "certamente", *primo* "primeiramente", *cito* "cedo", *tuto* "em segurança", etc. Os advérbios em *—a*, como *dextra* "à direita", *supra* "acima", e as formas pronominais como *hac, qua, ea, istac*, etc. são representantes do ablativo feminino singular, como *gratis*, ou *gratiis* "gratuitamente", de ablativo plural.

Os advérbios de lugar e de tempo, como *ibi, ubi, istic, illic, domi, humi, militiae* são representantes de antigos locativos.

O nominativo aparece em advérbios como *uersus* "na direção de", e o genitivo, em *nox* "de noite".

Entre as terminações características dos advérbios, mencionaremos o sufixo *—ies*, ou *—iens*, formador de advérbios numerais, como *quinquies* "cinco vêzes", *decies* "dez vêzes", etc.; *—tus*, que aparece em *antiquitus* "desde antigamente", *funditus* "até o fundo"; *—ter*, formador de advérbios provenientes de adjetivos da segunda classe, é provàvelmente um antigo caso de derivado nominal em *—tero; —dem : quidem* "em verdade", *tandem* "enfim", etc.; *—dam : quondam* "outrora"; *—dum : nondum* "ainda não". A característica *—tim*, que já consideramos, merece um reparo : é uma antiga desinência de acusativo singular dos temas em *—i—* da terceira declinação, que depois, ligada principalmente a particípios em *—tus*, passou a se estender a outros substantivos, donde os advérbios como *statim*, "imediatamente", *sensim* "sensìvelmente", *cateruātim* "em bandos", etc.

Enfim, são freqüentes em latim os advérbios formados de verdadeiras locuções constituídas por preposições acompanhadas de seus regimes como : *admŏdum, adhuc, extēmplo, denŭo, profecto, postĕa*, etc.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

W. M. Lindsay, *Latin Grammar*, págs. 134-143.

Stolz-Schmalz, *Lat. Grammatik*, págs. 299-300.

A. Meillet — J. Vendryes, *Grammaire Comparée*, págs. 516-521.

R. G. Kent, *The Latin Forms*, págs. 84-87.

V. Pisani, *Grammatica Latina*, págs. 302-304.

V. Magnien, *Grammaire Comparée du Grec et du Latin*, (Morphologie) págs. 457-485.

L. R. Palmer, *The Latin Language*, págs. 281-283.

INDEX

INDEX

CAPÍTULO XIX

PREPOSIÇÕES

1. As *preposições* são, em sua grande maioria, antigos advérbios ou partículas independentes, sendo, como muitos advérbios, originárias de antigas formas nominais flexionadas. A princípio, sua função era trazer maior ênfase à expressão, sendo também empregadas por uma necessidade maior de clareza, uma vez que as relações que mais tarde elas passaram a indicar, os casos já as exprimiam por si mesmos. Depois, entretanto, havendo um enfraquecimento do valor significativo dos casos, o emprêgo dêsses advérbios e partículas se tornou uma necessidade absoluta de clareza, sendo por êste motivo freqüentemente usados, o que determinou o aparecimento de uma nova classificação gramatical, a das preposições. Por vêzes, êstes advérbios e partículas eram acrescentados, não para tornarem mais preciso o emprêgo de um caso, mas a significação de um verbo a que se vinham jungir, constituindo destarte os prevérbios, de que aliás nos iremos ocupar em outro capítulo, quando estudarmos a formação das palavras.

2. Do que ficou dito acima se tira uma conclusão: não são pròpriamente as preposições que regem os casos, mas, ao contrário, êstes é que passaram a exigí-las para maior clareza da expressão. Aliás, em tôdas as épocas da língua, ainda se encontram vestígios do primitivo estado de coisa, quando por si sós os casos eram bastantes para indicarem as relações estabelecidas posteriormente pelas preposições, como por exemplo acontece com nomes próprios de cidades ou de pequenas ilhas, ou ainda com substantivos como *rus* e *domus*, que as dispensam.

3. As preposições em latim costumam acompanhar o acusativo, ou o ablativo, havendo quatro, porém, que ora se empregam com o acusativo ora com o ablativo. Assim divididas nestes três grupos, as preposições exprimem relações de lugar e, por metáfora, relações de tempo, de causa, de modo, etc.

4. PREPOSIÇÕES USADAS COM ACUSATIVO

As seguintes preposições só são usadas com o acusativo:

Ad – 1.º) indica aproximação, direção para, na vizinhança de (geralmente com idéia de movimento e com relação ao tempo e ao espaço): "a", "para", "até". Exs.: *ad urbem uenire* (Cíc., Verr., 2,167) "vir à cidade"; *ad Genăuam peruĕnit* (Cés., B. Gal., 1,7,1) "chegou perto de Genebra"; *ex eo oppĭdo pons ad Heluetios pertĭnet* (Cés., B. Gal., 1,6,3) "estende-se desta cidade uma ponte até os Helvécios"; *ad summam senectūtem* (Cíc., Br., 179) "até a mais avançada idade"; *ad hoc tempus* (Cíc., Verr., 3,216) "até o momento presente"; 2.º) Dêsse sentido geral de "em direção a, na vizinhança de", se passou aos de: "junto de", "ao pé de" (sem idéia de movimento): *fuit ad me sane diu* (Cíc., At., 10,4,8) "estêve comigo" (junto de mim) muito tempo"; bem como aos de: "na presença de", "perante": *ad iudĭcem* (Cíc., Br., 289) "perante o juiz"; *ad omnes natiōnes sanctum nomen* (Cés., B. Gal., 3,9,3) "título sagrado perante tôdas as nações". 3.º) Em sentido figurado: "em vista de", "em relação a", "conforme", "no que diz respeito", "em comparação a", "em proporção a", e, principalmente com numerais, "cêrca de", "aproximadamente": *ad celeritātem onerandi paulo humiliores (naues)* (Cés., B. Gal., 5,1,2) "em vista da rapidez do carregamento manda fazer navios um pouco mais baixos"; *genus praedandi ad magnitudĭnem quaestus immensum* (Cíc., Verr., 5,22) "gênero de pilhagem imensa quanto ao lucro"; *ad cetĕra egregius* (T. Lív., 37, 7,15) "notável em relação ao resto"; *uersare suam natūram ad tempus* (Cíc., Cael., 13) "modificar o seu caráter conforme as circunstâncias"; *terram ad uniuersi caeli complexum quasi puncti instar obtinēre* (Cíc., Tusc., 1,40) "ocupar a terra como que o eqüivalente de um ponto em comparação com o conjunto de todo o céu"; *occīsis ad homĭnum milĭbus quattuor* (Cés., B. Gal., 2,32,5) "cêrca de 4.000 homens mortos".

Ante – 1.º) "diante de", "perante" (sentido local): *alĭquem ante currum suum ducĕre* (Cíc., Verr., 5,67) "conduzir alguém diante de seu carro (de triunfo)"; *cum ante se hostem uidĕret* (Cés., B. Ciu., 1,70,3) "como visse o inimigo diante de si". 2.º) "antes de" (sentido temporal): *ante Romam condĭtam* (Cíc., Tusc., 1,3) "antes da fundação de Roma"; *ante horam decĭmam* (Cíc., Verr., 1,41) "antes da décima hora". 3.º). Em sentido figurado, idéia de preexcelência, "mais do que", "antes": *facundia Graecos, gloria belli Gallos ante Romānos fuisse* (Sal., Cat., 53,3) "os gregos na eloqüência, e os gauleses na glória da guerra terem excedido os romanos". Neste emprêgo, não aparece nem em Cícero nem em César.

Apud – 1.º) (Geralmente acompanhando um nome de pessoa), "junto de", "em casa de", "em", "perto de": *dum haec apud Caesă-*

INDEX

rem geruntur (Cés., B. Gal., 6,57,1) "enquanto isto se passa junto de César"; *apud Laecam* (Cíc., Cat., 1,4,9) "em casa de Leca"; *apud Platōnem* (Cíc., Br., 292) "em Platão". 2.º) "junto de" (sentido local): *apud focum* (Cíc., Rep., 3,40) "junto da lareira" (emprêgo raro); *apud Mantinēam* (Cíc., Fin., 2,97) "junto de Mantinéia".

Circa — 1.º) "Em volta de", "em redor de" (sentido local): *circa urbem* (T. Lív., 7,38,7) "em volta da cidade"; *circa montem Amanum* (Cés., B. Ciu, 3,31,1) "em redor do monte Amano"; *circa se* (Cíc., Verr., 1,133) "em volta de si". 2.º) "cêrca de" (sentido temporal): *circa eandem horam* (T. Lív., 42,57,10) "cêrca da mesma hora"; *circa lucem* (Sên., Nat., 5,8,2) "cêrca do amanhecer". 3.º) cêrca de, aproximadamente (antes de um numeral): *oppĭda circa septuaginta* (T. Lív., 45,34,6) "cêrca de setenta cidadelas". Nestes dois últimos empregos, não aparece em Cícero nem em César.

Circum — 1.º) "Em tôrno de", "em volta de" (sempre em sentido próprio): *templa quae circum forum sunt* (Cíc., Opt., 10) "os templos que estão em volta do forum". 2.º) "Nas circunvizinhanças": *legiōnes quae circum Aquilēiam hiemabant* (Cés., B. Gal., 1,10,3) "as legiões que invernavam (estavam nos acampamentos de inverno) nas circunvizinhanças de Aquiléia".

Cis — 1.º) "Aquém de", "para cá de" (sentido próprio); *cis Taurum* (Cíc., Fam., 3,8,5) "aquém do monte Tauro"; *qui cis Rhenum incŏlant* (Cés., B. Gal., 2,3,4) "os quais habitam para cá do rio Reno". 2.º) "Antes de" (sentido temporal) : *cis dies paucos* (Plaut., Truc., 348) "antes de poucos dias, i. e.. daqui a poucos dias". Êste segundo emprêgo ocorre na língua arcaica e na língua familiar.

Citra — 1.º) "Aquém de", "para cá de" (sentido próprio): *citra Rhenum* (Cés., B. Gal., 6,32,1) "para cá do Reno". 2.º) "Antes de" (sentido temporal); "sem atingir a"; e, em sentido figurado, "sem ir até", "sem": *citra Troiana tempŏra* (Ov., Met., 8,365) "antes dos tempos de Tróia"; *citra scelus* (Ov., Tr., 5,8,23) "sem ir até o crime"; *plus... usus sine doctrina quam citra usum doctrīna ualet* (Quint., 12,6,4) "mais vale a prática sem a doutrina do que a doutrina sem a prática". O 2.º emprêgo não é clássico, só aparecendo em poesia, ou nos prosadores do período imperial.

Contra — 1.º) "Em frente de": *contra Galliam* (Cés., B. Gal., 5,13,1) "em frente da Gália". 2.º) "Contra", "em sentido contrário": *contra morem maiorum* (Cíc., Amer., 100) "contra o costume dos antepassados"; *rem publĭcam contra imprŏbos ciuis defendĕre* (Cíc., Sest. 51) "defender o Estado contra os maus cidadãos".

Erga — 1.º) "Em frente de", "na direção de", "para com": *erga aedem sese habet* (Plaut., Truc., 406) "mora em frente ao templo"; *bonitas erga homines* (Cíc., Nat., 2,60) "bondade para com os homens" 2.º) "contra": *odium erga Romānos* (C. Nep., Ham., 6,3)

"ódio contra os Romanos". O segundo emprêgo não aparece nem em Cícero nem em César.

Extra — 1.º) "Fora de" (sentido próprio): *Hi sunt extra Prouinciam* (Cés., B. Gal., 1,10,5) "Êstes estão fora da Província". 2.º) "fora de" (sentido figurado), e daí: "sem", "exceto": *extra causam* (Cíc., Caec., 94) "fora da causa"; *extra ordĭnem* (Cíc., Prou., 19) "fora da ordem, extraordinàriamente"; *extra iocum* (Cíc., Fam., 7,16,2) "sem gracejo"; *extra ducem* (Cíc., Fam., 7,3,2) "exceto o general".

Infra — 1.º) "Abaixo de" (sentido próprio e figurado): *infra oppĭdum* (Cíc., Verr., 4.51) "abaixo da cidade"; *omnia infra se esse iudicari* (Cíc., Fin. ,3,25) "julgar tudo abaixo de si". 2.º) "Em época mais baixa", "posteriormente" (sentido temporal): *non infra superiōrem Lycurgum fuit* (Cíc., Br., 40) "não viveu posteriormente ao primeiro Licurgo".

Inter — 1.º) "Entre", "no meio de": *inter Sequănos et Heluetios* (Cés., B. Gal., 1,2,3) "entre os séquanos e helvécios"; *ista inter Graecos dicūntur* (Cíc., De Or., 1,45) "isto se diz entre os gregos". 2.º) "Durante": *inter cenam* (Cíc., Phil., 2,63) "durante a ceia".

Intra — 1.º) "Dentro de" (sentido próprio e figurado): *intra pariĕtes meos* (Cíc., At., 3,10,2) "dentro das minhas paredes, dentro da minha casa"; *intra legem* (Cíc., Fam., 9,26,9) "dentro da lei". 2.º) "Durante", "em menos de" (sentido temporal): *intra paucos dies* traieciet (T. Lív., 29,19,1) "dentro de poucos dias atravessará"; *intra decimum diem quam... uenĕrat* (T. Lív., 36,10,1) "antes de 10 dias de sua chegada".

Iuxta — 1.º) "Ao lado de" (sentido próprio): *iuxta murum* (Cés., B. Ciu., 1,16,4) "ao lado da muralha, junto da muralha". 2.º) "Logo depois": *iuxta diuīnas religiōnes fides humāna colĭtur* (T. Lív., 9,9,4) "logo depois das obrigações para com os deuses cultiva-se a fidelidade humana".

Ob — 1.º) "Diante de" (sentido próprio, só atestado no período arcaico): *ob Romam legiōnes ducĕre* (Ên., An., 297) "conduzir as legiões diante de Roma"; aparece em Cícero, na expressão *ob ocŭlos: Ob ocŭlos uersari* (Cíc., Sest., 47) "achar-se diante dos olhos". 2.º) "Em vista de", "por causa de": *ob amicitiam seruātam* (Cíc., Lae., 25) "em vista da amizade conservada". 3.º) "Em troca de": *ob rem iudicandam pecuniam accipere* (Cíc., Verr., 2,78) "receber dinheiro em troca de um julgamento a fazer".

Penes. — "Entre as mãos de", "na posse de": *serui penes accusatōrem fuerunt* (Cíc., Mil., 60) "os escravos ficaram nas mãos do acusador"; *penes quem est potestas* (Cíc., Fam., 4,7,3) "em cujas mãos está o poder".

Per – 1.º) "Através de", "ao longo de", "por": *per membrānas oculōrum cernĕre* (Cíc., Nat., 152) "ver através das membranas dos olhos"; *per forum* (Cíc., At., 14,16,2) "ao longo do forum"; *per ora uestra incedunt* (Sal., Iug., 31,10) "passam por vossos rostos, diante de vós". 2.º) "Durante" (sentido temporal, com continuidade ou sem ela)": *ludi per decem dies facti sunt* (Cíc., Cat. 3,20) "os jogos se fizeram durante dez dias (sem interrupção)"; *per singŭlos dies* (Suet. Calig., 22) "a cada dia". 3.º) "Por meio de", "com auxílio de", "por causa de": *sacra per muliĕres confĭci solent* (Cíc., Verr., 4,99) "os sacrifícios se fazem por meio de mulheres"; *per uim et metum* (Cíc., Verr., 4,174) "com auxílio de violência e de mêdo"; *per imprudentiam uestram* (Cíc., Agr., 2,25) "por causa de vossa imprudência".

Post – "Depois de" (sentido local e temporal): *sua necessaria post illīus honōrem ducĕrent* (Sal., Iug., 73,6) "punham as suas necessidades depois do triunfo dêle"; *post urbem condĭtam* (Cíc., Cat., 4,14) "depois da fundação da cidade".

Praeter – 1.º) "Diante de": *praeter castra Caesăris suas copias traduxit* (Cés., B. Gal., 1,48,2) "fêz passar suas tropas diante do acampamento de César". 2.º) Dêste sentido passou a significar: "para lá de", e daí, "além de", "sem contar com", "exceto": *praeter natūram* (Cíc., Phil., 1,10) "para lá do que comporta a natureza"; *nihil habeo praeter audītum* (Cíc., Of., 1,33) "nada sei além do que se ouviu dizer"; *omnibus sententiis praeter unam* (Cíc., Clu., 55) "por todos os votos exceto um".

Prope – "Ao lado de", "perto de" (sentido próprio e figurado): *prope oppĭdum* (Cés., B. Gal., 7, 36) "perto da cidade"; *prope me* (Cíc., Fam., 7,23,4) "ao meu lado".

Propter – 1.º) "Ao lado de", "perto de": *propter Platōnis statuam* (Cíc., Br., 23) "ao lado da estátua de Platão". 2.º) "Por causa de": *propter metum* (Cíc., Par., 34) "por causa do mêdo".

Secundum – 1.º) "Ao longo de": *castra secundum mare ponĕre* (Cés., B. Ciu., 3,65,3) "assentar acampamento ao longo do mar, nas bordas do mar". 2.º) "Imediatamente depois" (sentido temporal): *secundum uindemiam* (Cat., Agr., 114,1) "logo depois da vindima". 3.º) "Depois de"; (sentido local: "atrás de"): *secundum te nihil est mihi amicius solitudĭne* (Cíc., At., 12,15) "depois de ti nada me é mais amigo do que a solidão"; *nos secundum* (Plaut., Mil., 1349) "atrás de nós".

Supra – 1.º) "Acima de": *uersus supra tribūnal scribebantur* (Cíc., Verr., 3,77) "escreviam-se versos acima do tribunal". 2.º) "Antes de" (sentido temporal): *supra hanc memoriam* (Cés., B. Gal., 6,19,4) "antes de nosso tempo".

x *Trans* — "Do outro lado de", "para lá de": *trans Rhenum* (Cés., B. Gal., 1,35,3) "para lá do Reno".

Vltra — "Para lá de" (sentido próprio e figurado): *paulo ultra eum locum* (Cés., B. Ciu., 3,66,4) "um pouco para lá do referido lugar"; *ultra fidem* (Quint., 8,6,73) "para lá do crível, daquilo que se pode crer".

Vsque — "Até a" (sentido local e temporal) : *usque Sicŭlum mare* (Plín., H. Nat., 3,75) "até o mar da Sicília"; *usque tempŏra Alexandri* (Just., 2,4,32) "até os tempos de Alexandre". Na prosa clássica, *usque* é exclusivamente advérbio.

5. PREPOSIÇÕES SÓ USADAS COM ABLATIVO

As seguintes preposições só se empregam acompanhando o ablativo:

x *Ab, abs* ou *a* — 1.º) Indica afastamento de um lugar, ponto de partida, com idéia de movimento ou sem ela (sentido local): "de", "desde", "do lado de": *a signo Vortumni in Circum Maximum uenīre* (Cíc., Verr., 1,154) "vir da estátua de Vertumno ao Circo Máximo"; *ab oppĭdo castra mouēre* (Cés., B. Ciu., 3,80,7) "partindo da cidade levantar acampamento"; *a decumāna porta* (Cés., B. Gal., 6,37,1) "do lado da porta decumana". 2.º) "Desde", "logo depois", (sentido temporal): *a paruŭlis* (Cés., B. Gal., 6,21,3) "desde pequeninos"; *ab decimae legiōnis cohortatiōne profectus* (Cés., B. Gal., 2,25,1) "tendo partido logo depois de ter arengado a décima legião". 3.º) Dêstes sentidos concretos, passou a outros figurados, como introduzir o complemento de causa eficiente com os verbos passivos, indicar a origem, procedência ou descendência, etc.: "por", "quanto a", "em favor de", "do lado de", etc.: *si postulātur a popŭlo* (Cíc., Of., 2,17,58) "se é reclamado pelo povo": *ab reo dicĕre* (Cíc., Clu., 93) "falar em favor do réu"; *a materno genĕre* (Cíc., Sul., 25) "do lado materno"; *a pecunia* (Cíc., At., 7,15,3) "quanto ao dinheiro".

x *Cum* — "Com" (indica companhia, em sentido próprio e figurado): *habitatque cum Balbo* (Cíc., At., 14,20,4) "mora com Balbo"; *magno cum luctu et gemĭtu totīus ciuitātis* (Cíc., Verr., 4,76) "com a dor e os gemidos de tôda a cidade".

x *De* — 1.º) "Do alto de", "de" (indicando afastamento, com idéia acessória de movimento de cima para baixo): *Lucretius et Attius de muro se deiecerunt* (Cés., B. Ciu., 1,18,3) "Lucrécio e Átio se lançaram do alto da muralha"; *de finibus suis... exire* (Cés., B. Gal., 1,2,2) "sair de suas fronteiras". 2.º) "Depois de" (sentido temporal): *non bonus somnus de prandio* (Plaut., Most., 682) "não há bom sono depois da refeição". 3.º) "Durante": *de tertia uigilia* (Cés., B. Gal., 1,12,2) "durante a terceira vigília". 4.º) Vários

sentidos figurados, entre os quais o de partitivo (que depois nas línguas românicas veio substituir o genitivo): *alĭquis de nostris hominibus* (Cíc., Flac., 9) "alguém dos nossos homens".

Ex ou e — 1.º) "Para fora de", sentido primitivo de onde se derivam os seguintes: "saindo de", "afastando-se de", "desde", "do lado de": *non longe ex eo loco abesse* (Cés., B. Gal., 4,21,2) "não distar muito do referido lugar"; *collis paulŭlum ex planitie edĭtus* (Cés., B. Gal., 2,8,3) "colina suavemente elevada da planície". 2.º) "Desde", "imediatamente depois" (sentido temporal): *ex eo tempŏre* (Cíc., Q., Fr., 22) "desde êsse momento". 3.º) Em sentido figurado, indicando várias relações, como origem, matéria, causa, etc.: *omnes ex Gallia naues* (Cés., B. Gal., 5,13,1) "todos os navios provenientes da Gália"; *statua ex aere facta* (Cíc., Verr., 2,50) "estátua feita de bronze": *ex uolnĕre aeger* (Cíc., Rep., 2,38) "doente de um ferimento".

Prae — 1.º) "Diante de" (sentido próprio): *prae se agĕre* (T. Lív., 1,7,4) "levar diante de si"; *prae se pugiōnem ferre* (Cíc., Phil., 2,30) "levar um punhal diante de si, tomar de um punhal". 2.º) "Em comparação a", "em conseqüência de": *tu prae nobis beātus es* (Cíc., Fam., 4,4,2) "em comparação a nós, tu és feliz"; *nec loqui prae maerōre potuit* (Cíc., Planc., 99) "nem pôde falar em conseqüência da dor".

Pro — 1.º) "Diante de", "defronte de" (sentido próprio): *pro castris copias producĕre* (Cés., B. Gal., 1,48) "fazer avançar as tropas diante do acampamento"; "do alto de" e "diante": *pro tribunāli* (Cíc., Pis., 11) "do alto do tribunal". 2.º) "Por", "no interêsse de", "por causa de", e "em troca de" (sentidos derivados do 1.º): *pro alĭquo* (Cíc., Clu., 88) "por algum"; *pro suffragio* (Cíc., Verr., 2, 127) "por causa do sufrágio"; *pro uallo carros obiecĕrant* (Cés., B. Gal., 1,26,3) "opuseram carroças em lugar de trincheiras".

Sine — "Sem": *lectio sine ulla delectatiōne* (Cíc., Tusc., 2,7) "leitura sem nenhum encanto".

Tenus — "Até" (sentido local e temporal): *Tauro tenus* (Cíc., Deio.,36) "até o Tauro"; *Cantabrico tenus bello* (Suet., Aug., 85) "até a guerra dos Cântabros". Sempre posposta à palavra com que está construída.

6. PREPOSIÇÕES USADAS COM ACUSATIVO E ABLATIVO

As seguintes preposições se empregam acompanhando ora o acusativo, ora o ablativo:

In –

I. Com Acusativo – 1.º) "A" ou "para" (idéia de movimento, lugar para onde): *in Vbios legatos mittĕre* (Cés., B. Gal., 4,11,2) "enviar embaixadores aos úbios"; e "no sentido de": *in longitudĭnem* (Cés., B. Gal., 1,2,5) "no sentido do comprimento"; 2.º) "Até", "para" (sentido temporal): *in multam noctem sermonem producĕre* (Cíc., Rep., 6,10) "prolongar a conversa até alta noite"; *aliquid in omne tempus perdidĭsse* (Cíc., Fam., 5,15,1) "ter perdido alguma coisa para sempre". 3.º) Em sentido figurado: "para com", "contra", "segundo", "por": *amor in patriam* (Cíc., De Or., 1,196) "amor para com a pátria"; *oratio quam in Ctesiphontem contra Demosthĕnem dixerat* (Cíc., De Or., 3,213) "discurso que pronunciara contra Ctesifonte e para visar Demóstenes"; *S. C. in meam sententiam factum* (Cíc., At., 4,1,6) "senatus-consulto feito segundo o meu parecer"; *exstat in eam legem oratio* (Cíc., Br., 160) "existe o discurso por esta lei".

II. Com Ablativo – 1.º) "Em" ou "sôbre" (sem movimento, lugar *onde*): *in eo portu pirātae nauigauērunt* (Cíc., Verr., 5, 138) "nesse pôrto os piratas navegaram"; *in flumĭne pons erat* (Cés., B. Gal., 2,5,6) "havia uma ponte sôbre o rio". 2.º) "Em" (espaço de tempo dentro do qual se realizou um fato): *bis in die* (Cíc., Tusc., 5,100) "duas vêzes num dia"; *in primo congressu* (Cés., B. Ciu., 1, 46,4) "no primeiro encontro". 3.º) Sentidos figurados: "a propósito de", "apesar de", "por causa de": *in hoc ipso Cotta* (Cíc., Br., 137) "a propósito dêste mesmo Cota"; *Triari in illa aetāte plena litterātae senectūtis oratio* (Cíc., Br., 265) "a oratória de Triário, cheia de sábia maturidade, apesar de sua mocidade".

Sub –

I. Com Acusativo – 1.º) "Para baixo de", "sob" (idéia de movimento, lugar *para onde*): *sub iugum mittĕre* (Cés., B. Gal., 1,7,4) "passar sob o jugo"; *sub terras ire* (Verg., En., 4,654). 2.º) "Ao se aproximar", "logo depois" (sentido temporal): *sub noctem* (Cés., B. Ciu., 1,28) "ao cair da noite"; *sub eas* (litteras) *statim recitātae sunt tuae* (Cíc., Fam., 10,16,1) "logo depois desta carta, foi lida a tua".

II. Com Ablativo – 1.º) "Sob" (sem idéia de movimento. lugar *onde*): *sub terra habitāre* (Cíc., Nat., 2,95) "habitar debaixo da terra". 2.º) "No momento de": *sub bruma* (Cés., B. Gal., 5,13, 3) "no momento do solstício de inverno".

Subter – Em prosa, só aparece com acusativo, mesmo quando não há idéia de movimento, lugar *onde*: "abaixo de"; "*debaixo de*": *cupiditātem subter praecordia locauit* (Cíc., Tusc., 1,20) "localizou o desejo abaixo do diafragma". Com ablativo, só em poesia: "sob": *subter densa testudĭne* (Verg., En., 9,514) "sob a sua espêssa concha de tartaruga".

X*Super* –

I. Com Acusativo – "Sôbre", "em cima de" (com movimento ou sem êle, lugar *onde* e para *onde*): *super aspidem adsidĕre* (Cíc., Fin., 2,59) "sentar-se sôbre uma serpente".

I. Com Ablativo – "A respeito de", "sôbre": *super aliqua re scribere* (Cíc., At.,16,6,1) "escrever a respeito de alguma coisa". Em Cícero não se encontra *super* em sentido próprio construída com o ablativo.

COMPLEMENTO AO ESTUDO DA PREPOSIÇÃO

Como vimos, a maior parte das preposições era constituída, originàriamente, por antigos advérbios ou partículas independentes, geralmente de sentido local, tendo por função precípua sobreacentuar o sentido do caso do substantivo, ou o do verbo a que se juntava como prevérbio. A necessidade de clareza e a expressividade enfática da língua falada é que teriam generalizado o emprêgo dêsses advérbios e partículas antes de determinados casos, uma vez que primitivamente êsses mesmos casos eram bastantes para indicar as relações que depois elas passaram a exprimir. Assim, juntando-se a preposição a um caso para exprimir com maior precisão concreta a relação considerada, conclui-se fàcilmente que o nominativo, o dativo e o acusativo do objeto, que exprimem relações abstratas, repugnem o emprêgo das preposições, e, ao contrário, o acusativo de fim ou de extensão, o ablativo, que exprimem relações concretas, venham freqüentemente acompanhados das preposições.

O processo pelo qual passaram êsses advérbios à função de preposições é freqüentemente observável dentro dos próprios limites da história do latim, nos vários períodos da língua. Assim, por exemplo, *contra*, que, como vimos, na época clássica aparece como preposição, construída com o acusativo, no período arcaico (e até mesmo no período clássico) é ainda encontrável como advérbio: *aspicedum contra me* (Plaut. Most. 1105) "olha-me de frente": *contraque* (Cíc., Fin., 2,55) "e ao contrário": *ut hi misĕri, sic contra illi beāti* (Cíc., Tusc., 5,16) "assim como êstes são desgraçados, aquêles, ao contrário, são felizes". *Simul*, na prosa clássica, é usado ùnicamente como advérbio: *testamēntum Cyri simul obsignāui cum Clodio* (Cíc., Mil. ,48) "selei juntamente com Clódio o testamento de Ciro"; mas na poesia do século de Augusto, como na prosa posterior, já aparece como preposição: *simul his* (Hor., Sát., 1,10,86) "com êstes".

Numerosas preposições representam antigos casos fossilizados:

Nominativo masculino singular: *trans, uersus, aduersus.*

Nominativo-acusativo neutro: *prope, simul, secundum, apud, secus*; etc.

Acusativo feminino singular: *clam, coram*; etc.

Ablativo: *contra, extra, intra,* etc.

Outras preposições, provindas do próprio indo-europeu, são também provàvelmente antigas formas casuais fossilizadas como advérbios, caracterizando-se por servirem simultâneamente como preposições e como prevérbios. Estão nesse caso: *ex, de, prae, com* e *cum*, etc.

Em conseqüência da própria natureza das preposições, é raro que, num grupo sintático, uma preposição preceda imediatamente a outra, ou mesmo que venha acompanhando imediatamente um advérbio. Entretanto, isto costuma acontecer em algumas expressões feitas, como em: *ante diem*, ou *ad pridiem*. Exs.: *ex ante diem III Non. Iun. usque ad pridiem Kal. Sept.* (Cíc., At., 3.17,1) "desde o terceiro dia antes das nonas de junho, até a véspera das calendas de setembro". Uma preposição acompanhando o advérbio é construção encontrável apenas na língua falada ,sendo, por isso, mais ou menos freqüente nos cômicos latinos, como também no latim vulgar da decadência. Igualmente, às vêzes, aparecem preposições como que reforçando outras preposições, como por exemplo em: *depost, insuper, desuper*, etc. Tais construções são muito encontradiças na baixa latinidade e em escritores menos preocupados com a correção da língua, atestando a maior expressividade, ou a maior necessidade de clareza, características da língua falada, tendo por isso mesmo um caráter nìtidamente popular. As preposições portuguêsas como *após, até, desde, para, perante* tiveram exatamente esta formação no latim vulgar. Aliás, cumpre atentar que várias preposições latinas consideradas como simples provêm dessa formação, como: *sub* proveniente de **eks-upo*, ou *super* de **eks-uperi*.

Resta-nos fazer uma observação quanto à própria denominação com que se classificou a esta classe de palavras, e que por vêzes assume o aspecto de verdadeira antinomia gramatical. Tanto as preposições como os prevérbios eram primitivamente elementos independentes, cuja posição não estava rìgidamente determinada, podendo assim preceder a palavra com que se construía, como vir depois dela. Em latim, embora viesse a constituir regra geral a colocação da preposição antes do seu regime, há preposições que se pospõem normalmente, como: *causa, gratia, tenus*, etc. Ex.: *pennis tenus* (Ov. Met., 6,259) "até as penas"; *exempli gratia* (Cíc., Or., 3,50) "por exemplo". Outras preposições, que geralmente são prepostas a seus regimes, aparecem em posposição em determinadas locuções, como: *hacpropter, quoad, quapropter, mecum, tecum, nobiscum*, etc.

INDEX

Vimos que as preposições surgiram por um lado para atender aos reclamos da maior clareza, e de outro, como uma decorrência do caráter expressivo da língua falada. Além do mais, iria concorrer para ampliar o seu emprêgo, cada vez mais, um fato de natureza puramente fonético: o enfraquecimento das finais ocasionado pela natureza intensiva do acento latino. Desta forma, manifestavam as preposições a tendência a se tornarem o verdadeiro índice das relações expressas no indo-europeu pela flexão casual, tendência esta que já se manifestava em latim desde os mais antigos documentos da língua, e que se veio ultimar nas línguas românicas hodiernas.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

W. M. Lindsay, *Latin Grammar*, págs. 144-154.

Stolz-Schmalz. *Lat. Grammatik*, págs. 494-542.

R. G. Kent, *The Forms of Latin*, págs. 87-89.

A. Meillet — J. Vendryes, *Grammaire Comparée*, págs. 521-527.

V. Pisani, *Grammatica Latina*, págs. 304-305.

V. Magnien, *Grammaire Comparée du Grec et du Latin*, págs. 496-500.

A. Tovar. *Gramática Histórica Latina. SINTAXIS*, Madri, 1946. págs. 85-106. Trabalho sólido e de excelente orientação.

A. Ernout — Fr. Thomas, *Syntaxe Latine*, Paris, 2.ª ed. 1953, págs. 114-122. Obra fundamental, de sólida e clara erudição.

M. Bassols de Climent, *Sintaxis Latina*, I, Madrid, 1956, págs. 225-263. Bom trabalho, excelente orientação.

INDEX

INDEX

CAPÍTULO XX

CONJUNÇÕES

1. A *conjunção* é uma palavra invariável que tem por função ligar palavras ou orações, às vêzes de igual valor significativo, outras, trazendo uma idéia de subordinação. Como as primeiras servem ùnicamente para coordenar vocábulos ou sentenças, chamam-se *conjunções coordenativas*, enquanto que as últimas, por ligarem as orações que se vão subordinar ao sentido de uma outra denominada principal, se denominam *conjunções subordinativas*.

2. Já tivemos oportunidade de observar no capítulo precedente como às vêzes se torna impreciso o limite entre algumas preposições e advérbios. O mesmo iremos notar com respeito às conjunções, e isso porque se torna freqüentemente impossível uma perfeita separação destas partículas, intimamente ligadas, senão por sua função, pela forma e pela etimologia. Quanto a sua origem, prendem-se as conjunções intimamente aos advérbios pronominais, representando muitas vêzes, como os próprios advérbios e preposições, formas fossilizadas da declinação nominal ou pronominal.

3. CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

Comecemos pelo estudo das conjunções coordenativas :

I. Conjunções copulativas — As principais conjunções copulativas, que indicam apenas a união de duas palavras, frases ou orações, são as seguintes : *et* "e", *atque* ou *ac* "e além disso", *–que* "e", *etiam* "e ainda": *haec puĕris et muliercŭlis et seruis et seruorum simillimis libĕris grata sunt* (Cíc., Of., 2,57) "isto é agradabilíssimo às crianças e mulherezinhas, e aos escravos e aos livres (homens livres) muito parecidos com os escravos"; *praeclāras duas artes constituĕres atque inter se pares* (Cíc., De Or., 1,236) "constituirias duas artes eminentes, e além disso iguais entre si"; *sine tuo quaestu ac maximo quaestu* (Cíc., Verr., 3,52) "sem um lucro de tua parte, e além disso sem um grande lucro"; *pacem, tranquillitātem, otium concordiamque afferre* (Cíc., Mur., 1) "trazer a paz, a tranqüilidade, o descanso e a concórdia"; *quasi uero perpetŭa oratio rhetŏrum solum*

non etiam philosophōrum sit (Cíc., Fin., 2,17) "como se verdadeiramente a continuidade da exposição fôsse só dos rétores e não ainda dos filósofos".

II. CONJUNÇÕES DISJUNTIVAS OU ALTERNATIVAS — As principais conjunções disjuntivas ou alternativas, que ligam orações de sentido alternado são as seguntes: *aut* "ou", *siue* "ou se", *seu* "ou se", *uel* "ou então", *-ue* "ou": *nolēbas aut non audēbas* (Cíc., Quinct., 39) "não querias ou não ousavas"; *si arbŏrum trunci siue naues deiiciēndi opĕris essent a barbăris missae* (Cés., B. Gal., 4,17,10) "se troncos de árvores ou se navios fôssem lançados pelos bárbaros para destruí-los"; *summum bonum a uirtūte profectum uel in ipsa uirtūte situm est* (Cíc., Tusc., 2,46) "o sumo bem provém da virtude ou então está situado nela mesma"; *albus aterue* (Cíc., Phil., 2,41) "branco ou prêto".

III. CONJUNÇÕES ADVERSATIVAS — As principais conjunções adversativas, que têm por função ligar orações de sentido contrário, são as seguintes: *at* "mas", *ast* "mas ao contrário", *sed* "mas", *autem* "entretanto", *tamen* "contudo", *uerum* ou *uero* "mas na verdade": *Maiōres nostri Tusculānos, Hernĭcos in ciuitātem etiam recepērunt; at Kartagĭnem fundĭtus sustulērunt* (Cíc., Of., 1,35) "os nossos antepassados chegaram até a dar o direito de cidade aos tusculanos e aos hérnicos; mas destruiram inteiramente Cartago"; *crebas a nobis littĕras exspecta: ast plures etiam ipse mittĭto* (Cíc., At., 1,16,17) "espera de nós freqüentes cartas; mas ao contrário, tu mesmo nos enviarás mais numerosas ainda"; *Q. Volusium... certum homĭnem sed mirifĭce etiam abstinentem* (Cíc., At., 5,21,6) "enviei Q. Volúsio, homem seguro, mas ainda extraordinàriamente desinteressado"; *huic pauci deos propitios, plerīque autem irātos putābant* (Cíc., Cael., 42) "poucos julgavam que os deuses fôssem propícios a êste homem, muitos, entretanto, que lhe fôssem hostis"; *semper Aiax fortis, fortissimus tamen in furōre* (Cíc., Tusc., 4,52) "Ajax sempre foi bravo, contudo, foi extraordinàriamente bravo na loucura"; *tres iam copiārum partes Heluetios id flumen traduxisse, quartam uero partem citra flumen Arărim reliquam esse* (Cés., B. Gal., 1,12,2) "que os helvécios já haviam feito atravessar o rio três quartos de suas tropas, mas em verdade um quarto estar aquém do rio Arar".

IV. CONJUNÇÕES CONCLUSIVAS — As principais conjunções conclusivas, que ligam orações exprimindo uma conclusão, são as seguintes: *ergo* "logo", *igĭtur* "portanto", *ităque* "por conseguinte": *tres ergo, ut dixi, uiae* (Cíc., Phil., 12,22) "logo há três vias, como disse"; *in quo igĭtur loco est?* (Cíc., Tusc., 1,70) "e portanto, em que lugar está?"; *ităque rem suscipit* (Cés., B. Gal., 1,9,4) "por conseguinte, se encarrega do empreendimento".

4. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

I. Conjunções condicionais — As principais conjunções condicionais, que ligam orações exprimindo uma idéia de condição, são as seguintes: *si* "se", *nisi* "senão", *ni* "se não", *sin* "se pelo contrário", *modo* "contanto que", *dummŏdo* "contanto que": *tyrannos si boni oppressērunt, recreatur ciuĭtas* (Cíc., Rep., 1,68) "se os bons cidadãos tiverem esmagado os tiranos, renasce a cidade"; *praeclāre uicerāmus nisi fugientem Lepĭdus recepīsset Antonium* (Cíc., Fam., 12, 10,20) "teríamos vencido estrondosamente se Lépido não tivesse acolhido Antônio em fuga"; *dicĕrem ni uerērer* (Cíc., Fam., 6,6,4) "eu o diria se não temesse"; *si quando exstitĕrint* (Cíc., De Or., 3,95) "se ao contrário êles se apresentarem"; *modo legant illa ipsa, ne simŭlant* (Cíc., Fin., 1,10) "contanto que leiam êsses mesmos escritos e não o finjam"; *dummodo ne continui sint* (Cíc., De Or., 3,185) "contanto que não sejam contínuos".

II. Conjunções concessivas — As principais conjunções concessivas, que exprimem a idéia de concessão ou oposição ao sentido da oração principal, são as seguintes: *etsi, quamuis, quamquam, licet*: *etsi abest maturĭtas aetātis* (Cíc., Fam., 6,18,3) "ainda que não tenha atingido a maturidade"; *quamquam sint* (Cíc., Tusc., 5,85) "conquanto possa ser"; *senectus quamuis non sit grauis* (Cíc., Lae., 11) "a velhice ainda que não seja um fardo"; *licet concurrant omnes plebeii philosŏphi* (Cíc., Tusc., 1,55) "se bem que concorram todos os filósofos plebeus".

III. Conjunções finais — As principais conjunções finais, que ligam orações exprimindo uma idéia de fim, são as seguintes: *ut* "a fim de que", *ne* "para que não", *quo* "para que": *Labiēno in continente relicto ut portus tuerētur* (Cés., B. Gal., 5,8,1) "tendo sido deixado Labieno no continente, a fim de que defendesse os portos"; *omitto... ne quis... queratur* (Cíc., Rep., 1,1) "deixo de lado para que ninguém se queixe"; *quo facilius de eius impudentia existimare possītis* (Cíc., De Iur., Sic., 18) "para que mais fàcilmente possais julgar de sua impudência".

IV. Conjunções causais — As principais conjunções causais, que ligam orações exprimindo uma idéia de causalidade, são as seguintes: *cum* "pois que", *quoniam* "pois", *quod* "porque", *quia* "porque", *quippe* "porquanto": *cum amicĭtiae uis sit in eo* (Cíc., Lae., 92) "pois que a essência da amizade consiste nisso"; *quoniam ciuitāti consulĕre non possent* (Cés., B. Gal., 5,3,5) "pois que não podiam se ocupar do interêsse da cidade"; *Aristides nonne ob eam causam expulsus est patria, quod praeter modo iustus esset?* (Cíc., Tusc., 5,105) "Aristides não foi expulso da pátria por êsse motivo, porque era extraordinàriamente justo?"; *Diāna dicta, quia noctu quasi diem efficĕret* (Cíc., Nat., 2,69) "foi chamada Diana porque como que produzia o dia durante a noite".

V. Conjunções temporais — As principais conjunções temporais, que ligam orações exprimindo uma idéia de tempo, são as seguintes: *cum* "quando", *donec* "até que", *dum* "enquanto", *quando* "quando", *ut* "logo que", *ubi* "quando": *cum haec scribēbam, putābam* (Cíc., Fam., 6,4,1) "quando escrevia isto julgava"; *de comitiis, donec rediit Marcellus, silentium fuit* (T. Lív., 23,31,9) "não se falou mais dos comícios até que Marcelo chegou"; *dum haec in colloquio geruntur* (Cés., B. Gal., 1,46,1) "enquanto isto se tratava na entrevista"; *tum quando legatos Tyrum misĭmus* (Cíc., Agr., 2, 16,41) "então, quando mandamos embaixadores a Tiro"; *ea res ut est Heluetiis per indicium enuntiata* (Cés., B. Gal., 1,4,1) "logo que êsse fato foi comunicado aos helvécios por delação"; *ubi hoc nuntiatum est iubet* (Cíc., Caecil; 56) "quando isto foi comunicado ordena".

VI. Conjunções comparativas — As principais conjunções comparativas, que ligam orações exprimindo uma idéia de comparação, são as seguintes: *ut* "como", *quasi* "como", *quam* "do que", *sicut* "assim como": *ut apud nos* (Cíc., Br., 41) "como entre nós"; *Philosophia laudatārum artium omnium procreātrix quaedam et quasi parens* (Cíc., De Or., 1,3) "a filosofia como mãe e até certo ponto criadora de tôdas as artes liberais"; *maiōrem pecuniam pollicēri quam quantam hic dedisset* (Cíc., Verr., 2,70) "prometer uma quantia maior do que a que êste tinha dado"; *sicut ait Ennius* (Cíc., Rep., 1,64) "assim como fala Ênio".

VII. Conjunções integrantes — As principais conjunções integrantes, que ligam orações que vêm completar o sentido da oração principal, ou mesmo de outra oração subordinada, são: *ut* "que"; *ne* "que"; (em orações que completam o sentido de verbos que significam *temer, proibir, recusar,* etc.); *quin e quomĭnus* "que" (em frases negativas. Exs.: *sol efficit ut omnia floreant* (Cíc. Nat. 2,41) "o sol faz que tudo floresça"; *uereor ne... augeam* (Cíc., Leg., 1,12) "receio que aumente"; *neque prohibēbunt quin sic faciam* (Plaut., Amph., 1054) "nem impedirão que assim o faça"; *quid obstat quo minus sis beatus ?* (Cíc. Nat., 1,95) "que obsta a que sejas feliz ?". etc.

COMPLEMENTO AO ESTUDO DAS CONJUNÇÕES

Como ficou dito no n.º 2 dêste capítulo, muitas conjunções prendem-se por sua origem aos advérbios pronominais, representando muitas delas formas fossilizadas da declinação nominal ou pronominal. Passemos em revista os casos mais interessantes.

Das conjunções por nós estudadas, *uerum, uero, modo* apresentam formas de declinação nominal (acusativo e ablativo). *Ergo* representa provàvelmente uma formação composta de *ex* mais o

INDEX

INDEX

INDEX

INDEX

CAPÍTULO XXI

INTERJEIÇÕES

1. A *interjeição* é uma palavra invariável que pode ser empregada isoladamente, ou entre dois têrmos do enunciado, para de um modo geral traduzir uma atitude do indivíduo falante, de forma viva. Assim, por exemplo, uma interpelação, a indignação, a dor, a surprêsa, sentimentos íntimos e espontâneamente manifestados, freqüentemente são traduzidos por uma interjeição.

2. Por seu próprio caráter emocional, muitas interjeições são constituídas por simples sílabas, destituídas por assim dizer de uma significação precisa, como por exemplo a interjeição "a" ou mais freqüentemente "ah", que serve para exprimir fortes emoções, indicando assim sentimentos diversos, como dor, alegria, cólera, admiração, espanto, etc. Outras vêzes, são formas nominais ou verbais que se fixaram como interjeições, como os imperativos *age, salue, aue,* ou substantivos ou adjetivos como *nefas, malum,* etc.

3. Por influência do helenismo em Roma, encontram-se em latim muitas interjeições genuìnamente gregas (principalmente usadas em divertimentos, como representações teatrais, declamações), como por exemplo: *sophos* "bravo", *euge* "muito bem".

4. As principais interjeições usadas em latim são as seguintes:

I. Para exprimir a interpelação, o chamado: *o, heus, ohe, eho: O mi Furni* (Cíc., Fam., 10,26,2) "ó meu caro Fúrnio"; *heus! tū Rufio* (Cíc., Mil., 60) "olá! tu, Rufião"; *heus! inquit, linguam uis meam praeclūdĕre* (Fedr., 25) "olá! disse êle, queres pregar a minha língua?"; *ohe, iam satis!* (Plaut., Stic., 734) "olá, já chega!"; *eho tu, eho tu... uerbĕro* (Plaut., Merc., 189) "olá tu, olá tu mesmo, patife!".

II. Para exprimir a admiração, a surprêsa: *en, hem, o* "oh!", *uah* "oh!": *en mercēdem postŭlas?* (Fedr., 9,12) "será possível que ainda peças recompensa?"; *o fortunāte adulescens!* (Cíc., Arch., 24) "Ó jovem afortunado!"; *uah quanto formonsior* (Ter., Eun., 730) "oh! quanto mais belo".

III. Para exprimir a dor: *heu, eheu, ei,* "ai", *ah* "oh", *pro* "ah": *ah te infelīcem!* (Cíc., Rep., 1,59) "ah ! pobre de ti!"; *heu me misĕrum* (Cíc., Phil., 7,14) "Ai! desgraçado de mim!"; *eheu me misĕrum* (Sal., Iug., 14,9) "ai! infeliz de mim!"; *ei mihi!* (Verg., En., 2,274) "ai de mim!"; *pro dii immortāles* (Cíc., Pomp., 33) "ah! deuses imortais!"

IV. Para anunciar alguma coisa, ou para indicá-la: *en, ecce* "eis": *consul en hic est* (T. Lív., 22, 6, 3) "eis aqui está o cônsul"; *en cur... possideat* (Cíc., Phil., 3, 22) "eis porque possui"; *uenit ecce dius et potens* (Fedr., 49, 6) "eis que vem um rico e poderoso".

V. Para exprimir o encorajamento e a aprovação: *eia* ou *heia* "eia", *age* "vamos", *eu, euge* "bravo, muito bem", *sophos* "bravo": *hostis adest, heia* (Verg., En. 9,38) "o inimigo está aí, eia": *age, age, exponamus* (Cíc., Phil., 5,8) "vamos, vamos, exponhamos"; *si de quincunce remota est uncia, quid superat?... — Triens. — Eu!* (Hor., A. Poet., 327/328) "se de um *quincunx* (cinco onças) foi tirada uma onça, o que resta? ... — Um *triens* (quatro onças). — Muito bem!"; *eugae, eugae, perbene!* (Plaut., Rud., 164) "bravos, bravos, muito bem!" *mereātur alius grande et insānum sophos* (Marc., 49, 37) "que outro mereça um grande e louco muito bem!".

VI. Para exprimir a indignação ou a ameaça: *uae "ai de"*: *uae uictis* (T. Lív., 5,48,9) "ai dos vencidos".

VII. Para exprimir saudação ou cumprimento: *aue* "bom dia", *salue* "passe bem", *uale* "adeus": *aue me dixit* (Cíc., Fam., 8,16,4) "disse-me bom dia"; *uale atque salue* (Plaut., Capt., 744) "adeus e passe bem".

VIII. Para exprimir afirmação, ou juramento: *hercŭle, hercle, hercules, mehercŭles, mehercŭle, mehercle* "por Hércules", *ecastor* e *mecastor* "por Castor", *pol* e *edĕpol* "por Pólux"; *medius Fidius* "assim me ajude o deus Fídio, à fé de quem sou"; *pater hercle tuus* (Fedr., 2,12) "por Hércules, foi teu pai"; *et hercŭle ita fecit* (Cíc., Lae., 37) "e, por Hércules, assim o fêz"; *et hercŭles eae quidem exstant* (Cíc., Br., 62) "e, por Hércules, elas em verdade ainda existem"; *impetrātum est a consuetudĭne, ut peccare a suauitātis causa licēret: posmeridiānas quadrīgas quam postemeridiānas libentius dixerim, et mehercŭle quam mehercŭles* (Cíc., Or., 157) "Foi obtido pelo uso que se permitisse cometer um senão em favor da harmonia; assim, direi com maior liberdade *posmeridianas quadrigas* em vez de *post-meridianas*, como também *mehercule* em vez de *mehercules*"; *nunc ecastor ut uenīret miles uelim* (Plaut., Truc., 841) "agora, por Castor, desejaria que chegasse o soldado"; *ergo mecastor pulcher est* (Plaut., Mil., 63) "com efeito, por Castor, que êle é bonito"; *certe*

tu *quidem pol multo hilarior* (Ter., Eun., 731) "certamente tu com efeito estás, por Pólux, muito mais alegre"; *certe edĕpol* (Plaut. Amph., 271) "certamente, por Pólux"; *unum medius fidius tecum diem libentius posuerim* (Cíc., Fam., 5,21,1) "passaria um dia contigo, por minha fé, de melhor vontade".

IX. Para exprimir a alegria: *io* "viva", *euax* "bravo", *euhoe* "evoé": *io Triumphe!* (Hor., Od., 4,50) "viva o Triunfo!", *euax, aspersisti aquam* (Plaut., Bacch., 247) "bravo, me aspergiste água fresca!"; *euhoe Bacche* (Verg., En., 7,389) "evoé, Baco!".

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

W. M. Lindsay, *Latin Grammar*, págs. 167-168.

V. Pisani, *Grammatica Latina*, pág. 307.

A. Ernout — A. Meillet, *Dictionnaire Étymologique* (a cada uma das interjeições citadas).

INDEX

INDEX

CAPÍTULO XXII

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

1. Como vimos no capítulo VI, a palavra, considerada em seus elementos mórficos, compõe-se em geral de três partes (raiz, sufixo e desinência), sempre agrupadas na mesma ordem.

2. A raiz encerra a significação geral do vocábulo e seu sentido fundamental, podendo, às vêzes, aparecer reduplicada, como vimos, nos tempos do *perfectum*. Também em substantivos, embora mais raramente, ocorre a reduplicação, como, por exemplo, em *murmur*, *turtur*, etc.

3. O sufixo é um elemento que se pospõe à raiz para tornar-lhe mais preciso o valor significativo. As palavras assim formadas chamam-se *derivadas*. Observe-se ainda que pode uma só palavra conter um ou mais sufixos.

4. Destarte, a raiz é o elemento de correlação entre sufixo e a desinência. Nem sempre, porém, é fácil, ou mesmo possível, isolar-se a raiz do sufixo, havendo casos, como vimos no cap. VI, n.º 4, em que, não havendo sufixos, a desinência se vem ligar diretamente à raiz. A regra geral, entretanto, na formação de palavras em latim, é que entre a raiz e a desinência apareçam os sufixos, que são os principais elementos do processo da derivação.

SUFIXOS FORMADORES DE SUBSTANTIVOS

5. Passemos ao estudo dos principais sufixos que ocorrem em latim, começando por aquêles que entram na formação dos substantivos:

Os sufixos formadores de substantivos, que se podem acrescentar a temas verbais (substantivos verbais) ou a temas nominais (substantivos denominativos), são os seguintes:

I) – Derivados de Temas Verbais

INDEX

–a– indica agente. Ex.: *Aduĕna* "o que chega" de *aduenio* "chegar" ;

–bŭlum ou *–brum*, *–cŭlum* ou *–clum* e *–trum* indicam meio, instrumento e mais raramente lugar. Exs.: *uenabŭlum* "venábulo, instrumento de caça", de *uenor* "caçar"; *flabrum* "o soprar do vento", de *flo* "soprar"; *uehicŭlum* "veículo, meio de transporte", *de ueho* "transportar"; *uinclum* ou *uincŭlum* "vínculo", de *uincio* "amarrar"; *arătrum* "arado", de *aro* "lavrar"; *sepulcrum* "sepulcro", de *sepelio* "sepultar" ;

–ĭo e *–tĭo* indicam ação e resultado de ação, formando substantivos femininos, geralmente abstratos. Exs.: *obsidĭo* "ação de sitiar, cêrco", de *obsideo* "sitiar"; *legĭo* "escolha (de soldados), legião", de *lego* "escolher"; *actĭo* "ação", de *ago* "agir"; *uocatĭo* "intimação para comparecer, convite", de *uoco* "chamar" ;

–ĭum indica ação ou resultado de ação. Exs.: *gaudĭum* "gôzo, alegria", de *gaudeo* "gozar"; *iudicĭum* "juízo", de *iudĭco* "julgar" ;

–men e *–mĕntum* designam instrumento, meio e resultado de ação. Exs.: *tegmen* "cobertura", de *tego* "cobrir"; *regĭmen* "regime", de *rego* "dirigir"; *monumĕntum* "o que nos faz lembrar algo, monumento", de *moneo* "fazer lembrar" ;

–or indica ação ou estado. Exs.: *amor* "amor", de *amo* "amar"; *timor* "temor", de *timeo* "temer" ;

–tor ou *–sor*, no feminino *–trix*, indicam agente. Exs.: *uictor, uictrix* "vencedor, vencedora", de *uinco* "vencer"; *tonsor, tonstrix* "tosquiador, barbeiro, cabeleireira", de *tondeo*, "tosquiar, fazer a barba" ;

–tus ou *–sus* indicam ação ou resultado de ação. Exs.: *motus* "movimento", de *moueo* "mover"; *cursus* "corrida", de *curro* "correr";

–tūra indica ação ou resultado de ação. Exs.: *scriptūra* "escrita", de *scribo* "escrever"; *natura* "ação de fazer nascer, natureza", de *nascor* "nascer".

II) – Derivados de Temas Nominais ou Denominativos

A) Derivados de Adjetivos :

–ĭa e *–tĭa* indicam uma propriedade, formando substantivos abstratos. Exs.: *memorĭa* "memória", de *memor* "que se lembra, lembrado"; *concordĭa* "concórdia", de *concors* "concorde";

–tas indica qualidade, formando também abstratos. Exs.: *bonĭtas* "bondade", de *bonus* "bom"; *uerĭtas* "verdade", de *uerus* "verdadeiro" ;

–tĭes e *–ĭes* indicam qualidade, formando também substantivos geralmente abstratos. Exs.: *segnitĭes* "lentidão", de *segnis* "lento"; *pauperĭes* "pobreza", de *pauper* "pobre";

–tūdo indica propriedade ou qualidade. Ex.: *fortitūdo* "bravura", de *fortis* "bravo"; *magnitūdo* "grandeza", de *magnus* "grande";

B) Derivados de Substantivos :

–a indica o feminino, em substantivos formados de masculinos em *–us*, ou *–er*. Exs.: *lupa* "lôba", de *lupus* "lôbo"; *magistra* "mestra", de *magister* "mestre".

–al ou *–ar* indica geralmente objeto, com relação a uma coisa que lhe é própria ou lhe pertence. Exs.: *calcar* "espora", de *calx* "calcanhar"; *puteal* "bocal de um poço", de *puteus* "poço";

–arĭum e *–arĭus*, o primeiro indica geralmente lugar, e o segundo, profissão. Exs.: *columbarĭum* "pombal", de *columba* "pomba"; *granarĭum* "celeiro", onde se guardam os cereais em grão, de *granum* "grão"; *statuarĭus* "estatuário", de *statua* "estátua"; *librarĭus* "secretário ou livreiro", de *liber* "livro";

–ātus indica dignidade pública ou agremiação. Exs.: *augurātus* "augurato", de *augur* "áugure"; *Senātus* "senado", de *senex* "velho"; *tribunātus* "tribunato", de *tribūnus* "tribuno";

–ētum formador de coletivos de plantas ou árvores. Exs.: *oliuētum* "olival", de *oliua* "oliveira"; *quercētum* "carvalhal", de *quercus* "carvalho";

–ĕllus, –ŏlus, –ŭlus e *–cŭlus* formam diminutivos, aparecendo ainda nas formas dos gêneros femininos e neutro. Exs.: *agĕllus* "pequeno campo", de *ager* "campo"; *puĕllus* "rapazinho", e *puĕlla* "menina", de *puer* "menino"; *gladiŏlus* "pequena espada, espadim", de *gladius* "espada"; *glorĭola* "glorίola", de *glorĭa* "glória", *regŭlus* "régulo", de *rex* "rei"; *corpuscŭlum* "corpúsculo", de *corpus* "corpo";

–īna indica profissão ou local em que se exerce a profissão, donde, por vêzes, apenas lugar. Exs.: *medicīna* "medicina", de *medĭcus* "médico"; *officīna* "oficina", de *officĭum* "ofício"; *piscīna* "viveiro de peixes", de *piscis* "peixe";

–ĭum indica ação ou estado. Exs.: *sacerdotĭum* "sacerdócio", de *sacerdos* "sacerdote"; *ministerĭum* "função servil", de *minister* "escravo" ;

–tor e o feminino *–trix* indicam agente. Exs.: *uiātor* "viajante", de *uia* "estrada"; *ianĭtor* "porteiro" e *ianĭtrix* "porteira" de *ianua* "porta" ;

—torium ou *—sorium* indicam o lugar em que se dá a ação. Exs.: *auditorium* "auditório", de *audio* "ouvir"; *deuersorium* "retiro", de *deuerto* "desviar".

SUFIXOS FORMADORES DE ADJETIVOS

6. Os principais sufixos formadores de adjetivos, que igualmente se podem acrescentar aos temas verbais ou nominais, são os seguintes :

I) — Derivados de Temas Verbais

—ax indica inclinação, tendência, em geral muito forte, vício, mau hábito. Exs.: *bibax* "beberrão", de *bibo* "beber"; *edax* "voraz, devorador", de *edo* "comer"; *rapax* "rapace", de *rapio* "arrebatador";

—bĭlis e *—ĭlis* indicam aptidão. Exs.: *utĭlis* "útil, que pode ser usado", de *utor* "usar"; *docĭlis* "dócil, que pode ser ensinado", de *doceo* "ensinar"; *credibĭlis* "crível", de *credo* "crer"; *amabĭlis* "amavel", de *amo*, "amar".

būndus, *—cūndus* e *—ndus* indicam a natureza ou modo de ser, estado. Exs.: *moribūndus* "moribundo", de *morior* "morrer"; *facūndus* "facundo, eloqüente", de *fari* "falar"; *secūndus* "segundo, favorável", de *sequor* "seguir" ;

—ĭdus e *—ĭdis* indicam a natureza ou modo de ser. Esx.: *umĭdus* "úmido", de *umeo* "estar úmido"; *uirĭdis* "verde", de *uireo* "estar verde" ;

—ĭuus e *—ŭus* indicam a possibilidade ou faculdade. Exs.: *recidĭuus* "que renasce", de *recĭdo* "cair de novo"; *nocĭuus* "nocivo", de *nocĕo* "prejudicar"; *innocŭus* "inócuo" de *nocĕo* "prejudicar" ;

II) — Derivados de Temas Nominais ou Denominativos

—acĕus, *—icĭus*, e *—ĕus* indicam a espécie ou a matéria. Exs.: *gallinacĕus* "galináceo", de *gallīna* "galinha"; *argillacĕus* "de argila", de *argilla* "argila"; *latericĭus* "de tijolo", de *later* "tijolo"; *aurĕus* "áureo", de *aurum* "ouro"; *niuĕus* "níveo", de *nix* "neve" ;

—ālis, *—āris*, *—ēlis* e *—ūlis* indicam uma relação com o substantivo de que se deriva o adjetivo, semelhança, posse. Ex.: triumphālis "triunfal", de *triumphus* "triunfo"; *militāris* "militar", de *miles* "soldado"; *patruēlis* "de primo", de *patrŭus* "tio-paterno"; *hostīlis* "hostil", de *hostis* "inimigo"; *curūlis* "de carro, curul", de *currus* "carro";

—ānus e *—arĭus* indicam o que pertence a um objeto ou referência. Exs.: *urbānus*, "urbano", de *urbs* "cidade"; *humānus* "humano", de *homo* "homem"; *agrarĭus* "agrário", de *ager* "campo" ;

–ātus, –ītus, –ūtus e *–tus* indicam posse ou existência de. Exs.: *barbātus* "barbado", de *barba* "barba"; *aurītus* "orelhudo", de *auris* "orelha"; *cornūtus* "chifrudo", de *cornu* "chifre"; *honēstus* "honrado", de *honor* ou *honos* "honra";

–ēnus, –ensis, –icus, –īnus, –ius e *–tĭcus* indicam relação com, posse ou natureza. Exs.: *terrēnus* "terreno", de *terra* "terra"; *castrēnsis* "castrense", "relativo ao acampamento", de *castra* "acampamento"; *bellĭcus* "bélico", de *bellum* "guerra"; *marīnus* "marinho", de *mare* "mar"; *patrĭus* "pátrio", de *pater* "pai"; *domestĭcus* "doméstico" de *domus* "casa":

–ēnsis, –ānus e *–īnus* indicam freqüentemente também a pátria, o lugar de nascimento; ou, ligados a nomes próprios personativos, referência ou relação . Exs.: *Carthaginiensis* "cartaginês", de *Carthago* "Cartago"; *Romānus* "romano", de *Roma* "Roma"; *Ligurīnus* "ligurino", de *Liguria* "Ligúria"; *Pompeānus* "pompeano", de *Pompeus* "Pompeu";

–lēntus, –ēntus e *–lens* indicam plenitude de uma coisa ou inclinação. Exs.: *cruentus*, "cruento", de *cruor* "sangue"; *uinolentus* "embriagado", de *uinum* "vinho"; *pestīlens* "pestilencial", de *pestis* "peste"; *suculentus* "cheio de suco", de *succus* "suco";

–ōsus indica abundância. Exs.: *gloriōsus* "glorioso", de *gloria* "glória"; *formōsus* "formoso", de *forma* "forma, beleza";

–ter, –tris, –ēster, –ēstris, –tērnus, –ernus, –tūrnus, –ūrnus indicam, de um modo geral, uma relação com, qualidade, referência. Exs.: *pedēster* ou *pedēstris* "pedestre", de *pedes* "peão"; *siluēster* ou *siluēstris* "silvestre", de *silua* "floresta"; *hestērnus* "de ontem"; de *heri* "ontem"; *hodiērnus* "hodierno", de *hodie* "hoje"; *diutūrnus* "diuturno", de *diu* "durante muito tempo"; *diūrnus* "diurno", de *dius-dies* "dia";

–ŭlus e *–ēllus* formam diminutivos. Exs.: *paruŭlus* "pequenino", de *paruus* "pequeno"; *misēllus* "pobrezinho", de *miser* "desgraçado".

SUFIXOS FORMADORES DE NUMERAIS

7. Os principais sufixos formadores de numerais são os seguintes:

–esĭmus, –ĭmus, –tĭus, –tus formam os numerais ordinais. Exs.: *centesĭmus* "centésimo", de *centum* "cem"; *decĭmus* "décimo", de *decem* "dez"; *tertĭus* "terceiro", de *tres* "três"; *quintus* "quinto", de *quinque* "cinco";

–ēni ou *–ni* formam numerais distributivos. Exs.: *bini* "dois a dois" ou "dois para cada um", de *duo* "dois"; *centeni* "aos cem ou cem para cada um", de *centum* "cem" ;

–ies (–iens) forma os advérbios numerais. Exs.: *decies* ou *deciens* "dez vêzes", de *decem* "dez".

SUFIXOS FORMADORES DE VERBOS

8. Os principais sufixos formadores de verbos são os seguintes:
–sco forma verbos incoativos. Exs.: *silēsco* "tornar-se silencioso", de *sileo* "calar-se"; *senēsco* "envelhecer", de *seneo* "ser velho" ;

–to, –ito e raramente *–so* formam verbos iterativos. Exs.: *dormīto* "ter sono", de *dormio* "dormir"; *iacto* "arremessar muitas vêzes", de *iacio* "arremessar"; *clamito* "gritar incessantemente", de *clamo* "gritar"; *quasso* "agitar sem cessar", de *quatio* "agitar";

–tito forma iterativos intensivos. Ex.: *cantito* "cantar muitas vêzes", de *canto*, iterativo de *cano* "cantar" ;

–illo forma diminutivos verbais. Ex.: *cantillo* "cantarolar", de *canto* ;

–urio e *–turio* formam verbos desiderativos. Exs.: *esurio* "ter vontade de comer", de *edo* "comer"; *empturio* "ter vontade de comprar", de *emo* "comprar"; *cenaturio* "ter vontade de jantar", de *ceno* "jantar".

SUFIXOS FORMADORES DE ADVÉRBIOS

9. Os principais sufixos formadores de advérbios são os seguintes :

–e forma advérbios geralmente derivados de adjetivos da primeira classe. Exs.: *male* "mal", de *malus* "mau"; *bene* "bem", de *bonus* "bom".

–o forma advérbios derivados de adjetivos da primeira classe. Exs.: *tuto* "em segurança", de *tutus* "seguro"; *falso* "falsamente", de *falsus* "falso" ;

–ter forma advérbios derivados de adjetivos da segunda classe. Exs.: *breuiter* "brevemente", de *breuis* "breve"; *audacter* "com audácia", de *audax* "audaz" ;

–tim forma advérbios derivados de substantivos ou supinos. Exs.: *cateruātim* "em bandos", de *caterua* "bando", *statim* "imediatamente", de *status* "estado" ;

–tus forma advérbios derivados de substantivos ou adjetivos. Exs.: *fundĭtus* "desde os alicerces", de *fundus* "fundo"; *antiquĭtus* "antigamente", de *antiquus* "antigo" ;

–de, –dem, –dam, –dum, –do formam advérbios derivados de temas pronominais. Exs.: *unde* "donde"; *tandem* "enfim"; *quondam* "outrora"; *interdum* "entretanto"; *quando* "quando" ;

–per forma advérbios derivados de outros advérbios. Exs.: *parumper* "por pouco tempo", de *parum* "pouco"; *paulisper* "pouco tempo", de *paulum* "pouco".

COMPOSIÇÃO

10. Além dos processos de derivação, pode também a palavra ser formada por composição. Esta consiste no processo pelo qual duas ou mais palavras se reunem vindo a formar um novo vocábulo, cuja significação é independente da significação de cada um dos elementos que o constituiram, podendo até vir a ser muito diferente.

11. Cumpre preliminarmente observar que excluímos da composição a chamada juxtaposição, pela qual duas palavras reunidas habitualmente pelo uso acabam por ser consideradas como uma unidade, como por exemplo o latim *res publica* ou *senatus consultum*, etc.

12. Nas palavras compostas pròpriamente ditas, o primeiro elemento de composição pode ser uma partícula, um tema nominal e muito raramente um tema verbal em formações imitadas do grego como *laudi-cenus* "o que faz o elogio do jantar".

13. O primeiro elemento é um tema nominal, principalmente nos compostos nominais, uma vez que os compostos verbais são formados quase que ùnicamente por meio de prevérbios constituídos por partículas adverbiais. O tema nominal, primeiro elemento de um composto, em latim geralmente se apresenta sem desinências, tomando um *–i* final, ou raramente *–u*, se o segundo elemento começa por labial. Exs.: *altĭ-tŏnans* "que troveja do alto", *causĭ-dĭcus* "causídico", *fructĭ-fer* "frutífero", *locŭ-ples* "rico em terras", *aurŭ-fex* e depois *aurĭ-fex* "ourives".

14. Quando o segundo têrmo dos compostos nominais é declinável, conserva em princípio a sua declinação, isto quando não recebe um sufixo *–i–*, que vai aparecer em muitos compostos cujo segundo elemento é um tema em *–a*, ou em *–o/e–*. Exs.: *quinqu-ēnnis* "de cinco anos", *in-ērmis* "inerme", *ex-sŏmnis* "privado de sono", etc.

15. O tipo mais freqüente de compostos, porém, é o que tem como primeiro elemento uma partícula. Nos compostos verbais é,

–tus forma advérbios derivados de substantivos ou adjetivos. Exs.: *fundĭtus* "desde os alicerces", de *fundus* "fundo"; *antiquĭtus* "antigamente", de *antiquus* "antigo" ;

–de, –dem, –dam, –dum, –do formam advérbios derivados de temas pronominais. Exs.: *unde* "donde"; *tandem* "enfim"; *quondam* "outrora"; *interdum* "entretanto"; *quando* "quando" ;

–per forma advérbios derivados de outros advérbios. Exs.: *parumper* "por pouco tempo", de *parum* "pouco"; *paulisper* "pouco tempo", de *paulum* "pouco".

COMPOSIÇÃO

10. Além dos processos de derivação, pode também a palavra ser formada por composição. Esta consiste no processo pelo qual duas ou mais palavras se reunem vindo a formar um novo vocábulo, cuja significação é independente da significação de cada um dos elementos que o constituiram, podendo até vir a ser muito diferente.

11. Cumpre preliminarmente observar que excluímos da composição a chamada juxtaposição, pela qual duas palavras reunidas habitualmente pelo uso acabam por ser consideradas como uma unidade, como por exemplo o latim *res publica* ou *senatus consultum*, etc.

12. Nas palavras compostas pròpriamente ditas, o primeiro elemento de composição pode ser uma partícula, um tema nominal e muito raramente um tema verbal em formações imitadas do grego como *laudi-cenus* "o que faz o elogio do jantar".

13. O primeiro elemento é um tema nominal, principalmente nos compostos nominais, uma vez que os compostos verbais são formados quase que ùnicamente por meio de prevérbios constituídos por partículas adverbiais. O tema nominal, primeiro elemento de um composto, em latim geralmente se apresenta sem desinências, tomando um *–i* final, ou raramente *–u*, se o segundo elemento começa por labial. Exs.: *altĭ-tŏnans* "que troveja do alto", *causĭ-dĭcus* "causídico", *fructĭ-fer* "frutífero", *locŭ-ples* "rico em terras", *aurŭ-fex* e depois *aurĭ-fex* "ourives".

14. Quando o segundo têrmo dos compostos nominais é declinável, conserva em princípio a sua declinação, isto quando não recebe um sufixo *–i–*, que vai aparecer em muitos compostos cujo segundo elemento é um tema em *–a*, ou em *–o/e–*. Exs.: *quinqu-ĕnnis* "de cinco anos", *in-ĕrmis* "inerme", *ex-sŏmnis* "privado de sono", etc.

15. O tipo mais freqüente de compostos, porém, é o que tem como primeiro elemento uma partícula. Nos compostos verbais é,

INDEX

inter–, entre. Exs.: *intercipio* "interceptar", *interdīco* "interdizer";

ob–, em frente de, diante de. Exs.: *obĕo* "ir ao encontro de", *obiicio* "lançar diante de, na frente", *obuius* "que vai ao encontro";

per–, através de, e daí, até o fim. Exs.: *peruŏlo* "voar através de", *peruidĕo* "ver completamente", *peraridus* "muito árido, inteiramente sêco";

post–, depois de. Exs.: *postpōno* "pospor";

prae–, antes de, e daí, às vêzes, idéia de superlativo. Exs.: *praestrŭo* "construir antes", *praesum* "estar à frente", *praeclārus* "preclaro, ilustríssimo";

praeter–, ao longo de, além de. Exs.: *praetermĕo* "passar ao longo ou além de";

pro–, na frente de, para diante. Exs.: *procēdo* "avançar", *prodo* "pôr diante de", *procŭrro* "correr para a frente".

re–, movimento para trás, e daí, idéia de repetição. Exs.: *recēdo* "caminhar para trás", *regredior* "regredir", *recido* "cair de novo";

se–, idéia geral de separação ou privação. Exs.: *sedūco* "separar, desviar", *segrĕgo* "segregar".

sub–, debaixo de, e daí, às ocultas, disfarçadamente. Exs.: *subdo* "pôr debaixo, submeter", *subdūco* "tirar por baixo, subtrair", *subintro* "entrar às escondidas";

trans–, além de. Exs.: *transcŭrro* "correr para o outro lado", *trano* "atravessar a nado";

ue–, privação. Ex.: *uesanio* "estar furioso, fora da razão".

COMPLEMENTO AO ESTUDO DA FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Como vimos no n.º 4 dêste capítulo, o tipo mais comum de palavras em latim é o constituído pelas formações sufixais. Entretanto, a língua conservou um certo número de vocábulos formados ùnicamente pela raiz seguida das desinências, sem acréscimo de sufixos, razão por que se chamam *palavras-raízes*. Como exemplos destas formações citaremos: *sal* "sal", *sol* "sol", *dux* "chefe", *rex* "rei", etc. Cumpre notar-se, porém, que estas palavras-raízes, que são em pequeno número em latim, tendem a ser substituídas pelas formações sufixais, o que se explica principalmente pelo fato de serem relativamente raras na língua, bem como por serem muito curtas e, além do mais, formações muitas vêzes pouco claras. Os vocábulos dêste tipo costumam aparecer em latim mais freqüentemente como

segundo elemento de compostos, como, por exemplo em: *iudex* "juiz" (isto é, o que diz o direito), *opĭfex* "operário" (o que faz a obra), *coniux* "cônjuge", etc. Ainda assim, apresentam estas palavras compostas a tendência em substituirem o segundo têrmo da composição por elementos constituídos de formações sufixais, como *causidĭcus* "causídico" (isto é, o que defende a causa), *uenefĭcus* "envenenador", "mágico", etc.

Faz-se mister não confundir com as palavras-raízes o processo constituído pela denominação de formações regressivas, que consiste como que no inverso das formações sufixais. Assim, por exemplo, em vez do substantivo latino *fuga* ter sido o primitivo de que se formou o verbo *fugio* "fugir", deu-se justamente o contrário, foi do verbo *fugio* que se formou o substantivo *fuga*, por uma como que regressão, ou encurtamento do vocábulo, donde a denominação de *formação regressiva*. Apontaremos outro exemplo dêste tipo de formação com as palavras *triumuir, decemuir* "triúnviro" e "decênviro". Nos casos normais, o plural é formado do singular, tal como o feminino sempre se forma do masculino. Entretanto, nos exemplos que acabamos de apresentar, o singular foi criado já depois de existir o plural, que designava coletivamente estas espécies de magistrados, pertencentes a uma magistratura colegiada.

O sufixo, de um modo geral, é um elemento que possui um sentido arbitrário, raramente definido por si mesmo, e, por isso, na maior parte das vêzes, torna-se impossível precisar-lhe com segurança a etimologia. Por algumas vêzes, porém, acontece aparecer nas línguas indo-européias sufixos formados de palavras autônomas e que são empregados como verdadeiros segundos elementos de compostos, como, por exemplo, o sufixo latino –ox–, formador de adjetivos do tipo *ferox* "feroz", que é formado da raiz da palavra *ocŭlus*, no sentido de rosto, fisionomia.

Do caráter arbitrário da significação dos sufixos deduz-se que não só podem êles mudar de significação, como também sua significação fixar-se segundo esta ou aquela circunstância, ou ainda, o que sucede com freqüência, um mesmo sufixo pode ter mais de um valor semântico, como tivemos oportunidade de verificar no presente capítulo.

Para atender ùnicamente à natureza didática do trabalho é que demos os sufixos latinos sem isolá-los das desinências nominais ou verbais, e isto por aparecerem êles assim na língua, e poderem, desta forma, ser mais fàcilmente identificados. Por outro lado, não mencionamos em nossa exposição o fato de muitos dos sufixos que estudamos serem sufixos complexos, formados de vários elementos sufixais acumulados, fenômeno êste determinado pela mesma necessidade enfática da expressão, já por nós observada no estudo das partículas, como, por exemplo, na formação dos advérbios, preposições ou conjunções compostas.

Passemos, pois, agora, a examinar os principais dêstes sufixos complexos.

Os sufixos *-bulu-m*, *-culu-m* ou *-clu-m*, e *-cru-m* são formações complexas em cujo último elemento vamos encontrar o sufixo *–lo–*, que aparece isoladamente em vocábulos como *angŭlus* "ângulo", *crédŭlus* "crédulo", e com especial freqüência em diminutivos, como *gladiŏlus* "espadim", *agĕllus* "pequeno campo", ou, na forma feminina, *puĕlla* "menina", *gloriŏla* "gloríola". Atente-se ainda que a forma *–clum* do sufixo não representa uma formação sincopada da forma plena *–culum*, mas, ao contrário, é a formação primitiva da qual se derivou a segunda pela intercalação de um *u* parasita. O sufixo *–cru–m* nada mais é do que uma forma dissimilada do sufixo *–clu–m*, que ocorre em palavras que já contavam em seu radical com um *l*, como, por exemplo: *lucrum* "ganho", *lauacrum* "banho", etc.

Os sufixos– *bru–m*, e *–tru–m* apresentam como último elemento o sufixo *–ro–*, pouco produtivo em latim, quando aparece isoladamente, como nas palavras *macer* "magro", *niger* "negro", *dirus* "sinistro", *purus*, "puro", etc.

O sufixo *–tio*, que é o mais produtivo dos sufixos na formação dos substantivos verbais abstratos, é uma formação complexa, constituída pelo sufixo *–ti–*, que aparece em *uestis* "veste", ou em *mors* (proveniente de **mortis)*, mais um sufixo nasal que se encontra sob a forma *–io–* e é muito comum na formação de substantivos abstratos femininos verbais, como *legio* "legião", *opinio* "opinião", etc. Êste novo sufixo complexo veio fazer grande concorrência e suplantar outras formações de substantivos verbais, nomes de ação, principalmente os constituídos com os sufixos simples *–tu–*, ou *–su–*, que aparecem em palavras como *motus*, *cursus*. Aliás, o sufixo *–tu–* aparece mais freqüentemente unido a outros elementos, formando diversos sufixos complexos, como, por exemplo: *–tut–*, que aparece em palavras como *iuuĕntus*, *–tūtis* "juventude", *senĕctus*, *–tūtis* 'velhice"; *–tudon–*, formado dos sufixos *–tu* e *don–/den–*, encontrável principalmente em deverbais abstratos, para indicar o estado mental ou físico, como em *dulcēdo*, *–dĭnis* "doçura", proveniente de *dulcesco* "tornar-se doce"; *cupīdo*, *–ĭnis* "desejo", de *cupio* "desejar"; *–tura–*, formado de *–tu–* mais o sufixo *–ro–* em sua forma feminina (a forma masculina do sufixo aparece no particípio futuro verbal *–turus*): *natūra* "natureza", *scriptūra* "escrita".

Paralelamente ao sufixo *–tut–* há o sufixo *–tat–*, que é o mais produtivo dos sufixos formadores de substantivos abstratos derivados de substantivos ou de adjetivos.

O sufixo *–to,–* freqüente nos particípios passados, bem como na formação dos ordinais, aparece também isoladamente em adjetivos derivados de substantivos, formados por analogia com os particípios de verbos denominativos, como *barbātus* "barbado", *aurītus* "orelhu-

do", *cornūtus* "chifrudo", *honēstus* "honesto", e no sufixo formador de coletivos (especialmente de árvores), como em *oliuētum* "olivedo", *quercētum* "carvalhal", etc. Na formação de sufixos complexos é encontrado como segundo elemento em *—mentum,* formado de *—men—* mais *—to—: monumēntum* (pròpriamente: "o que traz à memória alguma coisa"). Segundo opiniões, entraria também na formação do sufixo *—osus,* admitida a hipótese de provir de **—o—went—to.*

O sufixo *—tor—,* ou *—sor—,* que é o mais produtivo na formação de nomes de agente, aparece em composição no feminino *—trix—,* com um *—i—* característico do feminino, a que se veio juntar a oclusiva —k—, exemplo: *genitor* "pai, genitor", fem. *genĕtrix* "mãe, genitora". Ocorre ainda no sufixo complexo *—torium,* cujo segundo elemento se forma do sufixo *—yo—,* muito produtivo em latim, como passaremos a ver. Isoladamente, êste sufixo *—yo—* aparece como o mais produtivo na formação de adjetivos, quer denominativos, quer verbais, como em: *eximĭus* "que se toma à parte, notável, exímio", *patrĭus* "pátrio", proveniente de *pater ; uolturĭus* "vulturino", proveniente de *uoltur* "abutre", etc. As formas femininas e neutras aparecem em substantivos, como: *furĭa* "furor", *miserĭa* "miséria", *odĭum* "ódio", *taedĭum* "tédio", etc. Combinado com a vogal *—e—* formou o sufixo *—eus,* freqüentemente encontrável nos adjetivos que indicam a matéria, como: *aurĕus* "de ouro", proveniente de *aurum ; eburnĕus* "de marfim", de *ebur*. Enfim, o sufixo *—yo—* é ainda encontrável em numerosas formações sufixais complexas, entre as quais mencionaremos as seguintes : o sufixo *—arius,* um dos mais produtivos em latim ; *—itia,* criado provàvelmente por analogia com formações como *militia* "milícia", pròpriamente *milit—ia,* de *miles, —itis* "soldado", ou *hospit—ium* de *hospes,* — ĭtis "hóspede", donde as formas como *amicitĭa* "amizade", *pudicitĭa* "pudicícia", ou *seruitĭum* "escravidão", etc.; em combinação com o sufixo arcaico *—mon—* aparece em palavras como *matrimonĭum* "matrimônio", *falsimonĭa* "mentira", *querimonĭa* "queixa". Sob a forma *—eus* é encontrado nos sufixos complexos : *—neus,* do sufixo *—no—* mais *—eus,* como em *eburnĕus* "ebúrneo"; com o sufixo *—anus,* provindo também de *—no—,* forma o sufixo complexo *—aneus,* como em *subterranĕus* "subterrâneo"; e, com o sufixo *—ko—* formando o sufixo *—aceus,* como em *argilacĕus* "argiláceo"; e na forma *—ius* o sufixo *—icius,* como em *tribunicĭus* "tribunício", de *tribunus* "tribuno".

Paralelamente ao sufixo *—lo—* havia igualmente um sufixo *—li—,* que aparece isoladamente em palavras como *simĭlis* "semelhante", *humĭlis* "humilde", e especialmente sob a forma *—alis,* em *animālis* "animado", de *anĭma ; fatālis* "fatal", de *fatum* "destino". Em relação com o sufixo *—blum, —bulum* é particularmente freqüente na formação complexa *—bilis,* como em *amabĭlis* "amável", *mobĭlis* "móvel".

Terminaremos esta consideração das formações sufixais com o sufixo *–ensis*, formado provàvelmente da combinação dos sufixos *–en–* e *–ti–*, e particularmente encontradiço como formador de adjetivos pátrios ou que indicam lugar, como *Carthaginiēnsis* "cartaginês", ou *castrēnsis* "castrense, de acampamento".

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

G. N. Madvig, *Gramática Latina*, tradução da edição alemã para o português, por Augusto Epiphanio da Silva Dias, Pôrto, 1872, págs. 144-170. Apesar da data de sua publicação é a melhor e mais completa gramática latina em português. Ultrapassada em muitos pontos pela evolução da ciência, é ainda hoje utilizável, especialmente na sintaxe, pela argúcia de suas observações e segurança da documentação.

W. M. Lindsay, *Latin Grammar*, págs. 183-203.

R. S. Conway, *The Making of Latin*, Londres, 1928 (2.ª ed.), págs. 83-125. Exposição clara e muito sugestiva.

Victor Henry, *Précis de Grammaire Comparée du Grec et du Latin*, Paris, 1894, págs. 105-192. Em parte já envelhecido, mas ainda utilizável pela clareza da exposição e estudo meticuloso do assunto.

Stolz — Schwalz, *Lateinische Grammatik*, págs. 190-254.

C. D. Buck, *Comparative Grammar*, págs. 311-363. Exposição clara e segura.

A. Meillet — J. Vendryes, *Grammaire Comparée*, passim.

A. C. Juret, *Formation des Noms et des Verbes*, Paris, 1937. Livro rico em fatos e pontos de vista novos, mas de difícil manuseio e utilização pelo método de exposição do autor e suas hipóteses por vêzes demasiado pessoais.

E. Benveniste, *Origines de la Formation des Noms en Indo — Européen*, Paris, 1953. Excelente, erudição profunda e segura.

E. Benveniste, *Noms d'Agent et Noms d'Action en Indo — Européen*, Paris, 1948. Excelente.

INDEX

INDEX

III PARTE

S I N T A X E

Sintaxe é a parte da gramática que estuda os processos pelos quais as palavras da frase estão ligadas umas às outras, de sorte a exprimirem as relações estabelecidas entre as noções. Na exposição dos fatos da sintaxe latina, examinaremos, em primeiro lugar, o período simples, os elementos constitutivos da frase e sua estrutura; em seguida passaremos a estudar o período composto, as relações das frases entre si, e o desenvolvimento da subordinação.

INDEX

INDEX

INDEX

CAPÍTULO XXIII

A ORAÇÃO E SUAS PARTES

1. Chama-se *oração* ou *proposição* uma frase de sentido completo. Encerrando tôda oração uma afirmação com respeito a um ou mais sêres, denomina-se *sujeito* a êste ou êstes sêres a que se refere a afirmação. O *predicado* é constituído pela própria afirmação. Para que a frase tenha sentido completo, formando assim uma oração, êstes dois têrmos, *sujeito e predicado*, são essenciais.

2. O sujeito é representado normalmente por um substantivo, ou, em sua falta, por um pronome ou outra palavra, até mesmo uma frase, que o substitua. Exs.: *Caesar eius dextram prendit* (Cés., B. Gal., 1,20,5) "César toma-lhe a mão"; *historia est testis tempŏrum* (Cíc., De Or., 2,9) "a história é a testemunha dos tempos"; *impedimentis castrisque nostri potīti sunt* (Cés., B. Gal., 1,26,4) "os nossos se apoderaram das bagagens e do acampamento"; *is sibi legatiōnem ad ciuitātes suscēpit* (Cés., B. Gal., 1,3,3) "o supracitado tomou a si a embaixada às nações"; *non sentire mala sua non est homĭnis* (Sên., Cons., Pol., 36) "não sentir os seus males não é humano"; *dulce et decōrum est pro patria mori* (Hor., Od., 3,2,13) "é doce e honroso morrer pela pátria"; *pater huc me misit... meus* (Plaut., Amph., 20) "meu pai mandou-me para cá"; *di me seruant* (Plaut., Aul., 207) "os deuses me protegem"; *is ex se hunc reliquit qui hic nunc habitat filium* (Plaut., Aul., 22) "o supracitado deixou êste filho, que agora mora aqui"; *illa illum nescit* (Plaut., Aul., 30) "aquela não o conhece".

3. Quando, porém, a clareza não exigir que o sujeito venha explícito, isto é, quando o leitor ou o interlocutor o tiverem em mente, de um modo geral, êle costuma ser omitido. Exs.: *tribuo illis littĕras* (Cíc., Flac., 9) "concedo-lhes as letras"; *opem et salūtem ferre debemus* (Cíc., Arch., 1) "devemos trazer-lhe auxílio e salvação"; *de ciuitate ac lege dicimus, nihil dico amplius* (Cíc., Arch., 8) "falamos do direito de cidade e da lei, não falo mais nada"; *patēre tua consilia non sentis?* (Cíc., Cat., 1,1) "não sentes que teus planos estão descobertos?"; *habētis et honestātem homĭnis et auctoritātem testimoni* (Cíc., Flac., 49) "conheceis

a honestidade dêste homem e o valor de seu testemunho"; *ităque T. Labiēnum legātum in Treuĕros, qui proxĭmi flumĭni Rheno sunt, cum equitātu mittit (Caesar). Huic mandat Remos relĭquosque Belgas adeat atque in officio contineat Germanosque, qui auxilio a Gallis arcessīti dicebantur, si per uim nauibus flumen transire conentur, prohibeat* (Cés., B. Gal., 3,11,1-2) "por conseguinte, César envia o lugar-tenente T. Labieno com a cavalaria para os tréviros, que estão próximos do rio Reno. Recomenda-lhe que entre em contato com os remos e os demais belgas, e que mantenha no dever os germanos que se dizia tinham sido chamados em auxílio pelos gauleses; e os impedisse se êles tentassem à fôrça atravessar o rio com seus navios"; *aduorte animum sis* (Plaut. Capt. 110) "presta atenção, por favor" ; *si non est quod dem, mene, uis dem ipse.. in pedes?* (Plaut., Capt. 121) "se não há o que te dê, queres que eu dê... no pé ?".

4. Cumpre distinguir do fato que acabamos de estudar (elipse do sujeito), a existência de orações em que a afirmação constituída pelo predicado não se refira pròpriamente a um sujeito, claro ou subentendido. Isto acontece com os verbos impessoais e com a chamada passiva impessoal, e neste caso não há sujeito. Exs.: *sine tonitribus fulgŭrat* (Plín., N. Hist. 2, 144) "relampeja sem trovões"; *pluet credo hercle, hodie* (Plaut., Curc., 131a) "creio, por Hércules, que hoje vai chover"; *diu atque acrĭter pugnātum est* (Cés., B. Gal., 1,26,1) "combateu-se por muito tempo e encarniçadamente".

5. Por vêzes, os verbos impessoais que indicam fenômenos da natureza, como *tonat* "trovejar", *pluit* "chover", *fulgŭrat* "relampejar", etc., são usados pessoalmente, com referência aos deuses (especialmente Júpiter), ou, em sentido figurado, referindo-se a outros sêres. Exs.: *Ioue fulgurante* (Cíc., Diu., 43) "Júpiter que relampeja"; *porta tonat caeli* (Verg., Geo., 3,261) "a porta do céu troveja"; *fundae saxa pluunt* (Estác., Th., 8,416) "as fundas chovem, ou fazem chover, pedras".

6. Freqüentemente os verbos que significam "dizer", "relatar", "contar", etc. são empregados na terceira pessoa do plural com um sujeito indeterminado. Exs.: *aiunt hominem respondisse* (Cíc., Amer., 33) "dizem que o homem respondeu"; *se Massiliam, ut aiunt, confĕret* (Cíc., Cat., 2,14) "retirar-se-á, segundo dizem, para Marselha"; *nolŭit, inquiunt, hodie agere Roscius* (Cíc., De Or., 1,124) "Róscio, dizem, não quis representar hoje".

7. O predicado é tudo o que se afirma do sujeito, constituindo assim, pròpriamente, o elemento verdadeiramente essencial da frase. O predicado pode ser verbal ou nominal, segundo seja êle representado por um verbo, ou por um nome, geralmente acompanhado do verbo *sum* "ser", em função copulativa. Exs.: *census nostros requīris* (Cíc., Arch., 11) "reclamas as nossas listas de recensea-

mento"; *ego et Cicĕro ualēmus* (Cíc., Fam., 14,5,1) "eu e Cícero estamos bem de saúde"; *auaritia corpus animumque uirīlem effeminat* (Sal., Cat., 11) "a avareza enfraquece o corpo e o espírito viril"; *acerrima pugna pugnāta est* (Cíc., Mur., 34) "foi batalhada uma batalha violentíssima"; e: *omnia praeclāra rara* (Cíc., Lael., 79) "tudo que é preclaro é raro"; *nulla timōris significatio, nulla mentio pacis* (Cíc., Of., 3,47) "nenhuma indicação de temor, nenhuma menção de paz"; *piĕtas fundamentum est omnium uirtūtum* (Cíc., Planc., 29) "a piedade é o fundamento de tôdas as virtudes"; *praeclara res est* (Cíc., Lae., 17) "o assunto é notável": *nos numĕrus sumus* (Hor., Ep., 1,2,27) "nós somos a multidão".

8. O predicado pode ser constituído, em sua expressão mais simples, apenas pelo verbo, como no exemplo acima: *ego et Cicĕro ualēmus*. Mais comumente, porém, costuma vir o verbo acompanhado de substantivos, que têm por função completar-lhe o sentido, chamados por isso *complementos*, ou também *objetos*, por indicarem o objeto da ação expressa pelo verbo. Exs.: *oppida muniunt* (Cés., B. Gal., 3,9,8) "fortificam as cidades"; *non adĭmo sermōnis lepōrem* (Cíc., Flac., 9) "não recuso o encanto da língua"; *cum cotidie mecum habērem homĭnes doctissimos* (Cíc., De Or., 1,82) "como tivesse comigo diàriamente homens de extraordinário preparo"; *caelum totum cernĭmus* (Cíc., Nat., Deo., 2,37) "vemos todo o céu"; *audentes fortūna iuuat* (Verg., En., 10,284) "a sorte ajuda os audazes"; *non nobis solum nati sumus* (Cíc., De Or., 1,7) "não nascemos só para nós"; *anĭmo imperabit sapiens* (P. Siro) "o sábio governará a seu espírito"; *ignosce patrio dolōri* (T. Lív., 3,48) "perdoa à dor de um pai"; *huic legiōni Caesar confidebat maxĭme* (Cés., B. Gal., 1,40,15) "César tinha a máxima confiança nesta legião"; *mihi non displĭcet* (Cíc., Clu., 144) "não me desagrada".

9. Pode ainda o predicado ser determinado com maior precisão por advérbios ou expressões equivalentes que lhe acrescentam circunstâncias especiais à ação expressa pelo verbo. Exs.: *Nunc quidem delēta est, tunc florebat* (Cíc., Lae., 13) "agora realmente está destruída, mas então era florescente"; *quanto id cum pericŭlo fecerit* (Cés., B. Gal., 1,17,6) "com quão grande risco o tenha feito"; *frumenta ex agris in oppida comportant* (Cés., B. Gal., 3,9,8) "transportam o trigo dos campos para as cidades"; *statim ad Caesărem legātos de pace miserunt* (Cés., B. Gal., 6,27,1) "imediatamente enviaram a César embaixadores para pedir a paz".

10. Tanto na frase verbal quanto na frase nominal, pode haver elipse do verbo. Isto geralmente acontece quando êstes verbos expressam idéias familiares, muito conhecidas a ponto de serem compreendidas embora não expressas inteiramente, o que faz com que o fato se verifique com particular freqüência nos provérbios ou na linguagem sentenciosa, no discurso animado dos diálogos, etc. Exs.: *quanquan Ennius recte: amīcus certus in re incerta cernĭtur* (Cíc., Lae.,

64) "embora Ênio (tivesse dito) com razão: distingue-se o amigo certo na ocasião incerta"; *tum Cotta: quoniam id quod difficillium nobis uidebatur*... (Cíc., De Or., 1,100) "então, (disse) Cota: pois que o que nos parecia mais difícil..."; *Philosophia quid est aliud nisi, ut Plato, donum, ut ego, inuentum deorum?* (Cíc., Tusc., 1,64) "que mais é a filosofia senão um presente dos deuses, como (diz) Platão, ou uma descoberta dos mesmos, segundo (digo) eu?"; *tribunātus P. Sesti nihil aliud* (fecit) *nisi meum nomen causamque sustinuit* (Cíc., Sest., 6,13) "tribunato de P. Sesto não fêz outra coisa senão sustentar o meu nome e a minha causa"; *hoc quicquam pote impurius?* (Cíc., At., 13, 38,1) "que pode haver mais impuro do que isto?"; *insŭla natūra triquĕtra* (Cés., B. Gal., 5,13,1) "a ilha (é) por sua natureza triangular; *Fortūna fortes* (Cíc., Fin., 3,4,16) "a Fortuna (ajuda) os bravos".

COMPLEMENTO AO ESTUDO DA ORAÇÃO E SUAS PARTES

No estudo da morfologia já tivemos oportunidade de fazer notar o caráter autônomo da palavra indo-européia que, além de encerrar em si mesma o significado geral representado pelo semantema, indicava ainda pelos morfemas as categorias gramaticais e especialmente a função que representava na frase (vide caps. VI e VII e complementos). Isto nos faz imediatamente compreender que o princípio geral que presidiu à formação da frase indo-européia foi o da simples aposição de vocábulos, guardando cada um a sua independência e autonomia. O mesmo princípio, aliás, iremos encontrar ainda operante na própria constituição do período, onde predominou o denominado processo da parataxe, em oposição ao da hipotaxe, não obstante êste último ter vindo a se desenvolver grandemente, mais tarde, em algumas línguas indo-européias, inclusive o latim.

A frase latina, embora se apresentasse já no novo estágio de evolução trazendo em si o germen da tendência analítica, segundo a qual os vocábulos se vão unir em grupos definidos, ainda assim conservou muita coisa da antiga estrutura, embora sob a forma de simples vestígios, nem sempre transparentes ao primeiro exame.

Por exemplo, a união do sujeito e do predicado verbal, principalmente quando aquêle era representado por um pronome pessoal, ainda aparece em latim com o caráter meramente de aposição, sem importar na existência dos laços sintáticos estreitos que mais tarde os iriam jungir. Vimos no n.º 3 dêste capítulo que, quando o interlocutor tem em mente o sujeito do verbo, o referido sujeito, via de regra, não é expresso. Isto se observa com particular freqüência na primeira e segunda pessoas verbais, uma vez que nestes casos o sujeito é indicado pela própria flexão do verbo. Destarte, quando êstes pronomes se encontram sem ser omitidos, um exame mais de-

tido revelará que êle não têm por função precípua aí indicar o sujeito da oração, já revelado pela própria flexão do verbo, mas sim na qualidade de um verdadeiro apôsto, sobreacentuar o valor do sujeito, comunicando-lhe uma ênfase especial. Na frase de Fedro — *hanc ego polīui uersībus senariis* (1,2) "a esta eu é que poli em versos senários" —, a função de *ego* não é ùnicamente indicar o sujeito de *polīui*, o que seria ocioso, uma vez que a própria forma verbal *polīui* só admitiria um sujeito da primeira pessoa do singular. Sua função é aí, pois, mais estilística do que sintática, sendo empregado antes de tudo para chamar a atenção sôbre a pessoa de Fedro, que aperfeiçoou a forma da fábula esópica, contrapondo-o assim ao próprio Esopo, aliás citado no verso anterior — *Aesōpus auctor quam materīam reppĕrit* (1,1) "Esopo, como inventor, achou a matéria". No exemplo dado, vemos com clareza que da mesma forma que *auctor* põe em relêvo a contribuição de Esopo no que diz respeito à criação da fábula, também paralelamente na oração seguinte, esta função é desempenhada por *ego* com relação a Fedro, que falava de si próprio na primeira pessoa do singular, dando-se como o aperfeiçoador do gênero literário criado por seu predecessor.

Também no que diz respeito às outras partes da oração, na constituição do predicado, vamos observar o mesmo princípio da aposição determinado pela autonomia vocabular. Assim, quando o verbo vem acompanhado de palavras que o determinam melhor (quer como complementos, quer como adjuntos), primitivamente não os regia em absoluto. Tais complementos ou adjuntos agrupavam-se em tôrno do verbo, mas conservando sua inteira autonomia, tomando a desinência dêste ou daquele caso, segundo a função que desempenhavam. O caso mais expressivo a respeito é o acusativo, cuja função mais geral é a de indicar o objeto da ação verbal. Esta função do acusativo, porém, ainda que seja a mais geral, é a resultante de um desenvolvimento posterior ao indo-europeu comum, fato de que o próprio latim dá testemunho. Assim, certos verbos latinos apresentam o seu complemento em outro caso que não o acusativo, como, por exemplo, o verbo *placĕo* "agradar", ou *parĕo* "obedecer", etc., que têm seu complemento em dativo; ou os verbos que exprimem uma operação dos sentidos ou do espírito, cujo complemento vem no genitivo, como, por exemplo, *memĭni* "lembrar-se", *cupĭo* "desejar", muito embora se construam também com o acusativo. Além disso, atestando a primitiva independência do acusativo com relação ao verbo, citaremos ainda dois casos que costumam ocorrer em latim. Em primeiro lugar, atentaremos para o fato de que há em latim verbos transitivos que em certos empregos aparecem usados sem complemento, como, por exemplo, *amo* "amar": *insuēuit exercĭtus amāre, potāre* (Sal. Cat. 11,6) "acostumou-se o exército a amar e beber". Ao contrário disso, verbos primeiramente intransitivos passam a aparecer em certas construções acompanhados de um objeto direto em acusativo, como *cedo* "ir", "marchar", e especialmente "marchar para

trás", "retirar-se", e daí: "ceder", significação esta em que aparece com um complemento em acusativo, embora isto raramente aconteça no período clássico: *multa multis de suo iure cedēntem* (Cíc. Of. 2,18,64) "ceder muita coisa de seu direito a muitos". Em segundo lugar, referiremos o fato de um mesmo verbo poder vir acompanhado de dois acusativos, como *docĕo* "ensinar", *celo* "esconder", *posco* "reclamar", etc., o que vem provar a mesma primitiva independência e autonomia do acusativo e do verbo.

Ainda mais do que o predicado verbal, o predicado nominal constituído de um nome acompanhado do verbo em função copulativa atesta o caráter apositivo que presidiu à constituição da frase indo-européia. Antes do mais, cumpre observar que o verbo que desempenha esta função copulativa era primitivamente de significação concreta, como aliás se deduz do próprio latim, onde o verbo *sum* ainda conserva o seu significado de "existir". Desta forma, o adjunto predicativo representava a princípio a função pròpriamente de um apôsto do sujeito, em relação estreita com o verbo predicativo. Assim, numa frase como — *nunc certa res est* (Plaut. Capt. 768) "agora a coisa é certa" — significaria com precisão — "agora a coisa existe como uma coisa certa". O verbo teria vindo a perder gradativamente o seu sentido concreto até se transformar em simples conectivo do sujeito e do adjunto predicativo, porque em frases desta natureza tôda a ênfase recaía sôbre o predicativo, que encerrava a parte principal do que se afirmava do sujeito.

Com relação às demais partes da oração melhor se vê êste caráter de aposição e autonomia da frase indo-européia, ainda bem representado pela frase latina. Assim, uma frase portuguêsa como — "deste à supracitada pessoa a carta", onde o objeto indireto é indicado pela preposição *a*, em latim a mesma função será indicada por um simples caso, o dativo, como na frase correspondente de Cícero — *(epistulam) ei dedisti* (At., 1,13,1). Da mesma forma, as relações espaciais eram expressas ùnicamente pelos casos correspondentes, vindo o *adjunto circunstancial de lugar onde* em locativo, o *adjunto de lugar donde* em ablativo, e o *adjunto de lugar para onde* em acusativo. O latim arcaico ainda conserva muitas destas construções, que aliás se mantêm como vestígios até mesmo no período clássico, como, por exemplo, no caso de nomes de cidades e pequenas ilhas, ou algumas expressões como *rus* e *domus*: *cura ut Romae sis* (Cíc., At., 1,2,2) "procura estar em Roma"; *domi Caesăris* (Cíc., At., 1,12,3) "em casa de César"; *sexto die Delum Athēnis uenĭmus* (Cíc., At., 5,12,1) "no sexto dia viemos de Atenas para Delos"; *cum Tullius rure redierit* (Cíc., Fam., 5,20,9) "quando Túlio voltar do campo"; etc. Entretanto, uma das características da evolução das línguas indo-européias, e por conseguinte do latim, é o desenvolvimento do emprêgo das preposições, oriundas de antigos elementos adverbiais autônomos e como tais inteiramente independentes dos nomes a que se juntavam por

uma necessidade de clareza ou apenas de maior expressividade. Enfraquecendo-se êste valor significativo pela multiplicidade e constância de seu uso, principalmente quando se tratava de exprimir uma relação concreta, como nos casos acima indicados, de advérbios autônomos passaram a constituir uma nova espécie de palavras a que se deu o nome de preposição.

Uma conseqüência dêste caráter de aposição e autonomia na constituição da frase é a liberdade da ordem das palavras, na mesma, uma vez que não depende de sua colocação na frase a indicação de suas funções. Assim, a frase de Fedro *rana conspēxit bouem* (25,2) "a rã viu o boi" admite gramaticalmente qualquer ordem, sem que o seu valor significativo seja comprometido, isto porque *rana* encerra em si o índice de sua função de sujeito expressa pelo caso nominativo, e *bouem* a de complemento direto expressa pelo acusativo. Já em português, e na maioria das línguas indo-européias modernas, a alteração da ordem das palavras poderia também alterar o sentido, como, por exemplo, se disséssemos "o boi viu a rã", onde "boi" passaria a representar a função de sujeito e "rã" a de objeto.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Madvig — Epiphanio Dias, págs. 171-181.

O. Riemann — H. Goelzer, *Grammaire Comparée du Grec et du Latin, Syntaxe*, Paris, 1897. Bom trabalho, seguro e de exposição clara, mas hoje ultrapassado.

E. Cocchia, *La Sintassi Latina*, Nápolis, 2.ª ed. 1901, págs. 1-10. Bom trabalho, embora em parte já envelhecido.

A. Meillet, *Introduction à l'Étude Comparative des Langues Indo-Européennes*, Paris, págs. 355-377.

A. Meillet — J. Vendryes, *Grammaire Comparée*, págs. 572-593.

W. Kroll, *La Sintaxis Científica en la Enseñanza del Latín*, Madri, 1935, (tradução da 3.ª ed. alemã). Trabalho interessante, de boa orientação, embora, por vêzes, muito pessoal.

M. Bassols de Climent, *Sintaxis Histórica de la Lengua Latina*, Barcelona, 1945. Trabalho excelente pela orientação e pela doutrina.

A. Tovar, *Gramática Histórica Latina — Sintaxis*, Madri, 1946. Boa síntese, excelente orientação.

Fr. Blatt, *Précis de Syntaxe Latine*, Paris, 1952. Bom trabalho, exposição clara.

A. Ernout — Fr. Thomas, *Syntaxe Latine*, Paris, 2.ª ed. 1953. Trabalho fundamental pela segurança da doutrina e clareza da exposição.

J. Marouzeau, *L'Ordre des Mots en Latin*, Paris, 1953. Síntese magnífica, pela segurança de doutrina e clareza de exposição.

M. Bassols de Climent, *Sintaxis Latina*, II, Madrid, 1956, págs. 1-28.

INDEX

INDEX

CAPÍTULO XXIV

CONCORDANCIA

1. A *concordância* é a expressão gramatical, caracterizada por uma variação de forma, da relação estabelecida entre interdependentes sintáticos, tais como sujeito-verbo, substantivo-epíteto, etc., dos quais um aparece como *determinado* com relação a outro chamado *determinante*. Preliminarmente, devemos observar que, além da chamada concordância gramatical, determinada ùnicamente pela forma gramatical dos interdependentes sintáticos, há ainda a considerar a concordância de sentido ou psicológica. Nesta, passa a atuar preponderantemente o fator psicológico, deixando-se de levar em consideração o aspecto morfológico do vocábulo, fazendo-se a concordância segundo o valor semântico, isto é, o sentido dos interdependentes sintáticos.

2. No estudo da concordância do predicado ou do predicativo com o sujeito há a distinguir se o predicado ou predicativo são afirmados de um sujeito único, ou de um sujeito composto. (1).

I) – *SUJEITO ÚNICO*

3. Na frase verbal, quando o predicado é afirmado de um sujeito único, o verbo concorda com o sujeito em número e pessoa, exatamente como em português. Exs.: *Deum non uides tamen Deum agnoscis ex operibus eius* (Cíc., Tusc., 1,29) "não vês a Deus, entretanto o reconheces por suas obras"; *Caesar... exercitum duxit* (Cés., B. Gal., 2,12,1) "César conduziu o exército"; *paulo ante posuit Antonius* (Cíc., De Or., 1,108) "Antônio estabeleceu há pouco"; *uestra tecta uigiliis custodiisque defendite* (Cíc., Cat., 2,26) "defendei vossos tetos com sentinelas e guardas"; *ipse dixit* (Cíc., Nat., 1,10) "êle mesmo (o mestre, Pitágoras) o disse"; *caue Catōni antepōnas Socrātem: huius facta illīus dicta laudantur* (Cíc., Lae., 10) "não anteponhas Sócrates a Catão: dêste se elogiam os feitos, daquele os ditos".

1) **A concordância do adjetivo e a do pronome serão estudadas, respectivamente, nos capítulos XXV e XXVI.**

4. O adjunto predicativo, representado por adjetivo, e o particípio concordam com o sujeito em gênero, número e caso. Exs.: *breuis ipsa uita est, sed malis fit longior* (P. Siro) "a vida em si mesma é breve, mas pelos males se torna mais longa"; *suāuis labōrum est praeteritōrum memorĭa* (Cíc., Fin., 2,32) "é suave a lembrança dos trabalhos passados"; *P. Africani nomen erat incīsum* (Cíc., Verr., 4,74) "o nome de P. Cipião estava gravado"; *erat hiems summa, tempestas... perfrigĭda, imber maximus* (Cíc., Verr., 4,86) "o inverno era muito rigoroso, o tempo muito frio, a chuva muito abundante"; *uita mortuōrum in memorĭa uiuōrum est posĭta* (Cíc., Phil., 9,5) "a vida dos mortos está situada na memória dos vivos"; *Gallia est omnis diuīsa in partes tres* (Cés., B. Gal., 1,1,3) "tôda a Gália está dividida em três partes"; *impedimentis castrisque nostri potīti sunt* (Cés., B. Gal., 1,26,4) "os nossos se apoderaram das bagagens e do acampamento"; *hac oratiōne habita mirum in modum conuersae sunt omnĭum mentes summaque alacrĭtas et cupidĭtas belli gerendi innāta est* (Cés. B. Gal., 1,41,1) "feito êste discurso, foram transformados de modo maravilhoso os ânimos de todos e foi incutido um enorme entusiasmo e um ardente desejo de combater"; *dies conloquĭo dictus est* (Cés., B. Gal., 1,42,3) "o dia da entrevista foi marcado".

5. Se, porém, o adjunto predicativo fôr representado por um substantivo, concordará com o sujeito em caso e, se possível, em gênero e número. Exs.: *haec una uirtus omnium est domĭna et regĭna uirtūtum* (Cíc., Of., 3,28) "só esta virtude (a justiça) é a senhora e a rainha de tôdas as virtudes"; *pacis est comes otique socia et iam bene constitutae ciuitatis quasi alumna quaedam eloquentia* (Cíc. Br. 45) "a eloqüência é a companheira da paz, a aliada do lazer e como que a filha de uma sociedade já bem constituída"; *piĕtas fundamēntum est omnĭum uirtūtum* (Cíc., Planc. 29) "a piedade é o fundamento de tôdas as virtudes"; *rostraque id templum appellātum* (T. Lív., 8,14,2) "e êsse lugar consagrado se chamou rostros".

6. Quando o sujeito fôr um infinitivo ou uma oração infinitiva, o predicativo vai sempre para o acusativo neutro singular. Exs.: *dulce et decōrum est pro patria mori* (Hor., Od., 3,2,13) "é doce e belo morrer pela pátria"; *uacare culpa maxĭmum est solatĭum* (Cíc., Fam., 7,5) "estar isento de culpa é a maior consolação"; *sibi non cauēre et aliis consilĭum dare stultum esse...* (Fedr. 1,9,1,-2) "não se acautelar e dar aos outros conselhos ser tolice..."; *iudicāre difficĭle est* (Cíc., Lae., 62) "é difícil julgar"; *humanum amare est* (Plaut., Merc., 319) "amar é humano"; *mos est hominibus obliuīsci* (Plaut., Capt., 985) "para os homens esquecer é um hábito".

7. Entretanto, depois do verbo *licet*, pode o predicativo ir para o acusativo ou para o dativo, sintaxe esta que se encontra desde o período arcaico e se mantém em todo o período clássico. Exs.: *licuit*

esse otioso Themistŏcli (Cíc., Tusc., 1,15,33) "foi lícito a Temístocles ser ocioso, ou melhor, gozar de repouso"; *quiēto tibi licet esse* (Plaut., Epid., 338) "é permitido a ti estar quieto"; *licēre illis incolumĭbus discedĕre* (Cés., B. Gal., 5,41,6) "ser-lhes permitido debandar incólumes"; *illis timidis et ignāuis esse licet, uobis necēsse est fortĭbis uiris esse* (T. Lív., 21,44,8) "a êles se permite serem tímidos e covardes, a vós é necessário serdes corajosos varões"; e : *quibus iam licet esse fortunatissimos* (Cés., B. Gal., 6,35,8) "aos quais já é permitido serem afortunadíssimos"; *is erat annus quo per leges ei consŭlem fiĕri licēret* (Cés., B. Ciu., 3,1,1) "êsse era o ano em que lhe era lícito pelas leis tornar-se cônsul"; *ciui Romāno licet esse Gaditānum* (Cíc., Balb., 12,29) "ao cidadão romano é permitido ser gaditano"; etc.

II) — *Vários Sujeitos*

8. Quando o predicado ou o predicativo são afirmados de vários sujeitos (sujeito composto), a concordância se poderá fazer com o conjunto dos sujeitos, ou então com um só dos sujeitos. A primeira concordância é de um modo geral preferida quando o predicado ou predicativo são afirmados de nomes que designam coisas contáveis, e a segunda, quando se trata de substantivos abstratos ou coletivos.

9. Quando a concordância se faz com o conjunto dos sujeitos, o verbo e o predicativo vão para o plural. Se os sujeitos forem de diferentes pessoas, havendo entre êles um da primeira, o verbo irá para a primeira pessoa do plural, e se, não havendo nenhum sujeito da primeira pessoa, houver um da segunda pessoa, o verbo irá para a segunda do plural. Exs.: *At Q. Titurĭus et L. Cotta legāti... se ad Caesărem receperunt* (Cés., B. Gal., 4,38,3) "mas os legados L. Cota e Q. Titúrio se reuniram a César"; *ad riuum eundem lupus et agnus uenĕrant* (Fedr., 1,1,1) "o lôbo e o cordeiro tinham vindo ao mesmo regato"; *dissimillĭmi inter se Zeuxis, Aglaophon, Apelles* (Cíc., De Or., 3,26) "são muito diferentes entre si Zeuxis, Aglaofonte e Apeles"; *quae Sulla, quae Murēna, quae Seruilĭus, quae Lucŭllus praedicaeuĕrunt* (Cíc., Phil., 2,33) "o que recomendaram Sila, Murena, Servílio, Luculo"; *haec neque ego neque tu fecĭmus* (Ter., Ad., 103) "isto nem eu, nem tu fizemos"; *si tu exercitusque ualētis, bene est* (Cíc., Fam., 5,2,1) "se tu e o exército ides bem, está bem"; *si tu et Tullĭa, lux nostra, ualētis, ego et suauissĭmus Cicĕro ualēmus* (Cíc., Fam., 14,5,1) "se tu e Túlia, luz de nossos olhos, estais passando bem, eu e o nosso suavíssimo Cícero estamos bem"; *et ego te et ille mactāmus infortunĭo* (Plaut., Bacch., 886) "eu e êle te desejamos nossos votos de desgraça"; *egrediŭntur Milphĭo una et uilĭcus* (Plaut., Poen., 576) "saem juntamente Milfião e o feitor"; *aetas, metus, magĭster prohibēbant* (Ter., And., 54) "a idade, o mêdo, o mestre o impediam".

10. Se os sujeitos são de gêneros diferentes, a concordância do predicativo se fará no masculino plural, se se tratar de sêres anima-

dos, e no neutro plural se se tratar de nomes de coisas. Exs.: *Pater mihi et mater mortui sunt* (Ter., Eun., 518) "meu pai e minha mãe estão mortos"; *aquĭla et aper consumpti sunt* (Fedr., 2,4,23) "a águia e o javali foram consumidos"; *Catilīnae ab adulescentia bella intestīna, caedes, rapīnae, discordia ciuilis grata fuere* (Sal., Cat., 5,4) "a Catilina, desde a mocidade, as guerras internas, os morticínios, as rapinas, a discórdia civil sempre foram agradáveis"; *secundae res, honōres, imperia, uictoriae, quanquam fortuita sunt* (Cíc., Of., 2,6, 20) "a prosperidade, as honras, os comandos, as vitórias, embora sejam coisas fortuitas"; *stultitĭam, et timiditātem, et iniustitĭam et intemperantĭam dicĭmus esse fugiēnda* (Cíc., Fin., 3,39) "a estultícia, a timidez, a injustiça e a intemperança, afirmamos deverem ser evitadas".

Observação:

O último exemplo de Cícero apresenta uma concordância menos freqüente na prosa clássica: sendo todos os substantivos do gênero feminino, a concordância do predicativo (aqui do gerúndio) se faz no plural, mas no gênero feminino. Ao exemplo supracitado poderíamos acrescentar outros: *ni uirtus fidesque uostra satis spectātae mihi forent* (Sal. Cat. 20,2) "não fôssem bastante conhecidas por mim a vossa coragem e a vossa lealdade"; *pacem et concordiam uictis utilia... esse* (Tác. Hist. 3,70) "ser a paz e a concórdia úteis aos vencidos."

11 Se a concordância se fizer com um só dos sujeitos, esta se processará como se se tratasse de sujeito único, concordando em geral o verbo e o predicativo com o sujeito mais próximo. Exs.: *Orgetorĭgis filia et unus e filiis captus est* (Cés., B. Gal., 1,26,9) "uma filha de Orgetorige e um de seus filhos foram capturados"; *Senātus populusque Romānus intellegit* (Cíc., Fam., 5,8,2) "decidiram o Senado e o povo romano"; *hoc mihi et Peripatetĭci et uetus Academia concēdit* (Cíc., Ac., 2,35) "isto me concedem os peripatéticos e a velha Academia"; *intercedit M. Antonius, Q. Crassus, tribūni plebis* (Cés., B., Ciu., 1,2) "intercederam M. Antônio e Q. Crasso, tribunos populares"; *dixit hoc apud uos Zosĭppus et Ismenĭas, homĭnes nobilissĭmi* (Cíc., Verr., 2,4,42) "disseram isto perante vós Zosipo e Ismênias, homens conceituadíssimos"; *si tu nolis filiusque tuos* (Plaut., Cas., 314) "se tu mesmo não queres, nem o teu filho"; *persuāsit maeror, anxitūdo, error, dolor* (Ac., 349) "convenceram a tristeza, a ansiedade, o êrro, a dor".

Observação:

Esta concordância com o sujeito mais próximo é constante em César e geralmente a preferida de Cícero, principalmente quando o predicado é precedido por um só dos sujeitos, ou quando os precede a todos. É ainda a concordância mais seguida quando o predicado é afirmado de nomes abstratos e quando os substantivos que lhe servem de sujeito são considerados isoladamente. Exs.: *ius, potēstas libertasque tollātur* (Cíc., L. Agr., 2, 11, 29) "suprima-se o direito, a autoridade e a liberdade"; *be-*

neficentia, liberalĭtas, bonitas, iustitia fundĭtus tollĭtur (Cic., Of., 3, 6) "a beneficência, a liberalidade, a bondade, a justiça estirpem-se desde os seus alicerces"; *suauitātem Isocrătes, subtilitātem Lysias, acūmen Hyperides habŭit* (Cíc., De Or., 3, 7, 28) "Isócrates teve a suavidade, Lísias, a sutileza e Hipérides, a argúcia"; *Hostilio Sardinia, Manilio Sicilia, Porcio Gallia, euēnit* (T. Lív.) "a Hostílio coube a Sardenha, a Manílio, a Sicília, a Pórcio, a Gália"; *tum Leontinus Gorgias, Thrasymăchus Calchedonius, Protagŏras Abderites, Prodicus Cius, Hippias Elīus in honōre magno fuit* (Cíc., Br., 30) "então Górgias de Leontinos, Trasímaco da Calcedônia, Protágoras de Abdera, Pródico de Cio, Hípias de Élide gozaram de grande admiração".

12. Por vêzes, a concordância se faz com o sujeito mais distante, para lhe dar maior realce, ou, às vêzes, para indicar apenas que êle contém os demais. Exs.: *Lucus ille et haec Arpinatium quercus agnoscĭtur saepe a me lectus in Mario* (Cíc., Leg., 1,1) "o famoso bosque e o carvalho de Arpino reconhecem-se, como li freqüentemente em Mário"; *omnis motus fortūnae mutationesque rerum et tempŏrum leuis et imbecīllos fore intellĕgant* (Cíc., Fin., 5,71) "tôdas as vicissitudes da sorte e as transformações dos tempos e das coisas compreendem que serão sem pêso e sem fôrça"; *praeter culpam et peccātum quam semper caruisti* (Cíc., Fam., 5,21,5) "exceto a culpa e o crime de que sempre estiveste isento"; *ego populusque Romanus... Bellum indico facioque* (T. Lív., 1,32,13) "eu e o povo romano declaro e faço a guerra".

13. Quando os sujeitos vêm separados por conjunções disjuntivas como *aut... aut, uel... uel, neque... neque, siue... siue*, etc., a concordância geralmente se faz no singular. Exs.: *Nihil mihi noui neque M. Crassus neque Cn. Pompeius ad dicendum relīquit* (Cíc., Balb., 7) "nada de novo deixaram para eu dizer nem M. Crasso nem Cn. Pompeu"; *in hominĭbus iuuāndis aut mores spectāri aut fortūna solet* (Cíc., Of. 2,20); "para ajudar os homens é hábito esperar-se nos costumes ou na sorte"; *si Aeăcus aut Minos dicĕret* (Cíc., Of., 1,97) "se Éaco ou Minos dissessem"; *tam certe quam ego te aut tu me uides* (Plaut., Merc., 186) 'tão certamente quanto eu te vejo ou tu me vês"; *utĭnam aut hic surdus aut haec muta facta sit* (Ter., Andr., 463) "oxalá êste se tenha tornado surdo, ou esta, muda".

14. Se o predicado ou o predicativo fôr afirmado de sujeitos comparados entre si por meio das partículas *quam, quantum, nisi*, etc., e a afirmação se referir a cada um dêles separadamente, a concordância de um modo geral se faz com o último dos sujeitos, principalmente se êste estiver unido diretamente ao verbo. Exs.: *Non dubĭto quin celerius tibi hoc rumor quam littĕrae nuntiārint* (Cíc., At., 1,15,1) "não duvido que os boatos tenham comunicado a ti o fato mais depressa do que as cartas"; *quis illum consŭlem nisi latrōnes putant?* (Cíc., Phil., 4,9) "quem o julga cônsul, a não ser os bandidos?"; *bellum ita suscipiātur ut nihil alĭud nisi pax quaesīta uideātur* (Cíc., Of., 1,80) "a guerra foi de tal sorte empreendida que

parecia que nada se procurava a não ser a paz"; *talis improbĭtas tamquam incendĭum restinguēndum est* (Cíc., Verr., 1,153) "tal perversidade deve ser extinta como um incêndio".

Concordância de Sentido

15. Quando o sujeito é um pronome demonstrativo ou relativo e o adjunto predicativo um substantivo, por atração, o sujeito passa de regra geral a concordar com o adjunto predicativo. Exs.: *haec mea culpa est* (Cíc., Br., 133) "isto é minha culpa"; *ea demum firma amicitĭa est* (Sal., Cat., 20) "isso enfim é uma amizade firme"; *quae âpud alĭos iracundĭa dicĭtur, ea in imperĭo superbĭa atque crudelĭtas appellātur* (Sal., Cat., 51) "o que entre outros se chama arrebatamento, denomina-se, quando se está no govêrno, orgulho e crueldade".

16. Quando o sujeito e o adjunto predicativo são de números diferentes, a concordância se faz normalmente com o sujeito; entretanto, por vêzes, se dá a atração do predicativo, concordando com êle o verbo. Exs.: *quas gerĭtis uestes sordida lana fuit* (Ov., A. Am., 3,222) "as vestes que trazes, isso foi lã grosseira"; *Iupĭter sunt ista quae dico tibi* (Ên., Epic., 507) "Júpiter é isto que te estou dizendo"; *cuius (consulatus) initĭum fuit ludi Compitalĭcii* (Cíc., Pis., 8) "os jogos das Compitais foram o início de cujo consulado"; *haec urbs est Thebae* (Plaut., Amph., 97) "esta cidade é Tebas"; mas: *quae dicis aurum atque argĕntum est* (Plaut., As., 155) "o que dizes é ouro e prata"; *amantĭum irae amoris integratiost* (Ter., And., 555) "as rusgas dos namorados são a integração do amor".

17. Os coletivos, ou mesmo um simples substantivo que represente uma classe ou espécie, podem levar o verbo ao plural, sacrificando-se a concordância gramatical ao sentido real do sujeito. Na prosa clássica, isto acontece quando o coletivo ou palavra equivalente pelo sentido a um coletivo não se encontram na mesma oração do verbo plural. Exs.: *Is (Orgetŏrix)... ciuitāti persuāsit ut ex finibus suis exīrent* (Cés., B. Gal., 1,2,1) "o referido Orgetorige persuadiu a nação a que saíssem de suas fronteiras"; *cum premerētur initĭo multitūdo ab iis qui maiores opes habēbant, ad unum alĭquem confugiēbant* (Cíc., Of., 2,12,41) "como a princípio a grande massa fôsse oprimida por aquêles que tinham maiores recursos, buscava refúgio apenas junto de alguém"; *ex eo numĕro qui semper apud omnis sancti sunt habĭti atque dicti* (Cíc., Arch., 12,31) "do número dos que sempre entre todos foram considerados e declarados sagrados"; *pars... saxa iactant* (Ên., An., 1,54) "parte dêles lançam pedras"; *capti ab Iugurtha pars in crucem acti pars bestiis obiecti sunt* (Sal., Iug., 14,15) "capturados por Jugurta, parte foi crucificada, parte

INDEX

lançada às feras"; *omnis multitūdo abĕunt* (T. Lív., 24,3,15) "tôda multidão se retira"; *omnis Graecĭa glorĭam decorauēre monumentis* (Cat., frag., 19,16) "tôda a Grécia ornou a sua glória com monumentos".

18. Às vêzes, o verbo e o predicativo ou o particípio concordam com o apôsto do sujeito e não com o próprio sujeito da oração, concordância esta obrigatória quando se trata das palavras *urbs, oppĭdum* ou *ciuĭtas* acompanhando um nome próprio locativo. Exs.: *Corinthum, patres uestri, totĭus Graecĭae lumen, extinctum esse uoluērunt* (Cíc., Pomp., 11) "Corinto, luminar de tôda a Grécia, vossos pais quiseram que se extinguisse"; *Coriŏli oppĭdum captum est* (T. Lív., 2,33) "a cidade de Coríolos foi capturada"; *Volsinii oppĭdum Tuscōrum opulentissĭmum concremātum est fulmĭne* (Plín., Hist. Nat., 2) "Volsínios, a cidade mais opulenta dos etruscos, foi inteiramente queimada por um raio"; *urbem Syracūsas maxĭmam esse* (Cíc., Verr., 3,107) "ser a cidade de Siracusa muito grande".

Observação:

Quando, porém, o apôsto não tem um valor específico, e principalmente não é representado por *urbs, oppĭdum* ou *ciuĭtas*, a concordância do predicado se pode fazer com o sujeito ou com o apôsto, isto segundo as intenções do autor em ressaltar a idéia do sujeito ou do apôsto. Ex.: *classis pulcherrima, praesidium Siciliae, incensa est* (Cíc. Verr. 3, 186) "esquadra belíssima, sustentáculo de tôda a Sicília foi incendiada"; *deliciae meae, Dicaeărchus, disserŭit* (Cíc. Tusc. 1, 77), "as minhas delícias, Dicearco, dissertou"; *Carmonēnses quae est longe firmissĭma totĭus prouinciae ciuĭtas,... cohortes eiēcit* (Cés. B. Ciu. 2,19,4) "Carmonenses, que é de longe a cidade mais firme da província, expulsou as coortes".

19. Às vêzes, um outro substantivo une-se ao sujeito por meio da preposição *cum*, formando-se assim como que um sujeito composto, que, por isso, freqüentemente leva o verbo ao plural. Exs.: *Sulla cum Scipiōne... leges inter se condicionesque contulērunt* (Cíc., Phil., 12, 11) "Sila com Cipião estabeleceram conjuntamente leis e condições entre si"; *ipse dux cum alĭquot princĭpĭbus capiūntur* (T. Lív., 21,60,7) "o próprio chefe com alguns príncipes foram capturados"; *Syrus cum illo uostro consusurrant* (Ter., Heaut., 473) "Siro com aquêle vosso (escravo) trocam cochichos".

20. Quando tiver havido a intenção de indicar que os pronomes, adjetivos ou particípios afirmados do sujeito são afirmados como se se tratasse de uma coisa, seja qual fôr o gênero do sujeito, são êles empregados no neutro. Isto não só acontece na mesma oração, como também, e com muito maior razão ,de uma oração para outra. Exs.: *turpitūdo peius est quam dolor* (Cíc., Tusc., 2,31) "a torpeza é coisa pior do que a dor"; *omnium rerum mors est extremum* (Cíc., Fam.

6,21,1) "de tôdas as coisas, a morte é a última"; *uarium et mutabile semper femina* (Verg., En., 4,569) "a mulher é uma coisa sempre inconstante e variável"; *roges me quid aut quale sit deus* (Cíc., Nat., 1,60) "perguntar-me-ás o que ou qual seja o deus"; *sermonibus quae nec possunt scribi nec scribēnda sunt* (Cíc., Fam., 2,8,2) "discursos que nem se podem escrever nem se devem escrever"; *amicitiam ornamēnto esse oportēre idque ea spe petisse* (Cés., B. Gal., 1,44,5) "a amizade cumpre existir como um ornamento e com essa esperança a terem procurado".

Observação:

Note-se, porém, que, embora Cícero também use esta construção (principalmente com os adjetivos *commūne, extrēmum, proprium*), de um modo geral costuma dar preferência em tais casos a uma perífrase em que emprega o substantivo *res*. Exs. *est gloria solida quaedam res* (Cíc. Tusc. 3,3) "é a glória uma coisa de certa consistência"; *res timida est omnis miser* (Ov. Pont. 2,7,37. "todo miserável é uma coisa tímida"; *sacra res est mensa hospitālis* (Sên. Ben. 4,38,2) "mesa hospitaleira é coisa sagrada".

21. Se o verbo afirmado de um sujeito no plural vier acompanhado dos pronomes *quis, alĭquis, uter, neuter, quisquam, nemo, nullus* e *utĕrque* em função predicativa, raramente ficará no singular, exceto com *uterque*, em que esta construção é de regra no período clássico, embora na língua arcaica aparecesse com freqüência o plural. Exs.: *pictōres et poētae suum quisque opus a uulgo considerāri uult* (Cíc., Of., 1,147) "os pintores e os poetas, cada um quer que sua obra seja admirada pelo povo"; *cum utĕrque me intuerētur sesēque ad audiēndum significārent parātos* (Cíc., Fin., 2,1) "como um e outro me fitassem e indicassem que estavam prontos para ouvir"; *celeri gradu eunt uterque* (Plaut., Epid., 719) "vão ambos de passo apressado"; *uterque insaniunt* (Plaut., Curc., 187) "um e outro estão loucos"; *uterque, pater et mater, domi erant* (Ter., Eun., 840) "um e outro, o pai e a mãe, estavam em casa"; *uter eratis tun an ille maior?* (Plaut., Men., 1119) "qual dos dois éreis o maior, tu ou aquêle ?"; *quotiens edixit tibi ut cauēres neuter ad me irētis!* (Plaut., Men., 784) "quantas vêzes te expliquei que nem um nem outro fôssem ter comigo!"; *neque nostrum quisquam sensimus* (Plaut., Amph., 1071) "nenhum de nós sentiu"; *facito ut uterque sublimiter stent* (Cat., Agr., 70) "fazei com que um e outro estejam em cima".

COMPLEMENTO AO ESTUDO DA CONCORDÂNCIA

No complemento ao estudo do capítulo precedente já tivemos ocasião de mostrar o caráter autônomo dos membros da frase indo-européia, que se constituiu pròpriamente sob o critério da aposição, mesmo no que dizia respeito a têrmos que apareceriam depois nas

línguas indo-européias como intimamente ligados, como o sujeito e o predicado. Isso nos ajudará agora a compreender que tanto na frase verbal como na frase nominal, no indo-europeu, não havia, no rigor do têrmo, concordância do predicado ou predicativo com o sujeito, embora se possa afirmar que já existisse uma tendência no sentido de se fazer esta concordância.

Sendo a categoria de número comum ao nome e ao verbo, como já vimos no capítulo VI, é natural que, quando se trata de sêres múltiplos, estejam no plural tanto o substantivo (ou seu equivalente que serve de sujeito) como o verbo do predicado. É, porém, de se notar que primitivamente, no indo-europeu, isto se fazia de forma inteiramente independente, sem que o sujeito e o predicado estivessem submetidos à concordância.

O latim guarda ainda numerosos vestígios dêste primitivo estado de coisas, especialmente em construções da língua falada, quer no período arcaico, quer no período imperial. Assim, especialmente nos cômicos do período republicano, é comum encontrar-se um pronome indefinido ou interrogativo no singular ligado a um verbo na primeira ou segunda pessoas do plural: *heus foras/exite huc aliquis* (Plaut., Epid., 398-9) "olá, sai para fora alguém"; *neque nostrum quisquam sensimus* (Plaut. Amph. 1071) "e nenhum de nós percebeu"; *uter eratis, tun an ille, maior* (Plaut., Men., 1119) "qual dos dois éreis o mais velho ?". Esta construção também aparece na poesia imperial, que a vai buscar na língua falada arcaica ou contemporânea: *exoriare alĭquis nostris ex ossĭbus ultor* (Verg., En., 4,625) "sai de nossos ossos, qualquer que sejas, ó vingador". Por vêzes, é um substantivo apôsto a um pronome da primeira pessoa do sing. não expresso: *Themistocles uenio/ad te* (C. Nep. Them. 9,2) "eu, Temístocles, venho a ti". Outra construção, só encontrável no período arcaico ou no latim posterior, era a do particípio, em ablativo absoluto, sendo a expressão iniciada pelo particípio. Neste caso, freqüentemente, o particípio se mantinha no singular, ou melhor, invariável, embora unido a um plural: *absente nobis* (Ter., Eun., 649) "nós ausentes"; *excepto filiābus* (Greg., Tours, H, F., 5,14) "exceptuadas as filhas".

Muitos casos aberrantes das regras gerais que presidem à concordância em latim, principalmente freqüentes na chamada concordância de sentido, também chamada psicológica ou ideológica, têm suas origens remotas no próprio indo-europeu.

Um dos casos mais ilustrativos do que acima ficou dito é a falta de concordância em número do sujeito representado por coletivo, ou palavra equivalente, e do seu predicado. A concordância no singular, que poderia parecer como a normal, representa antes uma inovação latina, como aliás também de outras línguas indo-européias, enquanto que o verbo no plural representa melhor a liberdade

primitiva em que o predicado constituía como que ùnicamente uma forma independente a que se viera juntar o sujeito na simples qualidade de apôsto. O mesmo se pode dizer a respeito da liberdade da concordância do verbo quando acompanhado dos pronomes indefinidos como *quis, aliquis, uter,* etc.

Só o caráter independente e autônomo dos membros da frase indo-européia pode explicar satisfatòriamente a falta de concordância em gênero do adjunto predicativo com o sujeito, estudada no parágrafo 10, 15 e 20 dêste capítulo.

A própria concordância de pessoa que é a mais geralmente seguida, ainda assim comporta uma certa liberdade, que lhe é conferida como um vestígio do antigo estado de coisas, sendo permitida a concordância com o sujeito mais próximo ou com o mais importante.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Madvig — Epiphanio Dias, Gramática Latina, págs. 174-181.

O. Riemann — H. Goelzer, *Grammaire Comparée,* págs. 17-36.

E. Cocchia, *La Sintassi Latina,* págs. 10-34.

H. Brugmann, *Abregé de Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes,* Paris, 1905, págs. 378-386.

W. M. Lindsay, *Syntax of Plautus,* Oxford, 1907, págs. 3-10. Trabalho excelente e fundamental.

Ch. E. Bennett, *Syntax of Early Latin,* vol. I — The Verb, Boston, 1910, págs. 1-4. Trabalho fundamental, documentação abundantíssima.

R. Kühner — C. Stegmann, *Grammatik der Lateinischen Sprache,* 2.º vol., Hannover, 1912, págs. 1-20. Trabalho ultrapassado, mas ainda aproveitável pela riqueza da documentação.

A. Meillet — Vendryes, *Grammaire Comparée,* págs. 598-601.

Stolz — Shmalz, *Lat. Grammatik,* págs. 631-639.

J. T. Allardice, *Syntax of Terence,* Oxford, 1929, págs. 4-6. Bom trabalho, complemento natural ao de Lindsay sôbre Plauto.

E. Löfstedt, Syntactica, vol. 1, 2.ª ed., Lund, 1942, págs. 1-74. Trabalho fundamental, excelente orientação.

F. Blatt, *Précis,* pgs. 35-60.

A. Ernout-Fr. Thomas, *Syntaxe Latine,* pgs. 125-142.

A. C. Juret, *Système de la Syntaxe Latine,* pgs. 121-138.

M. Bassols de Climent, *Sintaxis Latina,* II, Madrid, 1956, págs. 57-83.

CAPÍTULO XXV

A D J E T I V O

1. Além da função de adjunto predicativo, estudada no capítulo precedente, pode o adjetivo representar a de adjunto atributivo, ligando-se diretamente ao substantivo a que se refere ,seja qual fôr o papel que êste esteja representando na oração. Nesta função de adjunto atributivo, o adjetivo qualificativo pode ser empregado quer como adjetivo epíteto, quer como adjetivo distintivo. Várias características diferenciais distinguem o adjetivo distintivo do epíteto: enquanto êste exprime uma qualidade que diz respeito à imaginação e ao sentimento, como por exemplo no elogio ou na censura, aquêle exprime um traço distintivo do ponto de vista intelectual, tendo por função como que individualizar o substantivo e delimitá-lo, razão por que, ao contrário do adjetivo epíteto, não comporta os graus de comparação. Além disso, o adjetivo epíteto de um modo geral sempre precede o substantivo, sendo esta a sua posição normal, enquanto que o adjetivo distintivo se coloca via de regra sempre em posposição. Enfim, o adjetivo distintivo quase sempre pode ser substituído por um genitivo, ou mais raramente outro caso, mas o epíteto jamais admite esta substituição: assim, a expressão *regnum paternum* (Cíc., Sest., 57) "reino paterno" poderia ser substituída por *regnum patris* "o reino do pai", mas isso já não se daria com a expressão o *puerum pulchrum* (Cíc., Of., 1,144) "Ó! que linda criança!", que jamais se poderia substituir por *puerum pulchritudĭnis*.

A) Adjetivo Distintivo

2. As principais relações expressas pelo adjetivo distintivo, ou por um caso do substantivo que lhe seja equivalente, são as seguintes: I) Dependência ou posse: *maeror patrĭus* (Cíc., Flac., 106) "a aflição do pai"; *Aeneia nutrix* (Verg., En., 7,1) "a ama de Enéias"; *parĭetes domestĭci* (Cíc., Cat., 2,1) "as paredes da casa particular"; *ostĭum Tiberīnum* (Cíc., Imp. Pomp., 33) "a foz do Tibre"; *domi Caesăris* (Cíc., At., 1,12,3) "na casa de César"; *domum Pompōni uenīre* (Cíc., Of., 3,112) "vir a casa de Pompônio"; *templum Her-*

cŭlis (Cíc., Verr., 1,94) "o templo de Hércules". Note-se que para exprimir a posse é mais geral o emprêgo do genitivo, sendo que o uso do adjetivo é considerado uma particularidade da língua arcaica ou da poesia : *Acherusĭa templa* (Ên. apud Varr. L. Lat. 7,6) "as regiões do Aqueronte, regiões infernais"; *domus exĭlis Plutonĭa* (Hor., Od., 14,17) "a estreita casa de Plutão".

II) Autoria : *Terentiānus ille Chremes* (Cíc., Of., 1,30) "o célebre Cremes de Terêncio"; *salua lege Aelĭa et Fufĭa* (Cíc., Vat. 37) salvas as leis de Élio e de Fúfio"; *Maniliānae leges* (Cíc., De Or., 1,246) "as fórmulas de Manílio"; *tres ergo, ut dixi, uiae : a supero mari Flaminĭa, ab infĕro Aurelĭa, medĭa Cassĭa* (Cíc., Phil., 12,22) "há, como disse, três estradas : a Via Flamínia, que parte do mar superior, a Via Aurélia, do inferior, e a Via Cássia, que fica no meio"; *in Appĭa uĭa* (Cíc., Mil., 15) "na Via Ápia"; e com genitivo : *in Phaedro Platōnis* (Cíc., Or., 15) "no Fedro de Platão"; *Neoptolĕmus Enni* (Cíc., Rep., 1,30) "o Neoptólemo de Ênio"; *forum Caesăris* (Suet., Cés., 26) "o fôro de César"; *forum Traiāni* (Eutr., 8,5) "fôro de Trajano".

III) Sujeito ou Objeto: *odĭum patĕrnum erga Romānos* (C. Nep. 23,1,3) "o ódio paterno para com os romanos"; *tumultus seruīlis* (Cés., B. Gal., 1,40,5) "a revolta dos escravos"; e *metus Parthĭcus* (Cíc., Fam., 2,17,1) "o mêdo dos Partas"; *causa liberālis* (Cíc., Flac., 40) "a causa da liberdade". Em ambos os casos, o genitivo é de emprêgo muito mais freqüente.

IV) Espécie : *familĭa gladiatorĭa* (Cíc., Sest., 134) "elenco de gladiadores"; *famĭlia Peripateticōrum* (Cíc., De Or., 1,40) "a escola dos peripatéticos"; *fratĕrnum nomen popŭli Romāni* (Cés., B. Gal., 1,36,5) "o título de irmão do povo romano"; *nomĭne oratōris ornātus* (Cíc., De Or., 1,202) "ornado com o nome de orador". Tanto o adjetivo como o genitivo são igualmente freqüentes.

V) Pode também o adjetivo equivaler a outro caso que não o genitivo, sendo o dito caso acompanhado ou não de preposição : *Magius Cremōna* (Cés., B. Civ., 1,24,4) "Mágio de Cremona"; *Lysander Lacedaemonĭus* (C., Nep., Lis., 1,1) "Lisandro, natural da Lacedemônia"; *Chabrĭas Atheniensis* (C., Nep., 12,11) "Cábrias, natural de Atenas"; *cingŭla aurea* (Verg., En., 1,492) "cinto de ouro"; *simulăcra aurea* (Lucr., 2,24) "estátuas de ouro"; *auri uenas* (Cíc., Nat., 2,151) "filões de ouro"; *cui pharetra ex auro, crines nodantur in aurum, aurea purpuream subnectit fibŭla uestem* (Verg., En., 4,138-139) "sua aljava é de ouro, os cabelos estão presos em ouro, o vestido de púrpura apanhado por uma fivela de ouro".

B) Adjetivo Epíteto

3. O adjetivo epíteto, como vimos no n. 1 dêste capítulo, exprime uma qualidade que diz respeito à imaginação ou ao sentimento, sendo por isso suscetível de gradação, podendo acompanhar qualquer substantivo comum para o qualificar, embora o próprio sentido do substantivo o dispense, como na frase de Plauto : *ut mortālis inlucēscat luce clara et candĭda* (Amph., 547) "para iluminar os mortais com sua luz clara e brilhante".

4. Na prosa clássica, o adjetivo epíteto não pode acompanhar diretamente um nome próprio, e isso porque o epíteto afirma uma qualidade conveniente ao ser designado pelo nome próprio, como que classificado numa categoria geral, formando ambos um grupo indefinido. Assim, é costume juntar-se ao nome próprio um substantivo comum, como *uir, homo, mulier, urbs,* etc., ao qual se acrescenta o adjetivo epíteto.

Exs.: *dicet uir clarissĭmus Cn. Lentŭlus* (Cíc., Verr., 5,15) "irá depor o muito ilustre Cn. Lêntulo"; *Aristotēles uir summo ingenĭo* (Cíc., Tusc. 1,7) "Aristóteles, homem de extraordinário talento"; *in his primipīlo P. Sextio Bacŭlo fortissĭmo uiro* (Cés., B. Gal., 2,25,1) "entre êstes, o primipilo P. Sextio Báculo, varão de extraordinária coragem"; *urbem pulcherrĭmam atque ornatissĭmam Corinthum sustŭlit* (Cíc., Verr., 1,55) "destruiu Corinto, cidade belíssima e ornadíssima".

5. Fora da prosa clássica, e especialmente em poesia, encontram-se derrogações à regra precedente.

Exs.: *Brundisĭum comes aut Surrēntum ductus amoenum* (Hor. Ep. 1,17,52) "levado como companheiro a Brundísio ou à amena Surrento"; *laudābunt alii claram Rhodon* (Hor., Od., 1,7,1) "louvarão outros a clara Rodes".

6. O adjetivo, quando se refere a um só substantivo, com êle concorda em gênero, número e caso. Em poesia, ou em prosa poética, e isso mesmo em caráter excepcional, quando um adjetivo se refere a um grupo formado de substantivo mais complemento, poderá concordar com o substantivo, embora esteja qualificando o complemento. A razão do fato é que o grupo é considerado como uma unidade única, fazendo-se a concordância com a palavra predominante do referido grupo.

Exs.: *mens sana in corpŏre sano* (Juv., 10,356) "mente sã em corpo são"; *augēbat etĭam molestĭam quod magna sapientĭum ciuium bonorumque penurĭa uir egregĭus coniunctissimusque mecum consiliōrum omnĭum societāte alienissĭmo rei publĭcae tempŏre extinctus* (Cíc., Br., 2) "aumentava ainda a minha dor que na grande penúria de cidadãos sábios e honrados e no momento mais difícil da repú-

blica, tivesse desaparecido um homem ilustre e tão ligado a mim pela participação de tôdas as minhas idéias"; *Tyrrhēnus tubae clangor* (Verg., En., 8,526) "o clangor da tirrena trombeta"; *ad aquae lene caput sacrae* (Hor., Od., 1,1,22) "junto à branda fonte consagrada"; *fontium gelĭdas perennitātes* (Cíc., Nat., 2,98) "a perenidade das gélidas fontes".

7. Quando o adjetivo epíteto se refere a vários substantivos, nunca se faz a concordância com o conjunto dos mesmos, como acontece com o adjunto predicativo, mas ùnicamente com o mais próximo, ou, excepcionalmente, com o mais distante, havendo aí a intenção de sobreacentuá-lo como o mais importante.

Exs.:*uir et consili magni et uirtūtis* (Cés., B. Gal., 3,5,2) "homem de grande saber e bravura"; *interfectus est C. Gracchus, clarissĭmo patre, auo, maiorĭbus* (Cíc., Cat. 1,4) "foi morto C. Graco, oriundo de pai, avô e antepassados muito ilustres"; *corpus animumque uirīlem effemĭnat* (Sal., Cat., 2) "enfraquece o corpo e o espírito viril"; *urbem ac portum moenĭbus ualĭdam* (T. Lív., 24,2,3) "cidade e pôrto prestimosos por suas muralhas".

8. Como vimos nos graus de comparação (Capítulo XIV), três são os graus do adjetivo: positivo, comparativo e superlativo. Passemos ao estudo do emprêgo do comparativo e superlativo, e suas várias construções.

9. Quando duas idéias se comparam por meio de um adjetivo, liga-se o segundo têrmo da comparação ao primeiro geralmente por meio da partícula comparativa *quam*. Se os dois têrmos da comparação fôrem sujeito ou complemento da mesma palavra, ou se estiverem numa oração infinitiva com o sujeito no acusativo, ficarão no mesmo caso.

Exs.: *ignoratĭo futurōrum malōrum utilĭor est quam scientĭa* (Cíc., Diu., 2,23) "o desconhecimento dos males futuros é mais útil do que a sua pré-ciência"; *multo pauciōres oratōres quam poetae boni reperiuntur* (Cíc., De Or., 1,2) "encontram-se muito menos bons oradores do que bons poetas"; *ita sentĭo locupletiōrem esse latīnam linguam quam Graecam* (Cíc., Fin. 1,10) "assim julgo que a língua latina é mais rica do que a grega"; *decet nobis cariōrem esse patrĭam quam nosmetipsos* (Cíc., Fin., 3,19) "é mister que a pátria nos seja mais cara do que nós mesmos"; *plus uoluptātum habēre quam dolōrum* (Cíc., Fin., 1,62) "ter mais prazeres do que dores"; *adĭtus ad consulātum non magis nobilitāti quam uirtūti patet* (Cíc., Mur., 17) "o acesso ao consulado não está mais aberto à aristocracia do que ao mérito"; *claris maiorĭbus quam uetūstis* (Tác., An., 4,61) "com antepassados mais ilustres do que antigos".

10. Em vez do segundo têrmo da comparação vir introduzido por *quam*, como nos exemplos acima, pode também vir em ablativo, sem ser acompanhado da partícula comparativa supracitada. Isto, porém, só é possível se o primeiro membro da comparação estiver em nominativo ou acusativo.

Exs.: *luce sunt clariōra nobis tua consilĭa omnĭa* (Cíc., Cat. 1,6) "todos os teus planos são para nós mais claros do que a luz"; *quid est in homĭne ratiōne diuinĭus?* (Cíc., Leg., 1,22) "que há no homem de mais divino do que a razão?"; *nullum officĭum referenda gratĭa magis necessarĭum est* (Cíc., Of., 1,47) "nenhum dever é mais necessário do que retribuir o benefício"; *uilĭus argentum est auro, uirtutĭbus aurum* (Hor., Ep., 1,1,52) "a prata tem menos valor do que o ouro, e o ouro do que as virtudes"; *Herodŏtum cur ueraciōrem ducam Ennio?* (Cíc., Diu., 2,115) "porque hei eu de julgar Heródoto mais verdadeiro do que Ênio?"; *cur Sybăris oliuom sanguĭne uiperino cautius uitat?* (Hor., Od., 1,8,8-10) "porque Síbaris evita o azeite mais cautelosamente do que o sangue de uma víbora".

Observação:

Só é empregado o ablativo de comparação nos têrmos do parágrafo precedente por simples questão de clareza. Há, entretanto, certas construções em que o uso do ablativo de comparação é obrigatório, com exclusão da partícula comparativa *quam*: assim, nas expressões em que o segundo membro da comparação é representado por um relativo, nas expressões consagradas constituídas por um comparativo acompanhado de *opiniōne, spe, exspectatiōne, necessario*, e nas orações negativas.

Exs.: *simulăcrum... quo non facĭle dixĕrim quicquam me uidisse pulchrĭus* (Cíc. Verr. 4,94) "estátua mais bonita do que a qual não diria com facilidade ter visto outra" *patrĭam qua nihil potest esse iucundĭus* (Cíc. Or. in Sen. 1) "a pátria do que a qual nada pode haver mais grato"; *opiniōne omnĭum maiōrem animo cepi dolōrem* (Cíc. Br. 1) "senti uma dor moral maior do que a opinião geral"; *Caesar opiniōne celerius uentūrus esse dicĭtur* (Cíc. Fam. 14,23) "diz-se que César virá mais depressa do que se pensa"; *cum longĭus necessario procedĕrent* (Cés. B. Gal. 7,16,3) "como tivessem avançado mais do que o necessário"; *ea res aliquanto exspectatiōne omnĭum tranquillior fuit* (T. Liv. 4,24,1) "isso foi mais tranqüilo do que a espectativa geral"; *nil hoc homĭne audacius* (Plaut. Men. 631) "nada é mais audaz do que êste homem"; *neque ego hoc homĭne quemquam uidi magis malum* (Plaut. Pseud. 938) "nem quanto a mim vi nada pior do que êste homem".

11. O emprêgo de *atque* ou *ac* como partículas comparativas não é clássico, aparecendo ùnicamente na língua arcaica ou da poesia e quase que exclusivamente em frases negativas.

Exs.: *quem esse amīcum ratus sum atque ipsus sum mihi* (Plaut. Bac., 549) "que julguei ser tão amigo como eu mesmo sou para mim"; *non tuus hoc capĭet uenter plus ac meus* (Hor., Sát., 1,1,46) "o teu ventre não tomará mais isto do que o meu"; *haud minus ac iussī facĭunt* (Verg., En., 3,561) "não fazem menos do que foram manda-

dos, isto é, cumprem exatamente as ordens"; *artĭus atque hedĕra procēra adstringĭtur ilex* (Hor., Epod., 15,5) "mais apertado do que a hera cinge a elevada azinheira".

12. Quando o segundo têrmo da comparação é também um adjetivo, ambos vão para o comparativo, dando-se o mesmo no caso de se tratar de comparativos de advérbios.

Exs.: *Asia ditiōres quam fortiōres exercĭtus faciēbat* (T. Lív., 39,1) "a Ásia tornava os exércitos mais ricos do que bravos"; *acutiōrem se quam ornatiōrem uelit* (Cíc., Opt. Gen. Or., 2,6) "antes querer ser mais fino do que rebuscado".

Observações:

1) Entretanto, é também possível a construção em que o adjetivo segundo têrmo da comparação fique no positivo, caso em que o adjetivo do primeiro têrmo virá precedido de *magis* e o do segundo de *quam*. Exs.: *Celer tuus disertus magis est quam sapiens* (Cíc. At. 10, 1,4) "o teu Céler é mais loquaz do que judicioso".

2) O que se disse no parágrafo anterior com relação ao comparativo dos adjetivos também se aplica inteiramente aos advérbios de modo, derivados de adjetivos e suscetíveis de graduação.

Exs.: *non timĕo me libentius haec in illo euomĕre uidear quam uerius* (Cíc. Mil. 78) "não receio parecer lançar isto contra êle com maior animosidade do que com verdade"; *quod subtiliter magis quam dilucide dicĭtur* (Cíc. Tusc. 1,41) "o que se diz com mais argúcia do que clareza"; *scite magis quam probe* (Tác. Hist. 3,62) "com mais habilidade do que dignidade".

13. Às vêzes, o comparativo tem apenas valor intensivo, equivalendo a um verdadeiro superlativo atenuado, caso em que não vem acompanhado do segundo têrmo da comparação.

Exs.: *ea cum maior esset atque longior omne anĭmi lumen extinguĕret* (Cíc., Cat., M. 41) "quanto maior e mais longa fôsse ela (a volúpia), extinguiria tôda a luz do espírito"; *senectus est natūra loquacior* (Cíc., Cat. M., 55) "a velhice é de seu natural um pouco tagarela"; *quod et liberius uiuēbat* (C., Nep., 2,1,2) "porque (Temístocles) vivia muito desregradamente".

14. O superlativo em latim, como em português, eleva ao sumo grau uma qualidade, quer se tome o substantivo a que se refere isoladamente (superlativo absoluto), quer em comparação com outros (superlativo relativo). Entretanto, em latim, tanto o superlativo absoluto quanto o relativo têm a mesma forma, sendo o seu sentido determinado pelo próprio contexto da frase.

Exs.: *apud Heluetios longe nobilissĭmus fuit et ditissĭmus Orgetŏrix* (Cés., B. Gal., 1,2,1) "entre os Helvécios foi incontestàvelmente Orgetorige o mais nobre pela origem e o mais rico"; *una ex parte*

flumine Rheno latissĭmo atque altissĭmo (Cés., B. Gal., 1,2,3) "por um lado pelo rio Reno, muito largo e muito profundo".

15. Para reforçar o superlativo, dando-lhe maior ênfase, é empregada a partícula *quam*, que o precede, sendo acompanhada ou não do verbo *possum*. Além da partícula *quam*, pode ainda o superlativo ser reforçado por *quantus*, e por *quantum* ou *ut* se se tratar de um superlativo adverbial, que aliás também poderá ser intensificado por *quam*. Entretanto, *quantus*, *quantum* e *ut* são obrigatòriamente sempre acompanhados do verbo *possum*.

Exs.:*iumentōrum et carrōrum quam maxĭmum numĕrum coemere, sementes quam maxĭmas facĕre* (Cés., B. Gal., 1,3,1,) "comprar o maior número possível de animais de carga e de carroças, fazer o maior número possível de sementeiras"; *quam maxĭmis potest itinĕrĭbus in Galliam ulteriōrem contendit* (Cés., B. Gal., 1,7,1) "com o máximo de marchas forçadas se dirige para a Gália ulterior"; *exposui quam breuissĭme potui somni oracŭla* (Cíc., Diu. 1,70) "expus o mais brevemente possível os oráculos do sonho"; *ut potui te tuamque causam tutātus sum* (Cíc., Fam. 5,17,2) "defendi o quanto possível a ti e a tua causa"; *tanta est inter eos quanto maxima potest esse morum studiorumque distantia* (Cíc., Lael., 70) "tão grande é a distância entre êles o quanto é possível entre os seus hábitos e inclinações".

COMPLEMENTO AO ESTUDO DO ADJETIVO

O adjetivo concorda em gênero, número e caso com o substantivo a que se refere. Esta afirmação, na aparência de valor quase axiomático, necessita, entretanto, de uma retificação. Como temos visto à saciedade, sendo o princípio geral que presidiu à formação da frase indo-européia o da simples aposição de vocábulos, guardando cada qual a sua própria autonomia, claro está que o adjetivo não vem na frase ìntimamente ligado ao seu substantivo pelos laços estreitos de concordância, estando antes realmente em aposição à idéia expressa pelo substantivo. Assim, a questão da concordância, em última análise, se acha quase que reduzida a uma circunstância fortuita, ou ocasionalmente determinada pelo fato de se aplicar o adjetivo ao mesmo objeto expresso pelo substantivo, o que o leva a ter o mesmo caso, o mesmo número e o mesmo gênero.

Aliás, as derrogações às pretensas invioláveis leis da concordância do adjetivo são numerosas e freqüentes. O número 6 dêste capítulo indica como até no caso do adjetivo referir-se a um único substantivo pode haver um desvio do que se poderia chamar a sua concordância normal. O número 7, que formula a regra geral para a concordância do adjetivo que qualifica vários substantivos a um

INDEX

tempo, mostra o caráter caprichoso e flutuante desta concordância que não tem nada de rígido.

A própria colocação do adjetivo na frase, freqüentemente afastado de seu substantivo, sugere a sua autonomia com relação ao substantivo. Assim, muitas vêzes se encontra uma preposição interpondo-se entre o substantivo e seu epíteto, sendo ainda de se notar que amiudadas vêzes os poetas, principalmente no hexâmetro datílico, costumam separar o adjetivo do substantivo, colocando cada qual em um hemistíquio.

Não raro é o próprio valor semântico do adjetivo no grupo nominal que vem revelar a sua qualidade de apôsto, como ocorre, por exemplo na frase horaciana: *utile proposuit nobis exemplar Ulixen* (Ep., 1,2,18) "um exemplo que é útil".

A divisão das duas classes (adjetivos distintivos e adjetivos epítetos) é a proposta por Juret em seu *Système de la syntaxe Latina*, e que adotamos no presente capítulo por nos parecer corresponder inteiramente à clareza da exposição didática.

Enfim, uma pequena observação quanto ao valor do comparativo. Vimos no número 13 dêste capítulo que às vêzes o comparativo tem apenas valor intensivo, equivalendo então a um superlativo atenuado. Cumpre observar que êste era o valor primitivo do comparativo, só se tendo desenvolvido posteriormente o seu emprêgo em formas comparativas. Aliás, êste como que parentesco entre o comparativo e o superlativo ainda se observa no chamado superlativo relativo, que difere do comparativo de superioridade ùnicamente pelo fato de indicar êste a superioridade de um ser com relação a outro, e aquêle a de um ser relativamente aos demais.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Madwig — Epiphanio Dias, *Gramatica Latina*, págs. 244-253.

E. Cocchia, *La Sintassi Latina*, págs. 46-68.

W. M. Lindsay, *Syntax of Plautus*, págs. 37-40.

J. T. Allardice, *Syntax of Terence*, págs. 48-51.

Stolz — Schmalz, *Lat. Grammatik*, págs. 454-468.

A. C. Juret, *Système de la Syntaxe Latine*, págs. 298-306.

A. Tovar, *Sintaxis*, págs. 60-66.

Fr. Blatt, *Precis de La Syntaxe Latine*, págs. 130-134.

A. Ernout-Fr. Thomas, *Syntaxe Latine*, págs. 164-175.

M. Bassols de Climent, *Sintaxis Latina*, I, Madrid, 1956, págs. 161-176.

CAPÍTULO XXVI

P R O N O M E

I) Pronomes Pessoais e Possessivos

1. Como já tivemos oportunidade de ver, quando o verbo está na primeira ou segunda pessoas, geralmente se omitem os pronomes sujeitos, e isso porque os pronomes pessoais só indicam a pessoa gramatical, nada acrescentando a seu respeito, o que torna ocioso o seu emprêgo, uma vez que a própria flexão verbal era bastante para expressar êste conceito. Assim, o uso dos pronomes pessoais sujeitos se torna antes uma decorrência da estilística, que limita o seu emprêgo a determinadas construções.

2. A não ser quando estão empregados com valor enfático, os pronomes pessoais ocupam geralmente, como as partículas, o segundo lugar na frase.

Exs.: *ecce tibi exŏrtus est Isocrătes* (Cíc., De Or., 2,94) "eis que te apareceu Isócrates"; *per te, ere, obsĕcro deos immortălis (Plaut.,* Bac., 905) "por ti, senhor, suplico os deuses imortais"; mas: *ego et frater meus amămus* (Cíc., Phil., 13,18) "quanto a mim e a meu irmão estamos amando"; *nos solae scimus: ego et illa* (Plaut. Cist. 145) "só nós o sabemos: eu e ela".

3. Quando o autor pretende sublinhar de modo especial o valor expressivo dos pronomes sujeitos, já enfáticos por sua própria natureza, costuma reforçá-los por meio do demonstrativo *ille,* ou das enclíticas *–met, –te,* etc.

Exs.: *ego ille qui semper pacis auctor fui* (Cíc. Phil., 7,7) "mas quanto a mim, eu que sempre fui o conselheiro da paz"; *ille ego qui fuĕrim, tenerōrum lusor amōrum* (Ov. Trist. 4,10) "mas quanto a mim, o cantor dos meigos amores, qual tenha eu sido"; *non de memet ipso* (Cíc., De Or., 3,74) "não de mim mesmo".

4. Em latim, como vimos, não havia pronomes sujeitos para as terceiras pessoas, havendo, entretanto, um reflexivo *sui, sibi, se*

comum à terceira pessoa do singular e à do plural. O pronome reflexivo é empregado ou para se referir ao sujeito da própria oração em que se encontrar, ou, se estiver numa oração subordinada, para se referir a uma palavra (que designe uma pessoa) da oração principal e cujo pensamento seja representado pela oração subordinada.

Exs.: *uirtus est amans sui* (Cíc., Lae., 98) "a virtude é amante de si mesma"; *princĭpes sui conseruāndi causa profugērunt* (Cíc., Cat., 1,7) "os principais da cidade fugiram para se salvar"; *hic uos orat ut se patri suo gratulāri sinātis* (Cíc., Sul. 89) "êste vos pede para que o deixeis saudar a seu pai"; *impĕtrat a senātu, ut dies sibi prorogarētur* (Cíc., Verr., 1,98) "obtém do senado que o prazo lhe seja prorrogado"; *a Caesăre inuītor, sibi ut sim legātus* (Cíc., At. 2,18,3) "sou convidado por César para ser seu lugar-tenente"; *misit qui uocārent Magium ad sese in castra* (T. Lív., 23,7,7) "mandou para que chamassem Mágio para junto de si no acampamento".

5. Os genitivos *nostrum* e *uestrum* são geralmente sempre empregados como genitivos partitivos, enquanto que *nostri* e *uestri* como genitivos objetivos.

Exs.: *incērtum est quam longam cuiūsque nostrum uita futūra sit* (Cíc., Verr., 1,153) "é incerto quão longa seja a vida futura de cada um de nós"; *nemo uestrum* (Cíc., Clu. 46) "nenhum de vós"; *memor nostri, Galatēa, uiuas* (Hor. Od. 3,27,14) "ó Galatéia, que vivas lembrada de nós"; *habētis ducem memŏri uestri oblītum sui* (Cíc., Cat., 4,19) "tendes um chefe que se lembra de vós e se esquece de sua pessoa".

6. Os pronomes possessivos, além da posse, exprimem também a pessoa gramatical, e, tal qual acontece com os pronomes pessoais, são omitidos quando a relação de posse que êles exprimem é evidente. Como os possessivos têm caráter distintivo, são geralmente enclíticos, a não ser que sejam empregados com valor semântico especial.

Exs.: *Panaetĭus tuus* (Cíc., De Or., 1,45) " o teu caro Panécio"; *uestra quae dicĭtur uita mors est* (Cíc., Rep. 6,14) "o que se diz vossa vida é a morte"; *pater nos duos fratres relīquit* (Sal., Iug., 14,14) "nosso pai teve dois filhos"; *in fundo pedem ponĕre* (Cíc., Caec. 31) "pôr o pé em sua propriedade"; *amor noster* (Cíc., Fam., 5,12,3) "nossa amizade"; *de nostro omnium interitu cogitant* (Cíc., Cat., 1,9) "é (da morte) de todos nós que êles cogitam".

7. O emprêgo do pronome possessivo da terceira pessoa *suus, sua, suum* se faz exatamente nas mesmas condições do pronome reflexivo *se*, isto é, refere-se sempre ao sujeito da mesma oração em que se encontrar, ou, no caso de estar numa oração subordinada, para se referir ao nome de pessoa que estiver na oração principal e de que a subordinada represente o pensamento.

Exs.: *Alexănder cum interemīsset Clitum familiārem suum* (Cíc., Tusc., 4,79) "como Alexandre tivesse matado Clito, seu amigo particular"; *Pompeio domus sua patēbit* (Cíc., Phil. 13,10) "para Pompeu a sua casa estará sempre aberta"; *Heluetios in fines suos reuērti iussit* (Cés., B. Gal., 1,28,3). "ordenou aos helvécios que voltassem para o seu território"; *Paetus omnes libros quos frater suus reliquisset mihi donauit* (Cíc., At. 2,1,12) "Peto presenteou-me todos os livros que seu irmão tivesse deixado"; *quem (Vercingetorīgem) perterrĭti omnes Aruērni circumsīstunt atque obsĕcrant ut suis fortūnis consŭlat neu se ab hostĭbus dirĭpi patiātur* (Cés., B. Gal., 7,8,4) "ao qual todos os arvernos grandemente aterrados cercam e suplicam que pense em suas fortunas e não os deixe saquear pelos inimigos".

II) Pronomes Demonstrativos

8. Como vimos no capítulo XV, cumpre antes do mais distinguir dos pronomes demonstrativos pròpriamente ditos (*hic*, *iste* e *ille*) o anafórico *is* e seus compostos *idem* e *ipse*. Os demonstrativos pròpriamente ditos indicam a proximidade com relação à primeira pessoa (*hic*) ou à segunda (*iste*), ou ainda a distância com referência a ambas (*ille*), sendo empregados em sentido próprio ou figurado, e aplicando-se tanto ao lugar quanto ao tempo.

Exs.: *haec ciuitas, haec aetas* (Cíc. Rep. 1,1) "esta cidade, esta época"; *his paucis diēbus* (Cíc., C. M. 50) "nestes últimos dias"; *melior tutiorque est certa pax quam sperāta uictorĭa : haec in tua, illa in deōrum manu est* (T. Lív., 30,30,19) "é melhor e mais segura a paz certa do que a esperada vitória : esta (a paz que pode ser imediata) está em tuas mãos, aquela (a vitória que tem de ser obtida em tempo mais ou menos longo), nas dos deuses": *eisdem hic sapiens de quo loquor oculis quibus iste uester intuebitur* (Cíc., Ac., 2,105); *quam dissimĭlis hic dies illi tempŏri uidebātur* (Cíc., Verr., 4,77) "quão diferente parecia êste dia daquele tempo".

9. Para exprimir de modo geral a oposição entre duas coisas ou dois têrmos, os pronomes *hic* e *ille* são empregados equivalendo ao português "um e outro". Entretanto, se houver uma referência de modo determinado a um e a outro dos dois têrmos opostos, *hic* referir-se-á ao objeto lògicamente mais próximo do pensamento: se ambos estão a igual distância, *hic* designará o têrmo referido em último lugar e *ille* o mencionado primeiro.

Exs.: *inter duas acies Etrūsci, cum in uicem his atque illis terga darent* (T. Lív., 28,6,10) "como os etruscos entre as duas linhas de combate dessem as costas sucessivamente a uns e a outros"; *nec ante in hanc aut illam partem mouēri acĭes potuērunt* (T. Lív., 24,46,2) "e não puderam remover a frente de combate para esta ou aquela

parte"; *Q. Victorĭus primi pili centurĭo et C. Atinĭus tribūnus milĭtum, quartae hic, ille secūndae legiōnis* (T. Lív., 34,46,12) "Q. Vitório, centurião do primeiro manípulo, e C. Atínio, tribuno militar, êste da quarta legião, aquêle da segunda"; *melĭus de quibūsdam acērbos inimīcos merēri quam eos amīcos, qui dulces uideāntur: illos uerum saepe dicĕre, hos nunquam* (Cíc., Lae., 90) "melhores serviços prestam alguns inimigos figadais do que os amigos que parecem cordiais: aquêles dizem freqüentemente a verdade, êstes nunca".

10. Freqüentemente, entretanto, numa série de dois têrmos vemos *hic* referir-se ao primeiro e *ille* ao segundo.

Exs.: *caue Catōni antepōnas Socrătem: huius facta, illĭus dicta laudāntur* (Cíc., Lae., 10) "acautela-te em antepor Sócrates a Catão: do primeiro se louvam os feitos, do segundo os ditos"; *et futūra et praeterĭta delēctant, haec spectatiōne, illa memorĭa* (Sên., Ep., 99,5) "deleitam-nos as coisas futuras e as passadas: as primeiras pela expectativa e as segundas pela lembrança".

11. Antes de encerrarmos o estudo dos demonstrativos pròpriamente ditos, chamaremos a atenção para dois valores semânticos dos pronomes *iste* e *ille*, que se explicam pelo seu emprêgo em circunstâncias especiais. O pronome *iste*, pertencendo à segunda pessoa, e por isso freqüentemente designando um adversário ou antagonista num debate, numa causa ou numa investida, passou a assumir um matiz desfavorável ou pejorativo, caso em que se poderá referir também à terceira pessoa e até mesmo à primeira.

Exs.: *quamdiu etiam furor iste tuus nos elūdet?* (Cíc., Cat., 1,1) "por quanto tempo ainda esta tua sanha nos frustrará?"; *nunc uero quae tua est ista uita?* (Cíc., Cat., 1,16) "agora, porém, que vida é esta a tua?"; *anĭmi est ista mollitĭa, non uirtus, paulīsper inopĭam ferre non posse* (Cés., B. Gal., 7,77,5) "isto é moleza de caráter, e não virtude, não poder suportar por pouco tempo as privações"; *iste meus stupor* (Catul., 17,21) "esta minha estupefação".

12. Ao contrário disso, o demonstrativo *ille*, designando o que está distante da primeira e da segunda pessoas, e indicando freqüentemente o que está distante de nós como um modêlo ou exemplo digno de ser seguido, passou a tomar um valor expressivo ou enfático, caso em que se pode referir não só à terceira pessoa, como também às duas primeiras, podendo ainda acompanhar os demais demonstrativos da primeira e segunda pessoas.

Exs.: *Medēa illa* (Cíc., Pomp., 22) "a célebre Medéia"; *Xenŏphon, Socratĭcus ille* (Cíc., De Or., 2,58) "Xenofonte, o ilustre discípulo de Sócrates"; *Ille ego Musārum purus Phoebīque sacērdos* (Ov., Am., 3,8,23) "eu, o conhecido sacerdote das Musas e de Febo"; *ille ego qui fuĕrim* (Ov., Trist., 4,10) "aquêle que eu tenha sido"; *hic est ille Demosthĕnes* (Cíc., Tusc., 5,103) "êste é o famoso Demóstenes".

13. O pronome *is* tem por função precípua referir-se a um têrmo da oração (sujeito ou complemento) já mencionado ou então para anunciá-lo, caso em que se torna quase que um mero correlativo do pronome relativo *qui*. Quando vem empregado junto do substantivo quase que equivale ao simples artigo.

Exs.: *Dionysus seruos meus aufūgit ; is est in prouincĭa tua* (Cíc., Fam., 13,77,3) "Dionísio, o meu escravo, fugiu ; o supracitado está na tua província"; *mihi... uenit obuĭam tuus puer. Is mihi littĕras abs te... redit* (Cíc., At., 2,1,1) "veio-me ao encontro teu escravo. Entregou-me êle a tua carta"; *obiēcit ut probrum M. Nobiliōri, quod is in prouincĭam poētas duxisse* (Cíc., Tusc., 1,3) "censurou como condenável a M. Nobílior, porque o mencionado levara poetas para a sua província"; *is Sisēnna* (Cíc., Verr., 4,43) "êsse Sisena"; *ea res est Heluetiis per indicium enuntiāta* (Cés. B. Gal., 1,4,1) "o fato foi comunicado aos helvécios por uma denúncia"; *A. Albīnus, is qui... scripsit* (Cíc., Br., 81) "A. Albino, o que escreveu"; *et Marcēllus qui, si Syracūsas cepīsset, duo templa se Romae dedicatūrum uouĕrat, is id quod erat aedificatūrus iis rebus ornāri quas cepĕrat nolŭit ; Verres qui... is Minēruae templum spoliāre conātus est* (Cíc., Verr., 4,123) "e Marcelo, que fizera um voto de edificar em Roma dois templos se tomasse Siracusa, o referido Marcelo não os quis ornar com os objetos que havia conquistado ; Verres que... êsse ousou espoliar o templo de Minerva".

14. Para determinar uma palavra que já foi expressa anteriormente e acrescentar-lhe um certo relêvo enfático, freqüentemente por meio de um adjetivo a que se dá um valor mais independente, é empregado o anafórico *is* nas expressões *et is, atque is, isque, et is quidem, sed is*.

Exs.: *habet primum memorĭam et eam infinītam rerum innumerabilĭum* (Cíc., Tusc., 1,57) "tem em primeiro lugar a memória, e essa infinita e de inúmeras coisas"; *uincŭla et ea sempitērna* (Cíc., Cat., 4,7) "as prisões e em particular as eternas"; *cum una legiōne eaque uacillānte* (Cíc., Phil., 3,31) "com uma só legião e essa mesma vacilante"; *quod adulescēntes, et ii quidem indōcti, contēmnunt, id docti senes extimēscent ?* (Cíc., C. M. 75) "o que os moços, e mesmo os ineptos, desprezam, isso irão temer velhos experimentados ?"; *uno atque eo facĭli proelĭo caesi sunt hostes* (T. Lív., 4,57) "num só combate, e sem dificuldade, foram batidos os inimigos".

15. O pronome *is, ea, id* é usado em lugar do reflexivo e do possessivo da terceira pessoa nos casos em que êstes não podem ser empregados, isto é, para se referir na mesma oração a uma palavra que não seja o seu sujeito gramatical, e na oração subordinada para se referir a um nome de pessoa da oração principal, cujo pensamento não seja representado pela subordinada.

Exs.: *Deum agnōscis ex operĭbus eius* (Cíc., Tusc., 1,70) "conheces a Deus por suas obras"; *semper amāui... M. Brutum propter eius summum ingenium* (Cíc., Fam., 9,14,5) "sempre estimei M. Bruto por seu extraordinário talento"; *Tirōnes enim multitudĭne nauium perterrĭti et salo nausiaque confēcti iureiurāndo accēpto nihil iis nocitūros hostes se Otacilio dedidērunt; qui omnes ad eum prodūcti contra religiōnem iusiurāndi in eius conspēctu crudelissime interficiūntur* (Cés., B. Ciu., 3,28,4) "com efeito, os recrutas aterrados pelo grande número de navios e esgotados pelo mar e pelo enjôo, recebida a promessa de que os inimigos nada lhes fariam, entregaram-se a Otacílio; todos êstes trazidos a sua presença, em contrário ao respeito do juramento, são mortos com tôda a crueldade em sua presença".

16. *Idem, eadem, idem,* composto de *is,* tem geralmente o mesmo valor dêste, tornando-lhe apenas mais preciso o conceito com o acréscimo da idéia de identidade.

Exs.: *uir innocentissĭmus idēmque doctissĭmus* (Cíc., Nat. 3,80) "homem de grandes virtudes e extraordinário saber"; *cum Academĭco et eōdem rhetōre congrĕdi* (Cíc., Nat., 2,1) "lutar com um Acadêmico e também em pessoa um rétor"; *musĭci qui erant quondam eidem poētae* (Cíc., De Or., 3,174) "músicos que eram outrora ao mesmo tempo poetas".

17. *Ipse, ipsa, ipsum,* outro composto de *is,* que, como vimos, é pròpriamente um pronome intensivo adversativo, indica que a palavra a que se refere é tomada em si mesma, isto é, no sentido mais individual possível, sendo às vêzes usada a sua forma mais expressiva, com o acréscimo da partícula *–met.* É empregado isoladamente ou acompanhando um substantivo, um pronome pessoal ou demonstrativo.

Exs.: *Ipse dixit* (Cíc., Nat., 1,10) "êle mesmo (i.é., Pitágoras) o disse"; *qui ex ipsa caede effugērunt* (Cés, B. Gal., 7,38,3) "os que fugiram da mesma morte"; *ego ipse commemorābo* (Cíc., Verr., 5,9) "eu mesmo lembrarei"; *ille ipse factus sum* (Cíc., Fam., 2,9,1); *mihi metipsi* (Cíc., Mur., 5) "a mim mesmo".

III) Pronomes Indefinidos

18. Preliminarmente, faremos uma observação de ordem muito geral: – Os pronomes *alĭquis, quis, quispĭam, quisquam, ullus, multi, plures* exprimem o valor indefinido mais geral; enquanto *quidam, quisque, quilĭbet, quiuis, uter, alĭus, alter* são empregados para expressar um valor indefinido limitado em diversos sentidos, como passaremos a ver.

19. *Quis* "algum, alguma, alguém, algo" é uma forma enclítica, não sendo por isso jamais empregada como primeira palavra da oração, quer seja esta subordinada ou principal. Exprime geralmente uma hipótese e não uma realidade, razão pela qual só aparece nas orações dubitativas, depois de um subjuntivo de eventualidade, nas frases negativas e depois de um relativo.

Exs.: *dixĕrit quis* (Cíc., De Of., 3,76) "diria alguém"; *filiam quis habet pecunia opus est* (Cíc., Par. 44) "quem tiver uma filha tem necessidade de dinheiro"; *si cui quid ille promisit* (Cíc., Phil., 1,77) "se aquêle prometeu algo a alguém"; *ne quis uir clarus... uideātur* (Cíc., Prov. 39) "que ninguém pareça um varão ilustre"; *si quid est in me ingeni* (Cíc., Arch. 1) "se há em mim algum talento".

Observação:

Não se confunda *quis* indefinido com *quis* pronome interrogativo, que é uma forma tônica, e que por isso aparece geralmente como primeiro elemento da frase. Ex.: *Quis clarior in Graecia Themistŏcle?* (Cíc. Lael. 42) "quem na Grécia mais ilustre do que Temístocles?" *quis illaec est mulier?* (Plaut. Ep. 533) "quem é aquela mulher?"

20. *Alĭquis* tem aproximadamente a mesma significação do indefinido *quis*. É uma forma tônica, composta do pronome *alius* mais o próprio *quis*, e designa geralmente alguma coisa de indeterminado mas de existência real, sendo usado nas orações afirmativas, juntando-se por vêzes aos numerais para lhes conferir certa indeterminação aproximada. Aliás, de um modo geral, tende a substituir *quis* na linguagem corrente.

Exs.: *quisquis est ille si modo est alĭquis* (Cíc., Br., 255) "aquêle seja quem fôr, se ao menos é alguém", i.é., "se ao menos existe"; *superāri ab alĭquo Syro* (Cíc., Or., 232) "ser superado por qualquer Siro"; *in alĭquo iudicio* (Cíc., Verr., 5,176) "em qualquer julgamento"; *uerba adligāta quasi certa alĭqua lege uersus* (Cíc. De Or., 3, 176) "palavras ligadas como que por qualquer lei escrita do verso"; *tres alĭqui aut quattŭor* (Cíc., Fin., 2,62) "três ou quatro aproximadamente".

21. *Quisquam* "algum, alguém, alguma coisa", e *ullus* "qualquer um, algum" são usados principalmente nas frases negativas ou de caráter dubitativo ou condicional.

Exs.: *num arātor quisquam* (Cíc., Verr., 3,216) "acaso algum lavrador"; *ne rumor quidem quisquam* (Cíc., At., 5,10,4) "nenhum boato em verdade"; *sine ullo domĭno* (Cíc., Rep. 1,67) "sem nenhum senhor"; *sine ullo maleficio* (Cés., B. Gal., 1,7,3) "sem nenhum malefício".

22. *Quispĭam* é uma espécie de sinônimo de *alĭquis,* mas com alguma coisa de mais vago. É muito mais raramente usado, tendo talvez um matiz de arcaísmo. É empregado em frases negativas ou afirmativas indiferentemente, equivalendo por vêzes a *alĭquis,* a *quis e a quisquam,* alternando não raro com *alĭquis,* apenas para evitar a repetição dêste.

Exs.: *Quispĭam dicet* (Cíc., Verr., 3,111) "alguém dirá"; *alĭae quaepĭam ratiōnes* (Cíc., Fam., 9,8,2) "algumas outras razões"; *si... agricŏla quispĭam... aut si pictor alĭquis* (Cíc., De Or., 2,38) "se algum agricultor... ou se algum pintor...".

23. *Quidam* "certo" é o pronome indefinido cujo sentido é menos indefinido, uma vez que indica que a palavra a que se refere é determinada até um certo ponto para a pessoa que fala, embora seja de sentido inteiramente indefinido para as demais. Daí ser quase que inteiramente substituído no latim posterior por *certus,* que, entretanto, já ocorre em Cícero: *insolentĭa certōrum homĭnum* (Marc., 16) "a intransigência de certos homens".

Exs.: *habŭit quamdam ille infamĭam* (Cíc., Flac., 95) "teve aquêle um certo opróbrio" (que eu conheço mas não declaro); *uidĕo esse hic in senātu quosdam qui tecum una fuĕrunt* (Cíc., Cat., 1,8) "vejo estarem aqui no senado certos indivíduos que estiveram juntamente contigo" (sei bem quais são, mas no momento não me convém dizer).

Observação:

Junto de um adjetivo, *quidam* tem por função atenuar a expressão, e, talvez, às vêzes até reforçá-la: *diuīna quadam mente praedĭtus* (Cíc. Mil. 21) "dotado de uma inteligência quase divina"; *incredĭbili quodam studĭo* (Cíc. De Or. 1, 14) "com um zêlo quase incrível"; *incredĭbilis quaedam ingeni magnitūdo* (Cíc. Ac. 2,2) "uma grandeza de espírito realmente incrível".

24. *Quisque* "cada um" é formado de *quis* mais a enclítica *—que* de sentido generalizador, e se opõe a *omnis* "todo", como *utĕrque* se contrapõe a *ambo.* Como *quis,* é uma forma enclítica, razão por que, de um modo geral, não encabeça a oração. É empregado geralmente só no singular, vindo estreitamente ligado a determinadas palavras que o precedem, como os reflexivos (ou possessivos de sentido reflexivo), os relativos e interrogativos, os ordinais, os superlativos, etc.

Exs.: *pro se quisque* (Cíc., Of., 3,58) "cada um por seu lado"; *suo cuĭque iudicĭo utēndum est* (Cíc., Nat., 3,1) "cada um deve usar seu próprio julgamento"; *quam quisque norit artem in hac se exercĕat* (Cíc., Tusc., 1,18) "que cada um se exercite na arte que conheça"; *quid quoque loco faciēndum esset prouidēre* (Cés., B. Gal., 5,33,3) "prover o que deveria ser feito em cada lugar"; *optĭmum*

quidque rarissimum est (Cíc., Phil., 2,81) "o excelente é também o mais raro" (i.é., cada excelente); *quinto quoque anno* (Cíc., Verr., 2, 139) "cada quinto ano, i.é., de cinco em cinco anos"; etc.

Observações:

1) O emprêgo de *quisque* no plural restringe-se principalmente aos seguintes casos: *a*) quando se refere a palavras que só tenham plural, ou que no plural tenham significado diverso do singular, como *castra, -ōrum*, ou *littĕrae, -ārum* (diferente de *littĕra, -ae*): *quantum copiārum et ubi quaeque essent* (T. Lív. 24, 11,1) "quantas tropas e onde estava cada uma delas"; *b*) na construção com um superlativo neutro plural, devendo-se, porém, notar que esta construção não exclui a construção com o singular: *fortissima quaeque consilia tutissima sunt* (T. Lív. 25, 38, 18) "os partidos mais denodados são cada vez mais os mais seguros".

2) Em complemento ao que ficou dito na observação precedente, note-se que na língua falada, tanto no período arcaico como no imperial (e até mesmo na língua clássica, embora em caráter excepcional) manifesta-se a tendência de usar *quisque* no plural: *optŭmi quique* (Plaut. Most. 155) "os melhores"; *ad quosque uenĕrat* (T. Lív. 37, 43,8) "viera a cada um dêles"; *humillimis quibŭsque* (Sên. Ep. 87,15) "a cada um dos mais humildes"; *in optimis quibusque* (Cíc. Lae. 34) "nos melhores"; etc.

3) No latim arcaico era comum o emprêgo de *quisque* isoladamente, construção que também ocorre uma vez por outra no latim clássico (no latim imperial, especialmente na língua falada, tal construção era geralmente substituída pelo emprêgo de *unusquisque*): *ut commodumst et lubet, quidque facias* (Plaut. Amph. 558) "faças cada coisa como te é cômodo e como te apraz".

25. *Vtĕrque* "um e outro" é também geralmente empregado no singular, isto em razão de sua própria significação. Entretanto, observa-se a mesma tendência apontada para *quisque*, no sentido de seu emprêgo no plural. Como *quisque*, era primitivamente enclítico.

Exs.: *utĕrque sapiens appellātus est* (Cíc., Lae., 6) "um e outro foram chamados sábios"; *utĕrque eōrum exercĭtum edūcunt* (Cés., B.Ciu. 3,30,3) "um e outro fazem sair o seu exército"; *iubĕo promi utrōsque* (Cíc., Verr., 4,32) "mando sair a um e outro"; *utraeque inutĭles... sient* (Ter. Andr. 287-8) "sejam inúteis uma e outra"; *utrīsque his* (Cíc., Lig. 36) "a um e a outro".

26. Os relativos indefinidos *quisquis* "quem quer que seja", e *quicūmque* "seja quem fôr", por uma evolução sintática de seu emprêgo, passaram também a ser usados como simples indefinidos com o sentido de "qualquer que seja", "não importa qual". Tal evolução (recente para *quicūmque*, mas antiga para *quisquis*) se explica pela elipse do verbo *sum, possum*, ou *fieri potest*, em expressões como *quoquo modo* "de qualquer maneira", *quacumque ratione* "por qualquer que seja o meio".

Exs.: *quae sanāri potĕrunt, quacūmque ratiōne sanābo* (Cíc., Cat., 2,11) "o que puder ser sanado, eu o sanarei por qualquer que

seja o meio"; *libĕros suos quibusquĭbus Romānis... dabant* (T. Lív., 41,8,10) "davam os filhos a quaisquer cidadãos romanos".

27. *Quilĭbet* "qualquer que seja", e *quiuis* "quem quiser", "qualquer" podem ser empregados ou não junto de um substantivo, tendo o valor de indefinidos quase que absolutos pelo seu sentido indeterminado.

Exs.: *quemlĭbet (sequere), modo alĭquem* (Cíc., Ac., 2,132) "segue quem quer que seja, contanto que seja alguém"; *fiat in Hispanĭa quidlĭbet* (Cíc., At., 10,6,1) "aconteça na Hispânia o que quer que seja"; *quiuis liber debet esse* (Cíc., Verr., 2,58) "qualquer homem deve ser livre".

IV) — Pronome Relativo

28. O pronome relativo tem por função exprimir a relação existente entre a sua própria oração e um substantivo que geralmente a precede, denominado *antecedente*. Quanto à concordância, o relativo concorda com o seu antecedente em gênero e número, mas não em caso, que lhe é determinado pela função que esteja desempenhando na própria oração a que pertence. Exs.: *uos, dii patrii, qui popŭlum Romānum seruātis testor* (Cíc., Sul., 86) "ó deuses pátrios que salvastes o povo romano, invoco-vos como testemunhas"; *deōrum numĕro eos solos ducunt quos cernunt et quorum aperte opĭbus iuuantur* (Cés., B. Gal., 6,21,2) "consideram no número dos deuses só os que êles vêem e com o auxílio dos quais são manifestamente ajudados".

29. Se o relativo estiver precedido de mais de um antecedente, segue, no que diz respeito ao gênero e ao número, as mesmas regras apontadas para a concordância do adjetivo em função predicativa. Exs.: *relĭqua multitūdo puerōrum mulierūmque... passim fugĕre coepit, ad quos consectandos Caesar equitātum misit* (Cés., B. Gal., 4,14,5) "a restante multidão de mulheres e crianças começou a fugir para todos os lados; para perseguir os quais César enviou a cavalaria".

30. O relativo, quando introduz uma oração de caráter apositivo ou predicativo, freqüentemente deixa de concordar em gênero e número com seu antecedente para fazê-lo com o substantivo predicativo de sua própria oração. Exs.: *Alesiam quod est oppĭdum Mandubiōrum* (Cés., B. Gal., 7,68,1) "Alésia, que é uma cidade dos mandúbios".

31. O antecedente por vêzes aparece em ambas as orações, outras é omitido, fato que se verifica principalmente quando êste antecedente é o pronome anafórico *is* e está no mesmo caso do relativo. Exs.: *loci natūra erat haec quem locum nostri delegĕrant* (Cés.,

B. Gal., 2,18,1) "esta era a natureza do lugar, o qual lugar os nossos tinham escolhido"; *amittit merito proprium (is) qui aliēnum appĕtit* (Fedr., 1,4,1) "perde merecidamente o próprio quem cobiça o alheio".

COMPLEMENTO À SINTAXE DOS PRONOMES

Vimos nos parágrafos 1 e 2 dêste capítulo que o emprêgo dos pronomes pessoais da primeira e segunda pessoas como sujeito do verbo era antes uma decorrência da estilística do que da sintaxe, uma vez que êles nada acrescentam ao conceito expresso pela flexão verbal. Aliás, no complemento ao estudo de A Oração e suas Partes (Cap. XXIII), já tivemos oportunidade de mostrar o caráter apositivo dêstes pronomes sujeitos, com a função de exprimir a ênfase, pondo em relêvo o sujeito. São, assim, de largo emprêgo na língua falada e, portanto, nos gêneros literários que a procuram reproduzir, como o gênero dramático, especialmente a comédia, ou gênero epistolar, em especial a correspondência familiar ou íntima. Êste emprêgo habitual dos pronomes pessoais no latim coloquial, porém, vinha como que banalizá-los, enfraquecendo-se por isto o seu primitivo valor expressivo. O fato veio a se ultimar, atingindo suas últimas conseqüências, nas línguas românicas, onde passaram êle a ser usados obrigatòriamente em algumas, como por exemplo o francês, ou com relativa freqüência em outras, como o português. Entretanto, cumpre observar, esta tendência já se fazia sentir desde o latim arcaico, sendo mesmo usual na língua falada. Assim, nos seguintes exemplos de Plauto e Terêncio, os pronomes pessoais sujeitos são empregados sem nenhum matiz especial de expressividade : *heus uos, puĕri, quid istic agĭtis?* (Most. 939) "Olá, rapazes, que estais fazendo aí?"; *Heus senex, quid tu percontāre ad te quae nihil attĭnent?* (Most. 940) "Olá, velho, porque tu nos estás a fazer perguntas sôbre o que não te diz respeito?"; *nam quid ego nunc dicam patri?* (Andr. 612) "com efeito, que direi eu agora ao meu pai?"; *Oh! tibi ego ut credam, furcĭfer! Tu rem impeditam et perditam restituas?* (Andr. 618-619) "Oh! que eu tenha confiança em ti, patife? Tu irás restabelecer uma situação embaraçada e perdida?". J. T. Allardice, em sua Sintaxe de Terêncio, considera o emprêgo do pronome *tu* com o imperativo como uma característica pura e simples do latim coloquial (pág. 38). Tal emprêgo, sem ênfase, dos pronomes pessoais sujeitos ocorre até mesmo no período clássico, e não só na correspondência de Cícero, mas nos seus tratados, senão mesmo nos discursos: *ego tabellarios postĕro die ad uos eram missūrus* (Cíc., At., 6,9,4) "eu ia enviar-vos mensageiros no dia seguinte"; *nunc tu propĕra* (Cíc., At., 3,4) "tu agora, apressa-te"; *nam quid ego de studiis dicam?* (Cíc., Lael., 104) "com efeito, que direi eu dos estudos?"; *credo ego uos, iudĭces, mirāri* (Cíc., Amer., 1) "creio que vos admirais, juízes"; *haec ego omnia... compĕri* (Cíc., Cat., 1,10) "eu soube de tudo isto".

Como é sabido, o latim não tinha um pronome sujeito para as terceiras pessoas do singular e plural. A língua falada procurava suprir esta lacuna com o uso do anafórico *is* ou de um demonstrativo que o substituísse, perdendo assim muito do seu valor primitivo, o que aconteceu com *ille*, a ponto de transformá-lo num pronome pessoal nas línguas românicas. Outra conseqüência do enfraquecimento de *ille* foi o de se ter transformado em artigo definido, transformação esta que se veio ultimar também apenas nas línguas românicas. Entretanto, esta transformação já vinha preparada de há muito no latim falado, podendo ser vislumbrada nos textos dos cômicos latinos e em autores principalmente do período imperial. Daremos alguns exemplos frisantes: *nihĭli facio quod illis faciat cetĕris* (Plaut. M. Glor., 168) "não dou importância ao que faça aos outros"; *aequo mendīcus atque ille opulentissĭmus / censētur censu* (Plaut., Trin., 493-494) "igualmente o mendigo e o milionário são classificados na mesma classe"; *illam altĕram (partem)* (Sal., B. Iug. 16,5) "o outro partido"; *quod etiam uerbis accĭdit ut illi* fero (Quint., 1,6,26) "o que acontece até aos verbos, como ao verbo *fero*"; etc.

Vimos no n.º 4 dêste capítulo que o reflexivo, bem como o possessivo da 3.ª pessoa *suus*, remete ao sujeito da oração em que se encontrar, ou, se estiver numa subordinada, para referir o pensamento do verbo da oração principal. Êste emprêgo, que se desenvolveu em latim, não tem as mesmas limitações em outras línguas indo-européias, como o grego por exemplo, onde é muito mais livre. Aliás, no próprio latim se encontram derrogações a êste uso restrito do reflexivo, o que sem dúvida representa um vestígio do antigo estado de coisas. Em primeiro lugar, observaremos que é possível ao reflexivo referir-se não ao sujeito gramatical da frase, mas ao sujeito real (ou ideológico), caso muito freqüente quando se trata do ablativo complemento da voz passiva: *a Caesăre... inuītor... sibi ut sim legātus* (Cíc., At., 2,18,3) "sou convidado por César para ser seu lugar-tenente". Sendo o complemento de causa eficiente o que indica o agente da passiva, representa êle pròpriamente quem fêz a ação do verbo, constituindo, pois, o sujeito real do mesmo. Caso contrário, é o que, pela mesma consideração do sujeito real da frase, determina o emprêgo do substituto do reflexivo, como no seguinte passo: *(libĕri) mihi uero et propter indulgentiam meam et propter excellens eōrum ingenium uita sunt mea cariōres* (Cíc., Quir. 2) "os filhos são para mim verdadeiramente mais caros do que a minha vida, pela minha estima e por sua índole excelente". Além dos casos supramencionados, referiremos ainda os seguintes (em que o reflexivo ou o possessivo da terceira pessoa não remetem obrigatòriamente ao sujeito): nas fórmulas *per se*, ou *propter se* "por si mesmo, em pessoa", conservando assim o reflexivo o seu sentido próprio, o mesmo acontecendo com *suus* ao acompanhar imediatamente a palavra a que se refere: *ipsum Furium per se uidi libentissĭme* (Cíc., Fam., 10,3,1)

"vi Fúrio em pessoa com muito prazer"; *hunc sui ciues e ciuitāte eiecērunt* (Cíc., Sest., 142) "seus próprios concidadãos o expulsaram da cidade".

Outro emprêgo freqüente do reflexivo era para indicar a reciprocidade, vindo neste caso sempre acompanhado de *ipse: se ipsi adhortāntur* (Cés., B. Gal., 6,37,10) "êles se exortam uns aos outros". Mas a fórmula usual da reciprocidade é *inter se*, ou *inter nos*, *inter uos*: *colloquĭmur inter nos* (Cíc., De Or., 1,32) "conversamos entre nós"; *hoc mirabilius quod uos inter uos risum tenēre possĭtis* (Cíc., Nat. 1,71) "o que é de muito se admirar é que vós possais conter o riso entre vós".

Enfim, para encerrarmos as nossas considerações, faremos uma observação sôbre o emprêgo do pronome *iste*. Vimos que, não raro, o demonstrativo da segunda pessoa tomava um matiz pejorativo, especialmente quando designava um opositor ou acusado. Cumpre, porém, acrescentar que isto não quer dizer que êste valor pejorativo seja permanente, podendo até mesmo, se bem que muito raramente, assumir um sentido laudatório ou encomiástico, como no seguinte passo : *homĭnes sapiēntes et ista auctoritāte praedĭtos qua uos estis* (Cíc., Amer., 154) "homens sábios e dotados desta autoridade que possuís".

Quanto à sintaxe do relativo, completaremos as breves considerações que fizemos neste capítulo, quando estudarmos a oração subordinada relativa.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

J. N. Madvig, *Gramática Latina*, trad. Epifânio Dias, págs. 391-406.

E. Cocchia, *La Sintassi Latina*, págs. 76-123.

O. Riemann, *La Langue et la Grammaire de T. Live*, págs. 115-138.

W. M. Lindsay, *Syntax of Plautus*, págs. 40-52.

Stolz-Schmalz, *Lat. Grammatik*, págs. 468-492.

J. T. Allardice, *Syntax of Terence*, págs. 38-48.

E. Löfstedt, *Syntactica*, vol. 2.º págs. 79-96; 191-198.

A. C. Juret, *Système de la Syntaxe Latine*, págs. 101-115.

A. Tovar, *Sintaxis*, págs. 72-84.

Ernout-Thomas, *Syntaxe Latine*, págs. 179-200.

F. Blatt, *Précis de Syntaxe Latine*, págs. 134-153.

M. Bassols de Climent, *Sintaxis Latina*, I, Madrid, 1956, págs. 187-224.

CAPÍTULO XXVII

SINTAXE DOS CASOS

I) Nominativo.

1. *O Nominativo* é o caso que designa a pessoa ou coisa de que trata a frase, não se restringindo, pois, o seu emprêgo apenas em indicar o sujeito da oração. Aliás, os gramáticos latinos usaram a palavra *nominatiuus* para traduzir o vocábulo grego que assim se denominava, por ser empregado para nomear o substantivo simplesmente citado, como uma palavra. Assim, é sob a forma do nominativo que o nome fora da frase vem ao espírito, como por exemplo nos títulos e nas enumerações. É ainda usado nas descrições animadas para indicar as características de uma situação, ou os traços de um caráter.

Exs.: *Bellum Iugurtinum* (Sal.) "A Guerra de Jugurta"; *Orātor* (Cíc.) "O Orador"; *Brutus* (Cíc.) "Bruto"; *Commentarii de Bello Gallico* (Cés.) "Comentários da Guerra da Gália"; *Sallānus, Antistus, Marius, etc.* (C.I.L., 4,4514); *clamor senātus, querellae, preces, socer ad pedes abiectus* (Cíc., Sest., 74) "o clamor do senado, as lamentações, as súplicas, o sogro lançado a seus pés"; *magna celeriter commutatio rerum* (Cés., B. Ciu., 1,60,4) "grande mudança da situação"; *crudēlis ubique luctus, ubique pauor et plurima mortis imago* (Verg., En., 2,368-9) "por tôda parte a dor cruel, por tôda parte o pavor e a imagem múltipla da morte".

2. Mais freqüentemente, porém, é o nominativo o caso do sujeito e do apôsto do sujeito, do predicativo que se refere ao sujeito. É quase sempre omitido o nominativo sujeito quando o interlocutor o tem presente no espírito.

Exs.: *his Caesar ita respōndit* (Cés., B. Gal., 1,14,1) "a êstes César assim respondeu"; *mens agītat molem* (Verg., En., 6,727) "o espírito movimenta a massa"; *ipse in citeriōrem Galliam ad conuēntus agēndos profēctus est* (Cés., B. Gal., 1,54,3) "êle próprio partiu para a Gália citerior para reunir as assembléias"; *suscipio inimicitias*

hominum perditōrum (Cíc., Cat., 2,11) "tomo a mim os ódios dos homens perdidos"; *quoūsque tandem abutēre, Catilīna, patientĭa nostra ?* (Cíc., Cat., 1,1) "até quando, Catilina, abusarás de nossa paciência?"; *apud Helvetĭos longe nobilissĭmus fuit et ditissĭmus Orgetŏrix* (Cés., B. Gal., 1,2,1) "entre os helvécios, foi, de longe, Orgetorige o de mais alta estirpe e o mais rico";*illud erat misĕrum solacĭum* (Cíc., Verr., 3,199) "aquilo era uma triste consolação"; *is enim splendor est uestrum* (Cíc., At., 7,13,3) "tal é o esplendor de vossas pessoas"; *scelerumque inuēntor Vlixes* (Verg., En., 2,164) "Ulisses, o inventor de crimes".

3. *Nominativo Exclamativo* — Ainda que relativamente com pouca freqüência, encontra-se o nominativo empregado em frases exclamativas, sendo por isso denominado nominativo exclamativo.

Exs.: *O conseruāndus ciuis !* (Cíc., Phil., 13,37) "ó cidadão que se deve defender !"; *em tibi anus lepĭda* (Plaut., Curc., 120) "vamos, velha encantadora"; *o festus dies!* (Ter., Eun., 560) "ó dia festivo!"

4. *Nominativo pelo Vocativo.* — Enfim, o nominativo é usado em substituição ao vocativo com os temas em *o/e*, na língua arcaica principalmente, máxime quando o substantivo vem acompanhado do possessivo *meus* e encerra um matiz de afeto.

Exs.: *mi Libăne, ocellus aureus* (Plaut., Asin., 691) "ó meu querido Líbano, menina de ouro dos meus olhos"; *mel meum, suauitūdo, cibus, gaudium* (Plaut., Bac., 18) "ó minha doçura, meu amor, meu alimento, minha alegria"; *proiīce tela manu, sanguis meus !* (Verg., En., 6,835) "atira para longe de ti estas armas, ó meu sangue !"; *audi tu, popŭlus Albanus* (T. Lív., 1,24,7) "ouve, ó tu, povo Albano"; *almae filius Maiae* (Hor. Od. 1,2,42,-3) "ó filho da benfazeja Maia !".

II) Vocativo.

5. *O Vocativo* é um caso à parte dos demais, sendo empregado como um elemento independente de todo o contexto da frase e por isso mesmo não fazendo parte da oração. Aliás, como já tivemos oportunidade de ver (Cap. VIII, 70,11), sua forma já o distingue de todos os outros casos, caracterizando-se ou pela desinência zero, no singular da segunda declinação, ou por tomar de empréstimo a desinência do nominativo plural dos nomes em *–us* da segunda declinação (e singular e plural de tôdas as demais).

6. O vocativo não é ùnicamente o caso da interpelação pura e simples, mas também o da ternura e o do vitupério.

Exs.: *meministi enim profēcto, Attĭce* (Cíc., Lae., 2) "com efeito, certamente te lembraste, Ático"; *quaerunt quidem, C. Laeli, multi*

(Cíc., Lae., 8) "muitos, com efeito, perguntam, C. Lélio"; *ego uero tibi istuc, mi Antoni, remītto* (Cíc., At., 14,13,B3) "mas quanto a mim, meu caro Antônio, passo-te a ti isto"; *o mea commodĭtas, o mea opportunĭtas* (Plaut., Men. 137) "ó minha comodidade, ó minha oportunidade"; *filia mea, salue* (Plaut. Rud. 1173) "salve, filha minha"; *salue mi pater insperāte* (Plaut., Rud., 1175) "salve meu pai inesperado"; *quid agis mea salus ?* (Plaut., Cas., 801) "que fazes, minha salvação ?"; *abi, sis, belua* (Plaut., Most., 569) "vai-te, por favor, animal"; *propĕras an non, dormitātor ?* (Plaut., Trin., 983) "apressas-te ou não, dorminhoco ?"; *male dicĕre audes, fons uiti et peiiūri* (Plaut., Pers., 848) "ousas falar mal, fonte de vício e perjúrio ?".

7. *Vocativo Exclamativo* — Por vêzes, o vocativo ocorre em frases exclamativas, caso em que se denomina *vocativo exclamativo.*

Exs.: *O fortunāte adulēscens* (Cíc., Arch., 24) "ó moço afortunado"; *o di boni* (Cíc., C. M. 69) "ó bons deuses"; *di immortāles, quod ego hunc audīui loqui* (Plaut., Bac., 182) "deuses imortais, o que eu o ouvi dizer"; *Iuppĭter ! est illic Charinus* (Plaut., Merc., 865) "Júpiter ! não está ali Carino ?".

8. Em latim, nas frases protocolares, quando o vocativo não é expressivo, isto é, quando não traz um matiz de simpatia, amor, carinho ou insulto, não vem acompanhado de interjeição.

Exs.: *diutūrni silēnti, patres conscripti, quo eram his temporibus usus* (Cíc., Marc., 1,1) "do antigo silêncio, senadores, de que usei nestes tempos"; *genus ipsum prius cognoscĭte, iudĭces* (Cíc., in Varr., 2,4,1,1) "conhecei primeiro a própria espécie, juízes"; *credo ego uos, iudĭces, mirāri* (Cíc., Amer., 1) "eu creio que vós vos admirais, juízes"; *di deaeque omnes, uobis habĕo gratĭas* (Plaut. Poen., 1274) "a vós todos, deuses e deusas, rendo graças".

9. Além da interjeição *o*, muitas outras são empregadas com o vocativo, sendo que destas as mais freqüentes são: *heus*, "olá"; *eho*, "olá", "ah".

Exs.: *heus ! tu, Rufĭo* (Cíc., Mil., 60) "olá, tu Rufião !"; *heus Phaedrome, exi, exi* (Plaut., M .Glor., 816) "olá, Fedrome, sai, sai"; *eho Messenio* (Plaut., Men., 432) "oh ! Messênio"; *eho puĕre* (Ter., Hec., 719) "olá, rapaz !".

III) Acusativo.

10. O Acusativo tem valores diversos, que se tornam difíceis de reduzir a uma fórmula única, sendo que, entretanto, seu emprêgo mais geral é o de indicar o objeto sôbre o qual se dirige a ação verbal. Como êste acusativo vem, por assim dizer, completar direta-

mente o sentido do verbo transitivo, costuma chamar-se vulgarmente *acusativo de objeto direto*.

1:

Exs.: *patrimonia sua profudērunt, fortūnas suas obligauērunt* (Cíc., Cat., 2,10) "esbanjaram o seu patrimônio, hipotecaram os seus bens"; *Ambiŏrix copias suas... non conduxĕrit* (Cés., B. Gal., 6,31,1) "Ambiorige não terá reunido suas tropas"; *ab amīcis honēsta petāmus* (Cíc., Lae., 44) "aos amigos só peçamos o que é honesto"; *accepi tuas littĕras* (Cíc., At., 14,6,1) "recebi tua carta"; *diuitias alii propōnunt* (Cíc., Lae., 20) "outros preferem as riquezas".

11. *O Acusativo de Objeto* ou complemento direto pode vir acompanhado de um adjunto predicativo que se refira a êle e que por isso mesmo com êle concorde. Isto acontece principalmente com os verbos que significam: *tornar, considerar, ter por, ter na conta de, chamar, nomear, eleger,* etc.

Exs.: *cum gratias agĕret quod se consŭlem fecisset* (Cíc., De Or., 2,268) "como rendesse graças por ter sido eleito cônsul"; *iucūndam senectūtem efficĕre* (Cíc., C. M., 2) "tornar a velhice agradável, alegre"; *Scipio P. Rupilium potŭit consŭlem efficĕre* (Cíc., Lae., 74) "Cipião pôde fazer cônsul P. Rupílio"; *tutiōrem uitam reddĕre* (Cíc., Rep., 1,3) "tornar a vida mais segura"; *me seuērum uehementemque praebeo* (Cíc., Cat., 4,12) "mostro-me severo e rigoroso"; *hoc sibi pulcherrĭmum ducēbant clientium fortūnas defendĕre* (Cíc., Caecil., 66) "julgavam isto o mais belo: defender os bens de seus clientes"; *me augūrem nominauērunt* (Cíc., Phil., 2,4) "nomearam-me áugure"; etc.

12. Note-se, porém, que êste não era o primitivo valor do acusativo, que a princípio era inteiramente independente do verbo, o que é comprovado por vários fatos, entre os quais poder o seu complemento vir em outro caso, como também poderem verbos transitivos ser empregados intransitivamente e vice-versa. Assim, alguns verbos empregados como transitivos na língua arcaica, passaram depois, no período clássico, a se construirem como intransitivos, como: *abutor*, "abusar", *fruor* "gozar", *fungor* "pagar, desempenhar uma função", *quaeso* "pedir", etc. *

Exs.: *hoc argentum alibi abūtar* (Plaut., Pers., 262) "gastarei êste dinheiro em outro lugar"; *iam diu sapientiam tuam abusast* (Plaut., Poen., 1199) "já há muito que a tua sabedoria se gastou"; *istum decumanōrum nomĭne ad suos quaestus esse abūsum* (Cíc., Verr., 3,61) "ter êste abusado do nome dos cobradores do dízimo para seus ganhos pessoais"; *abutĭmur etiam saepe uerbo* (Cíc., De Or., 169) "usamos também freqüentemente do sentido de uma palavra"; *sin ea quae fructus cumque es periēre profūsa* (Lucr., 3,940) "se ao contrário tudo o que gozaste..."; *aliqua re uti et frui* (Cíc.,

Nat., 1,103) "usar e gozar de alguma coisa"; *hic munus fungātur tuom* (Plaut., Amph., 827) "êste desempenhará a tua função"; *ualetūdo, ut dolōre careas et munerĭbus fungare corpŏris* (Cíc., Lae., 22) "a saúde (permite) que não tenhas dor e de sirvas das funções do corpo".

13. Muitos verbos habitualmente de significação completa, e por isso funcionando geralmente como intransitivos, aparecem em algumas construções como transitivos. Por outro lado, é freqüente acontecer que verbos simples intransitivos tenham compostos usados sempre como transitivos. Os prevérbios *circum–*, *per–*, *praeter–*, *subter–*, *super–*, *trans–*, e, ainda que em caráter menos geral, *ad–*, *ante–*, *cum–*, *ex–*, *in–*, *inter–*, *ob–*, *prae–*, *sub–* são os que costumam tornar transitivo o sentido intransitivo dos verbos simples.

Exs.: *Nam inuidēre aegritudĭnis est et aemulāri et obtrectāre et miserēri et angi, lugēre, maerēre...* (Cíc., Tusc., 3,84) "pois ter inveja, ter rivalidade, maldizer, ter pena, sentir aflição, sentir dor, estar abatido... é mal-estar"; *id quod multi inuidĕant* (Ac., 215) "isso que muitos invejam"; *eius obtrectāre laudes uolŭit* (T. Lív., 45,37) "quis rebaixar-lhe a glória"; *lugēre facilius rem publĭcam posset* (Cíc., Br., 4) "pudesse mais fàcilmente chorar a república"; *horrēbant densis crura pilis* (Ov., Fast., 2,348) "as pernas estavam eriçadas de espessos pêlos"; *horrent dolōrem* (Cíc., Tusc., 5,85) " têm pavor da dor"; etc., e: *subsidio sui iērunt* (Cés. B. Gal., 7,62,8) "foram em socorro dos seus"; *Alexănder dum circŭmit muros* (Sên., Ep., 59,12) "enquanto Alexandre dá volta à muralha;" *partem circumīre exteriōres munitiōnes iubet* (Cés., B. Gal., 7,87,4) "manda uma parte contornar as fortificações externas"; *uolāsse eum non iter fecisse diceres* (Cíc., Phil., 10,11) "dir-se-ia ter êle voado e não viajado"; *nigra uelut magnas domĭni cum diuĭtis aedis peruŏlat... hirūndo* (Verg., En., 12,473-4) "como a negra andorinha quando voa à casa de um senhor rico"; *omnem peruŏlat caeli fretum* (Ên. Trag. 331) "voa através de tôda a faixa de céu"; *hunc praeterire* (Plaut., Aul., 474) "ultrapassá-lo"; *ripas flumĭna praeterĕunt* (Hor., Od., 4,7,3) "os rios correm ao longo das margens"; *unda superuēnit undam* (Hor., Ep., 2,2,176) "a onda cobre a onda"; *Rhenum transīre* (Cés., B. Gal., 1,33,3) "atravessar o Reno"; *capĭtis pericŭlum adīre* (Ter., And., 677) "correr perigo de vida"; *ne Nicobūlum me sinas conuenīre* (Plaut., Bacch., 175) "Nem permitas a Nicobulo vir ter comigo"; *ut limen exiĕram* (Ter., Hec., 378) "para que não saia da soleira"; *ingressust uiam* (Plaut., Amph., 429) "entrou no caminho"; *ita me occūrsant multae* (Plaut., M. Gl., 1047) "assim me perseguem muitas"; etc.

2ª 14. *Acusativo Interno* — Pode ainda acompanhar um verbo habitualmente intransitivo, servindo-lhe de objeto direto, o acusativo de um substantivo verbal que tenha a mesma raiz do verbo,

INDEX

ou, às vêzes, que ao menos pelo sentido lhe seja equivalente. É êste acusativo denominado acusativo de qualificação, acusativo da figura etimológica, ou acusativo interno.

Exs.: *scelestiōrem cenam cenāui tuam quam quae Thyestae positast* (Plaut., Rud., 508) "ceei a tua ceia mais celerada do que a que foi servida a Tieste"; *tutiōrem uitam uiuĕre* (Cíc., Verr., 2,118) "viver uma vida mais segura"; *multa ego possum docta dicta loqui* (Plaut., Tr., 380) "quanto a mim, posso falar muitos ditos elegantes"; *sapiēnter dicta dicĕre* (Plaut., Rud., 1250) "dizer ditos com elegância"; *plagas minitaris mihi* (Plaut., Capt., 963) "tu me ameaças pancada"; *narratiōnis incipit mihi initium* (Ter., And. 709) "começa para mim o princípio da narração"; etc.

15. *Duplo Acusativo* — Finalmente, ainda como uma conseqüência do primitivo estado de coisas, em que o acusativo era independente do verbo, mantém-se em latim o uso de alguns verbos serem acompanhados de dois acusativos (duplo acusativo). Isto costuma acontecer na prosa clássica só com os verbos *docēre* "ensinar" (o mais usado), *celāre* "esconder", *poscĕre* "reclamar", *flagitāre* "solicitar", etc.

Exs.: *eam (artem) nos tu potissĭmum docēbis* (Cíc., De Or., 2,216) "e tu nos ensinarás de preferência essa arte"; *docēre alĭquem littĕras* (Cíc., Pis., 73) "ensinar alguém a ler"; *non enim te celāui sermōnem T. Ampi* (Cíc., Fam., 2,16,3) "não te ocultei o discurso de T. Ampo"; *haec sunt illa quae me... modo flagitābat* (Cíc., De Or., 2,188) "êstes são aquêles processos oratórios cuja exposição êle me solicitava há pouco"; *et parentes pretium pro sepultura liberum poscĕret* (Cíc., Verr., 2,1,7) "e reclamava dos pais o preço da sepultura dos filhos".

16. Os verbos impessoais *decet* "convir", *dedĕcet* "não convir", *fallit* "escapar", *misĕret* "ter compaixão, pesar", *oportet* "ser mister" *paenitet* "ter pesar, arrepender-se", *piget* "estar pesaroso", *pudet* "ter vergonha", *taedet* "estar aborrecido" constroem-se com o acusativo que designa a pessoa que sente qualquer dêstes sentimentos, indo para o genitivo o que designa a coisa que o suscitou.

Exs.: *oratōrem irāsci minĭme decet* (Cíc., Tusc., 4,54) "não convém em absoluto ao orador encolerizar-se"; *si quid dedĕcet* (Cíc., Of., 1,146) "se algo não convém"; *oratōrem simulare non dedĕcet* (Cíc., Tusc., 4,55) "não fica mal ao orador fingir"; *neque Caesărem fefellit* (Cés., B. Ciu., 3,94,3) "nem escapou a César"; *eorum nos misĕret* (Cíc., Mil. 92) "temos compaixão dêles"; *uenditōrem dicĕre uitia oportet* (Cíc., Of., 3,51) "é mister que o vendedor declare os defeitos (da mercadoria)"; *num senectūtis suae eum paenitēret?* (Cíc., C. M., 19) "acaso lhe pesaria a sua velhice?"; *me piget stultitiae meae*

(Cíc., Dom., 29) "estou pesaroso de minha tolice"; *eos infamiae suae non pudet* (Cíc., Verr., pr., 35) "não tem vergonha de sua infâmia"; *eos uitae taedet* (Cíc., At., 5,16,2) "êles estão aborrecidos da vida".

4:

17. Acusativo de Movimento — Um dos empregos mais antigos do acusativo é indicar o têrmo para o qual tende um movimento, desenvolvendo-se desde cedo o uso de neste caso o acusativo ser precedido de uma preposição. Entretanto, em latim, mesmo no período clássico, ainda se conservam vestígios do primitivo estado de coisas em algumas construções que dispensam as preposições, como por exemplo quando se trata do nome de cidades ou de pequenas ilhas, com os substantivos *domus* e *rus*, construções de verbos de movimento com o acusativo do supino, e enfim em algumas expressões como *uenum ire* ou *uenum dare*, *infitias ire*.

Exs.: *eo ad forum* (Plaut., As., 108) "vou ao fôro"; *ut ueni ad urbem* (Cíc., Fam., 9,12,2) "quando cheguei à cidade"; *mihi si spatium fuĕrit in Tusculānum ueniēndi* (Cíc., Fam. 9,5,3,) "se eu tiver tempo de ir à minha casa de campo de Túsculo"; *uia qua Assōro itur Hennam* (Cíc., Verr., 4,96) "estrada pela qual se vai de Assoro a Hena"; *Delum Athenis uenimus* (Cíc., At., 5,12) "viemos de Atenas a Delos"; *Pomponi domum uenisse dicitur* (Cíc., Of., 3,112) "diz-se ter vindo a casa de Pompônio"; *quom rus homines eunt* (Plaut., Capt., 78) "quando os homens vão para o campo"; *lusum it Maecenas, dormītum ego Vergiliusque* (Hor., Sát., 1,5,48) "Mecenas vai jogar, eu e Vergílio dormir"; *transit Melitam exercitus* (Nev., B. Poen., 37) "o exército passou a Malta"; *Rhodum uenimus* (Plaut., Merc., 93) "viemos a Rodes"; *si pater filium ter uenum duit* (Lex 12 Tab., 4,2) "se o pai vender o filho três vêzes"; *infitias ire coepit* (Plaut., Bac., 259) "começou a negar"; etc.

18. No período arcaico há, por vêzes, certa indecisão no emprêgo ou omissão das preposições antes de nomes próprios. Isto por vêzes também acontece com autores arcaizantes, como Cornélio ou Salústio, em autores imperiais, e até mesmo em Cícero aparece a preposição omitida antes de *Sicilia* e *Sardinia*, que eram ilhas grandes.

Exs.: *Curculio missu Phaedromi it Cariam* (Plaut., Curc. arg., 1) "Curculião vai à Cária, mandado por Fedromo"; *parasītum misi... Cariam* (Plaut., Curc., 206) "mandei o parasita à Cária"; *parasītum in Cariam misi meum* (Plaut., Curc., 67) "mandei o meu parasita à Cária" *nequinont Graeciam redīre* (L. Andron., 14) "não podem voltar à Grécia"; *ibit aut in Asiam aut in Ciliciam* (Plaut., Trin., 599) "irá ou à Ásia, ou à Cilícia"; *heri Athēnis Ephĕsum aduēni* (Plaut., M. Glor., 439) "ontem vim de Atenas para Éfeso"; *uenīsse Athēnis in Ephĕsum* (Plaut., M. Glor., 384) "ter vindo de Atenas para o Éfeso";

Cyprum (Corn., Nep., 4,2,1,) "a Chipre"; *Chersonēsum* (Corn., Nep., 1,2,1,6) "ao Quersoneso"; *Rhegium atque inde Siciliam* (Sal., B. Iug., 28,6) "a Régio e daí à Sicília"; *Etruriam* (T. Lív., 10,37) "à Etruria"; *Epīrum* (T. Lív., 8,24) "ao Epiro"; *Siciliam adiit, Afrĭcam explorāuit, inde Sardiniam... uenit* (Cíc., Imp. Gn. Pomp., 34) "foi à Sicília, explorou a África, e de lá veio para a Sardenha"; etc.

(5:) 19. *Acusativo de Extensão* — O acusativo tinha ainda por função indicar a extensão no tempo e no espaço. No tempo, esta idéia de extensão se traduz precìpuamente pelo sentido de duração. Para indicar que a duração é ininterrupta, os autores latinos costumam usar o acusativo precedido da preposição *per*. Para indicar desde quando uma situação existe, o acusativo de duração vem acompanhado de um numeral.

Exs.: *iam multos annos est quom possidĕo* (Plaut., Aul., 4) "já há muitos anos que possuo"; *bestiŏlae quaedam unum diem uiuunt* (Cíc., Tusc. 1,94) "certos animaizinhos vivem um dia"; *duodequadragīnta annos tyrānnus Syracusanōrum fuit Dionysĭus* (Cíc., Tusc., 5,57) "Dionísio foi tirano dos siracusanos trinta e oito anos"; *in sex menses iam hic nemo habitat* (Plaut., Most., 954) "há seis meses já que ninguém mora aqui"; *per idem tempus* (Cíc., Br., 83) "por todo êsse tempo"; *uicesimum iam diem patĭmur hebescĕre aciem eōrum auctoritātis* (Cíc., Cat., 1,4) "há vinte dias já que deixamos embotar-se a têmpera da autoridade dêsses senadores"; *Demosthĕnes abhinc annos prope trecēntos fuit* (Cíc., Diu., 2,118) "Demóstenes existiu há trezentos anos"; etc.

20. Indicando a extensão no espaço, o acusativo é empregado para exprimir o espaço percorrido, a distância (com os verbos *abēsse*, *distāre*, e por extensão com outros verbos para indicar a que distância de um determinado lugar se passa um fato), e para exprimir as dimensões de um objeto.

Exs.: *nemĭnem esse qui possit... tridŭo septingēnta milia passuum ambulāre* (Cíc., Deiot., 42) "não haver ninguém que possa em três dias andar setecentas milhas"; *hic locus ab hoste circĭter passus sexcēntos abĕrat* (Cés., B. Gal., 1,49,2) "êste lugar distava do inimigo cêrca de seiscentos passos"; *pedes octogīnta inter se distārent* (Cés., B. Gal., 7,72,4) "distavam entre si oitenta passos"; *aggĕrem, latum pedes trecēntos et trigīnta, altum pedes octogīnta, exstruxērunt* (Cés., B. Gal., 7,24,1) "levantaram um terrapleno de trezentos e trinta pés de largura, por oitenta de altura"; *milia passuum tria ab eōrum castris castra ponit* (Cés., B. Gal., 1,22,5) "assentou acampamento a três mil passos do acampamento dêles"; *trabes derēctae perpetuae in longitudĭnem parĭbus interuāllis distāntes inter se binos pedes in solo collocāntur* (Cés., B. Gal., 7,23,1) "colocam-se no solo, em tôda a extensão da muralha, sem interrupção, traves per-

pendiculares (na direção da muralha) separadas por intervalos iguais de dois pés"; etc.

6ª 21. Acusativo de Relação — O chamado acusativo de parte ou de relação, que aliás é uma decorrência do acusativo de extensão, indica a parte do objeto à qual se estende uma maneira de ser, como também, às vêzes, o ponto de vista ao qual se pode estender uma afirmação. Fazendo-se abstração das expressões muito freqüentes em latim, *magnam partem* e *maximam partem*, "em grande parte", "na maior parte das vêzes", Cícero, César e, no período arcaico, Plauto o ignoram, sendo provàvelmente um helenismo sintático introduzido no latim pelos poetas helenizantes.

Exs.: *nigrāntes terga iuuencos* (Verg. En. 6,243) "novilhas negras quanto ao dorso"; *aduersum femur tragŭla grauĭter ictus cecidit* (T. Lív., 21,7,10) "caiu ferido fortemente por um dardo na coxa"; *cetera egregium* (T. Lív., 1,32,2) "notável quanto ao mais"; *magnam partem... nostra constat oratio* (Cíc., Or. 189) "nossa língua consta em grande parte"; *maxĭmam partem... uiuunt* (Cés. B. Gal., 4,1,8) "vivem na maior parte"; etc.

7ª + 22. Acusativo Exclamativo — Finalmente, o acusativo costuma também aparecer nas exclamações, caso em que vem geralmente acompanhado de uma interjeição, como *o, edĕpol, ecastor, hercle,* etc.

Exs.: *o fallācem hominum spem* (Cíc., De Or., 2,7) "ó falaz esperança dos homens!"; *edĕpol homĭnem infelīcem* (Plaut., As., 292) "por Pólux, que homem infeliz!"; *edĕpol diem hunc acerbum* (Plaut., Rud., 686) "por Pólux, que dia cruel!"; *hercle occasiōnem lepĭdam* (Plaut., M. Glor., 977) "por Hércules, que bela oportunidade!"; *eu ecastor homĭnem periūrum* (Plaut., M. Glor., 1066) "oh! por Castor, que homem perjuro"; *me misĕram* (Plaut., Amph., 1056) "pobre de mim!" *fortunātum Nicobūlum* (Plaut., Bacch., 455) "ó afortunado Nicobulo!"; etc.

23. É o antigo emprêgo do acusativo para indicar a extensão que explica a prática do latim em antepor ao acusativo preposições como *ante, post, per, circum, infra, supra, contra, extra, ultra,* etc.

IV) Genitivo.

24. *O genitivo,* pela grande multiplicidade de seus empregos, é dos casos mais complexos. Entretanto, de um modo geral se pode dizer que primitivamente possuía dois valores distintos: indicar o todo de que se toma uma parte (*Genitivo Partitivo*), ou o complemento do substantivo (*Genitivo Adnominal*).

25. Embora a própria pluralidade de desinências do genitivo no indo-europeu nos levem a crer que a ela não correspondesse uma

única função, parece que o genitivo partitivo, se não foi o primitivo emprêgo dêste caso, foi pelo menos o mais geral. O genitivo partitivo pode ser empregado com substantivos, adjetivos, pronomes, verbos e alguns advérbios.

I) *Genitivo Partitivo*

26. *Com substantivos,* o genitivo partitivo é empregado principalmente depois dos que indicam uma divisão ou quantidade, servindo-lhes, pois, de complemento.

Exs.: *eōrum una pars* (Cés., B. Gal., 1,1,5) "uma parte dêles"; *in omnĭbus uitae partĭbus* (Cíc., Font., 40) "em todos os momentos da vida"; *duae partes frumēnti* (Cíc., Verr., 3,49) "duas têrças partes do trigo"; *multitudinēmque homĭnum* (Cés., B. Gal., 1,4,3) "grande número de homens"; *hostium se habitūrum numĕro confirmat* (Cés., B. Gal., 6,6,3) "reafirma que considerará no número dos inimigos"; *copia frumēnti* (Cés., B. Gal., 1,3,1) "abundância de trigo"; *calcis modium unum, harēnae modios duos* (Cat., Agr., 15) "um módio de cal, dois módios de areia"; *ullum turis granum* (Plaut. Poen., 451) "nenhum grão de incenso"; etc.

27. *Junto a adjetivos,* o uso geral e clássico do genitivo partitivo se restringe às construções em que o adjetivo está no superlativo, ou no comparativo equivalente a um superlativo. Fora disto, a construção de um adjetivo ou particípio no positivo com um genitivo partitivo não aparece na prosa clássica nem no latim arcaico, podendo ser considerada como simples helenismo sintático.

Exs.: *horum omnium fortissĭmi sunt Belgae* (Cés., B. Gal., 1,1,3) "de todos êstes os mais fortes são os belgas"; *miserrŭmus homĭnum uiuam* (Plaut., Pers., 778) "viverei como o mais infeliz dos homens"; *optŭmus diuom* (Lucil., 20) "o melhor dos deuses"; *senis nostri, Daue, fratrem maiōrem Chremem / nostin ?* (Ter., Phorm., 63) "não conheces Cremes, o irmão mais velho do nosso caro ancião, ó Davo ?"; *sequĭmur te, sancte deōrum* (Verg. En. 4,576) "seguimos-te, ó santo deus"; *respōndit Iuno Saturnia, sancta deārum* (Ên., An., 64) "responde a Satúrnia Juno, santa divindade"; *cum delēctis pedĭtum* (T. Lív., 26,5,3) "com infantes escolhidos"; *cum expedītis pedĭtum equitūmque* (T. Lív., 28,14,16) "com infantaria e cavalaria ligeiras"; *Britannōrum uictis* (Tác., Agr., 2) "aos Bretões vencidos"; *relĭqua cadauĕrum* (Tác., Hist., 3,7) "os restantes cadáveres"; etc.

28. *Junto a pronomes,* o emprêgo do genitivo partitivo se restringe a servir de complemento aos interrogativos e indefinidos.

Exs.: *quem nostrum ignorāre arbitrāris ?* (Cíc., At., 1,1) "quem dentre nós julgas que ignora ?" *quid consili cepĕris* (Cíc., Cat., 1,1)

"que resoluções tomaste"; *pro se quisque nostrum* (Cíc., Agr., 1,26) "cada um de nós por si"; *qua ab illarum* (Plaut., M. Glor., 1047) "de qual delas"; *uostrōrum alĭquis* (Titin., 51) "algum de vós"; *nostrum unusquisque* (Lucil., 563) "cada um de nós"; *desīgnat ocŭlis caedem unumquēmque nostrum* (Cíc., Cat., 1,2) "designa para o morticínio a cada um de nós, com seus olhares"; *illōrum me alter cruciat, alter macĕrat* (Plaut., Cas., 445) "um dêles me suplicia, o outro me atormenta"; *harum duārum condiciōnum utram malis uide* (Ter., Heaut., 326) "vê destas duas condições qual a que preferes"; *istōrum nullus* (Plaut., Poen., 284) "nenhum dêstes"; *nemĭni uostrum* (Plaut., Stich., 673) "a nenhum de vós"; *nemost hominum* (Ter., Eun., 757) "não há homem nenhum"; etc.

29. *Junto de advérbios,* o genitivo partitivo aparece principalmente completando o sentido dos advérbios de quantidade, de lugar e de tempo.

Exs. *ea amicitĭa non satis habet firmitātis* (Cíc., Lae., 19) "essa amizade não tem bastante firmeza"; *satis eloquentĭae sapientĭae parum* (Sal., Cat., 5,4) "muito de eloqüência, pouco de sabedoria"; *dixīsti paulum tibi esse etiam nunc morae* (Cíc., Cat., 1,9) "disseste que ainda agora haveria para ti um pouco de demora"; *uetĕris uini largĭter* (Plaut., Truc., 903) "vinho velho em abundância"; *ubinam gentium sumus* (Cíc., Cat., 1,9) "entre que povo estamos"; *ubi terrārum esses* (Cíc., At., 5,10,4) "em que terras estavas"; *ubi terrārum sim nescio* (Plaut., Amph., 336) "ignoro em que terras eu esteja"; *iam primum omnium Dromo pultat fores* (Ter., Heaut., 274) "já antes de todos Dromo bate à porta"; *postĕa loci consul haud dubie iam uictor peruenit in oppĭdum Cirtam* (Sal., Iug., 102,1) "depois desta vitória incontestável, o cônsul chegou à cidade de Cirta"; *te interĕa loci cognōui* (Ter., Eun. 126) "durante êsse tempo te conheci"; etc.

30. Enfim, há o emprêgo do genitivo como *complemento de certos verbos* que indicam uma operação do espírito, como *memĭni, obliuiscor*, etc., que indicam sentimento, como *miserĕor* e os impessoais, *misĕret, paenĭtet, pudet, piget*, etc., os que significam *encher, faltar*, e *potior*, etc.

Exs.: *uiuōrum memĭni nec tamen Epicūri licet obliuīsci* (Cíc., Fin., 5,1,3) "lembrei-me dos vivos, entretanto cumpre não esquecer de Epicuro"; *cum alĭquo dolōre flagitiōrum suōrum recordabĭtur* (Cíc., Pis., 6,12) "recordar-se-á com alguma dor de seus atos vergonhosos"; *faciam ut huius diei locique meique semper meminĕrit* (Plaut., Capt., 800) "farei que sempre se lembre do dia de hoje, dêste lugar e de mim"; *oblītus sum mei* (Ter., Eun., 306) "esqueci-me de mim"; *uenit mihi in mentem M. Catōnis* (Cíc., Verr., 5,180) "vem-me à lembrança M. Catão"; *non dolōrum partitiōnis ueniet in mentem tibi* (Afran., 346) "não te lembrarás das dores da parti-

lha?" *eōrum nos misĕret* (Cíc., Mil., 92) "temos pena dêles"; *cum miserēri mei debent* (Cíc., At., 4,5,2) "quando devem compadecer-se de mim"; *quia mei misĕret nemĭnem* (Plaut., Capt., 765) "pois que ninguém tem pena de mim"; *consili nostri nobis paenitēndum non putārem* (Cíc., Fam., 9,5,2) "não pensaria que nos devêssemos arrepender de nosso projeto"; *an paenitēbat flagiti* (Ter., Eun., 1013) "acaso arrependia-se de sua ignomínia?"; *eos infamiae suae non pudet* (Cíc., Verr., pr., 35) "êles não se envergonham de sua infâmia"; *tui me, uxor, pudet* (Plaut., As., 933) "envergonho-me de ti, minha mulher"; *me piget stultitiae meae* (Cíc., Dom., 29) "sinto pesar de minha tolice"; *neque facti piget* (Plaut., Trin., 127) "nem sente pesar do fato"; *ollam denariōrum implēre* (Cíc., Fam., 9,18,4) "encher a urna de dinheiro"; *impleāntur elegeōrum meas fores* (Plaut., Merc., 409) "encham-se as minhas portas de inscrições elegíacas"; *ne quis ex plebe contra potentiōrem auxili egēret* (Cés., B. Gal., 6,11,4) "para que ninguém do povo tivesse falta de auxílio contra um mais poderoso"; *si pudōris egĕas* (Plaut., Amph., 819) "se tiveres falta de vergonha"; *quarum abundēmus rerum et quarum indigeāmus* (Lucil., 308) "das coisas que tenhamos em abundância e das que tenhamos falta"; *posse te illīus regni potīri* (Cíc., Fam., 1,7,5) "poderes apoderar-te daquele reino"; *ut salui poterēmur domi* (Plaut., Amph., 187) "apoderar-nos-emos em segurança da casa"; etc.

31. É ainda uma pertinência do genitivo partitivo o emprêgo do genitivo como complemento de alguns adjetivos, que pelo sentido ou pelo radical se prendem aos verbos citados no parágrafo precedente, bem como os que exprimem desejo ou participação.

Exs.: *habētis ducem memŏrem uestri, oblītum sui* (Cíc., Cat., 4,19) "tendes um chefe que se lembra de vós e se esquece de si"; *memŏrem benefici* (Plaut., Merc., 996) "lembrado do benefício"; *me esse immemŏrem uiri* (Plaut., Stich., 48) "não estar eu lembrado do homem"; *tui indigentes auxili* (Plaut., Rud., 642) "faltos do teu auxílio"; *miser ambitionis* (Plín., Pan. Tr., 59,5) "infeliz pela ambição"; *oppĭdum plenissĭmum signōrum* (Cíc., Verr., 1,53) "cidade repleta de estátuas"; *domus plena caelāti argĕnti* (Cíc., Verr., 2,35) "casa cheia de prataria cinzelada"; *uiti probrique plenum* (Plaut., M. Glor., 423) "cheio de vícios e opróbrios"; *potēntes rerum suārum atque urbis* (T. Lív., 23,16,6) "dispondo de seus bens e da cidade"; *diua potens Cypri* (Hor., Od., 1,3,1) "deusa senhora de Chipre"; *rerum omnium potens Iuppĭter* (Tác., Hist., 4,84) "Júpiter senhor de tôdas as coisas"; *contentiōnis quam ueritātis cupidiores* (Cíc., De Or., 1,104) "mais desejosos da discussão do que da verdade"; *damni cupĭdos* (Plaut., Pseud., 1133) "desejosos de prejudicar"; *fac partĭcipes nos tuae sapientĭae* (Plaut., Epid., 266) "faze-nos partícipes de tua sabedoria"; *exspers eruditiōnis* (Cíc., De Or., 2,1) "desprovido de instrução"; *nostri cupidissĭmus* (Cíc., De Or., 1,104) "dedicadíssimo a nós"; etc.

II) *Genitivo Adnominal*

32. O genitivo adnominal exprime o que é da esfera do nome, o que o completa, sendo de se notar que as relações estabelecidas entre êle e o substantivo de que depende são as mais variadas, o que, por isso mesmo, torna impossível reduzí-las a uma fórmula comum. Iremos, pois, passar a estudar os principais valores dêsse genitivo adnominal, encerrando o estudo do genitivo com o exame de alguns casos particulares e expressões idiomáticas, não incluídos nos casos gerais.

33. Começaremos por seu emprêgo mais geral, estudado sob a rubrica de *genitivo objetivo* ou *subjetivo*. Assim, quando um substantivo que exprime uma ação (e geralmente da mesma raiz de um verbo transitivo) vem acompanhado de um genitivo adnominal, êste pode representar ou o sujeito ou o objeto da ação que seria indicada pelo verbo.

Exs.: a) genitivo subjetivo: *Pythagŏrae aduēntus* (Cíc., Rep., 2,28) "a chegada de Pitágoras"; *consilĭo deōrum immortalĭum* (Cés., B. Gal., 1,12,6) "pela vontade dos deuses imortais"; *iniurĭas inimicōrum in se commemŏrat* (Cés., B. Ciu. 1,7,1) "relembra as injustiças dos inimigos para com êle"; *iniurĭa adulescentium* (Ter., Ad., 207) "a injustiça dos moços"; *serui mei perplacet consilium* (Plaut., Mer., 348) "agrada-me grandemente a opinião do meu escravo"; *aduēntum senis* (Plaut., Amph. 988) "a chegada do velho"; *benefăcta maiōrum* (Plaut., Stich., 303) "os benefícios dos antepassados, dos maiores". b) genitivo objetivo: *amōre patriae* (Cíc., De Or. ,1,247) "pelo amor da pátria"; *eius eloquentiae est auctor Ennius* (Cíc., Br., 57) "Ênio é o abonador de sua eloqüência"; *facultātes rērum et copiae* (Cíc., Of., 1,9) "os meios de existência e as riquezas"; *copiae rei frumentarĭae* (Cés., B. Gal., 2,10,4) "recursos em trigo"; *Caesar honōris Diuiciăci atque Haeduōrum causa, sese eos in fidem receptūrum et conseruatūrum dixit* (Cés. B. Gal., 2,15,1) "César afirmou que em atenção a Diviciaco e aos éduos aceitaria a rendição dêles (dos belovacos) e os pouparia"; *deum metum, parēntum amōrem* (Plaut., Amph., 841) "mêdo dos deuses, amor dos pais"; *sancte Neptūni comes* (Plaut., Rud., 160) "ó santo companheiro de Netuno!; *faber est quisque suae fortūnae* (Ap., Claud.) "cada um é o artífice de sua sorte"; *argēnti feci copiam* (Plaut., Asin., 848) "fiz provisão de dinheiro"; *saluēte Athēnae quae nutrīces Graeciae* (Plaut., Stich., 649) "salve ó Atenas, nutriz da Grécia"; *solus meārum miseriarumst remedium* (Ter., Ad., 294) "o único remédio das minhas misérias"; etc.

34. O *genitivo possessivo*, uma das modalidades mais freqüentes do genitivo, exprime a posse, donde a sua denominação. Cumpre, entretanto, desde logo fazer notar que seu emprêgo não se restringe

apenas em indicar o possuidor em sentido material e restrito, mas também em sentido amplo e translato, como, por exemplo, na indicação de qualidades mentais ou morais, etc.

Exs.: *Pomponi domum uenisse dicĭtur* (Cíc., Of., 3,112); *Epicūri hortus* (Cíc., Nat., 1,93) "o jardim de Epicuro"; *Hercŭlis templum* (Cíc., Verr., 4,94) "o templo de Hércules"; *in aedĭbus eri* (Plaut., As., 435) "na casa do senhor"; *Achilli arma* (Ac., 145) "as armas de Aquiles"; *in domo senis* (Plaut., M. Glor., Arg., 1,13) "na casa do velho"; e: *olōrum atque anseris collus* (Lucil., 268) "o pescoço dos cisnes e do ganso"; *hydriam Boethi manu factam* (Cíc., Verr., 4,32) "uma hidra feita pela mão de Boeto"; *impĕras ut huius membra, atque ossa, atque artua comminuam* (Plaut., Men., 855) "mandas que eu diminua os seus membros, os seus ossos e as suas articulações"; *pater Mnesilŏchi* (Plaut., Bacch., 877) "pai de Mnesíloco"; *fratris filia* (Ter., Andr., 933) "filha do irmão"; *plena dignitātis domus* (Cíc., Of., 1,138) "casa cheia de dignidade"; *uerbōrum grauitāte et elegantia et copia* (Cíc., De Or., 2,98) "pela elevação, elegância e riqueza de expressões"; *maiēstas consŭlis* (Cíc., Pis., 24) "a majestade do cônsul"; etc.

35. Às vêzes, o genitivo possessivo pode isoladamente indicar as relações de parentesco, sem que venham mencionadas as palavras *pater, uxor, filius,* etc. Êste uso do genitivo possessivo também ocorre para indicar as relações de um escravo para com o seu senhor.

Exs.: *Caeciliam Metĕlli* (Cíc., Diu., 1,104) "Cecília, filha de Metelo"; *Seruilia Claudi* (Cíc., At., 12,20,2) "Servília, espôsa de Cláudio"; *Oileos Aiax* (Ov., Met., 12,622) "Ájax, filho de Oileu"; *Deiphobe Glauci* (Verg., En., 6,36) "Deífobe, filha de Glauco"; *Hectŏris Andromăche* (Verg., En., 3,319) "Andrômaca, espôsa de Heitor"; *Iucŭndus Domitiae Bibŭli* (Orelli Inscr. Lat. Sel., 1, n.º 2864) "Jucundo, escravo de Domícia, espôsa de Bíbulo"; etc.

36. O *genitivo de matéria,* relativamente pouco freqüente em latim pela concorrência do adjetivo de matéria, indica a matéria, a substância concreta de que se compõe uma coisa, ou, com substantivos coletivos, as unidades de que se compõe a coleção.

Exs.: *spondĕo mille auri Philippum* (Plaut., Trin., 1158) "prometo mil Filipes de ouro"; *munĕra portāntis aurīque eborīsque talĕnta* (Verg., En., 11,333) "levando presentes e talentos de ouro e de marfim"; *ancillārum gregem ducunt secum* (Ter., Heaut., 245) "levam consigo um rebanho de servas"; *auri quinque pondo abstŭlit* (Cíc., Clu., 64) "tirou o pêso de cinco libras de ouro"; *argēnti pondo XX milia* (Cés., B. Ciu., 2,18,4) "vinte mil libras de prata"; etc.

37. O *genitivo de qualidade* serve para caracterizar uma pessoa ou um objeto, indicando-lhe uma qualidade, sendo porém de se notar que tal genitivo costuma vir sempre acompanhado de um adjetivo.

Os genitivos das expressões *huius modi*, *eius modi* são considerados como genitivos de qualidade, sendo particularmente freqüentes na língua.

Exs.: *ceruum uasti corpŏris* (Fedr., 1,5,5) "veado de grande corpulência"; *uiro forti et magnae auctoritātis* (Cés., B. Gal., 5,35,6) "homem valente e de grande prestígio"; *uir magni ingeni* (Cíc., Leg., 3,45) "homem de grande talento"; *huius modi casus* (Cés., B. Ciu., 2,22,1) "acontecimentos desta natureza"; *huius modi paucas poetae reperiunt comoedias* (Plaut., Capt., 1033) "poucas comédias desta natureza acham os poetas"; *illīus modi magna ciuium penuria* (Ter., Ad., 441) "grande penúria de cidadãos daquela massa"; *an nescĭbas quam euis modi homĭni raro tempus se daret?* (Plaut., Bacch. 676) "então não sabias o quão raramente uma ocasião dessa natureza se oferece a um homem ?"; etc.

38. Pertencem ao genitivo de qualidade, e são muito freqüentes, as construções com numerais indicando a idade de uma pessoa, o número formado por um grupo de pessoas ou de coisas, as dimensões de um objeto, etc.

Exs.: *fossam obdūxit circĭter passum quadringentōrum* (Cés., B. Gal., 2,8,3) "mandou construir um fôsso de quatrocentos passos aproximadamente"; *huius enim classis mille et ducentārum nauium longārum fuit* (C. Nep. 2,2,5) "com efeito, sua esquadra foi de mil e duzentos navios longos";*hic decem annōrum legitĭmam poenam non pertŭlit* (C. Nep., 3,1,5) "êste não cumpriu até ao fim a pena de dez anos imposta pela lei"; *primum stipendĭum meruit annōrum decem septemque* (C. Nep., 24,1,2) "entrou para a carreira das armas aos dezessete anos"; etc.

39. O *genitivo explicativo* acrescenta-se a outro substantivo para indicar em que êste consiste.

Exs.: *propter eam causam scelĕris* (Cíc., Verr., 4,113) "por êsse motivo de crime"; *aliis ego te uirtutĭbus continentiae, grauitātis, iustitiae, fidei, caetĕris omnĭbus consulātu et omni honōre semper dignissĭmum iudicāui* (Cíc., Mur., 23) "pelas outras virtudes como a moderação (que consistem na moderação, etc.), ponderação, justiça, lealdade e tôdas as demais é que sempre eu te julguei absolutamente digno do consulado e de tôdas as honras"; *nomĭnis matrōnae sanctitudĭnem* (Afran., 326) "a santidade do nome de matrona"; *monstrum muliĕris* (Plaut., Poen., 273) "um monstro de mulher"; etc.

40. O uso do genitivo explicativo com os nomes locativos, acompanhando substantivos comuns como *urbs, oppidum, flumen*, é uma peculiaridade da língua familiar e da língua da poesia.

Exs.: *hic tamem ille urbem Pataui... locauit* (Verg., En., 1,247) "aqui, entretanto, êle fundou a cidade de Pádua"; *flumine Loracīnae*

(T. Lív., 43,4,6) "no rio Loracina"; *promunturium Misēni* (Tác., An., 6,40) "o promontório Miseno"; etc.

41. Resta-nos agora examinar alguns empregos especiais e expressões idiomáticas do genitivo. Para começar, uma observação de ordem geral: exceto o genitivo subjetivo e objetivo, via de regra o genitivo, em vez de se ligar diretamente ao substantivo para lhe completar o sentido, pode fazê-lo por meio do verbo *sum* ou de outros, que admitam um adjunto predicativo.

Exs.: *uirtus tantārum uirĭum non est* (Cíc., Tusc., 5,1) "a virtude não tem tão grandes fôrças"; *huius enim classis mille et ducentārum nauium longārum fuit* (C. Nep., 2,2,5) "com efeito, sua esquadra foi de mil e duzentos navios longos"; *fies nobilium tu quoque fontium* (Hor. Od. 1,9,13) "tu te tornarás também das fontes mais célebres"; *simulāre certe est homĭnis* (Ter., Ad., 734) "simular certamente é próprio do homem"; etc.

42. O *genitivo de preço* é usado em concorrência com o ablativo de preço, para indicar que a avaliação é feita de um modo mais geral, sendo particularmente freqüente com o genitivo de adjetivos e pronomes indefinidos quantitativos como *tanti, quanti, minoris, pluris*. Igualmente os genitivos *magni, maxĭmi, parui, minĭmi, nihili, tantŭli* são usados como genitivo de preço quando vêm acompanhados dos verbos *sum* (significando então "*custar ou valer*") e mais com os que significam "avaliar, estimar em".

Exs.: *frumēntum tanti fuit quanti iste aestimāuit* (Cíc., Verr., 3,194) "o trigo foi vendido tão caro quanto êste indivíduo o avaliou"; *est mihi tanti, Quirītes* (Cíc., Cat., 2,15) "vale a pena para mim, Quirites"; *uendo meum non pluris quam cetĕri, fortasse etiam minōris* (Cíc., Of., 3,12,51) "vendo o meu trigo não mais caro do que os demais; talvez mesmo mais barato"; *malus et nequam est homo qui nihili eri imperium sui seruos facit; nihili est autem suum qui officium facĕre inmĕmor est nisi est admonĭtus* (Plaut., Pseud., 1103-4) "é um mau e ruim escravo aquêle que não dá importância às ordens de seu senhor; também não vale nada o que não se lembra de fazer o seu dever se não fôr advertido"; *deos quidem quos maxŭme aequom est metuĕre eos minĭmi facit* (Plaut., Pseud., 269) "até aos deuses que se devem temer acima de tudo, êle não lhes dá a mínima importância"; etc.

43. O *genitivo de crime* indica o nome do crime de que se acusa, ou pelo qual se condena, ou ainda do qual se absolve uma pessoa, sendo usado especialmente com os verbos que significam *acusar, condenar, absolver*, etc.

Exs.: *pecuniae publĭcae est condemnātus* (Cíc., Flac., 43) "foi condenado por desvio de dinheiro público"; *cetĕros uero non dubitābo primum inertiae condemnāre, sententia mea, post etiam impu-*

dentiae (Cíc., De Or., 1,172) "aos demais, porém, não hesitarei em condená-los em minha sentença, primeiro pelo crime de preguiça, e depois ainda pelo de descaramento"; *ecquid argutust? — malōrum facinŏrum saepissĭme* (Plaut., Pseud., 746) "já não foi acusado? — de maus atos muitas vêzes"; *causa cognĭta, capĭtis absolūtus, pecuniae multātus est* (C. Nep., 1,7,6) "instruído o processo, foi absolvido da acusação capital, mas condenado a pagar uma multa"; *in quo uideo Nerōnis iudicio non te absolūtum esse improbitātis, sed illos damnātos esse caedis* (Cíc., Verr., 1,72) "nesse julgamento de Nero vejo não teres sido absolvido do teu procedimento criminoso, mas êsses homens serem condenados por crime de morte"; etc.

44. O *genitivo de respeito ou de relação,* que tem uma função aparentemente semelhante ao ablativo de relação, aparece com certa freqüência com alguns substantivos, principalmente com *anĭmus,* completando o sentido de alguns verbos e adjetivos que exprimem um estado passageiro de alma.

Exs.: *exanimatūsque pendet animi* (Cíc., Tusc., 4,35) "e apavorado, tem o coração nas mãos"; *angebātur animi* (Cíc., Verr., 2,84) "tinha a angústia no seu coração"; *coepĕram meā excruciāre animi* (Plaut., Epid., 390) "começara a me dilacerar o coração"; *absūrde facis qui angas te anĭmi* (Plaut., Epid., 326) "procedes insensatamente, tu que te afliges em teu espírito"; *discrucior anĭmi* (Plaut., Aul., 105) "dilacera-me o coração"; e: *nec sermōnis fallēbar tamen quae loquerentur* (Plaut., Epid., 239) "nem me escapava, entretanto, o que diziam na conversa"; *desipiēbam mentis cum illa scripta mittēbam tibi* (Plaut., Epid., 138) "eu perdia a cabeça quando te mandava aquêles escritos"; etc.

45. Enfim, o *genitivo exclamativo,* que aparece no grego com relativa freqüência, no latim só aparece em poesia, podendo ser considerado como uma construção sintática de imitação helênica, da qual no latim arcaico só ocorrem dois exemplos (ambos em Plauto). No período clássico e imperial é muito raro e de uso exclusivamente poético.

Exs.: *O mercis malae* (Plaut., Truc., 409) "ó mercadoria ordinária!"; *di immortāles, mercimoni lepidi* (Plaut., Most., 912) "deuses imortais, que belo negócio!" *o mihi nuntii beāti!* (Catul., 9,5) "ó notícia feliz para mim!"; *o misĕrae sortis!* (Luc., 2,45) "ó mísera sorte!".

V) Dativo.

46. O valor primitivo do dativo, e do qual de um modo amplo decorrem todos os outros, é indicar a atribuição, referindo a quem ou a que se destina uma coisa, ou ainda no interêsse de quem, ou para quem, ela se faz. Esta idéia fundamental de atribuição explica

o emprêgo do dativo como complemento não só de verbos, como também de substantivos e adjetivos, como passaremos a ver.

47. O *dativo de objeto indireto*, que se emprega em latim como objeto ou complemento indireto dos verbos transitivos, ou como complemento único dos verbos denominados intransitivos relativos, constitui o uso mais freqüente do dativo, por isso mesmo muitas vêzes definido como o caso pròpriamente do objeto indireto.

Exs.: *Hirtio cenam dedi* (Cíc., Fam., 9,20,2) "dei uma ceia a Hírtio"; *cum dico mihi ,senatŭi dico populōque Romāno* (Cíc., Phil., 11,20) "quando digo a mim, digo ao senado e ao povo romano"; *cui regnum Italiae Romanaque tellus debētur* (Verg., En., 4,275-6) "a quem são destinados o reino da Itália e a terra romana"; *his Caesar ita respōndit* (Cés., B. Gal., 1,14,1) "a êstes César assim respondeu"; *id modo si datur mihi* (Plaut., Amph., 646) "se ao menos isso é dado a mim"; *non multo plus patriae faueo quam tuae gloriae* (Cíc., Fam., 10,19,2) "não sirvo muito mais aos interêsses da pátria do que à tua glória"; *nemo est qui tibi sapientius suadēre possit te ipso* (Cíc., Fam., 2,7,1) "não há ninguém que te possa aconselhar mais sàbiamente do que tu mesmo"; *parēre legĭbus* (Cíc., Of., 2,11) "obedecer às leis"; *parēbit et oboediet praecepto illi uetĕri* (Cíc., Tusc., 5,36) "atenderá e obedecerá àquele velho preceito"; etc.

48. Os verbos que significam dar, enviar, aconselhar, dizer, impor, pedir ou suplicar, prometer, etc. são geralmente os verbos transitivos que admitem a construção com o dativo de objeto indireto acompanhando o acusativo de objeto direto. Entretanto, só a prática dos autores e os bons dicionários podem esclarecer sôbre o emprêgo e a regência dos verbos, muitos dos quais, aliás, podem ter mais de uma construção através das várias épocas da língua, ou ainda na mesma época, segundo os diversos matizes de significação, ou puramente de estilo, com que são usados. Assim, por exemplo, *adūlor* "acariciar, adular", no período arcaico da língua e em Cícero, sempre vem construído com o complemento direto no acusativo, mas, principalmente a partir de T. Lívio, cada vez mais se generaliza a sua construção com dativo.

Exs.: *cauēndum est ne adsentatorĭbus patefaciāmus auris neue adulāri nos sināmus* (Cíc., Of., 1,91) "cumpre precavermo-nos para não abrirmos os ouvidos aos lisonjeiros e não nos deixarmos adular"; *plebem adulāri* (T. Lív., 23,4,2) "lisonjear o povo"; *si Dionysium adulari uelles ista non esses ; — immo, inquit, si tu haec esse uelles, non adularere Dionysium* (V. Máx., 4,3, ext. 4) "se quisesses lisonjear Dionísio, não comerias isso; — pelo contrário, se tu comesses isso não adularias Dionísio". Mas : *neque eo magis potenti adulātus est Antonio* (C. Nep., 25,8,5) "nem por isso passou a adular Antônio então poderoso"; *per proditiōnem dignitātis patrum pebli adulātos* (T. Lív., 3,69,4) por traição à dignidade senatorial, adulavam o povo"; etc.

49. Geralmente os verbos compostos com os prevérbios *ad—*, *ante—*, *circum—*, *de— ex—*, *in—*, *inter—*, *ob—*, *post—*, *prae—*, *super—*, ou *sub—*, na prosa de Cícero e César, se constroem com a preposição que lhes serve de prevérbio, quando são empregados em sentido próprio, com idéia real de movimento ou exprimindo materialmente relação de lugar. Fora dêsses casos, sua construção mais freqüente é com o dativo.

Exs.: *hostium equitātus ad castra accēdit* (Cés., B. Gal., 5,50,4) "a cavalaria inimiga se aproxima de nosso acampamento"; *ad Caesărem supplex accedĕret* (Cíc., Fam., 4,4,3) "suplicante se aproximasse de César"; *ad te accēdent* (Plaut., Rud., 787) "aproximar-se-ão de ti"; mas: *sed uidēsne accessūram ei cura* (Cíc., Fin., 5,40) "mas não vês que se lhe acrescentará uma preocupação": *Cassio... anĭmus accēssit* (Cíc., At., 5,20,3) "Cássio criou ânimo"; *aduenīēnti sarcĭnam impōnam seni* (Plaut., Most., 430) "imporei uma carga ao velho que chega"; e: *in altĕram lancem anĭmi bonam impōnat* (Cíc., Tusc., 5,51) "ponha num dos pratos da balança a virtude"; *impōnit in nauim* (Plaut., Men., 26); *uerba sub acūmen stili subĕunt* (Cíc., De Or., 1,151) "as palavras acorrem na ponta do estilete (da pena)"; *cum luna sub orbem solis subīsset* (T. Lív., 37,4,4) "como a lua tivesse vindo sob o orbe do sol"; *muroque subībant* (Verg., En., 7,161) "e se aproximavam da muralha"; *dextĕrae alae sinīstra subiit* (T. Lív., 27,2,7) "a ala esquerda veio substituir a ala direita"; etc.

50. Embora pouco numerosos, alguns verbos que exprimem idéia de contato ou aproximação, como *misceo* "misturar, acrescentar a uma mistura", *iungo "ligar"*, "associar", *haereo "prender*, ficar seguro ou aderir", etc., podem construir-se com dativo, que então se costuma denominar *dativo de contato ou de aproximação*. Cumpre, porém, advertir que tais verbos são pouco numerosos, como dissemos, e mais ainda, admitem concomitantemente outras construções em que o dativo é substituído por uma preposição que acompanha acusativo ou ablativo, etc.

Exs.: *Fletūmque cruōri miscŭit* (Ov., Met., 4,140-1) "misturou o pranto ao sangue"; *Aufidius forti miscēbat mella Falērno* (Hor., Sát., 2,4,24) "Aufídio misturava mel com o forte Falerno"; e: *Surrentīna uafer qui miscet faece Falērna uina* (Hor., Sát., 2,4,55-6) "o homem hábil que mistura vinhos surrentinos com a lia do Falerno"; *cumque meis lacrĭmis miscŭit usque suas* (Ov., Pont., 1,9,20) "e misturou sempre as suas lágrimas com as minhas"; *ut aedificio iungātur* (Cés., B. Ciu., 2,10,7) "para que se junte ao edifício"; *dextrae iungĕre dextram* (Verg., En., 1,408) "unir a minha destra à tua destra"; e: *tigna bina sesquipedalia... inter se iungēbat* (Cés., B. Gal., 4, 17,3) "barrotes, de um pé e meio de grossura, reunidos dois a dois, juntava entre si"; *decus omne uirtūtis cum summa eloquentiae laude iunxīsses* (Cíc., Br., 331) "ter-se-ia unido todo o brilho da virtude

com a mais alta glória da eloqüência"; *causa ex pluribus quaestionĭbus iuncta* (Cíc., Inu., 1,17) "causa constituída por grande número de questões"; *haerēntem capĭti cum multa laude corōnam* (Hor., Sát., 1,10,49) "a coroa que com grande glória prende à sua cabeça"; e: *ad radīces linguae haerens stomachus* (Cíc., Nat., 2,135) "o esôfago, que se prende à base da língua"; *haesit in corpŏre ferrum* (Verg., En., 11,864) "o ferro ficou prêso em seu corpo"; etc.

51. Substantivos que se derivam dos temas dos verbos que habitualmente se constroem com o dativo, bem como numerosos adjetivos do mesmo radical dêsses verbos, ou que a êles se prendem por uma significação semelhante, costumam apresentar também um complemento no dativo.

Exs.: *iustitia est obtemperatio scriptis legĭbus institutisque populōrum* (Cíc., Leg., 1,42) "a justiça é a obediência às leis escritas e às instituições dos povos"; *nequa exprobatio cuīquam uetĕris fortūnae discordiam inter ordīnes serĕret* (T. Lív., 23,7) "para que qualquer censura dirigida a qualquer um a respeito de sua antiga fortuna não semeasse a discórdia entre as ordens"; *posse iis utĭlis esse amīcos* (Cés., B. Gal., 4,7,4) "poderiam ser-lhes amigos úteis"; *ut sibi libĕri superstĭtes essent* (Cíc., Nat., 2,72) "para que seus filhos os sobrevivessem i.é., lhes fôssem sobreviventes"; *condiciōnes pacis aequas uictis ac uictorĭbus fore* (T. Lív., 9,4,3) "que as condições de paz seriam iguais para os vencidos e vencedores"; *cui fundo erat affĭnis M. Tullius* (Cíc., Tul., 14) "propriedade vizinha de M. Túlio"; *qui finitĭmi Belgis erant* (Cés., B. Gal., 2,2,3) "os quais eram limítrofes dos belgas"; etc.

52. É ainda a idéia primitiva de atribuição que explica o emprêgo do dativo como complemento de alguns adjetivos como *aptus, accommodātus, idonĕus, gratus, fidus, infēstus,* etc.

Exs.: *ea quae natūrae sentit apta* (Cíc., Fin., 5,24) "o que sente ser conveniente à natureza"; *quod natūrae est accommodātum* (Cíc., Fin., 5,24) "o que está apropriado à natureza"; *loco castris idoneo capto* (Cés., B. Gal., 5,9,1) "tomado um local conveniente para o acampamento"; *mihi tamen grata est* (Cíc., At., 3,24,2) "entretanto me é grata"; *quem ex omnĭbus domĭno fidissĭmum credēbat* (T. Lív. 33,28,13) "que de todos os escravos julgava ser o mais fiel ao senhor"; *duas urbis huic imperio infestissĭmas* (Cíc., Cat., 4,21) "duas cidades as mais hostis a êste império"; *id gratum est mihi* (Plaut., Capt., 414) "isso me é grato"; *ego sum tibi firme fidus* (Plaut. M. Glor., 1015) "eu te sou firmemente fiel"; etc.

53. O *dativo de interêsse,* que indica a pessoa interessada no fato enunciado pela oração, em cujo proveito ou prejuízo se faz uma coisa *(datiuus commodi* ou *incommodi),* também se explica pela primitiva idéia de atribuição, que era inerente ao dativo.

Exs.: *non solum nobis diuĭtes esse uolŭmus, sed libĕris, propīnquis, amīcis* (Cíc., Of. 3,63) "não só para nós queremos ser ricos, mas para os filhos, os parentes, os amigos"; *non tibi sed patrĭae natus* (Cíc., Mur., 83) "nascido não para ti, mas para a pátria"; *salūtem accipĭo mihi et meis* (*Plaut., Epid.*, 548) "aceito a saudação para mim e para os meus"; *orbitātem tuae senectūti malam metui* (Afran., 40) "temi para a tua velhice uma orfandade danosa"; *eum esse exitium Troiae, pestem Pergamo* (Ên., Trag., 46) "ser a destruição para Tróia, a ruína para Pérgamo"; etc.

54. O *dativo de posse*, que se emprega junto ao verbo *sum* para indicar o possuidor de uma coisa, é uma extensão do dativo de interêsse, significando pròpriamente que algo existe para ou em proveito de alguém.

Exs.: *certe huic homĭni spes nulla salūtis esset* (Cíc., Verr. 3, 168) "certamente êste homem não teria nenhuma esperança de salvação"; *nihil est mihi cum eo* (Cíc., Phil., 2,77) "nada tenho com êle"; *nullum esse nobis seruom* (Plaut., Amph., 385) "não termos escravo algum"; *cum istoc mihi negoti nihil est* (Plaut., Curc., 465) "não tenho negócio algum com êste indivíduo"; *huic filia una est* (Plaut. Aul., 23) "êste tem uma filha única"; etc.

55. O *dativo de referência* relaciona-se à frase inteira e não ùnicamente ao verbo, para indicar a pessoa com referência à qual uma afirmação é verdadeira, com relação a quem tem existência real, numa palavra, designa a pessoa com relação à qual a frase se refere como um todo.

Exs.: *Caesar Gomphos peruēnit, quod est oppĭdum primum Thessaliae uenientĭbus ab Epīro* (Cés., B. Ciu., 3,80,1) "César veio a Gonfos, que é a primeira cidade para os que vêm do Epiro para a Tessália"; *non tibi ego exĕmpli satis sum?* (Ter., Heaut., 920) "não sou para ti um exemplo bastante ?"; *uox mihi ad auris aduolāuit* (Plaut., Amph., 325) "a voz me voou aos ouvidos"; *adstringĭte isti sultis uehemĕnter manus* (Plaut., Capt., 667) "amarrai, por favor, fortemente as mãos dêste"; *elephanto praefregisti bracchium* (Plaut., M. Glor., 25) "quebraste um braço a um elefante"; etc.

56. O *dativo ético* é o que freqüentemente aparece com os pronomes pessoais da primeira e segunda pessoas, indicando uma participação afetiva na ação expressa pelo verbo, sendo mais um recurso estilístico da língua falada, e por isso mesmo sendo encontrado com maior freqüência nos diálogos, nas apóstrofes ou admoestações, nas interpelações, etc.

Exs.: *quid tibi uis, inquit, insāne?* (Cíc., De Or., 2,269) "que queres, insensato ?"; *nunc amīci anne inimīci sis imāgo mihi sciam* (Plaut., Cas., 515) "agora saberei se me és a imagem do amigo ou do inimigo"; *caue mihi mendāci quicquam* (Plaut., As., 30) "não me

venhas com qualquer mentira!"; *quor perdis adulescēntem nobis* (Ter., Ad., 61) "porque nos pões o rapaz a perder?" etc.

57. O *dativo de agente* ou de *obrigação* indica que existe uma obrigação para tal pessoa, sendo comumente usado com o gerundivo. Emprêgo semelhante, mas menos freqüente, se encontra com os tempos do perfeito da voz passiva, indicando que para uma pessoa tal ação é considerada como um fato acabado ou consumado.

Exs.: *haec praecipūe colendast nobis* (Cíc., De Or., 2,148) "esta (a diligência) deve ser especialmente cultivada por nós"; *tibi cauēndum censeo* (Plaut., Cas., 411) "penso que te deves acautelar"; *ab domo abeūndo est mihi* (Plaut., Aul., 105) "devo afastar-me da casa"; *consolandus hic mihist* (Plaut., Bacch., 625) "êste deve consolar-me"; *mihi consilium captum iamdiu est* (Cíc., Fam., 5,19,2) "já tomei há muito uma resolução"; *istuc mihi certus erat* (Plaut., Capt., 215) "para mim isto já era uma coisa resolvida"; *ego istunc furtum scio quoi factum est* (Plaut., Rud., 958) "eu bem sei a quem foi feito êste furto"; *cui non sunt audītae Demosthēnis uigiliae ?* (Cíc., Tusc., 4,44) "a quem não são conhecidas as vigílias de Demóstenes ?"; etc.

58. O *dativo de destinação,* que indica precìpuamente a que se destina uma coisa, é empregado de regra geral nas construções com verbos de movimento como *eo* "ir", *mitto* "enviar", *duco* "conduzir", *adūco* "trazer", *uenio* "vir", e outros, bem como com algumas expressões ou locuções formadas com o substantivo *dies*. Geralmente, êste dativo vem acompanhado do dativo de objeto indireto ou de interêsse.

Exs.: *(Veientes)... pars Sabīnis eunt subsidio* (T. Lív., 2,53,2) "parte dos veientes vão em socorro dos sabinos"; *quem auxilio Caesări Haedui misĕrant* (Cés., B. Gal., 1,18,10) "(a cavalaria) que os éduos haviam mandado em auxílio de César"; *cum omnibus copiis auxilio Neruiis uenīrent* (Cés., B. Gal., 2,29,1) "como viessem vindo em auxílio dos nérvios com tôdas as suas tropas"; *qui auxilio a Gallis arcessīti dicebāntur* (Cés., B. Gal., 3,11,2) "os quais se diziam chamados pelos gauleses em seu auxílio"; *dies conloquio dictus est* (Cés., B. Gal., 1,42,3) "foi marcado o dia para a entrevista"; *itĕrum conloquio diem constituĕret* (Cés., B. Gal., 1,47,1) "que novamente marcasse um dia para a entrevista"; etc.

59. Além dessas expressões e de outras, como *receptui canĕre* "dar o toque de retirada", Cícero acrescenta *mittĕre aliquid alicui munĕri* "enviar algo a alguém para presente", e *dare alicui pecuniam faenori* "emprestar dinheiro a juros a alguém". Vergílio, porém, e os poetas, bem como os prosadores cuja língua mais se aproxima da língua da poesia, como por exemplo Tácito, empregam o dativo de

INDEX

destinação em construções muito mais livres, estendendo-lhe extraordinàriamente os domínios.

Exs.: *symphoniăcos homĭnes sex cuĭque amīco suo Romam munĕri misit* (Cíc., Verr., 5,64) "envia de presente a Roma a certo amigo seu seis músicos"; *idem pecunias... faenŏri dabat* (Cíc. Verr., 2,170) "o mesmo emprestava dinheiro a juros"; *uentūrum excidio Libyae* (Verg., En., 1,22) "viria para a destruição da Líbia"; *glomerāre manum bello* (Verg., En., 2,315) "ajuntar um punhado de homens para a guerra"; *collēctam exsilio pubem* (Verg., En., 2,798) "multidão reunida para o exílio"; *bello armāntur equi* (Verg., En., 3,540) "é para a guerra que se armam os cavalos"; *centuriōnem cognomēnto Sirpĭcus illa morti depōscit* (Tác., An., 1,23,5) "aquela (legião) reclamava a morte de um centurião apelidado Sírpico"; *quod gnarum duci incessitque itinĕri et proelio* (Tác., An., 1,51,5) "informado do fato, o general tomou as suas disposições para a marcha e para o combate"; etc.

60. Pertence ainda ao *dativo de destinação* a construção do verbo *sum* com dois dativos, sendo um dêles um dativo de interêsse (*datiuus commodi* ou *incommodi*), e outro servindo para indicar o efeito ou conseqüência de uma coisa.

Exs.: *agmen hostium claudēbant et nouissĭmis praesidio erant* (Cés., B. Gal., 1,25,6) "fechavam a marcha protegendo-a do inimigo e serviam de proteção para a retaguarda"; *omniaque quae uiuis cordi fuĭsse arbitrāntur* (Cés., B. Gal., 6,19,4) "e tudo o que pensam ter sido caro em vida"; *his difficultatĭbus duae res erant subsidio* (Cés., B. Gal., 2, 20,3) "a estas dificuldades duas coisas serviam de auxílio"; etc.

61. Enfim, os poetas e alguns prosadores do período imperial, cuja língua mais se aproxima da dos poetas, passam a empregar o chamado *dativo de direção* com os verbos de movimento, em vez da construção clássica que exigia o acusativo precedido de *ad* ou de *in*.

Exs.: *it clamor caelo* (Verg., En., 5,451) "vai um clamor ao céu"; *iam satis terris niuis atque dirae / grandĭnis misit pater* (Hor., Od., 1,2, 1-2) "O pai dos deuses já enviou às terras bastante neve e sinistro granizo"; *latĕri capŭlo tenus abdĭdit ensem* (Verg., En., 2,553) "cravou-lhe no flanco a espada até o copo"; etc.

VI) Ablativo

62. Como já tivemos oportunidade de ver no estudo da morfologia nominal, o ablativo latino representa a síntese de três casos: o *ablativo pròpriamente dito*, que a princípio indicava ponto de partida ou afastamento; o *instrumental*, cujo valor mais característico era o de exprimir o instrumento, o meio ou o modo com que ou

por que se fazia uma coisa; e o *locativo*, que indicava o lugar ou tempo em que se realizava a ação expressa pelo verbo. No estudo dêste caso iremos subordinar a nossa exposição a cada um dêsses valores primitivos.

I) Ablativo Pròpriamente Dito

63. Começaremos pelo estudo do *ablativo pròpriamente dito*, cuja função precípua era indicar o ponto de partida. Primitivamente, deveria ter sido usado nesse sentido, sem ser acompanhado por preposições, construção de que ainda há vestígios em latim com os nomes de cidades e pequenas ilhas, bem como com os substantivos *domus* e *rus*.

Exs.: *ut domo emigrent* (Cés., B. Gal., 1,31,14) "emigrarem da pátria"; *cum Tullius rure redĭerit* (Cíc., Fam., 5,20,9) "quando Túlio voltar do campo"; *sexto die Delum Athēnis uenīmus* (Cíc., At., 5,12,1) "no sexto dia viemos de Atenas a Delos"; *postquam abii domo* (Plaut., Merc. 12) "depois que saí de casa"; *unde exit haec? — unde nisi domo? — domo?* (Plaut., M. Glor., 375) "de onde saiu esta mulher? — de onde senão de casa? — de casa?"; *cras si rure redĭerit* (Plaut., Merc., 586) "se voltar do campo amanhã"; *ecquam tu aduēxti tuae matri ancīllam Rhodo* (Plaut., Merc. 390) "não trouxeste uma escrava de Rodes para tua mãe?"; *puer septuēnnis surripĭtur Carthagĭne* (Plaut., Poen., 66) "menino de sete anos é roubado de Cartago"; etc.

64. Fora dos casos supracitados, o ablativo pròpriamente dito, empregado com os verbos que encerram idéia de afastamento, vem geralmente acompanhado das preposições *ab*, *de* ou *ex*, tendendo cada vez mais a se generalizar o emprêgo destas preposições, embora haja neste particular grande variedade, vindo uns verbos construídos com preposição e outros sem ela, e ainda um mesmo verbo, em determinada expressão, construindo-se com preposição e em outra sem ela.

Exs.: *ut ab illis ipse unctior abiret* (Cíc., Verr., 2,54) "para que os deixasse, estando êle próprio mais gordo"; *equitātu ex castris educto* (Cés., B. Gal., 7,79,1) "retirada a cavalaria do acampamento"; *abeamus a fabŭlis* (Cíc., Diu., 2,22) "deixemos as narrativas fabulosas"; *quem naui abire uotui* (Plaut., Merc., 110) "quem proibi deixar o navio"; *abiisse a portu* (Plaut., Merc., 223) "ter deixado o pôrto"; *abin e conspectu meo* (Plaut., Amph. 518) "não te retiras da minha presença?"; *hunc et huius socios a tuis ceterisque templis a tectis urbis ac moenĭbus, a uita fortūnisque ciuium omnium arcēbis* (Cíc., Cat., 1,33) "afastarás a êste e a seus companheiros dos teus templos e dos templos dos demais deuses, dos tetos e das muralhas da cidade, da vida e da sorte de todos os cidadãos"; *ubi portu eximus*

(Plaut., Bacch. 289) "quando saímos do pôrto"; *aquam de agro depelli oportet* (Cat., Agr., 155,1) "cumpre fazer sair a água do campo"; etc.

65. O *ablativo de separação*, que é uma decorrência do sentido primitivo de ponto de partida, aparece com os verbos que indicam uma idéia de separação, privação ou falta, e exclusão. O ablativo de separação ora vem acompanhado da preposição *ab*, ora a dispensa, sendo que a preferência por uma ou outra dessas construções é mais dos domínios da estilística e da semântica do que pròpriamente da sintaxe.

Exs.: *ut Caesar ab exercĭtu intercludātur* (Cés., B. Gal., 7,1,6) "para que César fôsse separado de seu exército"; *secernāntur a nobis* (Cíc., Cat., 1,32) "separem-se de nós"; *Democrĭtus dicĭtur ocŭlis se priuāsse* (Cíc., Fin., 5,87) "diz-se que Demócrito se privou dos olhos"; *sed tamen uacāre culpa magnum est solacĭum* (Cíc., Fam., 7,3,4) "mas, entretanto, estar isento de culpa é um grande consôlo"; *nullum tempus illi umquam uacābat aut a forēnsi dictiōne aut a commentatiōne domestĭca* (Cíc., Br., 272) "jamais em nenhum momento estava livre ou de um discurso no fôro ou de uma declaração em casa"; *ut religiōne ciuĭtas soluatur* (Cíc., Caec., 98) "para solver a cidade de um compromisso solene (entregar-se um cidadão)"; *corde expĕlle desidĭam tuo* (Plaut., Trin., 650) "expele a desídia do teu coração"; *igni quom et aqua interdixĕrit* (Lucil., 787) "quando lhe fôr interdito o fogo e a água"; *anĭma priuābo uirum* (Plaut., Men., 905) "privarei o homem da alma"; *me curae somno segrĕgant* (Turp., 52) "as preocupações me segregam do sono"; *arbŏres uento uacant* (Ên., Var. Scip., 4) "as árvores não são agitadas pelo vento"; etc.

66. Constroem-se também com o ablativo de separação alguns adjetivos que indicam separação ou privação, vindo igualmente o ablativo acompanhado ou não da preposição *ab*.

Exs.: *itaque orbus iis rebus omnĭbus, quĭbus et natūra me et uolūntas et consuetūdo adsuefecĕrat* (Cíc., Fam., 4,13,3) "por conseguinte, privado de tôdas essas coisas a que a natureza, a vontade e o hábito me haviam acostumado"; *ut expers sis metu* (Plaut., Asin., 44) "para que fiques isento de mêdo"; *arce et urbe orba sum* (Ên., Trag., 77) "estou privada da cidadela e da cidade"; etc.

67. O *ablativo de origem* é igualmente uma decorrência do ablativo de ponto de partida, podendo mesmo ser considerado como um seu emprêgo figurado. É usado com verbos que indicam a origem ou procedência, podendo esta procedência ser o pai ou a mãe, a família, a estirpe ou classe social, ou, enfim, mais raramente, um lugar ou cidade. Quando o substantivo vem acompanhado de um adjetivo, geralmente se constrói sem preposição; nos demais casos é possível a construção com preposição ou sem ela.

Exs.: *ut patre certo nascerēre* (Cíc., Rosc., Am., 46) "nasceres de pai certo"; *C. Gracchus, clarissĭmo patre, auo, maiorĭbus* (Cíc., Cat., 1,4) "Caio Graco de ilustríssimo pai, avô e antepassados"; *parēntis nati humilĭbus* (Cíc., Lae., 70) "nascidos de pais muito humildes"; *Romŭlus deo prognātus, deus ipse* (T. Lív., 1,40,3) "Rômulo, filho de um deus, e deus êle mesmo"; *quid Medēae respondēbis, quae duōbus auis, Sole et Oceăno, Aeēta patre, matre Idyĭa procreāta est* (Cíc., Nat., 3,48) "que responderás a Medéia, que dos dois avós o Sol e o Oceano, e do pai Eeta e da mãe Idíia foi gerada?"; *dis genĭte et genitūre deos* (Verg., En., 9,642) "ó filho de deuses e que irás gerar deuses"; *Venus prima Caelo et Die nata, cuius Eli delūbrum uidĭmus, altĕra spuma procreāta, ex qua et Mercurio Cupidĭnem secundum natum accepĭmus, tertia Ioue nata et Diona, quae nupsit Volcāno, sed ex ea et Marte natus Antĕros dicĭtur* (Cíc., Nat., 3,59) "a primeira Vênus, cujo templo vemos na Élida, nasceu do Céu e da Luz ; a segunda foi gerada da espuma (dela e de Mercúrio sabemos que nasceu o segundo Cupido); a terceira (que se casou com Vulcano, mas se diz que dela e de Marte nasceu Antero) é filha de Júpiter e de Dione"; *natus in amplissĭma ciuitāte summo genĕre* (C. Nep., 7,12) "nascido de muito nobre família numa cidade importantíssima"; *omnes Latīni ab Alba oriŭndi* (T. Lív., 1,52,2) "todos os latinos oriundos de Alba"; *quo de genĕre natus est ?* (Plaut., Capt., 277) de que raça nasceu ?"; *Lucānis oriŭndi montĭbus tauri* (Lucil., 247) "touros oriundos das montanhas da Lucânia", etc.

68. Enfim, o *ablativo de comparação* é uma decorrência do ablativo de afastamento, indicando por assim dizer o ponto de partida da comparação. O emprêgo do ablativo de comparação, entretanto, se restringe aos casos em que o primeiro têrmo da comparação estiver no nominativo ou no acusativo.

Exs.: *luce sunt clariōra nobis tua consilia omnia* (Cíc., Cat., 1,6) "para nós os teus planos todos são mais claros do que a luz"; *Herodŏtum cur ueraciōrem ducam Ennio ?* (Cíc., Diu., 2,115) "porque hei de julgar Heródoto mais digno de fé do que Ênio ?"; *nil hoc homĭne audacĭus* (Plaut., Men., 631) "nada é mais audaz do que êste homem"; *nullus hoc puĕro peior* (Plaut., Pers., 202) "ninguém pior do que êste rapaz"; etc.

69. Ao ablativo de origem prende-se o *ablativo de matéria*, que indica de que matéria é feita uma coisa, um objeto.

Exs.: *ualuas magnificentiōres, ex auro atque ebŏre perfectiōres nullas umquam ullo in templo fuisse* (Cíc., Verr., 4,124) "não ter havido jamais em templo algum batentes de portas mais luxuosos e mais perfeitos, trabalhados em ouro e marfim"; *et uirĭdi in campo templum de marmŏre ponam* (Verg., Geo., 3,13) "e na planície verdejante levantarei um templo de mármore"; *pharĕtra ex auro* (Verg., En., 4,138) "aljava de ouro"; etc.

II) Ablativo Instrumental

70. O valor primitivo do instrumental era indicar a pessoa ou coisa com quem ou com a qual se fazia a ação indicada pelo verbo. Era por conseguinte o caso do adjunto circunstancial de companhia, de instrumento, de modo, etc. Absorvendo o antigo instrumental, o ablativo irá desempenhar em latim estas funções, que passaremos a estudar.

71. *Ablativo de companhia*: o antigo instrumental sociativo indica o adjunto circunstancial de companhia, vindo geralmente acompanhado da preposição *cum*, cujo emprêgo, entretanto, não é de caráter obrigatório, aparecendo também com relativa freqüência a forma casual isolada.

Exs.: *seruos quibus siluas publĭcas depopulātus erat* (Cíc., Mil., 26) "escravos com os quais devastara as florestas do estado"; *educ tecum etiam omnis tuos* (Cíc., Cat., 1,10) "leva contigo também todos os teus"; *uagāmur egentes cum coniugĭbus et libĕris* (Cíc., At., 8,2,3) "vagamos na penúria com nossas espôsas e nossos filhos"; *cum omnĭbus copiis exīrent* (Cés., B. Gal., 1,2,2) "partissem com tôdas as tropas"; *comitātus Achāte* (Verg., En., 1,312) "acompanhado de Acates"; *ipse cum omnĭbus copiis* (Cés., B. Gal., 4,21,3) "êle mesmo com tôdas as tropas"; etc.

72. O *ablativo de circunstância* mostra as circunstâncias que acompanham a ação indicada pelo verbo.

Exs.: *in hac officīna maiōrem partem diēi cum tunica pulla sedēre solēbat* (Cíc., Verr., 4,54) "nesta oficina costumava sentar-se com uma túnica de lã grosseira, grande parte do dia"; *pulcherrĭmo uestītu et ornātu regāli* (Cíc., Fin., 2,69) "com uma belíssima veste e ornamento real"; *magno fletu auxilium a Caesăre petĕre coepērunt* (Cés., B. Gal., 1,32,1) "começaram a pedir com grande pranto auxílio a César"; *aut magno cum pericŭlo longius ab castris processūros* (Cés., B. Gal., 7,14,7) "ou com grande risco avançariam mais longe do acampamento"; *inuŏcat deos manĭbus puris* (Plaut., Amph., 1093) "invoca os deuses com mãos puras"; *nimio ego hanc pericŭlo surrupŭi hodie* (Plaut., Men., 199) "eu a furtei hoje com demasiado risco"; *suo sonĭtu claro fulgurĭuit Iuppĭter* (Nev., Trag. 12) "Júpiter relampejou com seu claro estrondo"; *at tuba terribĭli sonĭtu taratantara dixit* (Ên., An., 140) "mas a trombeta proferiu com som terrível o tá tará tá tá"; etc.

73. O *ablativo de modo* é uma extensão do emprêgo do ablativo de circunstância ou concomitância, indicando o modo em conformidade com que se faz a ação indicada pelo verbo. De regra geral, o ablativo de modo vem sempre acompanhado de um adjetivo, a não ser em certas expressões quase equivalentes a um advérbio de modo,

como: *agmĭne* "em ordem de marcha", *arte* "com método", *casu* "por acaso", *consilio* "deliberadamente", *cursu* "correndo", *consuetudĭne* "como de costume", *iure* "com razão", *ordĭne* "com ordem", *ratiōne* "com método", *pedĭbus* "a pé", *silentio* "em silêncio", *ui* "com violência", etc.

Exs.: *eos semper pura, intĕgra, incorrūpta et mente et uoce uenerēmur* (Cíc., Nat., 2,71) "a êles (os deuses) sempre veneremos com a mente e a voz pura, íntegra e incorrupta"; *Brutum uidi, quanto meo dolōre non dico* (Cíc., Phil., 1,9) "vi Bruto ; não digo com que grande dor para mim"; *bonōque ut anĭmo sedĕant in subsellĭis* (Plaut., Poen., 5) "para que de boa vontade se sentem nos bancos"; *solet iocāri saepe mecum illoc modo* (Plaut., Men., 317) "costuma brincar comigo freqüentemente dessa maneira"; *abs te hoc bona uenia peto* (Ter., Phorm., 378) "peço-te isto com tua permissão"; *uiden tu hunc quam inimīco uoltu intuĭtur* (Plaut., Capt., 557) "vês com que cara amarrada (de poucos amigos) êle está olhando ?"; etc.

74. O *ablativo de qualidade* é uma construção que lembra muito a do genitivo de qualidade, servindo para indicar uma qualidade distintiva ou essencial, ou, ao contrário, um caráter exterior ou uma disposição do espírito em que se encontra uma pessoa em dado momento. No primeiro caso, poderia o ablativo de qualidade alternar com o genitivo de qualidade, sendo-lhe equivalente.

Exs.: *erat inter Labiēnum atque hostem difficĭli transĭtu flumen ripīsque praerūptis* (Cés., B. Gal., 6,7,5) "havia entre Labieno e o inimigo um rio de difícil passagem e margens abruptas"; *muliĕrem eximia pulchritudĭne* (Cíc., Verr., 1,64) "mulher de extraordinária beleza"; *Agesilāus et statūra fuit humĭli et corpŏre exigŭo* (C. Nep., 17,8,1) "Agesilau foi de baixa estatura e corpo franzino"; *Aristotĕles, uir summo ingenĭo* (Cíc., Tusc., 1,7) "Aristóteles, homem de extraordinário talento"; *filiumque puerīli aetāte* (Cés., B. Gal., 6,18,3) "e um filho em idade juvenil"; *Thuyn, homĭnem maxĭmi corpŏris, terribilīque facĭe* (C. Nep., 14,3,1) "Tui, homem de grande corpulência e semblante feroz"; *cano capĭte atque alba barba misĕrum me* (Plaut. Bacch., 1101) "pobre de mim, de cabeça branca e alva barba"; *forma eximĭa muliĕrem* (Plaut., Merc., 13) "mulher de exímia formosura"; *hunc homĭnem nimium lepĭdum et nimĭa pulchritudĭne* (Plaut., M. Glor. 998) "êste homem extraordinàriamente elegante e de extraordinária beleza"; etc.

75. Um dos empregos mais freqüentes do ablativo instrumental é indicar o instrumento e, em sentido figurado, o meio empregado para fazer uma ação.

Exs.: *ut igni cremarētur* (Cés., B. Gal., 1,4,1) "que fôsse queimado com fogo"; *cum pugnis et calcĭbus concīsus esset* (Cíc., Verr., 3,56) "como fôsse abatido a sôcos e pontapés"; *certantis pugnis, cal-*

cibus, unguibus, morsu (Cíc., Tusc., 5,77) "lutando a sôcos, pontapés, unhadas, dentadas"; *magis uirtūte quam dolo contenděrent* (Cés., B. Gal., 1,13,6) "combatiam mais com a coragem do que com a astúcia"; *neque, etiam queo pedibus ambulāre* (Plaut., Truc., 527) "nem posso mais andar com os pés"; *sese mecum decerněre ferro* (Ên., An., 133) "êle combater comigo com o ferro"; *sagitta Cupīdo cor meum transfixit* (Plaut., Pers., 25) "Cupido transpassou o meu coração com uma seta"; etc.

76. Ao ablativo de instrumento ou de meio se ligam outras construções, como por exemplo o *ablativo de causa,* que indica a causa cuja ação produz determinado efeito. Igualmente o ablativo empregado junto de verbos ou adjetivos que exprimem um sentimento, como alegria, tristeza, aflição, etc., designando a causa que dá origem ao sentimento, é um ablativo de causa.

Exs.: *uolnus accēpit eōque interiit* (Cíc., At., 5,20,3) "recebeu um ferimento e morreu dêle"; *tanta erat horum exercitatiōne celerĭtas* (Cés., B. Gal., 1,48,7) "tamanha era a velocidade dêles pelo exercício"; *uti opiniōne et amicitĭa popŭli Romāni tuti esse possint* (Cés., B. Gal., 4,16,7) "que pela opinião e amizade do povo romano poderiam estar em segurança"; *itaque uidĕas rebus iniūstis iustos maxĭme dolēre, imbellĭbus fortes, flagitiōsis modestos. Ergo hoc proprĭum est anĭmi bene constitūti, et laetāri bonis rebus, et dolēre contrarĭis* (Cíc., Lae., 47) "verifica-se, pois, que os justos se afligem particularmente por causa da injustiça, os bravos por causa da covardia, os temperantes por causa da luxúria. Evidentemente isto é próprio das almas bem formadas: regozijar-se com o bem e afligir-se com o mal"; *nemo enim maeret suo incommŏdo* (Cíc., Tusc., 1,30) "com efeito, ninguém fica desolado com a própria perda"; *Campāni semper superbi bonitāte agrōrum et fructuum magnitudĭne, urbis salubritate discriptiōne, pulchritudĭne* (Cíc., Agr., 2,95) "os campanos sempre foram orgulhosos da excelência de suas terras, da grandeza de seus frutos, da salubridade, do traçado e da beleza de sua cidade"; etc.

77. A construção mais geral e freqüente do ablativo de causa ocorre com verbos na voz passiva, para indicar o chamado *adjunto de causa eficiente* ou *agente da passiva,* vindo geralmente acompanhado da preposição *ab* se êste fôr um nome de pessoa.

Exs.: *a patre exheredātus est* (C. Nep., 2,1,2) "foi deserdado pelo pai"; *cum sis grauissimo iudicio taciturnitātis oppressus* (Cíc., Cat., 1,16) "quando tenhas sido esmagado pelo julgamento severíssimo do silêncio"; *id C. Verres ab regibus ornāri non passus est* (Cíc., Verr., 1,71) "C. Verres não permitiu que êsse templo fôsse decorado por reis"; *frutmēnta non solum tanta multitudĭne iumentōrum atque homĭnum consumebāntur* (Cés. B. Gal., 6,43,3) "o trigo era consumido não só por tão grande número de animais e de homens..."

magna parte milītum deserītur (Cés., B. Gal., 1,15,3) "é abandonado por grande parte dos soldados"; *captus ab Romānis nauĭbus erat* (T. Lív., 25,23,8) "fôra capturado por naus romanas"; *multis ciuitatĭbus expetītum* (Cíc., Arch., 22) "reclamado por muitas cidades"; etc.

78. Prendem-se ao ablativo de instrumento outras construções, como a do *ablativo de preço, o ablativo de abundância,* usados com verbos e adjetivos que dão uma idéia de abundância.

Exs.: *ego ternis HS non possum uendĕre* (Cíc., Verr., 3,196) "quanto a mim, não posso vender por três sestércios"; *quanti frumēntum sit considĕra. — Video esse binis HS* (Cíc., Verr., 3,196) "verifica qual seja o preço do trigo. — Vejo que está a dois sestércios"; *num uir bonus emet denario quo sit mille denarium?* (Cíc., Of., 3,92) "então um homem de bem irá comprar por um dinheiro o que vale mil dinheiros?"; *lis quinquagĭnta talĕntis aestimāta est* (C. Nep., 1,7,6) "a multa foi avaliada em cinqüenta talentos"; *paruo pretio redēmpta habēre* (Cés., B. Gal., 1,18,3) "ter comprado por preço vil"; *uilla abundat porco, haedo, agno, gallīna, lacte, melle* (Cíc., C. M., 56) "o sítio tem em abundância porcos, cabritos, carneiros, galinhas, leite e mel"; *Hamĭlcar equis, armis, uiris, pecunĭa totam locupletāuit Africam* (C. Nep., 22,4,1) "Hamilcar locupletou tôda a África com cavalos, armas, homens e dinheiro"; *telis complebāntur corpŏra* (Plaut., Amph., 251) "os corpos se enchiam de dardos"; *Amor et melle et felle fecundissimus* (Plaut., Cist., 69) "o Amor é fecundíssimo em mel e fel"; etc.

79. O *ablativo de lugar por onde* é também uma construção que se prende ao ablativo de instrumento, podendo ser interpretado como o caminho de que a pessoa se serve para ir a um determinado lugar. Êsse ablativo aparece principalmente nos historiadores; além disso seu emprêgo é também comum com os pronomes tornados advérbios, como *ea, hac, illac, qua,* etc., e com vários substantivos.

Exs.: *relinquebātur una per Sequănos uia, qua Sequănis inuītis... ire non potĕrant* (Cés., B. Gal., 1,9,1) "restava um caminho através do território dos séquanos, pelo qual não poderiam ir contra a vontade dos séquanos; *erant omnīno itinĕra duo, quibus itineribus exīrent possent* (Cés., B. Gal., 1,6,1) "havia ao todo dois caminhos, pelos quais caminhos poderiam emigrar"; *ab dextĕra parte alio ascēnsu eōdem tempŏre Haedŭos mittit* (Cés., B. Gal., 7,45,10) "do lado direito, manda os éduos ao mesmo tempo por uma outra subida"; *nunc iter conficiebāmus aestuōsa et puluurulēnta uia* (Cíc., At., 5,14,1) "agora terminamos a jornada por uma estrada escaldante e poeirenta"; *multo breuiōre itinĕre illi ad Hibērum peruenīre possent* (Cés., B. Ciu., 1,63,2) "êles poderiam chegar ao Ebro por um caminho muito mais rápido"; etc.

80. Enfim, representam ainda o antigo instrumental, o *ablativo de relação* ou *ponto de vista*, e o *ablativo de diferença*. O primeiro é particularmente freqüente com as expressões como *re* "de fato", *specie* "aparentemente", "na aparência", *re uera* ou *re ipsa* "realmente", aparecendo ainda em muitos outros casos, indicando o ponto de vista ao qual se restringe a afirmação. O segundo é empregado junto dos comparativos ou expressões equivalentes ou análogas para indicar a diferença, ou em quanto uma coisa ou uma pessoa é superior ou inferior a outra.

Exs.: *Popŭli Romāni hanc esse consuetudĭnem, ut socios atque amīcos non modo sui nihil deperdĕre, sed gratia, dignitāte, honōre auctiōres uelit esse* (Cés., B. Gal., 1,43,8) "êsse era o hábito do povo romano que os seus aliados e amigos não só nada perdessem de seu, mas queria ao contrário que fôssem maiores quanto ao prestígio, à consideração e à dignidade"; *horridiōres sunt in pugna aspectu* (Cés., B. Gal., 5,14,2) "são particularmente terríveis em combate quanto à aparência"; *mutilaeque sunt cornĭbus* (Cés., B. Gal., 6,27,1) "e não têm chifres, i.é., e são mutilados no que se refere aos chifres"; *ne se admŏdum anĭmo demittĕrent* (Cés., B. Gal., 7,29,1) "que não se deixassem de tal forma abater quanto à moral"; *maxĭme popŭlus Romānus anĭmi magnitudĭne excēllit* (Cíc., Of., 1,61) "o povo romano é extraordinário principalmente no que se refere à grandeza de alma"; e:*Hibernĭa dimidĭo minor, ut existimātur, quam Britannĭa* (Cés., B. Gal., 5,13,2) "a Hibérnia, duas vêzes menor do que a Bretanha, como se pensa"; *maturius paulo quam tempus anni postulābat* (Cés., B .Gal., 1,54,2) "um pouco mais depressa do que a estação do ano reclamava"; *quanto superiōres simus, tanto nos gerāmus summissĭus* (Cíc., Of., 1,90) "quanto mais formos superiores, tanto nos portemos com maior humildade"; etc.

III) Ablativo Locativo

81. Como vimos, o locativo, que servia para indicar o lugar, e por extensão o tempo, deixou alguns vestígios em latim, no singular da primeira e segunda declinação principalmente, sendo, porém, de um modo geral, substituído pelo ablativo, que o absorveu. Assim, o ablativo locativo, segundo a sua proveniência, indicará uma localização no espaço (questão *ubi*), ou no tempo (questão *quando*).

82. O *ablativo de lugar* em latim vem geralmente acompanhado da preposição *in*, exceto com os nomes de cidade, pequenas ilhas, com os substantivos *domus* e *rus*, com a expressão *terra et mari* (às vêzes, mesmo quando empregados isoladamente), enfim, freqüentemente com o ablativo de *locus*, acompanhado de um adjetivo, ou de um substantivo acompanhado de *totus*.

Exs.: *in foro palam Syracūsis* (Cíc., Verr., 2,81) "pùblicamente no fôro de Siracusa"; *in orbe terrārum* (Cíc., Verr., 2,88) "no orbe da terra, no mundo"; *tota in Asia, tot in ciuitatĭbus* (Cíc., Pomp., 7) "na Ásia tôda, em tantas cidades"; *iamque esse in agris frumēnta matūra* (Cés., B. Gal., 1,40,11) "e já haver nos campos trigo maduro"; *Q. Tullĭum Cicerōnem et P. Sulpicĭum Cauillōni et Matiscōne... conlŏcat* (Cés., B. Gal., 7,90,7) "coloca Q. Túlio Cícero e P. Sulpício em Cabilono e em Matiscão"; *in Sicilĭam et terra et mari esse missūrum* (Cíc., Verr., 2,96) "mandaria para a Sicília por terra e por mar"; *uel terra uel mari* (Cíc., Verr., 4,117) "ou por terra ou por mar"; *cum Xerxes et mari et terra bellum uniuērsae infĕrret Europae* (C. Nep. 2,2,4) "como Xerxes levasse a guerra à tôda a Europa por mar e por terra"; *praefĕctus classis res magnas mari gessit* (C. Nep. 9,1,1,) "como comandante da esquadra fêz grandes feitos no mar"; *aliēno loco cum equitātu Heluetiōrum proelium commĭttunt* (Cés., B. Gal., 1,15,2) "em lugar desfavorável travam combate com a cavalaria dos helvécios"; *totis castris testamēnta obsignabāntur* (Cés., B. Gal., 1,39,5) "em todo o acampamento se assinavam testamentos"; etc.

83. Além dêstes casos, raramente se encontra a preposição omitida antes de um ablativo locativo acompanhado de adjetivo, sendo que a omissão da preposição antes do ablativo locativo isolado só ocorre em poesia, nos prosadores cuja língua se aproxima da língua poética, e no latim vulgar.

Exs.: *Antiochīae... celĕbri quondam urbe et copiōsa* (Cíc., Arch., 4) "em Antioquia, cidade outrora populosa e rica"; *sinistro cornu* (Cés., B. Gal., 3,88,6) "na ala esquerda"; *nebŭla campo quam montĭbus densior sederat* (T. Lív., 22,4,6) "a névoa pousara mais densa na planície do que na montanha"; *ter fessus ualle resēdit* (Verg., En., 8,232) "três vêzes fatigado se sentou no vale"; etc.

84. O *ablativo de tempo* indica o momento preciso em que uma ação se realiza; designa uma divisão do tempo, uma data, caso em que vem geralmente construído sem preposição.

Exs.: *qua nocte natus Alexander esset eādem Dianae Ephesiae templum deflagrauīsse* (Cíc., Nat., 2,69) "na noite em que nascera Alexandre, o templo de Diana de Éfeso se incendiara"; *omnĭbus horis* (Cíc., Amer., 154) "a tôdas as horas"; *postĕro die castra ex eo loco mouent* (Cés., B. Gal., 1,15,1) "no dia seguinte, levantam acampamento dêsse lugar"; *prima luce* (Cés., B. Gal., 1,22,1) "logo ao amanhecer"; *eōdem tempŏre* (Cés., B. Gal., 1,37,1) "na mesma ocasião"; *cum puer tuus ad me secūnda fere uigilĭa uenīsset* (Cíc., Fam., 3,7,4) "como teu escravo viesse ter comigo aproximadamente pela segunda vigília"; *eādem nocte accĭdit ut esset luna plena* (Cés., B., Gal., 4,29,1) "aconteceu que naquela mesma noite fôsse lua cheia"; *qui bello Cassiāno dux Heluetiōrum fuĕrat* (Cés. B. Gal., 1,13,2)

"que fôra chefe dos helvécios na guerra contra Cássio"; *Pyrrhi bello grandem sane fuisse* (Cíc., C. M., 16) "ter sido bastante grande na guerra de Pirro"; etc.

85. O ablativo de tempo é também empregado para indicar o tempo dentro do qual se dá um fato, caso em que vem freqüentemente acompanhado da preposição *in*.

Exs.: *diēbus decem Numidia decedĕret* (Sal., Iug., 38,9) "dentro de dez dias se retirasse de Numídia"; *uti in diēbus proxŭmis decem Italĭa decedĕrent* (Sal., Iug., 28,2) "que dentro dos próximos dez dias deixassem a Itália"; *bis in die* (Cíc., Tusc., 5,100) "duas vêzes no dia"; etc.

IV) O Ablativo Absoluto

86. O *ablativo absoluto* constitui uma construção peculiar ao latim, em que um nome ou pronome em ablativo vem acompanhado geralmente por um particípio, ou também por um adjetivo ou outro substantivo em aposição, servindo a frase assim formada de adjunto circunstancial da oração principal. Como esta expressão assim formada não depende de nenhuma palavra da oração principal, convencionou-se chamá-la *ablativo absoluto*. Como freqüentemente êste ablativo oracional tem um valor temporal, é costume filiar-se o ablativo absoluto às construções do ablativo locativo.

Exs.: *his rebus cognĭtis* (Cés., B. Gal., 5,11,1) "conhecidos êstes fatos"; *fugāto omni equitātu* (Cés., B. Gal., 7,68,1) "posta em fuga tôda a cavalaria"; *L. Pisōne, A. Gabinio consulĭbus* (Cés., B. Gal., 1,6,4) "durante o consulado de L. Pisão e A. Gabínio"; *qui (Pythagŏras) cum Supĕrbo regnānte in Italiam uenisset* (Cíc., Tusc., 1,38) "o qual (Pitágoras) como tivesse vindo à Itália no reino de Tarquínio o Soberbo"; *nihil posse euenīre nisi causa antecedēnte* (Cíc., Fat., 34) "nada pode acontecer se não houver uma causa anterior"; *natus dis inimĭcis omnĭbus* (Plaut., Most., 563) "nascido com a inimizade de todos os deuses"; etc.

COMPLEMENTO AO ESTUDO DA SINTAXE DOS CASOS

Nominativo — Além de sua função de sujeito da oração, ou de predicativo e apôsto do sujeito, era o nominativo o caso usado para nomear o substantivo fora da frase, ou para mencioná-lo sem o declinar. Era assim uma espécie de caso zero, o que explica ainda o seu emprêgo como nominativo exclamativo, como substituto do vocativo e também em outras construções que passaremos a ver. Um dêsses empregos é o do *nominatiuus pendens*, que se acha como que suspenso no princípio da frase, tendo por função indicar-lhe o assunto.

ou o conceito principal da mesma, constituindo um verdadeiro anacoluto: *ager rubricōsus... ibi lupīnum bonum fiet* (Cat., Agr., 34,2) "o campo de terra vermelha... aí o tremôço dá bem"; *Tu, si te di ament, agĕre tuam rem occasiost* (Plaut., Poen., 659) "tu, se os deuses te amam, é a ocasião de fazer o teu negócio". Êste nominativo, embora pouco usado e por assim dizer ausente da prosa clássica, sempre ocorreu em latim em tôdas as épocas. Por sua própria natureza expressiva é natural que se encontre principalmente na língua falada e nos autores que dela mais se aproximam, como nos cômicos do período arcaico, e na poesia e prosa pré-românicas. Tal construção como que prenunciava a do nominativo absoluto, que tanto se desenvolveu no latim vulgar dos últimos séculos.

Encerraremos nossas observações sôbre o nominativo com a consideração de um emprêgo especial do mesmo denominado *nominativo denominativo*. Ocorre tal nominativo geralmente com um nome próprio e que passa a ser considerado em si mesmo, independentemente do contexto da oração: *resŏnent mihi Cynthĭa siluae* (Prop., 1,18,31) "as florestas repitam para mim Cíntia"; *cognōmen habŭit Coruīnus* (Cl., Quadr., 12) "teve o apelido de Corvino"; *est uia... Lactea nomen habet* (Ov., Met., 1,168-169) "há uma estrada... tem o nome de Láctea; *cum dico princeps* (Plín., Epist., 3,2,2) "quando digo *princeps*". Observe-se, porém, que a língua clássica em tais circunstâncias coloca no caso conveniente a palavra em questão: *Burrum semper Ennius (dixit) nunquam Pyrrhum* (Cíc., Or., 160) "Ênio sempre disse *Burrum* e nunca *Pyrrhum*"; *formōsam resonāre doces Amaryllĭda siluas* (Verg., Buc., 1,5) "ensinas as florestas a repetir o nome da formosa Amarílide".

Vocativo — Vimos no n.º 4 dêste capítulo como o nominativo pode ser empregado em substituição ao vocativo. Começaremos por considerar agora o caso inverso, isto é, o vocativo sendo usado para substituir o nominativo. Deixando de lado o caso de *Juppiter* (proveniente de um voc. **Dieu Pater*, sendo a forma de nominativo pròpriamente *Diespĭter*), consideraremos especialmente o adjunto predicativo representado por adjetivo ou particípio, que por atração vai para o vocativo e não para o nominativo. Trata-se de uma construção que ocorre no grego (v. Sint. Greg., J. Humbert) e aparece por afetação de helenismo num ou noutro poeta latino: *Rufe, mihi frustra ac nequīquam credĭdi amīce* (Catul., 77,1) "Rufo, que em vão e inùtilmente acreditei meu amigo"; *lectŭle deliciis facte beāte meis* (Prop. 2,15,2) "caminha tornada feliz por meus prazeres". Por vêzes, o vocativo que determinava a atração não era sequer expresso: *quo moritūre ruis?* (Verg., En., 10,811) "para onde corres, (tu) que vais morrer?". Embora a concordância normal fôsse o adjetivo que se refere a um substantivo em vocativo vir também em vocativo, pode, entretanto, acontecer que fique em nominativo: *salue, primus*

omnium parens patriae appelāte, primus in toga triumphum merīte (Plín., H. Nat., 7,117) "salve, (tu) o primeiro de todos chamado pai da pátria, o primeiro na toga tendo merecido o triunfo". Explica-se esta concordância pelo fato de não fazer o adjetivo parte da interpelação, valendo como um apôsto, sintaxe esta que se encontra em outras línguas indo-européias, inclusive no grego homérico. Entretanto, como dissemos, em latim o emprêgo mais corrente é vir o adjetivo também em vocativo como o substantivo: *Pompēi, meōrum prime sodalium* (Hor., Od., 2,7,5) "Pompeu, primeiro dos meus companheiros". (Quanto ao emprêgo de ambos em nominativo, veja-se o n.º 4 dêste capítulo).

Acusativo — Como vimos, o acusativo tem vários valores difíceis de reunir numa fórmula comum e única. Dêstes valores, aliás, dois ressaltam de todos os demais, representando como que os sentidos fundamentais do caso: a) seu emprêgo como *complemento direto do verbo*; b) *indicar o têrmo para o qual tende um movimento*, constituindo assim um verdadeiro caso lativo. Qual dos dois empregos tenha sido o mais antigo e primitivo é objeto de interminável polêmica em que se vêm debatendo os filólogos e lingüistas, pendendo uns pela teoria localista (o acusativo primitivamente indicaria a direção do movimento), pendendo outros pela origem gramatical do caso (o acusativo primitivamente indicaria o complemento direto do verbo). Já em 1831, publicava Hartung seu trabalho *Ueber die Casus* em que definia o acusativo como o caso que tinha por precípua e primitiva função "exprimir o limite do movimento". Em 1845, em sua obra que alcançou larga repercussão, *Casuslehre*, Rumpel discordava inteiramente do ponto de vista de Hartung, reivindicando para o acusativo um valor estritamente gramatical, tendo por função completar o sentido do verbo. A teoria de Rumpel desde esta ocasião vem merecendo o favor e as simpatias dos filólogos, que geralmente a vêm seguindo até hoje, como por exemplo Hübschmann, em seu *Casuslehre*, 1873, e mais modernamente Delbrück Schmalz, Kühner e ainda outros. Brugmann, de acôrdo com êste modo de ver, diz: "a única característica dêste caso que é possível fixar-se é de ser o caso em que se põe o conceito nominal que é atingido imediatamente pelo conceito verbal" (*Abrégé de Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes*, 1905). Entretanto, pela simples explanação didática que fizemos do acusativo (do n.º 10 a n.º 21 dêste capítulo), podemos concluir que se o seu valor de complemento direto do verbo é o mais generalizado, está longe não só de ser o único, como também de ter sido êste o primitivo. Como com razão observa A. Meillet, não admitindo o indo-europeu o processo da *rection*, não poderia ter sido êste o valor original do acusativo. Aliás, desde 1882 que Whitney em notável artigo publicado em *Transactions of the American Philological Association* protesta contra êste novo modo de ver, reafirmando a teoria localística do acusativo, no que é seguido

por Bennet em seu livro *Syntax of Early Latin — The Cases,* bem como já anteriormente por Michel Bréal *(Journal des Savants,* 1896, e depois por Neuhofer, no trabalho especial *Zum Akkusativ,* 1904). Meillet e Vendryes, no *Traité de Grammaire Comparée des Langues Classiques,* 1927, negando ao acusativo a possibilidade de ter tido como valor primitivo o de complemento direto do verbo, apresentam como um dos seus empregos no indo-europeu indicar o fim para que tendia o movimento. Tomando-se esta significação como ponto de partida, fàcilmente as demais funções que o acusativo vem a desempenhar no latim se explicam como um simples desenvolvimento posterior dêste sentido, como por exemplo o acusativo de extensão (no tempo ou no espaço), o acusativo de relação, e o próprio acusativo de complemento do verbo.

Hoje ainda não coincide num ponto de vista a opinião da totalidade dos especialistas, que continuam divididos pelos dois campos ou ainda em outros recém-criados por divergências parciais de um ou outro filólogo. Assim, a sintaxe de Schmalz refundida por Hofmann toma por ponto de partida de sua exposição do acusativo o seu valor gramatical (Lat. Grammatik, pgs., 375-387). Já anteriormente E. Cocchia mostrara-se mais decidido partidário desta teoria. M. Barone, ao contrário, é um intransigente defensor da teoria localística do acusativo, em seu trabalho *Studi sul Significato Fundamentale dell Accusativo e sulla Teoria Localista,* Befani, 1926. A. Tovar *(Sintaxis,* pgs., 24-32), de acôrdo com os alemães, filia tôdas as construções de acusativo, exceto a do acusativo de movimento, ao seu valor gramatical de objeto direto, no que é seguido por M. Bassols de Climent no 1.º vol. de sua *Sintaxis Histórica* (págs, 127-280). A Ernout-Fr. Thomas assumem uma posição intermediária e de equilíbrio entre as duas teorias antagônicas ; sem se referirem ao valor primitivo e fundamental do caso, partindo do estado latino, consideram primeiramente o acusativo de objeto (com a restrição, porém, de não ter sido êste o valor primitivo do caso), passando depois a considerar as acepções concretas do acusativo, que fazem proceder de "uma idéia comum de extensão." É o modo de compreender o acusativo mais condizente com nossa opinião pessoal que dêle se afasta por considerar a idéia de movimento, e não a de extensão, como o ponto de partida dos empregos concretos do acusativo, bem como na explicação e origem de uma ou de outra construção, como a do acusativo de relação. Enfim, os recentes trabalhos de Fr. Blatt, *Précis de Sintaxe Latine ;* e de L. R. Palmer, *The Latin Language,* subordinam sua exposição ao valor lativo do caso, embora considerado (principalmente no primeiro citado) em seu valor mais amplo e genérico.

Genitivo — é dos casos mais complexos do ponto de vista morfológico e sintático, tanto pela multiplicidade de suas desinências, como pela pluralidade de seus valores. Primeiramente, julgaram os filólogos que o genitivo fôsse um caso usado apenas para completar o sentido

do nome, sendo que seu emprêgo adverbal era uma simples extensão dêste, teoria esta que ainda encontra partidários hoje. Assim como o acusativo é o complemento natural do verbo, o genitivo seria o do substantivo. Entretanto, êste ponto de vista, embora sugestivo no primeiro momento pela simplicidade da explicação, não encontra apoio na realidade, sendo de se notar que, segundo o testemunho das línguas indo-européias, desde o primitivo indo-europeu o genitivo era livremente usado quer com substantivos quer com verbos. E mais ainda, parece altamente provável que algumas formas de genitivo, como por exemplo o genitivo em *—i*, primitivamente ocorressem ùnicamente com verbos. Outra teoria é a defendida entre outros por Blomquist em *De Genetivi apud Plautum usu*, 1892. Baseando-se no fato de em algumas línguas indo-européias terem o genitivo e o ablativo as mesmas desinências, explica o valor primitivo do genitivo como uma extensão do próprio valor do ablativo, indicando o ponto de partida, afastamento. Brugmann, ao estudar o genitivo, deixa a questão inteiramente em aberto, opinando que "dada a diversidade de origem e a obscuridade das desinências dêste caso, não é possível determinar exatamente a significação ou as significações fundamentais do caso, bem como a relação histórica entre o emprêgo adverbal e adnominal, que desde época indo-européia agiram e reagiram recìprocamente" *(Abrégé de Grammaire Comparée das Langues Indo-Européennes)*. Entretanto, logo a seguir inclina-se Brugmann a considerar o emprêgo adnominal como o original (pelo menos em parte, como êle mesmo ressalva), bem como em admitir em certos casos a possibilidade de semânticamente originar-se o genitivo do ablativo, com o que até certo ponto estabelece uma conciliação entre as duas teorias precedentemente expostas. No estudo que o professor Wackernagel publicou nas *Mélanges de Saussure* (pág. 146), mostrou como numerosas funções posteriormente desempenhadas pelo genitivo o foram primitivamente por adjetivos, afirmando que primeiramente o emprêgo adverbal teria sido o mais freqüente, senão exclusivo. Bennet é de opinião que a mutiplicidade de desinências do genitivo no indo-europeu nos leva a não procurar estabelecer um único valor para o caso. Teria êle, ao contrário, várias funções, quer como genitivo adverbal, quer como adnominal, cabendo a cada língua combinar estas formações diversas num só caso. Para Meillet e Vendryes *(Traité de Grammaire Comparée des Langues Classiques)*, o genitivo indo-europeu tinha dois valores distintos: indicar o complemento do substantivo (genitivo adnominal), ou indicar o todo de que se toma uma parte (genitivo partitivo), inclinando-se a considerar o papel de partitivo como o principal.

Foi êste o ponto de partida que tomamos para a nossa exposição, adotando-o principalmente por julgá-lo de grande valor didático, contribuindo sobremaneira para tornar clara a explanação do assunto. Entretanto, não ignoramos as dificuldades que encerra, compreen-

dendo por vêzes numa rubrica única construções sintáticas distintas, como por exemplo o genitivo que completa os verbos de sentimento do tipo *piget* (que se prende ao genitivo de relação), juntamente com o partitivo, ou no genitivo adnominal os genitivos subjetivo e objetivo de origem diversa. Ainda do ponto de vista puramente didático poderá merecer reparos iniciarmos a nossa explanação pelo genitivo partitivo, emprêgo já em regressão em latim, só vindo a tratar posteriormente de outros muito mais vivos como o genitivo de posse ou mesmo o de qualidade. Dada a variedade de conceitos e construções do genitivo latino, tais discrepâncias são realmente inerentes à natureza do caso, mas estamos certos de que o método que seguimos é o que apresenta mais oportunidade para uma exposição coerente do assunto. Aliás, grosso modo, é esta a mesma ordem seguida por Schmalz-Hofmann. Nos trabalhos mais recentes de sintaxe, as mesmas dificuldades são defrontadas, mas não superadas. A. Tovar (op. cit) baseia tôda a sua exposição na divisão estabelecida por Brugmann em genitivo adnominal e adverbal. Bassols compreende como cetegorias fundamentais do genitivo os três tipos seguintes: genitivo partitivo, de relação e de rubrica, começando por aí sua exposição e passando depois aos significados secundários do caso (onde inclui o possessivo e o de qualidade), e terminando pela consideração isolada do gentivo complemento de adjetivos e particípios, de verbos e enfim do que chama genitivo livre. Blatt, partindo da afirmação de que "o genitivo indica sempre uma relação", tomado o vocábulo "relação" num sentido muito genérico, subordina tôda a sua exposição à bipartição de Brugmann : emprêgo adnominal e adverbal. A. Ernout e Fr. Thomas partem dos empregos mais comuns do genitivo (possessivo, de definição e de qualidade), passando depois aos empregos em regressão como o partitivo, o genitivo de preço, de relação e enfim os empregos autônomos do caso. L. R. Palmer também prefere partir dos empregos mais freqüentes do genitivo, diferindo porém da ordem adotada por A. Ernout e Fr. Thomas, e terminando o seu estudo por uma conclusão que se aproxima da conceituação geral de Blatt : "um nome em genitivo define e delimita a classe de referência (relação) de outro nome ou verbo". Embora sugestiva, não nos parece aconselhável esta fórmula por dois motivos principais : 1.º) por forçar demasiado a explicação de certas construções, evidentemente muito distanciadas, senão mesmo alheias à noção de relação ; 2.º) por sugerir idéia que não se ajusta à realidade dos fatos da língua nem em sua fase indo-européia, nem em sua fase pròpriamente latina.

Dativo – Como vimos, o dativo deveria ter tido por função fundamental exprimir a atribuição. Esta é a opinião de A. Meillet (*Introduction à l'Étude Comparative des Langues Indo-Européennes*). Vejamos, entretanto, ainda que ràpidamente, as principais teorias que procuram explicar êste caso. Em importante artigo publicado na miscelânea de estudos dedicada a Kuhn (1868), Delbrück atribuía como valor primordial do dativo védico servir precìpuamente para in-

dicar a direção, concluindo dever ter sido também êste o emprêgo primitivo do dativo indo-europeu. Pouco depois, em 1875, Hübschmann, em seu trabalho *Zur Casuslehre*, ao estudar o dativo no Avesta, hesita em aceitar esta explicação, principalmente pelo fato de não vir o dativo acompanhado de preposições, como deveria acontecer se tivesse sido originalmente o caso da direção do movimento. Seguem-se os trabalhos de Pischel, *Zur Lehre von Dativ*, e de Delbrück. Êste, porém, impressionado pelos argumentos expendidos por Gädicke (*Accusativ im Veda*, 1880), que definia o dativo como o caso que indica a noção substantiva com referência à qual tem validade a idéia verbal, abriu mão de suas primeiras idéias referentes ao valor do dativo para subscrever as afirmações de Gädicke. Passa então a considerar o dativo como tendo tido originalmente o valor de um dativo de referência, sentido êste fundamental de que se originariam todos os seus demais empregos. Contra a nova teoria de Delbrücke levanta-se Hopkins para reafirmar que o dativo indo-europeu tinha por idéia fundamental a de direção do movimento, no que, aliás, é inteiramente seguido por Bennet. Para Brugmann a característica essencial do dativo é ser o caso em que se põe o conceito nominal em consideração do qual a ação se faz, ao qual ela é destinada: é o caso da participação e do interêsse. Para Meillet o dativo é essencialmente o caso da atribuição, de cuja noção fundamental se derivam por extensão tôdas as demais. Schmalz-Hofmann também o consideram originàriamente um caso gramatical, não admitindo a sua origem local pelo fato já mencionado de não vir jamais construído com preposições, como deveria ser se tivesse êsse valor. A. Tovar acompanha o mesmo ponto de vista, seguindo a mesma ordem de exposição. Já Bassols, bastante impressionado com o valor localístico que se atribuiu ao dativo, mostra-se muito hesitante, apelando para uma hipótese eclética, já anteriormente aventada, segundo a qual concorreram para o dativo duas desinências *—*ei* com valor gramatical e *—*ai* de valor local, reduzindo-se assim a um caso de sincretismo e daí a possibilidade dos seus dois valores fundamentais, como aconteceu com o acusativo. Blatt subordina tôda a sua exposição referente ao dativo, considerando-o ùnicamente como um caso gramatical, como o genitivo. A. Ernout e Fr. Thomas atribuem ao dativo três funções principais: a atribuição, o interêsse e o fim, considerando a segunda como uma decorrência da primeira e a terceira constituindo como que uma categoria à parte. Para nós a idéia fundamental e básica do dativo é a idéia de atribuição, da qual decorrem todos os empregos do dativo. Assim como o dativo de interêsse decorre da idéia de atribuição, a ela também, em última análise, se vai prender o dativo de fim, que se nos afigura uma extensão do dativo de interêsse. Quanto ao emprêgo do dativo com verbos de movimento (tipo *it clamor caelo*), pensamos com A. Meillet e Vendryes que a explicação desta construção — aliás rara e de uso apenas na poesia do período imperial — se pode encontrar na própria idéia de atribui-

ção, sem haver necessidade de se recorrer a um problemático, senão inverossímel, valor localístico primitivo do caso.

Ablativo – Como vimos, é um caso sincrético, resultante da fusão de três casos do indo-europeu, o ablativo pròpriamente dito, o instrumental e o locativo. Enquanto o instrumental foi inteiramente absorvido pelo ablativo, o locativo, ainda mesmo no período clássico, conservou numerosos vestígios de seu antigo estado indo-europeu, mantendo desinências próprias. Aliás, embora êstes casos apresentem divergências sensíveis de significação, ainda assim não deixam de possuir certas afinidades de sentido capazes de constituir pontos de contato. Assim, por exemplo, a frase *equo uehor* admite ser interpretada como "ser transportado num cavalo ou por um cavalo" (locativo ou instrumental); *lacte uiuunt* "vivem de leite, ou com leite" (ablativo ou instrumental); etc. Por isso mesmo há duas construções que costumam ser interpretadas diferentemente e das quais agora nos ocuparemos. Uma é a do *complemento* chamado *de causa eficiente* da voz passiva, considerado por uns (entre os quais Bennet) como um verdadeiro ablativo pròpriamente dito, interpretado o agente da passiva como a origem de que provém a ação sofrida pelo sujeito da oração; e por outros como uma construção típica de instrumental (Riemann, Meillet), decorrente do sentido causal que por vêzes o instrumental assume. O *ablativo absoluto* é geralmente considerado como uma construção típica de locativo, concorrendo para isso de um lado a sua própria significação geralmente temporal, e de outro, por ter de um modo extraordinário impressionado os filólogos e lingüistas, que se dedicam à especialidade das línguas indo-européias, o fato de ser o locativo o caso absoluto do sânscrito. Aliás, houve também quem reivindicasse para o ablativo absoluto a natureza de um ablativo pròpriamente dito (Bombe, *De Ablatiui absoluti Usu,* 1877), mas tendo sido tal hipótese de um modo geral abandonada, trataremos apenas das duas primeiramente referidas. O argumento invocado de ser o locativo o caso absoluto do sânscrito, como muito bem pondera Bennet (op. cit.), não é procedente, podendo cada língua desenvolver independentemente o seu caso absoluto. O grego, por exemplo, usa como caso absoluto o genitivo e o acusativo, já no gótico há traços de ter sido o dativo. Entretanto, o argumento mais sério, segundo nos parece, favorável à teoria da origem da construção do ablativo absoluto estar no instrumental e não no locativo, são as próprias línguas itálicas. Assim, o osco e o umbro, que, como se sabe, conservaram em sua declinação o locativo, usam o ablativo (que sintetiza o instrumental e o ablativo pròpriamente) para as construções de ablativo absoluto e não o locativo, como seria de se esperar se esta construção nas línguas itálicas proviesse do antigo locativo indo-europeu. Aliás, o sentido temporal do ablativo absoluto, que sugere a sua origem no locativo, não é exclusivo e único nem tão pouco primitivo, o que mais importa para a questão.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

J. N. Madvig-Epiphanio Dias, págs. 101-244.

E. Cocchia, *La Sintassi Latina*, págs. 123-209.

K. Brugmann, *Abrégé*, págs. 440-471.

W. M. Lindsay, *Syntax of Plautus*, págs. 10-37.

C. E. Bennet, *Syntax of Early Latin*, vol. II, *The Cases*, Boston, 1914. Obra fundamental, documentação exaustiva referente aos autores arcaicos. Histórico das várias teorias, por vêzes algo pessoal.

Stolz-Schmalz, *Lat. Grammatik*, págs. 372-454.

A. Meillet-J. Vendryes, *Grammaire Comparée*, págs. 544-569.

J. T. Allardice, *Syntax of Terence*, págs. 6-37.

W. Kroll, *La Sintaxis Cientifica en la Enseñanza del Latin*, trad. espanhola de A. Pariente, Madrid, 1935, págs. 37-60.

E. Löfstedt, *Syntactica*, I, 2.ª ed. 1942, págs. 75-330. Trabalho fundamental.

M. Bassols de Climent, *Sintaxis Historica de la Lengua Latina*, Tom. I, Barcelona, 1945. Bom trabalho, vem completar, atualizando, a obra de Bennet.

A. Tovar, *Syntaxis*, págs. 19-59.

M. Barone, *Studi sul Significato Fondamentale dell Accusativo e sulla Teoria Localistica*, Roma, 1926. Bom trabalho.

L. Hjelmslev, *La Categorie des Cas*, *Aarhrus*, I, 1935.

Fr. Blatt, *Précis de Syntaxe Latine*, págs. 67-130.

A. Ernout-Fr. Thomas, *Syntaxe Latine*, págs. 7-105.

M. Bassols de Climent, *Sintaxis Latina*, I, Madrid 1956, págs. 33-160.

CAPÍTULO XXVIII

O VERBO – EMPRÊGO DOS TEMPOS E DOS MODOS NA ORAÇÃO INDEPENDENTE

1. No presente capítulo iremos ocupar-nos exclusivamente da sintaxe do verbo na oração independente, tratando preliminarmente da questão das vozes. Como o emprêgo dos modos e dos tempos na oração subordinada é muitas vêzes determinado pela própria natureza da oração e seu conectivo, estudaremos conjuntamente, em próximo capítulo, a sintaxe do verbo em função da cláusula dependente em que êle estiver.

I) As Vozes

2. Como vimos ao estudar a morfologia verbal, o verbo latino compreende uma voz ativa e uma voz passiva, podendo esta subdividir-se em voz passiva pròpriamente dita e médio-passiva. Por vozes do verbo se compreende a forma tomada pelo verbo, segundo o seu sujeito pratique a ação por êle indicada, ou a sofra, ou ainda seja a um tempo autor e objeto da mesma ação.

Exs.: *qui amāuit unĭce patriam et ciuis suos* (Cíc., Cat., 3,10) "o qual amou ùnicamente a pátria e seus concidadãos"; *Caesar ad portum Itium cum quinque legionĭbus peruēnit* (Cés., B. Gal., 5,5,1) "César chegou com cinco legiões ao pôrto de Ício"; *hi numĕro impiōrum ac sceleratōrum habēntur* (Cés., B. Gal., 6,13,7) "êstes são considerados no número dos ímpios e celerados": *homĭnis mens discēndo alĭtur* (Cíc., Of., 1,105) "a inteligência do homem se alimenta com o estudo"; *stellae tum occultāntur* (Cíc., Nat., 2,51) "então as estrêlas se ocultam"; etc.

3. Já tivemos oportunidade, ao estudarmos o acusativo, de observar que é freqüente que verbos habitualmente intransitivos sejam empregados como transitivos e vice-versa, de sorte que não iremos aqui retomar o assunto, mas apenas insistir em fazer notar que a divisão nestas duas classes (transitivos e intransitivos) é em grande parte artificial, devendo-se considerar a ação expressa pelo verbo como independente do objeto sôbre o qual possa recair.

4. Um verbo está na voz passiva quando a ação por êle indicada recai direta e imediatamente sôbre o sujeito, razão por que passando-se a frase para a voz ativa o sujeito do verbo passivo irá desempenhar o papel de objeto direto. Daí se conclui que os verbos intransitivos não são usados na passiva, pois que a ação por êles expressa não recai direta e imediatamente sôbre o objeto. Entretanto, é relativamente freqüente a construção de verbos intransitivos na terceira pessoa do singular da voz passiva para exprimir de um modo geral a ação expressa pelo verbo, sem atribuí-la pròpriamente a uma pessoa, que seria o sujeito. A tal construção é costume chamar-se de *passiva impessoal*.

Exs.: *dĭu atque acrĭter pugnātum est* (Cés., B. Gal., 1,26,1) "combateu-se por muito tempo e encarniçadamente"; *sic itur ad astra* (Verg., En., 9,641) "assim se vai aos astros".

5. É comum na língua clássica usar-se junto aos infinitivos passivos as formas passivas *coeptus sum* ou *desitus sum* em lugar das ativas *coepi* e *desii*. Entretanto, quando êstes infinitivos de forma passiva tiverem antes o sentido dos infinitivos da voz média, o emprêgo das formas ativas *coepi* e *desii* é perfeitamente justificável, sendo comum na prosa de Cícero e César.

Exs.: *pons institŭi coeptus est* (Cés., B. Gal., 4,18,4) "começou-se a construir a ponte"; *is cum satis floruisset adulescens, minor habēri est coeptus postea* (Cíc., Br., 236) "O supracitado (M. Pisão), tendo brilhado muito quando moço, começou depois a ser menos considerado"; *plura fiĕri iudica coepĕrunt* (Cíc., Br., 106) "começaram a fazer-se mais ações judiciais"; *iudicia seuēra Romae fiĕri desiērunt* (Cíc., Verr., 4,135) "deixaram-se de fazer julgamentos severos em Roma"; *uetĕres oratiōnes post nostras... a plerisque legi sunt desĭtae* (Cíc., Br., 123) "os antigos discursos, depois dos nossos... deixaram de ser lidos pela maioria"; etc.

6. A voz média, que servia para indicar que o sujeito da oração era ao mesmo tempo autor e objeto direto ou indireto da ação expressa pelo verbo, ou que nela estava vivamente interessado, deixou em latim alguns vestígios, embora tivesse ela quase que inteiramente desaparecido. O tipo mais comum em latim da voz média é constituído pelos chamados verbos depoentes. Além disso, porém, há um número relativamente grande de formas passivas de verbos ativos que têm valor francamente reflexivo, representando também a voz média.

Exs.: *hostiumque augēri copias* (Cés., B. Gal., 7,49,1) "aumentarem-se as tropas dos inimigos"; *Bitŭrĭges eōrum discessu statim cum Aruĕrnis iungŭntur* (Cés., B. Gal., 7,5,7) "com a partida dêsses, os bitúriges se reunem aos arvernos"; *apium examĭna congregāntur* (Cíc., Of., 1,157) "reunem-se os enxames de abelhas"; *tum occultantur (stellae), tum rursus aperiuntur,... tum celerius mouentur,*

tum tardius, tum omnīno ne mouēntur quidem (Cíc., Nat., 2,51) "(essas estrêlas) ora se escondem, ora aparecem, ora se movem mais ràpidamente, ora mais devagar, ora não se movem em absoluto"; etc.

7. Em vez dessas formas médias, também é costume se encontrar com o mesmo sentido uma expressão formada com o verbo na voz ativa acompanhado do pronome reflexivo.

Exs.: *ualuae clausae subito se aperuerunt* (Cíc., Div., 2,67) "as portas fechadas súbito se abriram"; *omnis sese multitūdo ad cognoscēndum effūdit* (Cés., B. Ciu., 2,7,3) "tôda a multidão se precipitou para saber"; *hic undīque clamor / dissēnsu uario magnus se tollit in auras* (Verg., En., 11,454-5) "então um grande clamor constituído de gritos discordantes se eleva de todos os lados aos ares"; etc.

II) O Indicativo e os Tempos do Indicativo

8. O indicativo é por excelência o modo da realidade, anunciando um fato pura e simplesmente como existindo objetivamente, sendo por isso empregado em frases afirmativas, como também interrogativas ou negativas.

Exs.: *me tractat liberalĭter Curio* (Cíc., Fam., 8,10) "Curião me trata com consideração"; *illi domi remănent* (Cés., B. Gal., 4,1,5) "aquêles permanecem em casa"; *res spectātur, non uerba pendūntur* (Cíc., Or., 51) "considera-se o fato, não se pesam as palavras"; *sic tu, inquis, Hirrum tractasti?* (Cíc., Fam., 8,9,1) "é assim que trataste a Hirro?"; — *Quid ais tu? — Quid uis? — Quis illic est? quid illic petit?* (Plaut., Most., 615) "Que estás dizendo tu? — Que queres? —Quem é aquêle? que procura êle?"; etc.

9. O *Presente* exprime a ação em sua elaboração, no momento em que ela se realiza, dando-lhe igualmente uma idéia de duração, donde ser empregado também para exprimir o que existe ou é uma verdade, ou um conceito geral de valor permanente (*presente acrônico*).

Exs.: *pulchritudĭnem rerum clarĭtas oratiōnis illumĭnat* (Quint., 2,16,10) "o brilho da eloqüência ilumina a beleza das ações"; *mittĭtur ad eos colloquăndi causa C. Arpineius* (Cés., B. Gal., 5,27,1) "C. Arpineio é mandado para parlamentar com êles"; *nihil est enim uirtūte amabilius* (Cíc., Lae., 28) "nada é mais amável efetivamente do que a virtude"; *facĭle omnes, quom ualemus, recta consilia aegrōtis damus* (Ter., And., 309) "todos nós quando estamos bons damos fàcilmente conselhos justos aos doentes"; *morem hunc homĭnes habent: quid sibi uolunt, dum impĕtrant, boni sunt; ubi iam penes sese habent, ex bonis pessŭmi fiunt* (Plaut., Capt., 232) "os homens têm êste costume: enquanto procuram conseguir o que querem, são bons; mas quando já o têm em seu poder, de bons se tornam péssimos"; etc.

10. Dêstes sentidos próprios do presente dimanam verdadeiras acepções figuradas, como indicar simplesmente uma tentativa, como também uma ação futura ou mesmo passada.

Exs.: *quod sibi uolunt, dum impĕtrant, boni sunt* (Plaut., Capt., 232) "enquanto procuram alcançar o que querem, são bons"; *domum... uendo* (Cíc., Of., 3,55) "procuro vender minha casa"; *aut uero quid proficĭmus, si accēpto magno detrimēnto ab oppugnatiōne castrōrum discedĭmus?* (Cés., B. Ciu., 2,31,3) "ou verdadeiramente que iremos ganhar se, tendo recebido grande perda, levantarmos o sítio do acampamento?"; *quod te iamdūdum hortor* (Cíc., Cat., 1,5) "o que te exorto já há muito tempo"; *iam diu est quod* (Plaut., Amph., 302) "já há muito tempo que"; etc.

11. O *Presente histórico* é empregado em lugar do perfeito, principalmente pelos historiadores (como, aliás, também em português), para dar mais vivacidade e vigor à narração, sendo usado pelos poetas mesmo fora da narração.

Exs.: *eo proficiscĭtur cum legionĭbus: locum repĕrit egregĭe natūra atque opĕre munītum : tamen hunc duābus ex partibus oppugnare contendit* (Cés., B. Gal., 5,21,4) "dirige-se para lá com as legiões: encontra um lugar admiràvelmente defendido pela natureza e pelas fortificações; entretanto, entra a atacá-lo pelos dois lados"; *ad magistrātum Mamertīnum statim deducĭtur Gauius* (Cíc., Verr., 5,160) "imediatamente Gávio é levado à presença do magistrado dos mamertinos"; *Quaerit patrem. Dico esse in urbe, interrogo*

> *quid eum uelit.*
> *Homo crumĭnam sibi de collo detrăhit,*
> *Minas uigĭnti mi dat. Accipĭo lubens,*
> *Condo in crumĭnam. Ille abiit...* (Plaut., Truc., 650-4)

"Êle procura por meu pai. Digo-lhe que está na cidade. Pergunto-lhe o que quer com êle .O homem tira a bôlsa que trazia a tira-colo, dá-me vinte minas. Recebo-as de boa vontade, guardo-as na bôlsa. Êle se foi embora..."; *quantum mutātus ab illo / Hectŏre qui redit exuŭias indūtus Achīlli* (Verg., En., 2,274-5) "quão diferente daquele Heitor, que ainda vejo voltar revestido dos despojos de Aquiles"; etc.

12. O *Imperfeito* transfere ao passado a mesma natureza da ação expressa pelo presente, servindo, por conseguinte, para indicar a ação verbal em sua elaboração, ou dando-lhe uma idéia de duração ou repetição.

Exs.: *Cassiuellaunus... itinĕra nostra seruābat paulumque ex uia excedēbat locisque impedītis ac siluestrĭbus sese occultābat* (Cés., B. Gal., 5,19,1) "Cassivelauno vigiava nossas marchas, conservava-se um pouco afastado da estrada e se ocultava em lugares pouco praticáveis e cobertos de bosques"; *iis autem tabŭlis interiōres templi pariĕtes*

uestiebāntur (Cíc., Verr., 4,122) "estavam, pois, revestidas com êsses quadros as paredes interiores do templo"; *non pessime loquebatur* (Cíc., Br., 210) "não falava muito mal"; *num sophistae? sic enim appellabantur ii qui ostentatiōnis aut quaestus philosophabantur* (Cíc., Acad., 2,73) "acaso os sofistas? com efeito assim eram chamados os que filosofavam por ostentação ou por dinheiro"; *alii parasīti obambulābant in foro* (Plaut., Capt., 491) "outros parasitas passeavam no fôro"; *sic uita erat* (Ter., And., 62) "assim era a vida"; etc.

13. Servia ainda o imperfeito para indicar a simultaneidade no passado e, como o presente, para exprimir uma simples tentativa. Cumpre, entretanto, salientar que a idéia de simultaneidade advém do contexto da frase e não pròpriamente do valor do imperfeito.

Exs.: *horum uocĭbus ac timōre paulātim etiam ii qui magnum in castris usum habēbant, milĭtes centurionēsque quique equitatŭi praeĕrant, perturbabāntur* (Cés., B. Gal., 1,39,5) "pelas palavras e pelo temor dêstes, pouco a pouco estavam ficando abalados até os que tinham uma grande experiência militar, como os soldados, centuriões e os comandantes da cavalaria"; *(Regulus) Carthagĭnem rediit neque carĭtas patriae retinŭit nec suōrum; nec uero tum ignorābat se ad exquisīta suplicia proficīsci, sed iusiurāndum conseruāndum putābat* (Cíc., Of., 3,100) "(Régulo) voltou para Cartago e não o reteve o amor da pátria nem da família, e em verdade êle não ignorava que ia partir para as torturas mais atrozes, mas pensava que o seu juramento devia ser mantido"; *at barbări... nostros nauĭbus egrēdi prohibēbant* (Cés., B. Gal., 4,24,1) "mas os bárbaros... tentavam impedir os nossos de desembarcar dos navios"; *quam rem et paucis contigĭsse et pro magnis hominum officiis consuēsse tribui docēbat... Docēbat etiam...* (Cés., B. Gal., 1,43,4 e 6) "procurava explicar a quão poucos tinha o fato acontecido e costumar ser conferido só por grandes serviços prestados. Procurava explicar ainda..."; *eōrum princĭpes donis pollicitationibŭsque alliciēbat* (Cés., B. Gal., 7,31,1) "procurava atrair por presentes e promessas os chefes das cidades dêles"; etc.

14. O *Imperfeito nas cartas* constitui uma peculiaridade do estilo epistolar dos romanos. Colocando-se do ponto de vista do destinatário da carta, era freqüente o uso do imperfeito em lugar do presente, isso porque muitos fatos, presentes no momento em que ela era escrita, já teriam entrado no passado quando ela chegasse a seu destino. Observe-se, porém, que esta construção está longe de ter um caráter obrigatório.

Exs.: *nihil habēbam quod scribĕrem* (Cíc., At., 9,10,1) "não tenho nada a te escrever"; *nunc eram plane in medio mari* (Cíc., At., 5,12,3) "agora estou mesmo em pleno mar"; *nec dubĭto quin, legente te has littĕras, confecta iam res futūra sit* (Cíc., Fam., 6,12,3) "não duvido que ao leres esta carta o fato já se tenha consumado"; etc.

15. O *Futuro Imperfeito* indica que a ação verbal irá se realizar num futuro próximo ou remoto.

Exs.: *Verresne habēbit domi suae candelābrum Iouis?* (Cíc., Verr., 4,71) "possuirá Verres em sua casa o candelabro de Júpiter?"; *percipĭte diligēnter quae dicam.* (Cíc., Cat., 1,27) "escutai, diligentemente, o que vou dizer"; *sat ero diues* (Plaut., Most., 228) "serei bastante rico"; *tum facĭle uinces* (Plaut., Most., 559) "então vencerás com facilidade"; etc.

16. Além dêste sentido próprio, o futuro imperfeito é também empregado em outras acepções em que mais se avizinha do subjuntivo de um lado, e do imperativo de outro. Podemos assinalar assim, um *futuro volitivo* (cujas principais modalidades são o futuro jussivo e o futuro deliberativo) e um *futuro optativo*, além dos quais poderemos ainda referir o *futuro acrônico*.

17. O *futuro jussivo*, como seu próprio nome indica (formado de *iussum* "ordem"), exprime ordem, comando, equivalendo a um imperativo atenuado, sendo de emprêgo muito freqüente na linguagem familiar.

Exs.: *sed ualēbis meaque negotia uidēbis meque, dis iuuantĭbus, ante brumam exspectābis* (Cíc., Fam., 7,20,2) "mas ficarás bom, olharás por meus negócios e, se os deuses ajudarem, me esperarás antes do inverno"; *tu, miles, apud me cenābis* (Plaut., Curc., 728) "quanto a ti, militar, cearás comigo"; *haud facĭes neque sinam* (Ter., Hec., 590) "não o farás nem eu o permitirei'; etc.

18. O *futuro deliberativo* indica por parte do sujeito uma deliberação íntima, dúvida ou hesitação, por vêzes reação a uma ordem, caso em que é particularmente freqüente em frases interrogativas ou exclamativas.

Exs.: *quid loquar? quid fabulābor? quid negābo? aut quid fatēbor?* (Plaut., Capt., 535) "que direi? que inventarei? que negarei? ou que confessarei?"; *solus cenābo domi?* (Plaut., Rud., 559) "cearei sòzinho em casa?"; *quid respondēbo his? aut quo pacto hoc operĭam?* (Ter., Hec., 628) "que responderei a êstes? ou de que modo ocultarei isto?"; *propĕra! — quid properābo?* (Plaut., Rud., 1370) "anda depressa! — Porque hei-de andar depressa?"; *salta sic cum palla postĕa! — ego saltābo! sanus hercle non es* (Plaut., Men., 197) "a seguir dança assim com êste manto! — Eu dançar? por Hércules, não estás bom!"; etc.

19. O *futuro optativo* exprime um desejo, tendo um emprêgo que muito o aproxima do subjuntivo optativo. O *futuro acrônico* tem acepção semelhante ao presente acrônico, empregando-se, como êste, para exprimir uma verdade ou conceito geral de valor permanente.

Exs.: *dabunt di quae uelītis uobis* (Plaut., As., 623) "os deuses darão o que quereis para vós"; *O Sagaristio, di ament te! — O Toxile, dabunt di quae exoptes* (Plaut., Pers., 16) "Ó Sagarístio, que os deuses te amem! — Ó Toxilo, os deuses te darão o que desejares!"; *qui homo timĭdus erit in rebus dubiis, nauci non erit* (Plaut., Most., 1041) "o homem que fôr tímido nas circunstâncias críticas, não valerá nada"; *qui mentīri aut fallĕre insuerit patrem tanto magis audēbit cetĕros* (Ter., Ad., 55) "quem se acostumar a mentir ou enganar ao próprio pai, tanto mais fàcilmente ousará fazê-lo aos demais"; etc.

20. O *Pretérito Perfeito* latino quanto à sua natureza e significação pode ser um perfeito pròpriamente dito, indicando uma ação acabada, ou uma ação passada em relação ao presente, equivalendo ao perfeito grego. Pode ainda ser um *perfeito histórico* ou *aorístico*, indicando então uma simples ação passada, sendo por excelência o tempo da narração histórica, correspondendo destarte ao aoristo grego.

Exs.: *dicēbat melius quam scripsit Hortensius* (Cíc., Or. 132) "Hortênsio falava melhor do que escrevia"; *uixĭmus, floruĭmus; non uitium nostrum sed uirtus nostra nos adflīxit* (Cíc., Fam., 14,4,5); *fuimus Troes, fuit Ilium et ingens / gloriam Teucrōrum* (Verg., En., 2,325) "acabaram-se os troianos, acabou-se Tróia e a grande glória dos teucros".

Perfeito histórico :*(Regulus) Carthagĭnem rediit neque eius carĭtas patriae retinŭit nec suōrum* (Cíc., Of., 3,100); *ita tantum bellum, tam diutūrnum, tam longe lateque dispērsum... Cn. Pompeius extrēma hiĕme adparāuit, ineūnte uere suscēpit, media aestāte confēcit* (Cíc., Pomp., 35) "assim, tamanha guerra, tão prolongada, tão extensa e dispersa... Cn. Pompeu a preparou já no fim do inverno empreendeu no comêço da primavera, acabou no meio do verão."

21. O *pretérito perfeito pròpriamente dito*, como vimos, não indica ùnicamente uma ação acabada com relação ao presente, mas também o resultado ou o efeito presente desta ação terminada, o que explica o seu emprêgo com o valor de presente com verbos como *memĭni* "lembrar-se", *noui* "conhecer, saber", *odi* "odiar", e com as formas como *didĭci* "aprendi, i.é., acabei de aprender, sei", *decrēui* "tomei a resolução, estou resolvido"; etc.

22. O *pretérito perfeito pròpriamente dito* se emprega em sentido figurado, com valor de futuro, especialmente quando a êle se junta uma oração condicional, indicando-se assim que a ação por êle expressa é considerada como certa e inevitável.

Exs.: *qui (Brutus) si conseruātus erit, uicĭmus* (Cíc., Fam., 12, 6,2,) "o qual se se salvar, teremos vencido"; *occīsa est haec res, nisi reperio atrōcem mi alĭquam astuciam* (Plaut., Capt., 539) "tudo esta-

rá perdido para mim se não achar algum estratagema formidável"; *si ille argĕntum prius adfert, continuo nos exclūsi sumus* (Plaut., As., 360) "se êle levar primeiro o dinheiro, nós imediatamente seremos postos na rua"; *perĭi si me aspexerit* (Plaut., Amph., 320) "serei um homem morto, se me vir", etc.

23. *O perfeito histórico ou aorístico*, como vimos, indica uma simples ação passada, sem relação alguma com o presente, sendo freqüentemente usado para indicar uma verdade conhecida por experiência comprovada, caso em que vem geralmente acompanhado das palavras *interdum* "entrementes", *saepe* "freqüentemente", *multi* "muitos", *nemo* "ninguém", *plerique* "a maior parte", etc. Mas vem, por vêzes, nos poetas sem estas palavras.

Exs.: *Homērus fuit et Hesiŏdus ante Romam condĭtam, Archilŏchus regnānte Romŭlo* (Cíc., Tusc., 1,3) "Homero e Hesíodo existiram antes da fundação de Roma, Arquíloco, durante o reinado de Rômulo"; *ob eamque debilitātem anĭmi multi parēntes, multi amīcos, non nulli patriam, plerique autem se ipsos penitus perdiderunt* (Cíc., Fin., 1,49) "por essa fraqueza de ânimo (o mêdo da morte) muitos perderam irremediàvelmente os parentes, muitos os amigos, alguns a pátria, a maioria a si mesmos"; *felix qui potŭit rerum cognoscĕre causas* (Verg., Geo., 2,490) "feliz quem pôde conhecer a causa das coisas"; etc.

24. É particularmente freqüente o emprêgo do perfeito histórico com o mesmo valor do mais-que-perfeito do subjuntivo, equivalendo em português ao condicional composto.

Exs.: *non potŭit opportunius aduenīre* (Plaut., Pseud., 669) "não teria podido chegar mais a propósito"; *qui potŭit scire?* (Plaut., Stich., 301) "como teria podido saber?"; *nunquam potuīsti magis opportūnus aduenīre* (Plaut., Most., 573) "nunca terias podido chegar mais oportunamente"; etc.

25. O *mais-que-perfeito* indica ação passada antes de outra também passada, exprimindo assim uma ação acabada no passado, ou ainda os resultados passados de uma ação consumada.

Exs.: *hunc illi e naui egrĕssum... comprehendĕrant atque in uincŭla coniecĕrant* (Cés., B. Gal., 4,27,3) "a êste tendo desembarcado êles haviam capturado e lançado na prisão"; *Pyrrhi temporĭbus iam Apollo uersus facĕre desiĕrat* (Cíc., Diu. 2,116) "nos tempos de Pirro já Apolo deixara de fazer versos"; *fuēre tamen ciues qui seque remque publĭcam obstinātis anĭmis perditum irent. Namque duōbus senāti decretis ex tanta multitudĭne neque praemio inductus coniuratiōnem patefecĕrat neque ex castris Catilinae quisquam omnium discessĕrat* (Sal., Cat., 36,4-5); *dixĕrat hoc ille, cum puer nuntiāuit uenīre ad eum Laelium* (Cíc., Rep., 1,78) "êle acabara de dizer isto quando o escravo avisou que Lélio viera vê-lo"; etc.

26. O *futuro perfeito* exprime um fato futuro que será realizado, porém, antes de outro fato também futuro.

Exs.: *Minime id quidem, inquam, aliēnum, multumque ad ea quae quaerĭmus, explicatio tua ista profecĕrit* (Cíc., Fin., 3,14) "ao contrário, disse eu, não é absolutamente inoportuno, e tua explanação terá servido muito ao que investigamos"; *qui M. Antonium oppresĕrit, is bellum confecĕrit* (Cíc., Fam., 10,13,2) "quem esmagar M. Antônio terá acabado a guerra"; etc.

III) O Imperativo

27. O *Imperativo* é por excelência o modo da ordem ou da súplica, da permissão ou concessão, numa palavra, da volição, seja qual fôr o seu matiz. Segundo sua própria significação e valor, o imperativo só pode referir-se ao futuro, que poderá ser próximo ou remoto. No primeiro caso, é de regra o emprêgo do *imperativo presente*. No segundo, ainda o emprêgo mais comum é o do imperativo presente, sendo o imperativo futuro quase que ùnicamente usado nos textos de lei.

28. O imperativo presente, como acabamos de ver, é o de emprêgo geral, sendo principalmente usado quando se trata de uma ordem ou pedido cuja execução deva ser imediata. O imperativo presente vem muitas vêzes acompanhado de expressões reforçativas como *amābo* "por favor", *quaeso* "por favor, peço", *sis* ou *sodes* "se te apraz, com tua licença", *obsĕcro* "suplico, peço", etc.

Exs.: *pergĭte ut facĭtis, adulescēntes, atque in id studium in quos estis incumbĭte, ut et uobis honōri et amīcis utilitāti et rei publĭcae emolumento esse possītis* (Cíc., De Or., 1,34) "perseverai como vindes fazendo, jovens, e dedicai-vos inteiramente ao estudo a que vos entregastes, para que vos possais tornar ilustres para vós mesmos, servir a vossos amigos, ser úteis à república"; *perge quo coepīsti ; egredĕre aliquando ex urbe ; patent portae ; proficiscĕre* (Cíc., Cat., 1,10) "acaba o que começaste ; sai, enfim, da cidade ; as portas estão abertas ; parte"; *cura, amābo te, Cicerōnem nostrum* (Cíc., At., 2,2,1) "por favor, peço-te, olha pelo nosso querido Cícero"; *tu, quaeso, crebro ad me scribe* (Cíc., At., 7,10) "quanto a ti, peço-te, escreve-me com freqüência"; *sequĕre, sis* (Plaut., Amph., 585) "segue, por favor"; *tace, sis* (Plaut., Most., 892) "cala-te, por favor"; *dic, sodes, mihi* (Plaut., Bacch., 837) "dize-me, por favor"; *eloquĕre, obsĕcro hercle ; eloquĕre te obsĕcro* (Plaut., Curc., 308) "fala, suplico por Hércules ; fala, suplico-te"; etc.

29. O *Imperativo futuro*, de uso mais restrito, só é empregado quando se trata de uma ação que deverá ser cumprida depois de certo intervalo, sendo de uso obrigatório exclusivamente nos textos

de lei. É ainda de largo emprêgo numa oração principal à qual esteja ligada uma proposição subordinada que se refira claramente ao futuro. Note-se ainda que as formas médias do imperativo em *—tor*, relativamente freqüentes no latim arcaico, no período clássico só se encontram em poesia.

Exs.: *rem uobis propōnam ; uos eam suo, non nomĭnis pondĕre penditote* (Cíc., Verr., 4,1) "vou expor-vos o fato ; quanto a vós, ponderareis a coisa em si e não pelo nome"; *ad diuos adeūnto caste, pietātem adhibēnto, opes amouēnto* (Cíc., Leg., 2,19) "aproximai-vos dos deuses com pureza, oferecei-lhes a vossa piedade, removei as vossas riquezas"; *si de me ipso plura dicĕre uidēbor, ignoscitōte* (Cíc., Sest., 21) "se eu parecer falar muito de mim mesmo, perdoai-me"; *si placēbit utĭtor consilium, si non placēbit, reperitōte rectius* (Plaut., Epid., 263) "se agradar o plano, usai-o; se não agradar, achai um melhor"; etc.

30. Primitivamente, no indo-europeu, o imperativo era usado apenas para exprimir uma ordem ou súplica, e não para a proibição, de sorte que não havia um imperativo negativo. O latim, assim, emprega várias fórmulas para suprir essa deficiência, como antepor uma partícula negativa (geralmente *ne)* ao imperativo positivo, empregar o infinitivo presente precedido do imperativo do verbo *nolo*, e principalmente preceder de uma negação o perfeito do subjuntivo, construção esta preferida no período clássico.

Exs.: *nec uos quidem iudĭces... mortem timuerĭtis* (Cíc., Tusc., 1,98) "não temais a morte, vós também, juízes"; *nihil ignouĕris, nihil gratiae causa fecĕris, misericordia commōtus ne sis* (Cíc., Mur., 65) "nada perdoeis, nada façais por benevolência, não sejais tocados pela misericórdia"; *ne timēte* (T. Lív., 3,2,9) "não temais"; *nimium ne crede dolōri* (Verg., Buc., 2,17) "não acredites demais na dor"; *nolitōte dubitāre* (Cíc., Agr., 2,16) "não duvideis"; *noli uxōri credĕre* (Plaut., Cas., 387) "não creias na espôsa"; etc.

31. O *subjuntivo presente* pode ser empregado com valor de imperativo para dar uma ordem na terceira pessoa do imperativo positivo ou negativo, e na segunda pessoa sòmente no imperativo negativo. Quando esta segunda pessoa equivaler a uma construção de sujeito indeterminado, o emprêgo do subjuntivo presente é absolutamente clássico, mas, quando tiver o valor próprio de segunda pessoa, é uma peculiaridade da linguagem familiar.

Exs.: *cedat consulāri genĕre praetorium nec contēndat cum praetorio equēster locus* (Cíc., Planc., 15) "a ordem pretória ceda à consular, e o lugar de cavaleiro não dispute com o do pretor"; *cautus sis, mi Tiro* (Cíc., Fam., 16,9,4) "sejas cauteloso, meu caro Tirão"; *sequĕre illos, ne morēre* (Plaut., M. Glor., 1361) "segue-os, não te demores"; *sic iniurias fortūnae, quas ferre nequeas, diffugiendo relin-*

quas (Cíc., Tusc., 5,118) "assim as afrontas da sorte que não se puderem suportar, evitam-se fugindo"; *isto bono utāre, dum adsit, cum absit, ne requīras* (Cíc., C. M. 33) "dêste bem usarás, quando estiver ao alcance, quando se fôr, que não seja procurado"; etc.

IV) O Subjuntivo

32. O subjuntivo latino representa a síntese de dois modos: o subjuntivo pròpriamente dito, que tem valor essencialmente volitivo, e o subjuntivo optativo, que, além de seu valor próprio para exprimir desejo, é também usado para exprimir o potencial.

33. O *subjuntivo pròpriamente dito* é empregado principalmente para exprimir a vontade, daí poder também ser denominado *subjuntivo volitivo*, subdividindo-se em *subjuntivo jussivo* ou *proibitivo* de um lado, e *subjuntivo deliberativo* de outro.

A) *Subjuntivo Volitivo*

34. O *subjuntivo jussivo ou proibitivo*, por seu emprêgo e significação, muito se aproxima do imperativo, ao qual aliás vem suprir em algumas construções, como vimos ao estudar êste modo. Assim, já o encontramos fornecendo as formas do imperativo negativo, bem como a terceira e até mesmo a segunda pessoa do imperativo afirmativo. Resta-nos, pois, aqui, examinar apenas alguns casos especiais do subjuntivo jussivo.

35. Já vimos o emprêgo do subjuntivo jussivo na terceira pessoa do imperativo afirmativo e na segunda do negativo. Entretanto, se bem que mais raramente, costuma também aparecer com valor de um imperativo atenuado nas segundas e terceiras pessoas do singular e plural, embora no plural (e especialmente na segunda pessoa do plural) seja muito mais raramente encontrado, quer nas formas do jussivo ou do proibitivo. O subjuntivo presente é a forma mais comumente usada, não deixando, porém, de aparecer uma vez por outra o perfeito. Cumpre ainda notar que com freqüência vem o jussivo acompanhado de partículas reforçativas como *ut* ou *uti*, *modo*, etc.

Exs.: *suum quisque noscat ingenium* (Cíc., Of., 114) "cada um conheça a sua índole"; *cautus sis mi Tiro* (Cíc., Fam., 16,9,4) "tenhas cautela, meu caro Tirão"; *pacem petas* (Plaut., Curc., 270) "peças a paz"; *emas non quod opus est, sed quod necesse est* (Cat., frag., Jord., 79,7) "compra não o que fôr preciso, mas o que fôr necessário"; *concordĭtātem conseruētis* (Pac., 188) "conservai a concórdia"; *fores occlūsae omnibus sint nisi tibi* (Plaut., As. 759) "as portas estejam fechadas para todos, exceto para ti"; *opĕram ut det* (Plaut., Curc., 257) "que preste atenção"; *molēstus ne sis* (Plaut., As., 469) "não

sejas importuno"; *ne uereāre* (Plaut., Capt., 349) "não receies"; *ne facias* (Plaut., Aul., 173) "não faças"; *ne dicat* (Plaut., As., 780) "não diga"; *ne quis sedeat* (Plaut., Poen., 17) "que ninguém se sente"; *ne uereamini* (Plaut., Capt., 68) "não receeis"; *minime fecĕris* (Plaut., Most., 272) "não o faças em absoluto"; etc.

36. O chamado *subjuntivo oratório*, bem como o *subjuntivo permissivo* podem considerar-se como uma simples decorrência do jussivo. O primeiro é constituído principalmente pela primeira pessôa do plural do subjuntivo presente, e excepcionalmente pela primeira do singular, exprimindo antes uma exortação do que pròpriamente uma ordem. Aparece tanto em frases positivas como negativas. O segundo, que é empregado tanto no presente como no perfeito, exprime uma permissão, por vêzes apenas indiferença, sendo igualmente empregado em frases afirmativas, como em negativas.

Exs.: subjuntivo oratório — *mane; hoc quod coepi primum enārrem* (Ter., Heaut., 273) "fica; o que comecei primeiro, tenho de contar"; *quod perdumdumst propĕrem perdĕre* (Plaut., Bacch., 1049) "o que tem de ser perdido tenho de me apressar em perder"; *uideāmus* (Plaut., Men., 349) "vejamos"; *eāmus* (Plaut., Amph., 543) "vamos"; *surgamus, eamus, agāmus* (Lucil., 732) "levantemo-nos, vamos, tratemos de agir"; *ne eloquāmur* (Plaut., Poen., 251) "não falemos"; *amēmus patriam, pareamus senātui, consulamus bonis, praesentes fructus neglegāmus, posteritātis gloriae seruiāmus* (Cíc., Sest., 143) "amemos a pátria, obedeçamos ao senado, aprovemos os bons, desprezemos os lucros imediatos, sirvamos à glória da posteridade"; etc.

Subjuntivo permissivo —*tu tibi istos habēas turtūres* (Plaut., Most., 46) "quanto a ti, que guardes para teu uso êstes pombos"; *habĕat, si argentum dabit* (Plaut., Rud., 727) "se der dinheiro, guarde-o"; *faciat quid lubet* (Ter., Heaut., 464) "faça o que lhe aprouver"; *nullus creduas* (Plaut., Trin., 676) "não creias em ninguém"; *gerātur mos tibi* (Plaut., Pseud., 559) "faça-se a tua vontade"; etc.

37. O *subjuntivo deliberativo* tem os mesmos empregos do futuro deliberativo, indicando por parte do sujeito uma deliberação íntima, dúvida ou hesitação, por vêzes reação a uma ordem, senão censura ou surprêsa indignada.

Exs.: *Quid agam, iudīces ? quo accusatiōnis meae ratiōnem confĕram, quo me uertam ?* (Cíc., Verr., 5,2) "que fazer, juízes ? para onde dirigir o plano de minha acusação, para onde me voltar ?"; *ubi Libānum requiram ?* (Plaut., As., 267) "onde irei procurar Líbano?"; *quor insāno seruiat ?* (Ter., Heaut., 32) "porque há-de servir a um louco ?"; *cum eis belligĕrem ?* (Plaut., Pers., 26) "hei-de guerrear com êles ?"; *non patrem te nomem* (Plaut., Epid., 588) "não te chamar de pai ?"; *intus serua. — ego intus seruem ?* (Plaut., Aul., 81)

"vigia lá dentro. — Eu vigiar lá dentro ?"; *med emītas manu. — Liberem te?* (Plaut., Men., 1023) "que tu me emancipes. — Que eu te dê a liberdade ?"; etc.

38. O *Subjuntivo concessivo* pode também ser considerado como uma extensão do subjuntivo jussivo, indicando que se concede ou se admite um fato, geralmente como simples hipótese, sendo empregado o presente do subjuntivo ou o perfeito para indicar que a hipótese ou concessão corresponde à realidade dos fatos, e o imperfeito, se fôr contrária a ela.

Exs.: *sit fur, sit sacrilĕgus, sit flagitiōrum omnium uitiorūmque princeps. At est bonus imperātor* (Cíc., Verr., 5,4) "admitamos que seja ladrão, que seja um sacrílego, que seja o protótipo de todos os escândalos e de todos os vícios. Mas é um bom general"; *uendat aedes uir bonus propter aliqua uitia, quae ipso norit, cetĕri ignōrent* (Cíc., Of., 3,54) "que um homem de bem venda a sua casa por qualquer defeito que êle mesmo conheça e os outros não conheçam"; *ne sit sane summum malum dolor; malum certe est* (Cíc., Tusc., 2,14) "que a dor não seja de fato o maior dos males; certamente é um mal"; *fuĕrint cupĭdi, fuĕrint irāti, fuĕrint pertināces; scelĕris uero crimĭne, furōris, parricīdi, liceat Cn. Pompeio mortuo, liceat multis aliis carēre* (Cíc., Lig., 18) "que tenham sido ambiciosos, que tenham sido arrebatados, que tenham sido obstinados; mas que a Cn. Pompeu já morto, e a muitos outros lhes seja permitido estar isento da acusação de crime, de fúria, de parricídio"; *malus ciuis, imprŏbus consul, seditiōsus homo Carbo fuit. Fuĕrit aliis, tibi quando esse coepit?* (Cíc., Verr., 1,1,37) "tenha sido mau cidadão, cônsul sem probidade, homem sedicioso. Que o tenha sido para os outros, mas para ti, quando começou a sê-lo ?"; mas: *at dares hanc uim M. Crasso, ut digitōrum percussiōne heres posset scriptus esset heres: in foro, mihi crede, saltāret* (Cíc., Of., 3, 75) "mas se se desse êsse poder a M. Crasso (que por um simples estalo com os dedos pudesse ser inscrito como herdeiro): certamente, êle dançaria no fôro"; etc.

B) *Subjuntivo Optativo*

39. O *subjuntivo optativo* é empregado para exprimir um desejo, sendo usado principalmente no presente. O subjuntivo perfeito com valor de optativo, embora também apareça na língua clássica, era mais freqüente na língua arcaica e ainda assim de preferência com as formas em *–s–* como *faxit, seruassit*, etc.

Exs.: *ualeant ciues mei, ualeant! sint incolŭmes, sint florēntes, sint beāti! stet haec urbs praeclāra mihique patria carissĭma!* (Cíc., Mil., 93) "passem bem os meus concidadãos, passem bem! sejam salvos, sejam prósperos, sejam felizes! que se conserve esta cidade ilustre, minha pátria muito amada"; *bene sit tibi* (Plaut., Merc., 327); *Iuppiter te mihi seruet* (Plaut., Pseud., 934) "Júpiter te con-

serve para mim"; *quod di omen auertĕrit* (Cíc., Phil., 12,14) "que os deuses afastem inteiramente êste presságio" ; *ita di faxint* (Plaut., Aul., 149) "assim façam os deuses"; *di te seruāssint* (Plaut., Asin., 654) "os deuses te conservem"; *ita di deaeque faxint* (Plaut., Capt., 172) "assim façam os deuses e as deusas"; etc.

40. Freqüentemente o subjuntivo optativo vem acompanhado de uma partícula de sentido reforçativo, como *utĭnam* (a mais usada no período clássico), *ut*, e raramente *o si* (só em poesia). A negação que geralmente acompanha o optativo é *ne*.

Exs.: *ne sim saluus si alĭter scribo ac sentĭo* (Cíc., At., 16,3a,1) "que eu não me salve se escrevo o que não sinto"; *utĭnam tam facĭle uera inuenĭre possim quam falsa conuincĕre* (Cíc., Nat., 1,91) "oxalá possa eu tão fàcilmente achar a verdade quanto refutar o êrro"; *utĭnam illum diem uideam, tibi agam gratias quod me uiuĕre coegĭsti!* (Cíc., At., 3,3) "oxalá eu veja aquêle dia em que te agradecerei por me teres obrigado a viver"; *ut illum di perdant* (Plaut., Aul., 785) "que os deuses acarretem a sua perda"; *ut supĕrstes uxor siet* (Plaut., As., 21) "que a espôsa sobreviva"; *utĭnam te rediisse saluom uideam* (Plaut., Trin., 618) "oxalá eu te veja voltar são e salvo"; *utĭnam non queas* (Plaut., Cis., 555) "oxalá não possas"; *o mihi praeterĭtos refĕrat si Iuppĭter annos!* (Verg., En., 8, 560) "ó se Júpiter me restituísse os anos passados!"; etc.

41. Um dos empregos típicos do subjuntivo optativo ocorre quando êste vem precedido de *ita* e seguido de uma oração introduzida pela conjunção *ut*, clara ou subentendida, ficando destarte o desejo expresso pelo optativo restrito à condição estabelecida pela oração assim ligada à proposição optativa.

Exs.: *med ita di seruent, ut hic pater est uoster* (Plaut., Poen., 1258) "assim me salvem os deuses, como êste homem é teu pai"; *itaque suo me semper condecoret cognomĭne, ut ego uidi* (Plaut., Capt., 878) "e assim sempre me honre com o seu sobrenome, como eu o vi"; *ita me di ament, ut ego nunc non tam meapte causa laetor quam illius* (Ter., Heaut., 696) "assim me amem os deuses como eu mesmo agora não me rejubilo tanto por minha causa quanto pela dêle"; etc.

42. O *subjuntivo potencial* é empregado precìpuamente para indicar a idéia de possibilidade ou às vêzes de probabilidade, sendo para isso usado o subjuntivo presente ou perfeito, indiferentemente, notando-se, entretanto, que o presente insiste em chamar a atenção para o processo verbal em sua elaboração, e o perfeito apresenta a ação expressa pelo verbo como inteiramente acabada.

Exs.: *eas* (os discursos de Tucídides) *ego laudare soleo; imitari neque possim si uelim, neque uelim fortāsse si possim* (Cíc., Br., 287) "os quais eu costumo louvar; mas não poderia imitar se quisesse, nem talvez quereria se pudesse"; *dies deficĭat si uelim enu-*

merāre quibus bonis male euenĕrit, nec minus si commemorāre quibus imprŏbis optĭme (Cíc., Nat., 3,81); *ego enim ipse cum eōdem ipso (Platone) non inuītus errauĕrim* (Cíc., Tusc., 1,40) "quanto a mim em pessoa não erraria de mau grado em companhia do próprio Platão"; *fortasse dixĕrit quispiam* (Cíc., C. M., 8) "talvez alguém dissesse"; etc.

43. O *subjuntivo potencial* é ainda empregado para tirar à afirmação o caráter demasiadamente categórico, como também para fazer as vêzes de um sujeito indeterminado.

Exs.: *at hercŭle Bruto meo uidētur, cuius ego iudicium, pace tua dixĕrim, longe antepōno tuo* (Cíc., Tusc., 5,12) "mas, por Hércules, assim parece ao meu amigo Bruto, cuja opinião, direi, com tua licença, anteponho de muito à tua"; *hoc uero sine ulla dubitatiōne confirmauĕrim* (Cíc., Tusc., 5,25) "isto eu poderei afirmar sem nenhuma hesitação"; *ubi enim istum inuenias, qui honōrem amici antepōnat sua ?* (Cíc., Lael., 64) "com efeito, onde se encontrará esta pessoa que anteponha a dignidade (honraria) de um amigo à sua?"; *at memorĭa minuĭtur. — Credo, nisi eam exerceas, aut etiam si sis natūra tardĭor* (Cíc., C. M., 21) "mas a memória diminui. — Creio, a não ser que se a exercite ou se seja um pouco tardo pela própria natureza"; etc.

44. Para o potencial passado é empregado o subjuntivo imperfeito ou mais-que-perfeito, que assim exprimem que a possibilidade se refere pròpriamente ao passado, e como tal não podendo mais se realizar, confunde-se com o chamado irreal.

Exs.: *equĭdem saepe emŏri, si fiĕri posset, uellem* (Cíc., Tusc., 1,98) "com efeito, desejaria muitas vêzes morrer, se isto fôsse possível"; *potĕrat Sextilius impūne negāre: quis enim redarguĕret?* (Cíc., Fin., 2,17) "Sextílio podia impunemente negar: quem então poderia retorquir?"; *ego tibi irāscer, mi frater? tibi ego possem irāsci?* (Cíc., Q. fr., 1,5,1) "eu me zangaria contigo, meu irmão? como poderia eu ter-me zangado contigo?"; *mihi cuiusquam salus tanti fuĭsset, ut meam neglegĕram?* (Cíc., Sul., 45) "para mim a salvação de cada um teria sido tão importante que não daria atenção à minha?"; etc.

45. O *subjuntivo imperfeito* ou *mais-que-perfeito* se empregam para indicar que a ação expressa pelo verbo é contrária à realidade, ou é irrealizável. O imperfeito do subjuntivo assim empregado corresponde geralmente ao condicional simples do português, uma vez que se refere ao presente, e o mais-que-perfeito, ao condicional composto, uma vez que se refere ao passado, sendo porém de se notar que às vêzes ocorre que o imperfeito também exprima o passado.

Exs.: *haec si inimīcus esset, credo haud credĕret* (Plaut., Tr., 115) "se me fôsse inimigo, creio que não acreditaria"; *non uideo; ubist? — uidēres si amāres* (Plaut., Mil., 1262) "não vejo; onde

está ? – verias se amasses"; *si appellāsses, respondisset* (Plaut., Tr., 927) "se tivesses chamado, teria respondido"; *si id ita esset, non ego hodie perdidīssem prandium* (Plaut., Men., 460) "se isso fôsse assim, não teria eu hoje perdido o almôço"; *deos credo uoluīsse : nam ni uellent ,non fiĕret* (Plaut., Aul., 742) "creio que os deuses o quiseram : pois se o não tivessem querido, não teria acontecido"; etc.

V) O Infinitivo

46. Na oração independente o infinitivo aparece apenas na construção denominada de *infinitivo histórico*, empregado nas narrações, principalmente em lugar do imperfeito do indicativo, com o qual, aliás, freqüentemente vem alternando no mesmo período.

Exs.: *intĕrim cotidīe Caesar Haeduos frumēntum, quod essent publīce pollicĭti, flagitare* (Cés., B. Gal., 1,16,1) "nesse ínterim César reclamava diàriamente dos éduos o trigo que êles haviam pùblicamente prometido"; *cetĕram facies negoti uaria, incerta, foeda atque miserabĭlis ; dispersi a suis pars cedēre alii insequi ; neque signa neque ordĭnes obseruare ; ubi quemque pericŭlum ceperat ibi resistĕre ac propulsare... nihil consilio neque imperio agi, fors omnia regĕre* (Sal., Iug., 51,1) "aliás, o aspecto de tôda a luta era desigual, incerto, horrível e miserável : separados dos seus, uns fugiam, outros atacavam ; não observavam nem os estandartes nem as fileiras ; onde o perigo surpreendera a cada um aí resistia ou atacava... nada se fazia segundo a tática ou o comando, o acaso presidia a tudo"; *obiurgāre pater haec noctes et dies : / perfidiam, iniustitiam lenōnum expromĕre / lacerāri ualĭde suam rem, illius augerier* (Plaut., Merc., 46-8) "meu pai censurava-me isto noite e dia ; mostrava-me a perfídia e deslealdade dos lenos ; serem os seus bens fortemente delapidados por mim e os do leno aumentarem"; *ruri agĕre uitam ; semper parce ac durĭter / se habēre* (Ter., Ad., 45-6) "leva a vida no campo, sempre se manteve com parcimônia e severidade"; etc.

COMPLEMENTO AO ESTUDO DO VERBO NA ORAÇÃO INDEPENDENTE

As Vozes

Como tivemos oportunidade de ver na morfologia e no estudo do presente capítulo, o verbo latino tinha essencialmente duas vozes: a *ativa* e a *passiva*. A voz *média*, como já tivemos ocasião de ver, subsistia em latim na qualidade de simples vestígio de um antigo estado de coisas indo-europeu, que a língua ia procurando eliminar. Passaremos agora a reexaminar a questão, no sentido de melhor precisar-lhe o verdadeiro significado.

Começaremos por considerar a nomenclatura latina concernente às vozes do verbo, a qual foi traduzida, nem sempre com felicidade, de expressões usadas pelos gramáticos gregos. O têrmo grego empregado para designar o que hoje compreendemos por voz de um verbo era o vocábulo *diáthesis*, em seu sentido técnico de "maneira de ser de um verbo", especialmente em consideração de seu sujeito e seu comportamento em face da significação verbal. Não tendo a gramática latina ainda adotado uma expressão equivalente, e não possuindo a língua uma palavra que se lhe pudesse bem ajustar, traduziram-no primeiramente os romanos por *genus*, têrmo sugerido por uma comparação mal feita com a categoria nominal de gênero. Assim, como aos nomes do gênero masculino correspondia em geral uma idéia de iniciativa atuante e de fôrça, e do gênero feminino a idéia de fragilidade e de uma receptividade passiva, passou-se a denominar de voz ativa no verbo quando o sujeito praticava a ação indicada pelo mesmo verbo, e voz passiva quando esta ação era sofrida pelo respectivo sujeito. Sentindo, porém, os romanos a inadequação do têrmo que estava longe de corresponder ao significado de *diáthesis*, procuraram uma expressão mais feliz substituindo *genus* primeiramente por *species uerbi*, e depois por *uox*. É esta última denominação que de um modo geral hoje ainda perdura na tecnologia gramatical, embora ainda se encontre a velha denominação *genus* referente às vozes do verbo principalmente em trabalhos alemães, ou de inspiração germânica.

Ao contrário do que acontecia em latim, onde o verbo possuía essencialmente uma voz ativa e uma voz passiva, o verbo indo-europeu compreendia a princípio, além da voz ativa, uma voz média, representando a passiva um desenvolvimento posterior e secundário. O sentido precípuo dessa voz média era expressar o interêsse e a participação do sujeito relativamente ao processo indicado pelo verbo, ou, por outras palavras, como diz J. Humbert (Syntaxe Grecque, pág., 73) "em face da voz ativa correspondente, a voz média exprime que a ação realizada possui para o sujeito uma *significação pessoal*". Assim, enquanto a voz ativa no indo-europeu indicava que o sujeito era o autor e o agente da ação verbal pura e simplesmente, a voz média tinha um valor essencialmente subjetivo, podendo a ação verbal recair sôbre o próprio sujeito, ou, ao menos, incidir na esfera do sujeito. Advirta-se ainda que no indo-europeu, ao lado de verbos que admitiam ambas as vozes, havia outros que por sua significação e emprêgo só eram usados ou na voz ativa, ou só na voz média. Não existindo no indo-europeu a voz passiva, é natural que esta, aparecendo como um desenvolvimento posterior, assuma formas diversas nas línguas indo-européias. Assim, o grego desenvolveu tôda a sua voz passiva empregando para êste fim as desinências médias do indo-europeu: "é uma criação do grego", diz J. Humbert (*Syntaxe*, pág., 77). No latim, embora em parte a

passiva provenha também do antigo médio, apresenta uma formação diferente, como veremos adiante. Pode-se, pois, afirmar que por seu valor objetivo o médio já possuía no indo-europeu uma possibilidade latente para a expressão da passiva que várias línguas dêle oriundas passaram a desenvolver, seguindo cada uma, como é natural, suas tendências próprias. Da idéia primitiva de que o sujeito estava interessado ou participava afetivamente da ação expressa pelo verbo, passou-se a significar que a ação verbal era como que diretamente dirigida ao sujeito, que passava à condição de paciente da mesma. Em realidade isto nada mais é do que a intensificação do valor subjetivo da voz média, o que explica também que com o decorrer do tempo se manifestasse a tendência em ser ela substituída pela passiva, por ser esta mais expressiva.

No latim a eliminação da voz média foi quase total, dela restando, como se disse, apenas poucos vestígios. Como categoria verbal, o médio já não mais existe em latim, sendo expressos pela passiva os antigos conceitos e significações que tinha no primitivo indo-europeu. E note-se que isto se observa desde o aparecimento dos mais antigos textos latinos. Assim, quando se diz que em latim há ùnicamente vestígios da antiga voz média, tais vestígios quanto ao seu aspecto morfológico assumem sempre a forma passiva. Os mais importantes dêsses vestígios são constituídos pelos verbos médio-passivos e pela conjugação depoente. Os verbos médio-passivos são os que possuem uma voz ativa e ao lado desta têm a passiva com a possibilidade de assumir uma valor médio, em geral de sentido reflexivo: *lauari* "lavar-se", ao lado de *lauare* "lavar"; *ungui* "perfumar-se", ao lado de *unguere* "perfumar"; *uehi* "transportar-se", *uehere* "transportar"; *colligi* "reunir-se", *colligere* "reunir", etc. Muito mais numerosos são os verbos depoentes. Como dissemos acima, havia no indo-europeu verbos que só eram usados na voz média. A conjugação depoente continua em latim êsse tipo de verbos indo-europeus, embora o seu valor médio se tenha enfraquecido bastante, indicando em geral uma atividade que provém do sujeito ou lhe diz respeito. A conjugação depoente sempre apareceu em latim, desde os mais antigos textos, como uma excrescência que a língua procurava eliminar, razão por que veio a desaparecer inteiramente das línguas românicas. Aliás, desde o período arcaico, manifesta a língua a tendência em substituir a conjugação depoente pela conjugação pronominal reflexiva, que irá acentuar-se no Império, principalmente nos últimos séculos, e generalizar-se nas línguas românicas: *ipsus se excruciat* (Plaut., Curc., 170) "êle próprio se aflige"; *clamor se tollit ad auras* (Verg., En., 11,455) "eleva-se aos ares um clamor"; *Myrīna quae Sebastŏplim se uocat* (Plín., H. Nat., 5,30,121) "Mirina que se chama Sebastópolis"; *nec medĭci se inueniunt* (Petr., 47,2) "nem se acham os médicos"; etc.

INDEX

A voz passiva latina é de formação complexa. Provém principalmente de uma passiva impessoal em *—r*, que ainda aparece na língua na terceira pessoa do singular para exprimir a noção verbal sem referência a um sujeito: *sic itur ad astra* (Verg., En., 9,641). Êste impessoal aparece, tanto no *infectum* como no *perfectum*: *acrĭter pugnātum est* (Cés., B. Gal., 1,26,1) Além disso, cumpre observar também que é de emprêgo comum aos verbos intransitivos e transitivos: *recte datur* (Ter., Ad., 951) "é dado com acêrto"; *inuidētur praestānti florentīque fortūnae* (Cíc., De Or., 2,210) "inveja-se uma situação elevada e florescente". Ainda assim, pela relativa raridade de seus empregos, esta passiva impessoal só aparece em latim como um vestígio. A esta formação de impessoal em *—r* se veio juntar uma série de desinências médias, geralmente de tipo secundário, que vão aparecer na segunda pessoa do singular (isoladamente) e nas terceiras do singular e plural, antecedendo o já citado elemento *—r*. A segunda pessoa do plural não se relaciona com nenhum tipo de desinências, quer médias, quer do impessoal. Constituída por elementos heterogêneos, é natural que a voz passiva latina "conserve em seu emprêgo a marca de suas diversas origens" (A. Ernout, *Recherches sur l'Emploi du Passif Latin*, pág., 60). A voz média, como ficou dito, deixou como herança em latim os verbos médio-passivos e a conjugação depoente. O antigo impessoal em *—r*, que domina a flexão da voz passiva latina, também fornece o sentido impessoal que predomina no significado e no emprêgo da passiva latina, que segundo alguns especialistas (A. Meillet, J. Vendryes, A. Ernout) dêle se origina. Já Hofmann (e outros que o seguem) vê a origem do significado passivo no médio-reflexivo. Temos para nós que na constituição da passiva latina houve a concomitância dos dois fatôres, a ambos, pois, prendendo-se a sua origem.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

K. Brugmann, *Abrégé*, págs. 583-645.

W. M. Lindsay, *Syntax of Plautus*, págs. 52-79.

A. Ernout, *Recherches sur l'Emploi du Passif Latin*, Paris, 1909. Trabalho excelente, documentação abundante.

CH. E. Bennet, *Syntax of Early Latin*, vol. I — *The Verb*. Boston, 1910, passim. Trabalho fundamental, rica documentação.

D. Barbelenet, *De l'Aspect Verbal en Latin Ancien*, Paris, 1913. Fundamental para o estudo do aspecto.

A. Meillet, *Linguistique Historique et Linguistique Générale*, vol. I, Paris, 1921, págs. 175-178. Artigo importante sôbre o aspecto.

Stolz-Schmalz, *Lat. Grammatik*, págs. 542-610.

G. Guillaume, *Temps et Verbe*, Paris, 1929. Trabalho essencial.

G. Guillaume, *L'Architectonique du Temps dans les Langues Classiques, Copenhague,* 1945. Todo o trabalho é interessantíssimo, especialmente págs. 25-42.

Fr. Thomas, *Recherches sur le Subjonctif Latin,* Paris, 1938, passim. Bom trabalho, estudo minucioso das formas e seu emprêgo.

W. Kroll, *La Syntaxis Científica,* págs. 61-85.

S. A. Handford, *The Latin Subjunctive,* Londres, 1947. Explanação clara e metódica.

A. Ronconi, *Il Verbo Latino,* Bolonha, 1947. Bom trabalho.

J. Humbert, *Syntaxe Grecque,* Paris, 1945, págs. 69-79. Excelente. Embora aplicada ao grego é muito esclarecedora para a compreensão dos fatos latinos.

A. Tovar, *Syntaxis,* págs. 107-141.

M. Bassols de Climent, *Sintaxis Histórica de la Lengua Latina,* tom. II, Barcelona, 1948, passim. Trabalho essencial, mise au point excelente.

A. Meillet-J. Vendryes, *Traité,* passim.

F. Blatt, *Précis de Syntaxe Latine,* págs. 153-220.

A. Ernout-Fr. Thomas, *Syntaxe Latine,* págs. 201-287.

L. R. Palmer, *The Latin Language,* págs. 305-332.

M. Bassols de Climent, *Sintaxis Latina* I, Madrid, 1956, págs. 265-274; 285-346.

CAPÍTULO XXIX

O Período Coordenado

1. Quando num período tôdas as orações têm o mesmo valor significativo, vindo ligadas umas às outras ùnicamente por conjunções coordenativas, ou quando se acham apenas justapostas, constituem um *período coordenado*. Assim, denominam-se *sindéticas* as orações do período coordenado ligadas pelas conjunções coordenativas; tomando o nome de orações *assindéticas* no caso de não haver conjunções para as ligar, vindo as orações simplesmente justapostas.

2. As orações coordenadas sindéticas classificam-se pelas conjunções que lhes servem de conectivo, podendo ser, pois, copulativas, disjuntivas, adversativas e conclusivas.

I) Orações Copulativas

3. São *orações coordenadas copulativas* tôdas as que vierem ligadas por qualquer das conjunções copulativas, como *et, –que, atque* ou *ac, quoque, neque, nec*.

4. *Et* "e" é a conjunção copulativa por excelência, sendo empregada quer para ligar orações, quer para aproximar simples palavras ou têrmos da oração.

Exs.: *uideo te alte spectāre et uelle in caelum migrāre* (Cíc., Tusc., 1,82) "vejo que tens altas aspirações e que desejas partir para o céu"; *animo non deficiam et id quod suscēpi perfĕram* (Cíc., Rosc., Am., 10) "não esmorecerei e levarei a cabo o que empreendi"; *haec puĕris, et muliercŭlis et seruis et seruōrum simillĭmis libĕris grata sunt* (Cíc., Of., 2,57) "isto é grato às crianças, às mulherezinhas, aos escravos e aos homens livres inteiramente semelhantes aos escravos"; etc.

5. A enclítica *–que* "e" é empregada, no período clássico, principalmente para ligar vocábulos ou conceitos geralmente afins ou sinônimos, vindo assim encerrar uma série de expressões que se referem a uma mesma coisa, indicando, não raro, que o último

elemento é a causa ou o efeito do que precede, caso em que significa "e com efeito", "e por conseguinte".

Exs.: *ferro ignique* (Cíc., Phil., 11,37) "a ferro e fogo"; *terra marique* (Cíc., Pomp., 56) "por terra e por mar"; *domi militiaeque* (Cíc., Tusc., 5,55) "na paz e na guerra"; *peto quaesoque* (Cíc., Fam., 5,4,2) "peço e solicito"; *Sabinos equitātu fudit belloque deuīcit* (Cíc., Rep., 2,36) "com a cavalaria pôs em fuga os sabinos e os venceu pela guerra"; *Iugurtham beneficiis uincĕre aggressus est, statimque eum adoptāuit* (Sal., Iug., 9,3) "tentou vencer Jugurta por seus benefícios e com efeito o adotou imediatamente"; *ad Rhenum finesque Germanōrum contendērunt* (Cés., B. Gal., 1,27,4) "dirigiram-se para o Reno e por conseguinte para as fronteiras dos germanos"; etc.

6. *Atque* ou *ac* (sendo a primeira forma usada antes de vogal, de um *h* e ainda geralmente antes de oclusiva velar) é, pela própria etimologia, a mais expressiva das conjunções copulativas, significando "e precisamente", "e de mais a mais", "e aliás", sendo por isso mesmo freqüentemente empregada para precisar ou corrigir um conceito primeiramente expresso.

Exs.: *in omni caelo atque in terra* (Cíc., Leg., 1,23) "em todo o céu e de mais a mais na terra"; *nullus dolor est, quem non longinquĭtas tempŏris minuat ac molliat* (Cíc., Fam., 4,5,6) "não há dor alguma que o longo tempo decorrido não diminua e até mesmo não abrande"; *in omni Gallia eōrum homĭnum, qui alĭquo sunt numĕro atque honōre* (Cés., B. Gal., 6,13,1) "em tôda a Gália, de todos os homens que têm alguma importância e mesmo dignidade"; *cum iste nihĭlo remissius atque etiam multo uehementius instāret cotidĭe* (Cíc., Verr., 4,76) "como êste indivíduo não afrouxasse em nada e muito pelo contrário instasse mais insistentemente dia a dia"; *sed ego cesso ire obuiam / adulescēnti, ut quid negoti sit sciam. Atque ipse illic est* (Plaut., Epid., 100-101) "mas eu me demoro em ir ao encontro do jovem para saber o que há. E precisamente ei-lo ali em pessoa"; etc.

7. *Quoque* "também", e *etiam* "e ainda" podem funcionar como conjunções coordenativas, sendo de se notar que *etiam* tem um valor intensivo ,enquanto que *quoque* indica antes paridade entre o que precede e o que se segue. Quanto à colocação, *etiam* pode preceder ou seguir-se à palavra a que se refere, mas *quoque* deverá vir sempre posposto ao têrmo a que pertence.

Exs.: *illud quidem admīror, te nobis in eo genĕre tribuīsse tantum et non huius rei quoque palmam Crasso detulīsse* (Cíc., De Or., 2,227) "realmente me admiro que nesse gênero nos tenhas atribuído tão grande talento e não tenhas também concedido neste particular a palma a Crasso"; *Domitius tum quoque sibi dubitāndo non putāuit* (Cés., B. Gal., 3,27,2) "também Domício, então, julgou não

dever hesitar"; *quae omnes docti atque sapiēntes summa, quidam etiam sola bona esse dixērunt* (Cíc., Dei. 13,17) *"o que tôdas as* pessoas cultas e os sábios disseram ser o sumo bem, e alguns ainda o único"; *Mamertīna ciuitas imprŏba antea non erat, etiam inimica improbōrum* (Cíc., Verr., 4,10,22) "a cidade Mamertina antes não era má, e ainda era inimiga dos maus"; *ut in corporĭbus magnae dissimilitudĭnes sunt, sic in anĭmis exsistunt etiam maiōres uarietātes* (Cíc., Of., 1,107) "assim como nos corpos há grandes diferenças, também nas almas existem variedades e ainda maiores"; etc.

8. Numa oração copulativa negativa as conjunções geralmente usadas são *neque* ou *nec*.

Exs.: *non enim temĕre nec fortuĭto sati et creāti sumus* (Cíc., Tusc., 1,118) "não fomos engendrados nem criados sem motivo nem por acaso"; *Orgetŏrix mortuus est ; neque abest suspicio, ut Heluetii arbitrāntur, quin ipse sibi mortem consciuĕrit* (Cés., B. Gal., 1,4,4) "Orgetorige morreu, e nem deixou de haver a suspeita, como pensam os helvécios, que êle se tenha suicidado"; *quae (opera) neque uidĕrant ante Galli neque audiĕrant* (Cés., B. Gal., 2,12,5) "o que os gauleses antes nem tinham visto nem ouvido falar"; etc.

9. Usa-se *et non* ou *ac non* em lugar de *neque* ou *nec* quando a negação só se referir a um têrmo da oração com o qual forme um conceito, ou quando se opõe à verdade ou àquilo que se julga ser falso.

Exs.: *habēbit igĭtur linguam et non loquĭtur* (Cíc., Nat., 1,92) "com efeito terá língua e não fala"; *si res uerba desiderāret ac non per se ipsa loquerētur* (Cíc., Fam., 3,2,6) "como se o fato reclamasse palavras e não falasse por si mesmo"; *quasi ego dicam eos misĕros qui nati non sunt et non eos qui mortui sunt* (Cíc., Tusc., 1,13) "como que eu diria que são infelizes os que não nasceram e não os que morreram"; etc.

II) Orações Disjuntivas

10. São orações coordenadas disjuntivas ou alternativas tôdas as que vierem ligadas por qualquer das conjunções disjuntivas: *aut, uel, –ue, siue* ou *seu*.

11. *Aut* "ou então" é empregado para distinguir duas idéias ou dois objetos. Quando repetida, *aut... aut* indica que uma das alternativas exclui a outra.

Exs.: *si nihil habēret anĭmus homĭnis, nisi ut appetĕret aut fugĕret* (Cíc., Tusc., 1,56) "se o espírito humano nada tivesse além do desejo ou da repulsa"; *de homĭnum genĕre aut omnīno de animalium loquor* (Cíc., Fin., 5,33) "falo do gênero humano, ou em geral

do gênero animal"; *aut esse aut non esse* (Cíc., Tusc., 1,14) "ser ou não ser"; *aut uiuet cras Hermārchus aut non uiuet* (Cíc., Ac., 2,97) "Hermarco viverá amanhã ou não viverá"; *quicquid enuntiātur aut uerum est aut falsum* (Cíc., Ac., 2,95) "o que quer que se afirme é verdadeiro ou é falso"; etc.

12. A conjunção *uel* e a enclítica disjuntiva *—ue* "ou então", "ou se o preferes" indicam que a distinção feita não é essencial, sendo pròpriamente indiferentes uma ou outra alternativa. Note-se, porém, que de um modo geral *uel* liga orações, enquanto que a enclítica *—ue* se emprega mais comumente para ligar duas palavras.

Exs.: *(summum bonum) a uirtūte profēctum, uel in ipsa uirtūte situm* (Cíc., Tusc., 2,46) "o sumo bem origina-se da virtude, ou então está contido na própria virtude"; *non sentiunt uiri fortes in acie uolnĕra, uel sentiunt, sed mori malunt quam tantum modo de dignitātis gradu demoueri* (Cíc., Tusc., 2,58) "os bravos não sentem os ferimentos em combate, ou talvez o sintam, mas preferem morrer a se afastarem um passo apenas do caminho da honra"; *ne quid plus minusue quam sit necesse dicat* (Cíc., Flac., 12) "não diga nem mais nem menos do que seja necessário"; *explānat quid faciendum fugiendumue sit* (Cíc., Of., 1,101) "expõe o que se deva fazer ou evitar"; etc.

13. *Siue* ou *seu*, que se compõem de *si* e da enclítica *—ue*, ligam orações disjuntivas condicionais, significando, pois, "ou se".

Exs.: *si uerum est, Q. Fabium Labeōnem seu quem alium arbĭtrum a senātu datum* (Cíc., Of.,1,33) "se é verdade ter sido dado como árbitro pelo senado Q. Fábio Labeão ou qualquer outro"; *si homĭnum existimatio non mouēbat, ne illud quidem cogitābas, huius improbissĭmi furti siue adeo nefariae praedae tam illustrem ac tam nobĭlem ciuitātem testem futūram?* (Cíc., Verr., 1,87) "se a opinião pública não te demovia, não imaginavas sequer que êste furto tão impudente, ou antes êste ato ímpio seria testemunhado em juízo por uma cidade tão ilustre e tão nobre?"; *ita, siue casu, siue consilio deōrum immortalium, quae pars ciuitātis Heluetiae insīgnem calamitātem popŭlo Romano intulĕrat, ea princeps poenas persōluit* (Cés., B. Gal., 1,12,6) "assim, ou por acaso ou por determinação dos deuses imortais, a parte da nação helvética que inflingira uma grande perda ao povo romano, esta foi a que sofreu primeiramente o castigo"; etc.

III) Orações Adversativas

14. *At* e *ast* (sendo esta última principalmente empregada na língua arcaica e na língua familiar) são as conjunções adversativas

que com maior energia indicam a oposição ou o sentido contrário entre duas orações.

Exs.: *non placŭit M. Antonio consulātus meus : at placuit Seruilio* (Cíc., Phil., 2,12) "a M. Antônio não agradou o meu consulado : mas agradou a Servílio"; *uestram, iudĭces, aequitātem una mater oppūgnat : at quae mater !* (Cíc., Clu., 119) "opõe-se a vossa equidade, juízes, uma mãe : mas que mãe !"; *si ego hic perībo, ast ille ut dixit non redit* (Plaut., Capt., 683) "se eu morrer aqui, mas êle não voltar como declarou"; etc.

15. As conjunções *sed* "mas" e *uerum* "mas em verdade" indicam uma oposição menos forte do que as precedentes, sendo usadas muito freqüentemente depois de uma oração negativa, como também depois de uma digressão para se voltar ao assunto, ou, ao contrário, para dar início a uma digressão ao se interromper o assunto que se está tratando.

Exs.: *otium autem quod dicis esse, adsentior ; uerum oti fructus est non contentio anĭmi, sed relaxatĭo* (Cíc., De Or., 2,22) "estou de acôrdo com o que dizes ser o repouso ; mas a vantagem do repouso não é uma nova tensão do espírito mas um descanso"; *sed hi, cognĭtis omnĭbus rebus* (Cés., B. Ciu., 3,61,3) "mas êstes, conhecidas tôdas estas coisas (que foram expostas numa digressão)"; *non quid nobis utĭle, uerum quid oratōri necessarium sit, quaerĭmus* (Cíc., De Or., 1,254) "investigamos não o que nos seja útil, mas o que seja necessário para o orador"; *uerum ut Lilybaeum, unde digressa est oratĭo, reuertātur* (Cíc., Verr., 4,35) "mas para voltar a Lilibeu, donde se afastou o nosso discurso"; *sed haec non huius tempŏris, maiora uideamus* (Cíc., Phil., 2,20); *sed de hoc alias, nunc redeo ad augŭrem* (Cíc., Lae., 1) "mas falarei disto em outra ocasião, agora volto ao áugure"; etc.

16. As conjunções *uero* "mas na verdade", "entretanto" e *autem* "entretanto" indicam uma oposição ainda mais fraca do que *sed*, sugerindo antes diversidade do que pròpriamente contrariedade. Geralmente nunca ocupam o primeiro lugar na oração, sendo empregadas quer para ligar duas proposições ou simplesmente dois têrmos.

Exs.: *a nullo uidebātur, ipse autem omnia uidēbat* (Cíc., Of., 3,38) "não era visto por ninguém, entretanto via tudo"; *oratiōnes quidem eius (Caesăris) mihi uehemĕnter probāntur; complūres autem legi* (Cíc., Br., 262) "realmente os seus discursos (de César) são grandemente aplaudidos por mim ; e portanto li a maioria dêles"; *sed sunt haec leuiora, illa uero grauia atque magna* (Cíc., Planc., 86) "mas estas são sem importância, na verdade aquelas são de pêso e grandes"; *scimus enim musĭcen nostris morĭbus abĕsse a princĭpis*

persōna, saltāre uero etiam in uitiis poni (C. Nep. 15,1,2) "sabemos, com efeito, que, segundo nossos costumes, a música não deve ser praticada por uma pessoa importante, mas na verdade dançar seria considerado até degradante"; etc.

17. Note-se ainda que *uero* primitivamente era uma partícula afirmativa; tem ainda a significação de "quanto a" quando as orações indicam uma gradação, caso em que indica que o têrmo que a precede tem um valor especial. *Autem* freqüentemente tem o valor de "ora", equivalendo então a uma conjunção continuativa; além disso, por vêzes é empregada numa frase interrogativa para insistir sôbre uma expressão já usada, geralmente com o fim de fazer uma retificação.

Exs.: *fuistine heri domi? — Vero.* (Cíc., Tusc., 1,25) "estiveste ontem em casa? — sim, certamente"; *iam uero illa etiam notiōra, quanto se opĕre custodiant bestiae* (Cíc., Nat., 2,126); *Smyrnaei uero suum esse confīrmant* (Cíc., Arch., 19) "quanto aos habitantes de Esmirna, todos afirmam que é seu concidadão"; *quae qui recĭpit recipĭat idem necesse est timiditātem et ignauiam. Non cadunt autem haec in uirum fortem; igĭtur ne aegritūdo quidem* (Cíc., Tusc., 3,14) "quem fôr capaz de ter êstes sentimentos, necessàriamente será capaz de ter temor e covardia. Ora, êstes sentimentos não se coadunam com o homem corajoso; por conseguinte, tão pouco a aflição"; *quid tandem isti mali in tam tenĕra insula non fecīssent? non fecīssent autem? Immo quid ante aduēntum meum non fecērunt?* (Cíc., At., 6,2,8) "que mal enfim não teriam êstes indivíduos feito numa ilha tão delicada? Não teriam feito, entretanto? Ao contrário, que mal não fizeram antes de minha chegada?"; etc.

18. *Tamen*, "no entanto", é empregada para introduzir uma oração subordinada geralmente quando vem acompanhada de *at, sed* ou *uerum*.

Exs.: *atque ei etsi nequāquam parem illīus ingenĭo, at pro nostro tamen studĭo merĭtam gratĭam debitāmque referāmus* (Cíc., De Or., 3,14) "e de mais a mais rendamos-lhe o merecido e justo tributo, se não à altura de seu talento, mas no entanto por nossa estima"; *L. Domitius nulla ille quidem arte, sed Latīne tamen et multa cum libertāte dicēbat* (Cíc., Br., 267) "L. Domício não tinha nenhuma arte, mas no entanto falava em bom latim e com muita independência"; *leue est totum hoc risum mouēre; uerum tamen multum in causis persaepe lepore et facetiis profici uidi* (Cíc., De Or., 2,219) "é com efeito pouco sério provocar todo êste riso; mas no entanto, freqüentes vêzes vi ser muito proveitoso nos debates um dito chistoso e uma facécia"; etc.

IV) Orações Conclusivas

19. São orações conclusivas tôdas as que vierem ligadas por qualquer das conjunções conclusivas como: *ergo, igitur, itaque, quamobrem, quapropter, quocirca*.

20. *Ergo* "logo" é a conjunção conclusiva mais empregada no período clássico para indicar a conseqüência lógica e necessária de um raciocínio. *Igitur* "pois, em suma", de significação e emprêgo quase idêntico a *ergo*, além de ter o mesmo valor desta, é empregada também para resumir ou concluir uma narração ou desenvolvimento anterior, para dar início a uma exposição ou argumentação, como também nas interrogações que indiquem desprêzo ou dúvida.

Exs.: *at nemo sapiens nisi fortis; non cadet ergo in sapiēntem aegritūdo* (Cíc., Tusc., 3,14) "mas ninguém e sábio se não fôr corajoso: logo, a aflição não se coadunará com o sábio"; *omne animal appĕtit quaedam et fugit a quibusdam. Quod autem refūgit, id contra natūram est, et quod contra natūram, id habet uim interimendi. Omne ergo animal intereat necesse* (Cíc., Nat., 3,33) "todo animal deseja certas coisas e evita algumas outras. O que repele é o que é contra a natureza, e o que é contra a natureza tem uma virtude letal. Logo, é forçoso que todo animal seja mortal"; *quae qui recĭpit recipiat idem necesse est timiditātem et ignauiam: non cadunt autem haec in uirum fortem, igitur ne aegritūdo quidem* (Cíc., Tusc., 3,14); *haec igitur et alia innumerabilia cum cernĭmus, possumusne dubitāre quin iis praesit alĭquis uel effĕctor?* (Cíc., Tusc., 1,70) "quando vemos, pois, estas maravilhas e outras inumeráveis, podemos duvidar que as presida alguém como criador?"; *mors igitur ipsa, quae uidētur notissima res esse, quid sit, primum est uidēndum* (Cíc., Tusc., 1,18) "a morte, pois, que parece ser uma coisa tão conhecida, em primeiro lugar deve ser examinada o que seja em si mesma"; *in quo igitur loco est?* (Cíc., Tusc., 1,70) "em que lugar, pois, está colocado o espírito?"; *dicet alĭquis, haec igitur est tua disciplīna, sic tu instituis adulescēntes?* (Cíc., Cael., 39) "dirá alguém: esta, pois, é a tua doutrina; é assim que educas os moços?"; etc.

21. Além destas conjunções, eram também usadas como conclusivas várias conjunções compostas como: *itaque* "por conseguinte", *quam ob rem* ou *quamobrem* "eis porque", *quapropter* "pelo que", *quocirca* "por isso que". Destas conjunções, *quapropter* se encontra no latim arcaico e em Cícero, tendendo a desaparecer, e *quocirca* só aparece no período clássico.

Exs.: *Aristīdes aequālis fere fuit Themisthŏcli, itaque cum eo de principātu contēndit* (C. Nep., 3,1,1) "Aristides foi quase da mesma idade do que Temístocles; por conseguinte, com êle disputou a primazia política; *quamobrem quaeso a uobis* (Cíc., Flac., 70) "eis porque vos peço"; *quapropter a natura mihi uidetur potius, quam*

ab indigentia orta amicitia (Cíc., Lael., 27) "pelo que me parece que a amizade se origina antes mais da natureza do que da necessidade"; *quocirca nihil esse tam detestabile, tamque pestiferum quam uoluptātem* (Cíc., C.M., 41) "por isso que nada é tão detestável e tão pernicioso quanto a luxúria"; etc.

COMPLEMENTO AO ESTUDO DO PERÍODO COORDENADO

Como já tivemos oportunidade de ver ao estudarmos a Oração e suas partes (Cap. XXIII), cada elemento da frase era no indo-europeu autônomo, agrupando-se segundo o critério da simples aposição. Como observa Meillet, o indo-europeu não conhecia o processo da recção que depois as diversas línguas indo-européias passaram a desenvolver, umas independentemente das outras. Com relação à constituição do período, é natural que encontremos o mesmo princípio, construindo-se êle pela simples aposição das orações, não só desconhecendo a subordinação (hipotaxe), como ainda na própria coordenação das orações, vindo predominar a construção assindética que dispensa os conectivos, os quais, pois, só mais tarde passaram a se desenvolver. Como aconteceu com as preposições, as conjunções coordenativas eram a princípio simples elementos destinados a dar maior ênfase ao enunciado ou torná-lo mais claro, passando posteriormente a constituir uma nova classe de palavras tendo por finalidade expressar certos matizes da coordenação, quer se trate da simples ligação de vocábulos, quer da ligação das frases entre si. O latim, como outras línguas indo-européias, conserva ainda alguma coisa dêste antigo estado de coisas. Assim a construção assindética do período ainda aparece como um processo bem vivo, especialmente na língua falada, sendo freqüente nos escritores que mais se aproximam dela, ou a procuram reproduzir ou imitar. É natural por isso que se encontre amiúde nos cômicos, principalmente em Plauto, sendo, porém, de se notar que não raro é utilizada como recurso estilístico pelos autores mais castiços, Cícero por exemplo. A título de ilustração mencionaremos os seguintes passos : *bibĭtur, estur* (Plaut., Poen., 835) "bebe-se, come-se"; *pacem fēcī, foedus fēcī, uera dīcō* (Plaut., Amph., 395) "fiz a paz, fiz uma aliança, digo a verdade". Comparem-se com tais construções o famoso texto de César, referido por Suetônio (Caes., 37), *ueni, uidi, uīcī* "cheguei, vi, venci"; ou os de Cícero : *abĭit, excēssit, euāsit, erūpit* (Cat., 2,1) "foi-se, retirou-se, fugiu, precipitou-se"; *nos deōrum immortalĭum templa, nos muros, nos domicilĭa sedesque popŭli Romāni... defendĭmus* (Phil., 8,8) "nós defendemos os templos dos deuses imortais, nós defendemos as muralhas da cidade, nós defendemos as casas particulares e os edifícios públicos do povo romano"; *nil est uirtūte formosĭus, nil pulchrĭus, nil amabilĭus* (Fam., 9,14,4) "nada é mais amável do que a virtude, nada mais formoso, nada mais belo".

Encerraremos estas breves considerações sôbre o período coordenado com a observação de um emprêgo do pronome relativo utilizado como elemento de coordenação, o que poderia causar certa estranheza. Tal construção ocorre também no grego, mas no latim é muito mais encontradiça. Consiste ela em usar-se o pronome relativo, não em sua função normal como conectivo de subordinação que introduz as orações relativas, mas para ligar uma oração independente ou principal a outra oração de igual valor e significação, por vêzes mesmo iniciando outro período. Neste caso o relativo tem o mesmo valor do anafórico *is* ou de outro pronome demonstrativo acompanhado de uma partícula reforçativa como: *autem, igĭtur, atque: perutĭles Xenophōntis libros sunt; quos legĭte, quaeso studiōse* (Cíc., C. M., 59) "as obras de Xenofonte são muito úteis; também lede as supracitadas obras com atenção, peço-vos". Embora esta construção seja atestada em latim desde Plauto, cumpre observar que é utilizada principalmente pela língua literária, ocorrendo, além de Cícero e César (B. Gal., 1,15, 2), nos poetas como Vergílio, Horácio e outros: *cui rex aetherĭi breuĭter sic fatur Olympi* (Verg., En., 10,621) "a êsse assim fala o rei do etéreo Olimpo"; *paruŏla... magni formīca labōris / ... haud ignāra ac non incauta futūri. Quae simul invērsum contrīstat Aquarĭus annum...* (Hor., Sát., 1,1,33-37) "a pequena formiga é capaz de um grande trabalho... não desconhecedora e não imprevidente do futuro... Essa, logo que o Aquário entristece o ano..." Raramente atestada em Plauto, e não aparecendo em geral nos autores cuja língua mais se aproxima do latim falado, ou que o reproduzem, parece tratar-se de uma construção erudita usada como um recurso estilístico principalmente da prosa clássica de César e particularmente de Cícero.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Madvig-Epiphanio Dias, págs. 357-360.

K. Brugmann, *Abrégé*, págs. 659-660; 686-692.

Stolz-Schmalz, *Lat. Grammatik*, págs. 653-686.

A. Meillet, *Introduction*, págs. 371-377.

A. Meillet-J. Vendryes, *Traité*, págs. 629-635.

A. Tovar, *Sintaxis*, págs. 172-180.

A. Ernout-Fr. Thomas, *Syntaxe Latine*, págs. 437-454.

Fr. Blatt, *Précis*, págs. 329-337.

M. Bassols de Climent, *Sintaxis Latina*, II, Madrid, 1956, págs. 85-129.

CAPÍTULO XXX

O Verbo — Emprêgo dos Tempos e dos Modos na Oração Subordinada

1. A oração subordinada difere da oração independente, ou mesmo da oração coordenada, pelo fato de indicar uma relação de dependência referentemente a outra do mesmo período, por isso denominada *principal*. A subordinação se desenvolveu tendo por ponto de partida a simples justaposição, sendo que o processo pelo qual as conjunções passaram a governar um determinado modo é perfeitamente paralelo àquele pelo qual as preposições passaram a sempre acompanhar um determinado caso. Assim, quando a subordinação é indicada por um modo especial (o subjuntivo), pode-se-lhe vislumbrar a primitiva origem em frases em que o verbo, independentemente do emprêgo de partículas subordinativas, era bastante para exprimir a própria idéia de subordinação, que posteriormente passou a ser expressa por meio das próprias partículas subordinativas.

2. No estudo do emprêgo dos tempos e modos do verbo na oração subordinada, trataremos em primeiro lugar das chamadas orações completivas, integrantes ou substantivas, passando depois às orações adverbiais, e finalmente às relativas.

I) Orações Completivas ou Substantivas

3. Chamam-se orações completivas, integrantes ou substantivas aquelas que costumam completar o sentido do verbo da oração principal (ou mesmo de uma outra subordinada), desempenhando precìpuamente as funções em geral representadas pelos substantivos, isto é, principalmente as de sujeito ou complemento do verbo. As orações substantivas podem ser constituídas por uma proposição subjuntiva apenas justaposta à oração principal; por uma oração subjuntiva introduzida por conjunção integrante, como *ut, ne, quin*, etc.; por uma oração interrogativa indireta; por uma oração introduzida por *quod*; enfim, por uma oração infinitiva.

CAPÍTULO XXX

O Verbo — Emprêgo dos Tempos e dos Modos na Oração Subordinada

1. A oração subordinada difere da oração independente, ou mesmo da oração coordenada, pelo fato de indicar uma relação de dependência referentemente a outra do mesmo período, por isso denominada *principal*. A subordinação se desenvolveu tendo por ponto de partida a simples justaposição, sendo que o processo pelo qual as conjunções passaram a governar um determinado modo é perfeitamente paralelo àquele pelo qual as preposições passaram a sempre acompanhar um determinado caso. Assim, quando a subordinação é indicada por um modo especial (o subjuntivo), pode-se-lhe vislumbrar a primitiva origem em frases em que o verbo, independentemente do emprêgo de partículas subordinativas, era bastante para exprimir a própria idéia de subordinação, que posteriormente passou a ser expressa por meio das próprias partículas subordinativas.

2. No estudo do emprêgo dos tempos e modos do verbo na oração subordinada, trataremos em primeiro lugar das chamadas orações completivas, integrantes ou substantivas, passando depois às orações adverbiais, e finalmente às relativas.

I) Orações Completivas ou Substantivas

3. Chamam-se orações completivas, integrantes ou substantivas aquelas que costumam completar o sentido do verbo da oração principal (ou mesmo de uma outra subordinada), desempenhando precìpuamente as funções em geral representadas pelos substantivos, isto é, principalmente as de sujeito ou complemento do verbo. As orações substantivas podem ser constituídas por uma proposição subjuntiva apenas justaposta à oração principal; por uma oração subjuntiva introduzida por conjunção integrante, como *ut, ne, quin*, etc.; por uma oração interrogativa indireta; por uma oração introduzida por *quod*; enfim, por uma oração infinitiva.

a) Orações Substantivas Justapostas no Subjuntivo

4. Numerosos são os tipos de orações substantivas justapostas, com o verbo no subjuntivo. Começaremos pelo estudo das que poderão ser consideradas como uma extensão e desenvolvimento do subjuntivo volitivo (v. Cap. XXVIII, n.º 33). Assim, examinaremos em primeiro lugar as que vêm completar o sentido de verbos volitivos, especialmente *uolo*, e *nolo*. Cumpre primeiramente fazer observar que êstes verbos exprimem mais geralmente o desejo, sendo por conseguinte as orações substantivas que os vêm completar mais freqüentemente uma decorrência do optativo. Entretanto, no momento iremos apenas considerar as orações que completam o sentido dêstes verbos quando empregados com valor de jussivo ou proibitivo, tendo por ponto de partida expressões como *uxorem ducas, uolo* (Ter., Andr., 418) "quero que te cases".

Exs.: *erum exhibēas uolo* (Plaut., M. Glor., 546) "quero que faças vir teu senhor", i.é., "vai chamar teu senhor"; *scin quid uolo facias ?* (Ter., Hec., 753) "sabes o que quero que faças ?"; *numquid uis ? — abeas* (Plaut., Bacch., 604) "acaso queres alguma coisa ? — que te vás"; *quid uis dicam ?* (Plaut., Stich., 115) "que queres que eu diga ?"; *uin uocem ?* (Plaut., Capt., 360) "queres que eu chame?"; *nolo ames* (Plaut., Pers., 245) "não quero que ames"; *nolo ores* (Plaut. Most., 1176) "não quero que peças"; *nolo mentiāre* (Ter., Heaut. 701) "não quero que mintas"; *nolo exēas* (Afran., 155) "não quero que saias"; *nolo accusātor in iudicium potentĭam affĕrat* (Cíc., Mur., 59) "não quero que o advogado da acusação traga para o tribunal o seu prestígio"; *nolim ita existimes* (Cíc., At., 2,1,6) "não desejaria que julgasses assim"; etc.

5. É ainda freqüente o emprêgo do subjuntivo em orações substantivas justapostas para completar o sentido dos verbos que indicam ordem ou pedido, ou simples aviso, admoestação, exortação.

Exs.: *iube in urbem ueniat* (Plaut., Most., 930) "ordena que venha à cidade"; *iube respondĕat* (Ter., Eun., 691) "ordena que responda"; *rem cognōscas et attēndas postŭlo* (Lucil., 526) "exijo que tomes conhecimento do fato e prestes atenção a êle"; *quaeso ignōscas* (Plaut., Men., 1073) "peço que perdoes"; *orant ignoscāmus peccātum suum* (Plaut., Amph., 257) "suplicam que desculpemos a sua falta"; *obsĕcro uos mi auxilio sitis* (Plaut., Aul., 715) "em nome dos deuses vos imploro que venhais em meu auxílio"; *tandem impetrāuit abīret* (Plaut., Trin., 591) "enfim, conseguiu que saísse"; *quod faciāmus nobis suādes* (Plaut., As., 644) "tu nos aconselhas o que devamos fazer"; *adhōrtor propĕrent* (Ter., Eun., 583) "exorto que se apressem"; *huic impĕrat quas possit adeat ciuitātes* (Cés., B. Gal., 4,28,8) "ordena a êste que vá ter às cidades que puder"; *hunc admŏnet, iter caute diligentĕrque faciat* (Cés., B. Gal., 5,49,3) "recomenda-lhe que faça a jornada com cautela e diligência"; *Labiēnum Treboniumque*

hortātur... ad eam diem reuertāntur (Cés., B. Gal., 6,33,5) "exorta a Trebônio e Labieno que voltem nesse dia"; *eos hoc monēo desīnant furēre* (Cíc., Cat., 2,20) "a êsses advirto que deixem de ser loucos"; *oro des opēram* (Cíc., At., 3,1) "peço-te que te esforces"; etc.

6. Estas orações substantivas justapostas em subjuntivo sem conectivo são ainda particularmente freqüentes para completarem o sentido de verbos impessoais, ou expressões impessoais, como *decet, licet, opōrtet, aequom est, optŭmum est, opus est, necēsse est,* etc., bem como dos verbos *facio,* especialmente no imperativo e nas formas raras em *—s—*, de *uideo* no imperativo, do imperativo *caue,* etc.

Exs.: *decet anĭmo aequo nunc stent* (Plaut., Poen., 21) "convém que estejam de boa disposição"; *sic decet morem geras* (Plaut., Most., 724) "assim convém que sejas condescendente"; *laedat licet* (Plaut., Capt., 303) "é permitido que fira"; *licet erret* (Lucil., 60) "é permitido que erre"; *haec facĭat opōrtet* (Cat., Agr., 14,1) "é mister que faça isto"; *et aequom et rectum est quod postŭlas: iurāti cernant* (Pacuv., 32) "é justo e correto o que reclamas: que os jurados vejam"; *meliust sanus sis* (Plaut., Merc., 497) "é melhor que estejas são"; *adeam optumumst* (Plaut., As., 448) "o melhor é que eu vá"; *nil opust resciscat* (Plaut., Merc., 1004); *fateāre necēsse est* (Lucr., 3,593) "é necessário que confesseis"; *anĭmo sis bono face* (Plaut., As., 726) "faze com que estejas de boa mente"; *canem abdūcat face* (Plaut., Most., 854) "faze com que leve o cão"; *fac id noscam* (Plaut., Poen., 893) "faze com que eu o saiba"; *facĭte iam hic adsint* (Plaut., Pseud., 181) "fazei com que estejam já aqui"; *faciam sit tragicomoedia* (Plaut., Amph., 63) "farei com que seja uma tragicomédia"; *faxo haud dicat* (Plaut., Bacch., 864) "farei com que não diga"; *faxim nusquam appareat* (Plaut., Pers., 73) "hei-de fazer com que não apareça em parte alguma"; *uide ex naui efferāntur* (Plaut., Amph., 629) "vê que sejam tirados do navio"; *caue tu mi irātus fuas* (Plaut., Capt., 431) "acautela-te de te enraiveceres contra mim"; *caue audiam* (Ter., Heaut., 1031) "acautela-te de que eu ouça", i.é., "livra-te de eu ouvir"; *cauēto aliēnam disciplīnam temēre contēmnas* (Cat., Agr., 1,4) acautela-te de desprezar sem reflexão a disciplina alheia"; *licet omnes in me terrōres periculaque impendĕant omnĭa* (Cíc., Rosc., Amer., 31) "é permitido que todos os riscos e terrores me ameacem"; *licet iste dicat emīsse* (Cíc., Verr., 4,133) "é lícito que êsse indivíduo diga que comprou"; *M. Anneius ad me redĕat opōrtet* (Cíc., Fam., 13,57,1) "convém que Marco Aneio volte para mim"; *uirtus uoluptātis adĭtus interclūdat necēsse est* (Cíc., Fin., 2,118) "é necessário que a virtude intercepte o acesso da volúpia"; *fortem fac anĭmum habĕas* (Cíc., Fam., 5,10,6) "faze com que tenhas espírito forte"; *Caesar, caue ignōscas, caue te fratrum, pro fratris salūte obsecrantium, misereatur... Caue, Caesar, credas* (Cíc., Lig., 5) "César, não perdoes, não te mova à compaixão os irmãos que te suplicam pelo irmão... César, não confies"; etc.

7. Enfim, encerraremos o estudo das orações substantivas justapostas em subjuntivo considerando as que representam uma extensão ou desenvolvimento do optativo, freqüentes com os verbos que exprimem desejo ou preferência, como *uolo, malo,* etc.

Exs.: *eueniant uolo tibi quae optas* (Plaut., Pers., 293) "quero que te aconteça o que desejas"; *diu uiuat uolo* (Név., Com., 37) "desejo que viva por muito tempo"; *uerum sit uelim* (Plaut., Rud., 877) "desejaria que fôsse verdade"; *uelim ames* (Ter., Ad., 681) "desejaria que amasses"; *uiuĕrent uellem* (Plaut., Poen., 1066) "desejaria que vivessem"; *malim istuc aliis uideātur* (Plaut., Poen., 1184) "preferiria que isto parecesse aos outros"; *nolo uideat* (Ter., Andr., 819) "não desejo que veja"; *pascāntur satius est* (Cat., Agr., 54,1) "é melhor que se alimentem"; *malo te sapiens hostis metŭat, quam stulti ciues laudent* (T. Lív., 22,39,20) "prefiro que te tema um inimigo prudente, do que te louvem cidadãos estultos"; *quam uellem... tibi dicĕre libĕret* (Cíc., Br., 248) "o quanto desejaria que te aprouvesse falar"; *malo non roges* (Cíc., Tusc., 1,17) "prefiro que não perguntes"; etc.

8. Cumpre notar que estas construções que examinanos nos ns. 4, 5, 6 e 7 representam, mesmo no latim arcaico, vestígios de antiga construção paratática, sendo, pois, mais comum no latim arcaico, e com maior razão no latim clássico, virem tais orações introduzidas por *ut,* como veremos adiante. Enfim, faremos notar igualmente que estas construções de orações justapostas em subjuntivo, como vestígios de antiga parataxe, não se devem explicar por uma simples elipse, da conjunção *ut,* como geralmente se faz, mas como a construção original que precedeu, pois, a forma de subordinação por meio de um conectivo.

b) Orações Substantivas Introduzidas por Conjunção Integrante

9. Começaremos o estudo das orações substantivas introduzidas por conjunção integrante pela consideração das que têm por conectivo a conjunção *ut,* examinando primeiramente as que representam uma extensão e desenvolvimento do subjuntivo volitivo, vindo completar o sentido de verbos como *uolo,* ou dos que exprimem uma manifestação da vontade, significando ordem ou pedido.

Exs.: *uolo ut facias* (Plaut., Bacch., 988a) "quero que faças"; *uolo ut meminĕris* (Plaut., Rud., 1216) "quero que te lembres"; *numquid uis ? ut abeas* (Plaut. Pseud., 665) "acaso queres alguma coisa ? — Que te vás embora"; *dic domum ut transĕat* (Plaut., M. Glor., 1089) "dize que passe para casa"; *dico ut perĕas* (Plaut., Pers., 281) "digo que pereças"; *edico tibi ut propĕres* (Plaut., Pseud., 855) "ordeno-te que te apresses"; *me iussit ut mecum mittĕres* (Plaut., Pseud., 1150) "mandou-me que enviasses comigo"; *mando ut cures*

(Cat., Agr., 141,1) "recomendo que cuides"; *postŭlo ut fiat* (Ter., And., 550) "peço que se faça"; *te oro promissa ut serues tua* (Plaut., Amph., 1144) "peço-te que mantenhas as tuas promessas"; *te obsĕcro ut reddas mihi* (Plaut., Cist., 767) "suplico-te que me devolvas"; *quaeso ut meminĕris* (Plaut., M. Glor., 1362) "peço-te que te lembres"; *roga ut relīnquat alias res* (Plaut., Rud., 1212) "roga que deixe as outras coisas"; *suisque ut idem faciant impĕrat* (Cés., B. Gal., 5,27,1) "e ordena aos seus que o façam"; *sed Pompēius suis praedixĕrat ut Caesăris impĕtum excipĕrent* (Cés., B. Ciu., 3,92,2) "mas Pompeu dera ordens aos seus que suportassem o ataque de César"; *hic tibi in mentem non uenit iubēre ut hoc quoque refĕrret* (Cíc., Verr., 4,28) "aqui não te veio à mente mandar que referisse"; *huic mandat ut ad se quam primum reuertātur* (Cés., B. Gal., 4,21,2) "recomenda-lhe que volte o quanto antes"; *ut ignōscas oro* (Cíc., Lig., 10) "peço-te que perdoes"; *quaeso, Eruci, ut hoc in bonam partem accipĭas* (Cíc., Amer., 45) "peço-te, Erúcio, que tomes em boa parte isto"; *maxĭme rogo, nos quam primum reuīsas* (Cíc., At., 4,14,2) "rogo principalmente que o quanto antes nos venhas ver"; *dicam tuis ut librum meum descrībant ad teque mittant* (Cíc., Fam., 12,17,2) "direi aos teus que copiem o meu livro e o enviem a ti"; *in epistŭla extrema scriptum erat ut ad ludos omnĭa parāret* (Cíc., At., 13,45,1) "no fim da carta fôra escrito que tudo preparasse para os jogos"; *nuntiātum Simonĭdi ut prodīret* (Cíc., De Or., 2,353) "foi dado o aviso a Simônides que se retirasse"; *equĭdem suasi ut Romam pergĕret* (Cíc., At., 16,8,2) "com efeito, aconselhei que se dirigisse para Roma"; *huic magnis praemiis persuādet uti ad hostis transĕat* (Cés., B. Gal., 3,18,2) "com grandes vantagens persuade a êste a que passe para os inimigos"; *mihique ut absim uehemĕnter auctor est* (Cíc., At., 15,5,2) "aconselha-me com grande insistência que me ausente"; *milĭtes non longiōre oratiōne cohortātus quam : uti suae pristīnae uirtūtis...* (Cés., B. Gal., 2,21,2) "não exortou os soldados com uma arenga maior do que o seguinte : que (se lembrassem) de sua antiga bravura...; *orant ac monent ut ipsis ab inuidĭa cauēatur* (T. Lív., 3,52,11) "pedem e recomendam que se resguarde aos mesmos da inveja"; etc.

10. Constroem-se geralmente introduzidas por *ut* as orações substantivas que completam o sentido de verbos e expressões impessoais como *placet, conuenit, accedit, bonum est, melius est, optimum est, tempus est, ius est, iustum est, opus est, usus est, necesse est*; bem como as que completam o sentido dos verbos que indicam manifestação da atividade, como *facio, efficio, perficio, assĕquor* e *consĕquor, curo, consŭlor, cogo, compello, uideo*, etc.

Exs.: *ita diuis est placĭtum, uoluptātem ut maeror comes consequātur* (Plaut., Amph., 635) "assim aprouve aos deuses que a tristeza acompanhe ao prazer como companheira"; *postĕa mihi placŭit ut summōrum oratōrum Graecas oratiōnes explicārem* (Cíc., De Or.,

1,155) "depois me aprouve comentar os discursos gregos dos maiores oradores"; *ad Appĭi Claudĭi senectūtem accedēbat etiam ut caecus esset* (Cíc., C. M. 16) "à velhice de Ápio Cláudio acrescia ainda que era cego"; *cogites id optŭmum esse tute uti sis optŭmus* (Plaut., Trin., 485) "pensa que isso seria ótimo: que tu mesmo sejas ótimo"; *quid mihi meliust quam a corpŏre uitam ut seclūdam ?* (Plaut., Rud., 220) "que há de melhor para mim do que extirpar a vida do corpo ?"; *uidētur tempus esse ut eāmus* (Plaut., M. Glor., 72) "parece ser tempo de nos irmos"; *si ius est ut istuc excusāre possies* (Plaut., Aul., 747) "se é direito que possas desculpar isto"; *iustum est ut seruĭat* (Plaut., Bacch., 994) "é justo que sirva, i.é., que seja escravo"; *opust aegram ut te adsimŭles* (Plaut., Truc. 500) "é preciso que te finjas doente"; *usust ut pudĕat* (Plaut., Epid., 167) "é costume que se envergonhe"; *necēsse est ut subueniam* (Ên., 969) "é necessário que eu venha em auxílio"; *pacto conuenit ut Himĕra amnis finis regni Syracusāni ac Punĭci imperi esset* (T. Lív., 24,6,7) "ficou estabelecido pelo pacto que o rio Hímera fôsse o limite entre o reino siracusano e o império cartaginês"; *fac ut tu meam timĕas uicem* (Plaut., Most., 1145) "faze com que tu temas a minha vez"; *facĭam ut cupĭas* (Plaut., Capt., 856) "farei com que desejes"; *faxo ut scias* (Plaut., As., 897) "farei com que saibas"; *efficĭam ut liquĕant omnĭa* (Plaut., Most., 416) "farei com que deixem tudo"; *perfĭce hoc ut haerĕam in parte alĭqua apud Thaidem* (Ter., Eun., 1055) "consegue isto, que eu fique em algum lugar junto de Taís"; *sol efficit ut omnia florĕant* (Cíc., Nat., 2,41) "o sol faz com que tudo floresça"; *ea quantum potŭi feci ut essent nota nostris* (Cíc., Ac., 1,8) "êsses conhecimentos, o quanto me foi possível, fiz com que fôssem conhecidos dos nossos"; *perfĭce si potes ut ne moriendum quidem esse misĕrum putem* (Cíc., Tusc., 1,15) "faze com que eu pense, se és capaz, que nem mesmo dever morrer não seja uma desgraça"; *qua tu re nihil aliud assequĕris nisi ut... audacia tua cognoscātur* (Cíc., Amer., 95) "com isto tu não consegues senão que se reconheça a tua audácia"; *cura ut curētur* (Plaut., Pers., 527) "cuida que se cuide"; *sic tibi persuāde me dies et noctes nihil aliud agĕre, nihil curāre nisi ut mei ciues salui liberique sint* (Cíc., Fam., 9,24,4) "assim convence-te que eu dia e noite não fazia outra coisa, não cuidava de outra coisa senão que meus concidadãos estivessem salvos e livres"; *cogam ut mendīcet* (Plaut., Bacch., 508) "obrigarei a mendigar"; *et quoniam coegīsti ut concedĕrem qui mortŭi essent eos misĕros non esse* (Cíc., Tusc., 1,15) "e pois que me coagiste a conceder que os que tivessem morrido não eram infelizes"; *uide ut puēllam curent* (Afran. 177) "vê que tratem da moça"; *nauem idonĕam ut habĕas diligēnter uidēbis* (Cíc., Fam., 16,1,2) "verás cuidadosamente que tenhas um navio conveniente"; etc.

11. Como extensão do optativo, são igualmente freqüentes as orações substantivas introduzidas por *ut* com os verbos que exprimem desejo ou preferência, como *uolo, malo, precor,* etc.

Exs.: *ut ille te uidĕat uolo* (Plaut., Bacch., 77) "desejo que êle te veja"; *malim ut uerum dicas* (Plaut., Trin., 762) "preferiria que dissesses a verdade"; *uolo hoc oratōri contingat ut...* (Cíc., Br., 290) "desejo que isto toque ao orador que..."; *idque ut facias uellim* (Cíc., Fam., 4,1,2) "desejaria que fizesses isso"; *equidem mallem ut ires* (Cíc., At., 1,16,4) "com efeito preferiria que fôsses"; etc.

12. Com as orações substantivas introduzidas por *ut* a negação empregada é ora *non*, ora *ne*, segundo o sentido da frase. Emprega-se *ut non* quando o verbo da oração principal não encerra nenhuma idéia de intenção: enquanto que *ut ne* (freqüentemente reduzida a *ne*), quando o verbo da oração principal implica idéia de intenção.

Exs.: *suādent Satūrno ut de regno non concēdat* (Ên., Frag., 515) "convencem a Saturno que não se retire do reino"; *unum etiam restat amīco nostro ad omne dedĕcus ut Domitio non subueniat* (Cíc., At., 13,7,1) "só resta uma vergonha ao nosso amigo: não ir em socorro de Domício"; *discipŭlos id moneo, ut praeceptōres suos non minus quam ipsa studia ament* (Quint., 2,9,1) "advirto isso aos discípulos, que não amem a seus mestres menos do que aos próprios estudos"; *obsĕcro ut huic irāta ne sis* (Plaut., Poen., 392) "suplico-te que não fiques zangada com êste"; *indicāsso ei ut ne enuntiet* (Plaut., Poen., 888) "indicar-lhe-ei que não revele"; *eisque praedīxit ut ne prius legātos dimittĕrent, quam ipse esset remissus* (C. Nep., 2,7,3) "e preveniu a seus colegas que não deixassem partir os embaixadores enquanto êle mesmo não fôsse sôlto"; *in dicēndo nihil est propositum, nisi ut ne immoderāta... sit oratio* (Cíc., Or., 198) "na eloqüência nada é exigido senão que o discurso não seja destituído de ritmo"; *dicam ne hinc foras exambŭlet* (Plaut., Epid., 164) "direi que não saia daqui para fora"; *nutat ne loquar* (Plaut., Men., 612) "faz sinal para que eu não fale"; *ne uidēas uelim* (Plaut., Rud., 1067) "desejaria que não visses"; *cauēndum est ne extra modum sumptu et magnificentia prodēas* (Cíc., Of., 1,140) "deve-se recear que não faças uma ostentação, além das medidas, de despesa e magnificência"; etc.

13. Completando o sentido dos verbos que significam *temer*, *recear*, e, por extensão, dos que significam *proibir*, *recusar*, *evitar*, etc., em lugar de *ut* e subjuntivo, as orações substantivas são introduzidas pela conjunção *ne*, igualmente acompanhada de subjuntivo. Note-se, porém, que em tais construções *ne* não tem valor negativo, razão por que é traduzida como se tivesse sido empregada sua equivalente *ut*. Nas frases negativas neste caso, *ne* vem sempre acompanhada da negação *non*.

Exs.: *metŭo ne erus redĕat* (Plaut., Pseud., 1028) "temo que o senhor volte"; *metŭo fratrem ne intus sit* (Ter., Eun., 611) "temo que o irmão esteja dentro"; *metŭo et timĕo ne hoc tandem propălam fiat* (Plaut., M. Glor., 1348) "temo e receio que isto se faça pùbli-

camente"; *uerĕor ne intellĕgat* (Ter., Hec., 412) "receio que compreenda"; *uerĕor ne, dum minuĕrem uellim labōrem, augĕam* (Cíc., Leg., 1,12) "receio aumentar o trabalho quando desejo diminui-lo"; *uerĕor ne exercĭtum firmum habēre non possit* (Cíc., At., 7,12,2) "receio que não possa ter um exército firme"; *qui tu id prohibēre me potes ne suspĭcer?* (Plaut., Trin., 87) "como tu me podes proibir que eu suspeite?"; *Pythagorĭcis interdĭctum putātur, ne faba uescerēntur* (Cíc., Diu., 1,62) "julga-se ter sido proibido aos pitagóricos alimentar-se de fava"; *plura ne scribam dolōre impedĭor* (Cíc., At., 11,13,5) "sou impedido pela dor de escrever mais"; *illud recusāuit (Prusĭas) ne id a se fiĕri postulārent, quod aduērsus ius hospitĭi esset* (C. Nep., 23,12,3) "Prúsias recusou que exigissem que isto fôsse feito por êle, porque era contrário ao direito de hospitalidade"; *erit in enumeratiōne uitandum, ne ostentatio memoriae suscepta uideatur esse puerilis* (Cíc., Part., 60) "na recapitulação dever-se-á evitar que se pareça ter feito uma ostentação pueril da memória"; etc.

14. Das orações substantivas conjuncionais em subjuntivo só nos resta considerar as introduzidas pelas conjunções *quin* e *quomĭnus*. No período clássico principalmente, *quin* aparece como conjunção integrante seguida de subjuntivo, em frases negativas ou de sentido negativo, como depois de expressões que significam "não hesitar", "não se abster", "não estar longe de", "não recusar", "não impedir", etc.

Exs.: *qua re nolīte dubitāre quin huic uni credātis omnĭa* (Cíc., Pomp., 68) "pelo que não hesiteis em confiar tudo a êste único"; *haud dubiumst quin possim* (Ter., Andr., 530) "não há dúvida que eu poderia"; *retinēri nequĕo quin dicam* (Plaut., Trin., 641) "não posso abster-me de dizer"; *haud recūsem quin mihi male sit* (Plaut., Curc., 164) "não recusarei que seja mal para mim"; *non esse dubium quin totīus Gallĭae plurĭmum Heluetĭi possent* (Cés., B. Gal., 1,3,7) "não haver dúvida de que os helvécios eram os mais poderosos de tôda a Gália"; *neque prohibēbunt quin sic facĭam* (Plaut., Amph., 1051-2) "nem impedirão que assim o faça"; *pridĭe eius diēi Germāni retinēri non potĕrant quin in nostros tela coniicĕrent* (Cés., B. Gal., 1,41,2) "na véspera dêsse dia, os germanos não tinham podido impedir de lançarem dardos sôbre os nossos homens"; *aegreque tunc sunt retēnti quin oppĭdum irrumpĕre* (Cés., B. Ciu., 2,13,4) "e com dificuldade foram então impedidos de fazer irrupção na cidade"; etc.

15. *Quo minus* ou *quomĭnus* é empregada como conjunção integrante sempre seguida de subjuntivo, para completar o sentido de verbos que têm a significação de *impedir*, principalmente em frases negativas ou interrogativas, e depois de expressões que signifiquem *não recusar*.

Exs.: *uento tenebāntur quo minus in eundem portum uenīre possent* (Cés., B. Gal., 4,22,4) "eram impedidas pelo vento de vir ao mesmo pôrto"; *ităque non detĕrret sapiĕntem mors... quo minus in omne tempus reipublĭcae suīsque consŭlat* (Cíc., Tusc., 1,91) "por conseguinte a morte não impede que o sábio consulte em todo tempo os interêsses do estado e dos seus"; *aetas non impedit, quomĭnus (littĕrārum) studia teneāmus usque ad ultĭmum tempus senectūtis* (Cíc., C. M. 60) "a idade não impede de continuar os estudos até a mais avançada velhice"; *quid obstat quo minus sis beātus?* (Cíc., Nat., 1,95) "que obsta a que sejas feliz?"; *nec uero, ut noster Lucilĭus, recusābo quo minus omnes mea legant* (Cíc., Fin., 1,7) "entretanto, não recusarei, como o nosso Lucílio, ser lido por todos"; *non recusāuit quo minus legis poenam subīret* (C. Nep., 15,8,2) "não recusou cumprir a pena da lei"; etc.

c) Orações Substantivas Constituídas por Interrogação Indireta

16. As orações substantivas constituídas por interrogação indireta (também chamada interrogação dependente) representam uma das formas mais simples da subordinação. O emprêgo do subjuntivo em tais proposições em latim, embora não seja fácil determinar-se-lhe a origem, pode, entretanto, ser explicado principalmente pelo uso do subjuntivo deliberativo (cf. cap. XXVIII, n.º 37). Lembraremos, ainda uma vez, que a interrogação é indireta, quando, em vez de se fazer diretamente a pergunta a uma pessoa, recorre-se a frases em que a interrogação se prenda a verbos que signifiquem "perguntar", "dizer", "informar", "saber", etc., cujo sentido vem assim completado pela oração interrogativa indireta.

17. As orações interrogativas indiretas ou dependentes podem dividir-se em dois grandes grupos: *interrogações de palavra*, também denominadas *interrogações pronominais*, por virem geralmente introduzidas por pronomes e advérbios interrogativos; e *interrogações oracionais*, ou *de partícula*, constituídas por uma oração caracterizada por uma partícula interrogativa.

18. As interrogações de palavra ou interrogações pronominais, que constituem a grande maioria das orações interrogativas indiretas, são introduzidas pelos mesmos pronomes e advérbios interrogativos usados na oração independente, principalmente por *quis, quid ecquis, numquis, quantus, ubi, ut, unde, cur,* etc.

Exs.: *quid ipse sentĭam expōnam* (Cíc., Diu., 1,10) "exporei o que eu mesmo sinto"; *qui uidĕant quas in partis hostes iter facĭant* (Cés., B. Gal., 1,15,1) "para que vissem para que lugares o inimigo fazia a marcha"; *qua facie quidem sit, aut ubi habĭtet ne quaerēndum quidem est* (Cíc., Tusc., 1,67) "qual seja a sua fisionomia, ou onde more, não se deve sequer investigar"; *obseruābo quam rem agat*

(Plaut., Amph., 270) "observarei o que estiver fazendo"; *quid agam nescio* (Plaut., Amph., 1056) "não sei o que fazer"; *quis sim cognōsces* (Sal., Cat., 44,5) "saberás quem eu seja"; *rogo Philocrătem ecquis nouĕrit* (Plaut., Capt., 509) "pergunto se há alguém que conheça Filócrates"; *roga numquid opu'sit* (Plaut., Poen., 1008) "pergunta se por acaso é necessário"; *scire uelim numquid necēsse sit* (Cíc., At., 12,8) "desejaria saber se é obrigatório"; *haud scit quantum damnum adpōrtet* (Ter., Heaut., 747) "não sabe quão grande dano trará"; *quaere ubi sit* (Plaut., Cist., 502) "pergunta onde esteja"; *inuestigāre ubi sit* (Cíc., At., 9,1,2) "procurar onde esteja"; *dixi unde peruenērit* (Plaut., Curc., 608) "disse de onde tenha vindo"; *respōndit unde esset* (Cíc., Verr., 2,168) "respondeu de onde era"; *scin ut urat?* (Ter., Eun., 438) "não sabes como queima?"; *uidemūsne ut puĕri aliquid scire se gaudĕant* (Cíc., Fin., 48) "não vemos como as crianças gostam de aprender alguma coisa?"; *scio cur adsimŭles* (Plaut. Capt., 1007) "sei porque dissimulas"; *si scis quot habĕas digĭtos* (Plaut., Pers., 187) "se sabes quantos dedos tens"; *si bis bina quot essent didicīssent* (Cíc., Nat., 2,49) "se tivessem aprendido quantos são dois vêzes dois"; etc.

19. As interrogações oracionais, ou de partículas, são caracterizadas pelas mesmas partículas usadas na interrogação direta, sendo porém de se notar que tais interrogações podem ser simples ou duplas. Na interrogação indireta simples as partículas empregadas sao a enclítica *–ne* (que vem colocada sempre depois da palavra sôbre a qual incide a pergunta), e *num* "se", "acaso", sendo esta última usada principalmente nas frases em que se espera resposta negativa, e *nonne*, usada quase que exclusivamente por Cícero depois do verbo *quaero*, supondo uma resposta afirmativa.

Exs.: *ualuissesne exquisiui* (Plaut., Amph., 715) "procurei saber se estavas passando bem de saúde"; *Publĭus iturusne sit in Afrĭcam scire potĕris* (Cíc., At., 12,24,1) "poderás saber se Públio irá à África"; *uisam num afuĕrit febris* (Plaut., Pers., 77) "verei se a febre se foi embora"; *Lacedaemonĭi Philĭppo minitānte se omnia quae conarēntur prohibitūrum quaesiuerunt num se esset etiam mori prohibitūrus* (Cíc., Tusc., 5,42) "ameaçando Filipe aos Lacedemônios de opor-se a tôdas as suas tentativas, perguntaram-lhe se iria opor-se até a que êles morressem"; *Socrătes cum esset ex eo quaesītum Archelāum, Perdĭccae filium, qui tum fortunatissĭmus haberētur, nonne beātum putāret* (Cíc., Tusc., 5,34) "como se perguntasse a Sócrates se não considerava feliz a Arquelau, filho de Perdicas, que então era considerado o mais feliz dos homens"; *quaero nonne id numĕrus effecĕrit?* (Cíc., Or., 214) "pergunto, não foi a combinação métrica que provocou isto?"; etc.

20. A interrogação disjuntiva (denominação melhor do que interrogação dupla, que na realidade pode ser também tríplice) ofere–

ce uma variedade maior de forma. A construção mais geralmente usada, porém, é aparecer no primeiro têrmo da interrogação *utrum* ou *—ne*, e *an* ou *anne*, no segundo.

Exs.: *Vtrum difficilĭus aut maius esset negare tibi saepĭus idem rogānti an efficĕre id quod rogāres diu multumque, Brute, dubitāui* (Cíc., Or., 1) "por muito tempo e grandemente estive em dúvida, Bruto, se era mais difícil ou de maior presunção fazer o que pedias tão freqüentemente, ou negá-lo"; *quaerēndum utrum una specĭes sit eārum anne plures* (Cíc., Or., 206) "cumpre investigar se há uma ou muitas espécies destas"; *nil nimĭum studĕo, Caesar, tibi uelle placēre / nec scire utrum sis albus an ater* (Catul., 93) "não desejo em absoluto te agradar, ó César, ou saber se és branco ou prêto"; *ratiocīnor utrum lacēssam an temptem* (Plaut., Stich., 76) "penso se irei atacar ou provocar"; *percontarĭer utrum aurum reddat anne eat* (Plaut. Bacch. 576) "ser interrogado se devolve o ouro ou o leva"; *quaero igĭtur, eum Brutīne simĭlem malis an Antoni* (Cíc., Phil., 10,2) "pergunto, pois, preferes ser semelhante a Bruto ou a Antônio?"; *dubĭtans Romaene sis an iam profectus* (Cíc., At., 5,6,2); "hesitando se estavas em Roma ou se já tinhas partido"; *haec dies summa est sitne libĕra an seruĭat* (Plaut., Pers., 33) "êste é o dia supremo se ela será livre ou escrava"; etc.

21. Além destas construções mais freqüentes, há a assinalar numerosas outras para a interrogação disjuntiva indireta, como as seguintes: omissão de *utrum* ou *—ne* no primeiro membro, só aparecendo *an* ou *anne* no segundo; *an* no primeiro e segundo membros da interrogação (construção só usada em poesia e nos prosadores da idade de prata); *—ne* no primeiro e segundo membro (construção rara, de que só há um emprêgo em César); *siue* nos dois membros da interrogação, etc.

Exs.: *incertumst abĕam an manĕam, an adĕam, an fugĭam* (Plaut., Aul., 730) "é incerto se eu me vá ou fique, ou me aproxime, ou fuja"; *nihil interest dactylus sit extrēmus an cretĭcus* (Cíc., Or., 217) "em nada interessa que no fim haja um dátilo ou um crético"; *nec aequom anne inīquom iubēret cogitābit* (Plaut., Amph., 173) "nem cogitará se ordena o justo ou o injusto"; *nunc huc, nunc fluctŭat illuc, an sese mucrōne... indŭat... fluctibus an iacĭat mediis* (Verg., En., 10,680) "vacila daqui para ali, se se deve suicidar com a espada ou lançar-se no meio das ondas"; *an abdicāri possit an debeat* (Sên., Contr., 1,1,13) "se pode ou deve abdicar"; *neque interēsse ipsōsne interficĭant impedimentīsne exŭant* (Cés., B. Gal., 7,14,8); *spemque metumque inter dubĭi, seu uiuĕre credant / siue extrema pati nec iam exaudire uocatos* (Verg., En., 1,218) "incertos entre a esperança e o receio, se devem pensar ou que êles vivem ou que exalaram o último suspiro e não podem mais ouvir sendo chamados"; etc.

22. Enfim, quando na interrogação indireta disjuntiva o segundo membro fôr negativo, a negação é expressa por *necne* e mais raramente por *an non*, podendo as partículas do primeiro membro da interrogação serem empregadas ou não.

Exs.: *quaeram utrum emĕris necne* (Cíc., Verr., 4,35) "investigarei se terás comprado ou não"; *uidendumst utrum eae uelintne an non uelint* (Plaut., Most., 681) "é preciso ver se elas querem ou não querem"; *sitne quid necne sit scire cupio* (Plaut., Epid., 322) "desejo saber se existe ou não existe"; *redĕat an non, nescio* (Plaut., Merc., 592) "não sei se volta ou não"; *posset lege agi necne pauci quondam sciēbant* (Cíc., Mur., 11) "poucos outrora sabiam se podiam agir judicialmente ou não"; etc.

d) Orações Substantivas Infinitivas

23. As orações substantivas infinitivas podem desempenhar a função de sujeito ou de complemento da oração principal, podendo trazer o seu próprio sujeito expresso (sempre em acusativo), ou ser empregadas sem que êste sujeito venha explícito. De um modo geral, o infinitivo vem acompanhado de seu próprio sujeito quando êste não aparecer na oração principal na função de sujeito ou na de complemento.

Exs.: *dico te priōre nocte uenīsse in M. Laecae domum* (Cíc., Cat., 1,8) "declaro teres vindo a casa de M. Leca na noite anterior'; *ipsos oppĭda uicōsque, quos incendĕrant, restituĕre iussit* (Cés., B. Gal., 1,28,3) "César ordenou aos mesmos que restabelecessem as cidades e aldeias que haviam destruído"; *constat ad salūtem ciuium inuentas esse leges* (Cíc., Leg., 2,11) "consta terem sido criadas as leis para a salvação dos cidadãos"; *legem breuem esse opōrtet* (Sên., Ep., 94) "convém que a lei seja breve"; *gnatum meum tuo patri ait se uendidīsse* (Plaut., Capt., 979) "disse êle ter vendido o meu filho a teu pai"; *non decet esse te tam tristem* (Plaut., Cas., 230) "não te fica bem estares tão triste"; *quid nunc facĕre cogĭtas* (Ter., Heaut., 607) "que pensas fazer agora ?'; *debētis uelle quae uelīmus* (Plaut., Amph., 39) "deveis querer o que quisermos"; *omnĭa prius experīri decet* (Ter., Eun., 789) "convém primeiro tudo experimentar"; *nunc licet mihi loqui* (Plaut., Amph., 393) "agora me é permitido falar"; etc.

e) Orações Infinitivas Subjetivas

24. As orações infinitivas subjetivas são empregadas principalmente com os verbos impessoais e grande número de expressões impessoais, como : *decet* "ser mister"; *delēctat* ou *iuuat* "ser agradável", *licet* "ser permitido", oportet "convir", *poenĭtet* "ter pesar",

piget "sentir pena", *pudet* "ter vergonha", etc., e *fas est* "ser permitido", *necēsse est* "ser necessário", *decōrum est* "ser belo", *falsum est* "ser falso", *manifestum est* "ser evidente", *in mentem uenit* "vir à mente", *opus est* "ser mister", *turpe est* "ser vergonhoso", *satis est* "ser bastante", *utile est* "ser útil", etc.

Exs.: *oratôrem irasci minĭme decet* (Cíc., Tusc., 4,54) "em absoluto não convém ao orador irar-se"; *iuuat me haec praeclāra nomĭna artifĭcum... Verris aestimatiône sic concidĭsse* (Cíc., Verr., 4,12) "apraz-me que pela avaliação de Verres os nomes dêstes artistas tão célebres tenham caído tanto"; *licet nemini contra patriam ducĕre* exercĭtum (Cíc., Phil. 13,14) "não é permitido a ninguém conduzir um exército contra a sua pátria"; *frumēntum milităbus metīri oportēret* (Cés., B. Gal., 1,16,1) "convinha distribuir o trigo aos soldados"; *nisi forte sic loqui paenĭtet* (Cíc., Or., 164) "a não ser que pese falar assim"; *ne id te pigĕat prolŏqui* (Plaut., Aul., 210) "não te aborreça falar isto"; *pudēbat Macedŏnes urbem delētam esse* (Q. Curc., 5,7,10) "causava vergonha aos macedônios ter sido destruída a cidade"; *nullam rem opōrtet dolōse adgredīri* (Plaut., Truc., 461) "cumpre não se tratar dolosamente de coisa alguma"; *pudet dicĕre uerbum turpe* (Ter., Heaut., 1041) "envergonha dizer uma palavra feia"; *perlŭbet hunc homĭnem conlŏqui* (Plaut., Capt., 833) "agrada muitíssimo a êste homem conversar"; *non esse fas Germānos superāre* (Cés., B. Gal., 1,50,5) "não ser permitido aos germanos vencer"; *non opus est intro te ire* (Plaut., Merc., 917) "não é mister que vás lá dentro"; *dulce et decōrum est pro patrĭa mori* (Hor., Od., 3,2,13) "é doce e belo morrer pela pátria"; *hic tibi in mentem non uenit iubēre* (Cíc., Verr., 4,28) "não te veio à mente aqui ordenar"; *in mentem uenit te bouem esse* (Plaut., Aul., 228) "vem-me à mente seres um boi"; *satis est respondēre* (Cíc., Lae., 98) "é bastante responder"; *mihi necēsse est ire* (Plaut., Amph., 501) "para mim é necessário ir"; *credo ut mi aequomst credĭer* (Plaut., Poen., 490) "creio que me é justo ser acreditado"; *difficilest reperīri amīcum* (Plaut., Trin., 620) "é difícil achar-se um amigo"; *certissimumst mepte potius fiĕri seruom* (Plaut., Men., 1058) "é antes absolutamente certo tornar-me eu um escravo"; *habēre quaestŭi rem publĭcam non modo turpe est sed scelerātum etiam et nefarĭum* (Cíc., Of., 2,77) "traficar da coisa pública não só é vergonhoso mas ainda criminoso e abominável"; etc.

25. Cumpre notar que embora seja muito grande o número destas expressões formadas de um substantivo acompanhado do verbo *sum* (estando longe, pois, de ter sido dada uma lista completa delas no número precedente), entretanto, são elas mais encontradiças no latim arcaico e na língua da poesia, sendo relativamente raras em Cícero e César.

26. Enfim, encerraremos o estudo das orações infinitivas subjetivas fazendo observar que muitos verbos e expressões acima estudados admitem também a construção com *ut* mais subjuntivo (cf. n.º 10 dêste capítulo). Por outro lado, como veremos adiante, em vez da oração infinitiva, costuma ser empregada para servir de sujeito de verbos e expressões impessoais uma proposição introduzida por *quod*, o que se verifica quando o autor quer fazer entender que o enunciado da oração subjetiva deve ser considerado como um fato real.

f) Orações Infinitivas Objetivas

27. As orações infinitivas objetivas, como seu próprio nome indica, são empregadas como complemento do verbo da oração principal. Os principais verbos que se constroem com as orações infinitivas objetivas são os verbos declarativos *(uerba declarandi)*, que enunciam uma simples declaração ou comunicação; os verbos perceptivos ou cognitivos *(uerba sentiendi)*, que exprimem uma percepção, um juízo, ou uma cognição; os verbos volitivos *(uerba uoluntatis)*, que exprimem uma manifestação da vontade; os verbos que exprimem um sentimento *(uerba affectuum)*.

28. Os principais verbos declarativos, também chamados *uerba declarandi* ou *dicendi*, que mais freqüentemente se constroem com orações infinitivas objetivas diretas são os seguintes: *aio, declāro, dico, fatēor, confitēor, diffitēor, memŏro* e *commemŏro, narro, nego, denēgo* e *pernēgo, nuntio, ostēndo ,scribo, simŭlo, adsimŭlo* e *dissimŭlo*, etc.

Exs.: *aiunt hominem respondīsse* (Cíc., Amer., 33) "dizem ter o homem respondido"; *me aduenīre nunc primum aio* (Plaut., Amph., 759) "digo agora em primeiro lugar que estou chegando"; *perorationes nostrae uoluīsse nos atque anĭmo contendīsse declārant* (Cíc., Or., 210) "as nossas perorações declaram que nós o quisemos e empregamos todos os esforços de nosso espírito"; *homĭnem catum eum esse declarâmus* (Plaut., Pseud., 682) "declaramos ser êle um homem astuto"; *Democrĭtus dicit innumerabĭles esse mundos* (Cíc., Ac., 2,55) "Demócrito disse existirem mundos incontáveis"; *dicĭmus redisse te* (Ter., Heaut., 304) "dizemos que tu voltaste"; *turpis est excusatio et minĭme accipiēnda si quis contra rem publĭcam se amici causa fecisse fateātur* (Cíc., Lael., 40) "é vergonhosa a desculpa, e de todo inaceitável, de alguém confessar ter agido contra a nação por causa de um amigo"; *fatēor eam esse importūnam* (Plaut., As., 62) "confesso ser ela importuna"; *ea gesta esse memorāntur* (Cíc., Verr., 4,107) "lembram terem-se produzido tais acontecimentos"; *illum quem tibi istas dedīsse commemŏras epistŭlas* (Plaut., Trin., 951) "aquêle que relembras ter-te dado as cartas"; *uniuērsis se ... euersūrum esse minabātur* (Cíc., Verr., 4,76) "ameaçava a todos que des-

truiria"; *minātur se abire* (Plaut., As., 604) "ameaça ir-se embora"; *narrāuit te intĕrdum sollicĭtum solēre esse uehementĭus* (Cíc., Fam., 6,1,6) "contou que costumavas às vêzes estar demasiadamente agitado"; *quid narrat? – se misĕrum esse* (Ter., Heaut., 192) "Que conta? – que é infeliz"; *nego ullam pictūram fuisse quin abstulĕrit* (Cíc., Verr., 4,1) "nego ter existido alguma pintura que êle não tenha tirado"; *denegārit dare se granum tritĭci* (Plaut., Stich., 558) "terá negado dar um grão de trigo"; *oppugnāta domus C. Caesăris nuntiabātur* (Cíc., Mil., 66) "anunciava-se que a casa de C. César tinha sido cercada"; *me non peccāsse ostēndam* (Ac., 17) "mostrarei não ter eu cometido a falta"; *scriptum est quaesiuisse Socrătem* (Cíc., Diu., 1,123) "escreveu-se que Sócrates demandou"; *poētam audīui scripsīsse muliēres duas peiōres esse quam unam* (Plaut., Curc., 591) "soube que um poeta escreveu que duas mulheres são piores do que uma"; *quae se emptam simŭlet* (Plaut., Epid., 373) "a qual simule ter sido comprada"; *simŭlat se proficīsci* (Cíc., Clu., 27) "simula partir"; *adsimulābo me esse ebrium* (Plaut., Amph., 999) "fingirei estar ébrio"; *dissimulābo me horum quicquam scire* (Plaut., Most., 1071) "dissimularei saber algo destas coisas"; etc.

29. Os principais verbos perceptivos, *uerba sentiēndi*, que mais freqüentemente se constroem com orações infinitivas objetivas diretas são os seguintes: *accipĭo, arbĭtror, audĭo, censĕo, cogĭto, cognōsco, comperĭo, credo, duco, existĭmo, fido, intellĕgo, inuenĭo, iudĭco, memĭni, nosco, opīnor, obliuiscor, puto* e *repŭto, reor, scio* e *nescĭo, sentĭo, spero* e *despēro, suspĭcor, uidĕo*, etc.

Exs.: *si te aequo anĭmo ferre accipĭet* (Ter., Andr., 397) "se souber que o suportas com espírito forte (ou com tranqüilidade)"; *angŭstos se fines habēre arbitrabāntur* (Cés., B. Gal., 1,2,5) "julgavam ter um território acanhado"; *id arbĭtror esse utĭle* (Ter., And., 60) "julgo ser isto útil"; *urbem Syracūsas maxĭmam esse Graecārum saepe audīstis* (Cíc., Verr., 4,117) "freqüentemente ouvistes dizer que Siracusa é a maior das cidades gregas"; *postquam ante ostĭum me audīuit stare* (Ter., And., 474) "depois que soube que eu estava diante da porta"; *Antēnor censet belli praecidĕre causam* (Hor., Ep., 1,2,9) "Antenor é de opinião de suprimir a causa da guerra"; *ne me uocāre censeas* (Plaut., Most., 1005) "não penses chamar-me"; *cogĭtat deus, inquĭunt, adsidŭe beātum esse se* (Cíc., Nat., 1,114) "Deus, dizem, pensa ser contìnuamente feliz"; *cogitāto hinc mea fide mitti domum te* (Plaut., Capt., 432) "imaginarás que por minha fidelidade és mandado a casa"; *omnemque exercĭtum discessīsse cognōscunt* (Cés., B. Gal., 6,35,7) "e são informados que todo o exército se tinha afastado"; *cognōsse anŭlum illum gnatae suae fuisse* (Ter., Hec., 811) "ter reconhecido que aquêle anel foi de sua filha"; *me non esse uerbōrum inŏpem agnōsco* (Cíc., Fam., 4,4,1) "reconheço que não sou desprovido de recursos verbais"; *cum relĭquom exercĭtum sub-*

sĕqui credĕret (Cés., B. Gal., 6,31,1) "como acreditasse que o resto do exército seguisse imediatamente"; *credo te facĭle impetrassĕre* (Plaut., M. Glor., 1128) "creio que o impetrarás fàcilmente"; *non illam mihi dotem duco esse* (Plaut., Amph., 839) "julgo que aquêle dote não é para mim"; *existŭment enim dis immortalĭbus se facilĭus satis factūros* (Cíc., Tusc., 3,72) "julgam com efeito mais fàcilmente satisfazer aos deuses imortais"; *non lucrum omne esse utĭle existŭmo* (Plaut., Capt., 325) "não julgo que todo lucro seja útil"; *fidis enim manāre poetĭca mella te solum* (Hor., Ep., 2,19,44) "crês que só tu destilas meles poéticos'; *id mi haud licēre intellĕgo* (Plaut., Bacch., 344) "entendo não me ser isso permitido"; *inueniēbat ex captīuis Sabim flumen milia passum X abêsse* (Cés., B. Gal., 2,16,1) "sabia pelos prisioneiros que o rio Sábis distava dez mil passos"; *eum fidē-lem esse inuenio* (Plaut., M. Glor., 1375) "acho que êle é fiel"; *optŭmum istuc esse iudĭco* (Plaut., Cas., 375) "julgo ser isto ótimo"; *sine ulla dubitatiōne sic statuo et iudĭco nemĭnem omnium tot et tanta quanta sint in Crasso habuīsse ornamēnta dicēndi* (Cíc., De Or., 2,122) "assim, sem nenhuma hesitação afirmo e julgo que nenhum de todos os oradores possuiu em tão alto grau como Crasso tantos ornamentos de elocução"; *memĭni me fiĕri pauom* (Ên., An., 10) "lembro-me ter-me tornado um pavão"; *imperatōris uirtūtem nouĕ-ram et uim milĭtum; sine sanguĭne hoc non posse fiĕri* (Ter., Eun., 778) "eu conhecia a bravura do general e a fôrça dos soldados; sabia que isto não se poderia fazer sem sangue"; *neque opinābar neque censēbam eam fore mihi occasiōnem* (Plaut., Pers., 257) "nem imaginava nem julgava que houvesse para mim essa oportunidade"; *qui quod dedit id oblitust datum* (Plaut., Truc., 235) "quem o deu esqueceu-se de tê-lo dado"; *quis hippocentaurum fuīsse aut chimaeram putat* (Cíc., Nat., 2,5) "quem julga ter existido o centauro ou a quimera ?"; *deos esse tui simĭlis putas* (Plaut., Amph., 284) "julgas que os deuses são semelhantes a ti"; *quos nemo posse superāri ratus est* (Plaut., Amph., 656) "ninguém pensou que pudessem ser superados"; *scimus L. Acilĭum apud patres nostros appellātum esse sapiēntem* (Cíc., Lael., 6) "sabemos que L. Acílio foi chamado sábio entre os nossos pais"; *nescībam id dicĕre illam* (Ter., Eun., 736) "eu não sabia que ela disse isso"; *sentīmus calēre ignem, niuem esse albam, dulce mel* (Cíc., Fin., 1,30) "percebemos que o fogo é quente, que a neve é branca, e doce o mel"; *oratiōnem sperat inuenisse se* (Ter., Andr., 407) "êle espera encontrar palavras"; *intro ire nemĭnem uidĕo* (Ter., Andr., 363) "não vejo ninguém entrar"; etc.

30. Os principais verbos volitivos (*uerba voluntatis*) que mais freqüentemente se constroem com orações infinitivas objetivas diretas são os seguintes: *cogo, cupĭo, decērno, desidĕro, peto* e *expĕto, impĕro, iubĕo, opto* e *exŏpto, postŭlo, prohibĕo, sino, studĕo, uolo, malo* e *nolo, urgĕo*, etc.

Exs.: *num te emĕre coēgit ?* (Cíc., Of., 3,55) "acaso te obrigou a comprar ?"; *histriōnem cogis mendicarier* (Plaut., Capt., 13) "obrigas o comediante a mendigar"; *Iuppĭter me perīsse cupit* (Plaut., Most., 349) "Júpiter deseja que eu morra"; *mea uirtūte atque diligentĭa patefāctam esse coniuratiōnem decreuīstis* (Cíc., Cat., 4,5) "decretastes que por minha energia e diligência se descobriu a conjuração"; *rem ad se importāri desidĕrant* (Cés., B. Gal., 4,2,1) "desejam que se importe (que se faça importação) em seu país"; *plura uerba / fiĕri / non desidĕro* (Plaut., Cas., 423) "não desejo mais falar"; *naues impĕrat fiĕri* (Cés., B. Gal., 5,1,3) "ordena que se façam os navios"; *eos suum aduĕntum exspectāre iussĕrat* (Cés., B. Gal., 1,27,2) "mandara-os esperar a sua chegada"; *iube hunc abīre alĭquo* (Ter., Heaut., 585) "manda que êste se vá para algum lugar"; *omnes mortāles sese laudarĭer optant* (Ên., An., 403) "todos os mortais querem ser louvados"; *quis tam crudēlis optāuit sumĕre poenas ?* (Verg., En., 6,501) "quem quis tomar penas tão cruéis ?"; *quos uidēre exoptābam me* (Plaut., M. Glor., 1135) "os que eu desejava ver"; *quod cupiēnter dari petĭmus nobis* (Plaut., Pseud., 683) "o que ardentemente desejamos que se dê a nós"; *id me scire expĕto* (Plaut., Most., 628) "procuro saber isso"; *inīquos es qui me tacēre postŭles* (Ter., Heaut., 1011) "és iníquo, tu que solicitas que eu me cale"; *prohĭbes nos coquĕre* (Plaut., Aul., 435) "tu nos proíbes de cozinhar"; *praecipĭtem amīcum ferri sinit* (Cíc., Lae., 89) "deixa o amigo ser arrastado para o abismo"; *neque hunc homĭnem sinam accedĕre* (Plaut., Amph., 264) "nem deixarei que êste homem se aproxime"; *Pompeius rem ad arma deduci studebat* (Cés., B. Ciu., 1,4,5); *ego me id facĕre studĕo* (Plaut., As., 67) "eu mesmo desejo fazer isso"; *corpŏra iuuenum firmāri labōre uoluerunt* (Cíc., Tusc., 2,36) "quiseram firmar o corpo dos jovens com o trabalho"; *exorarĭer uis ted* (Plaut., As., 687) "queres ser suplicado"; *Saguntīni parĕntes suos libĕros emŏri quam seruos uiuĕre maluerunt* (Cíc., Par., 24) "os saguntinos preferiram ver morrer livres os seus pais do que viver como escravos"; *faxim ted Amphitruōnem esse malis* (Plaut., Amph., 511) "farei com que prefiras ser Anfitrião"; *te monēri num neuis?* (Plaut., Poen., 1079) "não queres acaso ser advertido?"; *quod plurĭbus praesentĭbus eas res iactāri nolēbat* (Cés., B. Gal., 1,18,1) "porque não queria que se tratassem estas coisas na presença de muitos"; etc.

31. Os principais verbos que exprimem sentimento *(uerba affectuum)* e que mais freqüentemente se constroem com as orações infinitivas objetivas diretas são os seguintes: *crucĭor* e *discrucĭor*, *dolĕo*, *formīdo*, *gaudĕo*, *gratŭlor*, *inuidĕo*, *laetor*, *maerĕo*, *miror* e *admīror*, *odi*, *patĭor* e *perpetĭor*, *ridĕor*, *uerĕor*, etc.

Exs.: *crucior lapĭdem non habēre me* (Plaut., Capt., 600) "mortifica-me não ter uma pedra"; *propter me haec nunc meo sodāli dici discrucĭor* (Plaut., Bacch., 435) "mortifica-me terrìvelmente

dizer-se isso ao meu companheiro por minha causa"; *discrucior Sextilii fundum a uerberōne Curtilio possidēri* (Cíc., At., 14,6,1) "mortifica-me terrìvelmente que a herdade de Sextílio seja possuída pelo velhaco do Curtílio"; *meus formīdat animus nostrum tam diu desidēre neque redīre filium* (Plaut., Bacch., 237); *suos ab se liberos abstractos dolēbant* (Cés., B. Gal., 3,2,5) "doía-lhes que seus filhos lhes fôssem arrebatados"; *quem tamen esse natum et nos gaudēmus et haec ciuitas dum erit laetabitur* (Cíc., Lae., 14) "entretanto, nos regozijamos de ter êle nascido, e esta cidade, enquanto existir, se rejubilará"; *saluom te aduenīre gaudĕo* (Ter., Eun., 976) "regozijo-me por teres chegado salvo": *nullus est quoi non inuidĕant rem secŭndam optingĕre* (Plaut., Bacch., 543) "não há ninguém a quem não inveje alcançar um bom êxito"; *istuc tibi optigīsse laetor* (Ter., Heaut., 683) "alegro-me que isto te tenha acontecido"; *nimium tarde concidĕre (patriam) maerent* (Cíc., Sest., 25) "lamentam demasiado tarde cair a pátria"; *haec ego uos concupīsse... non miror; sperāsse me consŭle assĕqui posse demiror* (Cíc., Agr., 2,100) "que vós o tenhais ambicionado não me admiro eu ; o que me causa admiração é que tenhais esperado poder consegui-lo durante o meu consulado"; *quid admirāti estis Iouem facĕre histrioniam?* (Plaut., Amph., 89) "por que ficais admirados de Júpiter fazer profissão de ator ?"; *dum seruīre peius odēre malis omnibus aliis* (Brut., apud Cíc., Fam., 1,16,6) "enquanto odiaram mais a servidão do que todos os outros males"; *oratōrem si patiŭntur eŭndem esse philosŏphum* (Cíc., De Or., 3,143) "se permitem ao orador seja também filósofo"; *patierin me peierāre?* (Plaut., Cist., 500) "irei permitir-me cometer um perjúrio?"; *excindine domos... perpetīar?* (Verg., En., 12,643-4) "suportarei que sejam destruídas as casas?"; *sic Lydĭa coniux Amphitryonidden exūtum horrentia terga perdĕre Sidonĭos humĕris ridēbat amīctus* (Estác., Theb., 10,646-8) "assim a Lídia espôsa ria-se de ver Hércules despojado de sua horrenda pele (de leão) rasgar em seus ombros os mantos de púrpura sidônia"; *ni sciam, uerĕar me hoc ornātu incedĕre* (Plaut., M. Glor., 1284) "não o soubesse e teria mêdo de andar com esta fantasia"; etc.

32. Cumpre observar que com os verbos declarativos é de regra o emprêgo do sujeito do infinitivo, embora êste seja idêntico ao do verbo da oração principal, como se poderá deduzir de muitos dos exemplos dados no n.º 28. A omissão do sujeito do infinitivo em tais casos é imitação da sintaxe grega, ocorrendo principalmente em poesia.

Exs.: *phasēlus ille quem uidētis, hospĭtes, / ait fuisse nauium celerrĭmus* (Catul., 4,1-2) "aquêle barco que vêdes, amigos, diz ter sido o mais célere dos navios"; *dissimulāre etiam sperāsti, perfide, tantum /posse nefas tacitusque me decedĕre terra?* (Verg., En., 4,305-6) "esperaste, ó pérfido, poder dissimular tamanha atrocidade e sem dizer palavra partir do meu território ?"; etc.

33. Igualmente, a maioria dos verbos que exprimem sentimento *(uerba affectuum)* se constroem normalmente com o infinitivo acompanhado de seu sujeito, sendo excepcional o emprêgo do infinitivo isolado, isto é, sem o seu sujeito expresso, mesmo no período arcaico, não aparecendo no período clássico na prosa (exceção feita para o verbo *curo)*.

Exs.: *omnes gaudent facĕre recte* (Ac., 32) "todos gostam de fazer corretamente"; *gaudĕo accipĕre* (Ter., Ad., 254) "gosto de receber"; *si isti formīdas credĕre* (Plaut., Pseud., 318) "se temes crer neste"; *spectāre postea omnis odĕrit* (Plaut., Capt., 66) "odiará depois olhar tudo"; *uerĕor dicĕre* (Ter., Andr., 323) "receio dizer"; *finemque manu contingĕre gaudent* (Verg., En., 2,239) "e gostam de tocar com a mão a corda"; *pati dilēctus et ualidissĭmum quemque militĭae nostras dare aspernabāntur* (Tác., An., 4,46,2) "recusavam-se a sofrer os recrutamentos e dar ao nosso exército o melhor de sua mocidade"; etc.

34. Com os verbos que exprimem uma manifestação da vontade a questão se torna mais delicada, admitindo uns dupla construção, isto é, a do infinitivo acompanhado ou não de seu sujeito, ou então infinitivo sem sujeito. Estão no primeiro caso, entre outros, os seguintes: *cupĭo* e outros que significam desejar, *iubeo, cogo, prohibĕo, ueto, uolo, malo* e *nolo*, etc. Constroem-se normalmente com o infinitivo sem sujeito: *cogĭto, destĭno, statŭo* e *constitŭo*; e mais raramente *abnŭo, hortor, monĕo, recūso, suadĕo*, etc.

Exs.: *cupĭo dare mercēdem* (Plaut., Curc., 590) "desejo dar uma recompensa"; *oculi adpĕtunt cupĭde intŭi* (Turp., 159) "os olhos desejam ardentemente ver"; *refĕrre studĕant gratĭam* (Plaut., Amph., 182) "desejem retribuir o obséquio"; *omnis te imitāri cupis* (Plaut., Cas., 397) "desejas que todos te imitem"; *quod cupiēnter dari petĭmus nobis* (Plaut., Pseud., 683) "o que desejamos ardentemente que se dê a nós"; *ego me id facĕre studĕo* (Plaut., Asin., 67) "quanto a mim, desejo fazer isto"; *num te emĕre coegit?* (Cíc., Of., 3,55) "acaso te obrigou a comprar?"; *id sua sponte facĕrent quod cogerēntur facĕre legĭbus* (Cíc., Rep., 1,3); *eos suum aduēntum exspectāre iussĕrat* (Cés., B. Gal., 1,27,2) "mandara-os esperar a sua chegada"; *id uelim me scire* (Plaut., Cas., 287) "quereria saber isso"; *faxim ted Amphitruōnem esse malis* (Plaut., Amph., 511) "farei com que prefiras ser Anfitrião"; *accipĕre tu non mauis quam ego dare* (Plaut., Poen., 706) "tu não queres mais receber do que eu dar"; e: *certāre abnŭo* (Ên., An., 193) "recuso combater"; *quid nunc facĕre cogĭtas?* (Ter., Heaut., 607) "que cogitas fazer agora?"; *mihi dotem iam constituērunt dare* (Ter., Phorm., 676) "já determinaram dar-me o dote"; etc.

g) Orações Substantivas Introduzidas por *Quod*

35. As orações substantivas introduzidas por *quod* podem ser objetivas ou subjetivas, tendo o verbo geralmente no modo indicativo. As orações substantivas objetivas diretas são particularmente freqüentes com os verbos *facĭo* (especialmente nas locuções *bene, male facio*, etc.), *dolēo, fero* (especialmente nas locuções *aegre, aequo*, e *inīquo anĭmo fero*), *gaudēo* e *laetor, indīgnor, queror, miror, gratŭlor, accūso, reprehēndo, uitupěro*, com *mitto* e *praeterěo*, etc.

Exs.: *bene facis quod me adiŭuas* (Cíc., Fin., 3,15) "fazes bem em me ajudar"; *facis fratērne quod me hortāris* (Cíc., Q. Fr., 2,15,2) "procedes como bom irmão exortando-me"; *molestissĭme fero quod te ubi uisūrus sim nescĭo* (Cíc., Fam., 3,5,5); *querebătur (Scipio) quod omnĭbus in rebus homĭnes diligentiōres essent* (Cíc., Lael., 62) "queixava-se Cipião de que os homens fôssem mais diligentes em tôdas as coisas"; *ne miremĭni quod non triŭmpho* (Plaut., Bacch., 1072) "não vos admireis que eu não triunfe"; *uerěor ne illud grauius tulěrit quod intro missus non est* (Ter., Eun., 81) "receio que tome a mal que não tenha sido introduzido"; *laudat Africānum Panaetĭus quod fuěrit abstĭnens* (Cíc., Of., 2,76) "Panécio louva a Africano quanto ao seu desinterêsse"; *Perĭclem uitupěrat quod tantam pecunĭam... coniecěrit* (Cíc., Of., 2,60) "censura a Péricles de ter lançado tanto dinheiro"; *sane gaudēo quod te interpellāui* (Cíc., Leg., 3,1,1) "alegro-me bastante de ter-te citado"; *quod regi amīco cauet non reprehēndo, quod minŭit auctiōnem laudo* (Cíc., Agr., 2,58) "quanto a acautelar a um rei amigo, não censuro, quanto a ter diminuído seu aumento, louvo"; *gratŭlor tibi quod ex prouincĭa saluum te ad tuos recepīsti* (Cíc., Fam., 13,73,1) "congratulo-me contigo quanto a teres voltado para os teus são e salvo de tua província"; *tibi ago gratĭas quod me omni molestĭa libĕras* (Cíc., Fam., 13,62) "agradeço-te quanto a me livrares de tôda inquietação"; *praeterěo quod... eam sibi domum sedemque delēgit* (Cíc., Clu., 188) "deixo em silêncio quanto ao fato de ter escolhido para si essa casa e residência"; *mitto quod inuidĭam, quod perīcŭla, quod omnes meas tempestātes subiěris* (Cíc., Fam., 15,4,12) "omito quanto a teres suportado o ódio, os riscos, tôdas as minhas tempestades"; etc.

36. As orações objetivas diretas introduzidas por *quod* podem ainda ocorrer com verbos declarativos como "dizer", "falar", ou com os que signifiquem "crer", "saber", caso em que, no latim clássico, vêm geralmente precedidas de um pronome demonstrativo, devendo-se traduzir a conjunção por "quanto a", "quanto ao fato de", etc.

Exs.: *an mihi de te nihil esse dictum unquam putas? ne hoc quidem quod... Taurum... transīsti?* (Cíc., Fam., 3,8,6) "julgas acaso que jamais nada me tenha sido dito a teu respeito? nem mesmo quanto ao fato de teres atravessado o Tauro?"; *pauca apud eos lo-*

quĭtur quod sibi gratĭa relāta non sit (Cés., B. Ciu., 1,2,3) "pouco entre êles se fala que não seja referido em seu benefício"; *illic repŭtans idĕo se fallacĭbus littĕris accītam... quodque, litus iuxta, non uentis acta, non saxis impulsa, nauis... concidīsset* (Tác., An., 14,6) "então, julgando por isso ter sido chamada por uma carta ardilosa quanto ao fato de ter soçobrado o navio perto da praia, sem ser impelido pelos ventos, sem ter colidido em rochedos"; etc.

37. Quando as orações substantivas introduzidas por *quod* completam o sentido de um verbo impessoal, ou locução verbal de sentido impessoal, são subjetivas, podendo tais construções se considerarem como uma extensão das precedentes.

Exs.: *accĭdit perincommŏde quod eum nunquam uidīsti* (Cíc., At., 1,17,2) "acontece lamentàvelmente que nunca o viste"; *hoc accĭdit mihi peropportūne quod ad Antonium audiendum uenistis* (Cíc., De Or., 2,15) "acontece-me oportunìssimamente que viestes para ouvir Antônio"; *id iam lucrum est quod uiuis* (Plaut., Merc., 553) "já é lucro o viveres"; *bene mihi euēnit quod mittor ad mortem* (Cíc., Tusc., 1,97) "foi um acontecimento feliz para mim ser condenado à morte"; *id illi uitium maximum est quod nimis tardus est* (Plaut., Merc., 596) "é o seu maior vício o ser demasiadamente moroso"; etc.

II) Orações Adverbiais ou Circunstanciais

38. No estudo das chamadas *orações adverbiais* ou *circunstanciais*, iremos ocupar-nos ùnicamente das proposições subordinadas conjuncionais, deixando assim de tratar das orações relativas circunstanciais, de que nos ocuparemos ao estudar as subordinadas relativas. As orações subordinadas circunstanciais, tôdas introduzidas por conjunções subordinativas, exprimem uma circunstância relativamente à oração principal, podendo ser: 1.º) causais; 2.º) finais; 3.º) consecutivas; 4.º) concessivas; 5.º) condicionais; 6.º) temporais; 7.º) comparativas.

a) Orações Causais

39. Como o seu próprio nome indica, as *orações causais* dão a causa ou o motivo da ação ou do estado expressos pela oração principal, ou de que dependem, sendo introduzidas pelas conjunções *quod, quia, quoniam, quando* e *ut*.

40. A conjunção *quod* "porque" constrói-se de um modo geral como a oração independente, isto é, de preferência com o verbo no modo indicativo, tanto no latim arcaico como no latim clássico.

Exs.: *si remorātus es quod ista uolŭit* (Plaut., Epid., 630) "se te demoraste porque esta mulher o quis"; *purgon ego me de istac Thaïdi quod eam me amāre suspicatast?* (Ter., Eun., 434) "vou desculpar-me junto de Taís, porque suspeitou que eu esteja amando a essa moça?"; *Heluetii quoque reliquos Gallos uirtūte praecēdunt quod fere cotidiānis proeliis cum Germānis contēndut* (Cés., B. Gal., 1,1,4) "os helvécios também excedem em bravura os demais gauleses, porque combatem com os germanos quase que em batalhas diárias"; *amicitiam non spe mercēdis addūcti, sed quod omnis eius fructus in amōre inest, expetēndam putāmus* (Cíc., Lael., 31) "julgamos que a amizade deve ser procurada, não levados pela esperança da recompensa, mas porque todo o seu fruto está no amor"; *T. M. Torquātus, bello Gallĭco, filium suum, quod is contra imperium in hostem pugnauĕrat, necāri iussit* (Sal., Cat., 52,30) "T. M. Torquato, na guerra gaulesa, mandou matar seu filho porque êsse combatera contra o inimigo em desobediência a sua ordem"; etc.

41. Emprega-se, porém, o subjuntivo para se exprimir uma opinião alheia, sem que o autor especifique se a endossa ou não; quando a causa ou o motivo expresso pela oração causal não é dado como certo ou verdadeiro; ou, enfim, para indicar que uma hipótese não corresponde à realidade, donde o emprêgo sistemático do subjuntivo depois de *non quod*.

Exs.: *Heluetii, seu quod timōre perterrĭtos Romānos discedĕre a se existimārent, eo magis, quod pridie, superiorĭbus locis occupātis, proelium non commisissent: siue eo, quod re frumentaria interclūdi posse confidĕrent... nostros a nouissime agmine insĕqui ac lacessĕre coepērunt* (Cés., B. Gal., 1,23,3) "os helvécios começaram a perseguir e atacar pela retaguarda os nossos homens, ou porque julgassem ter os romanos se afastado dêles por mêdo, ou porque na véspera não tivessem travado combate, embora tendo ocupado posições mais vantajosas, ou ainda porque esperassem poder cortar-nos os abastecimentos"; *noctu ambulābat in publĭco Themistŏcles, quod somnum capĕre non posset* (Cíc., Tusc., 4,44) "Temístocles andava de noite nas ruas porque não podia conciliar o sono"; *denĭque exorāuit tyrānnum ut abīre licēret, quod iam beātus nollet esse* (Cíc., Tusc., 5,21,62) "enfim, solicitou ao tirano que lhe fôsse permitido partir, porque não queria mais ser feliz"; *nemo oratōrem admirātus est quod latīne loquerētur* (Cíc., De Or., 3,14) "ninguém admirou um orador porque falasse latim"; *pugĭles uero, etiam cum feriunt, aduersarium in iactandis caestĭbus ingemēscant, non quod doleant animoue succūmbant, sed quia profundēnda uoce omne corpus intendĭtur* (Cíc., Tusc., 2,56) "também os pugilistas quando ferem o adversário lançando os seus cestos soltam um gemido, não porque sintam ou se lhes enfraqueça a coragem, mas porque, expirando fortemente, todo o corpo se distende"; *id feci non quod uos hanc defensiōnem desiderāre arbitrārer, sed ut omnes intellegĕrent* (Cíc.,

Ac., 2,37) "eu o fiz, não porque julgasse que desejásseis esta defesa, mas para que todos compreendesseis"; etc.

42. A conjunção *quia*, aproximadamente sinônima da precedente *quod* "porque", é também de um modo geral acompanhada de indicativo. Note-se, porém, que no período clássico é excepcional o emprêgo de *quia* mais o subjuntivo depois dos verbos que expressem um sentimento, como os que significam "regozijar-se", "afligir-se", "admirar-se", ou com os que significam "louvar", "felicitar", "acusar", etc., se bem que no período arcaico tais construções fôssem freqüentes e normais.

Exs.: *sapiens legibus non propter metum paret, sed eas sequitur, quia salutāre maxĭme esse iudĭcat* (Cíc., Par., 5,1,34) "o sábio não obedece às leis por mêdo, mas as observa porque o julga ser extraordinàriamente benéfico"; *quia natūra mutāri non potest, idcirco uerae amicitiae sempitērnae sunt* (Cíc., Lael., 32) "porque a natureza não pode mudar-se, por conseguinte as verdadeiras amizades são sempiternas"; *concēdo et quod animus aequos est et quia necēsse est* (Cíc., Amer., 145) "concedo, e porque o espírito é justo e porque é necessário"; *discrucior animi quia abeundumst mihi* (Plaut., Aul., 105) "dilacera-se-me o coração porque deve apartar-se de mim"; *at nos pudet quia cum catēnis sumus* (Plaut., Capt., 903) "mas envergonha-nos porque estamos com cadeias"; *saluos sum quia perĕo* (Plaut., Truc., 707) "estou salvo porque pereço"; *iratast quia non rediĕrim* (Plaut., Cist., 101) "irou-se porque eu não tenha voltado"; *ego laeta uisa quia soror uenīsset* (Plaut., M. Glor., 387) "eu pareci alegre porque minha irmã tivesse vindo"; etc.

43. Como se pode deduzir dos próprios exemplos dados, tanto a conjunção *quod* como sua quase sinônima *quia* constroem-se com o verbo no indicativo quando a causa expressa pela oração causal é considerada como real ou verdadeira, usando-se, pois, o verbo no modo real. Quando, porém, a causa fôr apresentada como uma opinião alheia, correspondendo assim a uma hipótese, endossada ou não pelo autor, ou quando o motivo apresentado não corresponde à realidade, é empregado o subjuntivo, equivalente no primeiro caso ao potencial, e no segundo, ao irreal.

44. *Cum* causal, que também se costuma grafar *quom* (a grafia *quum* é errônea), significa "já que", sendo que o seu sentido causal é um desenvolvimento natural de sua acepção temporal. No período clássico, *cum* causal se constrói geralmente com o subjuntivo, enquanto que no período arcaico sua construção normal era antes com o indicativo.

Exs.: *cum summus mons a Labiēno tenerētur, Cosidius, equo admisso, ad eum uenit* (Cés., B. Gal., 1,22,1) "já que o cume da montanha estava em poder de Labieno, Cosídio, tendo recebido a cavalaria, foi ter com êle"; *cottidie meam potentiam criminabātur,*

cum dicĕret senātum quod ego uelle decernĕre (Cíc., Mil., 12) "diàriamente acusava o meu prestígio, já que dizia que o senado concedia o que eu queria"; *cum solitūdo et uita sine amicis insidiārum et metus plena sit, ratĭo ipsa monet amicitĭas comparāre* (Cíc., Fin., 1,66) "já que o isolamento e a vida sem amigos é cheia de ciladas e temores, é a própria razão que nos adverte a granjear amigos"; *perfacĭle esse cum uirtūte omnĭbus praestāre, totĭus Gallĭae imperĭum potīri* (Cés., B. Gal., 1,2,2) "ser facílimo apoderarem-se do govêrno de tôda a Gália, já que êles excediam a todos pela bravura"; *quom nos di iuuēre, gaudĕo* (Plaut., Cas., 417) "já que os deuses nos ajudaram, regozijo-me"; *di tibi omnĭa optāta offĕrant, quom me tanto honōre honēstas* (Plaut., Capt., 355) "que os deuses te ofereçam tudo o que desejas, já que me ornas com tanta honra"; etc.

45. Note-se, porém, que mesmo no período clássico algumas construções de *cum* causal fazem-se normalmente com o indicativo, como por exemplo com verbos que exprimem emoção, principalmente com as expressões *gratias ago, magna laetitĭa nobis est, gratŭlor*, etc., freqüentes na língua familiar. Por outro lado, embora excepcionalmente, já no período arcaico começava a aparecer a construção de *cum* com o subjuntivo, sendo que não raro tal construção resultava de uma simples atração modal.

Exs.: *tibi maxĭmas gratĭas ago cum tantum littĕrae meae potuērunt* (Cíc., Fam., 13,24,2) "rendo-te os meus maiores agradecimentos, pois que minha carta teve tamanho poder"; *rex Bocche, magna laetitĭa nobis est, cum te talem uirum dei monuēre, uti aliquāndo pacem quam bellum malles* (Sal., Iug., 102,5) "ó rei Boco, é para nós grande alegria pois que os deuses te advertiram como um tal varão que enfim preferes a paz à guerra"; *gratŭlor tibi cum tantum uales apud Dolabĕllam* (Cíc., Fam., 9,14,3) "congratulo-me contigo já que tens tanto prestígio junto a Dolabela"; *sunt quidam qui molestas amicitias facĭunt, quom ipsi se contēmni putant* (Cíc., Lael., 72) "há certas pessoas que tornam as amizades incômodas, pois que julgam ser desprezadas"; *mihi mira uidēntur te hic stare foris... quom haec tua sit* (Plaut., Men., 361) "parece-me admirável que estejas aqui fora, pois que esta é tua"; *magistrātus quom adēsset occeptast agi* (Ter., Eun., 22) "como o magistrado estivesse presente, começou a agir"; *indĭgnis quom sim accēptus modis* (Ter., Ad., 166) "pois que tenha sido recebido de modo indigno"; etc.

46. *Quoniam* "pois que" e *quando* "uma vez que" (esta última de emprêgo relativamente raro) não aparecem em César, mas são ainda freqüentes em Cícero e têm as mesmas construções de *quod* e *quia*. Tanto *quoniam* como *quando* vêm freqüentemente seguidas de *quidem* (com *quando* geralmente grafado *quandoquidem*), significando então respectivamente "pois que realmente", "uma vez que evidentemente".

Exs.: *Vos, Quirītes, quoniam iam est nox... in uestra tecta discedite* (Cíc., Cat., 3,29) "vós, Quirites, pois que já é noite... retirai-vos para vossas casas"; *sane gaudĕo quod te interpellāui, quoniam quidem tam praeclārum mihi dedīsti iudicii testimonium* (Cíc., Leg., 3,1) "alegro-me bastante por ter-te interrompido, pois que realmente me deste um testemunho tão preclaro do julgamento"; *quoniam tu idem certe fecisses* (Cíc., Fin., 2,58) "pois que certamente terias feito o mesmo"; *nonulli princĭpes ex ea ciuitāte ad Caesăres uenerunt, quoniam ciuitāti consulĕre non possent* (Cés., B., Gal., 5,3,5); *Quoniam Miltiădes ipso pro se dicĕre non posset, uerba pro eo fecit frater eius Tisagŏras* (C. Nep., Milt., 7,5) "pois que Milcíades em pessoa não pudesse falar por si, usou da palavra por êle seu irmão Tiságoras"; *quid tibi lubet fac, quoniam plus uales* (Plaut., Amph., 396) "faze o que quiseres, pois que és mais forte"; *nunc demum istuc dicis, quoniam ius meum esse intellĕgis* (Plaut., Rud., 1122) "agora enfim dizes isto, pois que compreendes ser meu direito"; *te oro quoniam mi effecīsti has nuptĭas* (Ter., And., 595) "rogo-te, pois que tu me preparaste estas núpcias"; *quando igĭtur inest in omni uirtūte cūra quaedam* (Cíc., Fin., 5,67) "uma vez que, por conseguinte, em tôda virtude existe uma certa solicitude"; *quandoquĭdem tu istos oratōres, inquit, tanto opĕre laudas* (Cíc., Br., 163) "uma vez que realmente tu louvas de tal modo êstes oradores, disse êle"; *quid opus est quando domi est?* (Plaut. Cas., 497) "porque é preciso, uma vez que está em casa?"; *patiar quando Venus* uolt (Plaut., M. Glor., 1227) "suportarei, uma vez que Vênus o quer"; *quando nil times, narra* (Ter., Phorm., 999) "uma vez que nada temes, conta"; etc.

b) Orações Finais

47. As *orações finais* indicam o fim, ou às vêzes simplesmente a intenção, da oração principal, sendo introduzidas geralmente pela conjunção *ut*, "a fim de que". É também freqüente o emprêgo da conjunção final *quo* "para que", especialmente antes de um comparativo. As orações finais se constroem normalmente com o verbo no subjuntivo.

Exs.: *esse opŏrtet ut uiuas, non uiuĕre ut edas* (Rhet., Her., 4,28,39) "cumpre que comas para viver, não que vivas para comer"; *legĭbus idcīrco omnes seruīmus, ut libĕri esse possīmus* (Cíc., Clu., 146) "por isto todos somos escravos das leis, a fim de que possamos ser livres"; *haec propterĕa scripsi ut intellegĕres* (Cíc., Fam., 13, 67,2) "por êstes motivos escrevi, para que entendesses"; *Dumnorĭgi custōdes ponit, ut, quae agat, quibuscum loquatur, scire possit* (Cés., B. Gal., 1,20,6) "César põe guardas para vigiar Dumnorige, a fim de que possa saber o que êle faz e com quem fala"; *carīnae aliquānto planiōres quam nostrārum nauium, quo facilĭus uada ac decēssum aestus excipĕre possent* (Cés., B. Gal., 3,13,1) "as quilhas eram

bastante mais chatas do que as das nossas embarcações, para que mais fàcilmente pudessem evitar os bancos de areia e o refluxo"; *eo scrīpsi quo in suadendo plus auctoritātis habērem* (Cíc., At., 8,9,1) "por isso escrevi, para que persuadindo eu tivesse mais autoridade"; *me praemīsit ut haec nuntiem* (Plaut., Ámph., 195) "enviou-me na frente para que anunciasse isto"; *quo Graecum uideatur magis* (Plaut., Men., 9) "para que pareça mais grego"; etc.

48. Embora desde o período arcaico a conjunção *quo* seja principalmente usada antes de um comparativo, cumpre observar que de um lado a conjunção *ut* pode igualmente preceder a um comparativo, bem como, de outro, a conjunção *quo* ser empregada numa oração final sem preceder a um comparativo.

Exs.: *ut eo studiosius... facĭas* (Cíc., Fam., 13,18,2) "para que por isso o faças de melhor vontade"; *ut rem tenēātis rectĭus* (Plaut., Amph., 110) "para que estejais melhor inteirados do fato"; *ut frugalĭor sim* (Ter., Heaut., 681) "para que eu seja mais frugal"; *in funerĭbus Atheniensĭum sublāta erat celebrĭtas uirōrum et muliĕrum, quo lamentatĭo minuerētur* (Cíc., Leg., 2,65) "nos funerais dos atenienses fôra proibida a concorrência de homens e mulheres para que diminuisse a lamentação"; *ego uos, quo pauca monērem, aduocaui* (Sal., Cat., 58,3) "eu vos convoquei para advertir-vos de pouca coisa"; *quo nil inuītus addas, talentum magnum (postulo)* (Plaut., Rud., 1329) "para que nada dês contra a vontade, peço um grande talento"; etc.

49. As orações finais negativas são introduzidas por *ut ne* "a fim de que não" ou, mais freqüentemente, apenas por *ne*, tendo o verbo igualmente no subjuntivo. A construção *quo ne*, que ocorre, por exemplo, em Horácio (Sát., 2,1,37), é muito rara.

Exs.: *quid uis nobis dare, ut isti abs te ne auferāntur* (Cíc., Verr., 4,32) "que nos queres dar para que êsses não te sejam tirados?"; *alĭquid facĕrem ut ne hoc facĕrem* (Ter., And., 259) "faria algo para não fazer isto"; *uitem deligāto recte flexuōsa uti ne sit* (Cat., Agr., 33,1) "amarrará direito a vinha para que não fique torta"; *ne cum tanta multitudĭne uno tempŏre conflīgēndum sit* (Cés., B. Gal., 2,5,2) "para que não tenha de combater ao mesmo tempo com tão grande número"; *sed ut hic, qui interuēnit, ne ignōret quae res agātur* (Cíc., Nat., 1,17) "mas para que êste, que chegou no meio, não ignore de que coisa se trata"; *Codrus se in medĭos immīsit hostis ueste familiāri, ne posset agnōsci, si esset ornātu regĭo* (Cíc., Tusc., 1,116) "Codro se imiscuiu entre os inimigos com uma roupa caseira, para que não pudesse ser reconhecido, se estivesse com as insígnias reais"; *ne quis mirētur elŏquar* (Plaut., Aul., 1) "para que ninguém se admire, falarei"; *celo sedŭlo ne sciant* (Plaut., Aul., 113) "escondo zelosamente para que não saibam"; etc.

INDEX

c) Orações Consecutivas

50. As *orações consecutivas* são empregadas para indicar uma conseqüência e são introduzidas pela conjunção *ut* nas frases positivas, e *ut ne*, ou simplesmente *ne*, nas frases negativas, tendo o verbo sempre no modo subjuntivo. As conjunções *ut*, ou *ut ne* e *ne* são construídas geralmente em correlação com um pronome ou advérbio da oração principal ou da que dependem, como *is*, *talis*, *tantus*, ou *adeo*, *ita*, *sic*, *tam*, *tantum*, razão porque também se costumam chamar *correlativas*, tanto as conjunções como as orações por elas introduzidas.

Exs.: *tantus subĭto timor omnes exercĭtum occupāuit, ut mediocrĭter omnĭum mentes animosque perturbāret* (Cés., B. Gal., 1,39,1) "tão grande temor invadiu todo o exército, que perturbou não ligeiramente a inteligência e o espírito de todos"; *sed ea celeritāte atque eo impĕtu milĭtes iĕrunt... ut hostes impĕtum legiōnem atque equĭtum sustinēre non possent* (Cés., B. Gal., 5,18,5) "mas os nossos soldados avançaram com tal rapidez e tal impetuosidade que os inimigos não puderam sustentar o embate das legiões e da cavalaria"; *petens Etrurĭam adeo graui morbo adficĭtur oculōrum ut postquam nunquam dextro aeque bene usus sit* (C. Nep., Han., 4,3) "dirigindo-se para a Etrúria, foi atacado de tão grave moléstia de olhos que depois nunca mais pôde ver bem do ôlho direito"; *quis nostrum tam anĭmo agrēsti ac duro fuit ut Roscĭi morte nuper non commouerētur?* (Cíc., Arch., 17) "quem dentre nós foi de coração tão rústico e duro que não se tenha comovido há pouco com a morte de Róscio?"; *iste per triennĭum ita uastāuit (Siciliam), uexāuit ac perdĭdit, ut ea restitŭi in antiquom statum nullo modo possit* (Cíc., Verr., pr., 12) "êste indivíduo de tal sorte devastou, espoliou, arruinou (a Sicília) que de nenhum modo ela poderia ser restituída a seu antigo estado"; *tantum potentĭa antecessĕrant, ut magna pars clientĭum ab Haedŭis ad se traducĕrent* (Cés., B. Gal., 6,12,4) "de tal sorte haviam crescido em poderio que grande parte dos clientes dos éduos passaram para êles"; *adeo ingratum ut neque amor neque pudor commouĕat* (Ter., And., 278) "de tal sorte ingrato que nem o amor nem a virtude o comovem"; *tantum faĭnus modo inuēni ego, ut nos dicāmur duo / omnĭum dignissŭmi esse* (Plaut. As. 313-314) "achei há pouco um embuste tão grande que seremos proclamados os mais dignos de todos"; etc.

51. Nas frases negativas a expressão *ut non* indica que a conseqüência é simplesmente apresentada como um fato; *ut ne*, ou simplesmente *ne*, indica que a conseqüência resulta de uma intenção.

Exs.: *sed urbe portus ipse cingĭtur et continētur, ut non adluāntur mari moenĭa extrēma, sed ipse inflŭat in rupis sinum portus* (Cíc., Verr., 5,96) "mas é o próprio pôrto que é cercado e contido dentro da cidade, de tal sorte que não são banhadas pelo mar as extremidades das muralhas, mas o próprio pôrto estende suas águas

ao seio da cidade"; *accusatōres multos esse in ciuitāte utĭle est, ut metu contineātur audacia, ueruntămen hoc ita est utĭle ut ne plane illudāmur accusatoribus* (Cíc., Amer., 55) "é útil haver muitos acusadores na cidade, para que a audácia seja contida pelo mêdo, mas entretanto isto só é útil de sorte que não sejamos ludibriados pelos acusadores"; *primum iustitiae munus est ut ne cui quis nocēat* (Cíc., Of., 1,20) "o primeiro encargo da justiça é que ninguém possa prejudicar a quem quer que seja"; *ita te ornātum amittam ut te non nouĕris* (Plaut. Rud. 730) "deixar-te-ei tão ornado que não te reconhecerás"; etc.

52. Quando a oração principal é negativa, é freqüente o emprêgo da conjunção consecutiva *quin* em lugar de *ut non*, sendo de se notar, aliás, que *quin* é a equivalente, do ponto de vista etimológico, de *ut non*. Tal uso de *quin* é particularmente freqüente nas orações consecutivas que dependem de uma oração principal formada com *nemo, nihil, nunquam,* bem como depois das expressões interrogativas *quis est, quid est*.

Exs.: *nunquam tam male est Sicŭlis quin alĭquid facēte et commŏde dicant* (Cíc., Verr., 4,95) "nunca há mal tão grande para os sicilianos que não digam algo engraçado e a propósito"; *nil tam difficilest quin quaerēndo inuestigāri possĭet* (Ter., Heaut., 675) "nada é tão difícil que não se possa investigar pesquisando"; *Cleānthes negat ullus esse cibus tam grauem quin is die et nocte coquātur* (Cíc., Nat., 2,24) "Cleantes nega haver algum alimento tão pesado que não se cozinhe num dia e numa noite"; *quis est quin cernat?* (Cíc., Acad., 20) "quem é que não percebe?"; *nunquam est enim quin alĭquid memorĭae tradĕre uelīmus* (ad Her., 3,24, 40) "com efeito, nunca existe uma coisa de que não queiramos transmitir alguma lembrança"; *quis unquam templum illud aspēxit quin auaritiae tuae testis esset?* (Cíc., Verr., 1,154) "quem jamais olhou aquêle templo, que não fôsse testemunha da tua cobiça?"; etc.

53. Não raro as orações consecutivas são empregadas sem que o correlativo (pronome ou advérbio) venha expresso na oração principal. Nesse caso, traduz-se a conjunção *ut* isolada por "de sorte que".

Exs.: *in natūris homĭnum dissimilitudĭnes sunt ut alios dulcia, alios subamāra delĕctent* (Cíc., Fat., 4,8) "nas naturezas humanas há diversidades, de sorte que o que é doce deleita a uns, o que é um pouco amargo, a outros"; *magna uis est conscientĭae, iudĭces, et magna in utramque partem ut neque timĕant qui nihil commisĕrint et poenam semper ante ocŭlos uersāri putent qui peccārint* (Cíc., Mil., 61) "grande é a fôrça da consciência, juízes, e grande num e noutro sentido, de sorte que não temem os que nada tenham cometido, e os que tenham procedido mal julgam sempre ter ante os olhos o seu castigo"; *mons autem altissĭmus impendēbat, ut*

facĭle perpauci prohibēre possent (Cés., B. Gal., 1,6,1) "por outro lado ,uma montanha altíssima se elevava, de sorte que fàcilmente muito poucos poderiam impedir a passagem"; *morbum incutĭes ut aegrōti sient* (Plaut., Trin., 76) "contamina-los-ás com uma moléstia de sorte que fiquem doentes"; *interuēnit ut neque potuerit* (Ter., Hec., 2) "aconteceu de sorte que nem pôde"; etc.

d) Orações Concessivas

54. As *orações concessivas* indicam que se faz uma concessão relativamente ao que se afirma na oração principal, sendo por isso geralmente de sentido oposto ao desta. Desaparecendo, não raro, o matiz de concessão, é principalmente a idéia de oposição que separa a concessiva da principal a sua mais nítida característica. As orações concessivas são constituídas com o verbo no modo indicativo ou no subjuntivo, segundo as conjunções que lhes sirvam de conectivo.

55. Constroem-se com o verbo no modo indicativo as concessivas introduzidas por *quamquam* "embora", *etsi* "ainda que", *tametsi* ou *tamenetsi* "se bem que".

Exs.: *quanquam omnis uirtus nos ad se adlĭcit, tamen iustitĭa et liberalĭtas id maxĭme effĭcit* (Cíc., Of., 1,56) "embora tôda virtude nos atraia, entretanto a justiça e a generosidade o conseguem extraordinàriamente"; *quamquam enim adeo excellēbat Aristīdes abstinentĭa... tamen a Themistŏcle collabefāctus testŭla illa exilĭo decem annōrum multātus est* (C. Nep., 3,1,2) "embora, com efeito, de tal sorte fôsse excelente Aristides por seu desinterêsse... entretanto, desacreditado por Temístocles, foi condenado pelo célebre ostracismo à pena de dez anos"; *quamquam Volcāno studes, caenaene causa nos nostras aedis postŭlas comburĕre ?* (Plaut., Aul., 359) "embora sejas um devoto de Vulcano, tu nos pedes por causa da ceia que ponhamos fogo na casa ?"; *quamquam erit molēstum, facĭam* (Plaut., Cist., 106) "embora seja penoso, farei"; *quamquam cupĭo atque arbĭtror, tamen facĭam* (Ter., Eun., 172) "embora o deseje e pense, entretanto o farei"; *etsi sine ullo pericŭlo legiōnis delēctae cum equitātu proelĭum uidēbat, tamen committēndum non putābat* (Cés., B. Gal., 1,46,3) "ainda que visse que não haveria risco algum para uma legião de escol travar combate com a cavalaria, entretanto julgou não dever travá-lo"; *uapŭlo inuītus, etsi merŭi* (Plaut., Cas., 957) "apanho contra a vontade, ainda que tenha merecido"; *etsi absūrdum uidētur, fiat* (Ter., Ad., 944) "ainda que pareça absurdo, será feito"; *tamētsi ab duce et a fortūna deserebāntur, tamen omnem spem salūtis in uirtūte ponēbant* (Cés., B. Gal., 5, 43,2) "se bem que tivessem sido abandonados pelo chefe e pela sorte, entretanto punham tôda a esperança de salvação em sua bravura"; *quae tamētsi Caesar intellegēbat, tamen quam mitissĭme potest legātos appēllat* (Cés., B. Gal., 8,43,4) "ainda que César compreendesse isso, chama os legados o mais brandamente que pode"; *non mehercŭle*

haec quae loquor credĕrem, iudĭces, tamĕtsi uulgo audiĕram (Cíc., Verr., 3,62) "por Hércules ! juízes, não acreditaria no que conto, ainda que tivesse ouvido de todos"; *tamĕtsi fur es, molestus non ero* (Plaut., Aul., 768) "ainda que sejas ladrão, não serei molesto"; *auxilium tamĕtsi est indīgnus, feram* (Lucil., 145) "se bem que não mereça, prestarei auxílio"; *tamenĕtsi res bene gesta est, corde suo trepĭdat* (Ên., An., 344) "se bem que a coisa tenha sido bem conduzida, êle está abalado em seu coração"; etc.

56. A conjunção *quamquam*, que nunca é empregada por César, aparece, entretanto, na prosa clássica de Cícero e em Vergílio, construída com o verbo no subjuntivo, especialmente quando tem sentido potencial, ou exprime o pensamento da pessoa de que se fala. É de se notar, porém, que tal construção, raríssima em Cícero, se encontra ainda em Cornélio Nepos, Tito Lívio (uma única vez), e com mais freqüência em Tácito, Plínio o Jovem, Suetônio, nos padres da Igreja e nos escritores eclesiásticos em geral.

Exs.: *id cerni licet quam sint inter sese Ennius, Pacuuius, Acciŭsque dissimĭles, quam apud Graecos Aeschylus, Sophŏcles, Eurīpĭdes, quamquam omnĭbus par paene laus in dissimĭli scribendi genĕre tribuātur* (Cíc.. De Or., 3,27) "isso pode verificar-se : quanto sejam diferentes entre si Ênio, Pacúvio e Ácio, como entre os gregos Ésquilo, Sófocles, Eurípides, embora se lhes atribua quase a mesma glória em gêneros de estilo diferente"; *quamquam enim sensus abiĕrit, tamen suis et propriis bonis laudis et gloriae, quamuis non sentiant, mortui non carent* (Cíc., Tusc., 1,109) "com efeito, embora o sentimento tenha desaparecido, os mortos, ainda que não sintam, não estão privados dos bens que lhes são próprios, do mérito e da glória"; *nec praeterĭbo, quamquam nonūllis leue uisum iri putem* (C. Nep., 5,13,6) "nem omitirei esta minúcia, embora julgue que a alguns pareça sem importância"; *dis quamquam genĭti atque inuĭcti uirĭbus essent* (Verg.. En., 6, 394) "embora fôssem descendentes de deuses e invencíveis pelas fôrças"; *quamquam mouerĕtur his uocĭbus, tamen abstinŭit* (T. Lív., 6,34,6) "embora ficasse abalado por estas palavras, entretanto absteve-se"; *sed quamquam primo statim beatissĭmi saecŭli ortu Nerua Caesar res olim dissociabĭlis miscuĕrit, principātum ac libertātem* (Tác., Agr., 3,1), "mas embora o imperador Nerva, desde o princípio de uma era felicíssima, tenha combinado duas coisas outrora incompatíveis, o principado e a liberdade"; etc.

57. Por vêzes, *quamquam* não introduz pròpriamente uma oração concessiva, servindo ùnicamente para fazer voltar sôbre uma afirmação já feita antes, para acrescentar-lhe uma retificação, caso em que se traduz por "mas".

Exs.: *quamquam quid ego te inuītem ?* (Cíc., Cat., 1,24) "mas por que hei-de eu convidar-te?; *quamquam quid loquor?* (Cíc., Cat.,

1,22) "mas por que falo?" *quamquam, et si priōre foedĕre stārētur, satis cautum erat Saguntīnis* (T Lív., 1,19,4) "mas, ainda que se mantivesse o tratado anterior, êle acautelaria bastante aos saguntinos"; etc.

58. Constroem-se com o verbo no modo subjuntivo as orações concessivas introduzidas pelas conjunções *quamuis* "dado que", *etiāmsi* "ainda que", *cum* "conquanto", *ut* "pôsto que".

Exs.: *quod turpe est id, quamuis occultētur, tamen honēstum fiĕri nullo modo potest* (Cíc., Of., 3,78) "o que é vergonhoso, dado que se oculte, entretanto de modo algum se poderá tornar honroso"; *quamuis enim sine mente, sine sensu sis, ut es, tamen et te, et tua, et tuos nosti* (Cíc., Phil., 2,68) "dado que sejas sem consciência e insensível como és, entretanto conheces-te a ti, às tuas coisas e aos teus"; *quamuis copiōse haec dicerēmus, si res postulāret* (Cíc., Tusc., 1,47) "dado que disséssemos isto com abundância, se o assunto o exigisse"; *quamuis ciuis Romanus esset in crucĕm tollerētur* (Cíc., Verr., 5,168) "dado que fôsse um cidadão romano, era levado à cruz"; *sed ea celeritāte milĭtes ierunt, cum capĭte solo ex aqua exstārent, ut hostes impĕtum sustinēre non possent* (Cés., B. Gal., 5,18,5) "com tal celeridade avançaram os soldados, conquanto só tivessem a cabeça fora dágua, que os inimigos não puderam sustentar o embate"; *cum facĭle omnes uincat superiōres tum indĭcat tamen quantum absit a summo* (Cíc., Br., 228) "conquanto supere com facilidade as anteriores, entretanto revela o quanto esteja distante da perfeição"; *ut desint uires, tamen est laudanda uolūntas* (Ov., Pont., 3,4,79) "pôsto que faltem as fôrças, entretanto deve louvar-se a boa vontade"; etc.

59. Embora raríssimamente em latim arcaico, encontram-se ainda assim alguns exemplos de *quamuis* seguida de subjuntivo. Por outro lado, também se encontra a mesma conjunção no período clássico acompanhada de indicativo, construção esta igualmente muito rara.

Exs.: *quamuis malam rem quaeras, reperias* (Plaut., Trin., 554) "dado que procures uma coisa má, acharás"; *locus hic apud nos, quamuis subĭto uenias, semper liber est* (Plaut., Bacch., 82) "sempre está livre êste lugar em nossa casa, ainda que venhas sem avisar"; *quamuis is carēbat nomĭne* (C. Nep., 1,2,3) "dado que êsse não tivesse um nome"; *quamuis patrem suum uidĕrat* (Cíc., Rab., 2,4) "dado que tenha visto seu pai"; *Pollĭo amat nostram, quamuis est rustica, musam* (Verg., Buc., 3,84) "Polião ama a nossa musa, ainda que ela seja campesina"; etc.

60. No período arcaico, a conjunção *etiamsi*, se bem que rara, aparece com o verbo no indicativo. Aliás, esta construção também se encontra no período clássico, nos tratados e na correspondência de Cícero, para indicar um fato real.

Exs.: *etiāmsi dudum fuĕrat ambiguom, nunc non est* (Ter., Hec., 648) "ainda que há pouco fôsse ambíguo, agora não é"; *etiāmsi in crucem uis pergĕre sequi decretumst* (Plaut., Cas., 93) "ainda que queiras ir para a cruz, está decidido seguir-te"; *quod crebro uidet non mirātur, etiāmsi cur fiat nescit* (Cíc., Diu., 2,49) "do que vê com freqüência não admira, ainda que não saiba como acontece"; *etiāmsi quid scribas non habēbis, scribito tamen* (Cíc., Fam., 16, 26,2) "ainda que não tenhas o que escrever, entretanto escrevas"; etc.

61. A conjunção *cum*, no período arcaico, construía-se com o verbo sempre no indicativo.

Exs.: *insanīre me aiunt, ultro quom ipsi insanĭunt* (Plaut., Men., 843) "dizem que eu estou maluco, conquanto êles mesmos o estejam mais"; *quom munditer nos habēmus, uix amatorcŭlos inuenīmus* (Plaut., Poen., 235) "conquanto nos mantenhamos decentemente, com dificuldade encontramos uns admiradores sem importância"; *palam quom mentiŭntur, uerum esse credĭmus* (Plaut., Truc., 191) "conquanto mintam às claras, acreditamos que seja verdade"; etc.

62. *Licet*, como conjunção, é raro aparecer no período clássico, pois, aí, de regra geral, conserva o seu valor verbal. Na língua imperial, porém, seu emprêgo como conjunção concessiva significando "embora" é freqüente. Por vêzes, em Cícero e Lucrécio se encontra *licet* acompanhada de *quamuis*.

Exs.: *fremant omnes licet, dicam quod sentio* (Cíc., De Or., 1,195) "embora todos gritem de indignação, direi o que sinto"; *quamuis licet insectēmur stoicos, metuo ne soli philosŏphi sint* (Cíc., Tusc., 4,53) "muito embora ataquemos os estóicos, temo que só êles sejam filósofos"; *quamuis licet excēllas* (Cíc., Lael., 73) "muito embora sobressaias"; etc.

e) Orações Condicionais

63. As *orações condicionais* indicam uma condição, sendo geralmente introduzidas pela conjunção *si* "se", nas frases afirmativas, *nisi* "se não", nas negativas. As orações condicionais constroem-se com o verbo no modo indicativo ou subjuntivo, segundo a própria natureza da condição expressa exija o emprêgo do verbo no modo real, potencial, ou irreal.

64. Segundo o que ficou dito no número precedente, três são as espécies de orações condicionais: 1.º) a condicional exprime pura e simplesmente uma condição, como uma coisa real; 2.º) a condicional exprime uma condição meramente hipotética ou imaginária; 3.º) a condicional exprime uma condição que é contrária à realidade.

65. Quando a oração condicional exprime pura e simplesmente uma condição, e se julga esta condição como uma coisa real, devendo por isso ser cumprida, o verbo da oração condicional ficará em qualquer tempo do modo indicativo. A oração principal irá para qualquer dos modos em que se constroem as orações independentes, principalmente para o indicativo (ou imperativo, e raramente para o subjuntivo volitivo ou optativo).

Exs.: *si fato omnĭa fiunt, nihil nos admonēre potest ut cautiōres sĭmus* (Cíc., Diu., 2,21) "se tudo acontece pelo destino, nada nos pode advertir a sermos mais cautelosos"; *auaritĭam si tollĕre uoltis, mater eius est tollēnda, luxurĭes* (Cíc., De Or., 2,171) "se quereis suprimir a cobiça, deverá ser suprimida a sua própria mãe, que é a luxúria"; *si Fabius oriēnte Canicŭla natus est, Fabius in mare non moriētur* (Cíc., Fat., 6,12) "se Fábio nasceu ao surgir da Canícula, Fábio não morrerá no mar"; *si ista quae amplexamĭni retinēre uoltis, expergiscimĭni aliquāndo et capessĭte rem publĭcam* (Sal., Cat., 52, 5) "se quereis conservar estas coisas a que tanto vos agarrais, despertai enfim e defendei a república"; *inuenīre possum si me opĕram datis* (Plaut., Curc., 328) "posso achar, se me ajudais"; *si istaec uera sunt non metŭo* (Plaut., Amph. 1105) "se isto é verdadeiro, não temo"; *saluos sum si haec uera sunt* (Ter., Andr., 973) "estou salvo se estas coisas são verdadeiras"; *iam tum erat senex, senĕctus si uerecŭndos facit* (Ter., Phorm., 1023) "já então era um velho, se a velhice torna timoratos"; *si uoltis faciam* (Plaut., Amph., 54) "se o quereis, farei"; *adeat si quid uolt* (Plaut., M. Glor., 1037) "que vá, se quer alguma coisa"; *hunc si potes fer intro* (Plaut., Rud., 1177) "leva-o para dentro, se puderes"; *si amābas inuenīres* (Plaut., Pseud., 286) "se amasses, acharias"; *ne sim saluos, si aliter scribo ac sentio* (Cíc., At., 16,13a,1) "que eu não me salve se escrevo diferentemente do que sinto"; etc.

Observação:

Quanto ao tempo empregado tanto na condicional quanto na principal, depende do próprio sentido tanto de uma como de outra oração, não havendo pois, nenhuma correlação gramatical de construção. Assim o presente pode estar em correlação tanto com o presente, como com o passado ou o futuro: *si ille tali ingenio exitum non reperiebat, quis nunc reperiet* (Cíc. At. 14, 1, 1) "se aquêle com tal inteligência não encontrava uma saída, quem hoje a encontrará?".

66. Quando a oração condicional exprime ùnicamente uma possibilidade, querendo a pessoa que fala manifestar que a suposição é exclusivamente uma concepção imaginária (modo potencial), o verbo de um modo geral irá para o presente do subjuntivo. Poderá, porém, ir para o perfeito do subjuntivo se se pretender que em dado momento a condição será um fato consumado.

Exs.: *Dies deficiat, si uelim paupertātis causam defendĕre* (Cíc., Tusc., 5,102) "não bastaria o dia se quisesse defender a causa da pobreza"; *quibus ego si me restitisse dicam, nimium mihi sumam* (Cíc., Cat., 3,22) "se eu disser que eu as impedi, tomaria para mim um papel demasiado"; *dies deficiat, si velim enumerare quibus bonis male euenĕrit, quibus imprŏbis optime* (Cíc., Nat., 3,32,10) "não bastaria o dia se quisesse enumerar os bons a quem tenha acontecido o mal, ou os maus a quem tenha acontecido algo de ótimo"; *ego, si Scipiōnis desiderio me mouēri negem, mentiar* (Cíc., Lael., 10) "eu mentiria se negasse ser impressionado pela lembrança de Cipião"; *si gladium quis apud te sana mente deposuĕrit, repetat insaniens, reddĕre peccātum sit, officium non reddĕre* (Cíc., Of., 3,95) "se alguém em perfeito estado mental te tivesse confiado uma espada, e louco a viesse reclamar , seria uma falta restituí-la, e um dever não a restituir"; *si sciĕris, inquit Carneădes, aspĭdem occūlte latēre uspiam, et uelle aliquem imprudēntem super eam assidēre, eius mors tibi emolumēntum futūra sit, imprŏbe fecĕris, nisi monuĕris ne assīdat* (Cíc., Fin., 2,59) "se soubesses, disse Carnéades, que uma serpente estivesse oculta em algum lugar e alguém, cuja morte te fôsse proveitosa, quisesse sentar-se sôbre ela sem o saber, procederias culposamente se não o avisasses para não se sentar"; *mea sit culpa si id Alcumēnae expĕtat* (Plaut., Amph., 871) "é minha culpa se espera isso de Alcumena"; *si id suscensĕat nunc... ipsus sibi esse iniurius uideātur* (Ter., Andr., 376-377) "se isso o irritasse agora... parecer-lhe-ia ser êle próprio injusto"; *si tu negāris ducĕre, ibi culpam in te transfĕret* (Ter., And. 379) "se tu te negares a casar, então transferir-te-á a culpa"; *possis si conspexĕris, cognoscĕre?* (Plaut., As., 878) "se olhares, podes reconhecer?" *si quid te fugĕrit, ego periĕrim* (Ter., Heaut., 316) "se alguma coisa te escapar, eu estarei perdido"; etc.

67. Quando a oração condicional exprime uma hipótese contrária à realidade (modo irreal), o verbo vai para o imperfeito ou mais-que-perfeito do subjuntivo, segundo a hipótese se refira ao presente ou ao passado.

Exs.: *si uocem habēres nulla prior ales foret* (Fedr., 1,13,8) "se tivesses voz, nenhuma outra ave te seria superior"; *sic sapientia, quae ars uiuēndi putānda est, non expeterētur, si nihil efficĕret* (Cíc., Fin., 1,42) "assim a filosofia, que deve ser considerada como a arte de viver, não seria procurada se não produzisse resultado algum"; *quamquam, si plane sic uertĕrem Platōnem aut Aristotĕlem, ut uertērunt nostri poētae fabŭlas, male, credo, merērer de meis ciuibus, si ad eorum cognitiōnem diuīna illa ingenia transfĕrrem!* (Cíc., Fin., 1,7) "embora, se eu traduzisse simplesmente Platão ou Aristóteles, como os nossos poetas antigos traduziram as peças de teatro, iria, creio eu, desmerecer de meus concidadãos se eu transpusesse para o seu conhecimento aquêles talentos divinos!"; *consilium, ratio, sen-*

tentĭa nisi essent in senĭbus, non summum consilĭum maiōres nostri appellāssent senātum (Cic., C. M., 19) "se não houvesse conselho, razão, opinião nos velhos, os nossos antepassados não teriam chamado senado ao conselho supremo da nação"; *si equos esses, esses indomabĭlis* (Plaut., Cas., 811) "se fôsses um cavalo, serias indomável"; *uidēres si amāres* (Plaut., M. Glor., 1262) "si amasses, verias"; *si credĕrem, possem* (Ter., Eun., 176) "se cresse, poderia"; *nisi amārem non facĕrem* (Plaut., Amph., 525) "se não amasse, não faria"; etc.

68. A oração principal, a que está ligada a condicional, tem geralmente o verbo no mesmo modo desta. Assim, se a condicional estiver no indicativo do modo real, a oração principal também, via de regra, estará no indicativo ; se a condicional estiver no presente ou no perfeito do subjuntivo potencial, a principal construir-se-á no presente ou perfeito do subjuntivo ; enfim, se a condicional estiver no imperfeito ou mais-que-perfeito do subjuntivo, a oração principal virá igualmente no imperfeito ou mais-que-perfeito do subjuntivo (modo irreal). Note-se, porém, que isto nada tem de absoluto. Com efeito, se a condição é real, e por isso expressa em indicativo, a conseqüência dessa condição provàvelmente também será real ; bem como se a condição fôr uma simples hipótese, ou contrária à realidade, a conseqüência sempre contida na oração principal terá tôda a probabilidade de o ser. Entretanto, pode acontecer que a uma condição meramente hipotética possa corresponder uma conseqüência real, ou vice-versa, a uma conseqüência real corresponder uma condição irreal. Daí o modo do verbo ser empregado de acôrdo com o sentido da oração em que esteja : se exprime a realidade, será usado o indicativo; se uma simples hipótese, o presente ou perfeito do subjuntivo; se uma hipótese contrária à realidade, o imperfeito ou mais-que-perfeito do subjuntivo.

69. Também com relação à própria oração condicional, não poucas são as derrogações ao que ficou acima estabelecido no tocante ao emprêgo dos modos e dos tempos, tendo havido nesse sentido intercorrências de fatôres históricos e estilísticos. Relativamente aos primeiros, cumpre observar que primitivamente o subjuntivo presente e o perfeito exprimiam no latim arcaico tanto o potencial quanto o irreal. Por outro lado, o imperfeito do subjuntivo não indicava a hipótese contrária à realidade no presente, mas servia para exprimir que uma simples hipótese, ou uma possibilidade ou eventualidade, se referia ao passado.

Exs.: A) *si sim Iuppiter / iam hercle illam uxōrem ducam* (Plaut., Poen., 1219-1220) "se eu fôsse Júpiter, por Hércules, casar-me-ia com ela"; *si ecăstor nunc habĕas quod des, alĭa uerba praehibĕas* (Plaut., Aul., 198) "se, por Castor, tivesses agora o que dar, usarias outras palavras"; *nam si haec habĕat aurum quod illi renumĕret, facĭat lubens* (Plaut., Bacch., 46) "se ela tivesse o dinheiro

para o seu resgate, certo o faria"; *haud uerear si ni te solo sit situm* (Ter., And., 276) "não recearia se tudo dependesse só de ti".

B) *deos credo uoluisse; nam ni uellent, non fiĕret* (Plaut., Aul., 742) "creio que os deuses o quiseram; pois se não tivessem querido, não teria acontecido"; *numquam hercle facĕrem, genua ni tam nequiter fricāres* (Plaut., As., 678) "nunca, por Hércules, o teria feito, se tu não me tivesses tão desajeitadamente acariciado os joelhos"; *nam si esset unde id fiĕret / facerēmus* (Ter., Ad., 106-107) "pois se tivesse havido dinheiro com que o fazer, nós o teríamos feito".

Observações:

1) É, pois, como um vestígio dêsse antigo estado de coisas que o subjuntivo presente continuou no período clássico a ser usado também para exprimir o irreal: *mihi se linguae centum sint, oraque centum* (Verg. Geo. 2, 43) "se eu tivesse cem línguas e cem bôcas"; *haec si tecum... patria loquātur* (Cíc. Cat. 1, 19) "se a pátria falasse contigo isto"; etc.

2) Embora no período clássico, especialmente na língua de Cícero e César, o imperfeito do subjuntivo exprimisse o irreal no presente, poderia também às vêzes ser empregado para exprimir precìpuamente a idéia de passado, principalmente quando não há interêsse de precisar se a condição é ou não contrária à realidade: *si dicĕret non crederētur* (Cíc. Amer. 103) "se tivesse falado não teria sido acreditado"; *Apĕlles si Venĕrem aut Protogĕnes si Ialysum suum caeno oblitum uidēret, magno, credo, accipĕret dolōrem* (Cíc. At. 2,21,4) "se Apeles tivesse visto sua Vênus, ou Protógenes seu Iásilo sujos de lama, creio que sentiriam uma grande dor"; etc.

70. Resta-nos apenas dizer algumas palavras a respeito das conjunções que introduzem as orações condicionais. *Si*, como vimos, é a principal das conjunções condicionais, usada em todos os períodos da língua, construindo-se com o indicativo ou o subjuntivo. Nas frases negativas empregavam-se *si non, nisi*, e muito mais raramente *ni*. *Si non* "se não", como *si*, constrói-se tanto com o indicativo como com o subjuntivo, sendo empregada principalmente quando a negação deveria ser posta em relêvo para marcar uma oposição: *iuben mi ire comites?... si non iubes, / ibo egomet* (Plaut., Amph., 929-930) "mandas-me acompanhar?... se não mandas, irei só"; *si mala sunt, is qui erit in iis beātus non erit; si mala non sunt, iacet omnis ratio Peripateticōrum* (Cíc., Fin., 5,86) "se são males, o que estiver nêles não será feliz: se não são males, jazerá por terra todo o raciocínio dos Peripatéticos". *Nisi*, conjunção composta de *ne* mais *si*, significa pròpriamente "não se", "a menos que não", e daí: "se não", sendo neste último sentido geralmente empregada em todo o período clássico e posteriormente, embora no Império *si non* a tenha suplantado. O valor restritivo de *nisi* conservou-se de um modo geral, donde o seu uso com os advérbios *forte* e *uero* "por acaso", "realmente" nas restrições irônicas: *nemo enim fere saltat sobrius, nisi forte insanit* (Cíc., Mur., 13) "com efeito

ninguém geralmente dança sem estar embrigado, a menos que por acaso tenha perdido a razão". O freqüente emprêgo de *nisi* como advérbio "sòmente", "salvo", e o enfraquecimento do valor condicional de *si*, que entra em sua composição, faz com que, não raro, venha reforçada pleonàsticamente com outro *si* (*nisi si*): *nisi uero si quis est qui* (Cic. Mur. 13) "salvo, porém, se houver alguém que...". *Ni*, pelo sentido equivalente de *nisi*, é de emprêgo raro no período clássico, aparecendo no Império por afetação de arcaísmo. Citam-se ainda *sin* "se pelo contrário", usada principalmente (mas não obrigatòriamente) para introduzir uma segunda condicional: *si quis est qui* (Cíc. Mur. 13) "salvo, porém, se houver alguém se pelo contrário é falso..."; *si domi sum, foris est animus, sin foris sum, animus domist* (Plaut., Merc., 589) "se estou em casa, meu espírito está fora, se ao contrário estou fora, o espírito está em casa". *Siue* "ou se", isolada ou repetida *siue... siue* "quer... quer", introduz uma alternativa condicional: *postulo, siue aequomst, te oro* (Ter., Andr., 19) "reclamo, ou, se é razoável, peço".

71. Enfim, as conjunções *dum* "desde que", *dummŏdo* "contanto que" e *modo*, de significação semelhante, "contanto que" também são empregadas para introduzir orações de sentido condicional, construindo-se, porém, com o verbo sempre em subjuntivo.

Exs.: *ego si cui adhuc uidĕor segnĭor fuisse, dum ne tibi uidĕar, non laboro* (Cíc., At., 5,18b,3) "quanto a mim, se parecer a alguém ter sido até aqui um pouco fraco, desde que não pareça a ti, não me importo"; *odĕrint dum metŭant* (Suet., Cal., 30) "que odeiem, contanto que temam"; *multi honesta et recta neglĕgunt dum potentĭam consequântur* (Cíc., Of., 3,82) "muitos desprezam o honesto e o correto, contanto que consigam o poder"; *manent ingenĭa senĭbus, modo permanĕat studĭum et industrĭa* (Cíc., C. M., 22) "não falta aos velhos capacidade, contanto que permaneça o estudo e o trabalho"; etc.

f) Orações Comparativas

72. As *orações comparativas*, como seu próprio nome indica, exprimem uma comparação. Esta comparação poderá ser uma comparação que indique uma igualdade, uma superioridade ou uma inferioridade. As orações comparativas constroem-se de um modo geral com o verbo no modo indicativo, isto por representarem um tipo de subordinação fraca. Assim, o emprêgo do subjuntivo nas comparativas é determinado por certas particularidades de construção que veremos adiante, ou por uma necessidade de estilo ou de sentido.

73. As *comparações de igualdade* podem dizer respeito à qualidade ou ao modo, ou ainda à quantidade ou intensidade. As primeiras

são introduzidas pelas conjunções: *ut* "como", *sicut* "assim como", *uelut* "como", *quemadmodum* "de que modo", "como", e ainda *tamquam* ou *tamquam si* "como se", e *quasi* "da mesma forma que se", "como se".

Exs.: *tu uero, inquit, Antoni, perge ut instituisti* (Cíc., De Or., 2,124) "tu, porém, Antônio, continua como começaste"; *faciam ut iubes* (Plaut., Bacch., 228) "farei como mandas"; *sane hercle, ut dicis* (Ter., Eun., 607) "sim, por Hércules, é assim como dizes"; *sicut ait Ennius* (Cíc., Rep., 1,64) "assim como diz Ênio"; *haec sunt sicut praedico* (Plaut., Most., 771) "estas coisas são assim como afirmo"; *sicut dixi faciam* (Plaut., Trin., 685) "assim como disse, o farei"; *uelut apud Socratĭcum Aeschĭnem demōnstrat Socrătes* (Cíc., Inu., 1,51) "como demonstra Sócrates no diálogo com o discípulo Ésquines"; *concŭrrunt uelut uenti* (Ên., An., 304) "juntos correm como os ventos"; *uelut auceps ille facit* (Lucil., 812) "êle faz como um passarinheiro"; *uelut ego nocte hac... / in somnis egi satis* (Plaut., Merc., 227-228) "como eu nesta noite fiz bastante em sonho"; etc.

Observações:

1) Freqüentemente na oração principal é empregada uma partícula demonstrativa, como *ita, item, itidem, sic,* em correlação com a conjunção comparativa: *ut semĕntem fecĕris ita metes* (Cíc. De Or. 2, 261) "como tiveres semeado, assim colherás"; *ita uelim me ames ut dolet* (Ter. Ad. 681) "assim quereria que me amasses como dói"; *haec, sicut exposŭit, ita gesta sunt* (Cíc. Mil. 30) "êstes fatos ocorreram assim como expus"; *utĭnam hoc tibi doleret itidem ut mihi dolet* (Ter. Eun. 93) "oxalá isto te doesse como me dói"; *non item facio ut alios uidi* (Plaut. Merc. 3) "não faço da forma como vi os outros"; etc.

2) *Quemadmŏdum* e *quomŏdo,* que já aparecem em Cícero e César, no Império são freqüentemente usadas em substituição a *ut,* que a língua tendia a eliminar nas construções de indicativo: *quemadmŏdum uellent, imperārent* (Cés. B. Gal. 1,36,1) "ordenassem como quisessem"; *quomŏdo nunc est* (Cíc. At. 13,22) 'como é agora'; *accipe quomŏdo das* (Marc. 10, 17,8) "recebe como dás"; *quomŏdo dicunt* (Petr. 38,8) "como dizem"; etc.

3) As conjunções *quasi, tamquam* ou *tamquam si* são usadas quando se faz a comparação de um fato imaginário com um fato real, mas são antes construções condicionais do que pròpriamente comparativas: *quid ego his testibus utor, quasi res dubia aut obscūra sit?* (Cíc. Caec. 14) "porque eu me sirvo destas testemunhas como se o caso fôsse duvidoso ou obscuro?"; *Ephĕsi fui... tamquam domi meae* (Cíc. Fam. 13,69,1) "estive em Éfeso como se estivesse em minha casa"; *Sequăni absĕntis Ariouisti crudelitātem, uelut si coram adĕssent, horrēbant* (Cés. B. Gal. 1, 32,5) "os séquanos tinham horror às crueldades de Ariovisto na sua ausência, como se estivessem em presença dêle"; etc.

4) *Quasi* também se emprega numa comparação real ou objetiva, caso em que o verbo se constrói no indicativo: *quasi poma ex arborĭbus... ui euellŭntur* (Cíc. C. M. 71) "como se arrancam à fôrça os frutos das árvores".

74. Quando a comparação se refere à intensidade ou quantidade, vem introduzida por uma das conjunções ou construções comparativas: *tam... quam* "tão... como", *tantus... quantus, tantum... quantum* "tanto... quanto", *tot... quot* "tantos... quantos", *totiens... quotiens* "tantos... quantos", etc.

Exs.: *C. Gracchus utĭnam non tam fratri pietātem quam patriae praestāre uoluisset* (Cíc., Br., 126) "oxalá C. Graco não tivesse querido antepor tanto o amor ao irmão quanto o da pátria"; *tam simĭle quam lacte lactist* (Plaut., M. Glor., 340) "tão igual quanto o leite é igual ao leite", *tot et tantas res optāre quot et quantas di immortāles ad Cn. Pompēium detulērunt* (Cíc., Pomp., 48) "desejar tantas e tão grandes coisas quantas os deuses imortais trouxeram a Pompeu"; etc.

Observação:

Ocorre ainda uma comparação proporcional que se constrói em latim com a expressão *quo magis... eo magis* (ou *hoc magis*) "tanto mais... quanto mais", ou ainda *quanto magis... tanto magis* "tanto mais ... quanto mais": *quo quisque est sollertior et ingeniosior hoc docet iracundius et laboriosius* (Cíc. Rosc. 31) "quanto mais um mestre é hábil e talentoso, tanto mais é impaciente em seu ensino"; *eo crassior est aer quo terris propior* (Sên. Nat. 7, 22,2) "o ar é tanto mais espêsso quanto está mais próximo da terra"; *quanto in pectŏre hanc rem meo magis uolūto/tanto mi aegritūdo auctior est in animo* (Plaut. Capt. 781-782) "quanto mais revolvo na mente êste fato, tanto mais angustiosa a dor me atormenta o espírito"; etc.

75. Com as comparações de superioridade ou de inferioridade as orações comparativas são introduzidas por *quam*, vindo naturalmente ligadas a um comparativo ou expressão equivalente .

Exs.: *lepidiōrem uxōrem nemo quam ego habĕo hanc habet* (Plaut., Cas., 1008) "ninguém tem uma mulher mais encantadora do que esta que eu tenho"; *si uicīnus tuus meliōrem equum habet quam tuus est* (Cíc., Inu., 1,52) "se o teu vizinho tiver um cavalo melhor do que o teu"; *melius fiĕri haud potŭit quam factumst* (Ter., Ad., 295) "não se pôde fazer melhor do que se fêz"; *minus dixi quam uolŭi* (Plaut., Capt., 430) "disse menos do que quis"; *si hic pridie natus foret quam illest* (Plaut., M. Glor., 1083) "se êste nascesse um dia antes daquele"; *mihi uidēre praeter aetātem tuam / facĕre et praeter quam res te adhortātur tua* (Ter., Heaut., 59-60) "parecer-me trabalhares além da tua idade e além do que a situação te recomenda"; etc.

Observações:

1) Igualmente verbos de sentido comparativo constroem-se ligados a orações comparativas, como, por exemplo, *praesto, malo*, etc.: *accipĕre quam facĕre praestat iniuriam* (Cíc. Tusc. 56) "é melhor sofrer do que praticar

a injustiça"; *nihil malle quam pacem* (Cic. Fam. 2.16,3) "nada preferir à paz"; etc.

2) *Potius quam* "antes que" de um modo geral leva o verbo ao subjuntivo, vindo não raro com *ut* empregada enfàticamente. Entretanto, o indicativo, uma vez por outra também aparece, principalmente com o verbo no futuro, ou por motivos de ordem semântica: *Zeno... perpĕssus est omnia potius quam conscios ... indicāret* (Cic. Tusc. 2,52) "Zenão... sofreu tudo antes que denunciasse seus cúmplices" ou melhor: "Zenão preferiu tudo sofrer a denunciar seus cúmplices": (*urbem*) *quae se uellet potius excindi quam e suo complĕxu ut eripĕrer* (Cic. Planc. 97) "(cidade) que antes preferiria ser destruída do que fôsse eu arrancado de seu seio"; *perdam opĕram potius quam carēbo filĭa* (Plaut. Cist. 533) "antes perderei meu trabalho do que me privarei da filha".

g) Orações Temporais

76. As *orações temporais* são as que exprimem a noção de tempo. Sendo, porém, variada e complexa essa noção de tempo, é natural não só que seja expressa por numerosas conjunções, como também que o verbo da oração temporal admita várias construções quanto ao tempo e quanto ao modo, segundo o sentido da mesma ou a natureza da conjunção que lhe serve de conectivo. Entretanto, como as orações temporais geralmente exprimem um fato real, é natural que na maioria das vêzes se construam com o modo indicativo.

77. As principais conjunções que introduzem as orações temporais são as seguintes: *cum* (arc. *quom*) "quando", *ubi* "no momento em que", "quando", *quando* "quando", *ut* "desde que", "quando", *simul atque* ou *simul ac* "desde que", "logo que", *dum* "enquanto", "até que", *donec* (arc. *donicum* e *donique*) "até que", *quoad* "até que", *antequam* "antes que", *priusquam* "antes que", *postquam* "depois que", etc. Passaremos, a seguir, a estudar cada uma dessas conjunções não só em sua significação e emprêgo, como também no que se refere à construção.

78. Quando a conjunção *cum* indica apenas uma simples relação de tempo, sem mais idéia subsidiária alguma, e como que sem dependência do tempo da oração principal, constrói-se com qualquer dos tempos do indicativo .Isto é particularmente freqüente quando o verbo da oração principal e o da temporal estão no mesmo tempo, ou esta exprime um conceito de valor permanente, ou uma ação que se repete.

Exs.: *is qui non defĕndit iniurĭam neque propŭlsat, cum potest, iniūste facit* (Cíc., Of., 3,74) "o que não afasta uma injustiça nem a repele, quando pode, procede injustamente"; *cum Caesar in Gallĭam uenit, alterius factiōnis princĭpes erant Haedui* (Cés., B. Gal., 6,12,1) "quando César chegou à Gália, os éduos eram os chefes de um dos partidos"; *uicesĭmus annus est cum omnes scelerāti me unum petunt* (Cíc., Phil., 12,24) "há vinte anos que todos os celera-

dos procuram atingir só a mim"; *uix annus intercessĕrat, cum Sulpicius accusāuit C. Norbanium* (Cíc., De Or., 2,89) "apenas se passara um ano, quando Sulpício acusou C. Norbânio"; *omnia sunt incĕrta, cum a iure discēssum est* (Cíc., Fam., 9,16,1) "tudo é incerto quando se está afastado da lei"; *uolūptas nullast nauitis maior quam quom terram conspiciunt* (Plaut., Men., 226) "nenhum prazer é maior para os marinheiros do que quando vêem terra"; *quom ualēmus, recta consilia aegrōtis damus* (Ter., Andr., 309) "quando estamos bem de saúde, damos conselhos corretos aos doentes"; *uiuom, quom inde abīmus, liquimus* (Plaut., Capt., 282) "nós o deixamos vivo quando nos fomos daqui"; *tum denique nostra intellegimus bona, quom eam amisimus* (Plaut., Capt., 142) "enfim, só compreendemos a nossa felicidade quando a perdemos"; etc.

Observações:

1) A conjunção *cum* provém de um antigo acusativo do pronome relativo *qui*, razão por que, às vêzes, se aproxima, pelo significado, do emprêgo do relativo: *iam adĕrit tempus quom sese etiam ipse odĕrit* (Plaut Bacch. 417) "já se aproxima o momento em que êle se odiará a si mesmo"; *fulgēntes gladios hostium uidēbant Decii, cum in aciem eōrum irruēbant* (Cíc. Tusc. 2,59) "os Décios viam as espadas reluzentes dos inimigos no momento em que se precipitavam para as fileiras dos referidos inimigos".

2) Como vimos, *cum* se pode construir no indicativo com qualquer tempo. Mas, quando encabeça uma oração, cujo verbo indica uma ação repetida, êste vai, de preferência, para o mais-que-perfeito: *cum remisĕrant dolōres pedum, non deĕrat in causis* (Cíc. Br. 130) "quando as dores dos pés passavam, não faltava às defesas das causas", i.e. "não deixava de advogar"; *cum uer esse coepĕrat, eius initium non a Fauonio notābat, sed cum rosam uidĕrat, tunc incipĕre uer arbitrabātur* (Cíc. Verr. 5, 27) "quando começava a primavera, não notava o seu início pela vinda do Favônio, mas, quando via uma rosa, então é que julgava começar a primavera"; etc.

3) Denomina-se *cum inuersum* ou *additiuom* a construção em que o fato expresso pela oração temporal, ligada pela conjunção *cum*, é posterior ao da oração principal. A oração principal nesses casos vem geralmente com o verbo no imperfeito ou mais-que-perfeito do indicativo, podendo ocorrer ainda o presente do indicativo ou até o infinitivo histórico como recurso de estilo. De um modo geral os advérbios *uix, aegre, nondum, tantum, repente, subito* (ou os adjetivos *repens, subitus*) e outros de sentido semelhante ou equivalente, vêm na oração principal caracterizando-a melhor. Ex.: *iamque ab eo non longius bidui uia abĕrant, cum duas uenisse legiōnes cognōscunt* (Cés. B. Gal. 6,7,2) "e já dali se haviam afastado dois dias de marcha apenas, quando sabem que duas legiões tinham chegado"; *uixdum epistŭlam tuam legĕram, cum ad me Postŭmus Curtius uenit* (Cíc. At. 9, 2a.3) "apenas acabara de ler tua carta, quando veio procurar-me Póstumo Cúrcio"; *dies nondum decem intercessĕrant, cum ille alter filius... necātur* (Cíc. Clu. 28) "dez dias ainda não se haviam passado, quando o outro filho é morto"; *iamque dies consūmptus erat, cum tamen barbări nihil remittĕre atque acrius... instāre* (Sal. B. Iug. 98,2) "e já se tinha acabado o dia, quando os bárbaros em nada afrouxavam e, ao contrário, nos atacavam com maior violência".

79. Emprega-se o subjuntivo nas orações temporais ligadas por *cum* para exprimir um matiz de sentido particular, como por exemplo quando *cum* indica o encadeamento numa narração (subjuntivo imperfeito ou mais-que- perfeito), ou quando vem, às vêzes, alternando com um pronome relativo.

Exs.: *cum ciuitas ob eam rem incitāta armis ius suum exsequi conarētur... Orgetŏrix mortuus est* (Cés., B. Gal., 1,4,3) "quando a cidade por êsse fato irritada tentava fazer valer o seu direito pelas armas... Orgetorige morreu"; *hic pagus unus cum domo exisset... L. Cassium consŭlem interfecĕrat et eius exercitum sub iugum misĕrat* (Cés., B. Gal., 1,12,5) "êste único cantão quando deixara o território... havia assassinado o cônsul Lúcio Cássio e feito o seu exército passar sob o jugo"; *multa cum essem consul, de summis reipublĭcae pericŭlis audīui* (Cíc., Sul., 14) "quando eu era cônsul, fui informado de muita coisa quanto aos maiores riscos para o estado"; *incidunt saepe causae cum repugnāre utilĭtas honestitāti uideātur* (Cíc., Of., 3,50) "ocorrem freqüentemente circunstâncias quando o interêsse pareça contrariar à honestidade."

Observações:

1) Primitivamente, isto é, no latim arcaico, a conjunção *cum* só se construía com o indicativo. Gradativamente, porém, o subjuntivo passou a se desenvolver nesse tipo de orações, entrando em regressão as construções com o indicativo, atenuando-se assim cada vez mais a distinção no emprêgo dos dois modos.

2) Um dos empregos mais freqüentes de *cum* mais subjuntivo é o constituído pela construção denominada *cum historicum*, em que a conjunção *cum* vem acompanhada do imperfeito ou mais-que-perfeito do subjuntivo, sendo particularmente usada nas narrativas, principalmente a partir dos fins da república: (*Pyrrus*), *cum Argos oppidum oppugnaret in Peloponneseŏ, lapide ictus interiit* (C. Nep. 21,2,2) "quando Pirro sitiava a cidade de Argos no Peloponeso, morreu atingido por uma pedra" ou "como Pirro sitiasse..."; *Epaminōndas cum uicisset Lacedemonios apud Mantinēam atque ipse graui uolnĕre exanimāri se uidēret, quaesiuit...* (Cíc. Fin. 97) "como Epaminondas tivesse vencido os lacedemônios e se visse perder as fôrças por causa de um ferimento grave, perguntou..."; etc. Freqüentemente estas construções encerram uma idéia de causa que se vem juntar ao seu sentido temporal, como se pode observar, principalmente no segundo exemplo.

80. A conjunção *quando* é atestada desde os mais antigos textos, construindo-se geralmente com o indicativo. No período clássico, sofrendo a concorrência das outras conjunções temporais de significação idêntica ou semelhante, é usada com relativa escassez, tomando um matiz de arcaísmo, mas na língua falada, familiar ou popular, continua viva, donde a sua conservação nas línguas românicas.

Exs.: *fio Iuppĭter quando lubet* (Plaut., Amph., 864) "torno-me Júpiter quando me apraz"; *aufĕrto tecum quando abībis* (Plaut.,

Men., 430) "quando te fôres, leva contigo"; *tum quando legātos Tyrum misĭmus* (Cíc., Agr., 2,41) "então, quando enviamos embaixadores a Tiro"; etc.

81. As conjunções *ut* e *ubi* geralmente indicam apenas uma simples relação de tempo, razão por que se constroem, via de regra, com o verbo no modo indicativo.

Exs.: *nam ut illos de re publica libros edidīsti, nihil a te sane postea accepimus* (Cíc., Br., 19) "com efeito, desde que publicaste aquêles livros sôbre a república, nada mais recebemos de ti"; *qui ut perorāuit... surrēxit Clodĭus* (Cíc., Q. fr., 2,3,2) "o qual logo que acabou o discurso... Clódio se levantou"; *ut imus ecce ad me aduenit* (Plaut., Merc., 100) "quando partíamos, eis que vem ter comigo"; *at hostes ubi primum nostros equĭtes conspexerunt... impĕtu facto celeriter nostros pertubauerunt* (Cés., B. Gal., 4,12,1) "mas os inimigos, logo que viram os nossos cavaleiros... dada uma carga, lançaram a desordem entre os nossos"; *ubi galli cantum audīuit, auom suom reuixisse putat* (Cíc., Pis., 67) "quando ouve o canto do galo, julga ter renascido o seu avô"; *ubi abit conclamo* (Plaut., M. Glor., 178) "logo que se vai eu grito"; *ubi ad ipsum ueni deuortĭcŭlum, constĭti* (Ter., Eun., 635) "logo que cheguei ao mesmo desvio, parei"; etc.

82. As conjunções *simul ac* ou *simul atque* também se constroem com o verbo no indicativo. Por vêzes, em lugar das formas acima citadas, ocorre, com o mesmo valor de conjunção temporal, *simul* isoladamente.

Exs.: *simul atque de Caesăris aduĕntu... cognĭtum est, ad eum uenit* (Cés., B. Gal., 5,3,3) "logo que se soube da chegada de César, veio a êle"; *simul atque introdūctus est rem confēcit* (Cíc., Clu., 40) "logo que foi introduzido, ultimou a coisa"; *quae simul ac primum alĭquid lucis ostendĕre uisa sunt, princeps uestrae libertātis deffendĕndae fui* (Cíc., Phil., 4,1); *nostri, simul in aridum constiterunt in hostes impetum fecerunt* (Cés., B. Gal., 4,26,5) "os nossos, logo que pararam no terreno firme, fizeram um ataque contra os inimigos"; etc.

Observação:

Também ocorrem com o indicativo as construções: *simul ut* (Cic. Fin. 2,33); (Cic. Phil. 3,2); *simul et*, relativamente rara mas encontrável igualmente em Cícero (Fin. 2,33); *simul primum* ou *simul ubi* (T. Lív. 6,1,6); (T. Lív. 4,18,7).

83. A conjunção *dum* tem dois significados diversos, que, às vêzes, implicam em diferença no emprêgo do modo do verbo da oração em que se encontra. Assim, ao significar "enquanto", "durante todo o tempo em que", "durante tanto tempo quanto", constrói-

-se quase sempre com o verbo no indicativo, indicando uma simultaneidade sem determinar o têrmo da mesma. Os tempos mais usados neste emprêgo são o presente, o imperfeito, o perfeito e o futuro imperfeito.

Exs.: *dum multōrum annōrum accusatiōni breuiter dilucideque respondĕo quaeso ut me... benīgne attenteque audiātis* (Cíc., Clu., 8) "enquanto respondo breve e claramente à acusação de muitos anos, peço-vos que me ouçais com benevolência e atenção"; *dum haec in colloquio gerūntur, Caesări nuntiātum est equites Ariouisti... accedĕre* (Cés., B. Gal., 1,46,1) "enquanto isto se passava na entrevista, foi comunicado a César que a cavalaria de Ariovisto se aproximava"; *dum homĭnum genus erit, qui accūset eos non deĕrit: dum ciuitas erit iudicia fient* (Cíc., Amer., 91) "enquanto existir o gênero humano, não faltará quem os acuse; enquanto existir a cidade, far-se-ão julgamentos"; *quod sibi uolunt, / dum impĕtrant, boni sunt* (Plaut., Capt., 232-233) "durante todo o tempo em que procuram obter o que querem, são bons"; *da mihi sauium, dum illic bibit* (Plaut., Stich., 764) "dá-me um beijo enquanto aquêle está bebendo"; *at dum accubābam, quam uidēbar mihi esse pulchre sobrius!* (Ter., Eun., 728) "mas enquanto eu estava na mesa, como eu parecia a mim mesmo estar sóbrio!"; etc.

84. Quando a conjunção *dum* significa "até que", indicando, pois, uma simultaneidade com o seu têrmo determinado, pode ser construída com o verbo no indicativo presente, no futuro perfeito ou no presente ou imperfeito do subjuntivo.

Exs.: *ego in Arcāno opperior, dum ista cognôsco* (Cíc., At., 10,3) "eu espero em Arcano até saber disto"; *mansĕro / tuo arbitrātu, uel adeo usque dum peris* (Plaut., As., 327-328) "ficarei segundo o teu arbítrio, ou até mesmo até que morras"; *mihi quidem usque curae erit quid agas, dum quid egĕris sciĕro* (Cíc., Fam., 12,19,3) "quanto a mim, ficarei ainda preocupado com o que faças, até que saiba o que tenhas feito"; *expēcta, amābo te, dum Atticum conueniam* (Cíc., At., 7,1,4) "espera, por favor, até que eu me encontre com Ático"; *sic deinceps omne opus contexitur, dum iuxta muri altitūdo expleatur* (Cés., B. Gal., 7,23,4) "assim por diante se entrelaça tôda a obra, até que a muralha atinja a altura necessária"; etc.

Observação:

Entretanto, a distinção do emprêgo do indicativo e do subjuntivo era cada vez menos sentida no latim posterior ao período clássico, sendo usado o subjuntivo de um modo geral em substituição ao indicativo, tanto quando *dum* significava "até que", como quando significava "enquanto".

85. Como vimos (n.º 77), as conjunções *donec* e *quoad* têm aproximadamente a mesma significação de *dum*, tendo um valor termi-

nativo que faz com que muitas vêzes substituam a *dum* nesse sentido. *Donec*, no período arcaico, é usada principalmente com o verbo no indicativo, enquanto que no período imperial, a partir de Tito Lívio, generaliza-se o seu emprêgo no subjuntivo, sendo, porém, de se notar que no período clássico quase não é encontrada.

Exs.: *ibo odorans quasi canis uenatĭcus, / usque donec persecūtus uolpem ero uestigĭis* (Plaut., M. Glor., 268-269) "irei farejando como um cão de caça até que alcance os rastros da rapôsa"; *neque id facĭunt donicum parĭētes ruont* (Plaut., Most., 116) "nem farão isso até que as paredes desabem"; *neque credēbam donec Sosĭa me fecit ut credĕrem* (Plaut., Amph., 597) "nem acreditava até que Sósia fêz com que eu acreditasse"; *Danuuĭus... plures popŭlos adit, donec in Ponticum mare... erūmpat* (Tác., G., 1) "o rio Danúbio passa por vários povos, até lançar-se no mar Pôntico"; etc.

Observações:

1) *Donec* no período clássico aparece quase que ùnicamente em Cícero, encontrando-se cinco exemplos, todos nos seus primeiros discursos, exceto um que ocorre num tratado (Fin. 4,6). César e Salústio nunca o empregaram. Os prosadores do 1.º século, como T. Lívio e Tácito, preferem *donec* a *dum*, mas torna-se cada vez mais raro o seu emprêgo a partir do século 2.º da era cristã.

2) Em poesia, a partir de Lucrécio (5, 1177-1178) *donec* toma secundàriamente o sentido de "durante todo o tempo em que", "enquanto", sendo atestada nesse sentido em Horácio e Ovídio, como também em Tito Lívio e Tácito. Note-se, porém, que nesta acepção constrói-se com o verbo no indicativo.

86. *Quoad* tinha primitivamente o valor terminativo de "até que", sendo usada com freqüência por Cícero, e ainda por César, mas em Tácito é menos comum do que *donec*. Quanto à construção, como *dum*, admite tanto o indicativo como o subjuntivo.

Exs.: *Milo... cum in senātu fuisset eo die quoad senātus est dimīssus, domum uenit* (Cíc., Mil., 28) "como tivesse estado Milão nesse dia no senado, até que o senado levantasse a sessão, voltou para casa"; *nostri... neque finem sequēndi fecerunt, quoad... praecipites hostes egerunt* (Cés., B. Gal., 5,17,3) "os nossos não os deixaram de perseguir até que os inimigos, em fuga precipitada, desapareceram"; etc., e: *ut, quoad... rex declarātus esset, non sine rege ciuitas... esset* (Cíc., Rep., 2,23) "a fim de que a cidade não ficasse sem rei, até que o rei fôsse nomeado"; *ea... continēbis quoad ipse te uideam* (Cíc., At., 13,21,4) "a reterás contigo até que eu mesmo te veja"; etc.

Observação:

O sentido de "enquanto" para *quoad* também é atestado na época clássica: *quoad uixit* (Cíc. Verr. 1, 60) "enquanto viveu".

87. *Priūsquam e antēquam* "antes que", empregam-se com o verbo no modo indicativo quando indicam uma simples idéia de tempo, que um fato realmente se realizou no passado, razão por que a oração temporal vem geralmente no pretérito perfeito.

Exs.: *omnes hostes terga uerterunt neque prius fugĕre destiterunt, quam ad flumen peruenērunt* (Cés., B. Gal., 1,53,1) "todos os inimigos bateram em retirada e nem desistiram de fugir antes de chegarem ao rio"; *non prius sum conātus misericordĭa aliis commouēre, quam misericordia sum ipse captus* (Cíc., De Or., 2,195) "não tentei comover a misericórdia de outros antes que eu mesmo fôsse tomado de comiseração"; *antēquam tuas legi littĕras, homĭnem ire cupiēbam* (Cíc., At., 2,72) "antes de ter lido tua carta, desejava que o homem se fôsse"; *sex annis antĕquam ego natus sum* (Cíc., C. M., 50) "seis anos antes de eu ter nascido"; *prius quam sum elocūtus scis* (Plaut., Merc., 156) "sabes antes de eu ter falado"; etc.

Observações:

1) *Priūsquam* é a conjunção mais antiga, sendo *antēquam* criada posteriormente por analogia.

2) Além do pretérito perfeito do indicativo, são também empregados o indicativo presente, principalmente para exprimir um fato de experiência, e o futuro perfeito, principalmente nas frases negativas: *prius quam septuēnnis est, paedagōgo tabŭla disrūmpit caput* (Plaut. Bacch. 440) "antes dos sete anos quebrou a cabeça do professor com a lousa"; *prius quam lucet adsunt* (Plaut. M. Glor. 709) "estarão aqui antes de amanhecer"; *neque promĭtto quicquam neque respondĕo/priūsquam gnatum uidĕro* (Ter. Phorm. 1044-1045) "não prometo nada nem respondo antes de ter visto meu filho"; *non ante desinam quam... cognouĕro* (Cíc. C. M. 18) "não desistirei antes de saber".

88. O subjuntivo é usado com as conjunções *priūsquam* e *antēquam* quando à idéia de tempo se junta outra subsidiária, como para indicar que há um sentido final, para exprimir uma simples idéia de possibilidade, ou apenas para indicar o futuro, que como tal ainda não tem um valor real, pois ainda está para acontecer.

Exs.: *facta potestāte ex oppĭdo mittĭtur, neque ab eo prius Domitiāni milĭtes discēdunt quam in conspēctum Caesăris deducātur* (Cés. B. Ciu., 1,22,2) "dada a permissão, deixam-no sair da cidadela, e os soldados de Domiciano não se afastam dêle antes que seja levado a César"; *antēquam uerbum facĕrem, de cella surrēxit atque abĭit* (Cíc., Verr., 4,147) "antes que eu falasse, levantou-se da cadeira e saiu"; *antēquam ueniat in Pontum ,littĕras ad Cn. Pompēium mittet* (Cíc., Agr., 2,53) "antes de vir ao Ponto, escreverá a Cn. Pompeu"; etc.

89. Enfim, as conjunções *postquam* e *posteāquam* "depois que" sempre se constroem com o verbo no indicativo.

Exs.: *eo postquam Caesar peruēnit, obsīdes, arma, seruos, qui ad eos perfugīssent, popōscit* (Cés., B. Gal., 1,27,3) "depois que César chegou aí, reclamou os reféns, as armas e os escravos que tivessem fugido para junto dêles"; *posteāquam in uulgus milĭtum elātum est qua arrogantia in colloquio Ariouīstus usus* (Cés., B. Gal., 1,46,4) "depois que se vulgarizou entre os soldados com que arrogância Ariovisto se houve na entrevista"; *postquam reddit a cena domum / abīmus omnes cubitum* (Plaut., Most., 485-486) "depois que êle voltou da ceia, todos nos fomos deitar"; *relegātus mihi uidĕor, posteāquam in Formiāno sum* (Cíc., At., 2,11,1) "pareço exilado, depois que estou em minha casa de campo de Fórmias"; etc.

III) Orações Relativas

90. As orações introduzidas por um pronome relativo costumam classificar-se como *orações adjetivas*, isso porque, de um modo geral, elas explicam ou qualificam o antecedente a que estão ligadas. Podendo, entretanto, também, desempenhar outras funções (como exprimir as idéias de fim, de causa, de condição, etc., normalmente desempenhadas pelas orações conjuncionais adverbiais), seria mais aconselhável a qualificação de subordinadas relativas. É mais geral e sem inconveniente poder aplicar-se a todos os casos. Dividiremos o estudo das orações relativas em duas partes : na primeira consideraremos as orações relativas pròpriamente adjetivas ; na segunda, as relativas adverbiais.

91. A oração adjetiva pròpriamente dita, como ficou acima estabelecido, é empregada essencialmente para explicar, qualificar ou determinar uma palavra, equivalendo pelo sentido a uma verdadeira oração independente apenas coordenada à oração principal, o que explica construir-se com o verbo nos mesmos modos empregados na oração independente. Exs.: *P. Considius, qui rei milităris peritissimus habebatur... cum exploratoribus praemittitur* (Cés., B. Gal., 1,21,4) "P. Consídio, que era considerado habilíssimo em questões militares, é enviado na frente com os batedores"; *res loquĭtur ipsa : quae semper valet plurimum* (Cíc., Mil., 53) "a causa fala por si mesma : o que sempre vale muito"; *multas ad res perutĭles Xenophontis lĭbris sunt : quos legĭte, quaeso, studiose, ut facĭtis* (Cíc., C. M., 59) "os livros de Xenofonte são utilíssimos para muitas coisas ; os quais, peço-vos, lede cuidadosamente, como o fazeis"; etc.

92. De um modo geral as *orações relativas adverbiais*, com exceção das relativas condicionais, que se constroem com o mesmo modo em que estaria a oração condicional equivalente, via de regra, levam sempre o verbo para o subjuntivo. Assim as relativas causais, que equivalem a uma oração conjuncional causal, levam o verbo para o subjuntivo.

Exs.: *magna culpa Pelŏpis, qui non erudierit filium nec docuerit quatĕnus esset quidque curandum* (Cíc., Tusc., 1,107) "grande a culpa de Pélops, que não instruiu o filho nem lhe ensinou que em tudo se deveria guardar uma média"; *magnam Caesărem iniuriam facĕre, qui suo aduentu uectigalia sibi deteriora facĕret* (Cés., B. Gal., 1,36,4); *si iudicium senātus obseruare oportēret, libĕram debēre esse Galliam, quam bello uictam suis legibus uti uoluisset* (Cés., B. Gal., 1,45,3) "se cumpria observar a decisão do senado, a Gália deveria ser livre porque êle tinha querido que a Gália vencida mantivesse as suas leis".

93. As *relativas finais*, equivalentes às subordinadas conjuncionais finais, constroem-se igualmente com o subjuntivo.

Exs.: *sunt multi qui eripiunt aliis, quod aliis largiantur* (Cíc., Of., 1,43) "há muitos que tiram a uns para prodigalizar a outros"; *qualis esset natūra montis et qualis in circuĭtu ascensus qui cognoscĕrent misit* (Cés., B. Gal., 1,21,1) "enviou-os para que reconhecessem qual seria a natureza da elevação e que acesso ofereceria em tôrno de si"; *equitatumque omnem... praemittit qui uideant quas in partes hostes iter faciant* (Cés., B. Gal., 1,15,1) "envia na frente tôda a cavalaria para que observassem para que direção se dirigia o inimigo".

94. As *orações relativas consecutivas* constroem-se regularmente com o subjuntivo, sendo de se notar que se consideram relativas consecutivas não só as que são introduzidas por um relativo precedido por *tam, tantus, talis, is*, etc., mas ainda tôdas as expressões semelhantes, bem como as constituídas com expressões tais como *sunt qui, reperiuntur qui, nemo est qui, quis est qui, etc.*

Exs.: *quae tam firma ciuitas est, quae non odiis fundĭtus possit euerti?* (Cíc., Lael., 23) "que nação há tão firme que não possa ser abalada em seus fundamentos pelos ódios?"; *innocentia est affectio talis anĭmi, quae noceat nemĭni* (Cíc., Tusc., 16) "a inocência é uma disposição de espírito tal que não prejudica a ninguém"; *non sum ego is consul, qui nefas esse arbĭtrer Gracchos laudare* (Cíc., Agr., 2, 10) "quanto a mim não sou um cônsul que julgue ser proibido louvar os Gracos"; *sunt qui ita loquantur* (Cíc., Rab., 28) "há os que falem assim"; *qui potest temperantiam laudare is qui ponat summum bonum in uoluptāte?* (Cíc., Of., 3, 117) "como pode louvar a temperança quem coloca nos prazeres a suprema felicidade?"; *idonĕus fuit nemo quem imitarēre* (Cíc., Verr., 3, 41) "não houve ninguém apropriado a quem pudesses imitar"; etc.

95. As *relativas concessivas* constroem-se regularmente com o subjuntivo, equivalendo às subordinadas conjuncionais concessivas.

Exs.: *quibus proeliis calamitatibusque fractos, qui sua uirtūte et popŭli Romāni hospitio atque amicitia plurĭmum ante in Gallia potuissent, coactos esse Sequănis obsides dare* (Cés., B. Gal., 1,31,7) "esgotados todos por êstes combates e por êstes revezes, conquanto tives-

sem sido os mais poderosos da Gália por sua bravura e pela hospitalidade e amizade do povo romano, eram obrigados a dar reféns aos séquanos": *egomet qui sero ac leuĭter Graecas littĕras attigissem, tamen, cum Athēnas uenissem, complūres tum ibi dies sum commorātus* (Cíc., De Or., 1,82) "eu mesmo, ainda que tarde e sem profundidade tenha estudado as letras gregas, chegando a Atenas, lá fiquei dias"; etc.

96. As *orações relativas condicionais* exprimem condição, equivalendo a uma subordinada conjuncional condicional, construindo-se com o mesmo modo da oração conjuncional por ela substituída.

Exs.: *quae sanari poterunt sanabo* (Cíc., Cat., 2,11) "o que puder ser sanado, procurarei sanar" (modo real); *haec qui uideat, nonne cogātur confitēri deos esse?* (Cíc., Nat., 2,12) "quem veja isto, não será obrigado a confessar que os deuses existem?" (modo potencial); *qui uidēret, urbem captam dicĕret* (Cíc., Verr., 4,52) "quem a tivesse visto, a julgaria uma cidade tomada pelo inimigo" (modo irreal ou potencial do passado).

COMPLEMENTO AO ESTUDO DO VERBO NA ORAÇÃO SUBORDINADA

Vimos no princípio dêste capítulo que a subordinação se desenvolveu tendo por ponto de partida a simples justaposição de orações. Assim, primitivamente, tôdas as orações eram de igual valor, sem nenhuma relação de dependência que as viesse submeter a uma das proposições do período, por isso denominada oração principal. A razão primordial é que a subordinação é de data relativamente recente nas línguas indo-européias, representando um estágio de civilização mais adiantado e um conseqüente desenvolvimento mental desconhecido das primitivas populações de língua indo-européia. Ora, nestes domínios da língua êsse desenvolvimento mental maior irá manifestar-se por uma forma de expressão mais complexa, estabelecendo um nexo mais estreito na concatenação das idéias e dos pensamentos, para o que, aliás, terá contribuído de forma apreciável a prática da língua escrita. Tudo isto nos leva a crer que o indo-europeu comum não chegou a conhecer a subordinação, que assim representa um desenvolvimento próprio de cada uma das línguas indo-européias, segundo as suas próprias tendências.

É, pois, natural que em latim ainda se encontrem numerosos vestígios dessa antiga construção paratática vigente no indo-europeu comum. Além dos numerosos exemplos apresentados nos números 4, 5, 6 e 7 do presente capítulo, muitos outros poderiam ser acrescentados de orações subordinadas não completivas sem conectivo de subordinação. Principalmente nos textos em que se procura representar a língua falada, ou em que pelo gênero literário da composi-

ção dela se procura aproximar, conservou-se êste tipo de construção, aliás, ainda hoje corrente nas línguas românicas. Assim, o largo emprêgo que o subjuntivo veio a desempenhar na constituição do período subordinado em latim, é de certo modo uma decorrência de seu próprio valor no latim, onde representa a fusão do antigo subjuntivo e optativo do indo-europeu.

Como aconteceu com as preposições primitivamente as conjunções não existiam pròpriamente no indo-europeu : eram antigas partículas, advérbios, ou formas estereotipadas de pronomes que, por seu emprêgo freqüente em determinadas construções, para indicar maior ênfase ou atender a uma necessidade de clareza, deixaram seu sentido primitivo e passaram a constituir uma nova classe de palavras. Por vêzes, mesmo até formas verbais passam a assumir esta função, como *uel* do verbo *uolo,* ou *licet* do verbo *licere,* em latim.

Pelo que foi precedentemente exposto, é fácil compreender que, embora a subordinação seja indicada em latim principalmente pelas conjunções, os vestígios da antiga construção paratática sejam ainda relativamente freqüentes, como também, em muitos casos persistam lado a lado os dois tipos de construção. É assim que já num período em que as conjunções eram de largo emprêgo na língua vão ser usadas formas verbais idênticas, ora acompanhadas de conjunção, ora isoladas, sem que para isto tenha havido qualquer alteração de sentido : *dixi in carcĕrem ires* (Plaut., Stich., 624) "disse que fôsses para o cárcere"; e *dico ut a me cauĕas* (Plaut., Pseud., 511) "digo que tomes cuidado comigo"; *quaeso ignōscas* (Plaut., Men., 1073) "peço-te que perdoes"; e *quaeso ut mihi dicas* (Plaut., Curc., 629) "peço-te que me digas"; etc.

É ainda perfeitamente observável em latim o processo como algumas partículas, advérbios, etc., passaram a desempenhar na língua o papel de conjunções subordinativas. Assim, em numerosas construções em que a subordinação teve origem na aposição é ainda visível o seu valor autônomo junto ao verbo, sem desempenhar por conseguinte nenhuma função subordinante. Por exemplo, a conjunção *ut,* que em latim serve para introduzir orações subordinadas de vários tipos (integrantes ou completivas, modais, temporais, correlativas), tinha o valor de simples partícula indeterminada que costumava acompanhar subjuntivos de suposição, de possibilidade ou de intenção (ou como simples refôrço do subjuntivo em prescrições) como : *nunc, pater mi, proin tu ab eo ut cauĕas tibi* (Plaut., Bacch., 730) "então meu pai, de agora em diante que tu te acauteles dêsse indivíduo"; *sed uim ut queas ferre* (Ter., Andr., 277) "mas possas de qualquer forma suportar o embate"; *ut introĕas et circumspicĕas ; uti bonum caelum habĕas* (Cat., Agr., 1,2) "que entres e olhes tudo em volta : que tenhas um bom clima"; etc. A partícula negativa *ne* a princípio indicava ùnicamente uma negação em frases como : *orat frater ne*

abéas longius (Ter., Ad., 882) "o irmão pede; não te vás para mais longe"; posteriormente esta simples negação passou a ser percebida como uma conjunção empregada com valor subordinativo, passando a significar: "o irmão pede que não te vás para mais longe". Igualmente ilustrativo é o estudo da conjunção condicional *si*. O valor primitivo desta partícula era "assim", e como tal ainda se encontra empregada como que reforçando o verbo em frases como: *si te di ament* (Plaut., M. Glor., 571a) "assim te amem os deuses"; *quiesce, si sapis* (Plaut., Most., 1173) "fica quieto, assim és prudente"; etc. Aliás, trata-se da mesma partícula *sic*, que acompanhada da enclítica *—ce* conserva o mesmo sentido em tôdas as épocas da língua. Dêsse emprêgo é que se teria desenvolvido o sentido condicional com que vem atestada desde os mais antigos textos, deixando, porém, ainda transparecer o seu antigo e primitivo valor.

Quanto ao emprêgo dos modos na oração subordinada, já vimos que o subjuntivo tendia cada vez mais a ser o modo da subordinação, tornando-se, por assim dizer, pura e simplesmente, um verdadeiro índice de subordinação. Esta marcha progressiva do subjuntivo pode ser perfeitamente acompanhada através dos textos da língua em seus vários períodos. Assim, enquanto no período arcaico muitas construções mantinham o indicativo, já no período clássico começavam a se construir em subjuntivo, construção esta que no império se tornará geral. Mas, apesar de tudo, cumpre não esquecer que o emprêgo dos modos, também na oração subordinada, dependia em parte do próprio sentido da cláusula dependente, segundo exprimisse um fato real, ou tido como real, ou ao contrário uma hipótese ou conceito mais ou menos subjetivo, sendo empregado no primeiro caso o indicativo e no segundo o subjuntivo de possibilidade ou volitivo, isto é, um verdadeiro subjuntivo como seria empregado numa oração independente. Isto explica muitas vêzes as diferenças de construção entre o latim arcaico, quando o subjuntivo ainda não estendera o seu emprêgo como índice puro e simples da subordinação, e o latim clássico ou posterior, em que tal evolução se vinha processando ou já se realizara.

A frase relativa, por apresentar um tipo em geral fraco de subordinação relativamente à proposição principal, irá conservar melhor a distinção no uso do indicativo e do subjuntivo, segundo o valor próprio e primitivo dêstes modos. Assim, as relativas adjetivas se constroem em geral com o verbo no modo indicativo, máxime quando vêm introduzidas por um relativo indefinido ou indeterminado, como *quisquis, quiuis, quicūmque, ubicūmque*, etc. Já nas relativas circunstanciais (exceção feita das condicionais, que se constroem exatamente como as condicionais conjuncionais), o subjuntivo vai predominar, embora a língua arcaica ainda conserve em muitos casos o primitivo emprêgo dos modos, segundo o seu significado próprio. Assim, nas relativas causais, finais, consecutivas e concessivas, no pe-

ríodo clássico, a construção geral é com o subjuntivo, se bem que êste subjuntivo muitas vêzes difira de umas para outras no seu valor original. As relativas causais, que geralmente exprimem um fato real, têm o verbo no subjuntivo no período clássico, mas êste subjuntivo é usado não com seu valor próprio, mas como um índice de subordinação. Aliás, a língua arcaica empregava nestas construções freqüentemente o indicativo: *sumne ego stultus qui rem curo publicam?* (Plaut., Pers., 75) "não sou um tolo, eu que cuido dos negócios públicos?"; e até mesmo na prosa clássica o indicativo aparece uma vez por outra (cf., Cíc., C. M., 46). Da mesma forma as relativas concessivas apresentam um subjuntivo de subordinação, sendo ainda freqüente na língua arcaica o emprêgo do indicativo, que também ainda aparece, uma vez por outra, no período clássico. Já nas relativas consecutivas o emprêgo do subjuntivo provém da idéia de possibilidade, enquanto nas relativas finais conserva em sua plenitude o valor próprio de um subjuntivo volitivo, razão por que as relativas finais nunca se constroem com indicativo.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

J. N. Madvig — Epiphanio Dias, *Gramática Latina*, págs. 260-372.

E. Cocchia, *La Sintassi Latina*, págs. 412-516.

K. Brugmann *Abrégé de Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes, págs.* 692-713.

W. M. Lindsay, *Syntax of Plautus*, págs. 52-79.

C. E. Bennet, *Syntax of Early Latin, I — The Verb*, págs. 60-144; 208-338.

A. Meillet, *Linguistique Historique et Linguistique Générale*, páginas 175-198.

Stolz-Schmalz, *Lateinische Grammatik*, págs. 542-610.

G. Guillaume, *Temps et Verbe*, Paris, 1929; *e L'Architectonique du Temps dans les Langues Classiques*, Copenhague, 1945. Trabalhos importantes, dignos de meditação e estudo.

W. Kroll, *La Sintaxis Científica en la Enseñanza del Latín*, Madrid, 1935, págs. 86-102.

Fr. Thomas, *Recherches sur le Subjonctif Latin*, Paris, 1938, passim. Trabalho fundamental para o estudo do subjuntivo latino e sua origem, formação e emprêgo.

A. Tovar, *Sintaxis*, págs. 166-230.

S. A. Handford, *The Latin Subjonctive*, Londres, 1947, passim. Bom trabalho.

A. Ronconi, *Il Verbo Latino*, Bolonha, 1947, págs. 72-100; 104-124.

A. Meillet-J. Vendryes, *Traité de Grammaire Comparée des Langues Classiques*, págs. 635-672.

M. Bassols de Climent, *Sintaxis Historica de la Lengua Latina*, tom. II, passim.

F. Blatt, *Précis de Syntaxe Latine*, págs. 244-328.

A. Ernout-Fr. Thomas, *Sintaxe Latine*, págs. 291-439.

L. R. Palmer, *The Latin Language*, págs. 332-341.

M. Bassols de Climent, *Sintaxis Latina*, II Madrid, 1956, págs. 131-358.

APÊNDICE I

AS FORMAS NOMINAIS DO VERBO

I) O Infinitivo

1. Chamam-se formas nominais do verbo aquelas que por sua natureza mais se aproximam do nome, tendo, pois, o valor aproximado de um substantivo ou adjetivo. O infinitivo, destarte, é uma forma verbal que participa a um tempo da natureza do verbo e do substantivo. A natureza substantiva do infinitivo se patenteia em seu emprêgo como sujeito, como objeto direto ou como predicativo, equivalendo a um nominativo ou acusativo.

Exs.: *docto homini uiuĕre est cogitāre* (Cíc., Tusc., 5,111) "para um homem instruído, viver é pensar"; *bene sentīre rectēque facĕre satis est ad bene beātēque uiuēndum* (Cíc., Fam., 6,1) "pensar bem e proceder corretamente é o bastante para viver bem e com felicidade"; *Rhodĭus Hieronymus dolōre uacāre summum bonum dixit* (Cíc., Tusc., 2,15) "Jerônimo de Rodes disse que o sumo bem era estar isento de dor"; etc.

2. O caráter nominal do infinitivo ainda mais ressalta em expressões em que êle vem acompanhado de pronomes possessivos, demonstrativos ou indefinidos que o venham determinando.

Exs.: *id primum uideāmus, beāte uiuĕre uestrum quale sit* (Cíc., Fin., 2,86) "em primeiro lugar, vejamos qual seja o vosso viver com felicidade"; *nam ipsum Latīne loqui* (Cíc., Br., 140) "o próprio falar latim, i.é., o próprio fato de falar corretamente latim"; *totum hoc beāte uiuĕre* (Cíc., Tusc., 5,33) "todo êste viver com felicidade"; *nam istuc nihil dolēre non sine magna mercēde contingit* (Cíc., Tusc., 3,12) "pois êste nada doer não ocorre sem um grande preço"; etc.

3. Entretanto, o valor verbal do infinitivo é atestado pelo fato de ter formas diversas para exprimir as vozes ativa e passiva, bem como possuir um sujeito, como as outras formas verbais, e ainda exprimir a noção de tempo.

4. Como já tivemos oportunidade de ver ao estudar a oração integrante infinitiva, o sujeito do infinitivo vai para o acusativo,

colocando-se conseqüentemente também em acusativo o adjunto predicativo que a êle se refere. Entretanto, quando o sujeito do infinitivo fôr o mesmo da oração principal, via de regra é omitido na oração infinitiva, caso em que o predicativo que se referir a êsse sujeito concordará não com êle pròpriamente mas com o sujeito da oração principal, razão por que irá sempre para o nominativo.

Exs.: *minĭme mirāmur te tuis, ut egregĭum artifĭcem, praeclāris operĭbus laetāri* (Cíc., Fam., 1,7,7) "em absoluto não nos admiramos que tu, como um extraordinário artífice, te regozijes com tuas obras notáveis"; *Democrĭtus dicit innumerabĭlis esse mundos* (Cíc., Ac., 2,55) "Demócrito afirma serem incontáveis os mundos"; *Heracleōtes Dionysius, cum a Zenōne fortis esse didicĭsset, a dolōre dedōctus est* (Cíc., Tusc., 2,60) "Dionísio de Heracléia, embora tivesse aprendido de Zenão a ser corajoso, pela dor o desaprendeu"; *neglegēntes ac dissolūti si cupiāmus esse* (Cíc., Verr., 4,115) "se desejássemos ser negligentes e dissolutos"; etc.

5. Quando o sujeito do infinitivo fôr uma pessoa indeterminada (ou quando a palavra que devesse ser o sujeito da oração infinitiva se encontrar expressa na oração principal, mas no caso genitivo), costuma ser omitido o sujeito do infinitivo; entretanto, o adjunto predicativo que a êle se referir irá para o acusativo.

Exs.: *non sunt igitur ea bona dicēnda nec habēnda quibus abundāntem licet esse miserrĭmum* (Cíc., Tusc., 5,44) "não se devem, pois, chamar bens, nem considerar como tal, o que se pode ter em abundância, embora sendo muito miserável"; *fortis... anĭmi et constāntis est non perturbāri nec tumultuāntem de gradu deiici, ut dicĭtur* (Cíc., Of., 1,80); etc.

6. Quando, porém, o sujeito da oração infinitiva estiver expresso na oração principal, mas no dativo, e omitido na oração infinitiva, o adjunto predicativo que a êle se referir deverá ir para o dativo, construção esta usual na prosa clássica ùnicamente com o verbo *licet*.

Exs.: *quibus licet esse fortunatissĭmis* (Cés., B. Gal., 6,35,8) "aos quais é lícito sejam afortunadíssimos"; *licŭit esse otiōso Themistŏcli, licŭit Epaminōndae* (Cíc., Tusc., 1,33) "foi lícito a Temístocles estar longe da política, a Epaminondas também o foi"; *cur iis esse libĕris non licet* (Cíc., Flac., 71) "porque aos supracitados não é permitido ser livres"; etc.

7. O infinitivo empregado para indicar o fim aparece na língua arcaica e depois os poetas passam a empregá-lo com relativa freqüência, por imitação da sintaxe grega, que usava com freqüência desta construção. A prosa clássica, porém, reduz o seu emprêgo às duas locuções familiares *dare bibĕre* ou *ministrāre bibĕre*.

Exs.: *ut Ioui bibĕre ministraret* (Cíc., Tusc., 1,65) "para que servisse de beber a Júpiter"; *quae iussi ei dari bibĕre* (Ter., And., 484) "o que lhe mandei que fôsse dado para beber"; *exīmus ludos uisĕre Minĕruae* (Plaut., Bacch., 631) "saímos para ver os jogos de Minerva"; *non... Libycos populāre penātes / uenīmus* (Verg., En., 1,527) "não viemos para devastar os penates da Líbia"; *omne cum Proteus pecus egit altos / uisĕre montis* (Hor., Od., 1,2,7-8) "quando Proteu levou todo o seu gado para visitar os altos montes"; etc.

8. Também o chamado infinitivo de determinação, usado com freqüência na sintaxe grega, e que consiste num infinitivo dependente de adjetivo, é de raro emprêgo em latim, sendo que na prosa clássica só os particípios em função de adjetivos, como *assuētus, doctus, parātus,* etc., podem aparecer acompanhados de um infinitivo de determinação.

Exs.: *paratôsque esse et obsĭdes dare, et imperāta facĕre et oppĭdis recipĕre et frumēnto ceterisque rebus iuuāre* (Cés., B. Gal., 2,3,3) "e que estavam dispostos a dar reféns, cumprir as ordens, recebê-los em suas cidades fortificadas e ajudar com trigo e demais coisas"; *illi omnĭa perpĕti parāti maxime a re frumentarĭa laborābant* (Cés., B. Ciu., 3,7,5) "dispostos aquêles a tudo suportar, sofriam principalmente da falta de provisões"; *adsuēti longo muros defendĕre bellō* (Verg., En., 9,511) "acostumados a defender as muralhas numa longa guerra"; *doctus sagĭttas tendĕre Serĭcas* (Hor., Od., 1,29,9) "instruído em lançar as setas séricas"; etc.

9. A língua da poesia, bem como a prosa imperial, deram um grande desenvolvimento a esta construção, sendo ela empregada com os adjetivos mais diversos, mas principalmente com os que significam: "hábil", "capaz", "bom", "fácil" ,"útil", "desejoso", "digno", etc., e os de sentido contrário.

Exs.: *callĭdum quicquid placŭit iocōso / condĕre furto* (Hor., Od., 1,10,7) "hábil em esconder por jocoso furto o que quer que lhe tenha agradado"; *capax opperīri* (Estác., Sil., 4,1,85) "capaz de esperar"; *boni quoniam conuenīmus ambo / tu calămos inflāre leuis, ego dicĕre uersus* (Verg., Buc., 5,1-2) "pois que nos encontramos ambos bons, tu em fazer soar a flauta ligeira e eu em dizer versos"; *epistŭlam facĭlem legi* (A. Gel., 17,9,14) "epístula fácil de ser lida"; *et puer ipse fuit cantāri dignus* (Verg., En., 5,54) "e o próprio menino foi digno de ser cantado"; *utĕrque optĭmus erat, dignŭsque alter elĭgi, alter eligĕre* (Plin., Pan., Tr., 7,4) "um e outro era ótimo, um digno de ser escolhido, e o outro de escolher"; *auĭdus committĕre pugnam* (Ov., Met., 5,75) "ávido em travar a batalha"; *effĭcax eluĕre amara curārum* (Hor., Od., 4,12,20) "eficaz em apagar o amargor das preocupações"; etc.

10. Além do infinitivo histórico, já por nós estudado na oração independente, resta-nos considerar o *infinitivo exclamativo*, que, como seu próprio nome indica, é empregado nas exclamações para exprimir admiração, surprêsa, indignação, comiseração, etc., podendo vir acompanhado ou não da enclítica interrogativa *—ne*. O sujeito do infinitivo exclamativo vai, porém, sempre para o acusativo.

Exs.: *in portu Syracusāno de clāsse popŭli Romāni triumphum agĕre piratam!* (Cíc., Verr., 5,100) "no pôrto de Siracusa um pirata triunfar da esquadra do povo romano!"; *mene incēpto desistĕre uictam!* (Verg., En., 1,37) "eu desistir vencida do começado!"; *mene Iliăcis occumbĕre campis non potuisse!* (Verg., En., 1,97) "não ter podido eu perecer nos campos de Tróia!"; *ciuitatĭbus pro numĕro milĭtum pecuniārum summas discribĕre, certum pretium sescēnos nummos nautārum missiōnis constituĕre!* (Cíc., Verr., 5,62) "taxar as cidades em quantias, segundo o número de seus soldados e instituir um preço certo, seiscentos sestércios, para a libertação dos marinheiros!"; etc.

II) O Gerúndio e o Gerundivo

11. O *gerúndio* é uma espécie de substantivo verbal servindo de flexão ao infinitivo, e construindo-se, ou podendo construir-se em alguns empregos, com o mesmo caso que exigiria o verbo de que é formado. O *gerundivo*, também chamado *adjetivo verbal* ou *particípio de obrigação*, tem dois empregos inteiramente diversos, isto é, substituir o gerúndio em algumas construções, e indicar uma idéia de obrigação (quando é usado como adjetivo qualificativo ou como predicativo do verbo *sum)*.

12. O gerundivo substitui sempre o gerúndio quando êste estiver no dativo, acusativo ou ablativo precedido de preposição, vindo o gerúndio, em qualquer dêstes casos, acompanhado de um complemento direto. Se, porém, o gerúndio, acompanhado de complemento em acusativo, estiver no genitivo, ou no ablativo não precedido de preposição, embora geralmente venha substituído pelo gerundivo, tal substituição não é obrigatória. O gerundivo empregado em lugar do gerúndio concorda com o substantivo que deveria ser o complemento do gerúndio, mas ambos irão para o mesmo caso em que o gerúndio deveria estar se fôsse empregado.

Exs.: *facĭle apparŭit... campos patēntes, quales sunt inter Padum Alpēsque, bello gerēndo Romānis aptos non esse* (T. Lív., 21,47,1) "fàcilmente se evidenciou que as planícies descobertas, que existem entre o Pó e os Alpes, não são convenientes ao romanos para fazerem a guerra"; *magnum utrīsque impedimēntum ad rem gerēndam fuit ager...* (T. Lív., 33,6,7) "grande impecilho para empreender a luta,

tanto para uns como para outros, foi o terreno"; *ab oppugnānda Neapŏli Poenum absterruēre conspēcta moenĭa* (T. Lív., 23,1,10) "a vista das muralhas afastou o cartaginês de atacar Nápoles"; *neque consĭli habēndi neque arma capiēndi spatĭo dato* (Cés., B. Gal., 4,14,2) "não dado tempo nem de reunir o conselho, nem de tomar as armas"; *his ipsis legēndis in memorĭam redeo mortuorum* (Cíc., C. M., 21); *homĭnes ad deos nulla re propĭus accēdunt quam salūtem hominĭbus dando* (Cíc., Lig., 18) "os homens por nenhum outro ato mais se aproximam dos deuses do que dando a salvação aos homens"; etc.

13. O *Genitivo do Gerúndio*, ou *do Gerundivo* é empregado como complemento terminativo de um substantivo ou de um adjetivo, equivalendo em português ao infinitivo precedido da preposição *de*.

Exs.: *sapientĭa ars uiuēndi putānda est* (Cíc., Fin., 1,42) "a sabedoria deve ser considerada a arte de viver"; *uiri boni sequōntur natūram, optĭmam bene uiuēndi ducem* (Cíc., Lael., 19) "os homens de bem seguem a natureza, o melhor guia de bem viver"; *detis locum loquēndi* (Plaut., Capt., 213) "deis lugar de falar"; *tacēndi tempus est* (Plaut., Poen., 741) "é tempo de calar"; *coniuratĭo deserēndae Italĭae* (T. Lív., 24,43,3) "a conjuração de abandonar a Itália"; *lumĭnis conspiciēndi insolentĭa* (Ac., 275) "a falta de hábito de ver a luz"; *homĭnes bellāndi cupĭdi* (Cés., B. Gal., 1,2,4) "homens desejosos de combater"; *equĭdem sum cupĭdus te... audiendi* (Cíc., De Or., 2,16) "com efeito, estou desejoso de te ouvir"; *orātor est, Marce fili, uir bonus dicēndi perītus* (Cat., Frag. Jord., 80,1) "o orador, meu filho Marco, é o homem de bem perito em falar"; *studiōsum rei quaerēndae* (Cat., Agr. Proem., 3) "dedicado a pesquisar o fato"; etc.

14. Como complemento de um verbo, na prosa clássica, o genitivo do gerundivo só aparece com o verbo *sum*, formando um latinismo que se poderá traduzir por "tender a".

Exs.: *studĭa cupiditatēsque honōrum atque ambitiōnes: quae res euertēndae rei publĭcae solent esse* (Cíc., Verr., 2,132) "o desejo e a cobiça das honras, e ainda as ambições: paixões que costumam tender a subverter o estado"; *regĭum imperĭum, quod initĭo conseruāndae libertātis... fuĕrat, in superbĭam dominatiōnēmque se conuōrtit* (Sal., Cat., 6,7) "a autoridade real, que a princípio existira para a preservação da liberdade, converteu-se em arrogância e tirania"; etc.

15. *O Dativo do Gerúndio* ou *do Gerundivo* é empregado em algumas expressões com substantivos, adjetivos e verbos. Com substantivos o gerúndio é usado principalmente com os que indicam funções, como *triumuĭri, decemuĭri, curātor,* bem como com *comitĭa, dies, locus, tempus,* etc.

Exs.: *duumuĭri sacris faciŭndis lectisternĭo tunc primum in urbe Romana facto, per dies octo Apollĭnem... placauēre* (T. Lív., 5,13,6) "os duúnviros encarregados das cerimônias sagradas, feito então um lectistérnio, pela primeira vez na cidade romana, durante oito dias, procuraram aplacar Apolo"; *triuumuĭrum colonĭis deducŭndis* (Sal., B. Iug., 42,1) "triúnviro para a fundação das colônias"; *curātor muris reficiŭndis* (Cíc., Opt. Gen. Or., 19) "curador para a reparação das muralhas"; *C. Terentĭus consul unus creātur, ut in manu eius essent comitĭa rogāndo collēgae* (T. Lív., 22,35,2) "só Gaio Terêncio é nomeado cônsul, para que nas suas mãos ficassem os comícios para pedir ao povo um colega"; *tempus statūtum tradēndis obsidĭbus* (T. Lív., 9,5,6) "o tempo estabelecido para a entrega dos reféns"; *cum dies uenĭsset rogatiōni ferēndae* (Cíc., At., 1,14,5) *urbi condēndae locum elegērunt*(T. Lív., 5,54,4) "escolheram o local para fundar a cidade"; etc.

16. A construção do dativo do gerúndio como complemento de adjetivo é rara no período clássico, tornando-se mais freqüente a partir de Tito Lívio, principalmente com os adjetivos que indicam utilidade, conveniência, adaptabilidade, suficiência, etc.

Exs.: *sunt nonnūlli acuēndis puerorum ingenĭis non inutĭles lusus* (Quint., Inst., 1,3,11) "há alguns jogos que não são inúteis para aguçar as inteligências das crianças"; *reliqua tempŏra demetēndis fructĭbus ac percipiēndis acommodāta sunt* (Cíc., C. M., 70) "as demais estações são apropriadas para delimitar e colhêr os frutos"; *quis est tam scribēndo impĭger quam ego?* (Cíc., Fam., 2,1,1) "quem é tão pouco preguiçoso para escrever quanto eu?"; *equĭtes quoque tegēndo satis latebrōsum locum* (T. Lív., 21,54,1) "lugar bastante cheio de esconderijos, mesmo para ocultar cavaleiros"; etc.

17. O uso do dativo como complemento de verbos é bastante raro no período clássico, como também no arcaico, limitando-se a algumas expressões técnicas (*soluendo non esse* "não ser solvável", *scribēndo adesse* "tomar parte na assinatura de um processo verbal"), e *studēre e opĕram dare*. No período imperial, encontram-se na mesma construção com o dativo do gerúndio os seguintes verbos: *esse, deēsse, praeēsse, praeficĕre, opus esse, satis esse*, etc.

Exs.: *religionĭbus colendis opĕram addidit* (Cíc., Rep., 2,27); *Epidicum opĕram quaerendo dabo* (Plaut., Ep., 605) "esforçar-me-ei para procurar Epídico"; *legĭbus condēndis opĕra dabātur* (T. Lív., 3,34,1) "dedicava-se a estabelecer as leis"; *iuri et legĭbus cognoscēndis studēre* (Cíc., Rep., 5,5) "dedicar-se ao direito e ao conhecimento das leis"; *qui praeesse agro colēndo flagitĭum putas* (Cíc., Rosc., Am., 5) "tu que julgas um opróbrio estar à testa de uma exploração agrícola"; *satis est enim in cetĕris artificĭis percipiēndis* (Cíc., De Or., 2,127) "é bastante, com efeito, para aprender as demais artes";

quae curāndo uolnĕri opus sunt (T. Lív., 1,41,1) "o que é preciso para curar um ferimento"; etc.

18. O *Acusativo do Gerúndio* ou do *Gerundivo* é empregado no período clássico depois das preposições *ad*, e *inter* (esta última na acepção de "durante").

Exs.: *non solum ad dicēndum propēnsi sumus, uerum etĭam ad docēndum* (Cíc., Fin., 3,65) "não somos propensos ùnicamente a falar, mas ainda a ensinar"; *est flagitiōsum ob rem iudicāndam pecunĭam accipĕre* (Cíc., Verr., 2,78) "é infamante receber dinheiro por uma causa a julgar"; *inter aurum accipiēndum* (T. Lív., 6,11,5) "durante o recebimento do ouro"; *sed inter rem agēndam istam erae huic respōndi quod rogabat* (Plaut., Cis., 721) "mas, enquanto me ocupo do que dizes, respondi a esta minha senhora o que perguntava"; etc.

19. O *Ablativo do Gerúndio* ou *do Gerundivo* é empregado com as preposições *ab*, (significando "acêrca de") *ex*, ("de segundo"), *in* ("tratando-se de, a respeito de"), *pro* ("em favor de").

Exs.: *nullum tempus illi unquam uacābat aut a scribēndo aut a cogitāndo* (Cíc., Br., 272) "em nenhum momento jamais deixava ou de escrever ou de estudar"; *ab oppugnānda Neapŏli Poenum absterruēre conspēcta moenĭa* (T. Lív., 23,1,10); *facĭles essent in suum cuĭque tribuēndo* (Cíc., Br., 85) "eram dispostos a atribuir a cada um o que lhe era devido"; *multa sunt dicta ad antīquis de contemnēndis ac despiciēndis rebus humānis* (Cíc., Fin. 5,73) "muita coisa foi dita pelos antigos com respeito a desprezar e desdenhar das coisas humanas"; *eam quam ex discēndo capĭant uoluptātem* (Cíc., Fin., 5,48) "êste prazer que sentem por aprender"; *tumūltus pro recuperānda republĭca* (Cíc., Br., 311) "tumulto em favor de se restabelecer o govêrno"; etc.

20. O ablativo do gerúndio ou do gerundivo é empregado sem preposição quando desempenha a função de adjunto circunstancial de instrumento ou de meio.

Ex.: *hominis... mens discēndo alĭtur et cogitāndo* (Cíc., Of., 1,105) "a mente do homem se alimenta aprendendo e meditando"; *exercēnda est memorĭa ediscēndis ad uerbum et nostris scriptis et aliēnis* (Cíc., De Or., 1,157) "a memória deve ser exercitada decorando-se literalmente os nossos escritos e os alheios"; *omnis loquēndi elegantĭa augētur legēndis oratoribus et poētis* (Cíc. De Or., 3,39) "aumenta-se tôda a elegância da palavra lendo-se os oradores e os poetas"; etc.

21. Resta-nos tratar do gerundivo que encerra uma idéia de obrigação. Isto acontece quando o gerundivo vem empregado como

adjetivo qualificativo, ou como predicativo ao lado do verbo *sum*, indicando então que a ação por êle significada deve ser feita.

Exs.: *pietāti summa tribuēnda laus est* (Cíc., De Or., 2,167) "deve ser atribuída à piedade a maior glória"; *haec (diligentia) praecipŭe colendast nobis* (Cíc., De Or., 2,148) "esta deve ser precìpuamente cultivada por nós"; *labōres non fugiēndos* (Cíc., Fin., 2,118) "trabalhos que não se devem evitar"; *potentĭa uix ferēnda* (Cíc., Planc., 24) "autoridade dificilmente suportável"; etc.

22. Quando o gerundivo vem em acusativo, construído com o complemento de verbos que significam *dar, confiar, entregar, encarregar-se* ou *ocupar-se*, não tem pròpriamente a idéia de obrigação, e antes serve para exprimir uma intenção.

Exs.: *Popŭlus Romānus Crasso bellum gerēndum dedit* (Cíc., Phil., 11,18) "o povo romano deu a Crasso a direção da guerra"; *domos nostras et patrĭam ipsam uel dirripiēndam uel inflamāndam reliquĭmus* (Cíc., Fam., 16,21,1) "deixamos as nossas casas e a própria pátria para serem saqueadas ou incendiadas"; *pontem in Arăre faciēndum curat* (Cés., B. Gal., 1,13,1) "procura fazer uma ponte sôbre o rio Árar"; *relĭquum exercĭtum Q. Titurĭo et L. Auruncŭlēio Cottae... ducēndum dedit* (Cés., B. Gal., 4,22,5) "entregou o exército restante para ser comandado por Q. Titúrio e L. Aurunculeio Cota"; etc.

III) O Supino

23. Como o *gerúndio*, também o *supino* é um substantivo verbal usado apenas em três casos, o acusativo em *–um* e *dativo-ablativo* em *–u*, e empregado ùnicamente em certas construções. Além da forma de dativo-ablativo em *–u*, o latim arcaico apresenta, ainda que raramente, a forma de dativo *–ui*, que no período clássico é empregada por um escritor arcaizante como Salústio, aparecendo ainda esporàdicamente em escritores do império, como Tito Lívio e Plínio o Velho.

24. O *supino* em *–um* é empregado como um acusativo de direção ou da questão *quo* com os verbos de movimento. Seu caráter verbal se manifesta em conservar a construção do verbo a cuja conjugação pertence, podendo, pois, vir acompanhado de um complemento direto também em acusativo.

Exs.: *Haedŭi... legātos ad Caesărem mittunt rogātum auxilium* (Cés., B. Gal., 1,11,2) "os éduos enviam embaixadores a César para pedir auxílio"; *sorōrem ex matre et propinquas suas nuptum in alĭas ciuitātes collocāsse* (Cés., B. Gal., 1,18,7); *Atheniēnses misērunt Delphos consūltum quidnam facĕrent de rebus suis* (C. Nep., 2,2,6) "os atenienses mandaram embaixadores a Delfos para consultar o

que deveriam fazer de suas coisas"; *abĭit ambulātum* (Plaut., M., Glor., 251) "foi passear"; *coctum ego, non uapulātum condūctus fui* (Plaut., Aul., 457) "eu fui trazido para cozinhar e não para apanhar"; *parasītum misi petītum argĕntum* (Plaut., Curc., 67) "mandei o parasita pedir dinheiro"; etc.

25. O *supino* em *–u*, em que se fundiram os empregos do dativo e do ablativo, aparece em pequeno número de verbos, sendo que os mais freqüentemente encontrados no período clássico são os seguintes: *audītu, cognitu, dictu, factu, memorātu, uisu*. Além de alguns adjetivos, o supino em *–u* é usado com os substantivos *fas, nefas* e *opus*, para indicar uma ação com referência à qual a qualidade expressa pelo adjetivo é afirmada.

Exs.: *(quid est) tam incundum cognĭtu atque audītu quam sapientĭbus sententiis grauibūsque uerbis ornāta oratĭo?* (Cíc., De Or., 1,41) "que há tão agradável de se entender como também de se ouvir quanto um discurso ornado de belos pensamentos e expressões elevadas?"; *o rem quom audītu crudēlem, quam uisu nefarĭam!* (Cíc., Planc., 90) "ó coisa cruel de se ouvir, como abominável de se ver!"; *facĭle est intellēctu* (Cíc., Part., 88) "é fácil de compreender"; *diffĭcĭle est dictu* (Cíc., Of., 2,48) "é difícil de dizer"; *hau factu facĭle est* (Plaut., Most., 791) "não é fácil de fazer"; *misĕrum memorātu* (Plaut., Cist., 229) "triste de recordar"; *si hoc fas est dictu* (Cíc., Tusc., 5,38) "se é permitido dizer-se isto"; *scitu opus est* (Cíc. Inu., 1,28) "é preciso saber"; etc.

IV) O Particípio

26. Assim como o infinitivo e o gerúndio, como acabamos de ver, são as formas nominais do verbo equivalentes a um substantivo, de um modo geral os particípios, bem como o gerundivo, são as formas verbais que equivalem ao adjetivo. Como adjetivos, podem qualificar o substantivo, e, mais ainda, comportam os graus comparativo ou superlativo, ou ambos. Como parte do verbo, têm os três tempos, podendo também ter um complemento, segundo a predicação do verbo a que pertencem.

27. Duas são as formas essenciais do particípio latino: uma em *–ns, –ntis*, que constitui o chamado *particípio presente*, e outra geralmente em *–tus, –ta, –tum*, que constitui o *particípio passado*. O adjetivo verbal em *–ūrus, –ūra, –ūrum*, denominado *particípio futuro*, na prosa clássica só é empregado com o verbo *sum* para formar uma conjugação perifrástica, não constituindo, pois, um particípio pròpriamente dito. Na prosa imperial, porém, e em poesia, é usado isoladamente como um verdadeiro particípio. Cumpre ainda notar que o particípio presente só tem a forma ativa e o particípio passado, só a passiva.

28. A natureza adjetiva do particípio, como dissemos acima, se manifesta em poder êle desempenhar a função de epíteto, caso em que freqüentemente admite os graus de comparação. Aliás, em latim há uma série de adjetivos que são antigos particípios, alguns dos quais, como por exemplo *perītus*, só se encontram como tais por se terem deixado de usar os verbos de que se derivam. Enfim, como verdadeiros adjetivos, podem ainda ser usados substantivadamente, sendo de se notar que isto é mais freqüente no plural do que no singular.

Exs.: *quibus uictorĭbus incolŭmis et florens ciuĭtas esse posset* (Cíc., Phil., 11,23) "vencedores para os quais a cidade poderia estar intacta e florescente"; *quo mulĭĕri esset res cautĭor* (Cíc., Caec., 11) "para que a fortuna da mulher estivesse mais acautelada"; *cautissĭma Tiberĭi senēctus* (Tac., An., 2,76) "a velhice cautelosíssima de Tibério"; *homĭnes docti uel usu perīti* (Cíc., Of., 1,147) "homens instruídos ou experimentados"; *huius enim facta, illīus dicta laudāntur* (Cíc., Lael., 10) "realmente, dêste se louvam os feitos, daquele, as palavras"; *praeterĭta se Diuiciāco fratri condonāre dicit* (Cés., B. Gal., 1,20,6) "declara perdoar-lhe o passado em consideração a seu irmão Diviciaco"; *in proelĭum proficescēntes* (Cés., B. Gal., 1,51,3) "os que partiam para a guerra"; *prima et secūnda acĭes ut uictis ac submotis resistĕret, tertĭa ut ueniēntes substinēret* (Cés., B. Gal., 1,25, 7) "a primeira e segunda linhas para que resistissem aos vencidos e aos que haviam batido em retirada, a terceira para que enfrentasse os recém-vindos"; etc.

29. Como decorrência do valor adjetivo do particípio, êste freqüentemente substitui uma oração adjetiva relativa.

Exs.: *misericordĭa est aegritūdo ex miseria alterĭus iniurĭa laborāntis* (Cíc., Tusc., 4,18) "a piedade é o pesar pela miséria de outrem que a sofre sem o merecer"; (*Pisistrătus*) *qui primus Homēri libros confūsos antĕa sic disposuīsse dicĭtur ut nunc habēmus* (Cíc., De Or., 3,137) "(Pisístrato) que, segundo se diz, foi o primeiro a pôr em ordem os poemas de Homero, como os temos agora, e que antes estavam confusos"; etc.

30. Igualmente comum é a substituição de uma oração circunstancial por um particípio, construção esta que dá mais energia e rapidez à expressão. Embora por si só o simples emprêgo do particípio seja suficiente para exprimir a circunstância, freqüentemente, por uma questão de clareza, vem êle precedido de uma partícula que torna assim preciso o seu sentido. Êste emprêgo, entretanto, se restringe aos casos em que o particípio vem como apôsto da oração principal.

31. O particípio presente ou passado podem ser empregados para exprimir uma idéia de tempo, equivalendo, pois, a uma oração cir-

cunstancial temporal. As partículas de sentido temporal que costumam acompanhar o particípio são: *uixdum* "apenas", *statim* e *extemplo* "imediatamente", non ante quam "não antes que".

Exs.: *redūctos in hostium numĕro habuit* (Cés., B. Gal., 1,28,2) "quando os entregaram, considerou-os no número dos inimigos"; *quid dicam de Socrăte cuius morti illacrimāre solēo Platōnem legens* (Cíc., Nat., 3,82) "que direi de Sócrates, por cuja morte costumo chorar quando leio Platão?"; *Dionysĭus tyrănnus Syracūsis expūlsus Corĭnthi puĕros docēbat* (Cíc., Tusc., 3,27) "o tirano Dionísio, depois que foi expulso de Siracusa, ensinava às crianças em Corinto"; *Calidĭus statim designātus... quam esset cara sibi mea salus declarāuit* (Cíc., P. Red. in Sen., 22) "Calídio, logo que foi designado, declarou quanto lhe era cara a nossa salvação"; *imperātor extēmplo aduenĭens appellātus* (T. Lív., 7,39,15) "logo que foi chegando, foi chamado *imperātor*", etc.

32. O particípio presente ou passado podem ser empregados para exprimir uma idéia de causa, equivalendo a uma oração circunstancial causal. As partículas de sentido causal que costumam acompanhar o particípio são: *quippe* ou *utpŏte* "porque".

Exs.: *legatīsque nostris renuntĭant se Bitūrĭgum perfidĭam uerĭtos reuertīsse* (Cés., B. Gal., 7,5,5) "e declaram aos nossos legados terem voltado por temer a perfídia dos bitúriges"; *Dionysĭus cultros metŭens tonsorĭos candēnti carbōne sibi adurēbat capīllum* (Cíc., Of., 2,25) "Dionísio, por temer navalhas de barba, queimava o cabelo com um carvão aceso"; *quippe fuso suae partis ualidiōre cornu, impĕtum facit* (T. Lív., 3,63,2); *dis carus ipsis, quippe ter et quater / anno reuīsens aequor Atlantĭcum / impūne* (Hor., Od., 1,31,13-15) "caro aos próprios deuses, pois que pode rever impunemente três ou quatro vêzes por ano as ondas do Atlântico"; etc.

33. O particípio presente ou passado pode ser empregado para exprimir uma idéia de condição, equivalendo a uma oração subordinada circunstancial condicional. As partículas de sentido condicional que costumam acompanhar o particípio são: *nisi* (só quando a oração principal fôr negativa) e *modo* "contanto que".

Exs.: *damnātum poenam sequi oportēbat* (Cés., B. Gal., 1,4,1) "se fôsse condenado, cumpria seguir-se a pena"; *neque his petentĭbus ius redditur* (Cés., B. Gal., 6,13,7) "nem se concede a êstes a justiça, se o pedirem"; *cum mendāci homĭni ne uerum quidem dicēnti credĕre soleāmus* (Cíc., Diu., 2,146) "como não costumemos acreditar no homem mentiroso nem mesmo quando diz a verdade"; *non hercŭle mihi nisi admonĭto uenisset in mentem* (Cíc., De Or., 2,180) "por Hércules, não me teria vindo à mente se não tivesse sido advertido por ti"; etc.

34. O particípio presente ou passado podem ser empregados para exprimir uma idéia de concessão, equivalendo a uma oração subordinada adverbial concessiva. As partículas de sentido concessivo que costumam acompanhar o particípio são: *etsi* e *quamquam* "se bem que", "conquanto".

Exs.: *at ut ocŭlus, sic anĭmus se non uidens alĭa cernit* (Cíc., Tusc., 1, 67) "mas como o ôlho, assim é a alma, embora não se vendo, distingue as outras coisas"; *ibi uehementissĭme perturbātus Lentŭlus, tamen et signum suum et manum cognōuit* (Cíc., Cat., 3,12) "aí Lêntulo, embora imensamente perturbado, entretanto, reconheceu o seu sinete e a sua letra"; *etsi alĭquo acēpto detrimēnto, tamen summa exercĭtus salua locum quem petant capi posse* (Cés., B. Ciu., 1,67,5) "embora sofrendo algum prejuízo, entretanto, salvo o grosso do exército, poderiam tomar o lugar que procuravam"; etc.

35. Quando, porém, o particípio não se referir nem ao sujeito nem ao complemento do verbo da oração principal, é empregada em latim a construção do ablativo absoluto, assim denominada porque independe dos têrmos essenciais da referida oração principal. O particípio assim empregado nas construções do ablativo absoluto exprime as mesmas circunstâncias que acabamos de ver, equivalendo, pois, a uma subordinada temporal, causal, etc.

Exs.: *Pythagŏras, Tarquinĭo Supērbo regnānte, in Italĭam uenit* (Cíc., Tusc., 1,38) "Pitágoras veio à Itália, enquanto reinava Tarquínio o Soberbo"; *C. Flaminĭum C. Aelĭus, religiōne neglēcta, cecidīsse apud Transumēnum scribit* (Cíc., Nat., 2,8) "C. Élio escreve que C. Flamínio morreu junto ao Transimeno por ter desprezado a religião"; *quae potest esse iucundĭtas uitae, sublātis amicitĭis?* (Cíc., Planc., 80) "qual pode ser a alegria para a vida, se tirarmos as amizades?"; *eo pertĭnet oratĭo, ut, perdĭtis omnĭbus rebus, tamen ipsa uirtus se sustentāre posse uideātur* (Cíc., Fam., 6,1,4); *eo magis quod pridĭe, superiorĭbus locis occupātis, proelĭum non commouissent* (Cés., B. Gal., 1,23,3) "e principalmente porque na véspera, embora tivessem ocupado os lugares mais elevados, não haviam travado o combate"; etc.

36. Como vimos acima (n.º 27), o adjetivo verbal em *–ūrus, –ūra, –ūrum* não constitui pròpriamente um particípio, sendo usado ùnicamente na conjugação perifrástica ,e isso não só na prosa clássica pròpriamente dita como também na língua arcaica. (O único exemplo encontrado no latim arcaico e em que é empregado como verdadeiro particípio é o seguinte: *Diabŏlus ipsi datūrus dixit* (Plaut., Asin., 634) "Diábolo disse que iria dar a êle próprio". No latim clássico, as exceções são também raras). Em poesia e na prosa pos-clássica, porém, passa a ser usado como um verdadeiro particípio, tendo todos os empregos dos demais, aparecendo, pois, como adje-

tivo substantivado, e como substituto de uma oração subordinada, podendo ainda exprimir o potencial e o irreal.

Exs.: *urbem uenāle et matūre peritūram* (Sal., Iug., 35,10) "cidade venal e em breve destinada a desaparecer"; *itūri in proelĭa canunt* (Tác., Germ., 3) "os que vão para os combates cantam"; *Carthaginiēnses, prima luce opugnatūris hostĭbus castra, saxis undĭque congēstis augent uallum* (T. Lív., 28,15,13) "os cartagineses, devendo os inimigos atacar o acampamento ao amanhecer, reunindo de todo lado pedras, aumentam o fôsso"; *Ti. Sempronius missus in Sicilĭam, ita in Afrĭcam transmissūrus si ad arcēndum Italĭa Poenum consul alter satis esset* (T. Lív., 21,17,6) "Ti. Semprônio, mandado para a Sicília, passaria à África se o outro cônsul fôsse bastante para repelir os cartagineses da Itália"; *bellum arcessītum in Italĭam a nobilĭbus mansurūmque in uiscerĭbus rei publĭcae, si plures Fabios imperatōres habēret, se quo die hostem uidīsset perfectūrum* (T. Lív., 22,38,6-7) "a guerra trazida à Itália pelos nobres permaneceria nas entranhas do Estado se houvesse vários generais Fábios, êle a acabaria no dia em que visse o inimigo"; etc.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

J. N. Madvig — Epiphanio Dias, *Gramática Latina*, págs. 309-344.

E. Cocchia, *La Sintassi Latina*, págs. 275-336.

W. M. Lindsay, *Syntax of Plautus*, págs. 72-79.

J. Marouzeau, *L'Emploi du Participe Présent Latin*, Paris, 1910. Excelente.

C. E. Bennet, *Syntax of Early Latin, I — The Verb*, págs. 367-459.

Stolz-Schmalz, *Lateinische Grammatik*, págs. 577-610.

W. Kroll, *La sintaxis Cientifica en la Enseñanza del Latin*, págs. 64-71.

P. Perrochat, *L'Infinitif Subordonné en Latin*, Paris, 1932. Obra fundamental.

P. Perrochat, *L'Infinitif de Narration en Latin*, Paris, 1932. Excelente.

A. C. Juret, *Système de la Syntaxe Latine*, passim.

Ch. Mugler, *L'Évolution des Constructions Participiales Complexes en Grec et en Latin*, Strasbourg, 1938, passim.

A. Tovar, *Sintaxis*, págs. 142-165.

A. Ernout, *Infinitif Grec et Gérondif Latin*, in *Philologica*, págs. 203-223. Bom artigo.

A. Ronconi, *Il Verbo Latino*, págs. 137-169.

A. Meillet-J. Vendryes, *Traité de Grammaire Comparée des Langues Classiques*, págs. 610-628.

Fr. Blatt, *Précis de Syntaxe Latine*, págs. 194-220.

A. Ernout-Fr. Thomas, *Syntaxe Latine*, págs. 255-287.

L. R. Palmer, *The Latin Language*, págs. 317-327.

M. Bassols de Climent, *Sintaxis Latina*, I, Madrid, 1956, págs. 347-406.

INDEX

INDEX

INDEX

APÊNDICE II

O ESTILO INDIRETO. O EMPRÊGO DOS TEMPOS NA ORAÇÃO SUBORDINADA

1. Compreende-se por *estilo indireto* (também chamado *oratio obliqua)* a construção sintática pela qual as palavras ou pensamentos de uma pessoa são referidos, não como uma transcrição direta ou simples citação textual, mas na forma de orações subordinadas a um verbo principal de sentido declarativo, como "dizer", "referir", "exclamar", "responder", etc. Quanto ao emprêgo dos modos no estilo indireto, cumpre distinguir dois casos principais: no primeiro, serão consideradas as orações que no estilo direto fôssem orações independentes; no segundo, as orações que mesmo no estilo direto já fôssem orações subordinadas.

I) Orações Independentes no Estilo Direto

2. Se a oração no estilo direto devesse ser uma independente no modo indicativo, no estilo indireto, segundo a regra geral, deverá estar no infinitivo, caso a oração fôsse afirmativa.

Exs.: *locūtus est pro his Diuiciăcus Haeduus: Galliae totīus factiōnes esse duas: harum alterius principātum tenēre Haeduos, alterius Aruernos* (Cés., B. Gal., 1,31,3) (no estilo direto: *Galliae totīus factiōnes sunt duae: harum alterius principātum tenent Haedui,* etc) "falou em nome dêles o éduo Diviciaco: serem duas as facções de tôda a Gália: de uma delas os éduos manterem a chefia, de outra os arvernos"; *(Diuico) ita cum Caesar egit: si pacem popŭlus Romānus cum Heluetiis facĕret, in eam partem itūros atque ita futuros Heluetios ubi eos Caesar constituisset* (Cés., B. Gal., 1,13,3) (em estilo direto: *in eam partem ibimus Heluetii atque ibi erĭmus,* etc.) "Divicão assim tratou com César: se o povo romano quisesse fazer a paz com os helvécios, êstes iriam para o lugar que César quisesse e aí ficariam onde êle estabelecesse"; *se ita a patrĭbus maiorĭbusque suis didicisse, ut magis uirtūte contendĕrent quam dolo aut insidiis niterentur* (Cés., B. Gal., 1,13,6) (em estilo direto: *ita a patrĭbus maiorĭbusque nostris didicimus,* etc.) "terem êles aprendido de seus pais e antepassados a combater antes com a bravura do que recorrer a embustes e ciladas"; etc.

3. Se, porém, no estilo direto, a oração devesse ser independente no indicativo, mas de forma interrogativa, no estilo indireto construir-se-ia ou no infinitivo ou no subjuntivo. Se a interrogação fôr apenas uma interrogação oratória (implicando, pois, uma afirmação ou uma negação disfarçada), a oração se construirá com o infinito. A mesma construção se observará ainda, mesmo que a interrogação seja real, se o verbo da oração enunciada em estilo direto devesse estar na primeira ou terceira pessoas.

Exs.: *quonam haec omnia nisi ad suam perniciem pertinēre?* (Cés., B. Ciu., 1,9,4) (em estilo direto: *haec omnia nihil ad suam perniciem pertinent)* "a que se destinar tudo isto senão à sua perda?"; *num etiam recentium iniuriarum... memoriam deponĕre posse?* (Cés., B. Gal., 1,14,3) "acaso poderia apagar a lembrança das afrontas recentes?"; *inde... paratūros nauales socios?* (T. Lív., 26,35,10) (em estilo direto: *unde parabimus*, etc.) "onde iremos angariar aliados navais?"; *quo modo autem non obstitisse aut ab tergo secūtum fratrem?* (T. Lív., 25,35,6) (em estilo direto: *quo modo non obstĭtit)* "porque o irmão realmente não se opôs a êle, ou não o perseguiu de perto?"; etc.

4. No estilo direto, embora a interrogação seja real, se o verbo devesse estar na segunda pessoa, no estilo indireto a oração deverá estar no subjuntivo, aliás, acontecendo a mesma coisa com a interrogação oratória.

Exs.: *quid de praeda faciendum censērent* (T. Lív., 5,20,3) (em estilo direto: *quid censetis)* "que pensar dever fazer-se a respeito da prêsa?"; *quid tandem uererentur* (Cés., B. Gal., 1,40,4) (em estilo direto: *quid ueremini?)* "que temiam enfim?".

5. Enfim, as orações independentes que no estilo direto devessem estar no imperativo ou no subjuntivo, no estilo indireto estarão no subjuntivo. Exs.: *Cicĕro ad haec unum modum respondit: non esse consuetudĭnem popŭli Romāni, ullam accipĕre ab hoste armato condiciōnem: si ab armis discedĕre uelint, se adiutōre utantur legatosque ad Caesărem mittant* (Cés., B. Gal., 5,41,7-8) (em estilo direto: *me adiutore utimini legatosque ad Caesărem mittite)* "Cícero a isto respondeu apenas: não ser costume do povo romano aceitar qualquer condição do inimigo, de armas na mão: se êles quisessem depor as armas, que usassem dêle para secundá-los, e enviassem embaixadores a César"; *cur etiam secundo proelio aliquos ex suis amittĕret? cur uolnerari paterētur optime merĭtos de se milĭtes? cur denĭque Fortūnam periclitarētur? praesertim cum non minus esset imperatōris consilio superare quam gladio* (Cés., B. Ciu., 1,92,2) (em estilo direto: *cur amittam... cur patiar... cur pericliter...)* "porque, embora num combate favorável, iria perder alguns de seus homens? porque iria permitir que fôssem feridos soldados que

lhe mereciam tanto? porque, enfim, iria tentar a sua sorte, principalmente quando não era menos digno de um general vencer por sua inteligência do que pela espada ?"; etc.

II) Orações já Dependentes no Estilo Direto

6. As orações que no estilo direto já fôssem orações subordinadas ou dependentes, segundo a regra geral, no estilo indireto estarão no subjuntivo. Exs.: *(Diuico) ita cum Caesăre egit : si pacem popŭlus Romānus cum Heluetiis faceret, in eam partem ituros atque ibi futuros Heluetios, ubi eos Caesar constituisset atque esse uoluisset* (Cés., B. Gal., 1,13,3) (em estilo direto : *si pacem popŭlus Romānus nobiscum faciet... ubi tu nos constitueris atque esse uolueris); (Ennius) non censet lugendam esse mortem, quam immortalĭtas consequatur* (Cíc., C. M., 73) (em estilo direto : *non lugenda est mors, quam immortalĭtas consequitur)* "(Ênio) acha que não deve ser panteada a morte que consegue a imortalidade"; etc.

7. Entretanto, as orações relativas, quando o relativo que as introduz é equivalente a um demonstrativo acompanhado de uma conjunção coordenativa *(atque is, sed is, is igĭtur,* etc.), no estilo indireto estarão no infinitivo, isto porque, no estilo indireto, as orações coordenadas são consideradas como orações independentes.

Exs.: *quibus proeliis calamitatibusque fractos... coactos esse Sequănis obsĭdes dare, etc.* (Cés., B. Gal., 1,31,7) (*quibus proeliis = iis igĭtur proeliis); ex quo iudicari posse, quantum haberet in se boni constantia* (Cés., B. Gal., 1,40,6) (*ex quo = ex hoc autem*) "pelo qual se poderia julgar o quanto havia nêles de firmeza"; etc.

III) Estilo Indireto em Sentido Amplo

8. É costume também considerar-se como estilo indireto, dando-se, porém, à expressão um sentido mais amplo, tôdas as construções em que a oração subordinada resume as palavras ou faz parte do pensamento de alguém, segundo o contexto, embora não dependa de um verbo declarativo, como "dizer", "exclamar", "pensar", etc. Neste caso, no estilo indireto assim considerado, a oração irá sempre para o subjuntivo.

Exs.: *Paetus... omnes libros quos frater suus reliquisset mihi donauit* (Cíc. At., 2,1,12) (no estilo indireto pròpriamente dito ter-se-ia: *mihi donare se dixit)* "Peto... deu-me todos os livros que seu irmão tivesse deixado"; *his rebus adducti et auctoritāte Orgetorigis permōti, constituerunt ea quae ad proficiscendum pertinērent* (Cés., B. Gal., 1,3,1) "levados por êstes fatos e abalados pelo prestígio de Orgetorige, resolveram o que dizia respeito à partida" *(pertinerent* representa aqui o pensamento dos helvécios); etc.

IV) O Emprêgo dos Tempos na Oração Subordinada

9. Ao estudarmos o emprêgo dos tempos na oração independente do modo indicativo, por assim dizer vimos em linhas gerais o valor dêstes mesmos tempos na oração subordinada em indicativo, uma vez que não há, em princípio, diferença no que diz respeito ao valor dêles e seu uso num ou noutro tipo de proposição. Entretanto, o emprêgo dos tempos na oração subordinada em subjuntivo é determinado por certas regras mais ou menos fixas, segundo a correspondência do tempo em que estiver a oração principal. Por outras palavras, o tempo da oração subordinada em subjuntivo é empregado em função do tempo da oração principal. Esta correspondência de tempos se costuma denominar *concordância dos tempos* ou *consecutio temporum*.

10. A regra geral da *consecutio temporum* é a seguinte: se o verbo da oração principal estiver no indicativo presente, no futuro, ou no imperativo, o verbo da oração subordinada subjuntiva irá para o presente ou para o perfeito do subjuntivo; se, porém, o verbo da oração principal estiver no imperfeito, perfeito ou mais-que-perfeito do indicativo, o verbo da oração subordinada irá para o imperfeito ou mais-que-perfeito do subjuntivo.

Exs.: *persuādet Raurăcis et Tulingis et Latouĭcis finitĭmis, uti... una cum is proficiscantur* (Cés., B. Gal., 1,5,4) "persuade aos ráuracos, aos tulingos e aos latóvicos a partirem com êles"; *necesse est huic ut subueniam* (Ter., Eun., 969) "é necessário que eu venha em auxílio dêste"; *cura ut ualeas* (Cíc., At., 11,3,3) "trata de passar bem"; *nemo fere uestrum est quin quemadmŏdum captae sint a M. Marcello Syracūsae saepe audierit* (Cíc., Verr., 4,115) "certamente não há quase ninguém dentre vós que não tenha ouvido freqüentemente contar como Siracusa tenha sido tomada por M. Marcelo"; *his rebus fiebat ut et minus late uagarentur, et minus facĭle finitĭmis bellum inferre possent* (Cés., B. Gal., 1,2,4) "por isto acontecia que podiam levar menos longe suas incursões sem destino, como também com menor facilidade poderiam levar a guerra a seus vizinhos"; *ciuitāti persuāsit ut de finibus suis cum omnibus copiis exirent* (Cés., B. Gal., 1,2,1) "persuadiu à nação que saíssem de suas fronteiras em massa"; *pauorque circa eum ceperat milĭtes ne mortifĕrum esset uulnus* (T. Lív., 24,42,2) "e o pavor se apoderara dos soldados em tôrno dêle, com receio que o ferimento fôsse mortal"; etc.

11. Completaremos o exposto acima, sôbre a *consecutio temporum*, com algumas considerações. Começaremos pela concordância dos tempos em correlação com o presente histórico. Como tivemos oportunidade de ver, o presente histórico, empregado para dar mais vida à narração, é do ponto de vista gramatical um tempo do presente, mas na realidade, lògicamente, um tempo do passado, uma

vez que se aplica a um fato passado. Em vista dêste fato, a concordância dos tempos da subordinada subjuntiva é possível nos dois sentidos : ou se faz segundo o valor gramatical do presente histórico, indo por conseguinte para o presente ou perfeito do subjuntivo, ou de acôrdo com o valor real e lógico, indo então para o imperfeito ou mais-que-perfeito do subjuntivo.

Exs.: *eo opĕre perfecto, praesidia dispōnit, castella commūnit, quo facilius, si se inuīto transire connarentur, prohibēre possit* (Cés., B. Gal., 1,8,2) "terminado êsse trabalho, distribui as guarnições, fortifica os castelos para que mais fàcilmente possa impedi-los, se êles tentarem passar contra a sua vontade"; *ităque rem suscĭpit et a Sequănis impĕtrat ut per fines suos Heluetios ire patiāntur* (Cés., B. Gal., 1,9,4) "por conseguinte, toma a si o encargo, consegue dos séquanos que permitam que os helvécios passem através de suas fronteiras"; *in eo itinĕre persuādet Castico... ut regnum in ciuitāte sua occuparet* (Cés., B. Gal., 1,3,4) "persuade a Cástico... a ocupar o govêrno em sua nação"; *itemque Dumnorĭgi Haeduo... ut idem connarētur persuādet* (Cés., B. Gal., 1,3,5) "e da mesma forma persuade ao éduo Dumnorige a tentar o mesmo"; etc.

12. O infinitivo histórico, como já tivemos oportunidade de ver, equivale ao imperfeito do indicativo, tendo por conseguinte o valor de um tempo passado. Assim, a oração subordinada subjuntiva que a êle se prende estará sempre no subjuntivo passado.

Exs.: *intĕrim cottidie Caesar Haeduos frumentum quod essent publĭce pollicĭti flagitare* (Cés., B. Gal., 1,16,1) "nesse ínterim César reclamava diàriamente o trigo que os éduos haviam oficialmente prometido"; *centurionesque tribunosque milĭtum adire atque obsecrare ut per eos Caesar certior fiĕret ne labōri suo neu periculo parcĕret* (Cés., B. Ciu., 1,64,2) cercavam os centuriões e tribunos militares e pediam-lhes para fazer saber a César de não os poupar de trabalho ou de perigo"; etc.

13. Como vimos ao estudar a significação e emprêgo dos tempos na oração independente, o pretérito perfeito do indicativo latino tem dois valores: pode ser um perfeito pròpriamente dito, indicando uma ação acabada, ou uma ação passada com relação ao presente ; ou um perfeito histórico, indicando, então, uma simples ação passada (Cap. 23. n.º 13). Assim, no primeiro caso, o perfeito é um tempo do presente e no segundo, um tempo do passado. Embora os escritores latinos não tivessem perfeita noção dessa dualidade de valores do perfeito latino, por vêzes se encontra no primeiro caso, isto é, quando o perfeito é um tempo do presente, a concordância dos tempos no subjuntivo feita no presente.

Exs.: *cum ab hora septĭma ad uesperum pugnātum sit, auersum hostem uidere nemo potuit* (Cés., B. Gal., 1,26,2) "conquanto se

tenha combatido desde a hora sétima até o cair da noite, ninguém pôde ver um inimigo virar as costas"; *ne qua ciuitas suis finibus recipiat, a me prouisum est* (Cés., B. Gal., 7,20,12) "foi providenciado por mim para que nenhuma nação o acolha"; *uos reseruati... estis... ut eos condemnarētis quos sectōres ac sicarii iugulāre non potuissent?* (Cíc., Rosc., Am., 151) "vós fôstes reservados para condenar êsses homens que os compradores de confiscações e os sicários não puderam degolar?"; etc.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

J. N. Madvig — Epiphanio Dias, *Gramática Latina*, passim.

E. Cocchia, *La Sintassi Latina*, págs. 529-544.

C. E. Bennet, *Syntax of Early Latin, I — The Verb*, págs. 315-318.

Stolz-Schmalz, *Lateinische Grammatik*, passim.

A. Tovar, *Sintaxis*, págs. 231-233.

A. Ronconi, *Il Verbo Latino*, págs. 124-136.

A. Meillet, *Traité de Grammaire Comparée des Langues Classiques*, págs. 672-675.

Fr. Blatt, *Précis de Syntaxe Latine*, págs. 316-325; passim.

A. Ernout-Fr. Thomas, *Syntaxe Latine*, págs. 407-436.

Ch. Hyart, *Les Origines du Style Indirect Latin et son Emploi jusqu'à l'Époque de César*, Bruxelas, 1954. Bom trabalho.

M. Bassols de Climent, *Sintaxis Latina*, II Madrid, 1956, págs. 359-378.

APÊNDICE III

A NEGAÇÃO E A INTERROGAÇÃO

1. Em latim, durante o período clássico, há duas negações de uso corrente, *non* e *ne*, às quais se pode acrescentar uma terceira, *haud*, sendo, porém, de se notar que, enquanto *ne* e *non* podem empregar-se como negações de frase, *haud* de um modo geral é uma negação que antes se refere a uma palavra, razão por que se emprega raríssimamente antes de verbo, exceção feita da expressão *haud scio*. Assim, o emprêgo normal de *haud* é antes dos adjetivos e advérbios, aparecendo com especial freqüência nas litotes.

Exs.: *haud mediŏcris uir* (Cíc., Rep., 2,55) "homem não medíocre"; *quod haud procul absit a morte* (Cíc., C. M., 15) "porque não longe diste da morte"; *haud paulo maior scriptor, Plato* (Cíc. Or., 151) "escritor não pouco maior, Platão"; *haud ergo, ut opīnor, errauĕro* (Cíc., Nat., 2,57) "por conseguinte, segundo penso, não terei errado"; *haud scio, inquit* (Cíc., Tusc., 5,35) "não sei, disse êle"; etc.

2. Das negações usadas em latim *haud* é a de emprêgo mais restrito, tornando-se cada vez mais rara à medida que se aproxima o período clássico. Cícero a emprega com parcimônia, e em César só aparece uma única vez na expressão *haud scio* (B. Gal., 5,54,5). Horácio a usa nas Sátiras e nas Epístolas, mas a evita nas Odes.

3. *Non* é a negação por excelência do modo da realidade e por conseguinte do modo indicativo e da oração principal, sendo ainda encontrada com o subjuntivo de valor condicional. O emprêgo de *non*, entretanto, tende cada vez mais a se generalizar, acabando na língua imperial por ir açambarcando os da negação *ne*.

Exs.: *non audēbat palam poscĕre aut tollĕre quae placēbant* (Cíc., Verr., 4,93) "(Verres) não ousava reclamar ou tirar abertamente o que lhe agradava"; *nobīscum uersāri iam diutius non potes; non ferar, non patiar, non sinam* (Cíc., Cat., 1,10) "viveres conosco por mais tempo já não podes; não o suportarei, não o tolerarei, não o permitirei"; *uos quoque non caris aures onerāte lapillis* (Ov., A. Am., 3,129) "vós também, não sobrecarregueis vossas orelhas de pedras preciosas"; *non sint sine lege capilli* (Ov., A. Am., 3,133) "não estejam em desordem os cabelos"; etc.

4. *Ne* é a negação da eventualidade, sendo usada para a expressão da proibição, do desejo, da concessão, da restrição, tornando-se, assim, por excelência a negação que acompanha o imperativo e o subjuntivo. Nas orações independentes, *ne* é usada com o imperativo e com o subjuntivo que exprima ordem, desejo, suposição ou concessão; nas orações subordinadas é empregada com as orações completivas ou integrantes no subjuntivo, desde que dependam de um verbo que indique uma manifestação da vontade ou da atividade para impedir que algo se realize, bem como nas orações consecutivas quando encerrarem uma idéia de intenção.

Exs.: *impĭus ne audēto* (Cíc., Leg., 2,22) "não ouse o ímpio"; *ne repugnētis* (Cíc., Clu., 6) "não resistais"; *sed acta ne agāmus, relĭqua parēmus* (Cíc., At., 9,6,7); *ne sint in senectūte uires* (Cíc., C. M., 34) "admitamos que não haja fôrças na velhice"; *ne sim saluus si alĭter scribo ac sentĭo* (Cíc., At., 16,13a,1) "que eu não me salve se escrevo o que não sinto"; *cauēndum est ne extra modum sumptu et magnificentĭa prodēas* (Cíc., Of., 1,140) "é de se recear que não faças uma ostentação além das medidas, de despesa e de magnificência"; *Minucĭus... qui sciret se ita in prouincĭa rem augēre oportēre ut ne quid de libertāte dependĕret* (Cíc., Verr., 2,73) "Minúcio, que como homem que sabia que na província devia aumentar seus haveres sem nada perder de sua liberdade"; etc.

5. Além destas negações simples, há em latim as negações compostas *neque* ou *nec* e *neue* ou *neu*, empregadas isoladamente ou em correlação. Empregam-se *neque* ou *nec* se a construção da frase exigisse *non*, e *neue* ou *neu* se exigisse *ne*.

Exs.: *non eros nec domĭnos appellābant eos* (Cíc., Rep., 1,64) "não os chamavam senhores nem donos"; *cum C. Sulpicĭus et C. Licinĭus Caluus consŭles in Hernĭcos exercĭtum duxīssent, neque inuēntis in agro hostĭbus* (T. Lív., 7,9,1) "como os cônsules C. Sulpício e C. Licínio Calvo tivessem conduzido o exército contra os hérnicos e não tivessem sido encontrados no campo os inimigos"; *aduenĭat uultus neue exhorrēscat amīcos* (Verg., En., 7,267) "que venha e não tema rostos amigos"; etc.

6. *Ne... quidem*, que significa "também não" ou "nem mesmo, nem sequer", pode referir-se a um têrmo da frase ou à frase inteira. No primeiro caso, coloca-se a palavra entre *ne* e *quidem*, no segundo, se a oração não contar mais de três palavras, fica intercalada entre *ne* e *quidem*; se, porém, tiver mais de três palavras, apenas o vocábulo, ou os vocábulos mais importantes é que ficarão entre *ne* e *quidem*.

Exs.: *ne sues quidem* (Cíc., Tusc., 1,92) "nem mesmo os porcos"; *sed ne pabŭli quidem satis magna copĭa supetēbat* (Cés., B. Gal., 1,16,2) "mas nem sequer havia quantidade suficiente de forragem";

INDEX

at neque contra rem publĭcam neque contra iusiurāndum ac fidem amīci causa uir bonus faciet, ne si iudex quidem erit de ipso amīco (Cíc., Of., 3,10,43) "mas um homem de bem, por causa de um amigo, nada deverá fazer contra a república, nem contra o seu juramento e a sua lealdade, nem mesmo se fôr juiz do próprio amigo"; etc.

7. Em geral, em latim, duas negações se destroem.

Exs.: *apērte enim adulāntem nemo non uidet, nisi qui admŏdum est excors* (Cíc., Lael., 99) "ninguém deixa de ver o adulador declarado, a não ser o que é inteiramente destituído de inteligência"; *nec hoc ille (Zeno) non uidit* (Cíc., Fin., 4,60) "nem aquêle (Zenão) deixou de ver isto"; *non nunquam errōrem creat similitūdo* (Cíc., Diu., 2,55) "às vêzes, a semelhança cria o êrro"; *nemo hoc nescit* (Cíc., Verr., 3,63) "todos o sabem"; etc.

8. Ao contrário do que se afirmou no parágrafo anterior, porém, duas negações não se destroem, conservando por conseguinte seu valor negativo, quando a segunda negação fôr *ne... quidem*; ou quando o sentido da primeira negação fôr determinado depois por outras negações que ligam outros membros, quer coordenados, quer subordinados. *Neque... neque* é a conjunção mais comumente usada neste caso.

Exs.: *numquam tu non modo otium, sed ne bellum quidem, nisi nefarĭum, concupīsti* (Cíc., Cat., 1,25) "tu nunca não só não desejaste a paz, mas nem mesmo a guerra que não fôsse criminosa"; *non mihi praetermittēndum uidētur ne illud quidem genus* (Cíc., Verr., 2,141) "não me parece dever ser preterido nem sequer aquêle gênero"; *nihil tam tutum ad custodĭam nec fiĕri nec cogitāri potest* (Cíc., Verr., 5,68) "nada pode fazer-se nem cogitar-se tão seguro para a guarda"; *Galli concilĭo princĭpum indĭcto non omnes qui arma ferre possent, ut censŭit Vercingetŏrix, conuocāndos statŭunt, sed certum numĕrum cuique ciuitāti imperāndum, ne tanta multidudĭne confūsa nec moderāri nec discernĕre suos nec frumēnti ratiōnem habēre possent* (Cés., B. Gal., 7,75,1) "tendo-se reunido uma assembléia de chefes, os gauleses determinam, não como propusera Vercingetorige, que fôssem convocados todos os que podiam pegar em armas, mas que fôsse ordenado a cada cidade enviar um contingente determinado, para evitar que por uma multidão tão grande e misturada se tornasse impossível manter a disciplina, distinguir os seus e prover ao abastecimento"; etc.

II) A Interrogação Direta

9. Como ao estudar o período subordinado já tratamos da interrogação indireta (cap. XXX, ns. 10, 11, 12), ocupar-nos-emos agora ùnicamente da interrogação direta. Freqüentemente é caracterizada

ùnicamente por um pronome, ou advérbio interrogativo, como *quis, qui, quae, quid, quod, uter, qualis, quot, quotiens, cur, ubi, unde, quo, quomodo*, etc.

Exs.: *quis clarĭor in Graecĭa Themistŏcle* (Cíc., Lael., 42) "quem na Grécia é mais ilustre do que Temistocles ?"; *quid mirum igĭtur ex spelūnca saxum in crura eius incidīsse ?* (Cíc., Fat., 3,6) "que há, pois, de maravilhoso que um rochedo da caverna tenha caído em suas pernas ?"; *qui enim cantus moderāta oratiōne inuenīre potest ? quod carmen artificios uerbōrum conclusiōne aptĭus ?* (Cíc., De Or., 2,34) "com efeito, que música mais doce se pode encontrar do que um discurso bem cadenciado ? Que poesia mais harmoniosa do que um fim de período terminado com arte ?"; *quae in me est facūltas ?* (Cíc., Lael., 3) "que faculdade há em mim ?"; *qualis ista philosophĭa est ?* (Cíc., Fin., 2,27) "que espécie de filosofia é esta ?"; *quo confugĭent* (Cíc., Verr., 5,126) "para onde se refugiarão êles ?"; *quorsum tandem aut cur ista quaeris?* (Cíc., Leg., 1,4); *ubi sunt qui Antonium Graece negant scire?* (Cíc., De Or., 2,59) "onde estão os que dizem que Antônio não sabe grego ?"; *unde eos nouĕrat ?* (Cíc., Amer., 74); *quotĭens tu me designātum, quotĭens uero consŭlem interficĕre conātus es ?* (Cíc., Cat., 1,15) "quantas vêzes tu me tentaste matar quando eu era cônsul designado, quantas vêzes desde que sou cônsul ?"; etc.

10. Quando a interrogação se refere à frase inteira, pode ela ser indicada pela simples entonação da frase, ou mais freqüentemente por uma partícula interrogativa, a mais comum das quais é a enclítica *–ne*.

Exs.: *haec si tibi tuus parens dicĕret, posses ab eo uenĭam petĕre, posses ut tibi ignoscĕret postulāre ?* (Cíc., Verr., 5,138) "se teu pai te dissesse isto, poderias solicitar-lhe indulgência ? poderias pedir--lhe perdão?"; *hunc ego non dilĭgam? non admīrer? non omni ratiōne defendēndum putem ?* (Cíc., Arch., 18) "eu não o hei-de estimar ? não o hei-de admirar ? não pensarei dever defendê-lo com tôda a minha razão?"; *quod aut a quibus auxilĭum petam? deorūmne immortalĭum ?* (Cíc., Amer., 29) "que auxílio ou a quem pedir ? aos deuses imortais ?"; *uidestīsne ut apud Homērum saepissĭme Nestor de uirtutĭbus suis praedĭcet* (Cíc., C. M., 31) "vêdes como em Homero muitíssimas vêzes Nestor gabava as suas virtudes ?"; *nullane habes uitĭa ?* (Hor., Sát., 1,3,20) "não tens vícios alguns ?"; etc.

11. Além da enclítica *–ne*, empregam-se nas interrogações as partículas *num* e *nonne*, a primeira quando a resposta esperada pela interrogação fôr negativa, e a segunda, quando fôr afirmativa. Note--se, porém, que tanto num caso como noutro ambas as partículas vêm às vêzes substituídas por *–ne*.

Exs.: *num igĭtur qui hoc sentĭat, si is potāre uelit, de dolĭo sibi hauriēndum putet? minĭme* (Cíc., Br., 298) "então quem pensar assim, se quiser beber, julgará dever beber da talha? de modo algum"; *num tibi uidĕor in causa Ligari esse occupātus?* (Cíc., Lig., 29) "então pareço-te estar ocupado com a causa de Ligário?"; *putatīsne uos illis rebus frui posse, nisi eos qui uobis fructŭi sunt conseruarĭtis?* (Cíc., Pomp., 16) "então julgais poder desfrutar estas coisas se não conservardes os que as conseguem para vós?"; *canis nonne simĭlis lupo?* (Cíc., Nat., 1,97) "o cão não é parecido com o lôbo?"; *nonne ipsam domum metŭet?* (Cíc., Cael., 60) "não temerá a própria casa?"; *uidetīsne totum hoc nomen... esse in litūra?* (Cíc., Verr., 2,104) "não vêdes tôda a passagem estar numa rasura?"; *iamne intellegīstis...?* (Cíc., Verr., 3,53) "não compreendeis agora...?"; *etc.*

12. Resta-nos enfim tratar da interrogação dupla, também chamada *disjuntiva,* que aliás se constrói com as mesmas partículas que já assinalamos ao estudarmos a interrogação indireta (cap., XXX, 12). Assim, no primeiro membro são empregadas as partículas *utrum* ou *ne,* e no segundo e nos demais se os houver, *an*. Cumpre, porém, observar que tanto *utrum* quanto *ne* podem ser subentendidas no primeiro membro.

Exs.: *utrum nescis quam alte ascendĕris, an pro nihĭlo id putas?* (Cíc., Fam., 10,26,3) "ou não sabes quão alto te elevaste, ou não dás a isto a menor importância?"; *utrum libēntes an inuīti dabant?* (Cíc., Verr., 3,50) "davam de boa vontade ou constrangidos?"; *uosne uero L. Domitĭum, an uos Domitĭus deserŭit?* (Cés. B. Ciu., 2,32,8) "vós abandonastes L. Domício, ou foi L. Domício que vos abandonou?"; *cum homĭne crudēli nobis res est an cum fera belŭa?* (Cíc., Verr., 5,109) "ter-nos-emos de avir com um homem cruel ou com um animal feroz?"; *utrum impudentĭus a socĭis abstŭlit... an improbĭus popŭlo Romāno adēmit, an audacĭus tabŭlas publĭcas commutāuit?* (Cíc., Verr., 3,83) "ou com mais desfaçatez pilhou os aliados, ou com maior improbidade roubou o povo romano, ou com maior audácia falsificou os registros públicos?"; etc.

13. Quando o segundo têrmo de uma interrogação disjuntiva nega o primeiro, é freqüentemente usado *annon* (ou *necne*) em vez de *an*.

Exs.: *daturin estis annon?* (Plaut., Truc., 4) "ireis dar ou não?"; *sunt haec tua uerba necne?* (Cíc., Tusc., 3,18,41) "são estas tuas palavras ou não?"; etc.

14. Por vêzes, acontece vir subentendido todo o primeiro membro de uma interrogação disjuntiva, razão por que o segundo membro iniciado por *an* dá a impressão de ser uma interrogação simples. Isto se dá ou depois de uma outra interrogação, que assim é respondida pela segunda, uma vez que com ela se declara o que se acha

mais provável; ou, então, quando a um pensamento já precedentemente expresso se opõe, geralmente em tom irônico, uma simples interrogação retórica que não necessita resposta.

Exs.: *quid dicis? an bello fugitiuōrum Siciliam uirtūte tua liberātam?* (Cíc., Verr., 5,5) "que dizes? sem dúvida que a Sicília foi libertada por tua bravura da guerra dos escravos fugidos?"; *quidnam beneficio prouocāti facĕre debēmus? an imitāri agros fertĭles, qui multo plus effĕrunt quam accepērunt?* (Cíc., Of., 1,48) "que coisa deveremos fazer quando provocados pelo benefício? imitar os campos férteis que produzem muito mais do que receberam?"; *oratōrem irasci minime decet, simulāre non dedĕcet. An tibi irāsci tum uidēmur, quom quid in causis acrĭus et uehementĭus dicĭmus?* (Cíc., Tusc., 4,55) "ao orador verdadeiramente não fica bem irar-se, mas não fica mal o simular. Damos-te a impressão de nos irar quando nos tribunais dizemos algo com mais ardor e veemência?"; etc.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

J. N. Madvig — Epiphanio Dias, *Gramática Latina*, passim.

E. Cocchia, *La Sintassi Latina*, págs. 389, 412.

Stolz-Schmalz, *Lateinische Grammatik*, passim.

A. Tovar, *Sintaxis*, passim.

Fr. Blatt, *Précis de Syntaxe Latine*, passim.

A. Ernout-Fr. Thomas, *Syntaxe Latine*, págs. 148-161.

M. Bassols de Climent, *Sintaxis Latina*, II, Madrid, 1956, págs. 33-56.

INDEX

INDICES

INDEX

INDEX

ÍNDICE DE AUTORES ANTIGOS

(Os algarismos indicam o número das páginas onde se acham as citações.)

INDEX

INDEX

ÍNDICE ANALÍTICO

E

F

G

J

K

L

M

N

O

presente do subjuntivo: 162; 234
prevérbio: 284-285

INDEX

ÍNDICE DE PALAVRAS LATINAS

A

INDEX

E

INDEX

G

H

I

INDEX

O

P

Q

R

INDEX

S

INDEX

ÍNDICE GERAL

INDEX

INDEX

INDEX

INDEX

INDEX

INDEX

INDEX

INDEX

INDEX

INDEX

INDEX

INDEX

INDEX

INDEX